

O recurso a estereótipos relativos ao interior de Portugal nas telenovelas nacionais

Inês Silva Soares Salvador

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor João Carlos Ferreira Correia

setembro de 2022

Declaração de Integridade

Eu, Inês Silva Soares Salvador, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M10628 de Jornalismo na Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 26/09/2022

Assinado por: **Inês Silva Soares Salvador**
Num. de Identificação: 15886314
Data: 2022.09.26 14:07:42+01'00'



Agradecimentos

À minha Mãe e ao meu Pai, pela paciência, apoio, motivação e ajuda. Pelo afeto, pela tranquilidade e pelo cuidado que têm, sempre, para comigo. Por acreditarem em mim, por me não me deixarem desistir e por me irradiarem de segurança, confiança e amor.

À minha família, pela força, fé e esperança que me transmitiram.

Às minhas amigas: às que me “obrigaram” a sair de casa, às que me levaram a viajar, este ano, às que estiveram horas em videochamadas comigo (a falar do tudo e do nada) e às que acompanharam todo processo, diariamente. Obrigada também aos “anjos científicos” existentes na minha vida, que me ajudaram e tiraram dúvidas, mais ou menos pertinentes, relativas ao rigoroso mundo da ciência.

Ao meu orientador, Professor Doutor João Carlos Ferreira Correia. Estou grata pela sua prontidão, disponibilidade e ajuda. Obrigada por toda a paciência, sugestões, encaminhamentos e alertas que me fez. Foi, também graças a si, que estas páginas viram a luz do dia. Bem-haja.

A todos os que participaram nesta investigação: aos membros do grupo de discussão, à Ana Vasques, ao Miguel Simal e à Inês Gomes. Obrigada pela disponibilidade, paciência e contributos científicos que me dispensaram.

Às telenovelas portuguesas e ao interior de Portugal. Muitos diziam que ver novelas me serviria de pouco, mas parece que o gosto se cruzou com o proveito. Obrigada a todos os que escrevem, pensam, produzem e difundem telenovelas pois estas são, não só a companhia, mas também a viagem no tempo, no espaço e na modernidade que muitos anseiam conhecer. Agradeço também ao interior de Portugal. Foi nele que nasci, foi nele que cresci e foi nele que me formei. Para além das memórias, reconheço-lhe características, vivências, hábitos e identidades marcantes e profundos. O meu alimento da alma (as telenovelas) fundiu-se com as minhas raízes, num mote perfeito e harmonioso que, digo eu e quem me conhece, não poderia ser mais a minha cara. Obrigada à ficção que retrata e representa, com mais ou menos rigor e verosimilhança, o interior do país.

Resumo

Em 2022, o produto rei do horário nobre português, a telenovela, assinala números redondos no que concerne à sua existência e exibição: celebram-se 45 anos da transmissão da primeira telenovela em Portugal, “Gabriela, Cravo e Canela” (1977), e comemoram-se 40 anos de ficção feita em língua portuguesa (“Vila Faia”: 1982).

Em quatro décadas foram impostos vários desafios, primeiro à “caixinha mágica” e, depois à própria telenovela. O *streaming* desviou a audiência e potenciou a criação de conteúdos mais personalizados e individualizados. A digitalização tomou o lugar dos formatos de receção tradicionais e fomentou o fim do consumo familiar de produções telenovelisticas. Por inerência, provocou um abismo na reflexão conjunta, no debate coletivo e na socialização: cada um vê o que quer, quando quer e no dispositivo que mais o cativa.

Todavia, se esta é uma realidade que se enfrenta, também é verdade que tem sido superada com eficácia. As telenovelas continuam a ser o conteúdo mais consumido na televisão portuguesa. As massas, tidas como homogêneas e indistintas, continuam a querer ver o seu reflexo no ecrã. Embora seja definida como um género televisivo pertencente à indústria cultural, a telenovela tem como objetivos, desde sempre e como pedra de toque, a transmissão de uma mensagem, o agitar das consciências e a representação, não só do que é aceite, familiar e conhecido, mas também do que fica distante e daquilo que só se conhece superficialmente. As telenovelas visam representar as diferentes identidades, reforçando o sentimento de identificação com a audiência e abrindo horizontes para existências dissemelhantes. Os teóricos dizem que é inevitável a construção de imagens mentais simplificadas sobre determinados grupos e que essa é, inevitavelmente, uma característica vertida na ficção.

Em Portugal já foram produzidas dezenas de telenovelas. Contudo, nos últimos anos, verifica-se uma maior representação de temas como: o interior, a vida em zonas menos urbanas e as aldeias do Portugal profundo. Neste sentido, a problemática desta investigação visa analisar a forma como o interior de Portugal é representado em duas telenovelas nacionais, produzidas com alguns anos de diferença, pela mesma produtora, a SP Televisão. O principal objetivo desta dissertação é analisar se, de facto, em “A Serra” (SIC) e em “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1) se recorreu a estereótipos para representar as zonas de baixa densidade populacional em Portugal. Por conseguinte, é decisivo compreender se a apresentação que é feita da interioridade, corresponde ou não ao real, se é pejorativa ou benevolente ou se é atual.

Para responder à problemática desta pesquisa, realizou-se, numa primeira fase, um enquadramento teórico. Aqui, procedeu-se a uma delimitação do conceito de interior de Portugal, a uma reflexão sobre a história, evolução e desafios associados à televisão e a uma cogitação acerca das telenovelas, desde a sua origem no folhetim até aos contributos sociais que acarreta. Sobre o produto “nobre” da televisão portuguesa, estudou-se, ainda, o seu trajeto em Portugal, os seus objetivos e a sua proximidade com a audiência. Também na Parte I desta investigação, discorreu-se sobre o tema dos estereótipos e avaliou-se a sua presença na televisão, em geral, e nas telenovelas, em particular. A análise dos projetos telenovelisticos que representam o interior do país também não foi esquecida.

Na parte empírica desta pesquisa, para além de se apresentarem as técnicas utilizadas para a recolha de dados e se expressarem os motivos que justificam a escolha de métodos qualitativos, procedeu-se à observação e contraposição dos resultados obtidos.

Os dados recolhidos permitem inferir que a telenovela continua a ser o produto mais valioso da televisão portuguesa, gerando a adesão e fidelização da audiência diariamente. As telenovelas são uma maratona para quem escreve e uma distração e ensinamento para quem as acompanha. As representações que são feitas de determinadas realidades não condicionam, na maioria dos casos, o consumo de “A Serra” e de “Bem-Vindos a Beirais”.

Palavras Chave

Telenovelas; “A Serra”; “Bem-Vindos a Beirais”; televisão; produto; audiência; representação; interior de Portugal; estereótipos.

Abstract

In 2022, the main product of Portuguese prime time, the soap opera, reaches round numbers regarding to its existence and exhibition: the transmission of the first soap opera in Portugal celebrates 45 years, "Gabriela, Cravo e Canela" (1977), and it's also celebrated the 40 years of Portuguese language fiction (with "Vila Faia": 1982).

In four decades, several challenges were imposed, first to the "magic box" and then to the soap opera itself. Streaming diverted the audience and enhanced the creation of more personalized and individualized content. Digitisation took the place of traditional reception formats and fostered the end of family consumption of soap opera productions. As a consequence, it provoked an abyss in plural reflection, collective debate and socialization: each one can watch what wants, when wants and in the device that seduces him/her the most.

However, even if this is the context that is faced, it is also true that this situation has been overcome effectively. Soap operas keep being the most consumed content on Portuguese television. The masses, seen as homogeneous and indistinct, still want to watch their reflection on the screen. Although it is defined as a television genre belonging to the cultural industry, the soap opera has always had its specific goals: the transmission of a message, the stir of consciences and the representation, not only of what is accepted, familiar and known, but also of what is distant and of what is only known superficially. Soap operas aim to represent the different identities, reinforcing the feeling of identification with the audience and opening horizons for dissimilar existences. Theorists say that it is inevitable to construct simplified mental images on certain groups and that this is an inevitably feature in fiction.

In Portugal, dozens of soap operas have been produced. However, in recent years, there has been a greater representation of themes such as: the countryside environments, life in less urban areas like villages of the so called "deep" Portugal. In this sense, the problem of this research aims to analyse the way that the countryside of Portugal is represented in two national soap operas, produced with few years of difference by the same producer, SP Televisão. The main purpose of this dissertation is to analyse whether, in fact, in "A Serra" (SIC) and in "Bem-Vindos a Beirais" (RTP1) stereotypes were used to represent the areas of low population density in Portugal. It is therefore crucial to understand whether the presentation of interiority, matches or not to reality, whether it is pejorative or benevolent or even actual.

To answer the problem of this research, a theoretical framework was carried out in a first phase. Here, a delimitation of the concept of “countryside of Portugal”, a reflection on the history, evolution and challenges associated with television and a cogitation about soap operas, from their origin as a broadsheet to the social contributions it entails, was done. As the "noble" product of the Portuguese television, it was also studied its journey in Portugal, its purposes and its proximity to the audience. Still in Part I of this investigation work, there is a reflection about stereotypes and an evaluation of their presence in television, in general, and in soap operas in particular. The analysis of soap opera projects representing the countryside of the Portugal is not also forgotten.

In the empirical part of this research, in addition to presenting the techniques used for data collection and expressing the reasons that justify the choice of qualitative methods, an observation and opposition of the results obtained were undertaken.

The data collected allowed us to infer that the soap opera remains the most valuable product of Portuguese television, generating the support and loyalty of a daily audience. Soap operas are a marathon for those who write it and an amusement and a way of learning for those who watch them. The representations of certain realities made in soap operas do not condition, in most cases, the consumption of "A Serra" and "Bem-Vindos a Beirais".

Keywords

Soap operas; “A Serra”; “Bem-Vindos a Beirais”; television; product; audience; representation; countryside of Portugal; stereotypes.

Índice

Introdução -----	1
Parte I – Revisão teórica -----	6
Capítulo 1- O interior de Portugal -----	7
1.1 - Portugal e as suas regiões -----	7
1.2 -Definição e delimitação do interior de Portugal -----	8
1.3 - Características do interior de Portugal -----	13
1.4 - Assimetrias Territoriais -----	14
1.5 - Coesão Territorial: Conceito, Medidas e Estratégias -----	17
Capítulo 2- Televisão: do surgimento à ubiquidade -----	22
2.1 - A origem, história, evolução e características da Televisão -----	22
2.2 - A Televisão em Portugal -----	27
2.3 - O consumo televisivo em Portugal -----	33
2.4 - A ubiquidade televisiva: Televisão e novos meios -----	35
2.5 - A produção televisiva e a cultura de massas -----	40
2.6 - A TV e o interior de Portugal -----	42
Capítulo 3: O fenómeno das telenovelas -----	48
3.1 – História, evolução e definição das telenovelas -----	48
3.2 – Características e objetivos das telenovelas -----	52
3.3 – Telenovela: um produto de massas que assenta na reflexão -----	57
3.3.1 – As telenovelas e as indústrias culturais -----	57
3.3.2 - A apreensão da mensagem das telenovelas pelo público e o seu impacto na socialização -----	58
3.4 – Telenovelas em Portugal -----	60
3.4.1 – História das telenovelas nacionais -----	60
3.4.2 – Uma história de audiências -----	66
3.4.3 – Novelas portuguesas que retratam o interior de Portugal -----	70

3.4.4 – As telenovelas: “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais” -----	71
Capítulo 4: Representações e estereótipos -----	75
4.1 – Enquadramento teórico do conceito de estereótipo -----	75
4.2 - Estereótipos na televisão -----	78
4.3 - Estereótipos nas telenovelas -----	80
4.4 – Os estereótipos relacionados com o interior de Portugal -----	82
Parte II: Estudo Empírico -----	85
Capítulo 5: Metodologias -----	86
5.1 - Problemática da investigação -----	86
5.2- Objetivos e hipóteses -----	86
5.3 – Desenho da investigação -----	87
5.4 – Técnicas de investigação utilizadas: da definição à aplicação -----	89
5.4.1 – Análise de conteúdo -----	89
5.4.1.1 – O que é? -----	90
5.4.1.2 – Tipos de análise de conteúdo -----	91
5.4.1.3 – Aplicação da técnica da análise de conteúdo nesta investigação -----	92
5.4.2 – Entrevista -----	94
5.4.2.1 – O que é? -----	94
5.4.2.2 – Tipos de entrevistas -----	95
5.4.2.3– Aplicação da técnica da entrevista nesta investigação -----	97
5.4.3 – Grupo de discussão -----	100
5.4.3.1 – O que é? -----	100
5.4.3.2 – Aplicação da técnica do <i>focus group</i> nesta investigação -----	102
Capítulo 6: Análise e discussão dos resultados -----	105
6.1 – A produção de telenovelas e o consumo telenovelistico em Portugal -----	107
6.2 – Reflexão sobre a caracterização e a representação do interior de Portugal nas telenovelas em estudo -----	111
6.2.1- “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”: os genéricos -----	115

6.2.2 - “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”: os protagonistas -----	116
6.2.3 - “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”: as personagens secundárias -----	120
6.2.4- “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”: estratégias de representação -----	121
6.3 – O recurso narrativo a estereótipos, o seu reconhecimento por parte da audiência e a sua verosimilhança -----	123
6.3.1 – “Quanto mais regional, mais universal” -----	128
6.4 – Influência da naturalidade dos argumentistas na forma como o interior de Portugal é representado nas telenovelas -----	129
Considerações finais -----	132
Limitações da investigação e recomendações para futuras pesquisas científicas -----	135
Referências Bibliográficas -----	137
Apêndices -----	157
Apêndice A – “A Serra” (SIC) -----	158
Apêndice B – “Bem – Vindos a Beirais” (RTP1) -----	298
Apêndice C – Entrevista a Ana Vasques -----	458
Apêndice D – Entrevista a Miguel Simal -----	477
Apêndice E – Entrevista a Inês Gomes -----	505
Apêndice F – Análise do Grupo de Discussão -----	519

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Municípios de baixa densidade populacional por distrito -----	10
Tabela 2- <i>Web</i> TVs sediadas em municípios do interior de Portugal registadas na ERC -	44
Tabela 3- Top 5 telenovelas mais vistas em 2018 em Portugal -----	68
Tabela 4- Top 5 telenovelas mais vistas em 2019 em Portugal -----	69
Tabela 5- Top 5 telenovelas mais vistas em 2020 em Portugal -----	69

Lista de Acrónimos

CIC	Comissão Interministerial de Cooperação
ERC	Entidade Reguladora para a Comunicação Social
INE	Instituto Nacional de Estatísticas
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
OBITEL	Observatório Ibérico-Americano de Ficção Televisiva
PNCT	Programa Nacional para a Coesão Territorial
PVI	Plano para a Valorização do Interior
RTP	Rádio e Televisão de Portugal
SIC	Sociedade Independente de Comunicação
TDT	Televisão Digital Terrestre
TVI	Televisão Independente
UMVI	Unidade de Missão para a Valorização do Interior

Introdução

Numa época em que as plataformas de *streaming* proliferam, as séries internacionais ganharam volumetria de consumo e interesse e os televisores parecem só estar sincronizados com a *internet* e com informação melodramática, urge recuperar e revitalizar o principal fenómeno de audiências e consumo, em Portugal: as telenovelas.

As telenovelas estão, desde sempre, associadas a algumas contradições: se, por um lado, são tidas como um produto menor e o parente pobre da cultura, porque “estão sempre na mesma”, “não avançam” ou “não acrescentam nada”, por outro lado, são a aposta do horário nobre português, diariamente, bem-sucedida.

Contam histórias deste e de outro tempo, de realidades palpáveis ou imaginárias e de situações reais ou polvilhadas de impossibilidade. Retratam o real, sem esquecerem que são ficção. As telenovelas são uma fábrica que produz sonhos e narrativas. Teoricamente, o seu trabalho é mecânico e a sua distribuição pouco inquietante. Todavia, esta é mais uma controvérsia que recai sobre as telenovelas. Desde sempre transmitiram mensagens, mas hoje reforçam o seu carácter e responsabilidade social, sublinham os temas *tabu* e ensinam o que foi, o que é, como são ou como vivem os outros, de forma mais ou menos cômica.

Levantam-se, pois, as questões: como é que se representam realidades que não se conhecem? Em que pressupostos se baseiam essas representações? A audiência reconhece o que surge no ecrã como verosímil? Compreender estes e outros desafios e entraves foi o que se visou fazer nesta investigação, no tema atinente à interioridade portuguesa.

A abertura para o mundo (tal como para o interior do país) e para as diferentes realidades acarreta consigo uma tendência antiga. Embora se grite pelo fim das generalizações, pela nova conceptualização de normalidade e pelo fim dos preconceitos prévios, na atualidade, o facto é que eles existem. Durante anos, os estereótipos, clichês e fórmulas eram a ferramenta unitária das telenovelas. Contudo, o tempo trouxe adaptações que possibilitaram a fusão entre as imagens mentais preconcebidas, a inovação e a diferença. Imagina-se se, de facto, se apostasse no cessar das padronizações na ficção: se as telenovelas não recorressem a estereótipos representativos e elucidativos de um determinado grupo social ou realidade, como seriam as narrativas? Crê-se que mais despidas de interesse, menos marcantes e com menos teor de identificação e verosimilhança. Isto porque, com maior ou menor rigor, a premissa da ficção é representar o real. Possivelmente, um real mais filtrado, estreito e segmentado, mas o real. Se está plasmado no ecrã é porque determinado elemento é sobreponível com o real. Não se descarta, contudo, o eventual interesse de produções que se desviem deste rumo e

apresentem associações pouco comuns. Assim, interessa perceber se as telenovelas nacionais recorrem a estas estratégias para representar o interior de Portugal e se a sua apresentação é negativa, positiva ou exata, quando comparada com a realidade.

O interior de Portugal está na moda. Para uns é o local ideal para as férias porque transpira serenidade e para outros tem uma beleza ímpar que merece uma viagem para o explorar. Para alguns, o interior são tradições e há quem o associe às raízes. Mas também há o interior vivido pelos de “casa”. Será que o interior de Portugal é visto, por todos, residentes ou não, da mesma forma? Estas considerações aliadas ao privilégio atual por ficções alusivas ao interior de Portugal, deram o mote para a análise das representações que são feitas deste local, nas telenovelas nacionais.

Com vista a compreender de que forma é que o interior de Portugal é representado nas telenovelas em Portugal, selecionaram-se duas produções para estudo. Os critérios de escolha foram: serem portuguesas, terem sido produzidas pela mesma produtora (SP Televisão, neste caso) e terem sido exibidas com algum tempo de diferença. “A Serra”, exibida na SIC, em 2021/2022 e “Bem-Vindos a Beirais”, transmitida na RTP1, entre 2013 e 2016, foram as produções que cumpriram os parâmetros previamente definidos.

No que concerne à estrutura desta investigação, esta divide-se em duas partes: o enquadramento teórico composto por quatro capítulos e o estudo empírico que contém dois capítulos. A estes dois, seguem-se as considerações finais e ainda as limitações da pesquisa e recomendações para futuras investigações na área.

Na Parte I apresenta-se um estado da arte acerca de um dos principais temas que dão o mote à pesquisa. Assim, o primeiro capítulo incide sobre o interior de Portugal, efetuando-se uma delimitação e definição do conceito de interior do país. Embora comumente seja atribuída a esta zona de Portugal a nomenclatura de região, certo é que, de acordo com as NUTS, não existe nenhuma com esta designação. Interior e litoral são conceitos criados de forma corrente pela população e que não correspondem, efetivamente, a nenhuma região estipulada, pelo que é fulcral a sua delimitação conceptual. Ora, neste sentido, o interior de Portugal corresponde ao que está definido, a nível legislativo, como as zonas de baixa densidade populacional. O envelhecimento da população, os desafios e dificuldades impostos ao nível social, económico e cultural, bem como os entraves à fixação de população ativa são algumas das características associadas a esta zona do país. Para melhor compreender a posição do interior em relação às demais e de forma a indagar quais os mecanismos e fatores que desvalorizam e travam o avanço desta zona portuguesa, procede-se também à análise das assimetrias territoriais nacionais, com semelhanças à escala europeia, e à menção e descrição de medidas e estratégias para a coesão e unificação das diferentes regiões e zonas de Portugal.

No segundo capítulo desta dissertação centraram-se atenções na “caixinha mágica” por ser o meio onde são exibidas as telenovelas, produto central desta pesquisa. A televisão sucedeu à imprensa e à rádio e precedeu a *internet*. Foi a responsável por aliar, num mesmo dispositivo, o som e a imagem e, mais tarde, a cor. Desde o surgimento até à atualidade é possível verificar que este foi e é o *media* que mais público reúne, o que impõe a quem lhe dá vida, uma responsabilidade social acrescida. Neste capítulo percorre-se o trajeto e implementação da televisão em Portugal, estudam-se os seus objetivos e acompanham-se os contributos que cada canal generalista português trouxe para o mercado televisivo. Foram vários os autores que vaticinaram a morte deste meio com o surgimento de novas plataformas digitais, com conteúdos mais direcionados aos interesses de cada telespectador. A fugacidade e personalização dos produtos audiovisuais provocaram alterações na produção televisiva. Contudo, mantêm-se as questões: será que os conteúdos que se consomem nas plataformas de *streaming* são televisão? Será que se assiste a uma multiplicação dos ecrãs - embora com formatos diferentes -, mas ao mesmo tipo de conteúdos? Estas e outras questões são analisadas neste capítulo, aquando da reflexão sobre a ubiquidade televisiva, as indústrias culturais e a cultura de massas. Articulando este tema com o apresentado no capítulo anterior, finda esta segunda parte, explorando qual a relação que este meio de comunicação tem com o interior de Portugal. Nesta fase, reflete-se sobre a forma com os meios de comunicação nacionais abordam temáticas locais, examinando-se também a presença de *Web TVs* em zonas do país de menor densidade populacional. Note-se que as referidas *Web TVs* apresentam algumas particularidades ao nível do conteúdo (mais próximas das realidades locais) e do formato. A este propósito analisa-se ainda, até que ponto é que estas plataformas digitais locais ou regionais podem assumir a categoria de “televisão”.

O terceiro capítulo desta dissertação é dirigido às telenovelas. Este produto televisivo teve na sua origem o folhetim e inspirou-se nas radionovelas. O avanço tecnológico ditou a migração das narrativas para o ecrã. Neste capítulo, é possível perceber a origem e evolução das telenovelas, revisitando o gosto histórico da Humanidade em contar histórias e em formular narrativas, mais ou menos fantasiosas. A nível estrutural refere-se que as telenovelas são produtos feitos num modelo industrial, são exibidas diariamente (em Portugal, os novos episódios são transmitidos, sempre, em horário nobre), têm uma média de 300 episódios, contam com vastos elencos e com cenários, maioritariamente, de interiores. Constata-se que as telenovelas primam pela continuidade narratológica, pelo uso de intrigas principais e secundárias e pela utilização de “ganchos”. Os “ganchos” são estratégias narrativas que visam manter o telespectador preso à trama. De forma geral, os episódios terminam em aberto, com obstáculos, eventos ou confissões por declarar (promoção do suspense). Tal situação serve de alavanca para o episódio seguinte, no qual

se resolve ou desencadeia a ação apresentada no capítulo anterior. As telenovelas ambicionam: ser o espelho da realidade, aproximar-se do que todos conhecem – com o objetivo de promover a identificação - e apresentar novas realidades. Embora seja produzida para massas, a reflexão e a difusão de uma mensagem são algumas das pedras basilares deste produto. Outras características são apresentadas detalhadamente no capítulo 3 da Parte I desta investigação.

Acresce que, para além da América Latina, nomeadamente do Brasil, considerado por todos como a maior das referências na área, Portugal conta com uma expressiva produção de telenovelas a nível europeu. Trata-se de um fenómeno de consumo dos portugueses que continuam a ver os episódios das telenovelas como momentos de distração, aprendizagem e refúgio. A implementação das telenovelas em Portugal, as suas particularidades e as principais produções nacionais são também um ponto central do capítulo 3. Procede-se, ainda, a uma articulação entre este tema e o vertido nos capítulos anteriores, nomeadamente no que concerne à interioridade. Ora, face ao exposto, são analisadas as telenovelas portuguesas que, nos últimos anos, têm abordado o tema do interior do país, os seus hábitos, pessoas e vivências. Verifica-se que este é um tema com cada vez mais expressão, privilegiando-se a representação de localidades pequenas, onde todos se conhecem. É também neste capítulo que se apresentam as telenovelas em estudo nesta dissertação, “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”, ambas da SP Televisão.

O último capítulo da primeira parte da pesquisa, o quarto, recai sobre os estereótipos. De forma geral e praticamente unânime, o recurso a representações sociais ou estereótipos é inevitável e decorrente de processos de sintetização e generalização prévios. Facilitam a apreensão das mensagens e promovem o rápido consumo dos conteúdos. Esta ferramenta social é usada, nas telenovelas, de forma a simplificar o processo de escrita ou de forma a que a audiência reconheça determinadas representações, podendo identificar-se com elas. A delimitação conceptual de estereótipo mostra que este não tem de ser necessariamente um recurso negativo e pejorativo, como comumente se considera. As suas características estão, também, vertidas no quarto capítulo desta pesquisa. Executa-se também, uma fusão entre o tema da estereotipização, o interior do país, a televisão e as telenovelas (capítulos transatos). O idílico, o maravilhoso, o naturalismo, a solidariedade, a rudeza, a força e o trabalho parecem ser características a que as telenovelas portuguesas recorrem para representar o interior de Portugal. Contudo, atesta-se que a elas se juntam outras idiossincrasias e vivências, plasmadas no capítulo 4.

O estudo empírico contempla os capítulos 5 e 6 da investigação, o primeiro referente às metodologias e desenho da investigação e o segundo alusivo à análise, discussão e confronto dos dados recolhidos. No atinente às metodologias, o capítulo 5 apresenta o

problema da investigação, as hipóteses formuladas - decorrentes da experiência empírica e da revisão teórica realizada - e os objetivos definidos para a investigação. Anotam-se quais as técnicas utilizadas, explicando a sua natureza, características e pontos positivos e negativos. Procede-se, depois, a uma exposição sobre a aplicação de cada uma das técnicas utilizadas e a uma definição do *corpus* em análise.

O sexto capítulo apresenta os principais dados recolhidos, procedendo-se à sua confrontação, contraposição e articulação. As informações reunidas após a implementação das técnicas definidas no capítulo 5 estão vertidas nos apêndices desta investigação, devido à sua extensa dimensão. As hipóteses outrora formuladas são aqui testadas em consonância com a análise realizada dos episódios de “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais” e em simbiose com as opiniões tecidas no grupo de discussão e nas entrevistas realizadas. A apresentação dos resultados é feita em quatro secções temáticas: a produção e o consumo deste género televisivo em Portugal; a caracterização e representação do interior de Portugal nas telenovelas “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais” de acordo com o *corpus* estipulado; o recurso a estereótipos, o seu reconhecimento pela audiência e a verosimilhança que apresentam; e a influência da naturalidade dos argumentistas na forma como o interior de Portugal é representado nas telenovelas.

A investigação encerra com a apresentação das considerações finais, que respondem à pergunta de partida e às problemáticas formuladas no capítulo 5. São também expostas algumas teses acerca de limitações e condicionamentos impostos à pesquisa realizada e feitas sugestões para futuras investigações na área.

PARTE I

Revisão Teórica

CAPÍTULO 1 – O interior de Portugal

1.1 – Portugal e as suas regiões

Portugal é um país que pode ser decomposto e, conseqüentemente, estudado e analisado, de diferentes formas. Segundo a PORDATA, o Eurostat criou em 1970, uma denominação comum para as divisões territoriais, baseada nos mesmos pressupostos para todos os países: as NUTS – “Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos”. Esta divisão territorial assenta em “critérios populacionais, administrativos e geográficos” (PORTDATA). Em 2015 entrou em vigor a última divisão territorial para Portugal, as NUTS 2013. Assim, os 308 municípios portugueses podem ser subdivididos em três NUTS. A NUTS I é constituída por três regiões: Continente, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira. No que respeita à NUTS II, Portugal é constituído por sete regiões, cinco na zona continental e duas regiões autónomas: Norte, Centro, Área Metropolitana de Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma da Madeira e Região Autónoma dos Açores. Por fim, à NUTS III correspondem 25 regiões, menos cinco unidades territoriais que na análise de 2002. São elas: Alto Minho, Cávado, Ave, Área Metropolitana do Porto, Alto Tâmega, Tâmega e Sousa, Douro, Terras de Trás dos Montes (estas unidades territoriais correspondem ao Norte nas NUTS II), Oeste, Região de Aveiro, Região de Coimbra, Região de Leiria, Viseu Dão Lafões, Beira Baixa, Médio Tejo, Beiras e Serra da Estrela (estas unidades territoriais correspondem à região do Centro nas NUTS II), Área Metropolitana de Lisboa (corresponde à região com a mesma denominação nas NUTS II), Baixo Alentejo, Alto Alentejo, Alentejo Central, Lezíria do Tejo e Alentejo Litoral (correspondem à região do Alentejo na NUTS II), Algarve, Região Autónoma da Madeira e Região Autónoma dos Açores (correspondem às regiões da NUTS II com as mesmas nomenclaturas).

Esta distribuição oficial proposta a nível europeu e aplicada em Portugal não contempla, no entanto, a divisão de Portugal em “macrorregiões” como norte/sul, “característica do Portugal tradicional” (Ferrão, 2002, p.151), litoral/interior, considerada como “característica do Portugal moderno” (Ferrão, 2002, p. 151) e urbano/rural, definida por Ferrão (2002) como um “arquipélago organizado em rede, característico do Portugal pós-moderno” (Ferrão, 2002, p. 151). Estas parelhas divergentes organizam, formulam e interpretam juízos de valor. A presente investigação incide sobre o interior de Portugal e, conseqüentemente, sobre a dicotomia litoral/interior, embora seja possível estabelecer combinações e articulações entre os três recortes territoriais elencados. De forma a conceptualizar esta região e com vista a formular as justificações que sustentam a

distinção entre interior e litoral, foram criados vários planos e estruturadas definições para estas zonas de país, às quais correspondem algumas das sub-regiões da NUTS III. Desde já, expõe-se que esta dualidade (litoral/interior) se expressa do ponto de vista social, económico e territorial.

1.2 – Definição e delimitação do interior de Portugal

Uma vez que o objeto desta investigação incide, em parte, sobre o Interior e, consequentemente, sobre as suas características, apresenta-se de vital importância a definição do conceito de “Interior de Portugal”:

O sociólogo português António Barreto disse à revista “Gerador”¹ (2021) que o conceito de interior, na sua perspetiva, “é, em certo sentido, uma criação de Lisboa”. António Barreto acrescenta que antes de serem denominados de “interior”, os territórios de baixa densidade populacional em Portugal, eram conhecidos como “província”. No entanto, o sociólogo reitera que “a palavra interior não encerra nada de bom, é como provinciano” (Brito & Craveiro in Gerador nº35, 2021). “Provinciano” é, segundo o Dicionário de Língua Portuguesa sinónimo de “acanhado, ridículo e aldeão”. Adjetivos similares são atribuídos por Ferrão (2002) ao interior. O autor diz que esta macrorregião portuguesa está “esquecida”, é “perdedora” e fica “física e simbolicamente remota” do resto do país (Ferrão, 2002, p.155). Todos os significados apresentados aduzem que a conotação que é atribuída ao interior é pejorativa.

Ao longo dos anos têm sido vários os Decretos-lei e Resoluções de Conselhos de Ministros que têm apresentado definições e delimitações daquilo que constituiu o interior de Portugal. Na lei nº 171/99 de 18 de setembro, cuja temática se verte no “Combate à desertificação e recuperação do desenvolvimento nas áreas do interior”, o interior de Portugal é balizado “de acordo com critérios que atendam, especialmente, à baixa densidade populacional, ao índice de compensação ou carência física e à desigualdade de oportunidades sociais, económicas e culturais”. Transitados dois anos, em 2001, foi realizada uma nova proposta de delimitação do interior cujos critérios de definição foram:

“a) a densidade populacional;

b) o nível de produção e rendimento;

¹ A revista “Gerador” é uma plataforma independente de jornalismo, cultura e educação. A “Gerador” faz publicações trimestrais e aposta em investigações profundas e em *slow journalism*. Este projeto também atribui bolsas para jovens jornalistas e tem uma academia com diversos cursos direcionados à profissão, aos *media* e às redes sociais.

- c) o nível de poder de compra;
- d) a área de influência das ações integradas de base territorial que incidem sobre regiões que sofrem de problemas de interioridade: Minho Lima, Douro, Serra da Estrela, Pinhal Interior, dinamização das aldeias, Vale do Côa, Norte Alentejo, zona de mármore e áreas de baixa densidade do Algarve;
- e) a garantia de contiguidade territorial de zona beneficiária no continente de Portugal” (Portaria 1467 – A/2001 de 31 de dezembro).

Na Portaria nº1467 – A/2001 de 31 de dezembro, supramencionada, são distinguidos como unidades territoriais do interior e, por isso, áreas beneficiárias de apoios para a supressão de desigualdades sociais, económicas e culturais em Portugal, 167 concelhos e 23 freguesias. Em 2009, na Portaria nº 1117/2009 foram considerados territórios de baixa densidade populacional 167 concelhos e 38 freguesias. Mais recentemente, foram implementados outros critérios para a definição do interior, critérios que ditaram os territórios beneficiários das estratégias e investimentos aprovados nos diversos programas nacionais e europeus. Neste sentido, os territórios do interior passam a ser alvo de uma discriminação positiva e de estratégias de melhoria, inovação e desenvolvimento de todos os setores de uma comunidade. Destacam-se como principais projetos governamentais desta índole: o Programa Nacional para a Coesão Territorial (PNCT), criado em 2016, e o Programa de Valorização para o Interior (que substitui o PNCT) implementado em 2018 e revisto em 2020.

Um dos principais motes do programa “Portugal 2020” foi a promoção de uma discriminação positiva dos territórios do interior. Como tal, a Comissão Interministerial de Coordenação (CIC) promulgou, em 2015, uma “Alteração à deliberação relativa à classificação de territórios de baixa densidade populacional para aplicação de medidas de diferenciação positiva dos territórios”, tendo sido determinado que deveriam ser considerados critérios como “a densidade populacional, a demografia, o povoamento, as características físicas do terreno, as características socioeconómicas e a acessibilidade” (CIC, 2015, p.1), como fatores a considerar na definição do interior. Tendo em consideração os critérios estipulados pela CIC e corroborados pelo Programa Nacional para a Coesão Territorial foi deliberado, na Portaria nº 208/2017 de 13 de junho, que seriam territórios do interior, beneficiários de medidas e estratégias de desenvolvimento e

inovação, 165 municípios e 73 freguesias - estas pertencentes a distritos que não são de baixa densidade populacional.

Tabela 1 - Municípios de baixa densidade populacional por distrito

Distritos	Município
Viana do Castelo	Arcos de Valdevez Monção Melgaço Paredes de Coura Ponte da Barca Vila Nova de Cerveira
Aveiro	Arouca Sever do Vouga
Braga	Cabeceira de Basto Celorico de Bastos Fafe Póvoa do Lanhoso Terras de Bouro Vieira do Minho Vila Verde
Porto	Baião
Bragança	Alfandega da Fé Bragança Carrazeda de Ansiães Freixo de Espada à Cinta Macedo de Cavaleiros Miranda do Douro Mirandela Mogadouro Torre de Moncorvo Vila Flor Vimioso Vinhais
Vila Real	Alijó Boticas Chaves Mesão Frio Mondim de Basto Montalegre Murça Peso da Régua Ribeira de Pena Sabrosa Santa Marta de Penaguião Valpaços Vila Pouca de Aguiar Vila Real
	Aguiar da Beira Almeida Celorico da Beira Figueira de Castelo Rodrigo Fornos de Algodres Gouveia Guarda Manteigas Meda Pinhel Sabugal Seia Trancoso

Guarda	Vila Nova de Foz Côa
	Armamar Carregal do Sal Castro Daire Cinfães Lamego Mangualde Moimenta da Beira Mortágua Nelas Oliveira de Frades Penalva do Castelo Penedono Resende Santa Comba Dão São João da Pesqueira São Pedro do Sul Sátão Sernancelhe Tabuaço Tarouca Tondela Vila Nova de Paiva Viseu Vouzela
Viseu	
	Arganil Góis Lousã Miranda do Corvo Oliveira do Hospital Pampilhosa da Serra Penacova Penela Soure Tábua Vila Nova de Poiares
Coimbra	
	Belmonte Castelo Branco Covilhã Fundão Idanha-a-Nova Oleiros Penamacor Proença- a- Nova Sertã Vila de Rei Vila Velha de Rodão
Castelo Branco	
	Alvaiázere Ansião Castanheira de Pera Figueiró dos Vinhos Pedrogão Grande
Leiria	
	Alcácer do Sal Grândola Santiago do Cacém
Setúbal	
	Chamusca Constância Ferreira do Zêzere Coruche Mação Sardoal Vila Nova da Barquinha
Santarém	
	Alter do Chão Arronches Avis Campo Maior Castelo de Vide Crato

Portalegre	Elvas Fronteira Gavião Marvão Monforte Nisa Ponte de Sor Portalegre Sousel
Évora	Alandroal Arraiolos Borba Estremoz Évora Montemor-o-Novo Mora Mourão Portel Redondo Reguengos de Monsaraz Vendas Novas Viana do Alentejo Vila Viçosa
Beja	Aljustrel Almodôvar Alvito Barrancos Beja Castro Verde Cuba Ferreira do Alentejo Mértola Moura Odemira Ourique Sarpa Vidigueira
Faro	Alcoutim Aljezur Castro Marim Monchique Vila do Bispo

Da autoria da investigadora; Fontes: CIC (2015) e a Portaria nº 208/2017

Pela atualidade dos dados apresentados são considerados territórios do interior, para a corrente investigação, os territórios referidos, propostos no PNCT. Assim, o “interior de Portugal, segundo critérios oficiais, vai de Bragança à serra Algarvia, inclui territórios raianos, mas também quase a totalidade da costa vicentina” (Brito & Craveiro in Revista Gerados nº35. 2021). Estes dados demonstram que - como é referido em alguns estudos - há “interior” no litoral e “litoral no “interior” de Portugal. Tal conclusão também foi apresentada por Ana Abrunhosa, Ministra da Coesão Territorial:

“Não nos deve prender a questões de geografia, deve prender-nos a questão socioeconómica. É óbvio que acabamos por chegar à conclusão que a maior

parte dos territórios (do interior) são de fronteira, mas haverá eventualmente territórios que até sendo do litoral (geográfico) são do interior socioeconómico” (Brito & Craveiro in Revista Gerador nº35, 2021).

1.3 – Características do interior de Portugal

Vários são os estudos, documentos e entidades que definem a interioridade, as suas causas, características e consequências como um “ciclo vicioso”.

Portugal é um país envelhecido contabilizando, segundo a PORDATA, 22.3% da população acima dos 65 anos de idade. O crescimento populacional nesta faixa etária é justificado, não só pelo aumento da esperança média de vida em Portugal (81,1 anos em 2021), mas também pela redução da natalidade no país. Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas (INE), em 2020, Portugal registou 84426 nados-vivos, o que corresponde a uma taxa bruta de natalidade de 8.2%. De acrescentar que, em 2020, a população com idades compreendidas entre os zero e os 14 anos, em Portugal, constituía 13.8% da total da população do país. De considerar que, de acordo com a PORDATA, em 2020 registaram-se, em Portugal, 123358 óbitos. De notar ainda que, segundo a mesma base de dados, Portugal registou um aumento significativo do Índice de Envelhecimento da população portuguesa de 2020 para 2021. Este valor passou de 165.1% para 182.1% num ano. Acresce referir que, segundo a PORDATA, o Índice de Dependência dos Idosos em Portugal, em 2021, foi de 36.8. No que concerne à educação, note-se que, os territórios de baixa densidade populacional tendem a sofrer fortes “carências” (Alves, Diogo, Mauritti e Nunes, 2019).

A concentração populacional no território português, divulgada pela PORDATA, em 2021, também constitui, em si, uma característica identitária de Portugal visto que é muito dispar: a região Norte, composta por oito sub-regiões (de acordo com a NUTS III) possui 2570856 milhões de pessoas, o que corresponde a 167.8 pessoas por km²; o Centro contabiliza 2223308 habitantes nas suas oito sub-regiões (tendo em conta a NUTS III), o que equivale a 78.8 pessoas por km²; a área metropolitana de Lisboa regista 2865153 residentes o que se concretiza em 956.6 indivíduos por km²; no Alentejo existem 761989 pessoas nas cinco sub-regiões que o compõem (segundo a NUTS III), o que se traduz numa média de 22.2 indivíduos por km²; no Algarve estão concentradas 438188 pessoas, ou seja, aproximadamente 87.7 pessoas por km²; já a Região Autónoma da Madeira tem 254085 habitantes, o que se concretiza numa concentração média de 317.2 indivíduos por km²; por fim, a Região Autónoma dos Açores concentra 241999 da população nacional, o

que efetua 104.4 indivíduos por km². A estes dados acrescentam-se as informações explanadas no documento intitulado “Implementação, acompanhamento e monitorização” que dão conta que, em 2017, o Índice de Envelhecimento no interior era de 255, bem acima da média nacional (150) e que o Índice de Dependência no interior era de 46, ao passo que a média nacional se fixava nos 32. A par disto, e por consequência da baixa oferta e das reduzidas oportunidades, existe também o fator migratório: o envelhecimento populacional é “tanto mais preocupante quanto associada à progressão dos fluxos migratórios locais e/ou regionais que, naturalmente, impelem a população ativa no sentido das cidades de média/grande dimensão e/ou do litoral” (PNCT, 2017. P.39).

Ora, estabelecendo-se um raciocínio lógico entre todos os aspetos apresentados compreende-se que: o envelhecimento da população portuguesa leva a uma maior dependência da população e a uma redução da natalidade nacional. Este cenário, ocorre com maior expressividade, nas áreas onde existe uma menor concentração populacional. Assim, os territórios do interior apresentam-se como aqueles onde a percentagem de idosos é maior e onde a renovação da população se dá com mais dificuldade. Verifica-se, pois, que, para além da generalidade das áreas do interior (estipuladas em 1.2) estarem altamente despovoadas, a população que nelas habita é idosa e dependente. Tais conclusões permitem inferir que ficam também condicionados os setores produtivos, a indústria, o desenvolvimento e os serviços públicos, como a saúde ou a educação. Onde não há fixação de pessoas, não há promoção de atividades económicas, sociais ou culturais, investimento de grande impacto e emprego. Ferrão (2013) explica que os índices familiares e das empresas tendem, pois, a ser mais favoráveis nas zonas urbanas, em consequência das elevadas oportunidades, em relação às zonas rurais ou de interioridade. Assim, “o declínio da atividade económica (agrícola e industrial), o envelhecimento e o despovoamento, reforçados por dinâmicas migratórias e alterações profundas nas configurações das classes familiares e nas relações entre gerações” (Carmo, 2007; Ferrão, 1985 citados por Alves, Diogo, Mauritti e Nunes, 2019) levam a uma decadência, em todos os setores, do interior português. É necessário, no entanto, ter em consideração que “o investimento deve ser feito em direção ao reconhecimento das especificidades dos territórios do interior” (Monteiro, 2019, p. 141).

1.4 – Assimetrias Territoriais

O Dicionário da Língua Portuguesa define “assimetrias” como “discrepância; em que há diferença; falta de igualdade e de semelhança”. Este fenómeno de disparidade aplica-se aos mais diversos níveis, nomeadamente às condições, ao desenvolvimento e ao poder económico dos territórios, nacionais e internacionais.

No que concerne à Europa e “apesar da diminuição das desigualdades entre estados membros, registou-se um aumento das disparidades regionais de cada país” (PNCT, 2017, p.1).

Por terras lusas, as assimetrias sempre existiram, sendo resultantes da “mobilidade populacional e da reconfiguração da sociedade portuguesa” (Alves, Diogo, Mauritti e Nunes. 2019. P-106) que ocorreram em meados do século passado. As assimetrias foram e são explicadas por questões geográficas e assentam em dicotomias como as já referidas: norte/sul, rural/urbano e litoral/interior. “Portugal é hoje um país fortemente assimétrico” como consta no texto “Implementação, acompanhamento e monitorização” do Programa Nacional para a Coesão Territorial (PNCT, 2017, p.3). O mesmo documento reforça que “o Portugal assimétrico de hoje enquadra-se numa realidade europeia também de assimetria” (PNCT, 2017, p.8). As razões para estas diferenças nacionais passam, em grande medida, pela implementação de medidas iguais em realidades diferentes: os territórios têm “potencial e desafios de desenvolvimento diferentes” (UE, 2020).

A dicotomia litoral/interior, a mais relevante para este trabalho, é uma consequência da organização territorial do país. Porém, Vitor Fernandes, administrador e diretor das Rádios Regionais, diz que as assimetrias territoriais em Portugal permanecerão e a igualdade entre os territórios será difícil de atingir “enquanto continuarmos a assumir que o que se passa em Lisboa é nacional, que o que se passa no Porto é regional e que o que se passa em Bragança não interessa” (Brito & Craveiro in Revista Gerador nº 35, 2021).

Considerando as características já enunciadas relacionadas com o interior de Portugal, crê-se que “o Portugal urbanizado, industrializado, infraestruturado e demograficamente dinâmico – o litoral” se destaca e se sobrepõe ao “Portugal rural, agrícola, subdesenvolvido, demograficamente repulsivo – o interior” (Ferrão, 2002, p. 154). No fundo, ao litoral associa-se a forte presença de “ilhas” e redes que possibilitam a comunicação, a acessibilidade e a proximidade com e entre os mercados, ao passo que, o interior se associa a uma tendência para o despovoamento e para a cristalização no tempo, incapacitando este território de se modernizar. A localização geográfica, o tradicionalismo/ inovação e a aposta centralizada do Estado em determinadas regiões do país contribuem para acentuar esta vertiginosa assimetria.

A localização das empresas e dos serviços que dão apoio às produções são responsáveis, também, pelas assimetrias territoriais. Segundo Santos (2011), empresas localizadas fora das zonas urbanas, em periferias ou zonas rurais, são considerados “serviços rotineiros” e pouco exigentes e desafiantes ao nível do contacto com o público, são empresas, sobretudo, de apoio a serviços e população, que não exigem muita gente qualificada. Genericamente, trata-se de empresas com pouco poder financeiro. As empresas

localizadas nas “ilhas” urbanas e, principalmente, no litoral, têm uma natureza inovadora e especializada, beneficiam de “economias de aglomerados” e procuram trabalhadores qualificados e flexíveis.

Apesar das conclusões expostas, a Resolução de Conselho de Ministros nº 3/2016 de 22 de janeiro, dá conta que o interior tem “capacidade produtiva”, sendo necessário revitalizar e estimular os recursos humanos, a mão-de-obra e as infraestruturas e preservar os saberes endógenos.

De forma clara, podemos ainda inferir que as zonas urbanas do país concentram mais população na medida em que, para além, da maior massa empresarial, há uma maior facilidade de acesso a serviços e infraestruturas. A concentração populacional gera mais oportunidades, mais atividades económicas, culturais e sociais e, por isso, mais procura. Embora o apego nas zonas urbanas exista e seja decorrente de uma “bola de neve”, tal não significa que, nessas regiões, a qualidade de vida seja superior. É importante reiterar que, embora o interior tende a ser “excluído do processo de modernização iniciado nos anos de 1960” (Ferrão, 2002, p.156), é a região que melhor preserva os valores patrimoniais e culturais e o que oferece melhor qualidade de vida. O hiperdesenvolvimento do litoral, sobretudo no que respeita às áreas urbanas e áreas metropolitanas, conduz ao desordenamento do território, a excedente demográfico, poluição e congestionamentos de tráficos (Ferrão, 2002). Tais considerações feitas em relação à qualidade de vida das populações são justificáveis pelo facto de o litoral concentrar 2/3 da população em apenas 20% do território e o interior concentrar apenas 1/3 dos portugueses em 80% do mesmo, em traços gerais.

Apesar da tendência se apresentar, a olho nu, negativa para o interior de Portugal, certo é que há instituições, organizações e estratégias que têm promovido um balanço mais equilibrado destes fatores. De acordo com o Ferrão (2002) e o documento “Implementação, acompanhamento e monitorização” criado pelo Programa Nacional para a Coesão Territorial “o ensino superior – universidades e politécnicos – têm contribuído de forma inquestionável para o desenvolvimento regional do interior” (PNCT, 2017, p.21).

De forma idêntica ao que acontece em Portugal, as disparidades vividas entre os territórios de qualquer país da Europa geram uma tendência de concentração nas cidades mais desenvolvidas, com mais oportunidades e serviços e uma segregação do interior dos países ou rutura com as zonas menos estimuladas. Todavia, relembra-se que choques ou crises globais ou nacionais trazem consequências para os continentes, países, regiões e sub-regiões ao nível da distribuição territorial, económica e social. Estas consequências serão “tanto mais acentuadas, quanto mais expostas e sensíveis forem as estruturas sociais, económicas e institucionais existentes nesse território (Ferrão, 2013, p.254).

1.5 – Coesão Territorial: Conceito, Medidas e Estratégias

“Assistimos a uma litoralização progressiva do país, acentuando-se a tendência para o despovoamento envelhecimento e empobrecimento das regiões do interior, as quais representam cerca de 2/3 do território nacional” (UMVI, 2017, p.3).

A comunidade mundial começou a ficar alerta para as disparidades territoriais e para a necessidade de coesão entre as regiões em 1997, ano em que surgiu o Tratado de Amesterdão, cujo foco era a ligação e união das regiões. Depois deste, e com a mesma temática, surgiram documentos como a Agenda Territorial da União Europeia e o Tratado de Lisboa, em 2009. A nível europeu, o fenómeno em análise “significa promover um desenvolvimento territorial equilibrado e harmonioso entre e no interior dos países, das regiões, das cidades e dos municípios, bem como assegurar um futuro a todos os territórios e pessoas na Europa” (UE, 2020). Em Portugal, a coesão territorial visa “alcançar o desenvolvimento socioeconómico equilibrado e equitativo de todos os territórios, valorizar o seu capital físico, a sua diversidade, complementaridade e endogeneidade” (PNCT, 2017, p.1-2). O mote de todos está em alcançar o sucesso e, por isso, é necessário tomar desde já medidas de reforço territorial, de valorização do local e de promoção da atratividade com base nos recursos e na identidade de cada zona do globo. Apesar de este ser um esforço comum e constante, a pandemia de COVID-19 veio travar o desenvolvimento dos territórios.

A discriminação positiva e valorização do interior de Portugal são vistas como estratégias fundamentais para a promoção deste território de baixa densidade populacional já que este é um “aspeto central do desenvolvimento económico e da coesão territorial, promovendo uma nova abordagem, aproveitamento e valorização dos recursos e das condições próprias do território e das regiões fronteiriças enquanto fatores de desenvolvimento e competitividade” (Resolução do Concelho de Ministros nº 3/2016, 22 de janeiro).

Conforme mencionado no subcapítulo 1.2 da presente investigação, foram criados dois planos de estrutural importância para a promoção da coesão entre os territórios nacionais. Em 2016, foi aprovado em Concelho de Ministros a criação da Unidade de Missão para a Valorização do Interior (UMVI), entidade responsável pela conceção do Programa Nacional para a Coesão Territorial, projeto substituído em 2018 pelo Programa de Valorização do Interior (PVI). A UMVI assenta em dois pilares: na transversalidade interministerial, isto significa que é aplicável a todas as áreas de governação e na articulação entre todos os agentes locais. Esta entidade visa:

“a valorização dos espaços de produção, a construção de plataformas regionais de empregabilidade, o intercâmbio de conhecimentos qualificados (...) a valorização e promoção dos produtos endógenos, os processos urbano-rurais, o incentivo à fixação e atração de jovens, a intensificação da cooperação transfronteiriça e o fomento da produção e do emprego nos territórios de fronteira” (Resolução do Conselho de Ministros nº 3/2016, 22 de janeiro).

O Programa Nacional para a Coesão Territorial vaticina que os serviços públicos tenham a mesma qualidade e proximidade em todo o país e pretende reduzir os custos de acessibilidade e de contexto associados ao interior.

No texto “Implementação, acompanhamento e motorização” (2017) são apontadas algumas estratégias para a promoção da coesão territorial em Portugal tais como “a inversão das tendências demográficas e o investimento”, bem como “a fixação da população, a formação do capital humano, a inovação, o desenvolvimento e as cidades funcionais” (2017, p.8).

O PNCT criado, implementado e monitorizado pela UMVI contempla mais de 160 medidas para estimular e desenvolver a região do interior, distribuídas em cinco eixos e numa Agenda Territorial para o Interior que inclui oito iniciativas. Os cinco eixos referidos têm como objetivo promover um território do interior + Coeso (onde se visam suprimir as desigualdades sociais e onde se garantem condições de acesso a serviços de qualidade, geradores de atratividade local), + Competitivo (este eixo promove a valorização e potencialização das características identitárias de cada território, tornando-o mais atrativo), + Sustentável (este fator tem como objetivo gerar conhecimento e difundi-lo, em paralelo, com a aposta e valorização da biodiversidade, os ecossistemas, das paisagens naturais e culturais, da natureza e da diversidade geográfica), + Conectado (aposta nas tecnologias de informação e de comunicação no interior, tornando o território mais atrativo) e + Colaborativo (este eixo procura a articulação, cocriação, cooperação e trabalho em rede entre os diversos territórios).

A supressão das desigualdades associadas aos territórios de baixa densidade populacional pode ser monitorizada “a partir (...) da demografia, educação, emprego, classes sociais e saúde” (Alves, Diogo, Maauritti & Nunes, 2019, p.120). A Agenda Territorial para o Interior apresentada pelo PNCT assenta nos **oito** pressupostos presentes na Resolução do

Conselho de Ministros nº 72/2016, de 24 de novembro e revisitados no PNCT (UMVI, 2017) que contemplam os supramencionados setores de atividade:

1 - Envelhecimento com qualidade: o objetivo é garantir que os idosos sejam autónomos e saudáveis, possuindo facilidade de acesso a serviços públicos de qualidade. A simplificação da mobilidade também é um aspeto a considerar. Contrabalançar o envelhecimento, com a natalidade e equilibrar as tendências migratórias com o despovoamento são também estratégias a seguir e que podem ser implementadas por políticas de desenvolvimento públicas, privadas e comunitárias (Alves, Diogo, Mauritti & Nunes, 2019).

2 - Inovação de base económica: o interior tem “dificuldade em gerar riqueza e emprego não criando e captando valor” (UMVI, 2017). Ora, assim sendo, os territórios do interior devem apostar na sofisticação e na inovação pois são componentes distintivos que vão potenciar o investimento e promover a atratividade territorial. A aposta no conhecimento e nas tecnologias vai gerar emprego, capacitar os recursos humanos e garantir a competitividade do interior – deve aumentar e melhorar a oferta dos perfis educativos em todos os anos de ensino (Alves, Diogo, Mauritti & Nunes, 2019). Note-se que é estrutural para o PNCT a troca e produção de saberes pelos professores, estudantes e investigadores dos diversos estabelecimentos de ensino superior pois só assim se poderá potenciar a região e a sua população. Quanto mais saber um território tiver e mais inovação imantar, significa que as ofertas de emprego são, tendencialmente, superiores, procurando-se cada vez mais o trabalho qualificado.

3 - Capital Territorial: Para tornar os territórios do interior, cativantes e promover a consequente fixação de população, é necessário a valorização e promoção dos recursos endógenos, das características identitárias dos diversos lugares e das paisagens naturais e culturais próprias de cada território. As regiões periféricas devem apostar em estratégias que assentem na “sua capacidade endógena de iniciativa e negociação com o exterior por forma a evitar, quer o fechamento sobre si próprio, quer a permissividade pela dominação das regiões já desenvolvidas” (Santos, 2011, p.7). Para que haja uma devida valorização do capital territorial é crucial dotá-lo, na totalidade, de serviços de telecomunicações, garantindo que todos os territórios nacionais têm acesso aos diferentes setores de atividade e serviços.

4 - Cooperação fronteiriça: as zonas de fronteira entre Portugal e Espanha são, na sua maioria (70%) de origem rural. Estes territórios têm baixa densidade populacional e, por isso, devem cooperar na implementação de microempresas, por exemplo, do setor primário, que possibilitem a fixação de pessoas dos dois lados da fronteira.

5 - Relação rural/urbana: as zonas urbanas e rurais do território nacional estabelecem entre si dois tipos de relação: disparidade e dependência. Disparidade, pois, como tem sido explicado até aqui, a densidade populacional e a equidade de acesso a bens e serviços é totalmente distinta entre estas zonas de Portugal. Porém, verifica-se uma forte correlação entre ambas na medida em que “os fluxos de pessoas, mercados, informações e capital fomentam as ligações entre o urbano e o rural” (UMVI, 2017). Se, por exemplo, a grande fatia dos bens de primeira necessidade, como os alimentos, provém das zonas rurais, a prestação de serviços localiza-se, genericamente, nas cidades.

6 - Acessibilidade digital: É imperativo a promoção da instalação de internet e rede com qualidade em todo o país e avançar com a literacia digital dos portugueses, sobretudo nas áreas do interior, onde o acesso a estas tecnologias é condicionado. A Agenda Territorial 2030 da União Europeia vê a digitalização como “a 4ª revolução industrial”, já que é promotora de emprego, possibilita a instalação de empresas em qualquer parte do mundo facilitando as comunicações inter e intraempresariais e territoriais. Embora a “acessibilidade digital” deva ser contemplada, tal como referido na Agenda Territorial 2030, é importante apostar na acessibilidade geográfica, isto é, na necessária construção de autoestradas, linhas ferroviárias e rodoviárias que liguem todos os “arquipélagos” nacionais (Santos, 2011; Alves, Diogo, Mauritti & Nunes, 2019).

7 - Atratividade territorial: A presente iniciativa tem como objetivo a afirmação do interior e a atribuição, a esta zona do país, de uma nova narrativa: mais forte e de maior valorização. É imperativo a divulgação das vantagens de cada território e a apresentação das suas características mais particulares e identitárias: “a identidade tem valor económico e, adicionalmente, é algo que é difícil de replicar, pelo que deve ser entendida como um ativo essencial para alcançar o processo de desenvolvimento do interior” (UMVI, 2017).

8 - Abordagens, rede e participação: é necessária a articulação, cooperação e trabalho em rede dos ministérios, dos agentes locais e das instituições e organizações nos territórios, para além, do inevitável investimento financeiro.

As empresas e a sua localização no território português têm um papel preponderante no desenvolvimento nacional e na aposta nos territórios de baixa densidade. Verifica-se uma forte tendência para que as empresas se fixem em lugares de fabrico industrial, perto dos mercados e junto dos locais onde existe maior concentração populacional, não só por questões de acesso aos consumidores, mas também pela facilidade de acesso a mais mão-de-obra. Santos (2011) enumera algumas particularidades que as empresas privilegiam quando o tema é localização: a mão-de-obra; os custos de produção; a procura; o investimento; a concorrência; e a qualidade de vida.

Segundo Monteiro (2019), a UMVI mostra que é preciso aproximar “a decisão do território”, sendo necessário arranjar “soluções articuladas e conformadas aos problemas específicos destes espaços territoriais” (p. 128). Durante alguns anos a possível regionalização do país esteve em cima da mesa. Embora Ana Abrunhosa, Ministra da Coesão Territorial seja uma regionalista convicta, considerando que as competências e decisões deviam ser tomadas a nível local para irem ao encontro das necessidades das populações, a verdade é que no referendo realizado em 1997, a maioria da população portuguesa apresentou-se contra a regionalização (63,52%).

O Programa para a Valorização do Interior, revisto em 2020, revisita o PNCT e apresenta (perto de 60) novas medidas para a discriminação positiva deste território do interior, segundo a Resolução do Conselho de Ministros nº 3/2020 tais como: valorizar os recursos e a capacidade empresarial do interior; captar investimento e fixar pessoas no interior; promover a cooperação transfronteiriça; tornar o território do interior mais competitivo. Esta revisão tem por base questões climáticas e desigualdades sociais e visa tornar o interior num território mais coeso, inclusivo e competitivo. A sustentabilidade também se apresenta como uma prioridade no relatório informal da União Europeia, na Alemanha (2020). As alterações climáticas, a perda de biodiversidade, a adoção de energias seguras e sustentáveis, o acesso a água potável por todas as populações e o tratamento dos solos são questões a analisar e que exigem, de acordo com os ministérios para a coesão territorial e para o desenvolvimento e inovação dos territórios medidas urgentes. A União Europeia aponta também ações a adotar no sentido de tornar o velho continente mais equilibrado e justo. As regiões de cada país são tanto mais desenvolvidas quanto melhor articularem e potencializarem as suas multidimensões (Santos, 2011).

CAPÍTULO 2 - Televisão: do surgimento à ubiquidade

2.1 - A origem, história, evolução e características da Televisão

A televisão surgiu no século XX apresentando-se como o mais revolucionário dos meios de comunicação. Este é o único meio a que, até hoje, foi atribuído o adjetivo de “mágico” (Gradim, 2015, p. 69).

Apesar de nos dias de hoje o acesso a este dispositivo ser simples, e embora apenas se considere a existência de televisões de alta definição e da multidistribuição dos conteúdos, certo é que nem sempre foi assim. Abreu e Silva (2012) elencam as descobertas e processos necessários para a transmissão de imagens à distância. Tudo começou quando, em 1817, Brzallus não só “observou a fotossensibilidade do selênio ao ser exposto à luz”, como descobriu que “o selênio possuía a propriedade de transformar energia luminosa em energia elétrica” (Abreu & Silva, 2012, p. 2). Com o aparecimento do telefone, em 1870, a ideia de “televisão”, de comunicação e transmissão por via das imagens, ganhou força. Anos depois, em 1884, o alemão Paul Nipkow “patenteou uma proposta de transmissão de imagens à distância, facto que lhe concedeu o crédito de fundador da técnica da televisão” (Abreu & Silva, 2012, p. 2). O alemão conseguiu projetar imagens a grandes distâncias, com recurso a discos que giravam a alta velocidade. De acordo com os autores, seguiram-se vários procedimentos mecânicos que possibilitaram que, em 1900, Constantin Perskyi apresentasse, no Congresso Internacional de Eletricidade em Paris, uma tese que se debruçava sobre as capacidades fotovoltaicas do selênio e sobre a produção de imagens à distância. Foi neste Congresso, em França, que foi utilizada, pela primeira vez, a palavra “televisão” – “1) *Tele* pode ser traduzida do grego para longe e 2) *vitere* que em latim significa visão” (Abreu & Silva, 2012), surgindo o conceito que se traduz em “transmitir imagens à distância”. Em 1913, deu-se o uso científico do termo “televisão” que passou a designar “um conjunto de procedimentos e de técnicas que permitem a transmissão de imagens após a transformação em ondas hertzianas” (Ruivo, 2006, p. 4). Por sua vez, Miguel Ruivo (2006) afirma que nos anos 50, o termo “televisão” passou a ser vulgarmente utilizado como sinónimo do aparelho que emite as imagens em movimento, o “televisor”, ou seja, começou a associar-se “ao conjunto de atividades relativas à produção e difusão de programas por meio dessas técnicas” (Ruivo, 2006, p. 4). Assim, não há um

único criador da tecnologia da televisão na medida em que, a conceção deste meio de comunicação resultou da soma do conhecimento de diversos cientistas e investigadores.

O protagonista da primeira transmissão televisiva através do sistema mecânico foi John Logie Baird, em 1920. O escocês voltaria, em 1925, a ser o rosto de mais um avanço tecnológico associado à televisão - Braid “transmitiu, de sua casa, imagens à distância do seu vizinho, Willam Tayntan (...) fazendo de Tayntan o primeiro homem televisionado ao vivo na história da televisão” (Abreu & Silva, 2012, p. 3). O mesmo cientista foi o responsável pela primeira transmissão televisiva transatlântica (entre o Reino Unido e os Estados Unidos da América), dedicando-se ainda à exploração das cores na televisão.

Após estas descobertas várias televisões surgiram por todo o mundo: no Reino Unido (BBC, 1930), na Alemanha (com a primeira televisão pública - 1935), na Rússia (1938) e nos Estados Unidos da América (1939). Em 1939, deu-se o início da II Guerra Mundial, acontecimento que ditou uma pausa na generalidade das transmissões televisivas europeias, à exceção da Alemanha que manteve a televisão em sinal aberto. A França retomou as emissões em 1944, a Rússia em 1945 e a BBC em 1946.

Na fase inicial, “a televisão tinha a força e o fascínio do ao vivo” (Torres, 2018, p. 10), embora este se concretizasse em “poucas horas diárias” e em “problemas técnicos de áudio e vídeo” (Abreu & Silva, 2012, p. 4). O direto traz para o ecrã os acontecimentos em tempo real e dá aos telespectadores a sensação de “estar lá”. Segundo Jost (2015) o direto televisivo continua a caracterizar-se pela transparência já que a interatividade e relação entre repórter e espectador está dependente do acontecimento e do momento em que este tem lugar. O surgimento, anos mais tarde, do *videotape* possibilitou a gravação de conteúdos, bem como a saída dos profissionais dos *media* dos estúdios televisivos. Outra das inovações associadas à televisão, foi o aparecimento da televisão a cores que trouxe ao mundo um novo deslumbramento – “agora é possível ver o mundo como ele é” (Abreu & Silva, 2012, p. 5).

Independentemente do formato em que os conteúdos são transmitidos, “a TV fala para os espectadores” (Torres, 2018, p. 26). Isto significa que existe um permanente cuidado no envolvimento da audiência naquilo que é dito, recorrendo-se ao olhar e à linguagem verbal e não verbal para a câmara, aquele que é o “primeiro espectador”. A televisão induz a existência de uma cultura de oralidade onde reinam as repetições, as alterações de tom de voz, as dinâmicas espaciais, o uso de linguagem corrente - como “sinónimo de verdade” (Torres, 2018, p. 33) -, a circularidade narrativa, a provocação, etc. A televisão também é definida como construtora da realidade e como criadora de identidades. Considerando o primeiro indicador, diz-se que a realidade transmitida no pequeno-ecrã é uma “realidade reduzida ao visível” (Jost, 2009, p.15). A televisão constitui-se, ao nível da informação, por

exemplo, como resultado de um processo de seleção filtrado por meio da captação de imagens e da escolha de diferentes abordagens, pontos de vista ou opiniões – “Para o mesmo facto não consiste em dizer que a realidade é somente uma construção da linguagem, mas que a verdade é, pelo contrário, múltipla” (Jost, 2009, p.15). No jornalismo, estes processos de seleção são designados através de duas teorias: a do *gatekeeping* e a do *gatewatcher*. Quanto à ficção, facilmente se compreende que esta se define, de forma sumária, por ser uma construção da realidade. Na ficção visa-se representar o real. Por outras palavras, este género retrata histórias verídicas, reflete pessoas reais e espelha cenários existentes na sociedade e no quotidiano – não é a realidade, mas faz de tudo para se aproximar dela. François Jost diz que só existe uma diferença entre a realidade e a ficção: “os enunciados da realidade fazem referências seriamente, ao passo que os enunciados da ficção fazem fazer referência” (Jost, 2009, p. 17). No que diz respeito à televisão como criadora de identidades – o segundo indicador referido - e, uma vez que, este *media* visa conquistar audiências, os conteúdos televisivos encaminham-se para a representação, o mais fiel possível, das características específicas de cada comunidade gerando um sentimento de pertença. Por consequência surgirá sempre um “grupo dos outros” suscitando o prolongamento de estereótipos ou considerações erradas acerca de cada povo ou pessoa (esta questão é amplamente explicada no capítulo 4). A este propósito Castells (2003) afirma:

“O sentimento de pertença articula a ideia de identidade, não só no sentido de afirmar as características distintivas de um grupo ou pessoa, mas também na perspetiva de resistência do que é diferente e ameaça a minoria identitária ou ainda cria condições de imaginar um novo projeto de identidade” (Castells, 2003 citado por Cunha, 2008, p.383).

Indaga-se, pois, que, se a televisão não reflete a realidade na plenitude e cria visões do mundo subjetivas – pois perante o mesmo acontecimento, evento ou temática todas as pessoas tirariam conclusões diferentes, não existindo verdades absolutas, apenas perspetivas e interpretações do real -, então a promoção e representação das identidades territoriais portuguesas podem ser enviesadas na televisão. Destaca-se, em contrapartida, que este meio, embora construa a visão que a generalidade da população tem sobre um determinado ponto do país, também contribui para o reforço das identidades particulares e identitárias das comunidades que apresenta. O interior de Portugal é espelhado na tela

televisiva, muitas vezes, como “folclórico” reiteraram Pedro Jerónimo e Pedro Coelho no *webinar* “Televisão Regional do século XXI”.² Na mesma conferência ficou claro que a forma como os meios de comunicação nacional representam o Interior do país é muito restritiva, espalhando pouco daquilo que se passa no Portugal profundo – “o interior do país é muito mais do que mostramos à uma hora e às oito nos canais generalistas” (João Pedro Ramos in *Televisão Regional do Século XXI*, abril de 2021). A centralidade dos conteúdos e o foco praticamente exclusivo nos acontecimentos e realidades lisboetas e até, portuenses, leva a um escasso conhecimento das verdades vividas no resto do país. Tal situação, faz com que as representações das regiões demograficamente mais desfavorecidas sejam deficitárias ou pouco representativas. Isto influi para uma crença, generalizada, em apanágios regionais por vezes estereotipados.

Apelidada desde há muito tempo como “programa para toda a família”, a televisão e a estrutura social nomeada, afetaram-se e influenciaram-se mutuamente. Esta relação de interdependência foi definida por Eduardo Cima Torres como “ecrã-lareira” (Torres, 2018, p. 11). A palavra “lareira” metaforiza o conforto, o sentimento de casa e de união em redor de algo e “ecrã” personifica aquilo para que todos olham e que, de modo geral, representa o centro de um convívio.

Da televisão clássica fazem parte os seguintes géneros: atualidade (informação e notícias), ficção, entretenimento (programas, concursos) e desporto. As produtoras de televisão promovem uma articulação entre a integração na grelha de novos programas e a revitalização e revisitação de velhos sucessos (Torres, 2018).

A televisão concentra a atenção da audiência e é responsável pela replicação e implementação de tendências pois “se crê no que se vê” (Abreu & Silva, 2012). Existe ainda quem considere que a televisão ostenta estereótipos de forma a ser mais simples a apreensão da mensagem pelo espectador, isto é, a televisão apresenta um infindável “fluxo de representações da condição humana” (Smythe, 1954 citado por Muller, 2009, p. 14). A esta tecnologia são apontadas algumas críticas entre as quais a preferência pelo espetáculo e pelos conteúdos sensacionalistas, a promoção da demagogia e a falta de preocupação com a difusão da cultura.

João Canavilhas (2001) reitera que a tendência para o recurso a “informação-espetáculo”, ou seja, a tendência para o sensacionalismo pode estar associada a fatores económicos, na medida em que, a audiência tem uma preferência histórica e enraizada para assistir a fenómenos e acontecimentos dramáticos. Logo, quanto mais eventos desastrosos ocorrerem e quantas mais coberturas perversas se realizarem, mais audiências as

² Webinar promovido pelo Grupo de Trabalho de Estudos Televisivos e pelo Grupo de Trabalho de Media Regionais da SOPCOM.

televisões terão e, consequentemente, maior folga financeira passarão a ter. Por outras palavras, “a televisão procura prender o espectador dando prioridade ao insólito, ao excecional e ao chocante” (Canavilhas, 2001, p. 4-5). De destacar a perspetiva que define a televisão como “um meio para enriquecer e legitimar os seus controladores”, cujo objetivo é “entreter e civilizar os telespectadores” (Muller, 2009, p. 10). O facto de existir uma forte banalização das entradas em televisão, segundo uma lógica de “qualquer pessoa fala sobre qualquer tema” foi uma das fortes críticas apontadas por Bourdieu (1997). No entanto, nem tudo são desvantagens pois, na verdade, “o público que assiste à televisão aprende com ela, informa-se, educa-se e cria os seus próprios juízos de valores de acordo com as suas crenças, com os seus valores e também de acordo com a sua personalidade” (Ruivo, 2006, p. 19). A matéria-prima de que a televisão é feita é a imagem, como tal, esta desenvolve as competências do espectador que lhe permitem descodificar o contexto, descrevendo visualmente aquilo que é dito. Embora a imagem não seja “única” esta ajuda, segundo Wolton (2000), a fomentar e desenvolver o espírito crítico dos recetores. O poder das imagens confere-lhes a capacidade de simularem, muitas vezes, o real: “ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver” (Bourdieu, 1997, p. 28). À televisão associam-se ainda os papéis de distração, de lazer e de desenvolvimento do imaginário. Dirigir-se a uma maioria é uma componente que Bourdieu (1997) considera ser uma forte vantagem associada ao meio.

As televisões começaram por ser generalistas, ou seja, dirigidas a massas e sem custos de subscrição ou assinatura. Porém, em 1975, chegaram aos Estados Unidos da América os canais temáticos, responsáveis pela fragmentação da audiência que passou a poder escolher assistir aos seus programas e formatos favoritos, recorrendo, para tal, a um pagamento adicional – “A partir daqui começaram a surgir outros canais temáticos com as mesmas características técnicas, mas com apostas em diferentes áreas temáticas como o desporto, a informação, a música e os programas infantis” (Ruivo, 2006, p. 5). À TV generalista e à TV por cabo, Wolton (2000) acrescenta a multimédia. No entanto, Torres (2018) considera que, mesmo com múltiplas possibilidades de acesso, formato, dispositivo ou conteúdo, existem acontecimentos, como o futebol, os casamentos/mortes de elementos das famílias reais ou tragédias, que levam a que “a sociedade se reúna em torno da TV se sentir necessidade” (Torres, 2018, p. 12). Jost (2015) corrobora esta ideia afirmando que para o direto “todos os factos são potencialmente acontecimentos” acabando por considerar que há ocasiões onde se vaticina a importância de um objeto com recurso a um direto, embora, em algumas circunstâncias, o “alarido” do direto não seja justificado. O poder do direto parece ser, até hoje, o barómetro do sucesso das televisões generalistas, dificilmente, substituído por outras plataformas digitais. Independentemente

das três formas que a televisão pode adquirir nos dias de hoje, esta “guia milhões de pessoas a viver, a distrair-se e a entender o mundo”³ (Wolton, 2000, p. 70).

Retomando as questões técnicas associadas à televisão constata-se que esta transitou de uma emissão por satélite, para transmissão HDTV, onde reinava a alta definição de som e imagem. A HDTV trouxe o facto de nunca terem existido “tantas imagens disponíveis distribuídas por tantos canais de televisão” (Sá, 2015, p. 145). Nos dias de hoje, vê-se televisão através do HDMI, onde a qualidade de som e imagem se mantêm de alta qualidade e pormenor, mas onde o acesso a conteúdos se torna altamente facilitado. É dada ao espectador a oportunidade de escolher ver o que quiser, no momento que mais lhe convier. As *boxes* e as consequentes gravações automáticas abriram a porta para este cenário de total liberdade de consumo.

Conforme será explanado mais à frente nesta dissertação, há quem vaticine o fim da televisão com o surgimento de novas plataformas e produtoras de conteúdos. Porém, note-se que não se trata da morte do meio, mas sim da sua readaptação a novos dispositivos e linguagens. As mudanças associadas à televisão decorrem de alterações de uso e de consumo por parte do espectador a modificações na forma de produção e no mercado audiovisual.

“Entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI, vimos a transmissão analógica da televisão terminar e o digital a tomar conta de toda a cadeia de valor da televisão, desde a produção, até à distribuição e exibição” (Damásia, 2021).

2.2 – A Televisão em Portugal

Em Portugal, a televisão surgiu na década de 50 do século XX e trouxe, fazendo uma generalização da experiência vivida por Paulo Serra, “outros mundos sob a forma de imagem em movimento, visíveis com os olhos da cara” (Serra, 2015, p. 29). A RTP1 iniciou a jornada televisiva, de forma experimental, em 1956, a partir da Feira Popular de Lisboa. Nesta primeira fase, a televisão pública apresentava “uma programação baseada em filmes, música e revistas filmadas” (Santos, 2007, p. 84 citado por Sobral, 2012). As emissões regulares da RTP1 começaram em 1957 e tinham como objetivo incitar a distração e a instrução dos espectadores. A RTP1 nasceu no antes do 25 de abril de 1974, o

³ Tradução livre de: “(...) la televisión gusta, yaque ajuda a millones de personas a viver, a distraerse y a entender el mundo” (Wolton, 2000, p.70).

que fez com que o regime tivesse total domínio sobre a ação da estação pública portuguesa, isto é, “o conteúdo mediático estava sujeito a rigorosa censura que contrariava a abertura de horizontes tendencialmente provocados pelos *media*” (Carvalho & Silveirinha, 2018). Face à censura imposta pelo Estado Novo, a população apresentava dois tipos de receção do conteúdo mediático, formas paradoxais, mas também simultâneas: por um lado, verificava-se a interiorização e cumprimento das regras, mas por outro lado, existia uma tendência para a ilusão e fuga através de algumas ações (por exemplo, nesta altura e como resultado a sociedade patriarcal em que Portugal estava imersa, era comum que as mulheres, para puderem sair de casa e, conseqüentemente assistirem à televisão, se fizessem acompanhar dos homens da família). Pegando nas palavras de Sobral (2012), este período televisivo pré-revolucionário define-se como, não só estando imbuído de uma “visão pastoral”, mas também como “um megafone do regime salazarista-machista” (Sobral, 2012, p. 146). Em suma, os *media* eram considerados como responsáveis pela reflexão e pela expressão simbólica, promovendo a abertura de horizontes e opiniões, facto que o regime de Salazar queria contrariar, controlando e circunscrevendo a visão do mundo dos portugueses.

Devido à elevada dificuldade de acesso aos aparelhos de transmissão mediática, como a rádio e o televisor, existia a necessidade deste consumo, ser feito fora de casa, normalmente, em cafés. Com o passar do tempo, e com a democratização do acesso às rádios e aos televisores, o consumo de *media* passou a ser realizado nas habitações - “ver televisão significava, agora, não já ir ao café, mas ir a casa de um ou outro amigo suficientemente abastado para ter uma televisão” (Serra, 2015, p. 30). Os primeiros teleteatros apresentados em Portugal, na RTP1, foram “Monólogos de Vaqueiro”, “Morgadinho do Vale D’Amores” e “Pedido de Casamento”.

Cerca de uma década depois apareceu a RTP2 (em 1968), que se viria a tornar o complemento cultural do canal público. Foi desta estação criada nos anos 60 que nasceu um dos programas de televisão mais acarinhados e com maior sucesso em Portugal: o “Zip- zip”, programa apresentado por Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, em 1968. Definido como uma “revolução comunicacional” (Sobral, 2012, p. 146) este programa unia um novo formato, com conteúdos pouco debatidos na época. Em 1972, surgiu a RTP Madeira e, no ano seguinte, a RTP Açores.

Em 1974 deu-se a nacionalização da Rádio Televisão Portuguesa e o entretenimento passou a ser uma forte aposta. Três anos depois, em 1977, chegaria a Portugal aquele que viria a ser um dos maiores fenómenos televisivos nacionais, até a atualidade, as telenovelas. O ano de 1977 marca a estreia de “Gabriela”, uma produção da Rede Globo que fez furor em Portugal e “A visita da Cornélia”, um concurso da RTP1.

A televisão a cores chegou a terras lusas em 1980, sendo o Festival da Canção o primeiro programa a ser transmitido nestas novas condições. Em Portugal, o comando foi contemporâneo ao aparecimento da televisão a cores. “Vila Faia” foi a primeira telenovela portuguesa a chegar aos ecrãs, corria o ano de 1982. De acordo com o explicitado por Cádima (2020), entre 1983 e 1986, os media nacionais foram amplamente instrumentalizados pela Aliança Democrática e pelo Bloco Central que juntou Mário Soares (Partido Socialista) e Mota Pinto (Partido Social Democrata). Na década de 80, verificou-se ainda a tentativa do Patriarcado de Lisboa ter acesso à emissão do canal público. Victor Cunha Rego foi diretor da RTP1 em 1980/1981 e acreditava que a estação que liderava deveria ser “um aparelho ideológico do Estado” (Rego, 2018 citado por Cádima, 2020, p. 133), ou seja, a RTP1 serviria como mostra para os discursos, decisões e ações de quem se encontrava no poder. Já o seu sucessor, Proença de Carvalho acreditava que “era impossível uma televisão do Estado ser independente do poder político” (Cádima, 2020, p. 133). Esta década pode ser definida como “crítica” para a RTP1 pois, com a morte de Francisco Sá Carneiro e a consequente quebra da Aliança Democrática, o Bloco Central tentou afirmar-se através do canal público. A instabilidade política refletiu-se na instabilidade da gestão e desempenho dos canais audiovisuais públicos portugueses. Em 1985, Cavaco Silva propôs a alteração da Lei da Televisão com o objetivo de possibilitar a conceção da RTP1 à Igreja Católica, no entanto, tais alterações não foram aprovadas.

Nos anos 90, e após ter sido revista a constituição em 1989, deu-se o fim do monopólio audiovisual português e foi possível a abertura do mercado à livre iniciativa privada, surgindo dois novos canais: em 1992 a SIC e no ano seguinte, em 1993, a TVI. Com estes canais privados, a televisão adquiriu uma nova expressão na sociedade. De forma concisa, e tendo em consideração o ponto de vista de diversos autores, pode-se afirmar que a SIC trouxe ao mercado uma nova forma de apresentar a informação, sendo evidente o local de fabrico de notícias, e a TVI veio dar uma nova roupagem ao entretenimento, sobretudo com o aparecimento dos *reality shows*. Com o começo de mais canais presenciou-se o fim do monopólio televisivo e a concorrência instalou-se. Tal situação levou, inevitavelmente, a transformações, sociais, políticas e económicas. A audiência passou a ser entendida como público-alvo e a publicidade tornou-se o sustento dos canais portugueses (Santos, 2008 citado por Sobral, 2012). A RTP1 foi líder de audiências até 1995, ano em que foi destronado pela SIC, muito devido à assinatura de um contrato de transmissão exclusiva das telenovelas da Rede Globo em Portugal. Em 2000, o canal de Paço D’Arcos perdeu a liderança para a TVI em grande medida devido à forte aposta nas telenovelas nacionais. O canal de Queluz foi líder entre 2007 e 2019 consecutivamente. De 2019 até 2021, a SIC foi a escolhida dos portugueses registando 19.3% de *share*, de acordo com a imprensa.

Quase vinte anos depois de ter surgido nos EUA, em 1994, a televisão por cabo chegou a Portugal. Os canais temáticos “vieram aumentar a oferta de serviços televisivos no território nacional” (Sobral, 2012, p. 148). Ainda nos anos 90, constata-se o surgimento da RTP África, da RTP Internacional e da SIC Internacional. Em 2002/2003, a RTP passou por um período de enorme crise financeira, o que resultou numa intervenção do Estado no canal público através do programa “Fénix”. Na primeira década do século XXI surgiram mais dois canais temáticos, de índole informativa: a SIC Notícias, em 2001 e TVI 24 em 2009. De notar que, o canal de informação da estação de Queluz foi extinto, em novembro de 2021, com o surgimento da CNN Portugal.

Em 2008, começou o processo de transição da televisão analógica para a televisão digital terrestre (TDT). Este processo findou em 2012, ano estipulado pela União Europeia. A TDT trouxe mais um canal ao panorama televisivo português, o da Assembleia da República Portuguesa. Anos mais tarde foram também incluídos no TDT a RTP3 e a RTP Memória. “À parte da controvérsia que esta alteração trouxe, o objetivo central passou pela receção de imagem de alta qualidade através de novas plataformas” (Sá, 2015, p. 148).

Nos dias de hoje, em Portugal existe uma tendência para a concentração dos meios de comunicação e dos seus conteúdos em Lisboa. Tal deve-se, sobretudo, à crise financeira que os *media* atravessam e que se concretiza na redução do número de profissionais e na gestão de custos de deslocações. Em paralelo, são também contributos para esta centralidade e consequente falta de pluralismo nos meios de comunicação em Portugal, a concentração das principais empresas e eventos em Lisboa, bem como a localização na cidade das instituições governamentais do país. Acrescenta-se que a globalização⁴, marca identitária da atualidade, tem colaborado para o esquecimento do local, dos territórios periféricos ou rurais. Consequência deste fenómeno é, também, a crise de identidade que dela emerge. Andreia Ferreira, jornalista da Alto Minho TV garantiu, no *webinar* “A Televisão Regional do Século XXI” que a representação das regiões portuguesas nos meios de comunicação nacionais é reduzida. Em concordância está o jornalista Júlio Magalhães que, em declarações ao Diário de Notícias, em 2017, arriscou mesmo dizer que “os canais de Lisboa não querem saber do país para nada” (Leça, 2017, p.1). As catástrofes e as tradições populares, sem esquecer os nevões na Serra da Estrela e o corte de estradas são apontados por Pedro Jerónimo como os temas que retratam o interior de Portugal nas televisões nacionais. No entanto, o investigador garante que “o olhar (dos *media* nacionais) tem mudado, se calhar não tanto por via da informação, mas por via do entretenimento”.

⁴ A globalização “é uma rede complexa de processos de interligação de práticas económicas, sociais e simbólicas, a nível mundial” (Cunha, 2008, p.373).

Atualmente, e desde sempre, que os canais generalistas portugueses atribuem uma grande fatia das suas emissões a programas de informação, entretenimento, ficção e publicidade. No quadro regulatório português é evidente a luta pela diversidade e pluralismo informativo e de conteúdos. A Constituição da República Portuguesa contempla no artigo 37º a “Liberdade de Expressão e Informação”. Tal exigência associada à realidade mediática está também explanada no artigo 12º da diretiva europeia “Serviços de Comunicação Social Audiovisual” promulgada em 2010 e recuperada por Cádima (2017):

“a política de regulação no setor tem de salvaguardar um conjunto de interesses públicos tais como a diversidade cultural, o direito à informação, o pluralismo dos meios de comunicação social, a proteção dos menores, a defesa dos consumidores e reforçar a capacidade crítica do público e a educação para os media, agora e no futuro.” (Cádima, 2017, p. 31)

A Lei da Televisão dá também conta de obrigações gerais e específicas que os operadores televisivos devem cumprir no sentido de, em qualquer horário, serem apresentados programas diversificados e plurais – artigos 34º e 51º da Lei da Televisão. Apesar destas exigências legais, “os operadores de televisão, tirando o público (RTP 1), os canais privados (SIC e TVI), tendem a não contemplar, na sua programação, os interesses gerais e diversificados dos cidadãos, não assegurando uma informação que contribua para uma formação cívica dos espectadores” (Cádima, 2017, p. 35). Frisa-se que o canal público, não apresenta, por si só, a variedade temática exigida pela Lei da Televisão. Esta falta é compensada, pelo seu canal complementar, a RTP2 que assegura as transmissões de programas de matriz cultural. A diversidade equacionada na legislação também fica comprometida quando analisada a representatividade do interior de Portugal. O foco dos *media* portugueses são as principais metrópoles nacionais, sobretudo Lisboa. Dados recolhidos por Cunha (2008), relativos ao período entre 2003 e 2007 mostram que, no que concerne aos locais de ação das notícias exibidas na televisão: em 2003, 30.5% de peças exibidas nos telejornais portugueses incidiram sobre a capital, valor que aumentou para 38.4%, em 2007; em contraciclo está, por exemplo, a região Centro, em que praticamente todo o território é interior de Portugal. Esta região lusa contou, em 2003, com 10.7% de incidência das notícias dos telejornais nacionais e 9% das peças quatro anos depois. Note-se que “é função social da televisão dar acesso a representações credíveis e

confiáveis das diferentes identidades do país, tradições, costumes e valores” (Leça, 2017, p.15).

As operadoras de televisão em Portugal estão ainda obrigadas ao cumprimento de quotas. Legalmente são exigidos aos canais portugueses 20% de obras criativas em língua portuguesa e 50% dos conteúdos devem ser originariamente falados em português. “Para as percentagens referidas podem contar programas de outros países lusófonos” (ERC, 2021, p. 5). No grupo do canal público, no que diz respeito ao cumprimento dos 50% estipulados para programas originariamente de língua portuguesa, verifica-se que só a RTP2 não obedeceu a esta percentagem, nem em 2019 (47.8%) nem em 2020 (44.3%). Quanto à quota relativa ao número de obras criativas em língua portuguesa, segundo a ERC (2021), observa-se que a RTP2, a RTP3 e a RTP Madeira ficaram aquém dos 20% definidos, em 2020. No que diz respeito aos canais televisivos do grupo Impresa, constata-se que apenas a SIC (88.9% em 2020) e a SIC Notícias (93.8% em 2020) ficaram acima dos 50% dos programas originariamente de língua portuguesa. No que se refere à difusão de obras criativas de língua portuguesa os serviços SIC Mulher, SIC K, SIC Radical e SIC Caras não alcançaram a meta dos 20%. Quanto aos canais do Grupo Media Capital, sabe-se que todos cumpriram a quota da programação originariamente de língua portuguesa, com mais de 95%. No que toca às obras criativas na língua de Camões, apenas a TVI 24 não cumpriu os 20% definidos. A Lei da Televisão descreve ainda nos artigos 45º e 46º quais as quotas relativas à transmissão de produções europeias (mais de 50% da programação de cada canal) e independentes (10% da programação). Ao nível da produção independente, dados da ERC (2021) mostram que os serviços televisivos da RTP e da TVI cumpriram o objetivo de terem a maioria da sua produção europeia, em 2020. No grupo da SIC verifica-se que a SIC K, a SIC Radical e a SIC Mulher ficaram abaixo dos 50% veiculados para a produção europeia, em 2020. A SIC Notícias é o canal da SIC que mais tempo dedicou a produções europeias, 85.4%. Quanto aos 10% da produção independente definida, há a observar que, em 2020, na RTP, à exceção da RTP Memória, todos os canais cumpriam esta quota. A exceção da RTP Memória é fruto “da natureza da programação regular, em parte, da programação de arquivo da RTP, não sendo de considerar um incumprimento da norma” (ERC, 2020, p. 23). A SIC K (7.7% em 2020) e a SIC Mulher (7%) ficaram aquém dos 10% definidos para a produção independente. No grupo da TVI, a TVI 24 e a TVI Ficção tinham valores bem abaixo do determinado, em 2020 (3.3% e 0.9%, respetivamente), “o que resulta da natureza específica dos serviços de programação em análise e, no caso da TVI Ficção, a programação resulta da incorporação de obras de ficção de produção própria menos recentes” (ERC, 2021, p. 25). Todas as preocupações associadas ao pluralismo de conteúdos visam tornar os espetadores mais bem informados, críticos, interessados e ativos. Todos os pressupostos que foram referidos, dão razão à

crença de Dominique Wolton (2000) que alude que as sociedades em rede estão intimamente relacionadas com a implementação das democracias e da liberdade de expressão. Noutro sentido, surgem as considerações de Bourdieu (1997) que afirma que a televisão é, em si, um meio que impõe e ao qual é imposto um certo tipo de censura. O autor explica que, por exemplo, no que respeita aos convidados e à sua participação e comunicação na televisão, tudo é altamente condicionado: “o assunto é imposto, as condições de comunicação são impostas” pois “a limitação do tempo impõe aos discursos restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dito”(Bourdieu, 1997, p. 19). O poder político e a necessidade de sobrevivência financeira das empresas audiovisuais também contribuem, em parte, para um condicionamento, censura ou castração dos conteúdos que são transmitidos, umas vezes de forma consciente e outras inconscientemente.

2.3 - O consumo televisivo em Portugal

Tendo por base diversos relatórios da Entidade Reguladora da Comunicação (ERC) e da Obercom pode afirmar-se com total certeza que a televisão, é o meio mais consumido em Portugal. Esta inferência em nada foi colocada em causa com a pandemia vivida a nível global, apesar de ter sido notório que a situação pandémica vivida em 2020 e 2021 teve consequências nos hábitos de consumo dos cidadãos - “O consumo de media mudaram de forma muito significativa independentemente do seu grau de conectividade” (Obercom, 2020, p. 25).

O relatório “As novas dinâmicas de consumo audiovisual em Portugal”, datado de 2016, dá conta que, da amostra recolhida, 99% das pessoas assistem regularmente a programas televisivos. O mesmo relatório, recupera o Portal Statista que, em 2014, colocava Portugal como um dos países europeus onde o consumo de televisão era superior: “os portugueses consumiram, em média, 296 minutos de televisão por dia, 26% acima da média europeia que se situa nos 234 minutos” (ERC, 2016, p. 22). Embora as mulheres sejam o género que mais consome este meio, a diferença face aos homens é bastante diminuta (99.6% para 98.1%). Cerca de um quarto dos 1103 inquiridos no estudo da ERC, tinham, à data da investigação, apenas os canais generalistas portugueses por motivos económicos ou por completa satisfação das necessidades de consumo. De considerar que os conteúdos televisivos favoritos dos portugueses são a informação (89.5%) e as telenovelas (59.4%). De forma geral, verifica-se uma preferência do género masculino por informação, desporto e filmes e do género feminino por entretenimento e telenovelas. De realçar ainda que a maioria dos inquiridos do relatório da ERC relatam preferir assistir a televisão em direto (67.2%). Conteúdos como informação e desporto são os que menos impelem os

portugueses de recorrer às gravações. Embora Portugal esteja à frente da média europeia no consumo televisivo, a verdade é que este velho meio apresenta vital importância para todos os países europeus para o acesso “1) à informação, 2) a representações e 3) a estereótipos sociais” (Eurodata, 2019 & Eurobarometer, 2019 citado por Damásio, 2019, p. 22).

A pandemia de COVID-19 afetou o consumo de conteúdos audiovisuais, sobretudo nos períodos de confinamento. O relatório da Obercom (2020) revela que a geração Z (16-23 anos) foi a que mais alterou os seus hábitos de consumo durante esta fase. As plataformas de videoconferência foram a grande novidade associada aos consumos durante a pandemia. Destaca-se ainda que, no que concerne a conteúdos televisivos: 32.2% dos jovens entre os 16-23 anos consumiram televisão tradicional e 55.6% dos indivíduos da mesma geração optaram por conteúdos disponibilizados por plataformas de *streaming*; os *mileniulls* (24-37 anos) manifestaram, na sua maioria, uma preferência por conteúdos apresentados por empresas como a *Netflix* ou a *HBO* e 32.3% disse, no estudo da Obercom (2021), ser amante da televisão clássica; o consumo dos conteúdos da “caixa mágica” pela geração X (34 aos 56 anos) foi em muito semelhante ao da geração que a antecede, embora se verifique uma tendência de menor consumo de plataformas de *streaming* face à anterior geração (39.7%); por fim, a faixa etária acima dos 57 anos foi a que menos alterou os seus hábitos de consumo, sendo o uso de televisão tradicional de 26.7%. A televisão *offline* foi considerado o quinto meio audiovisual a ter mais mudanças de consumo durante o período de confinamento, de acordo com o estudo da Obercom. Estatisticamente, o relatório divulga que 65.8% dos indivíduos inquiridos não consideraram existir mudanças no consumo de televisão tradicional em relação a outros momentos da sua vida. A televisão *online* ficou em 11º no que toca às mudanças de consumo durante a pandemia, o que se traduz numa reduzida alteração face ao cenário pré- COVID. O visionamento de produtos em plataformas de *streaming* foi um dos conteúdos que mais alterações sofreu, apresentando-se 43.8% “diferente” do consumo realizado até então. O mesmo relatório, datado de 2021 e referente ao período de isolamento de março e abril de 2020, confirma que esta fase foi o responsável por um expressivo aumento das subscrições de plataformas *online* (40.7%) e da assinatura de canais pagos no serviço de televisão que a população já tinha (7.6%).

Embora a *internet* seja cada vez mais uma realidade a considerar ao nível de consumos digitais e também de consumo de produtos televisivos, a realidade é que a sua democratização, acesso e funcionalidades ainda não estão homogeneamente distribuídas pelos portugueses. Retomando o relatório da ERC (2016) sabe-se que 39.5% dos inquiridos não utiliza frequentemente a *internet*, o que representa, proporcionalmente, uma fatia considerável da população nacional. Portugal foi, em 2015, eleito o quarto país

Europeu com menor taxa de acesso à *internet*, talvez por isso, a televisão clássica, em Portugal, mantenha a força de outros tempos. Pode-se então deduzir que, de facto, a *internet* não se opõe à televisão, o que acontece é que “ela é apenas mais uma forma de enviar e receber a televisão” (Muller, 2009, p. 14). No mundo *online*, a televisão é um dos *media* menos procurado (21.7 %) pois a sua “oferta *online* está muito centrada no *streaming* e na disponibilização de programas já transmitidos, numa duplicação das funcionalidades oferecidas pelas *boxes*” (ERC, 2016, p. 6).

Em Portugal, a televisão representa um dos meios em que os consumidores têm mais confiança no acesso a notícias. De acordo com o “Digital News Report Portugal 2021”, dos mais de 90 mil inquiridos no estudo, 57.5% disseram optar por aceder a informação através da televisão tradicional. A televisão foi, e continua a ser vista, como o poço dos factos credíveis, existindo uma tendência de descrédito daquilo que surge nas redes sociais digitais. Embora o nível de preocupação quanto à desinformação seja semelhante entre 2020 e 2021, a verdade é que a deteção de conteúdos duvidosos em 2021 foi de 10.2% mais quase 4% do que no ano anterior (Obercom & Routers, 2021). Face a isto, revela-se que a televisão é a principal fonte noticiosa escolhida pelos espectadores (57.7%) registando mais 1.9% que em 2020. Segundo o “Digital News Report Portugal 2021”, as marcas, ou canais, mais procurados pelos portugueses, para o acesso a informação, foram os canais por cabo SIC Notícias e TVI 24. No que toca a outros conteúdos audiovisuais o que se constata é que durante a pandemia deu-se um aumento do pagamento de subscrições de acesso a jornais e revistas, bem como um aumento do consumo de *podcasts* e *media* locais e regionais.

2.4 - A ubiquidade televisiva: Televisão e novos meios

A televisão é um objeto que tem sido alvo de diferentes metamorfoses estéticas e funcionais. A existência de múltiplos ecrãs e de comunicação em rede impele a que a televisão se adapte a outros meios. Com as novas tecnologias e por via do aumento da digitalização dos conteúdos, para além do aparecimento de concorrência para a televisão, deu-se uma transição da passividade para a proatividade dos espetadores. “Apesar de conviver com novos meios de difusão e diferentes formas de consumo, a televisão mantém a sua centralidade tendo, no entanto, de ajustar-se a outros modelos de comunicação” (Sobral, 2012, p. 140).

Durante anos, pensar em televisão era considera-la uma “instituição com programas e conteúdos capaz de reunir o máximo número de pessoas em frente a um ecrã” (Français, 2015, p. 9). Televisão, era sinónimo de um consumo linear, de “um para todos”, feito em

frente a um ecrã. Numa primeira fase, o consumo de programas televisivos era imposto pelos horários de transmissão, mas numa segunda fase, esse condicionamento foi superado através das gravações nas *boxes*.

Em contraciclo, assiste-se atualmente, a um modelo de comunicação de “muitos-para-muitos”, onde todos os utilizadores se tornam produtores e consumidores. “Tal como a informação, os conteúdos televisivos estão presentes e acessíveis em cada vez mais locais e em aparelhos cada vez mais móveis e diversificados” (LabCom, 2015, p. 2). A multiplicidade de formas de acesso à televisão parece ser hoje, paradoxal visto que, por um lado, implica adaptação do meio às novas tecnologias, mas por outro, conduz ao exponencial crescimento da audiência (embora esta passe a estar concentrada noutras plataformas e dispositivos que não o televisor). Assim sendo, pode afirmar-se que hoje a televisão saltou de um ecrã, para vários ecrãs, sendo acessível em diversos dispositivos. Dá-se uma fragmentação da audiência e uma tendência para a personalização dos conteúdos apresentados. Tal consideração, induz a uma outra reflexão. O facto de a televisão ter mais concorrência faz com que os conteúdos e o mercado publicitário se dividam entre as várias plataformas digitais o que pode levar a abanões significativos nos serviços televisivos clássicos já que os canais comerciais destes se apresentam substancialmente mais caros e demasiadamente abrangentes em relação a redes como o *Facebook* ou o *Youtube*. Soma-se ainda o facto de os novos meios contribuírem para o aparecimento de novos agentes.

Pautadas pela interatividade, as plataformas digitais utilizam esta ferramenta como forma de melhor conhecerem a audiência e os seus interesses, numa cartada face à televisão visto que possibilita a distribuição personalizada e íntima de conteúdos. A tendência para o conhecimento profundo dos utilizadores pode levar, segundo Cádima (2015), a problemas de segurança na medida em que existe uma cuidada análise e gestão dos dados de quem navega na *internet*. A informação dos internautas é utilizada, posteriormente, como sustento da publicidade e quem navega corre o risco de estar exposto a entidades e empresas que não conhece – “os dados, hoje são uma matéria-prima privilegiada na economia em geral, já considerada equivalente ao capital ou ao trabalho” (Cádima, 2015, p. 90).

Elias (2021) define esta nova apresentação e distribuição da televisão, em múltiplos ecrãs, como “TV-fluxo”. Os novos *media* apropriaram-se da antiga “caixinha mágica”. O consumo tornou-se não linear e adaptado à mobilidade exigida pelas sociedades atuais. Para Jost (2015) não é a melhoria de tecnologia que dita a escolha do dispositivo em que assiste a conteúdos, mas sim “o desejo de intimidade ou, pelo contrário, a minha inveja em presenciar certos espetáculos” (Jost, 2015, p. 12). Assim, a questão passa a ser se o utilizar

deseja assistir a conteúdos, acompanhado ou sozinho. Ver televisão é agora um ato muito mais fragmentado, isolado e “cada vez mais individualizado mesmo dentro do mesmo lar” (Serra& Francisco, 2012 citado por Sá, 2015, p. 157). Considere-se, no entanto, que a ubiquidade vivida na contemporaneidade pela televisão, apenas reside nos dispositivos utilizados já que, se é verdade que a televisão está, por via da multiplicidade de ecrãs, em todo o lado, o mesmo não acontece no que concerne ao conteúdo. Os principais meios de comunicação estão em Lisboa e no Porto e não “em todo o lado”, como induz a ubiquidade. Para além disso, existe, como já explanado, uma forte tendência para a representação centralizada das informações, ficando a exposição das diversas regiões do país esquecida.

Torres (2018) explica no argumento “Televisão do Século XXI” que a generalidade dos cidadãos assiste a televisão e acede aos seus conteúdos. A diferença reside, hoje, no facto de este consumo ser realizado em diferentes locais, formas e dispositivos. Vê-se televisão em casa (nas mais diversas divisões: cozinha, quarto, sala), nos hospitais, nos cafés, nos restaurantes, no centro comercial, etc. Mesmo quando os espectadores não estão a par do que acontece nos programas de televisão, por desinteresse, por falta de hábito de consumo televisivo, ou por distração, os conteúdos chegam-lhes através das plataformas digitais e redes sociais digitais. Os vídeos no *Youtube*, os comentários no *Twitter* ou notícias de determinados *sites* de informação levam até ao espectador mais alheado, a informação do que se passa na “caixinha mágica”. O *smartphone* e o computador vieram, agora, ocupar uma fatia importante da atenção dada à televisão. A partir deles, e com um simples acesso à internet, os utilizadores podem aceder a todos os conteúdos que, tradicionalmente, seriam apresentados no televisor.

“A principal diferença foi a unificação das linguagens técnicas de todos os meios escritos, orais e visuais, num só, permitindo a presença de todos os tipos de conteúdo em qualquer meio e o seu acesso também à criação pelos utilizadores” (Torres, 2018, p. 13),

Ver televisão, nos dias de hoje, é uma atividade associada a outras multitarefas já que são poucas as pessoas que, quando assistem a um programa, o fazem exclusivamente. Assim, para além do espectador se tornar um utilizador ativo da televisão, nos seus mais diversos ecrãs, o consumo também não é feito de forma linear e exclusivo. Assistir a um programa é hoje, complementado com outras atividades domésticas, com a navegação nas redes

sociais digitais ou com a comunicação com pessoas que estão na mesma divisão ou noutro qualquer lugar. Resumidamente, “nós estamos a ver mais TV, mas em qualquer lugar”, ou seja, “tornámo-nos em *streamers* de meios móveis e lidamos com os nossos dispositivos como se estes fossem “o dispositivo total”, um perfeito e absoluto ecrã de *streaming*” (Elias, 2021, p-40).

Outra das alterações promovida pela existência de novos meios é a forma como a informação é recebida e interpretada. Ora, os meios tradicionais, dirigidos a uma massa indiscriminada da população, geram uma opinião homogénea e sustentada uma vez que todos assistem ao mesmo. Tal situação é substancialmente fomentada pela existência de líderes de opinião que encaminham o pensamento dos cidadãos face determinados assuntos. Todavia, nos novos meios de comunicação, e como resultado da fragmentação dos públicos e da individualização dos consumos, as opiniões e reflexões tornam-se heterogéneas. “Assistimos a uma hiper segmentação dos públicos, a um aumento do poder de escolha dos espectadores e a um desencontro das convivências do recetor e do programador” (LabCom, 2015, p. 1).

Em suma, na televisão clássica o espectador está sujeito àquilo que lhe é apresentado e imposto. Nas novas redes e plataformas digitais dá-se escolha livre dos conteúdos a que cada utilizador quer assistir, podendo, também, ele próprio tornar-se produtor de conteúdos. No entanto, a *internet*, embora vislumbre a total liberdade de escolha e acesso, na verdade, castra-a, uma vez que os algoritmos estão implementados no sentido de dar ao utilizador aquilo que este deseja ver, condicionando a sua abertura para o mundo. Os algoritmos, por exemplo, são responsáveis pela escolha automática daquilo que é apresentado aos utilizadores explica Jost (2015). Para além disso, os conteúdos dos meios tradicionais acabam por ir parar aos novos media, numa espécie de circularidade dos produtos audiovisuais. “De redes de poder passamos assim ao poder das redes” (Cádima, 2017, p. 21). Releva-se, no entanto, que este poder perde a força quando dirigido ao interior de Portugal. Se, por um lado, os meios de comunicação nacional não apostam em conteúdos plurais e abrangentes no que respeita à ação territorial, por outro, constata-se também que os meios regionais não têm presença suficientes nas redes para se fazerem notar. Por mais que a audiência seja expressiva, nunca será a suficiente pois estes projetos dirigem-se a nichos muito específicos: “(...) não há dúvidas que se identificam nódulos de produção mediática significativos, mas também não há dúvidas que a sua abrangência é limitada” (Cunha, 2008, p. 377).

A partilha, o trabalho em rede e a interatividade transformam-se nas pedras basilares dos novos meios. Os novos meios não colocam barreiras nem à entrada de mais audiência, nem à produção de conteúdos. Este cenário induz a uma inevitável “remediação” visto que

a não linearidade e a catadupa de informação colocam em causa as tradicionais formas de mediação dos conteúdos. Sem um canal a divulgar determinado facto, a disseminação de inverdades ou de conteúdos que deturpam a realidade torna-se mais simples, sendo necessário contrariar essa tendência. Em grande medida, esta remediação é promovida por motores de busca como a *Google*. Por seu turno, Cádima (2017) relembra que Marozov define o período atual como de “hipermediação” por considerar que todos os utilizadores se tornam intermediários dos conteúdos, promovendo, à partida, uma série de filtros. As partilhas e os gostos ditam aquilo que irá ser o cenário digital dos utilizadores e “ensinam” os algoritmos a satisfazer os desejos e necessidades de cada internauta. O conteúdo semântico, as plataformas de “BigData” e, por exemplo, as tendências no *Twitter* podem, de acordo com Cádima (2013), ser considerados como aspetos de mediação de conteúdos automaticamente: “a digitalização aumentará e não reduzirá, o número de intermediários, na nossa vida pública” (Marazov, 2012 citado por Cádima, 2013, p. 26).

Muitas vezes, plataformas como a *Google* ou a *Amazon* são consideradas como impositores da diversidade informativa. Como tal, tem-se vindo a exigir, ao longo dos últimos anos, a regulação destes mediadores. Esta questão levanta-se sobretudo ao nível financeiro na medida em que as empresas que criam os conteúdos acabam por ver o seu trabalho disseminado, sem existir qualquer reembolso das visualizações que determinado produto tem, pois, os lucros são dirigidos apenas às plataformas que os distribuem. – “Os criadores de conteúdos não recebem, apesar de parte ou da totalidade de cada conteúdo ser a base da receita da *Google*” (Balsemão, 2013 citado por Cádima, 2013, p.33).

Muitos são os autores, que vaticinam que o aparecimento de novas tecnologias em paralelo com a sua rápida evolução, são responsáveis pelo fim da televisão tal como ela existia até então. O famoso jornal *Washington Post*, por exemplo, avança que “a TV está obsoleta” (Muller, 2009, p. 12). No entanto, também existem muitos académicos e pensadores que consideram que não se trata do fim do meio, mas sim de uma reconfiguração, ou reapresentação - “Para os Estudos Televisivos não há “a” televisão, mas muitas televisões” (Torres, 2018, p. 21). Por outras palavras, “a televisão já não é o novo e o mais recente meio, está em mudança: já não é o que foi e ainda não é o que será” (Gradim, 2015, p. 71). Simplificando, a televisão não morreu, o que se alterou foi a experiência de consumo a ela associada. Deu-se a transição de uma televisão definida por Serra (2015) como “em fluxo” para uma “em stock”. Seja como for a televisão clássica “terá sempre o privilégio de mostrar o mundo em direto” e de “jogar com a incerteza” (Jost, 2015, p. 23/24). Assim, a televisão não está morta, está sim mais flexível, mais influenciável e acessível que nunca.

2.5 – A produção televisiva e a cultura de massa

Definir o que é “cultura” pode não ser uma tarefa simples já que esta se espreme num “terreno indeterminado” (Ruivo, 2006, p. 7). A cultura enquadra-se num cenário de “representações simbólicas” que definem o ambiente social em que é aplicada. Falar em cultura é falar, simultaneamente, de um fenómeno que promove a globalização de ideais, mas que o faz por via do particular e da individualização. No fundo, cultura é uma espécie de apêndice social que propõe a existência de autoconsciência da sociedade. Desta forma, é de fácil entendimento que os conteúdos televisivos, independentemente da plataforma onde são distribuídos, produzam “representações que codificam a realidade e a tornam acessível através de histórias individuais ou coletivas” (Damásio, 2021, p. 21). As referidas representações são simbólicas e semânticas.

Tendo em consideração o texto “O iluminismo como mitificação das massas”, presente na obra “Indústrias Culturais e Sociedade” (2002), pode considerar-se a televisão tradicional como uma indústria cultural e as suas novas versões (*streaming*), considerando que são uma forma de produção televisiva, como indústrias culturais e criativas. A lógica de distribuição da TV clássica é de “um para todos” (como já referido) e acolhe formatos como noticiários, programas de entretenimento, concursos, telenovelas e *reality shows*. A receção da televisão clássica é generalizada, igualitária (toda a audiência consome os mesmos conteúdos) e massificada. A televisão tradicional adota o sistema de “fórmula”, típico de uma indústria: criação de produtos em série sabendo-se, à partida, que geram audiência. “A fórmula tomou o lugar da obra” (Adorno & Horkheimer, 2002, p. 9). Este facto decorre da preocupação do mercado televisivo com as receitas: o sucesso de um conteúdo televisivo gera mais público e, consequentemente, mais procura publicitária e lucro. Pode dizer-se que a “mesmissidade” apontada por Adorno e Horkheimer (2002) é a pedra de toque para o sucesso destes conteúdos, uma vez que, não defraudam as expectativas da audiência e mantêm viva a economia das empresas. De notar que, muitos conteúdos difundidos pela televisão clássica não promovem qualquer tipo de reflexão, apenas entretêm – “a televisão tem uma espécie de monopólio, de facto, sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população” (Bourdieu, 1997, p. 23). Assim, a televisão clássica está intimamente ligada a uma “cultura de massas” que muitos denominam por “antidemocrática” uma vez que não contempla as especificidades de cada indivíduo. Neste sentido, diz-se que “no que diz respeito à televisão, mais do que outros canais, é o produtor que produz o consumidor” (Sartori, 1997 citado por Ruivo, 2006, p. 10). Em contrapartida, existem estudiosos como Dominique Wolton (2000), que consideram que as televisões generalistas são democráticas pois promovem a heterogeneidade e possibilitam a consciência de existência do outro contribuindo para a

coesão sociocultural. As indústrias culturais, entre as quais se destaca nesta investigação, a televisão, são amantes de estereótipos (conceitos amplamente explorados no capítulo 4 desta dissertação). O recurso a representações culturais predefinidas contribui para facilitar a capacidade de apreensão do consumidor, “tudo o que surge é submetido a um estigma tão profundo que, por fim, nada aparece que já não traga antecipadamente as marcas de jargão sabido e não se demonstra à primeira vista, aprovado e reconhecido” (Adorno & Horkheimer, 2002, p. 11). Apesar de tudo, os autores mencionados afirmam que a indústria cultural “permeia a indústria do divertimento” (Adorno & Horkheimer, 2002, p. 18). As indústrias culturais são, pois, peritas na manutenção da frustração e necessidade de consumo, procurando-se a satisfação. Outros dos seus objetivos residem na necessidade de identificação dos consumidores. Há até quem goste de comparar este fenómeno ao *fast food* já que são ambos produtos que satisfazem desejos, são rápidos de “processar” e não exigem grande consciência de consumo.

A televisão por cabo surgiu como precursora dos objetivos das plataformas de *streaming*. Ambos os casos pertencem, por sua vez, às indústrias culturais e criativas promovendo a migração do público para canais especializados ou para o digital. Aqui, o método de produção aposta sobretudo na personalização e na criatividade dos conteúdos incitando o espírito crítico. Tal situação de dispersão de público faz com que a população não possua uma coesão temática, sobressaindo a individualização e a falta de comunicação entre pares. A elevada oferta existente faz com que os espectadores sejam desafiados a selecionar e escolher os produtos audiovisuais a que desejam assistir: “assim, como cabe a cada um de nós escolher os livros que queremos ler, do mesmo modo, cabe a cada indivíduo, escolher a programação televisiva a que quer assistir e àquela a que assiste, julga-la de acordo com as suas crenças e a sua maneira de pensar” (Ruivo, 2006, p. 29). O facto de o consumidor ser dono das suas próprias escolhas, faz com que a sua velocidade de consumo seja muito superior e com que a sua exigência aumente. Estes factos, exigem a criação rápida de conteúdos e sua fácil moldagem às diversas plataformas. Mais uma vez, se se efetuar uma comparação com a gastronomia, compreende-se que se trata de uma “refeição gourmet” onde tudo é pensado com o objetivo de ser surpreendente. Para além disso, não se trata mais de um qualquer consumo de mercadoria cultural, mas sim do disfrutar de algo pelo qual se é crítico. Afasta-se a passividade e surge a necessidade e vontade pessoal de consumo. No fundo, as narrativas estão a mudar, o que exige da parte de quem produz uma maior sofisticação e o que implica um maior envolvimento emocional por parte dos indivíduos, considera Damásio (2021). No entanto, quando considerada a situação do interior de Portugal e por consequência da escassez da sua representatividade nas televisões tradicionais, coloca-se a questão do poder de escolha dos residentes nesta zona do país. De forma geral, estes cidadãos não podem acompanhar, por

opção, aquilo que acontece na sua região pois são reduzidos os casos em que a sua “casa” é retratada e apresentada nos principais meios de comunicação. A criação de televisões digitais no interior do país é uma mais-valia que visa suprimir esta dificuldade, conforme será explicado no subcapítulo 2.6.

Pensando sobre a perspectiva do espectador, constata-se que este, quando efetua um consumo banal dos conteúdos televisivos, não compreende aquilo que vê pois não questiona, mas quando dá asas ao pensamento, o espectador “só se engana quando quer”⁵(Wolton, 2000, p. 70).

Conclui-se, desta forma, que assistir a televisão tornou-se um comportamento complexo e com várias variáveis a considerar. É necessário ter consciência de que “a televisão de ontem não é a televisão de hoje” (Serra, 2015, p. 3).

2.6 – A TV e o interior de Portugal

“Nós vamos a Ponte de Lima quando há a “Vaca das Cordas” e decidimos fazer uma peça tradicional ou então porque aconteceu uma desgraça qualquer. Nós não vamos lá no dia-a-dia, saber como eles vivem, como olham para os desafios - que nós encaramos nas cidades, mas que eles, fora dos grandes centros, encaram de outra forma” (João Fernando Ramos in *Televisão Regional do Século XXI*, abril de 2021).

Portugal vive numa crónica dependência face a Lisboa, não só ao nível dos conteúdos, mas também ao nível da distribuição. Os canais generalistas portugueses dão protagonismo à capital e as outras regiões de Portugal são vistas como “o resto do país”. O inquérito “Jornalistas e questões laborais: retrato de uma profissão em transformação”, publicado em 2017, dá conta que 63.7% dos jornalistas portugueses trabalham em Lisboa e que 16.6% dos profissionais estão distribuídos por oito distritos nacionais, quatro dos quais no interior de Portugal (Guarda, Viseu, Vila Real e Bragança). Tais dados explicam as ilações do “*Digital News Report 2021*” que enuncia que 32.7% da população portuguesa diz que a cobertura jornalística da sua área geográfica é insuficiente. Ora, estes dados permitem

⁵ Tradução livre de: “es falso dicir que el telespectador se deja enganar por lo que ve; cuando es enganado es porque quiere” (Wolton, 2000, p.70).

inferir que, inevitavelmente, as notícias e conteúdos televisivos irão refletir, necessariamente, os locais onde os jornalistas e cientistas da comunicação estão e aos quais conseguem chegar. A globalização e o apogeu lisboeta leva à perda da identidade nacional e, sobretudo, local – parte considerável da população não se sente representada na televisão de hoje. Desconhecem-se as tradições, esquecem-se as vivências, imaginam-se gentes que não existem e torna-se uma incógnita a forma como as populações fora dos centros urbanos lidam com os desafios e com os problemas colocados a toda a sociedade.

Dos canais generalistas, a RTP1 foi o que, ao longo dos tempos, mais tentou reverter esta realidade. Durante vários anos, o canal público português teve delegações espalhadas por vários pontos do país, embora a sua força se tenha esvanecido com o tempo (em 2003/2004 fecharam a maioria das delegações da RTP). O relevo atribuído às regiões nacionais foi contemplado, a partir de 1965, através de programas como “Bom Fim-de-Semana” e “Terras de Portugal”. Estes programas visavam representar e mostrar as tradições e gentes dos diversos pontos do país. A aposta nos *media* regionais pela estação de televisão pública portuguesa fica também clara com a abertura dos dois canais públicos regionais, ainda nos anos 70: a RTP Açores e a RTP Madeira. Fernandes (2017) considera que o programa que se debruçou claramente pelas regiões portuguesas foi “País País” (1978). Embora tenha tido sempre a mesma espinha dorsal, este programa sofreu algumas alterações no que diz respeito à sua designação. Nos anos 90, “País País” era “Regiões Magazine”. Em 1997 arrancou a transmissão do conhecido programa “Regiões” que era produzido pelas diferentes delegações da RTP. O programa era desdobrado em diversas transmissões e continha notícias, entrevistas e reportagens somente regionais e locais.

Quanto aos canais privados de carácter regional apontam-se baterias para a “Invicta TV”, que surgiu em 2006 e que hoje é a “Regiões TV” e o “Porto Canal”, estação criada em 2008. Ambos os canais apresentam, desta vez, não um enfoque na capital portuguesa, mas na segunda maior cidade do país, o Porto, salpicando alguns dos seus conteúdos pela região Norte de Portugal.

É, pois, pertinente a questão que o investigador Pedro Jerónimo deixou na conferência “Televisão Regional do Século XXI”: “Em Portugal, que canal de televisão é que nós temos que seja verdadeiramente nacional, do ponto de vista da sua cobertura e da sua distribuição?”

Nos anos 80 surgiram algumas televisões regionais, sobretudo nas áreas metropolitanas do Porto e Lisboa, porém não vingaram. Segundo Fernandes (2017) deu-se uma “morte à nascença” destes projetos por questões económicas, legais, técnicas e políticas. Entre 1995 e 1997 ocorreu um movimento para a legalização das televisões regionais, embora sem sucesso.

A desvalorização do interior do país nos *media* foi, assim, colmatada pela existência de meios de comunicação de proximidade, como as *web* TVs locais, que gravitam sobre o conhecimento do local e daquilo que rodeia, de facto, as populações. O jornalismo de proximidade, por exemplo, surge “da premissa de não sabermos o que passa na nossa rua, mas conhecemos o que é notícia no outro lado do globo” (Leça, 2017, p.2).

A implementação de televisões locais ou regionais na *internet* deu-se tardiamente. A primeira *web* TV, a “Famalicão TV”, surgiu em 2005. Em 2020 foram contabilizadas a existência de 29 televisões desta índole em Portugal, sete das quais sediadas no interior de Portugal e registadas na Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Tabela 2 - *Web* TVs sediadas em municípios do interior de Portugal registadas na ERC

Distritos	Web TVs
Viana do Castelo	- Alto Minho TV (sede em Paredes de Coura) - Peneda Gerês TV (sede em Arcos de Valdevez)
Bragança	- Canal N (sede em Mirandela)
Guarda	- Beira Alta TV (sede em Celorico da Beira)
Coimbra	- Centro TV (sede em Oliveira do Hospital)
Castelo Branco	- Beira Baixa TV (sede em Castelo Branco)
Portalegre	- TV Guadiana (sede em Elvas)

Da autoria da investigadora

Considere-se que, para esta contagem (sete *web* TVs), não são contemplados canais que não estão regulados, embora existam em redes sociais, e *media* que, embora faça cobertura de algumas regiões do interior de Portugal, têm a sua sede noutras áreas (como por exemplo: Tâmega TV – sedeada em Amarante; TV Algarve – sedeada em Almancil).

As *web* TVs são consideradas como um veículo de proximidade com os acontecimentos e são analisadas como um “lugar de cidadania”, diz Fernandes (2017). O mesmo autor garante, recuperando as ideias propostas por Coelho (2005) ou Maragos (1998), que as *web* TVs “podem influenciar de forma positiva o desenvolvimento regional e a valorização do espaço cultural e social” (Fernandes, 2017, p.95). Esta nova forma de fazer televisão reforça os vínculos afetivos com as regiões de origem, fortalece a literacia das comunidades por via do acesso à informação e promove atividades e instituições locais. No fundo, as televisões locais procuram ocupar o lugar que está a ser decorado pelas televisões ditas nacionais.

“Estes produtos (regionais) funcionam, simultaneamente, como agentes de globalização – ao perpetuarem comportamentos, formas de pensar e valores simbólicos globais – e de aprofundamento regional, recuperando ou reforçando espaços simbólicos, culturais e locais” (Cunha, 2008, p. 377).

As web TVs e o seu desenvolvimento são condicionadas pelos modelos de financiamento. Para além de estarem dependentes de apoios de empresas locais e dos municípios a que pertencem, levantando-se questões de independência, facto é que a sua expressividade no *online* não é o suficiente para a rentabilização financeira dos projetos. Dirigindo-se a parcelas do mercado, sabe-se de antemão que a audiência dos conteúdos televisivos *online* será limitada, o que conflui em reduzidas receitas pois as plataformas digitais funcionam por números de visitantes, de partilhas, etc.

As televisões locais ou as *web* TVs apresentam alguma vulnerabilidade no que concerne à verdadeira aceção do conceito de “televisão” já que este dita uma emissão linear e continua dos conteúdos, característica não contemplada nestes projetos comunicacionais criadas *online*. Em muitos casos, as chamadas *web* televisões têm uma componente escrita, que garante a atualidade noticiosa e a componente visual, sob a forma de vídeo, que trata histórias e particularidades de cada território.

Fernandes (2017) elenca três contributos legais para a implementação deste tipo de canais. Em setembro de 1990 emerge a possibilidade, contemplada na Lei nº 58/90, de serem criadas as televisões locais, embora “remetendo a regulamentação final para ocasião futura” (Fernandes, 2017, p. 92). Oito anos depois ficou legislada a possibilidade de existirem televisões regionais, embora a sua distribuição tivesse de ser por cabo. Já a Lei nº 27/2007 abriu portas para que as televisões locais pudessem ser distribuídas através de plataformas digitais – a distribuição ao público é realizada “através de redes de comunicação eletrónicas” (Lei nº 27/2007, nº 2). Em novembro de 2020 foi publicado em Diário da República uma lei⁶ que transpõe para “uma ordem jurídica interna” legislação europeia e nacional, segundo as quais televisões “convencionais” e canais de distribuição de conteúdos na *internet* são obrigados ao registo na ERC e à regulação por parte desta., com tudo o que ambas as situações acarretam.

Seja como for, estes projetos nacionais têm um papel de afirmação da cultural local, visando colmatar, tratar e disponibilizar a informação local. A estas televisões que

⁶ Lei 74/2020, 19 de novembro

fomentam a proximidade associa-se o “reconhecimento da importância de (re) visitar territórios e comunidades e (re) descobrir identidades” (Correia & Jerónimo, 2020).

Nos últimos anos tem-se agudizado a preocupação dos canais generalistas no que diz respeito à representatividade das diversas regiões do país, nomeadamente, o interior de Portugal, no que concerne aos géneros exibidos. Ao nível da informação, por exemplo, a RTP1 mantém o programa “Portugal em Direto”, a extinta TVI 24 tinha o “País 24” e a CNN Portugal investiu numa rede de proximidade com diversas televisões locais ou regionais. No que toca ao entretenimento, o destaque vai para o “Somos Portugal” (TVI), “Domingão” (SIC), “Verão Total” (RTP1), “Maravilhas de Portugal” (RTP1) ou “Mesa Nacional” (TVI), programas que percorrem a totalidade do território nacional, dos grandes centros urbanos, às aldeias mais remotas do interior.

Olhando para o desenvolvimento da televisão como uma Era, diz-se que esta contempla a transição de um momento “paleo” para uma fase “neo” e, hoje, para um período “hiper”. A “paleotelevisão”, também denominada como *pull* por Damásio (2020), associa-se à ideia de instituição cujo objetivo é promover a pedagogia e a disseminação dos saberes. De forma metafórica, considera-se que na “paleotelevisão”, “os telespectadores compõem uma espécie de *grande classe* e onde os produtores de televisão seriam os professores” (Casti & Odin, 2012, p. 9). Este tipo de televisão caracteriza-se pela constante repetição e aplica-se a qualquer género televisivo. A paleotelevisão está, segundo Lopes (2009) relacionada com o início da televisão e, consequentemente, ao monopólio instaurado pelo Estado. Esta forma de televisão está intimamente ligada com a sua premissa de serviço público. Por seu turno, a “neotelevisão”, também denominada como *push* (Damásio, 2021) rompe com os cânones pedagógicos e promove uma maior interatividade e envolvimento dos espectadores nos programas. A “neotelevisão” é equiparada a uma “televisão convívio” que interpela, questiona e acolhe a opinião de quem vê. “Já não é mais uma questão de transmitir um saber, é sim deixar o convívio livre para a troca e confrontação de opiniões” (Caseti & Odin, 2012, p. 11). Na “neotelevisão”, os produtores televisivos e os espectadores estabelecem entre si uma relação de diálogo fluído, com existência de debates no cotidiano. Cotidiano parece ser a palavra de ordem para este formato inovador de televisão na medida em que, tudo em televisão é apresentado de acordo com o dia-a-dia e com a atualidade. Por exemplo, a hora a que determinado programa é exibido está relacionado com os hábitos de consumo dos espetadores. O mesmo acontece quanto ao cenário. Este visa ir ao encontro das “casas normais” de quem vê de forma a gerar identificação. O objetivo é que o espectador se sentia acolhido pelo produto televisivo a que assiste, procurando-se, pois, atribuir a cada programa um elevado valor de familiaridade. Na “neotelevisão” o programa perde a sua rigidez e pode não possuir continuidade. Para além disso, “tudo fica cada vez mais rápido” (Caseti & Odin, 2012, p.

11). Caseti e Odein (2012) estabelecem uma comparação que dá conta que: por um lado, na “paleotelevisão”, é exigido a quem vê um desenvolvimento cognitivo e afetivo adaptado àquilo a que se assiste, sendo o consumo realizado de forma social ou em coletividade. Por seu lado, a “neotelevisão”, induz a mutação própria dos comportamentos conforme as imagens e os sons transmitidos, sem o objetivo base de aprendizagem. Neste contexto, assiste-se a uma individualização do consumo e a um incentivo à interatividade e participação dos telespetadores. O objetivo não é aprender ou compreender aquilo que se vê. O que se pretende é que as pessoas passem mais tempo em frente à televisão. Os autores resumem dizendo que “na neotelevisão não assistimos a um novo modelo de comunicação, mas ao desaparecimento da comunicação e à sua substituição por um modelo epidémico e estratégico, fundamentalmente antissocial” (p. 13). Face a esta dicotomia, Wolton (2000) é perentório: “a televisão é um espetáculo e não pode ser uma escola com imagens”⁷ (Wolton, 2000, p. 71). A novidade surge com a chegada da “hipertelevisão”, virada para o digital e para a interatividade. Esta nova fase da televisão dá ao telespetador a opção de escolha, só se vê o que se quer e o que se gosta, o que pode “amputar uma parte importante do espaço público democrático” (Lopes, 2009, p.17).

A evolução da televisão portuguesa e a representação do interior de Portugal pode ser analisada à luz desta “Era Televisiva”. Numa breve reflexão, conclui-se que, durante várias décadas, Portugal viveu a era do monopólio, com total controlo por parte do Estado e na qual o principal objetivo era a promoção do saber e das normas salazaristas. Depois, com a abertura do mercado televisivo, chegou-se à era da concorrência, da neotelevisão, que proporcionou uma abertura da televisão ao mundo e a diferentes realidades. O telespetador passou a ser atraído pelos conteúdos televisivos, não só pela sua projeção na tela, mas também pela identificação com aquilo que via – “o tempo, o espaço e as formas de interação no dia-a-dia do telespetador encontram na TV o seu reflexo e o seu impulsionador” (Lopes, 2009, p.16). A neotelevisão acompanhou os desenvolvimentos tecnológicos e tornou-se global. Embora o leque de possibilidades tenha aumentado, no que respeita aos conteúdos produzidos, certo é que parece ter existido uma segmentação daquilo que tinha interesse. Lisboa, a Europa e o mundo passaram a ser a moda, ditaram as formas de estar e foram ouvidas como detentoras dos principais problemas e desafios da sociedade. Ora, o digital trouxe a fragmentação das audiências e contribuiu para uma certa cisão da coesão social. Olha-se de novo para dentro. As regiões voltam a ganhar fulgor e importância, lutam pela preservação da sua identidade e pela ocultação das suas dificuldades. O interior de Portugal é, na atualidade, muito ecoado pelas *web* TVs que dão voz às comunidades.

⁷ Tradução livre de: “La televisión es un espectáculo y no puede ser una escuela con imágenes” (Wolton, 2000, p.71).

CAPÍTULO 3 - O fenómeno das telenovelas

3.1 – História, evolução e definição das telenovelas

As telenovelas não são hoje aquilo que foram noutros tempos. As telenovelas, o oxigénio da televisão, são fruto de outros meios de comunicação e formatos. Na perspetiva de Rebouças (2009) e Guerreiro (2019) foram vários os pilares necessários para a conceção da telenovela atual.

Tudo começou no século XIX com a leitura e interpretação de obras antigas. Seguiu-se o período da Idade Média onde eram recorrentes os saraus: os “encontros geralmente na corte onde se liam textos acompanhados de música e as novelas da cavalaria” (Rebouças, 2009, p. 2). O Renascimento foi, por seu turno, uma época que deu grande força a este formato. Contudo, são diversos os investigadores que situam a origem da telenovela no aparecimento do folhetim, em 1842, nos jornais diários. O primeiro folhetim foi “*Eugéne Sue Os Mistérios de Paris*” publicado pelo jornal francês “*Debáts*”. O folhetim era um conteúdo diário que apresentava histórias permanentemente adaptadas aos gostos, expectativas e interesses dos assíduos leitores – “é como se o folhetim se escrevesse a si próprio” (Torres, 2012, p.1 citado por Guerreiro, 2019, p.5). Tratava-se de uma narrativa literária e ficcional cujos pontos nevrálgicos eram, segundo Guerreiro (2019), o melodrama, a tensão e a ação. A autora elenca também algumas características deste tipo de narrativa tais como: o elevado número de personagens, um enredo muito rico, a organização por episódios e a premissa de resolução dos problemas no folhetim seguinte, com o objetivo de impelir a sua compra. Nesta época, vários autores escreviam histórias em jornais sendo que a sua narrativa findava em momentos de suspense, garantindo a compra do folhetim no dia seguinte. Torres (2015) explica que o folhetim podia ser considerado um produto das indústrias culturais, na medida em que, a título de exemplo, Alexandre Dumas tinha uma oficina com vários argumentistas que escreviam guiões segundo a sua vontade. Com uma forte natureza democrática, o folhetim, era lido por pessoas de qualquer classe social. Assim, pode constatar-se que o folhetim visava a fidelização das massas, tentava agradar aos leitores e proporcionava uma forte ligação entre autores e leitores. Com o tempo, o parente ancestral da telenovela sofreu algumas mutações com vista a ajustar-se a outros *media* tais como a rádio, o teatro, a fotonovela, a banda desenhada e o cinema.

O formato mais próximo das telenovelas, como elas se apresentam na atualidade, foram as radionovelas ou as também designadas telenovelas radiofónicas ou folhetins radiofónicos. Cuba foi o país pioneiro neste fenómeno (Paixão da Costa, 2002 & Guerreiro, 2019), com a

implementação de histórias de aventuras e dramas, pensadas e direcionadas para rádio, em 1934. Até aqui, o mais semelhante que tinha sido feito, por nações como a Alemanha, os Estados Unidos ou o Brasil, foi a transmissão para rádio de peças de teatro já existentes. As radionovelas eram uma forma de arte sequencial que privilegiava a paisagem sonora e a criação de imagens mentais. As radionovelas tinham “como objetivo narrar histórias dos mais variados grupos e estilos” (Rebouças, 2009, p. 3). O surgimento da televisão trouxe, portanto, imagem àquilo que, até então, era apenas uma história narrada através do som, dando origem às telenovelas.

Jorge Paixão da Costa (2002) reitera que a substancial diferença entre aquilo que era transmitido pela rádio, face ao atual panorama, é a transição daquilo que, até então, era apenas ouvido, para algo que pode ser visto. O autor defende que existe uma importante e inquestionável evolução da “*soap opera* radionovela para a *soap opera* telenovela” (Paixão da Costa, 2002, p. 105). A evolução tecnológica é inequívoca, mas a verdade é que as mudanças entre as narrativas radiofónicas e televisivas também se faz sentir. Se, por um lado, as radionovelas recorrem a um número mais limitado de personagens, usam sons fortes e marcantes, evitam as pausas e primam pela vivacidade narrativa, que está vertida na voz, por seu lado, as telenovelas distinguem-se, como será caracterizado neste capítulo, por vastos elencos e expressividade visual, onde nem sempre as palavras reinam.

Assim, é possível estabelecer uma cadeia de proximidade entre diversos meios de comunicação e a telenovela. Por um lado, esta “fábrica dos sonhos”⁸ apresenta algumas semelhanças, sobretudo ao nível narrativo, com o seu “bisavô” (Torres, 2016), o folhetim. Por outro, a rádio aproxima-a daquilo que viria a ser - embora ainda sem imagem, os folhetins radiofónicos já comportavam as principais características das telenovelas. A *soap opera* americana representa uma significativa proximidade com a telenovela, já com imagem. Esta contiguidade apresenta, no entanto, algumas diferenças (expostas a seguir). A total dependência dá-se entre a televisão e a telenovela pois subordinam-se mutuamente, sendo o sucesso de uma, a liderança da outra.

A produção ficcional televisiva teve e tem grande força nos países da América Latina, como o Brasil, o México ou a Venezuela. Ainda nos dias de hoje, o Brasil é considerado a capital da produção telenovelistica televisiva global e/ou o “berço da incubação dos padrões narrativos, estéticos e plásticos”, sem esquecer os enormes contributos para o desenvolvimento tecnológico (Damásio & Paixão da Costa, 2018, p.237). No entanto, há a

⁸ “Fábrica de sonhos” é uma expressão aplicada como sinónimo de “telenovela”. Esta designação provém das diferentes características da telenovela: a) Tal como numa fábrica, também as telenovelas recorrem à produção em série; b) a telenovela é uma potenciadora do imaginário; c) tudo é possível nas telenovelas, dos sonhos às impossibilidades do mundo real; d) a identificação da audiência advém, não só do facto de esta se rever naquilo que é transmitido, mas também na projeção que o público faz da sua vida nas telenovelas, onde os maiores sonhos e objetivos podem ser concretizáveis. Assim, as telenovelas são uma fábrica que potência a capacidade de sonhar.

considerar o esforço de produção de outros países como os Estados Unidos da América e Portugal. Todavia, a definição, conceito, aplicabilidade, modo de produção e formas de consumo de produções ficcionais variam de país para país.

Por um lado, nos Estados Unidos da América fala-se das *soap operas* (termo que hoje se associa a telenovelas, mas que começou por ser aplicado às radionovelas) produtos regulares onde se tem como objetivo a normalização e a exibição de tramas com temáticas padrão. Aqui, as históricas contam, apenas, com uma intriga principal e a sua continuidade é ilimitada. A designação *soap opera* está associada aos primeiros patrocínios destas produções, normalmente, produtos de higiene ou limpeza. “*Soap*” significa “sabão”, que remete para os financiadores dos projetos, e “*opera*” alude ao significado subjacente ao estilo musical. Refere-se ao tradicional drama e intensidade destes programas televisivos. “Foi a partir da simbiose entre a indústria televisiva norte-americana e o grande desenvolvimento da área publicitária, que surgiram as razões nucleares de um conteúdo (*soap opera*) que iria servir de modelo ao género” (Paixão da Costa, 2002, p. 107). Os patrocínios referidos, e as atuais promoções realizadas aquando da transmissão de telenovelas, têm implicações na narrativa. A produção de *soap operas* é realizada de acordo com os horários de exibição dos conteúdos e o público - alvo a que eles assistem. Isabel Ferim Cunha defende que este formato “é um género criado para integrar vários elementos da tradução literária ocidental como o apelo emocional, os problemas conjugais e de família, entre outros” (Alves, 2012, p. 139). Nas *soap operas*, o quotidiano faz parte da vida das personagens.

Por outro lado, as telenovelas, nome atribuído, por exemplo, em Portugal e no Brasil a este tipo de formato, distinguem-se pela sua exibição diária em horário nobre, pelo maior espectro de consumo - já que se dirige às famílias - e pelo maior impacto cultural. As histórias das telenovelas estão recheadas de várias tramas, principais e secundárias, numa longa jornada de exibição televisiva. De acordo com Torres (2015), nas telenovelas “estabelece-se um enigma, cria-se um atraso na resolução desse enigma e, por fim, cria-se a resolução desse enigma” (Torres, 2015, p.32). Para o autor existem três tipos de enigma ou intriga: a principal (normalmente ocorre entre os protagonistas e só se soluciona no final da telenovela), a média (casamentos, mortes, separações) e as pequenas (problemas simples, normalmente, solucionados no próprio episódio). Sequeira (2021) fala também das intrigas secundárias, que acabam por incluir os enigmas médios e pequenos já citados, e que são os problemas paralelos à intriga principal. Estes alimentam a história, envolvem as personagens secundárias e vão aparecendo e desaparecendo ao longo da trama. Por norma, nas narrativas das telenovelas “o mal é muito melhor enredo que o bom” (Inês Gomes citado por Torres, 2015, p.39) porque conduz a um valor moral a seguir. Tendencialmente, a telenovela “espelha cada vez mais a realidade” (Guerreiro, 2019, p.12).

As telenovelas têm uma duração limite, que pode sofrer alterações conforma a popularidade do projeto e os recursos financeiros da produtora e da estação televisiva que a exhibe. Porém, normalmente, a duração de um projeto desta índole está previamente definida, sendo a exibição média de uma telenovela de 6 meses a um ano. Seguir uma telenovela é um ato dinâmico e fluído que pode interferir na forma de pensar e de agir da audiência. Acrescenta-se ainda que as produções telenovelisticas promovem o diálogo entre a comunidade a que elas assistem. As telenovelas, devido ao elevado custo de produção que acarretam, destacam-se por serem produzidas em grande velocidade e sem tempo para pausas ou reflexões, sendo exigidos aos intervenientes o máximo trabalho possível no menor tempo possível. De acordo com a Obercom (2007) existem três tipos de telenovelas: as telenovelas fábula, as telenovelas romance e as telenovelas quotidiano. As telenovelas fábula gravitam sobre um tipo de narrativa mais fantasioso onde os telespetadores conseguem perceber, de imediato, o carácter das personagens, bem como o rumo e fecho da telenovela. Neste tipo de telenovela, as personagens não possuem caracteres complexos nem ambiguidade de personalidade. Por seu turno, a telenovela romance, tem protagonistas que se assemelham mais à conduta humana, sendo pautadas por princípio meio e fim.

“As personagens como as mensagens morais são mais complexas. Muitas das personagens apresentam lados bons e lados maus, vivem tensões morais internas nas suas escolhas, mostram maior reflexividade face às ações e apresentam transformações de personalidade ao longo da história” (Obercom, 2007, p. 2).

Por fim, as telenovelas do quotidiano visam representar o dia-a-dia das personagens, os seus momentos familiares e de lazer, bem como os lugares que frequentam e as pessoas com que se cruzam. Este tipo de telenovela não possui protagonistas nem estrutura rígida definida. As telenovelas têm uma presença na programação televisiva “esmagadora se considerarmos as repetições e a reposição de episódios ou telenovelas inteiras” (Torres, 2015, p.16).

Em suma e comparativamente, assistir a telenovelas é, normalmente, um procedimento realizado em família acompanhado de outros processos, hábitos e atividades domésticas (como por exemplo, beber, comer, fazer trabalhos manuais, etc), ao passo que o consumo de *soap operas* é feito, em geral, apenas por mulheres. Enquanto, por exemplo, as tramas

americanas não retratam problemas ou assuntos associados a classes sociais, esse é um dos indicadores que melhores caracterizam as telenovelas (Paixão da Costa, 2002). Soma-se ainda como diferença a considerar entre os dois tipos de conteúdo, o facto de a telenovela ser a protagonista das grelhas de programação (horário nobre) e a *soap opera* não possuir lugar de destaque.

No México, a designação atribuída a este formato televisivo é “*culebrón*”. Estas produções mexicanas estão “muito perto das *soap operas* em termos produtivos, mas bem menos perto da telenovela brasileira em termos comerciais, de programação, da produção e de estrutura narratológica” (Paixão da Costa, 2002, p. 109).

3.2 – Características e objetivos de telenovelas

As telenovelas foram e são um dos conteúdos mais procurados pelos telespetadores, tornando-se o principal catalisador das audiências nos horários mais fortes. As telenovelas são também o barómetro que dita a totalidade das grelhas de programação das televisões. Pode dizer-se que funcionam como produto prioritário. Para o caso português, Torres (2015) reitera mesmo que “a telenovela é, pelo menos no caso da SIC e da TVI, totalmente estruturante da programação, de janeiro a dezembro” (Torres, 2015, p.15). Nesta investigação, parte-se do pressuposto que as telenovelas são um espelho da realidade e que refletem as principais vivências do quotidiano.

As telenovelas são um produto capaz de fidelizar audiência, o que se traduz, nas receitas publicitárias que a produção televisiva irá somar. A atração que estas narrativas são capazes de efetuar, associada ao facto de se tratar de produtos longos, torna as telenovelas um produto barato e rentável. É do conhecimento geral que as telenovelas são produtos, tradicionalmente, com muitos episódios (regra geral, com 200-300 capítulos). Ora, quanto mais capítulos tiver uma história, menos custos haverá visto que os atores, os guionistas e os técnicos se mantêm os mesmos. Gabriela Sobral, ex-diretora de Entretenimento da SIC e atual Diretora de Produção e Conteúdos da Plural (produtora que trabalha para a TVI) acredita que “os 300 episódios são uma necessidade orçamental e não uma necessidade da história” (Torres, 2015, p. 27). O elevado número de episódios induz a uma necessária criatividade, inovação e até invenção por parte de quem escreve.

Nas telenovelas representa-se a realidade social, as suas ideologias e crenças, não esquecendo a sensibilização, a consciencialização e a reflexão do público. A telenovela é “uma dilatação simbólica do mundo social” (Lopes, 2006 citado por Obercom, 2007, p. 2). Este formato televisivo promove a hibridização entre a realidade e a ficção e revela valores, modelos e visões do mundo que num dado momento devem ser analisados pois cruzam-se

com a realidade social. Postula-se, assim, que as telenovelas têm a capacidade de gerar envolvimento com as audiências através de fenómenos de identificação e representatividade social. Para tal, recorrem a acontecimentos, situações e dilemas frequentemente vividos por quem assiste à trama. Romances de “final feliz”, amores impossíveis, doenças, casamentos, mortes, heróis, vilões ou ganância são ingredientes que compõem o balsamo telenovelistico. Sequeira (2021) e Ruy (2020) lembram a tendência para o uso de “*merchandising* social”, isto é, para a incursão nas histórias de temas atuais provocadores de debate. “Interessa destacar que os temas usados como *merchandising* social ganham as ruas, os noticiários dos jornais impressos ou televisionados, justamente, pelo alcance das telenovelas” (Júnior, 2013, p.195 citado por Ruy, 2020). Este tipo de abordagens dá realismo às histórias e é responsável por um envolvimento emocional das pessoas em relação à narrativa. A busca de verosimilhança é uma característica da telenovela que exige coerência e pesquisa por parte dos guionistas, mas que contribui para a identificação do público já que a intenção é aproximar aquilo que se vê com a realidade (Torres, 2015). Contudo, o mesmo autor assume que o facto de se tratar de um produto ficcional possibilita o concretizar de impossibilidades. Apesar de tudo permite-se à telenovela coisas irreais, “aquilo só acontece nas novelas”. Esta interpretação, curiosamente, é bem aceite pelos espectadores.

Segundo a bibliografia recolhida, as telenovelas geram um forte impacto no público por três motivos: a identificação com as personagens, a coesão social e a simultaneidade de informação (devem formar o público e mantê-lo desperto para determinados acontecimentos) e entretenimento. “A telenovela apresenta-se como um fenómeno de coesão e consenso social em função da interatividade que promove com o seu público (...) proporcionando um fator de mediação cultural e político entre os diversos grupos sociais” (Cunha, 2003, p. 9). Da interação entre o público e a telenovela resulta em interessantes considerações culturais já que a interpretação das cenas e ações apresentadas está dependente das vivências pessoais e das crenças particulares. De acordo com Mota (2015) o recurso a um formato livre e apelativo, como as telenovelas, promove a representação do quotidiano através do conhecimento, da emoção, da reflexão e da crítica. É relevante ter-se em consideração que o sucesso da telenovela está diretamente relacionado com a capacidade que os indivíduos têm de descodificar a mensagem outrora codificada, por meio de símbolos, signos, discursos ou comportamentos. Esta descodificação está sempre intrinsecamente relacionada com as crenças e cultura de cada indivíduo.

“Hoje a telenovela é considerada um produto de cariz cultural: ver um episódio é um ato diário que faz parte da rotina, e que se insere num

determinado contexto onde, dependente do meio social, gera significados diferentes” (Andrade, 2002 citado por Sequeira, 2021, p. 12).

É também característica deste género ficcional a utilização de “ganchos”, ou seja, o uso de suspense capaz de levar o telespectador a assistir ao episódio seguinte. A história é interrompida no momento mais crítico ou aquando da resolução do problema. O objetivo é causar na audiência uma expectativa e curiosidade tal, que seja inevitável a sua comparência, no dia seguinte, em frente ao ecrã. Eduardo Cintra Torres (2015) relembra que, por vezes, este *imput* para a visualização do capítulo seguinte não é cumprido pelas emissoras. Embora as produtoras definam qual o momento em que a trama deve ser suspense, as estações televisivas nem sempre os respeitam por motivos de programação ou contraprogramação. Não esquecer que as telenovelas estão envoltas em profundos e complexos enredos que promovem o envolvimento emocional da audiência e que se são resolvidos no desenrolar da história.

No livro “Telenovela, Indústria e Cultura Lda.” são enumeradas algumas das características que definem este, que é o conteúdo mais popular do pequeno ecrã. São elas: a produção em série, a incursão na narrativa de muitas personagens, a representação de classes sociais (o rico e o pobre) como alicerces para determinados comportamentos e formas de estar e o tradicional enredo protagonizado pelos pares românticos.

Outro apanágio a considerar é a tendência que as telenovelas têm para utilizar o melodrama e, sobretudo, estereótipos. O melodrama foi, em tempos, uma espécie de teatro de rua onde o discurso verbal não era utilizado, mas cuja mensagem e história, eram amplamente compreendidas pela audiência. A relação entre telenovelas e estereótipos será abordada com mais veemência no capítulo seguinte, na medida em que, se trata de uma interligação fulcral para esta investigação. No entanto, fica a nota de que os estereótipos são os “avatares” (Torres, 2008, p.68) das telenovelas e estão associados a uma relação de poder. Têm como objetivo, neste contexto, facilitar o processo de apreensão da mensagem por parte do espetador. Gomes e Rosa (2007) aludem que, apesar de muitas vezes estas representações surgirem de forma subtil sendo absorvidas inconscientemente, a sua interpretação ou “desmascaramento” pode ser concretizada, dependendo apenas das capacidades cognitivas, crenças e valores de cada um. Nas telenovelas os estereótipos estão presentes nas representações das famílias ricas, das famílias pobres, nas exposições das classes sociais, etc.

As telenovelas sofrem de uma dicotomia visceral que poucos conseguem explicar. Por um lado, são consideradas um produto cultural pobre, mas por outro são elas a génese do

sucesso televisivo e o motor de debate social – “embora tratando-se de um produto menor, a novela acaba por tornar-se refletora de temas fraturantes, das ideologias e dos comportamentos sociais dominantes” (Torres, 2008, p.69). Existe uma tendência para adaptar à ficção, a realidade. Recorde-se que algumas das telenovelas brasileiras mais afamadas e com maior sucesso, nomeadamente em Portugal, foram adaptações de obras literárias o que promoveu a migração de um público mais erudito para a frente dos ecrãs televisivos. No entanto, e conforme já foi mencionado, existe uma espécie de preconceito latente face ao fenómeno justificado, não só pela sua ligação aos *media* tradicionais e pela sua duração, mas também pela consideração de que a trama “está sempre na mesma” e pela atual preferência, por conteúdos internacionais e de consumo flexível. Capucho (2005) destaca que, embora a rejeição seja evidente, “toda a gente vê telenovelas, mesmo que muita gente não tenha coragem de o assumir” (Capucho, 2005, p.14). Dados fornecidos pelo “Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses em 2020”, publicado em 2022 e levada a cabo pela Fundação Calouste Gulbenkian, dão conta que, dos 90% da população portuguesa que assiste diariamente a televisão, 40% vê telenovelas.

Ao longo dos tempos tem-se verificado uma tendência de nacionalização das histórias o que se reflete na transmissão de cenários e vivências domésticas. O facto de as telenovelas espelharem aquela que é a realidade concreta de um país facilita o processo de identificação com as telenovelas e capacita os telespectadores, mais facilmente, das mensagens transmitidas. “Para além da óbvia proximidade geográfica e linguística, os mercados domésticos garantem um nível de intimidade entre os vários atores do mercado que não se encontra num contexto internacional e mais competitivo” (Damásio, 2021, p.31). Embora esta seja tendencialmente a aposta das estações televisivas, denota-se a manutenção da importação/exportação destes produtos ficcionais. A exibição das telenovelas noutros países, que não o de origem, implica a dobragem ou legendagem dos discursos e o possível corte de determinadas cenas, acontecimentos ou situações que perdem o sentido quando exibidos fora do seu contexto. Esta universalização e a tendência de adaptação dos conteúdos à realidade de cada país parece gerar controvérsia. “Alguns autores defendem que a autenticidade das telenovelas se perdeu durante este período em favor de uma fórmula de exposição neutra, híbrida e universal (Adrieens, 2010) que pudesse facilitar a circulação universal do género” (Damásio, 2021, p.31). Outros autores consideram que a proximidade linguística, cultural e geográfica pode contribuir para essa simplificação das narrativas de forma a ser mais facilmente apreendida por todos, gerando mais identificação. A importação de telenovelas pode ser vantajosa já que possibilita o contacto com outras experiências, potenciando a observação de ambientes que, no dia-a-dia, se consideram longínquos. Para além da evidente aprendizagem e abertura para o mundo, a importação de telenovelas de outros países pode ter consequências ao nível da

defesa das características identitárias e singulares das audiências das diversas nações onde os produtos importados são exibidos.

As telenovelas são frequentemente escritas por um grupo de autores e “abertas”, ou seja, a exibição do produto é feita em simultâneo com as gravações do mesmo, embora com alguns meses de separação. O objetivo é que a história se possa adaptar e sincronizar àquelas que são as pretensões do público e àquele que é o *feedback* traduzido nas audiências. Tal volatilidade, “impõe grandes incertezas aos atores que se encontram nestes fluxos verticais” (Andrade, 2002, p. 18).

O conteúdo novelesco suplanta um conjunto de outros atributos mais técnicos, logísticos e produtivos que vale a pena listar. Regra geral, uma telenovela é composta, como referido no início deste subcapítulo, por 300 episódios, cada um deles com uma duração média de 40 minutos. Cada capítulo conta com certa de 20 a 22 cenas, duas das quais (em média) são cenas de exteriores. As narrativas desenvolvem-se, assim, em dois tipos de cenários: os exteriores e os interiores. Tal como as próprias palavras indicam, os primeiros possibilitam a gravação de cenas ao ar livre, incitando à localização geográfica do espectador. Os exteriores trazem “imagens espetaculares” e são “aglutinadores de conteúdo” (Torres, 2015, p.59). No entanto, segundo Torres (2015) este tipo de cenas não contribui para o avanço substancial da história, sendo normalmente cenas simples devido aos elevados custos de produção. As cenas de interiores são a grande fatia das exibidas durante uma telenovela e são nelas que decorrem os principais momentos da história. Impõem avanços e possibilitam conhecer melhor a “intimidade” das personagens. A articulação entre realizadores e argumentistas é fundamental para garantir que a captação de imagens vá ao encontro do significado que cada cena impõe. Em telenovelas utilizam-se sobretudo grandes e médios planos para que haja a total apreensão das expressões e emoções das personagens, explica o mesmo autor. Segundo Torres (2015), as cenas, em telenovelas, são gravadas com três câmaras que se localizam na falsa quarta parede do cenário. Embora, se procure sincronizar o tempo da telenovela com a atualidade, certo é que para Torres (2015), o tempo em ficção é muito variável: pode passar-se um episódio todo no mesmo dia, como passarem vários dias num só capítulo. Isto, para além dos conhecidos saltos temporais (ex: um mês depois) ou das visitas ao passado (*flashback* ou *analepses*). A normal lentidão na passagem do tempo deve-se, de acordo com os guionistas ouvidos por Eduardo Cintra Torres, a questões económicas. O autor, que escreveu uma obra baseada na telenovela “Mar Salgado” da SIC, explica que esta lentidão traz consequências benéficas para os espectadores pois estes “conseguem apanhar sempre o fio à meada” (Torres, 2015, p.46). A mudança de dia é marcada pela alteração do guarda-roupa das personagens e as alterações de ambiente ditadas pelo recurso a imagens de

stock e à banda sonora. Todavia, salienta-se que uma das marcas da telenovela, à exceção das tramas históricas, é o seu paralelismo com a atualidade.

Conclui-se que a telenovela é composta por extenso leque de características que as distinguem de outros formatos, no entanto, é importante não esquecer que a pedra de toque destas produções é a qualidade da narrativa pois, no fim das contas, é isso que fideliza a audiência – “não há nada nem ninguém que salve a telenovela se a estória não atrair audiência” disse António Parente “dono da fábrica SP” a Torres (2015, p. 10). O mesmo autor, elenca a produção audiovisual (que vai desde a produção à exibição da trama), o carácter social (que impele a atribuição de significado e sentido) e a audiência (que veicula o sucesso do produto televisivo) como pilares basilares das telenovelas.

3.3 – Telenovela: um produto de massas que assenta na reflexão

3.3.1 – As telenovelas e as indústrias culturais

Sendo uma descendente direta da televisão, a telenovela insere-se na categoria de indústria cultural pois, como já foi amplamente explanado, dirige-se às massas e visa oferecer-lhes tudo aquilo que elas querem para atingirem a satisfação plena do consumo. Tal como define Eduardo Cintra Torres, hoje “a telenovela tem de ser um folhetim industrial” (Torres, 2015, p.9). A premissa é sempre a mesma: garantir o máximo de audiências possíveis aquando da transmissão das telenovelas. Ora, neste sentido, é necessário apresentar ao público algo que o cativa. A atenção dos telespectadores pode ser captada por via da identificação, mais que não seja numa personagem, num cenário, num acontecimento ou numa forma de agir. Por outras palavras, conforme defendido por Adorno e Horkheimer (1985) “a indústria cultural reproduz as pessoas, por essa razão o espectador identifica-se com o que vê quando se expõe à telenovela pois estas são baseadas no mundo quotidiano” (Sequeira, 2021, p.13). As telenovelas podem também ser consideradas produtos provenientes das indústrias culturais na medida em que são produzidas de forma contínua, mecanizada, em série e visam o lucro decorrente das audiências que possuem. Produzir uma telenovela é um trabalho de equipa que exige o cumprimento de alguns padrões estipulados pela “máquina”: “para produzir séries em série, é sempre imprescindível que a produção cultural adquira uma organização de maquinaria e métodos de trabalho fabris” (Torres, 2015, p.22). De notar que, tal como numa fábrica se podem substituir operários, também numa telenovela pode haver alterações nas equipas. Como indústria cultural que é, as telenovelas seguem um processo

de produção bem definido: primeiro os guionistas escrevem a trama, depois cabe aos atores interpretarem-na e em simultâneo, os realizadores escolhem os melhores planos como se de um direto se tratasse. De seguida conforme esclarece Torres (2015), tudo o que foi gravado segue para o processo de montagem, edição de vídeo (onde se fazem retificações de cor, troca ou acrescento de cenas) e edição e pós-produção de áudio (onde se equilibram os volumes dos diálogos, onde se subtraem os ecos e ruídos e onde se introduzem as trilhas sonoras e as bandas sonoras que pintam a telenovela).

Porém, e com base em experiências pessoais aliadas às características do género já apresentadas, pode afirmar-se que já não são casos virgens os das tramas que apresentam uma enorme vontade de inovar e de fugir dos cânones até então veiculados. Embora, os objetivos se mantenham na distração e no entretenimento, as telenovelas demonstram cada vez mais uma forte preocupação de transmissão de ensinamentos e de promoção da reflexão individual, não descurando o debate social de diversos temas. Assim, paradoxalmente com uma das principais componentes das indústrias culturais que assenta na alienação e aceitação passiva das temáticas, a telenovela navega, hoje, a onda do debate e do pensamento crítico, basta vê-la, com olhos de ver.

3.3.2 - A apreensão da mensagem das telenovelas pelo público e o seu impacto na sociabilização

“O público tenderá a apropriar-se do acontecimento telenovela em função das suas expectativas e referências mais prementes” (Cunha, 2003, p.11). Por outras palavras, o sucesso das telenovelas é definido de acordo com a capacidade que o público tem de as entender. Este entendimento resulta de um processo de decifração daquilo que se vê. Hall (1995) considera que esta descodificação, implica, numa primeira fase, uma codificação. A codificação é o processo de construção da mensagem e atribuição de significado. Por sua vez, a descodificação associa-se à receção da mesma e à capacidade de interpretar a mensagem (Sousa & Moraes, 2012; Brunay, 2006). O código do recetor pode, no entanto, não ser o mesmo do emissor. Julga-se, pois, que nem sempre a mensagem transmitida por quem produz este conteúdo ficcional é descodificada conforme o pretendido. A forma como as personagens são entendidas e como as suas ações são avaliadas depende das crenças, vivências e valores dos espectadores, ou seja, “o ambiente social que nos rodeia, o género, as experiências do dia-a-dia são fatores que condicionam a forma como o espectador interpreta os produtos que consome” (Sequeira, 2021, p. 11). Assim, embora as telenovelas sejam um produto cultural produzido em massa para um público indistinto, certo é que, para que a mensagem seja minimamente apreendida por quem a vê, assere-se

que “o contexto influencia a interpretação e decodificação da mensagem” (Brunay, 2005 citado por Sousa & Morais, 2012).

O público, quando assiste a uma telenovela, tem como objetivos, segundo inquéritos e grupos de foco realizados por Gomes e Rosa (2007), Brunay (2006) e Ferreira (2014): o relaxamento, a distração, a aprendizagem, a integração social ou a fuga da realidade. O grau de identificação com as personagens, cenários, roupas ou atitudes vividas no pequeno ecrã acabam por ganhar vida no dia-a-dia daqueles que a acompanham. Tal situação apresenta-se como verdadeiramente curiosa pois, tal como afirma uma das entrevistadas do estudo apresentado no artigo “Cultura de Massas e Receção de Telenovelas” (2007), as telenovelas e consequentemente os seus personagens, “se baseiam em pessoas reais, mas as pessoas das novelas não são reais, e as pessoas reais começam a agir como as pessoas das novelas” (Gomes & Rose, p. 9). A aquisição do mesmo penteado que a personagem favorita, a adoção das expressões mais marcantes da história ou a tomada de posição perante uma problemática semelhante à retratada na telenovela são atitudes que demonstram a enorme identificação da audiência face ao que vê – as telenovelas “levam a que as práticas e as rotinas das comunidades se moldem às realidades ficcionais” (Brunay, 2005, p.106 citado por Guerreiro, 2019, p.14). Até certo ponto, tais reações, permitem dizer que as mensagens transmitidas foram plenamente absorvidas e decodificadas. Assume-se que as telenovelas permitem aos espectadores “obter informações que maximizem as suas chances de sociabilidade” (Ferreira, 2014, p.9) isto é, a trama coloca o espectador a par daquilo que está a acontecer ao seu redor, promovendo a reflexão e debate das temáticas. As tramas fornecem às audiências ferramentas e dicas que lhes possibilitam uma melhor análise do mundo. Considerada uma “educadora de públicos” (Cunha, 2003) a telenovela, pela diversidade cultural que contempla possibilita uma grande aprendizagem por parte de quem a ela assiste: vinca comportamentos, reforça atitudes e legitima ações. O grupo de foco ouvido por Torres (2015) aponta ainda como fator determinante para a relação entre o público e a telenovela o vício que esta “impõe”.

As telenovelas devem ser vistas como práticas sociais, “impositoras” de hábitos e rotinas diárias. Se por um lado, a identificação do público é de tal ordem que impele comportamentos semelhantes àqueles que são apresentados no ecrã, por outro, não é de estranhar que as “telenovelas gerem conversas que vão estar no circuito social tanto na esfera pública como na privada, instituindo uma rede de sociabilização complexa” (Andrade, 2002, p. 14). Ao contrário do que poderia ser considerado, as telenovelas fortalecem a comunicação entre as pessoas, não só através de breves comentários aquando do visionamento dos episódios, mas também quando se torna tema de discussão entre amigos(as), em cafés, restaurantes ou no trabalho. As telenovelas abrem caminho para que sejam abordados temas mais sensíveis da sociedade e alertam para temáticas, por vezes,

consideradas tabus pela sociedade. A par disto, as narrativas transmitidas na televisão podem contribuir para o aumento da empatia entre os pares, já que existe uma tendência natural para perceber o que vai na cabeça do outro. A ímpar capacidade de promoção do envolvimento emocional das audiências na história tem esta capacidade.

3.4 – Telenovelas em Portugal

3.4.1 – História das telenovelas nacionais

Começando pelo antepassado da telenovela em Portugal, o folhetim, expõe-se que “Mistérios de Lisboa”, de Camilo Castelo Branco, foi o primeiro conteúdo nacional desta ordem a ser publicado, corria o ano de 1854. Como aconteceu um pouco por todo o mundo, também em Portugal, as radionovelas, ou os também designados folhetins radiofónicos, precederam as telenovelas. O mais conhecido conteúdo com este formato, em Portugal, foi “Simplesmente Maria” (1979).

Conforme mencionado no capítulo anterior, as telenovelas são o produto televisivo que mais expressividade e audiência trouxeram à “caixinha mágica” e aquele que veiculou “as maiores transformações do mercado televisivo português” (Brunay, 2006, p.97).

O ano de 1977 ficou marcado pelo arranque das transmissões de telenovelas brasileiras em Portugal. “Gabriela, Cravo e Canela” foi o primeiro e o grande sucesso que ditou a paixão nacional pelo formato. A conhecida trama brasileira, transmitida em Portugal pela RTP1, resulta de uma adaptação de um romance literário de Jorge Amado (1954). “Esta adaptação não foi fiel ao romance, mas ganhou em popularidade” (Cunha, 2018, p.7). O lançamento da telenovela em Portugal realizou-se no Hotel Ritz, em Lisboa, e contou com a apresentação do ator Raul Solnado. Este momento foi transmitido em direto e ficou marcado pelo espetáculo de música popular brasileira. Segundo Cunha (2003) esta telenovela concretizou-se num fenómeno, não só pela novidade, mas também pela mensagem de liberdade que transmitia. A autora adianta que “Gabriela” teve um papel preponderante na “alfabetização do país num novo género e estética” (Cunham 2003, p.18). Paixão da Costa e Damásio (2018) vão mais longe e afirmam que esta história foi decisiva para provar que é possível a fidelização da audiência a um produto e a um horário. A perspetiva de Torres (2008) veicula que esta telenovela foi responsável por públicos mais eruditos migrarem de produtos culturais, como a literatura, para a televisão. Devido à reduzida democratização do televisor nos anos 70, “Gabriela, Cravo e Canela” juntava familiares e amigos em casas e estabelecimentos públicos numa espécie de ritual conjunto – fruição coletiva. São vários os autores (Cunha, 2003; Sequeira, 2021) que

alertam para que, embora as telenovelas sejam um formato tradicionalmente dirigido às mulheres, facto é que o consumo de “Gabriela” era também direccionado ao género masculino (Cunha, 2003; Guerreiro, 2019). Tal é justificado por dois motivos: por um lado, o homem tinha um papel na sociedade que lhe permitia fruir de momentos de lazer e de tempo livre que acabavam por ser passados, em grande parte, nos cafés das vilas e cidades portuguesas onde “Gabriela” era a companhia maior dos clientes. Por outro lado, esse mesmo papel na sociedade, colocava o género masculino num patamar de maior poder político e de maior compreensão das linguagens e mensagens a ele associados. Ora, eram os homens os que melhor entendiam aquilo que era apresentado na trama brasileira, fortemente marcada por problemas políticos, governamentais, sociais e democráticos. No âmbito do inquérito “Gabrielomania”, instalado em Portugal, e cujas conclusões foram plasmadas no “O Jornal” de 21 de outubro de 1977 (na página 14), Otelio Saraiva de Carvalho disse que “Gabriela” aduz ao “ensinamento político” (Cunha, 2003, p. 16). A par das questões políticas, esta narrativa também promove a reflexão face à postura e posição da mulher na sociedade. “Gabriela” fez ecoar a voz da mulher, potenciou a sua liberdade e visou desamarrá-la das cordas impostas pelo estado e pelo sexo oposto. Damásio e Paixão da Costa (2018) afirmam que, durante o período em que o episódio era exibido, se verificava uma diminuição considerável da quantidade de comunicações realizadas telefonicamente – “Gabriela parou, literalmente, o país depois das 20h30” (Matellart, 1989, p.27 citado por Damásio & Paixão da Costa, 2018, p.245). A telenovela era para ter tido 160 episódios, no entanto, apenas foram transmitidos 130 em terras lusas. Esta redução do número de capítulos foi vista com alguma “estranheza” pelos populares e pelos *media*: “é muito estranho que *Gabriela* fosse exibida na íntegra no Brasil, de regime ditatorial e seja exibido trincado no democrático Portugal (Diário de Lisboa, 1997 citado por Cunha, 2018, p.9). A TV Globo deu como justificação a facilidade de comercialização de novelas com menos episódios. Damásio e Paixão da Costa (2018) recuperam as considerações de José Niza, diretor da RTP1 em 1977, que davam conta de que o sucesso da telenovela brasileira se deveu às semelhanças linguísticas e à sua capacidade de atração de telespectadores de qualquer estrato social. O sucesso da trama concretizou-se também na venda exponencial das obras de Jorge Amado. De acordo com a investigadora da Universidade de Coimbra, Cunha (2003), os jornais da época falavam de uma “Gabrielomania” já que a trama passou a estar impressa no dia-a-dia dos cidadãos, em conversas ou em atitudes. Deu-se um esbatimento entre as fronteiras da ficção e da realidade. Esta narrativa carioca proporcionou a abertura a uma nova grelha de programação, onde a ficção passou a reinar. A fórmula ou receita mágica para a televisão foi o “modelo sandwich” (Cunha, 2018) método onde os conteúdos são transmitidos segundo a ordem: telenovela-telejornal- telenovela. O êxito de “Gabriela” foi o motivo pelo

qual a estação pública portuguesa decidiu apostar na continuidade da transmissão das telenovelas produzidas do outro lado do oceano. No total, na década de 70, a RTP1 transmitiu seis títulos brasileiros. Desta feita, marcas identitárias da cultura brasileira começaram a ganhar espaço dentro da casa dos portugueses. “Gabriela” estreia em Portugal num ano marcado pela eleição do primeiro Governo Constitucional português e da candidatura do “país à beira mar plantado” à União Europeia.

Em 1982, a RTP1 produziu a primeira telenovela portuguesa, “Vila Faia”. Esta telenovela contou com atores como António Feio, Ruy de Carvalho, Ana Zanati, Glória de Matos entre muitos outros. Note-se, contudo, que a explosão das telenovelas em Portugal deu-se nos anos 2000. O gosto dos portugueses por este formato pode ser explicado, segundo Cunha (2003) pela “identificação do público português com as temáticas e com os conteúdos” apresentados nas telenovelas. Isto já para não falar que, na época, “os espectadores viam a telenovela como um agente de modernização” (Sobral, 2012, p. 147). Na década de 80, a RTP1 produziu também as telenovelas “Origens”, “Chuva na Areia” e “Passerelle” e “Palavras Cruzadas”. Embora se tenha apostado numa temática e linguagem semelhante à das telenovelas brasileiras, facto é que, numa primeira fase, as narrativas nacionais não alcançaram o êxito esperado. A nível social, esta foi uma década de enorme instabilidade social e política que só viria estabilizar na década seguinte.

Segundo Guerreiro (2019), os anos 90 ficaram marcados por uma melhoria das condições de vida das populações, a transformação do papel da mulher na sociedade, a afirmação da política democrática, entre outras evoluções sociais. Tal situação incitou a privatização dos media em Portugal, conforme mencionado no capítulo 2 da presente investigação. SIC e TVI nascem na última década do século XX. No que concerne à ficção, até ao ano de 1992, aquando do surgimento da SIC, a RTP 1 era o único canal que difundia telenovelas brasileiras que cativaram o público. Entre 1992 e 1995, RTP1 e SIC partilhavam a transmissão de telenovelas brasileiras produzidas pela Rede Globo. Porém, em 1995 a estação de Paço de Arcos assinou um contrato de exclusividade com a Globo TV, que tornava a SIC o único canal nacional exibidor das telenovelas da maior produtora de ficção brasileira. Tal situação foi geradora de alguma polémica entre o canal público e a SIC, mas a exclusividade dada ao canal privado foi justificada não só pelo facto de a Rede Globo possuir 15% do capital social da SIC (Sequeira, 2021), mas também porque era considerado prejudicial para o canal brasileiro transmitir as suas novelas em canais generalistas distintos em Portugal, pois era inevitável a migração e divisão de audiências. A aposta da SIC na adaptação das séries “Médico de Família” e “Jornalistas” trouxeram ao canal, segundo Brunay e Cunha (2006) grandes lucros. Até 1992 e depois de 1995, a RTP1 transmitia telenovelas de outros países do globo e de outras produtoras brasileiras. A RTP1 foi alvo de algumas críticas, sobretudo aquando da coexistência com os canais

privados, nos anos 90, pois pressuponha-se que, sendo um canal que sobrevivia através do financiamento estatal, deveria apostar em conteúdos próprios e endógenos. Segundo Cunha (2003) e Torres (2008), as telenovelas brasileiras eram acusadas de trazer para o território luso, hábitos e linguagens próprias da terra do samba. As tramas brasileiras eram acusadas, por alguns, de “contaminação” da cultura portuguesa.

“Ainda no final da década de 90 surgiram duas organizações: a Comissão Interministerial para o Audiovisual (1997) e a plataforma de audiovisual (1998), com o objetivo de propor linhas de ação e fomentar a produção de conteúdos em português” (Brunay & Cunha, 2006, p.3).

A revolução na ficção lusa surgiu quando a TVI passou a apostar em produções nacionais. As telenovelas produzidas em Portugal tinham como fonte de inspiração as produções brasileiras equiparando-se a estas, diz Ferreira (2014), no naturalismo e na tendência para a implementação de um género “pouco lacrimajante”. Contudo, Torres (2008) avança que as produções de selo nacional eram mais complexas do ponto de vista moral comparativamente com as produzidas no Brasil. As produções nacionais passaram a estar “na dianteira do poder da atenção” (Ferreira, 2014, p. 6) dos espectadores: as novelas brasileiras perderam a hegemonia em Portugal com o surgimento das telenovelas portuguesas. A partir deste momento a estação de Queluz de Baixo, que contava com a produção da NBP Produções (produtora que contratou técnicos brasileiros para aprender todos os meandros e técnicas da produção telenovelistica), passou a liderar incontestavelmente o *prime time* com telenovelas portuguesas. A aposta em conteúdos nacionais, foi uma estratégia da autoria de José Eduardo Moniz. O jornalista entrou para a TVI em 1998, com o objetivo de superar os resultados negativos que a estação estava a atravessar. A nova estratégia foi levada a cabo pela Media Capital, que adquiriu a TVI em 2000/2001, já que, até então, o canal era propriedade da Igreja Católica.

Brunay (2006) fez o levantamento das percentagens de telenovelas de origem nacional produzidas pelos canais generalistas nos anos 2000 e 2001 e concluiu que: em 2000, metade da produção de ficção portuguesa era da autoria da RTP1 e a outra metade da TVI. Em 2001, verificou-se uma incursão da SIC na produção lusa (com 19.2%), embora muito abaixo dos 50.5% da TVI e dos 30.3 % da RTP1.

A TVI introduziu “o novo conceito de televisão, com uma produção mais agressiva, direcionada para segmentos de público pré-identificados” (Brunay & Cunha, 2006, p. 3). A

primeira telenovela exibida pelo canal foi “Telhados de Vidro” em fevereiro de 1993. Porém, coube a “Todo o Tempo do Mundo” (1999) o início da ofensiva com produções nacionais. “Jardins Proibidos” (2000) foi a primeira telenovela portuguesa a ultrapassar as audiências arrecadadas pelas tramas brasileiras. “Mãe” das telenovelas portuguesas, a TVI foi também pioneira na aposta de *reality shows*. O formato considerado a “novela da vida real” superou as expectativas e tornou-se, também ele, líder de audiências e fixador de públicos. Ora, a generalidade dos autores consultados, garantem que estes dois formatos televisivos se potenciaram mutuamente. Para tentar enfrentar o “furacão” que vinha de Queluz, a SIC apresentou “Ganância” em 2001, que ficou aquém do esperado.

“As temáticas realizadas pela SIC, em 2002 (“Fúria de Viver” e “Olhar de Sampaio” tiveram um êxito moderado. Mas as produções da Casa da Criação da NBP, para a TVI, “Saber Amar”, “O Teu Olhar”, “Morangos com Açúcar” e “Queridas Feras”, obtiveram níveis de audiência competitivos, garantindo à TVI o domínio do segmento do *prime time*, suplantando as produções da Rede Gobo” (Brunay & Cunha, 2006, p.5-6).

Embora não seja considerada uma série, é importante destacar o papel fundamental que “Morangos Com Açúcar” teve para a estação, para os envolvidos e para a audiência. Marcante para diversas gerações, esta série juvenil foi uma aposta da TVI (semelhante a “Malhação”) que foi exibida entre 2003 e 2012. Este formato trouxe à ribalta aquelas que hoje são consideradas algumas das maiores celebridades nacionais, sendo uma espécie de “escola de atores”. Ao longo dos nove anos de transmissão, a realidade ficcional ia, não só ao encontro dos períodos do ano em que era exibida (Natal, Verão, Páscoa, etc), como refletia os principais medos, anseios, curiosidades, aventuras e romances dos adolescentes. Isto sem esquecer a vigilância e as mensagens educativas e morais apresentadas, em parte, pelas personagens de faixa etária mais elevada. Para combater o fenómeno “Morangos”, a SIC apostou na adaptação das séries “Chiquititas” e “Floribela”.

A TVI é considerada, por parte substancial dos autores lidos para esta matéria, como um caso particular. Para além de ser pioneira na aposta em ficção portuguesa, a TVI foi a responsável pela implementação na sociedade portuguesa de um *star system* semelhante ao existente em *Hollywood*. As caras da estação, muitas delas consideradas exclusivas do canal, passaram a integrar com frequências as produções ficcionais, passaram a ser

protagonistas de publicidades e motivos de notícia em revistas de especialidade. A TVI deu o mote para que as celebridades nacionais se associassem a um canal. A estas inovações sociais e produtivas protagonizadas pela TVI, Torres (2015) junta outra: o canal de Queluz de Baixo foi o primeiro e o único a atrever-se a realizar episódios em direto. O primeiro foi na telenovela “Anjo Selvagem”, o segundo em “Bem Me Quer” e o terceiro, em 2021, no episódio especial – que o canal anunciou como um episódio de nove horas em direto - de “Festa é Festa” (festa de verão da aldeia da Bela Vida). Neste último, ficção e realidade misturaram-se, nitidamente. A primeira telenovela portuguesa a ser exportada para o Brasil, teve também assinatura TVI: foi a novela “Olhos de Água exportada em 2005.

À SIC atribuem-se os créditos das grandes galas, como os “Globos de Ouro”. Esta iniciativa faz eco nas principais revistas de especialidade nacionais e nos programas de *lifestyle* do canal. A TVI não faz nenhuma gala de atribuição de prémios. O canal da Media Capital opta pelas galas de Natal e pelas galas de aniversário, embora, por exemplo, esta última celebração, tenha sofrido um interregno entre 2013 e 2022 (ano em que se voltou a realizar). Estes tipos de eventos acabam também por alimentar conteúdos de outros programas das estações. O canal de Paço de Arcos apostou num outro género ficcional, os telefilmes (ex: Amo-te Teresa) e uma das suas imagens de marca é a transmissão de filmes. A TVI seguiu os passos da concorrente e desenvolveu o tipo de formato supramencionado (ex: Casos da Vida).

Atualmente, a RTP1 não exhibe telenovelas, tendo reforçado a sua aposta em programas de entretenimento, filmes e séries. Por sua vez, os canais privados continuam a ver as telenovelas como a peça de ouro que garante o sucesso da estação. SIC e TVI transmitem telenovelas depois da hora de almoço, de madrugada e no horário nobre (neste horário, normalmente, são exibidas três produções). A grande diferença entre os canais generalistas privados é que a SIC associa a transmissão de telenovelas brasileiras às nacionais, enquanto a TVI opta por produções somente portuguesas (originais e adaptações). Em Portugal, os canais generalistas têm, cada um a sua própria produtora de ficção. Plural Entretiment é a produtora da TVI e SP Televisão a da SIC. A RTP1 não tem uma produtora fixa.

De acordo com dados recolhidos e considerando apenas as produções que os canais generalistas definem como “telenovelas”, Portugal contabilizou a produção de 22 títulos nacionais entre 1982 e 1999 (20 da RTP1 + 2 TVI). De 2000 a 2009 foram produzidas entre RTP1, SIC e TVI 50 telenovelas. Numa análise mais detalhada entre 2010 e 2019 verifica-se que o canal público produziu três telenovelas, a SIC 15 e a TVI (com uma distância considerável) 25 tramas, o que perfaz um total de 43 telenovelas exibidas na referida década. De 2020 a março de 2022, a RTP1 não produziu nenhum conteúdo

telenovelistico, a SIC exibiu três produções (“Amor Amor”, “A Serra” e “Por Ti”) e a TVI transmitiu sete produções ficcionais (“Quer o Destino”, “Amar Demais”, “Festa é Festa”, “Bem Me Quer”, “Quero é Viver”, “Para Sempre” e “Rua das Flores”). Note-se que a RTP1 não encabeçou nenhuma produção nacional, sendo apenas responsável pela reposição de algumas telenovelas do canal público. Até ao momento, Portugal contabiliza o total de 125 produções.

As novelas portuguesas também pisaram os palcos internacionais. Várias foram as tramas nacionais que foram nomeadas ou venceram os chamados “óscars da televisão”, os *Internacional Emmy Awards*. Até ao momento, a TVI arrecadou duas medalhas de ouro com as telenovelas “Meu Amor” (2010) e “Ouro Verde” (2018). A SIC conquistou o prémio americano em 2011 com “Laços de Sangue” uma produção feita em coprodução pela SP Televisão e a Globo. De acordo com Ganchas (2021), “Meu Amor” esteve na 3^a posição do top 5 de telenovelas mais vistas em Portugal em 2010, contabilizando 12.4 % de audiências e 36,91 de *share*. A mesma autora deu conta que “Ouro Verde” conquista o segundo lugar no top 5 de produções em 2017, com 13.6 % de audiência e 28.5% de *share*. Laços de Sangue, foi a quinta produção mais vista em 2011, com 10.9% de audiência e 30.0% de *share*. No total, e excluindo as produções lusas que saíram vencedoras, Portugal já esteve nomeado para os *Emmy`s* sete vezes com as produções: “Rosa Fogo” (SIC), “Remédio Santo” (TVI), “Mulheres” (TVI), “Belmonte” (TVI), “Vidas Opostas” (SIC), “Na Corda Bamba” (TVI) e “Quer o Destino” (TVI),

3.4.2 – Uma história de audiências

As telenovelas são o filão dos diversos canais televisivos portugueses. A elevada audiência associada a este formato muscula a atividade financeira das estações de televisão e garante uma maior procura publicitária – “Como destaca Fernandes (2013), as audiências que um programa tem ditam o maior ou menor interesse publicitário das empresas e consequentemente as receitas que cada canal pode arrecadar” (Sequeira, 2021, p. 21). Assim, nitidamente se conclui que o sucesso do formato tem implicações diretas na sua suspensão ou continuidade no ecrã. Damásio (2021) recupera os dados apresentados em 2017 pela *European Audiovisual Observatory* que revela que Portugal produz 10% das horas de ficção de toda a Europa, igualando o Reino Unido e superando, por exemplo, a produção francesa.

“As telenovelas são o conteúdo ficcional mais expressivo da televisão portuguesa. Contudo, embora seja mais consumido por indivíduos

pertencentes à faixa dos 55 os 64 anos (67.3%) revela-se pouco oscilante junto das restantes faixas etárias, mostrando-se um formato destinado a um público familiar, logo, por indivíduos, de origens etárias e mesmo sociais diversificadas” (ERC, 2016, p.28).

Diretamente relacionado com o consumo televisivo está, pois, o comportamento dos telespectadores em relação a determinado programa. O comportamento é medido pelas audiências, conceito que vale a pena relembrar. Este é um conceito muito antigo, ainda anterior ao aparecimento da televisão e ao da rádio. É uma “aproximação quantitativa aos gostos e validam quer tendências de consumo, quer a preferência por determinado tipo de programa exibido, quer o tipo de publicidade emitida” (Cunha, 2018, p.2). Logo, para medir o sucesso de uma telenovela é necessário ter em consideração a audiência classificada como “um sistema de escolha eletrónica de informação sobre o comportamento de um público face ao televisor sem intervenção de um entrevistador” (Sequeira, 2021, p. 22). Guerreiro (2019) alude ainda que a audiência é um público imaginário e indefinido de pessoas que assistem ao mesmo conteúdo, neste caso uma telenovela. No caso das telenovelas, está-se perante uma audiência de massas, ou seja, dá-se uma homogeneização e universalização dos gostos e interesses da audiência, embora esta, na realidade, seja heterogénea. A mesma autora, explica que quando se utiliza o termo “público” se pressupõe que este é ativo e gera partilha de considerações e emoções. Comparativamente, “as audiências são, assim, recetores reservados que não transparecem o que realmente sentem ou pensam. O público distingue-se das audiências pela capacidade de assumir posições, enquanto estas, voluntariamente envergonhadas, são alvo de sondagens” (Dayan, 2006 citado por Guerreiro, 2019, p.33).

Há ainda a considerar a existência do *share* que se define, em percentagem, pela quantidade de pessoas que estão a assistir a um determinado programa, a determinada hora, em comparação com a concorrência. E ainda o *rating* que indica o número de pessoas que estiveram a ver dado programa. Este indicador traduz “a taxa média de audiência” (Sequeira, 2021, p. 23). De ressaltar que este processo de medição de fidelização do público é realizado tendo como base uma amostra. O percurso que cada telenovela toma, está relacionado com o seu desempenho perante a audiência, existindo ajustes por parte dos autores conforme o feedback que recebem de quem assiste aos programas ficcionais.

Não esquecendo que grande parte da liderança de um canal se deve à popularidade que as suas telenovelas atingem, e tendo em consideração dados apresentados no capítulo 2 da

presente investigação e os conceitos definidos acima, afirma-se que até 1995, a RTP1 liderou as audiências sobretudo devido à aposta na ficção brasileira. Por sua vez, este foi o motivo que levou a SIC a tomar as rédeas do poder televisivo entre 1995 e 2000. A primeira telenovela a ser exibida em Portugal, embora não seja portuguesa, conseguiu unir três milhões de pessoas em torno de um ecrã de televisão. A entrada no novo século, a venda da TVI (até então detida pela Igreja Católica) à Media Capital e o seu consequente projeto de reformulação e aposta na receita infalível das produções nacionais, deu à estação de Televisão Independente a liderança das audiências depois dos anos 2000. O primeiro grande sucesso da TVI, que ditou também a preferência dos portugueses por produções nacionais, foi *Jardins Proibidos* que, segundo o jornal *Público* registou 18% das audiências e quase 50% de *share*.

Dados da *Marktest* (2012) plasmados no artigo de Ferreira (2014) dão conta que entre 1999 e 2010 a variação de audiências foi: na SIC de 45,5% para 23,4%, na RTP 1 de 27% para 24,2% e na TVI de 16,4% para 27,5%. Estas variações percentuais e aquilo que se constata no dia de hoje, suportam as considerações da autora Inês Gomes, autora de telenovelas que afirma que “as telenovelas estão cada vez melhores” completando dizendo que as tramas nacionais têm visto “melhorias intensas nos últimos anos” (Torres, 2015, p. 11). Atualmente, a média de audiências de telenovelas em Portugal é bastante renhida variando entre os 18% e os 20% entre as estações privadas e os 10% e os 12% na estação pública, de acordo com dados diários da *Zapping*. José Eduardo Moniz, disse no *Jornal das 8* da TVI, que o seu objetivo é implementar no canal de Queluz uma ficção que chegue a mais públicos e não apenas aos sempre indicados: mulheres e pessoas com faixas etárias mais avançadas.

De acordo com o Observatório Ibérico-Americano de Ficção Televisiva (OBITEL), em 2018, a SIC arrecadou três lugares no top 5 de títulos mais vistos em Portugal, embora tenha sido a TVI a liderar esta contagem. “A Herdeira” e “Valor da Vida”, produções da TVI, foram as telenovelas mais vistas nesse ano, seguindo-se “Paixão”, “Alma e Coração” e “Espalho D`Alma”, da SIC.

Tabela 3 - Top 5 telenovelas mais vistas em 2018 em Portugal

Títulos	Canal de exibição	Rating (%)	Share (%)
1 -A Herdeira	TVI	13.1 %	27.9%
2 – _Valor da Vida	TVI	11.1%	24.4%
3 – Paixão	SIC	11.0%	23.7%

4 – Alma e Coração	SIC	9.6%	21,0%
5 – Espelho d`Água	SIC	8.5%	23,0%

Fonte: Obitel 2019

Em 2019, e de acordo com a mesma fonte, a SIC liderou o top 5 de títulos mais vistos e aumentou a sua presença nesta lista, com quatro produções. “Nazaré” e “Terra Brava”, produções exibidas pela SIC, foram as telenovelas mais vistas do ano seguindo-se “Golpe de Sorte”, da mesma estação, “Valor da Vida”, uma produção TVI e “Alma e Coração”, também da SIC.

Tabela 4 - Top 5 telenovelas mais vistas em 2019 em Portugal

Títulos	Canal de exibição	Rating (%)	Share (%)
1 – Nazaré	SIC	13.7%	27.2%
2 – Terra Brava	SIC	12.7%	29.6%
3 – Golpe de Sorte	SIC	12.0%	28.6%
4 – Valor da Sorte	TVI	11.3%	24.0%
5 - Alma e Coração	SIC	9.1%	21.2%

Fonte: Obitel 2020

Em 2021, a OBITEL lançou os dados relativos a 2020, alertando para as alterações de consumo e produção, provocadas pela Covid-19. Em 2020, a TVI recupera os três lugares que outrora tinha conseguido neste top 5, mas sem alcançar a liderança. Em 2020, foram líderes as mesmas duas telenovelas que em 2019 (da SIC), seguindo-se “Quer o Destino”, “Bem Me Quer” e “Amar Demais”, da TVI.

Tabela 5 -Top 5 telenovelas mais vistas em 2020 em Portugal

Títulos	Canal de exibição	Rating (%)	Share (%)
1 – Nazaré	SIC	14.6%	27.1%
2 – Terra Brava	SIC	12.7%	27.6%
3 – Quer o Destino	TVI	11.5%	21.9%
4- Bem Me Quer	TVI	11.1%	21.3%
5- Amar Demais	TVI	9.2%	20.9%

Fonte: Obitel 2021

Note-se que a preferência por determinada história em detrimento de outra permite retirar conclusões face a comportamentos e vivências sociais.

Manuel Damásio (2020 & 2021) alerta que, embora o fluxo, a quantidade, a distribuição e o consumo de produtos televisivos tenha mudado, a produção de telenovelas nunca parou.

3.4.3 – Novelas portuguesas que retratam o interior de Portugal

De acordo com os espectadores que Eduardo Cintra Torres (2015) escutou para a sua investigação, os portugueses valorizam muito a representação de vários pontos do país nas telenovelas pois isso traz reconhecimento e valorização do que é “nosso”. Existe uma preferência permanente para disfrutar da “portugalidade”, cabendo à ficção televisiva a “construção da identidade social ao nível nacional” (Damásio e Paixão da Costa, 2018, p.235).

A aposta em cenários mais diversificados que contemplem regiões do país que não o grande centro urbano tem sido cada vez mais visível. O objetivo das estações de televisão e produtoras é, não só dar a conhecer aos portugueses aquilo que existe no seu próprio país, mas também gerar identificação com pessoas que, em geral, não são ouvidas no espaço mediático. O facto de darem palco a recantos e vozes portuguesas mais escondidas promove ainda o aumento do turismo nessas regiões de Portugal. Inês Gomes, argumentista que já escreveu tramas como “Anjo Selvagem”, “Terra Brava” ou “A Serra”, disse no *podcast* “Deus no Comando” que “as pessoas gostam de ver as regiões do país e as diferenças” existentes, acrescentando que, nos últimos anos, “pareceu-nos que as pessoas queriam histórias mais portuguesas, mais tradicionais”. A autora acredita que tal se deve ao facto de os espectadores “já terem muita oferta, muita coisa estrangeira” (Deus do Comando, episódio 1).

Considerando como mote que “a telenovela é vista como um espelho da própria realidade da audiência” (Guerreiro, 2019, p.44) observa-se que as telenovelas têm como premissa aproximar-se, ao máximo, daquilo que são as realidades que querem representar. Neste sentido, muitos são os atores que falam de trabalho de campo, pesquisa intensiva e mergulho nas realidades desses locais e das pessoas que os habitam. No entanto, nem sempre as personificações telenovelistica se equiparam fidedignamente à realidade. Esta é uma conclusão apresentada nos inquéritos e grupos de foco de Torres (2015) e Gomes e Rosa (2007), por exemplo. Extrapolando as disparidades aí descritas para a apresentação do Interior nas telenovelas nacionais e tendo por base várias polémicas associadas à temática, considero que, em muitos casos, as telenovelas não apresentam o lugar e as

peças de uma determinada região do país, na sua essência, mas sim aquilo que quem escreve e quem interpreta considera que elas são.

Tendo como base a definição de interior definida no capítulo 1 desta investigação, considera-se que em Portugal foram exibidas, nos últimos cinco anos (desde 2017), quatro telenovelas que retratam esta região do país: a SIC exibiu três telenovelas com esta temática, duas das quais nos últimos dois anos (“Terra Brava” (a trama desenrola-se no Alentejo) -2019/2020; “A Serra” (A Serra da Estrela é o palco maior desta produção) - 2021 e “Por Ti” (O Centro de Portugal é a região escolhida para receber esta produção) – 2022) e a TVI apresentou uma com mesmo pano de fundo (“Bem Me Quer” (trama passada em simultâneo entre Aveiro (não é Interior) e a Serra da Estrela) – 2021). A telenovela é um lugar de memória e promove a identificação de quem a vê porque, procura retratar a realidade o mais fidedignamente possível. “É ao mesmo tempo memória, arquivo e identidade” (Medole, 2003, p.53 citado por Guerreiro, 2019, p. 49)

3.4.4 – As telenovelas: “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”

Para a presente investigação foram seleccionadas como objeto de estudo as produções “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1) e “A Serra” (SIC). Com perto de uma década de diferença entre o início da exibição destes dois títulos, ambos pretendem representar e retratar a vida em zonas rurais, fora dos grandes centros urbanos. Ambas as apostas têm como cenário regiões do Interior de Portugal.

“Bem-vindos a Beirais” é considerada pelo canal público como uma série televisiva, no entanto, este produto televisivo partilha características com a telenovela, sendo assim que será tratada nesta investigação. Embora tenha tido quatro temporadas (segundo a RTP Play) e apesar dos episódios serem fechados, indicadores de que se está na presença de uma série, facto é que ao nível estrutural, esta trama se aproxima das telenovelas. Começar por dizer que a segmentação por temporadas já não é um apanágio exclusivo das séries. Em Portugal, telenovelas como “A Única Mulher” ou “Amor Amor” foram fragmentadas em temporadas ou volumes, tal como as aqui em análise. Para além disso, por um lado, esta produção conta com 638 episódios (1ª temporada – 98 episódios; 2ª temporada – 80 episódios; 3ª temporada – 200 episódios e a 4ª temporada – 260 episódios), o que a aproxima das telenovelas no que concerne à extensão. Por outro, entre o elenco principal e o elenco infanto-juvenil, todas as temporadas contaram com 35/40 personagens, número comum utilizado em telenovelas. A similitude entre esta produção e uma telenovela também reside na frequência com que é exibida e na preferência pelos

cenários e cenas em interiores ⁹(Merino, 2017). Quanto à narrativa e, embora os episódios sejam fechados, certo é que se verifica uma continuidade na história, sendo as principais intrigas transversais às temporadas.

“Bem-vindos a Beirais” foi um conteúdo televisivo difundido pela RTP 1 entre 2013 e 2016, produzida pela SP Televisão e da autoria de Ana Vasques e Miguel Simal. De acordo com a sinopse disponibilizada pela estação pública e pela produtora, esta trama passa-se em Beiras, uma aldeia de Vila Real (as gravações foram realizadas na aldeia do Carvalhal, na zona Oeste do país). Retrata a história de Diogo Almeida (Pepe Rapazote), um gestor bem-sucedido de Lisboa que troca a capital pela vida tranquila do campo, tornando-se agricultor. Esta mudança de vida resulta de um problema cardíaco que teve em Lisboa, provocado pelo *stress*. Também Clara (Oceana Bazílio), Rita (Vera Alves) e Susana (Lúcia Moniz), três amigas desempregadas, seguem para Beirais onde recuperam a casa do avô de Rita tornando-a uma casa de turismo. Diogo e Clara apaixonam-se e o recém-agricultor termina o seu relacionamento, embora a namorada Teresa (Sandra Santos) - que não o acompanhou para Beirais pois queria prosseguir com a carreira- foi à aldeia na esperança de o reconquistar. Os filhos de Rita e Susana têm grandes dificuldades em adaptar-se à sua nova vida. Na aldeia de Beirais existe uma rádio local, um café, uma casa de turismo de habitação, uma associação recreativa, vários trabalhadores agrícolas e um padre. A par destes cenários, o campo e os panoramas agrícolas também fazem parte do que é transmitido na tela. Além das personagens com profissões “típicas”, personagens e atores dizem que, numa trama passada numa aldeia do Portugal profundo, não poderiam deixar de faltar as “más-línguas”. A personagem Susana diz mesmo que “nesta aldeia não há o conceito de vida privada” – todos se conhecem e há quem queira saber da vida dos outros. O objetivo da telenovela, de acordo com a RTP 1, era perceber “as diferenças entre o Interior de Portugal e a cidade”. Noémia Costa, atriz de “Bem-Vindos a Beirais”, vai mais longe e diz que “Beirais é o país real”. A novela representa o êxodo rural a que se assiste nos últimos anos, muito devido à procura de qualidade de vida.

Esta telenovela “bem-humorada” conta com 638 episódios, distribuídos por quatro temporadas, e aborda temas como a desertificação, a solidão e o desemprego. Os episódios foram emitidos de segunda a sexta, sem interrupção na emissão e tinham uma duração média de 42 minutos. “Bem-Vindos a Beirais” teve vários horários de exibição conforme as temporadas. De forma geral, os novos episódios eram exibidos em horário nobre da RTP1 sendo repetidos, ou temporadas repostas ao longo do dia (depois do almoço ou antes do telejornal da noite). Pepe Rapazote e Oceana Bazílio são os protagonistas desta produção,

⁹ “It airs daily and has a production model similar to the one of a telenovela, such as a small number of scenarios and studio-like interiors” (Merino, 2017, p.56).

da qual também fazem parte Luís Aleluia, Liliana Santos, Mariana Pacheco, Jorge Mourato, Luísa Ortigosa, entre outros.

A primeira temporada de “Bem-Vindos a Beirais” teve muita aceitação por parte da audiência o que “levou à encomenda de uma nova temporada e à consolidação de um posicionamento da RTP1 no ranking do *prime time*” (Brunay, Lopes & Neves de Sousa, 2014, p.409). De acordo com a OBITEL Portugal (2014), em 2013 – ano correspondente ao início da exibição – “Bem-Vindos a Beiras” ficou em décimo lugar no top 10 de produções televisivas mais vistas do ano contabilizando 5,5% de *rating* e 11.2% de *share*. Em 2014, a produção exibida pela RTP 1 teve ainda melhores resultados. Ficou na oitava posição no top 10 produções mais vistas realizado pela OBITEL (2015) e recolheu 7.5 de *rating* e 15.1% de *share*. Em 2015, esta telenovela manteve-se na mesma posição, mas com menores percentagens, 6.3% de *atinge* e 12.1% de *share* (OBITEL, 2016). No último ano de exibição de “Bem-Vindos a Beirais” a produção da SP Televisão não alcançou níveis de audiência suficiente que permitissem a sua entrada no top 10 de produtos ficcionais mais vistos do ano.

“A Serra” é uma das mais recentes apostas da SIC produzida pela SP Televisão. A novela que estreou em fevereiro de 2021 é da autoria Inês Gomes e tem como pano de fundo a Serra da Estrela. Concelhos como Gouveia, Seia e Manteigas foram os escolhidos para pintarem esta telenovela.

A trama que ocorre na aldeia da Fraga Pequena conta a história de uma pastora, queijeira e produtora de farinha, Fátima Neto e de Tomás Folgado, socorrista de montanha e recém-chegado à terra. Logo nos primeiros episódios, a personagem de Fátima vê-se obrigada a lidar com a morte da mãe e do irmão, com a prisão do seu pai e com os obstáculos impostos intencionalmente por Carlota Pereira Espinho, também protagonista, à família de Fátima. A família Pereira Espinho é a mais rica e poderosa da região dominando todas as áreas de mercado. A novela desenrola-se em torno dos conflitos entre as personagens pertencentes à família de Fátima e às pertencentes à família Pereira Espinho, sobretudo, Mariana (namorada de Tomás) e a Carlota (a mãe de Mariana e uma das pessoas mais respeitadas da terra). A população da Fraga Pequena guarda um segredo: todas as personagens participaram, de alguma forma nesse acontecimento secreto, mas ninguém fala sobre o tema e o telespectador ainda não sabe do que se trata. O avô de Mariana é o morto em causa e, ao longo da narrativa, o público fica a saber que todas as personagens tinham algo contra ele. Inês Gomes, argumentista, avançou numa entrevista à MAGG que todas as personagens têm um segredo, mas garante que fez questão, tal como a restante equipa técnica, de assegurar que os atores “não sabem os segredos uns dos outros”. De notar que desta trama fazem ainda parte personagens como

padeiras que cozinham em forno público a lenha, pastores, proprietários de mercearias, de cafés típicos e modernos, etc. Faz-se ainda forte referência às personagens que são da aldeia e as que vieram da cidade.

A telenovela “A Serra” conta com um total de 303 episódios, transmitidos de segunda a sexta-feira. A novela da SIC integra o segundo horário do *prime time*, começando perto das 22h30. Nesta trama participam atores como Sofia Alves, Júlia Palha, Carolina Carvalho, José Mata, António Pedro Cerdeira, Márcia Breia, Ana Marta Ferreira, Laura Dutra, Vitor Silva Costa e Virgílio Castela.

Enquanto em “Raia dos Medos”, por exemplo, o tema escolhido – a Guerra Civil Espanhola e as suas consequências no lado português da fronteira- teve por base uma experiência pessoal e familiar do autor que a escreveu (Torres, 2013), a temática serrana e a escolha da mais alta serra portuguesa teve outras razões:

“Porque tem umas paisagens lindíssimas. Ainda não tinha sido utilizada em novelas quando decidimos e porque é um universo que, ao mesmo tempo, faz parte do País e é muito diferente. É a serra mais alta que temos, com aquele ambiente meio inóspito, duro, e com características muito diferentes. E as próprias pessoas da serra têm vidas diferentes. Fazia todo o sentido aproveitarmos” disse Inês Gomes (Costa in MAGG, 2021).

À mesma revista, Inês Gomes explicou que numa produção como “A Serra” é necessário “aproveitar o que de melhor e único” esse lugar tem. No caso desta telenovela, o mote foi a serra, temática proposta por Daniel Oliveira. Com a temática escolhida, começaram a nascer as personagens.

CAPÍTULO 4 - Representações e estereótipos

4.1 – Enquadramento teórico do conceito de estereótipo

O termo “estereótipo” surgiu nas ciências sociais, pela primeira vez, em 1922. A referida expressão foi empregue por Lippmann no livro “Opinião Pública”. O termo resulta da adição dos termos “*steros*”, que significa “sólido” ou “fixo”, com “*typos*” que designa “molde ou impressão” (Fernandes, 2019; Cabecinhas, 2012; Freitas, 2012). Conclui-se, pois, que, no que concerne à aceção literal da palavra, estereótipo é definido como “a impressão sólida” o que, à partida, o magnetiza com a rigidez e cristalização que o caracteriza. Numa observação genérica pode dizer-se que os estereótipos têm por base pré-conceitos, abarcam diversas significações e influenciam as relações sociais.

A designação “estereótipo” já tinha sido aplicada noutros contextos, antes das ciências sociais. Estereótipo começou por estar ligado à tipografia e ao fixo - era “uma chapa de metal utilizada para repetir cópias do mesmo padrão” (Stroebe e Insko, 1989 citado por Cabecinhas, 2012, p.151). Estereótipo representava, pois, segundo Pereira (2002), Lysandro-Dias (2002) e Diniz (2002), “algo que podia ser replicado mecanicamente” (Freitas, 2012, p. 110).

De acordo com Lippmann (2021), os indivíduos observam a realidade de forma enviesada – “não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos, aí estão os estereótipos” (Lippmann, 2021, p. 85). A análise dos indivíduos ao nosso redor baseia-se, hoje, sobretudo na impressão decorrente das formulações ou ideias preconcebidas associadas a certo tipo de pessoas. O mesmo acontece no que diz respeito a culturas, tradições ou contextos que nos são distintos. Para Lippmann (2021), os enviesamentos da realidade são provocados por imagens mentais que são tendencialmente mais rígidas com pessoas ou grupos com os quais os indivíduos não têm contacto. Assim, “pegamos no que a nossa cultura já definiu para nós e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós e para a nossa cultura” (Lippmann, 2021, p. 85). Isto significa que tudo o que rodeia os indivíduos é, por eles, interpretado de acordo com a sua cultura e conforme as ideias preconcebidas. Por vezes, os acontecimentos são deturpados aos olhos de quem os observa por crenças antigas, questões culturais, novas aprendizagens ou pré conceptualizações.

O processo de estereotipização revela-se, na maioria dos casos, redutor e simplista. Para Baccega (1998), os estereótipos associam-se à conformidade uma vez que, o que as pessoas procuram é a aceitação do outro, a orientação da vida e a garantia do êxito – “são

os tipos aceites, os padrões correntes, as visões padronizadas” (Baccega, 1998, p.8). Segundo a autora, as pessoas não questionam o que as rodeia nem as mensagens que lhe chegam, passam a ser “a voz do dono e deixam de ser o dono da voz” (Baccega, 1998, p. 9). Em “Estereótipos e diversidades”, Baccega (1998) diz que os estereótipos estão, normalmente, associados a uma carga negativa, condicionam as ações dos indivíduos, resultam de um processo de cristalização do pensamento e são fruto de juízos de valor.

Os estereótipos são um recorte da realidade ou um desvio do real e surgem de preconceitos ou juízos prévios. Cada indivíduo contacta com estereótipos desde que nasceu, continuando a desenvolvê-los ao longo da vida. São uma forma de simplificar e classificar pessoas conforme as suas marcas ou características. Os estereótipos podem ser positivos ou negativos dependendo do contexto em que se aplicam – “são sintetizadores de características que podem assumir novos sentidos de acordo com o contexto” (Rosa & Gomes, 2006, p.6).

Os estereótipos, a sua conceção e aplicação estão dependentes de questões políticas e sociais, do quadro mental dos indivíduos e do ambiente que os envolve. Os estereótipos formam “uma imagem mental coletiva que determina a forma de pensar, agir e até sentir dos indivíduos” (Lysandro-Dias, 2002 citado por Freitas, 2012, p.110).

Os estereótipos são rótulos sociais que resultam de um processo de generalização onde características particulares, que definem alguns elementos de um grupo, passam a ser aplicadas à totalidade do mesmo. Quem não pertence a um determinado grupo é alvo de estigma social. Para além da generalização com base em denominadores comuns, é apanágio dos estereótipos a preferência pela simplificação dos cenários de forma a facilitar a sua apreensão. Os estereótipos podem ser formulados tendo em conta “retratos modelo” ou podem ser definidos “com base em aspetos psicológicos ou físicos, em termos comportamentais e de ação ou mesmo de discussão” (Fernandes, 2019, p. 72). A propósito da simplificação caracterizadora dos estereótipos, Bhabha (1998) diz que este “não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma fixa de representação” (Ruy, 2014, p.12).

A simplificação e generalização das características de um determinado grupo relaciona-se com a economia de esforço desenvolvida pelos indivíduos. Há uma poupança de tempo e uma maior facilidade de apreensão das mensagens, uma vez que os estereótipos consumidos já lhe são familiares e não exigem reflexão. Lippmann (2021), acredita que a simplificação imposta pelos estereótipos resulta da vida apressada que se vive nos dias de hoje. O pai deste conceito justifica esta premissa veiculando que a escassez do tempo não permite o aprofundamento das relações sociais, havendo um défice de intimidade entre os pares. No que respeita à generalização, Cabecinhas (2002) afirma que “os estereótipos

servem a generalizações abusivas, racionais e perigosas” (Cabecinhas, 2002, p.2). A tendência para a universalização de características particulares leva a uma relação de poder (Cabecinhas, 2005; Gomes & Rosa, 2007; Cabecinha, 2012; Schorr, 2011; Ruy, 2014), entre a facção dominante (com características comumente aceites) e a facção dominada (cujas particularidades são diferentes das esperadas ou conhecidas). Esta relação pode trazer consequências ao nível da exclusão social ou discriminação. Passa a existir pois um “nós” e um “outros”. Estes últimos são vistos através de uma lente de insensibilidade como homogêneos. A superficialidade com se olha o grupo dos outros e a generalização de que estes são alvo pode levar a formações erróneas e desproporcionadas dos conjuntos a que não se pertence. Sherman (1997) e Pereira (2002) veem os estereótipos como “uma representação mental que, quando ativada, tem fortes implicações na perceção social” (Freitas, 2012, p.110).

Para Lippmann (2021), estas representações são como “mapas guiando o indivíduo e ajudando-o a lidar com informação complexa, mas também são defesas que possibilitam ao indivíduo proteger os seus valores, os seus interesses, as suas ideologias, em suma, a sua relação numa rede de relações sociais” (Cabecinhas, 2005, p. 539; Cabecinhas, 2012, p.152). De forma geral, tende-se a atribuir uma determinada significação a cada estereótipo, o que se traduz em determinados comportamentos perante a pessoa, grupo social ou contexto. Lippmann (2021) define os estereótipos como “normais” e “inevitáveis”. Os estereótipos decorrem de um sistema de valores do indivíduo que potencia o seu papel ativo de categorização. Baccega (1998) explica, por seu turno, que todos os relatos que o indivíduo faz, implicam linguagem. Esta, por sua vez, provém de um processo de seleção de palavras e filtragem de pensamento de cada indivíduo. Ora, tal significa que cada pessoa irá relatar coisas diferentes, perante a mesma situação, conforme a sua visão do mundo, ou seja, conforme os valores, crenças e estereótipos que orientam a sua vida. A realidade é subjetiva e a construção da realidade está dependente da forma como o Homem conta e molda a sociedade por via do relato.

Os estereótipos estão relacionados com aquilo que é considerado diferente, estranho, com aquilo que se desconhece ou com questões culturais. Tal como diz Lippmann (2021), “o que frequentemente se imagina ser o relato de um evento é, na realidade, a sua transfiguração” (Lippmann, 2021, p. 83). Por outras palavras, o papel do observador é sempre seletivo e variável conforme aquele que observa. Porém, Cabecinhas (2002) reforça a ideia de que não há preleções certas nem erradas.

Cabecinhas (2002) visita as considerações de Tajfel (1972) que reitera que os estereótipos contribuem para a formação de uma identidade social pois ajudam “o indivíduo a organizar e simplificar as informações sociais”, servem “como guia para ação em

circunstâncias apropriadas”, protegem “os sistemas de valores dos indivíduos”, justificam a tomada de determinadas posições e servem como diferenciadores positivos dos grupos de pertença (Cabecinhas, 2002, p.3-4). Assim, infere-se que os estereótipos organizam o discurso do senso comum, legitimam pontos de vista e funcionam “como regra para interpretar e agir” (Rosa & Gomes, 2006, p.12). O seu ponto fraco é a tendência para a homogeneização e para a aversão ao distinto.

Os estereótipos caracterizam-se por uma forte rigidez, declara Lippmann (2021), para além de não serem neutros e dependerem das considerações do observador: “os estereótipos não são o espelho da realidade, mas sim versões híper-simplificadas da realidade” (Cabecinhas, 2012, p. 152). A autora considera que os estereótipos só podem ser ignorados se o indivíduo tiver flexibilidade de espírito ou se a informação for demasiado incongruente. Lippmann (2021) considera que, embora devam ser contempladas exceções, pessoas “ignorantes” tendem a ser mais acríticas, absorvendo as generalizações, em comparação com as “cultas”: A grande preocupação face aos estereótipos reside, segundo Baccega (1998) no facto deste ser “usado como se fosse um conceito” (Baccega, 1998, p.10).

De forma geral, os estereótipos podem ser analisados como uma mistura entre o real e o pensamento. Não são neutros e são de difícil modificação. Lippmann (2021) faz a comparação: os estereótipos são como “o porteiro de uma festa de máscaras que julga se o convidado tem um disfarce apropriado” (Lippmann, 2021, p. 98). De acrescentar que Bruner (1957) introduziu o conceito de psicologia cognitiva. Este conceito passou a interpretar os estereótipos “como algo inevitável” e como resultado “da nossa limitada capacidade de processar a informação envolvente” (Cabecinhas, 2002, p.3),

Logo, se por um lado, os estereótipos se apresentam como facilitadores da absorção da mensagem e como economizadores de tempo e de reflexão, por outro lado, apresentam-se como a cegueira dos indivíduos, que os incapacita de verem o mundo para além dos filtros que lhes foram impostos pela sociedade, ou que adquiriu de forma pessoal “o que é estranho será rejeitado e o que é diferente cairá em olhos cegos” (Lippmann, 2021, p.115).

4.2 - Estereótipos na televisão

Tendo em consideração o exposto, amplamente, no capítulo 2 da presente investigação, sabe-se que a televisão visa o envolvimento emocional do telespectador, não promove a reflexão do mesmo e funciona como uma espécie de “religião pós moderna” (Ormmezano, Potrich, Friderich & Cordeiro 2007) onde reina a veneração e a identificação. A televisão gera uma visão igual do mundo, uma vez que os espectadores tendem a acreditar e seguir

aquilo que ela transmite. Recorrendo a diversos autores, Faria (2019) considera que a televisão funciona como um “agente de sociabilização” e como modelador de “de visões, objetivos e tomadas de posição” (Faria, 2019, p.107). A televisão é, sem margem para grandes questionamentos, o *media* que mais recorre a estereótipos.

A televisão concretiza-se como o meio que gera projeção e identificação, ou seja, “a comunicação mediática televisiva, projeta as imagens para o coletivo, ao mesmo tempo em que este mesmo coletivo espera por este dizer-ego fabricado na tela” (Miranda, 2013). O telespetador não só inspira e é inspirado como vê e vê-se. Todavia, segundo Ormmezano, Potrich, Friderich e Cordeiro (2007), a televisão procura a identificação dos telespectadores com algo no qual não se reflete. A identificação dá-se quando o telespectador toma como seu o ponto de vista da personagem ou da figura mediática que surge na “caixinha mágica”.

A televisão é, pois, um meio que surge como mediador entre o real e o imaginário. Recorre a signos e símbolos para representar aquilo que acontece no mundo real. Miranda (2013) avança que a televisão tem o “olho do universal e o oráculo da realidade” o que a torna num “simulacro” que replica o real, por via de técnicas, filtros e processos de seleção. No fundo, este meio de comunicação projeta estereótipos, que visam representar parte da sociedade através dos seus pontos em comum, e garante que há indivíduos que, em casa, se reveem no que é transmitido. Assim, e de forma a cumprir os seus objetivos, a televisão recorre muito a estereótipos para facilitar a apreensão da mensagem por parte da audiência: “na televisão só se representam os estereótipos que o público possa logo identificar sem menor esforço mental” (Francis citado por Abreu e Silva, 2012, p. 4). As produções televisas recorrem a estereótipos, reitera Faria (2019), ou para os quebrar ou para transmitir imagens e ideias por via deles.

Na perspetiva de Cabecinhas (2002), os *media* contribuem para o enviesamento da realidade e para a afirmação dos estereótipos sociais. O imaginário coletivo proposto pelos *media* leva a uma significação que nem sempre corresponde ao real. Existe um pendor para que os *media* atribuam “ao particular uma aparência de universal” (Freitas e Gotardo, 2016, p.3). Para além do potenciar dos disfarces, da manipulação e do desvio do real, o uso de estereótipos funciona, segundo Rosa e Gomes (2006), paradoxalmente, como uma espécie de travão à procura incessante de satisfação imediata do público impondo limites à sua capacidade de abstração.

Em suma, os estereótipos aplicados aos *media*, como a televisão, servem para representar o real (embora sempre por via de filtros), contribuir para a organização dos papéis sociais e para a identificação do ser humano. Para além disso, podem ainda ter consequências ao nível da integração ou exclusão social. Em parte dos casos, as representações difundidas

pela televisão, podem trazer consequências para os grupos sociais reais que foram plasmados no ecrã. A televisão recorre a estereótipos devido à facilidade que estes acarretam na transmissão de mensagens.

4.3 - Estereótipos nas telenovelas

As telenovelas são um dos formatos televisivos que mais recorre a estereótipos para transmitir a sua mensagem. As telenovelas estabelecem-nos e fixam-nos. De acordo com Said e Viana (2011), as telenovelas recorrem a estereótipos para se afirmarem e para serem reconhecidas pois, ao apresentarem semelhanças com a realidade geram significação que leva a audiência a sentir-se pertencente a um grupo. “O estereótipo aparece como uma forma de representação que generaliza e rotula. Identifica-se nas novelas, de modo geral, a tendência para usar essas estratégias para caracterizar e apresentar determinado conteúdo ao público de forma mais resumida” (Said & Viana, 2011, p. 5). Rosa e Gomes (2006) vão mais longe e afirmam que as telenovelas recorrem a estereótipos “como chave do seu processo de criação, para ser aceite facilmente e não incitar a reflexão aparente” (Rosa & Gomes, 2006, p.1). Curiosamente, a própria telenovela é vítima, logo à partida, de estereótipos uma vez que se vaticinou que seria apenas dirigida ao público feminino.

“Os estereótipos são necessários nas telenovelas” (Rosa & Gomes, 2006, p.12) pois são de fácil e rápida digestão, “simplificam a caracterização das personagens”, geram alienação e passividade e recorrem a “generalizações que os telespectadores já conhecem” (Rosa & Gones, 2006, p.12). A simbiose entre o retrato de temas universais, a produção em massa e o uso de representações fixas, como os estereótipos, proporcionam a fomentação de um imaginário social, coletivo e popular que se traduz na identificação dos telespectadores com aquilo que veem. “O estereótipo é um mecanismo de atalho à diversidade cultural” (Pelinson, Riveiro & Silva, 2014), isto é, funciona como abreviatura das características de um determinado grupo, espalhando-as por um agregado indiscriminado de indivíduos, fomentando o reconhecimento da existência de multiplicidades culturais.

O uso de estereótipos em telenovelas ocorre, com vista a facilitar a criação das personagens e comportamentos e a simplificar a interpretação de quem consome. Neste sentido, os estereótipos apresentam uma dupla função: contribuem para o processo cognitivo do ser humano e para a consequente criação de identidade social, e metaforizam aquelas que já são algumas das representações, ideologias e imagens sociais detetáveis pela audiência por serem exibidas regularmente (Rosa & Gomes, 2006).

Na ficção recorre-se, substancialmente, a características identitárias e tradicionalistas dos diferentes grupos sociais. A contextualização no espaço e no tempo de problemas apresentados “permite um reconhecimento cultural que conduz necessariamente a fenómenos de identificação” (Capucho, 2005, p.147). É inevitável recorrer a representações sociais tipificadas numa telenovela visto que, cada personagem e cada história visa retratar uma determinada realidade. Ora, é o recurso a características e marcas fortes de determinado grupo social ou contexto que possibilita a existência de vivacidade, partilha de valores, verosimilhança com o real e identificação do público. Independentemente do estereótipo em causa, existe sempre quem se identifique com essa realidade, quem a repudie ou quem, não lhe pertencendo, a reconhece através dessas particularidades rígidas – “quanto mais próxima estiver a representação da realidade do telespectador, mais será considerada real” (Rosa e Gomes, 2006, p.8). O fio condutor da narrativa, a organização temporal da trama e a ligação entre as temáticas levam a atribuição de diferentes significados. Note-se, no entanto, que embora o uso de estereótipos nas telenovelas possa “encaminhar para um entendimento do mundo”, a verdade é que similarmente pode levar “a uma perceção díspar entre o mundo real e o mundo assistido” (Rosa & Gomes, 2006, p. 1-2). Por outras palavras, “toda a narrativa aponta uma versão, ou seja, um ponto de vista com determinado viés” (Ruy, 2014, p.7).

Em Portugal, “Joia de África”, rodada em Moçambique e com apenas 50 episódios “realizou pela primeira vez numa produção para televisão com estereótipos coloniais e de antigas colónias portuguesas” (Cunha, 2006, p. 6). Por terras lusas, também já foram abordados estereótipos de negritude (ex: “A Única Mulher”), estereótipos étnicos (ex: “A Herdeira”), estereótipos de violência doméstica (ex: “A Única Mulher”, “Espírito Indomável”, “Sol de Inverno” e “Amor Maior”) entre outros.

Em muitos casos, temas como a masculinidade, a mulher, a negritude e a etnia, por exemplo, têm sido abundantemente trabalhados na ficção por meio de estereótipos “os grandes temas do imaginário são eles, em certo sentido, arquétipos e estereótipos” (Miranda, 2013). Inicialmente, e muito devido a filmes como o “Rambo”, reflete Freitas (2012), o homem era apresentado como mulherengo e como sinónimo de força, insensibilidade e personificador da coragem e da luta. Esta forma de analisar o homem mantém-se como um estereótipo usado na ficção. Porém, com o passar dos tempos, esta visão de dominação associada ao género masculino tem vindo a ser subvertida. São cada vez mais as narrativas que apresentam o homem como fraco, amedrontado, sensível e fiel. Há ainda representações masculinas baseadas na violência, nas adições e no poder. Esta dupla atribuição de características aos homens, são também alvo de menção por Júnior (2013). Grande parte das telenovelas nacionais, conseguem reunir na mesma trama os diferentes estereótipos masculinos. Associado à negritude surgem também vários

estereótipos nas telenovelas – e embora se deslumbra uma mudança de paradigma - que caracterizam as pessoas negras como marginais, ricos corruptos, traficantes, vítimas de discriminação, *bad boys*, ou pessoas com profissões ditas “inferiores”, etc (Vitorino, 2016). No que concerne ao género feminino, as representações na ficção baseiam-se na tipificação de: mulheres fortes, seguras, inteligentes e sensuais; mulheres ignorantes e fúteis; mulheres boas, sensíveis e mães de família; mulheres adúlteras ou beatas (Júnior, 2014; Fernandes, 2019). No artigo “Imagens e representações de masculinidade nas telenovelas”, Júnior (2013) reflete ainda sobre a estereotipização de cenários familiares e relacionais. Existem sempre: as famílias felizes, o homem/mulher que trai o companheiro, os pobres que gostavam de ser ricos, o indivíduo que tem duas famílias, etc.

Arrisco dizer que todas as telenovelas nacionais possuem estereótipos, quer seja ao nível das personagens, quer seja ao nível das relações interpessoais, quer seja ao nível situacional. Adianta-se ainda que, nas tramas portuguesas, normalmente, observa-se uma tendência para a representação de uma mistura entre estereótipos positivos e negativos.

4.4 – Os estereótipos relacionados com o interior de Portugal

Fernandes (2019) considera que existem dois tipos de estereótipos, os globais e os restritos. Os primeiros são abrangentes e aplicáveis a parte significativa da população (ex: nacionalidade, raça, género ou etnia) e os segundos dependem de influências externas, sendo sobretudo de carácter individual (ex: estereótipo de beleza). “A título de exemplo, a maior cisão estabelece-se entre Ocidente e Oriente, mas é possível estipular idiosincrasias para zonas mais restritas, como continentes, países, regiões ou localidades” (Fernandes, 2019, p. 73).

Importa destacar que, parte da população não residente e desconhecadora do interior do país, considera-o como sinónimo inequívoco de campo ou ruralidade, apesar de tal não ser completamente verdade. O interior de Portugal contém, sim, espaços de campo, serra e ruralidade – também existentes, embora em menor dimensão, no litoral do país e nas áreas metropolitanas -, mas também consagra a existência de várias cidades e capitais de distrito de norte a sul do país. Por norma, quem se dedica à representação do interior de Portugal nas telenovelas, olha os seus habitantes como o “grupo dos outros”, sendo as transposições realizadas para a tela alvo, muitas vezes, de críticas: por vezes, as telenovelas representam o interior que as pessoas do Litoral consideram existir e não o interior das pessoas que nele vivem pois, tal como refere Hall (1937), a representação é sempre “o olhar do outro sobre um grupo” (Schorr, 2011). Neste caso, “sentir-se interior –

ou para ser correto, ser vítima da interioridade- é mais decisivo de que ser efetivamente interior” (Ferrão, 2002, p.156). São estas representações telenovelistica do interior de Portugal que contribuem para a visão que a generalidade das pessoas tem do território.

“Ser do norte ou do sul, do litoral ou do interior, da cidade ou do campo, suscita de imediato imagens e significados, muitos deles justificados no passado, ou até mesmo no presente, mas que tendem a ofuscar a existência de outras geografias, não necessariamente constantes com estas opiniões e, em muitos casos, bem mais relevantes” (Ferrão, 2013, p.245).

Hélder Trigo (2008) aponta baterias para os *media*, sobretudo para a televisão, garantindo que esta é responsável pela “mediação entre o “nós” e o “mundo rural” quer se trate de plasmar as diversas estéticas de representação ou a formação de estereótipos sociais inerentes” (Trigo, 2008). O autor avança que este território é visto como espaço de reencontro e de valorização regional devido à sua “longa espessura histórica” e à cultura e práticas simbólicas e locais que lá se desenvolvem. Trigo (2008) considera também que os territórios de ruralidade são, tendencialmente, estetizados e alvo de uma glorificação do imaterial.

As personagens, a par com os cenários, linguagem verbal e não verbal e a banda sonora, podem ser consideradas como “miméticas, artificiais, simbólicas e sintomáticas” (Fernandes, 2019, p. 75) daquilo que são as características comuns imaginadas para o interior do país. As personagens tipificam, pois, aquelas que são as características específicas desta zona do país e não existem umas sem as outras. Advêm de uma generalização e de uma projeção global daquilo que são as particularidades desta região.

A língua é uma instituição e um objeto vivo que se modifica no tempo e conforme as interações sociais. A título de exemplo, o Homem do campo é representado como inculto uma vez que “a sua fala é diferente do Homem urbano” (Schorr, 2011). Particularidades linguísticas como o uso de expressões antigas, a pronúncia ou a utilização de verbos no futuro simples (ex: o que comeis, em vez de o que é que vocês comem) são exemplo de características identitárias dos residentes no Interior de Portugal. Porém, “segundo Bagno (2006) acostumou-se a atribuir a um local ou grupo de falantes o “melhor” ou “pior” português fazendo com que o ciclo vicioso do preconceito linguístico não tenha fim”

(Palinson, Ribeiro & Silva, 2014, p.35-36). O caso da interioridade é, desta forma, associado a um português distinto e tendencialmente apelidada de “estranho”.

Tendo em consideração a já referida associação entre o interior de Portugal e o campo/rural, considerada por muitos, este território nacional é alvo de dois tipos de estereótipos (Trigo, 2008), refletidos tanto nas personagens, como nos cenários. Por um lado, dá-se uma romantização do território veiculando-se que este está intimamente ligado ao belo, ao idílico e ao puro, sem esquecer a essência e a bondade, a ingenuidade e o bom caráter dos seus residentes. Desde os anos 70, que estes territórios se associam também à nostalgia, ao refúgio e ao abrigo. Por outro lado, e quase paradoxalmente, a ruralidade é também associada à força, ao trabalho árduo, ao cansaço, esforço e à rudeza. Os territórios de interioridade são definidores da identidade nacional e os produtores dos valores éticos em declínio na sociedade portuguesa, alude Trigo (2008).

Tais acessões permitem concluir que, nas telenovelas, os estereótipos de interioridade se vertem em personagens caracterizadas como pobres, lutadoras, verdadeiras, trabalhadoras (normalmente estão empregadas em profissões duras e definidoras das principais atrações endógenas das regiões), mas que praticamente pararam no tempo. Trigo (2008) diz mesmo que existe uma propensão para se olhar a ruralidade como fixada na era pré-industrial e na estética imaculada, natural e sem intervenção humana. A ideia de paragem no tempo é corroborada por Schorr (2011) que reitera que o rural é analisado como “um espaço atrasado”, “estático” e onde nada acontece. Em contrapartida, os residentes no litoral e nas áreas metropolitanas são representados nas telenovelas, geralmente, como inteligentes, cultos, sofisticados, de perfil refinado e caracter moldado pelas reduzidas relações interpessoais que possuem. Têm profissões de relevância social e vivem na pressa do quotidiano. Recorrendo às considerações de Capucho (2005) estima-se que, nos territórios do interior, pintados aos olhos dos outros, como ricos em aldeias, prevalecem a pastorícia, a vida difícil, mas simultaneamente tranquila. Nas cidades tidas como desenvolvidas e vistas como “civilizadas”, “o bem-estar económico não chega para evitar as mágoas profundas do ser” (Capucho, 2005, p.12).

PARTE II

Estudo Empírico

CAPÍTULO 5 - Metodologias

5.1 – Problemática da investigação

O tema da presente investigação pode então ser definido como: O recurso a estereótipos relativos ao interior de Portugal nas telenovelas nacionais. “É à luz da problemática escolhida que a pergunta de partida ganhará o sentido particular e preciso da sua forma definitiva, bem como a orientação específica na qual se procurará uma resposta para ela” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.299). Assim, o problema desta dissertação pode ser definido por via da tradicional interrogação: Como é que o interior de Portugal é representado nas telenovelas portuguesas? O caso de “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beirais” (RTP 1). A pergunta de partida mencionada pode ser melhor observada à luz de uma série de questões que a simplificam e especificam: Quais as características que as telenovelas portuguesas atribuem ao interior de Portugal? As telenovelas nacionais recorrem a estereótipos para representar o interior de Portugal? Existem substanciais diferenças entre a forma como o interior de Portugal é representado nas telenovelas nacionais e a realidade? Será que as telenovelas que retratam o interior de Portugal o fazem de acordo com a realidade contemporânea ou estão apegadas a ideias tradicionalistas (no que toca às profissões, contextos, guarda-roupa)? As populações naturais do interior de Portugal reveem-se nas representações realizadas pelas telenovelas?

5.2 – Objetivos e hipóteses

Face à revisão literária realizada e à consequente conceptualização e exploração de temas como o interior de Portugal, os estereótipos e as telenovelas, e em consonância com a experiência empírica acarretada, podem formular-se os objetivos e hipóteses desta investigação que visam solucionar a pergunta de partida definida.

Assim, esta investigação tem como objetivos:

- 1** - Verificar se, em “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beiras” (RTP1), o interior de Portugal é representado através de estereótipos.
- 2** - Analisar a forma como o interior de Portugal é caracterizado nas telenovelas alvo de investigação.
- 3** - Indagar se as representações do interior de Portugal plasmadas em “A Serra” (SIC) e “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1) se adequam à realidade atual.

4 - Identificar as razões que justificam a forma como o interior de Portugal é representado nas telenovelas portuguesas, “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beirais” (TVI). ~

A formulação das hipóteses é a quarta etapa do procedimento científico proposto por Quivy e Campenhoudt (1998). As hipóteses fornecem à investigação um fio condutor a partir do momento em que são estruturadas. As hipóteses são respostas provisórias, formuladas no seguimento da revisão literária e em coadunação com a experiência empírica e direcionam o investigador para as técnicas científicas a que este deve recorrer de forma a testar a sua veracidade. No fundo, a formulação de uma hipótese impele a criação de um enunciado que possa ser testado infinitamente, ou seja, que possa ser alvo de verificação (Quivy & Campenhoudt, 1998). Tendo em conta a revisão teórica realizada e a experiência empírica, apresentam-se como hipóteses, ou seja, como soluções possíveis para a problemática da presente investigação, três hipóteses:

H1 - As telenovelas portuguesas “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beirais” (RTP1) recorrem a estereótipos para representar o interior de Portugal.

H2 - A forma como o interior de Portugal é apresentado nas telenovelas “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beirais” (RTP 1) é redutora e não representa a realidade contemporânea.

H3 - A forma como o interior de Portugal é apresentado nas telenovelas “A Serra” (SIC) e “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1) provém da forma como quem escreve, vê o “grupo dos outros”, aqui representado pelo interior de Portugal.

5.3 – Desenho da investigação

A metodologia utilizada na presente investigação é, totalmente, qualitativa. Os métodos qualitativos são caracterizados, segundo Matos (2014), por serem aplicáveis a uma maior amostra. Primam pela observação, pela incorporação dos sentidos e pela interpretação dos relatos, situações, momentos, relações ou circunstâncias: dedicam-se à elucidação da realidade social motivada pela pluralidade e diversidade de modos de vida (Matos, 2014; Flick, 2005). Este tipo de método possui um carácter subjetivo já que depende da análise de discursos, cenários ou comportamentos por via dos sentidos. Tendo em consideração a volatilidade das interpretações decorrentes deste método, Flick (2005) garante que o processo de recolha de informações é “controlado até ao limite do possível, a fim de determinar com a máxima certeza as suas relações causais e sua validade”.

Os métodos qualitativos caracterizam-se por serem mais flexíveis e por assentarem no discurso, na componente verbal/textual e no uso da palavra ou imagem. Os produtos das

criações qualitativas são “ricos, densos e reflexivos dos fenómenos em análise” (Aires, 2011, p.13). A recolha e seleção de dados é feita de forma textual ou icónica. Embora possuam uma vertente subjetiva e até criativa, é-lhes incutido foco e a objetividade por parte do investigador. Os métodos qualitativos baseiam-se nas descrições e privilegiam o aprofundamento e a riqueza dos dados recolhidos. Os métodos qualitativos são o “olhar de dentro” da pesquisa pois possibilitam conhecer em profundidade as relações e contextos sociais. Assim, pode dizer-se que o principal objetivo dos métodos qualitativos “não é efetuar generalizações, mas sim particularizar e compreender os sujeitos e os fenómenos na sua complexidade e singularidade” (Li, Moura, Ramos & Simões, 2021, p.47). Por outras palavras esta tipologia metodológica impele a atribuição de significados e a interpretação de dados.

“O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa” (Chazzetti, 2003, p. 221).

Os métodos qualitativos implicam que o investigador descreva uma situação ou fenómeno e que esteja por dentro dele, ou seja, impele que o conheça na sua totalidade – “a experiência humana não pode ser confinada aos métodos nomotéticos” (Chazzetti, 2003, p. 232).

De acordo com Minayo (2010), o método qualitativo é “aquele que se aplica ao estudo da história, das relações das representações, das crenças, das perceções e das opiniões, produto das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem” ((Minayo, 2010, p. 57 citado por Batista, Matos & Nascimento, 2017, p. 25). O autor acrescenta ainda que este método “permite desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares” o que “propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos durante a investigação” (Minayo. 2010, p. 57 citado por Batista, Matos & Nascimento, 2017, p. 25).

Note-se que existem diferenças entre métodos e técnicas, embora ambas as nomenclaturas derivem de palavras gregas. Método significa “caminho” e técnica designa “arte”, ou seja,

“se o método é o caminho de se chegar a um resultado, a técnica é a arte de caminhar até um resultado” (Galego & Gomes, 2005, p. 176). No fundo, os métodos, sejam eles qualitativos ou quantitativos implicam a existência de planeamento e associam-se a um processo racional. Os métodos visam “atingir um fim previamente determinado” (Galego e Gomes, 2005, p. 176). A técnica é, por seu turno, a ferramenta que possibilita a operacionalização do método, recorrendo a critérios minuciosos de recolha de dados.

A entrevista, o caso de estudo, a observação não participante, o grupo de discussão ou a análise de conteúdos são exemplos de técnicas qualitativas. Ora, conclui-se que “a investigação qualitativa é uma perspetiva multi-metódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista dos sujeitos em análise” (Danzin & Lincoln, 1994, p. 2 citado por Aires, 2011, p.14).

No caso concreto desta investigação e com vista a dar respostas à pergunta de partida, bem como a desvendar a veracidade das hipóteses formuladas, recorre-se a três técnicas de investigação científica de carácter qualitativo: a análise de conteúdo, a entrevista e o grupo de discussão¹⁰.

A análise de conteúdo é a técnica mais relevante desta pesquisa pois é a partir da análise minuciosa das personagens e das várias dimensões que as envolvem que se indagará se se recorrem, ou não, a estereótipos nas novelas citadas. Esta técnica também será utilizada no seguimento das outras duas já mencionadas.

A técnica da entrevista tem como objetivo perceber, através do contacto com os guionistas de “A Serra” (SIC) e “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1), quais os motivos que justificam a forma como as personagens, cenários, linguagens e comportamentos associados ao interior de Portugal foram edificadas nas telenovelas. Recorde-se que os dados resultantes das entrevistas serão analisados com recurso à já referida técnica, análise de conteúdo.

O recurso ao *focus group* procura, através da ajuda de cidadãos portugueses naturais do interior de Portugal, compreender qual a perceção que estes têm da forma como esta zona do país é representada na ficção nacional.

5.4 – Técnicas de investigação utilizadas: da definição à aplicação

5.4.1 – Análise de Conteúdo

¹⁰ Também designado *focus group*

5.4.1.1 – O que é?

A análise de conteúdo é uma técnica que, segundo Bardin (1977), Silva e Fossá (2013), surgiu entre a década de 40 e 50, do século passado, nos Estados Unidos da América pelas mãos de Laswell. Destaca-se, no entanto, que a popularidade desta técnica tida como “flexível e adaptável” (Li, Moura, Ramos & Simões, 2021, p.46) se deve ao referido autor Bardin (1977). Segundo o próprio, esta técnica visava analisar diferentes fontes de dados, definindo-se como “um conjunto de técnicas e análise de comunicação” (Bardin, 1977, p. 31).

Esta técnica foi-se desenvolvendo à medida que os métodos qualitativos também foram evoluindo (Li, Moura, Ramos & Simões, 2021). A análise de conteúdo está relacionada com o reconhecimento das realidades, a interpretação dos acontecimentos, com a análise dos processos de socialização e difusão, etc. Neste sentido, a análise de conteúdo “ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão dos seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (Moraes, 1999, p.2). O ponto de vista de Pardal e Lopes (2001), autores citados por Li, Moura, Ramos e Simões (2021), corrobora a ideia supramencionada, considerando que a análise de conteúdo é uma técnica perita em “desvendar” e “descortinar”. A esta técnica reserva-se o objetivo de “expor ao detalhe” todas as características de um grupo, documento, situação ou cultura pois “a análise de conteúdo destaca o que é comum e dá sentido às fontes e aos sujeitos da investigação” (Li, Moura, Ramos & Simões, 2021, p.48).

A análise de conteúdo incide sobre diferentes tipos de mensagens, como artigos de jornais, produções audiovisuais e entrevistas. “Quanto à interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos; o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade” (Silva & Fossá, 2013, p.3). A técnica aqui em estudo possui dois objetivos primordiais, na perspectiva de Bardin (1977): a finalidade “heurística”, que se associa à colaboração na fase exploratória da investigação e a “administração de prova”, na qual a técnica serve como teste às hipóteses formuladas.

Ao nível linguístico, por exemplo, é de vital importância que o investigador, aquando do momento de observação, analise a escolha dos termos do locutor, a frequência com que é utilizada determinada palavra, a construção do discurso, etc. Desta técnica fazem parte os processos de classificação das unidades de análise, a categorização e a interpretação dos dados.

A criação de categorias é a pedra basilar desta técnica, implicando uma codificação dos dados e um recorte da realidade social, que com este instrumento se torna resumida – “a categorização é o procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente

entre elas” (Moraes, 1999, p. 6). No fundo, o edificar de categorias concretiza-se na junção das unidades de conteúdo que partilham das mesmas particularidades, num processo criativo que permite a classificação e interpretação dos elementos da mensagem. Tal como considera Bardin (1977), as categorias são “gavetas” nas quais se juntam elementos com as mesmas características. As categorias podem ser definidas previamente aquando da revisão teórica, sendo consideradas categorias dedutivas, por alguns autores, ou podem surgir durante o processo científico sendo apelidadas de categorias indutivas.

À análise de conteúdos podem inferir-se vantagens como a sua aplicabilidade em diversas mensagens comunicacionais e a cooperação com outras técnicas, a flexibilidade, a atribuição de significado e possibilidade de fazer remodelações durante o processo de investigação (Li, Moura, Ramos & Simões, 2021). Note-se, no entanto, que, embora os dados recolhidos apresentem uma grande profundidade e riqueza, certo é que tem de existir um grande equilíbrio entre a objetividade imposta pelos métodos científicos e a subjetividade e criatividade associada a esta técnica. “Os valores e a linguagem do entrevistado e do pesquisador, bem como a linguagem cultural e os seus significados, exercem uma influência sobre os dados, da qual o pesquisador não pode fugir” (Moraes, 1999, p. 3). A possível interferência do investigador no processo, a morosidade do mesmo, “a ilusão de transparência” (Mirayo, 2004) e a subjetividade das interpretações são apontadas como desvantagens a esta técnica.

5.4.1.2 – Tipos de análise de conteúdo

Na obra “Análise de Conteúdo”, Bardin (1977) defende que existem três tipos de macro categorias de análise, seguidas nesta pesquisa: a análise temática, a análise formal e a análise estrutural. Cada uma desta categoria conta com algumas subcategorias que as completam e detalham.

- *Análise temática*: neste tipo de técnica tenta-se revelar as representações sociais e juízos de valor dos intervenientes através de alguns elementos. Neste tipo de análise privilegia-se a frequência e a avaliação valorativa de determinadas características. A análise temática pode também ser definida como análise categorial e dela faz parte a análise representacional.

- *Análise formal*: Esta técnica incide, sobretudo, em questões linguísticas. Observa-se o encadeamento do discurso e a forma de comunicar. Os vocábulos utilizados, a variedade semântica, o tamanho das frases, as repetições ou hesitações são indicadores reveladores sobre o estado de espírito e opiniões reais do ou dos intervenientes. Nesta categoria destacam-se a análise lexical e a análise semântica.

- *Análise estrutural*: Neste caso, e tal como a expressão diz, esta categoria incide sobre a forma como os enunciados e mensagens estão estruturados. Analisa a coerência e a concordância temática, bem como informa o investigador sobre as estruturas mentais e as crenças do objeto/interveniente em estudo. As mencionadas características da coerência e da concordância podem ser analisadas à luz da análise da expressão e da análise relacional.

5.4.1.3 – Aplicação da técnica da análise de conteúdo nesta investigação

Consciente de que a análise de conteúdo exige uma “verificação permanente e interpretação brilhante” (Bardin, 1977, p. 29), esta técnica constituiu-se como a mais importante técnica desta pesquisa pois possibilita uma profunda e completa recolha de dados fundamentais para responder à pergunta de partida.

Numa primeira fase, esta técnica será utilizada como instrumento de observação, significação, codificação e interpretação do genérico das telenovelas “A Serra” (SIC) e “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1), dos cenários, das personagens do elenco (profissões, vestuário, objetivo de vida, traços de personalidade) e, sobretudo, dos protagonistas – para além das unidades de análise estudadas para a transversalidade do elenco, nestas personagens ter-se-ão também em consideração, o discurso, a linguagem verbal e corporal, os relacionamentos, a forma como são tratadas, etc. A análise de conteúdo conta ainda, na presente investigação, com contributos da análise de narrativas ou análise narratológica.

Com o objetivo de garantir a aleatoriedade da amostra em análise, utiliza-se como critério de seleção dos episódios, os múltiplos de vinte. Tal significa que, fazem parte do *corpus* desta investigação: o genérico de cada telenovela, o primeiro e o último episódio das referidas produções televisivas e os episódios múltiplos de 20 (ex: episódio 20, 40, 60, 80...). Assim, em “A Serra” serão analisados 17 episódios (tem 303 no total) e em “Bem-Vindos a Beirais” serão estudados 35 episódios (já que no total a produção conta com 638 capítulos e o *corpus* da investigação inclui os últimos episódios de cada temporada, mesmo que estes não sejam múltiplos de 20). O objetivo do uso desta técnica é compreender de que forma o interior de Portugal em “A Serra” e em “Bem-vindos a Beirais” é representado através de vários elementos definidores da sociedade. Ressalva-se que as características gerais dos elencos resultam da análise dos episódios mencionados. Nas tabelas a seguir surgem as unidades de análise de cada um dos elementos do *corpus* da investigação:

Unidades de Análise: Genéricos

- Duração do Genérico
- Título da Canção
- Intérprete da Canção
- Número de planos do genérico
- Descrição dos planos
- Léxicos predominantes na letra da canção
- Mensagem transmitida pela canção do genérico

Unidades de Análise: Protagonistas das telenovelas

- Nome das personagens
- Estatuto Profissional
- Vestuário
- Meio Habitacional
- Traços de personalidade
- Objetivos de vida
- Linguagem verbal
- Linguagem corporal
- Marcas de controlo
- Marcas de generalizações
- Marcas relacionais

Unidades de Análise: Personagens elenco das telenovelas (características genéricas)

- Nome da personagem
- Nome do ator que interpreta a personagem
- Estatuto Profissional
- Vestuário

- Meio habitacional
- Objetivos de vida
- Traços de personalidade
- Marcas Relacionais

Unidades de Análise: Estratégias de representação

- Cenários exteriores e interiores (quais e descrição)
- Falares tradicionais
- Hábitos

Sumariamente, para as unidades referidas serão utilizadas a análise lexical (no genérico e no discurso dos protagonistas), semântica (no genérico e no discurso dos protagonistas), temática (na transversalidade do *corpus* em análise) e a análise de expressão, representacional e relacional (na caracterização dos protagonistas)

Visto que “os dados não falam por si” e que “é preciso extrair deles o significado” (Moraes, 1999, p. 6), seguir-se à, após a descrição das unidades de análise, à categorização e à sua interpretação, análise reservada para o capítulo 6 desta investigação.

Numa segunda fase, esta ferramenta será utilizada para o estudo e atribuição de sentido das respostas e aceções dadas pelos guionistas das telenovelas nas entrevistas científicas realizadas. A análise de conteúdo será o recurso utilizado também para a significação das reflexões e pontos de vista que brotem do grupo de discussão.

5.4.2 – Entrevista

5.4.2.1 – O que é?

A primeira vez que a entrevista foi utilizada como técnica de investigação científica foi, segundo Fraser e Gondian (2004), pelas mãos de Booth, em 1886 na cidade de Londres. O objetivo da técnica da entrevista na pesquisa científica é promover a recolha de dados/informações e contribuir para o desenvolvimento das ciências sociais.

As entrevistas são “procedimentos de recolha de informação que utilizam a forma de comunicação verbal” (Almeida & Pinto, 1975, p. 397) e que exigem a participação de um

entrevistado e de um entrevistador/ investigador. Têm como objetivo recolher informações e reflexões particulares da pessoa entrevistada e visam responder às hipóteses formuladas pelo investigador, embora não excluam outras análises.

De acordo com Duarte (2004) as entrevistas permitem “mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos” (Duarte, 2004, p. 215). A autora citada considera que as entrevistas implicam mergulhar “em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa a sua realidade, levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo” (Duarte, 2004, p. 215).

As principais vantagens desta técnica residem na grande profundidade e riqueza de dados na elevada flexibilidade, na relativa rapidez no processo de elaboração e preparação, na possibilidade de, tanto do lado do entrevistador como do entrevistado esclarecer, no momento, certas dúvidas ou problemas de significado e na hipótese de analisar a expressão corporal do entrevistado. No texto de Álvaro Júnior e Nazir Júnior (2011) são também apontadas como vantagens da entrevista, revisitando uma proposta de Ribeiro (2000: a facilidade de adaptação dos protocolos, a elevada taxa de resposta e a possível aplicação da técnica a pessoas que não saibam ler e escrever. Gil (2008) corrobora as ideias supracitadas avançando que as principais vantagens da entrevista são o facto do pesquisador poder esclarecer o significado das perguntas, a fácil adaptação da entrevista às pessoas e circunstâncias em que se desenvolve e possibilita a captação de expressões verbais e não verbais do entrevistado. Os gestos, a postura, o olhar e a entoação são fundamentais para a compreensão plena do que é dito pelo entrevistado.

No que toca às limitações desta técnica destacam-se a possível falta de representatividade, o uso de discursos pouco assertivos e coloquiais por parte dos entrevistados, o necessário controlo permanente por parte dos investigadores de forma a não existirem fugas consideráveis aos tópicos de análise e a eventual interferência do pesquisador durante a entrevista (Gil, 2008; Quivy e Campenhoudt, 1998).

5.4.2.2 – Tipos de entrevista

São vários os tipos de entrevista existentes e são distintas as nomenclaturas que lhes são atribuídas: varia conforme o autor. Muitas das vezes, autores distintos indicam nomes diferentes para conceitos de entrevistas similares. É o nível de estruturação que dita a forma como elas são designadas.

Para João Almeida e José Pinto (1975) são três os tipos de entrevistas existentes:

- **Entrevista clínica:** associa-se a uma relação profissional (psicólogo-utente, por exemplo) e assenta numa total liberdade de exposição, ou seja, são “entrevistas repetitivas em que ao entrevistado é geralmente deixada uma grande margem de liberdade e iniciativa”. (Almeida & Pinto, 1975, p. 398).

- **Entrevista em profundidade:** o objetivo é avaliar as atitudes, respetivas causas e compreender a personalidade do entrevistado.

- **Entrevista centrada:** visa “obter informação que possa ser generalizada” (Almeida & Pinto, 1975, p.398). Tal é conseguido através das explicações que cada entrevistado dá e através das reações que cada um demonstra.

De acordo com os responsáveis do “Manual de Investigação em Ciências Sociais” existem também três tipos de entrevista, no entanto, ligeiramente distintas:

- **Entrevista semidiretiva:** neste tipo de entrevistas, o pesquisador deve ter preparado um guião de perguntas que se possa adaptar, tanto na forma como na linguagem e na ordem ao entrevistado e às circunstâncias em que a entrevista se aplica. Este tipo de entrevista não é aberta nem fechada e baseia-se no “deixa andar” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 193). O investigador procurar manter o foco no objetivo da pesquisa e aprofundar o tema.

- **Entrevista centrada:** este tipo de entrevista é mais flexível e mais livre, uma vez que o pesquisador não tem pré-estabelecido um conjunto de questões, apenas tópicos que deve ir introduzindo na conversa naturalmente. O objetivo “é analisar o impacto de um acontecimento ou experiência precisa, sobre aqueles que a ela assistiram ou que nelas participaram” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 193).

- **Histórias de vida:** este é um tipo de entrevista muito aprofundado e subjetivo que procura relatar a vida de alguém, por algum motivo de relevância geral, podendo ser realizada em várias secções.

Há também autores que falam em entrevistas estruturadas, semiestruturadas e abertas:

- **Entrevistas estruturadas:** “A entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número” (Gil, 2008, p. 113). Neste caso, o investigador questiona o entrevistado tendo em conta um conjunto de questões previamente estabelecidas. Não há liberdade para adaptar as perguntas a cada situação, alterar questões, etc. Alguns autores definem este tipo de entrevista como questionário já que se trata de um formato de entrevista rígido.

- **Entrevistas semiestruturadas:** Combina perguntas fechadas e abertas. Nesse tipo de entrevista, o entrevistado tem liberdade para se posicionar favorável ou não sobre o tema, sem se prender à pergunta formulada (Minayo, 2010 citado por Batista, Matos & Nascimento, 2017, p. 29). Neste tipo de entrevista, há um certo conjunto de questões que são sempre colocadas, mas o entrevistador pode formular outras perguntas e adaptar o guião ao convidado. No fundo, este tipo de entrevista é mais flexível e não cinge a tese às respostas diretas, permitindo um maior desenvolvimento e aprofundamento dos assuntos. Trata-se de um conhecimento preciso associado a uma informação mais vasta.

- **Entrevista aberta/não-estruturada/em profundidade:** Neste tipo de entrevistas não existe qualquer forma de estruturação do guião. Esta tipologia de entrevista assenta num registo livre, onde o objetivo é a “obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspetos da personalidade do entrevistado” (Gil, 2008, p. 111). O entrevistado pode e deve intervir livremente na conversa sendo que “as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (Batista, Matos & Nascimento, 2017, p. 29). As entrevistas com este método de estruturação são aplicadas sobretudo na fase exploratória do procedimento científico.

Em paralelo com as já referidas tipologias de entrevistas surgem também outras. Seguem-se mais alguns tipos de entrevistas (não todas) que demonstram o largo espectro desta técnica: as entrevistas face-a-face, onde o investigador capta não só a linguagem verbal, como a não verbal; as entrevistas à distância, realizadas pelo telefone ou computador e que não garantem a absorção de todas as componentes linguísticas; a entrevista focalizada na qual “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada” (Gil, 2008, p. 112); e as entrevistas de grupo.

5.4.2.3 – Aplicação da técnica da entrevista nesta investigação

No fundo, a entrevista utiliza-se com o objetivo de perceber a subjetividade e as considerações de cada indivíduo através da sua verbalização. Sobre o mesmo tema ou acontecimento podem existir pontos de vista distintos. “Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social” (Gil, 2008, p. 109).

No caso desta investigação serão entrevistados os guionistas de “A Serra” (SIC) – Inês Gomes - e “Bem-Vindos a Beirais” (RTP 1) - Ana Vasques e Miguel Simal (coordenadores

do argumento). Espera-se que as entrevistas sejam individuais e realizadas de forma síncrona, através de plataformas digitais, com microfone e câmara ligados. No que concerne à estrutura das entrevistas, elas serão semiestruturadas e semidiretivas. A ideia é que as respostas e questões não se restringem apenas às previamente estabelecidas, de forma a garantir mais profundidade, maior recolha de dados e a análise de informações que, à partida, podem não ter sido contempladas pela investigação. O uso desta técnica tem como objetivo perceber quais os motivos que levaram às representações de interioridade vertidas nas telenovelas em análise. A análise das informações será, conforme já foi explicado, realizada através da análise de conteúdo.

Guião semiestruturado para as entrevistas com os três argumentistas:

I. Caracterização (aplicável aos três argumentistas)

- 1- Nome?
- 2- Idade?
- 3- Naturalidade?
- 4- É guionista há quantos anos?
- 5- Breve descrição do seu percurso profissional até chegar aqui?
- 6- Há quantos anos trabalha para esta produtora?

II. Reflexão sobre as telenovelas em Portugal (aplicável aos três argumentistas)

- 7 - Como é que olha para as telenovelas que se produzem atualmente?
- 8 - Considera que as telenovelas são o produto mais valioso da televisão, em Portugal?
- 9 - Descreva o processo de criação de uma telenovela: a criação da ideia e da construção das personagens ao momento em que os episódios são exibidos?
- 10 - Acredita que as telenovelas devem ser entendidas como um elemento televisivo de pura distração ou considera que devem transmitir uma mensagem?
- 11 - Para que uma telenovela seja entendida pelos telespectadores e promova a sua identificação com as personagens é imperativo o recurso a características comumente aceites, por exemplo, face a um grupo social?
- 12 - Da sua perceção quais os temas que, à data, os portugueses mais gostam de assistir?

III. O caso de “A Serra” (aplicável a Inês Gomes)

- 13 - Quais as razões que motivaram a criação de um produto televisivo cujo mote é dado pelo interior de Portugal?

- 14 - Como é que foi realizado o trabalho de pesquisa para a construção da interioridade nas telenovelas?
- 15 - Em que critérios, dados, fontes ou experiências se baseou para a representação do interior de Portugal?
- 16 - Qual foi a sua principal preocupação aquando da representação desta região do país numa telenovela?
- 17 - Em “A Serra” a protagonista, interpretada por Júlia Palha, é uma pastora, produtora de queijo e dona de um moinho de farinha: porquê este estatuto profissional atribuído a esta personagem?
- 18 - O núcleo que engloba as personagens da Sofia Alves e da Carolina Carvalho representa o poder, a riqueza, o estatuto social elevado, mas também a falta de carácter, a ambição desmedida e a maldade. Por seu turno, a família de Fátima (Júlia Palha) parece representar a bondade e retidão, embora o estatuto social seja mais baixo e a escolaridade inferior: porquê estas associações?
- 19 - Na Fraga Pequena existem dois núcleos produtores de pão: São e Jacinta produzem pão “tradicional” e Fausto e Salvador produzem novas variedades deste produto. Qual o objetivo?
- 20 - Considera que as pessoas provenientes do interior de Portugal se reviram no argumento, personagens e cenários de “A Serra”?
- 21 - É difícil representar uma região do país que não se conhece?
- 22 - Há quem diga que o interior é um conceito desenvolvido por Lisboa. Considera que a forma como esta região do país é plasmada na ficção pode ser influenciada por este fator? De que forma?

OU

III. O caso de “Bem-Vindos a Beirais” (aplicável a Ana Vasques e Miguel Simal)

- 13 - “Bem-Vindos a Beirais”: uma série com características de telenovela?
- 14 - Quais as razões que motivaram a criação de um produto televisivo cujo mote é dado pelo interior de Portugal?
- 15 - Como é que foi realizado o trabalho de pesquisa para a construção da interioridade na telenovela?
- 16 - Em que critérios, dados, fontes ou experiências se baseou para a representação do interior de Portugal?
- 17 - Qual foi a sua principal preocupação aquando da representação desta região do país numa telenovela?
- 18 - Quais as principais características que tentaram associar á cidade, aqui

representada por Lisboa, e o interior, aqui plasmado por Beirais?

19 - Considera que as pessoas provenientes do interior de Portugal se reviram no argumento, personagens e cenários de “Bem-Vindos a Beirais”.

20 - É difícil representar uma região do país que não se conhece?

21 - Há quem diga que o interior é um conceito desenvolvido por Lisboa. Considera que a forma como esta região do país é plasmada na ficção pode ser influenciada por este fator? De que forma?

5.4.3 – Grupo de discussão

5.4.3.1 – O que é?

O grupo de discussão é uma técnica de investigação metodológica na qual, tal como o próprio nome indica, a recolha de dados é realizada através da conversação, debate e interação entre elementos de um grupo (Silva & Furtado, 2021; Keating, Silva & Veloso, 2014; Morgan, 1997; Aires, 2011). O tema em análise é proposto pelo investigador e os dados que são recolhidos não podiam sê-lo por via de outra técnica. No fundo, trata-se de uma técnica de “discussão focada”, onde indivíduos com interesses semelhantes, partilham as suas reflexões sobre um determinado tópico, proposto pelo investigador, contribuindo para uma recolha de dados qualitativa (Keating, Silva & Veloso, 2014). O principal objetivo desta técnica de investigação científica é “procurar o sentido e a compreensão dos complexos fenómenos sociais” (Galego & Gomes, 2005, p.177). Neste sentido, a interação social é fundamental para que “a reorganização do sentido social se processe” (Aires, 2011, p. 39).

O *focus group*, designação também associada ao grupo de discussão, nasceu em 1941 pelas mãos de Robert King Merton. Segundo, Galego e Gomes (2005), a primeira sessão grupal foi realizada no *Office of Radio Research Colombia University*. Historicamente esta técnica passou por diferentes fases e objetivos. Segundo Silva e Furtado (2021), nos anos 20, o *focus group* era utilizado como uma ferramenta de recolha de dados da opinião pública. Por sua vez, a partir da II Guerra Mundial e até aos anos 70, esta técnica direcionou-se, sobretudo, ao *marketing*. Morgan (1997) e outros autores, corroboram que, até aos anos 80, a técnica era usada “nas pesquisas de mercado, pesquisas eleitorais e, em alguns casos, tratamento pessoal” (Galego & Gomes, 2005, p. 175). O recurso ao grupo de discussão como técnica de investigação iniciou-se nos anos 80 e aplica-se até aos dias de hoje.

Do grupo de discussão podem advir opiniões coletivas, concordantes e convergentes ou pontos de vista diversificados e divergentes. Conforme emergem as opiniões individuais, criam-se conversações gerais que trazem novos pontos de vista à discussão do objeto de análise. No grupo de discussão o “*eu* é grupal e revela-se nas perspetivas diferentes da mesma pessoa, nas perspetivas de diferentes pessoas, pontos de vista, grupos, ideias ou culturas” (Aires, 2011, p.39). Esta técnica “pode ser aplicada em qualquer fase da investigação, podendo ser combinada com outras técnicas” (Silva & Furtado, 2021, p. 39). Morgan (1997) e Keating, Silva & Veloso (2014) corroboram a ideia supramencionada na medida em que o grupo de discussão impele, necessariamente, à análise dos dados por via, por exemplo, da análise de conteúdo. Soma-se ainda dizer que esta técnica pode ser utilizada aquando da fase exploratória das investigações, na formulação das hipóteses, na revisão teórica, na construção da pergunta de partida e na testagem e verificação das hipóteses.

Residindo a sua génese num processo de carácter grupal, é decisivo – para o sucesso desta técnica – a interação entre os participantes do grupo. Os envolvidos nesta técnica devem partilhar entre si uma característica comum.

A esta técnica Morgan (1997), Galego e Gomes (2005) e Keating, Silva e Veloso (2014) apontam como vantagens a riqueza dos dados recolhidos, a observação direta dos participantes, e a consequente absorção das componentes verbais e não verbais, o baixo custo, a rapidez na recolha de dados, a flexibilidade de formato, a articulação com outras técnicas de investigação e a emancipação. Esta última mais valia proposta por Galego e Gomes (2005) assenta no facto de, como se trata de um debate, existe uma inevitável influência mútua entre os participantes – é um processo de troca e partilha de reflexões e pontos de vista. Tal como em todas as técnicas, o *focus group* também apresenta algumas desvantagens. Considerando diversos autores, Silva e Furtado (2021), a par com Morgan (1996), elencam fatores como a possível quebra de anonimato dos participantes, a potencial influência do investigador na discussão, a imposição de algum dos participantes na conversa e a insegurança de alguns intervenientes na conversa como constrangimentos à técnica.

O número de elementos presentes num grupo de discussão é variável conforme os autores em causa: Silva, Veloso e Keating (2014) apontam para entre seis e oito participantes enquanto que Galego e Gones (2005) sugerem, por exemplo, seis a doze participantes. O tempo que uma sessão grupal desta índole pode demorar, também oscila conforme os pesquisadores consultados: Borges e Santos (2005) estipulam uma média de 90 minutos, avançam Silva e Furtam (2021), por sua vez, Keating, Silva e Veloso (2014) falam em 2h/2h30 de discussão. Os grupos devem ser em simultâneo homogéneos, possuindo uma

característica em comum, e heterogéneos, de forma a garantir a diversidade de opiniões e reflexões (Morgan, 1997; Silva, Veloso & Keating. 2014). Galego e Gomes (2005) afirmam também que os grupos devem ser premiáveis à diversidade e à uniformidade.

Durante o período de debate, o investigador não deve interromper os participantes e não devem existir sobreposições entre os envolvidos. Silva e Furtado (2021) consideram que deve existir sempre um moderador, definido como um “facilitador do diálogo”, que conduza o debate e que não permita fugas ao tema em análise – “a função é promover a participação e interação de todos os indivíduos, assegurando que não haja dispersões em relação ao objetivo previamente estabelecido e que alguns participantes se sobreponham ao grupo” (Galego & Gomes, 2005, p.181) -, e um observador, cuja função é captar elementos não verbais da discussão. Assim, no grupo de discussão tudo depende “da confiança no foco do investigador e da interação do grupo” (Keating, Silva e Veloso, 2014, p. 180).

5.4.3.2 – Aplicação da técnica do *focus group* nesta investigação

Face ao exposto, nesta investigação será realizado um grupo de discussão com o objetivo de perceber como é que os cidadãos do interior de Portugal olham para a forma como são representados nas telenovelas portuguesas. Identificam-se? As representações são exageradas? As representações que são feitas acerca desta região do país contribuem para uma visão benéfica ou desfavorável da região e das suas gentes? Estas são algumas das questões a que se procura dar resposta com o recurso a esta técnica.

Neste sentido, do grupo de discussão desta pesquisa fazem parte dez pessoas, cujos perfis partilham entre si o facto de serem do interior de Portugal, verem ou terem visto telenovelas ao longo da sua vida e terem acompanhado as novelas em investigação. Procurou-se também garantir uma certa diversidade ao nível das faixas etárias, profissões e género.

Perfil dos intervenientes na discussão:

Pessoa A

Género masculino; Professor do 1º ciclo; 59 anos de idade; Residente e natural no distrito da Guarda.

Pessoa B

Género feminino; Enfermeira; 55 anos de idade; Residente e natural do distrito da

Guarda.

Pessoa C

Género feminino; Reformada; 69 anos de idade; Residente e natural do distrito da Guarda.

Pessoa D

Género masculino; Agricultor; 63 anos de idade; Residente e natural do distrito da Guarda.

Pessoa E

Género feminino; Investigadora; 33 anos de idade; Residente no Porto, mas natural do distrito da Guarda.

Pessoa F

Género masculino; Professor de Línguas; 36 anos de idade; Residente e morador no distrito da Guarda.

Pessoa G

Género feminino; Estudante; 24 anos de idade; Residente e moradora no distrito de Castelo Branco.

Pessoa H

Género masculino; Estudante; 21 anos de idade; Residente e morador no distrito da Guarda.

Pessoa I

Género feminino; Reformada; 73 anos de idade; Residente e moradora no distrito da Guarda.

Pessoa J

Género masculino; Técnico de eletrodomésticos; 45 anos de idade; Residente e morador no distrito da Guarda.

As questões plasmadas no guião de perguntas seguem a estratégia do “funil” proposta por Morgan (1997). Esta consiste em partir do geral para o particular, direcionando as questões cada vez mais para o tópico em investigação. A análise dos dados será realizada com recuso à análise de conteúdo.

Guião a seguir no grupo de discussão:

- Costumam ver telenovelas?
- Quais os temas que mais gostam de ver retratados nas ficções nacionais? Porquê?
- Das telenovelas em exibição quais as vossas favoritas?
- De todas as novelas que já viram quais gostaram mais?
- O que é que precisa de ter uma telenovela para atrair a vossa atenção?
- Viram “A Serra” e ou “Bem-Vindos a Beirais”?
- Que características e diferenças apontam a estas telenovelas?
- Ambas as produções retratam o interior de Portugal. Sentiram-se representados?
- Com que personagens mais se identificaram? Porquê?
- O interior de Portugal é como estas duas telenovelas o retratam?
- O que é transmitido nas telenovelas em análise, no que toca aos cenários, roupas, vocábulos, é credível face à realidade que é por vocês vivida?
- Consideram que a forma como o interior aparece na ficção, influencia o modo como o resto do país olha para esta região do país?
- Na vossa opinião, o que é que precisaria de ter uma telenovela que representasse o local de onde vocês são naturais?
- Fazendo o exercício inverso, o que é que vocês consideram que uma telenovela deveria apresentar se quisesse retratar a área metropolitana de Lisboa?

CAPÍTULO 6 – Análise e discussão dos resultados

No presente capítulo realiza-se uma ampla e profunda análise em relação aos dados recolhidos, através das metodologias invocadas no capítulo anterior (análise de conteúdo, com contributos da análise narratológica, entrevistas e grupo de discussão), contempladas nos apêndices A (“A Serra”), B (“Bem-Vindos a Beirais”), C (Entrevista a Ana Vasques), D (Entrevista a Miguel Simal), E (Entrevista a Inês Gomes) e F (Análise do grupo de discussão) da presente investigação.

Destaca-se que a discussão dos resultados aqui vertida tem como base teórica o apresentado na Parte I desta dissertação e visa validar ou indeferir as hipóteses formuladas no capítulo 5.

Vincula-se, desde já, que os objetivos estipulados para esta investigação foram cumpridos. Quanto às hipóteses enunciadas adianta-se que: a H1 (as telenovelas portuguesas “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beirais” (RTP1) recorrem a estereótipos para representar o interior de Portugal) é verificável, a H2 (a forma como o interior de Portugal é apresentado nas telenovelas “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beirais” (RTP 1) é redutora e não representa a realidade contemporânea) é, simultaneamente, verdadeira e falsa e a H3 (a forma como o interior de Portugal é apresentado nas telenovelas “A Serra” (SIC) e “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1) provém da forma como quem escreve, vê o “grupo dos outros”, aqui representado pelo interior de Portugal) é falsa. Tais apreciações serão analisadas de seguida.

A análise realizada comprova e confirma a existência, em ambas as produções, de características comuns à categoria de telenovela, de acordo com o exposto no capítulo 3 da Parte I desta investigação.

“A Serra” é apelidada como telenovela desde o começo, por todas as entidades envolvidas. No que concerne a “Bem-Vindos a Beirais” destaca-se que, embora a SP Televisão e a RTP 1 considerem a produção como uma “série de longa duração”, facto é que esta engloba os principais ingredientes e características associados às telenovelas. A extensa duração da produção, contando com temporadas com uma extensão semelhante à de uma telenovela, o número elevado de personagens participantes na trama e a exibição dos novos episódios em horário nobre são algumas das características associadas às telenovelas e que sobressaem em “Bem-Vindos a Beirais”. Na abordagem teórica à conceptualização e caracterização das telenovelas é referido que, regra geral,

este género televisivo se dirige às famílias, o que se verifica em “Bem-Vindos a Beirais”, reforçando a sua definição como tal – é um produto visto por “avós, netos e pais”, não sendo necessário “explicar aos filhos uma série de coisas” disse Miguel Simal na entrevista semiestruturada realizada. Exalta dizer-se que existe continuidade narrativa em parte dos episódios analisados, conforme já tinha sido apresentado na parte teórica desta investigação. Verifica-se uma transversalidade, nos 35 capítulos estudados, dos principais vetores caracterizadores de uma telenovela: a evolução da relação amorosa dos protagonistas (com recuos, avanços, traições, desentendimentos e gestos de amor), a existência de um vilão, Fernando Campos Ribeiro, de que ninguém gosta, a luta e busca pela concretização do sonho de Sandro Pedroso (que começa a trama com o sonho de se tornar estilista e que, ao longo da produção, participa em diversos concursos, acabando por se tornar um nome da moda a nível internacional), entre outras. Recordando as tipologias de telenovelas apontadas nesta investigação e em conformidade com os capítulos analisados, afirma-se que “Bem-Vindos a Beirais” é, sobretudo, nas duas primeiras temporadas, uma telenovela com uma intriga principal – marcada pela relação dos protagonistas Clara Rodrigues, Diogo Almada e Teresa Sampaio e a adaptação dos dois primeiros à vida rural em Beirais – e várias intrigas secundárias. Note-se que existem os chamados “enigmas ou intrigas médias”, definidas por Torres (2015), em momentos como por exemplo, a morte de Cristina Santos, o casamento de Marina de Jesus Marques com Luís Assunção, o enlace de Alexandra Vidal e Sandro Pedroso, o matrimónio de Susana Fontes e Nuno Aires e a separação de Rita Santiago e João Santiago. A construção da barragem em Beirais também é um dos problemas que afloram na trama, que se prolonga por alguns episódios e que vê a sua resolução com a entrada de Beirais para zona protegida. Tal situação é também considerada uma intriga secundária desta produção. São também exemplos semelhantes a conceção pública da sociedade recreativa e a candidatura de Beirais a melhor aldeia de Portugal, situações que se arrastam na história durante alguns episódios. Existem também as designadas “enigmas ou intrigas pequenas” que, no caso desta produção, correspondem aos problemas que se iniciam e que se resolvem no mesmo capítulo e que, normalmente, definem o tema do episódio. Na 3^a e 4^a temporadas de “Bem-Vindos a Beirais” a incidência dos protagonistas cai vertiginosamente, quando comparada com os volumes anteriores. Neste sentido, e conforme refere o coordenador do argumento das duas últimas temporadas da produção, Miguel Simal, “a partir da terceira temporada, já não faz sentido falarmos em protagonistas porque a protagonista é a aldeia”. Ora, assim, “Bem-Vindos a Beirais” passa a ser uma “telenovela do quotidiano”, onde a existência de protagonistas é fluida e onde reina a exibição dos hábitos e do dia-a-dia das personagens – “Se tirares o Diogo, a

Clara e a Teresa, se tirares os elementos estranhos que vêm da cidade para a aldeia, tu consegues fazer episódios porque a aldeia já era autossustentável a nível narrativo” reforça Miguel Simal na entrevista efetuada através das plataformas digitais. Destaque também para a existência de episódios com “ganchos narrativos”, distintivos de uma telenovela.

Nas entrevistas aos coordenadores do argumento de “Bem-Vindos a Beirais” fica claro que a produção começou por ser escrita e pensada como sendo uma telenovela. Ana Vasques e Miguel Simal admitem que a nível de produção “Bem-Vindos a Beirais” se assemelha a uma telenovela, contudo, corroboram dizendo que a nível narratológico e no que respeita ao guião, essa tendência foi largada. Ana Vasques explica que em “Bem-Vindos a Beirais” “estão lá os ingredientes todos (de novela)” já que “tem a história de amor e tinha até o vilão, o Fernando”, mas adianta que “depois, com o tempo, foi mudando”. No entanto, a coordenadora do argumento em causa, mostra-se hesitante quanto à sua definição taxativa em termos de género já que, embora a estrutura narrativa tenha sido alterada, executando-se episódios fechados, certo é que, conforme diz, há indicadores caracterizadores de telenovelas que, embora discretos, continuam a existir. Fazendo um balanço, Ana Vasques diz que, na sua opinião, a produção “tornou-se mais série e menos novela”.

Todavia, segundo a análise realizada e conforme foi exposto, apesar de se considerar que alguns dos episódios são fechados, sem consideráveis saltos narrativos, a verdade é que as principais características das telenovelas se mantêm, com mais ou menos incidência e vigor, nas quatro temporadas da produção, pelo que “Bem-Vindos a Beirais” é aqui entendida como um produto de ficção telenovelistico.

6.1 – A produção de telenovelas e o consumo telenovelistico em Portugal

Tal como está descrito no capítulo 3 da Parte I desta dissertação, a telenovela foi e é o género mais consumido na televisão em Portugal. Conforme o estudo da Fundação Calouste Gulbenkian menciona, relativo a 2020 e publicado em 2022, 40% dos 90% inquiridos que veem televisão, assistem a telenovelas. As argumentistas entrevistadas consideram que esta é uma tendência que se mantém nos dias de hoje. Segundo Inês Gomes e Ana Vasques, as telenovelas continuam a ser o produto de eleição em Portugal, mantendo expressivos resultados nas audiências - “Eu penso que, culturalmente, as pessoas continuam a gostar de ver novelas. Isso nota-se nas audiências” (Ana Vasques) e “a telenovela é o produto que mais se faz em Portugal e também o que tem maior

procura por parte da audiência” (Inês Gomes). O grupo de discussão realizado nesta investigação confirma esta tendência uma vez que, atualmente, dos 10 membros envolvidos, seis confirmam ver telenovelas, quatro dos quais diariamente (pessoas A, B, C e I) e dois de forma não regular (pessoas G e J). Note-se, contudo, que as quatro pessoas que assistem diariamente a telenovelas possuem uma faixa etária igual ou superior a 55 anos. Em concordância com o citado na parte teórica desta investigação, o consumo diário de telenovelas pelos mencionados elementos do grupo de discussão deve-se à busca de distração e relaxamento. A ajuda na passagem de tempo, a partilha do momento em família e o descanso que promovem depois de um dia de trabalho são também algumas das justificativas para a regularidade de visionamento de telenovelas, o que vai ao encontro dos principais objetivos deste género televisivo. A mesma ideia é frisada pelos argumentistas escutados, segundo os quais as telenovelas são um instrumento de “distração” e de promoção de “estabilidade” e “rotina” na vida de quem as assiste.

Assim, a telenovela é “uma comida de conforto para os portugueses”, considera a guionista de “A Serra”, pois surge como fenómeno de relaxamento e passagem de tempo. O reduzido esforço cognitivo que implicam tornam as telenovelas um conteúdo apelativo para a população. Tais inferências vão ao encontro da tese que aproxima as telenovelas das indústrias culturais, já que o objetivo é dar aos telespectadores a satisfação plena de consumo.

As entrevistas efetuadas reforçam o contemplado na parte teórica desta dissertação, sublinhando que as histórias de amor, a superação, os heróis, a prevalência do bem sobre o mal e as comédias são os fatores que os telespectadores mais apreciam numa trama. Das seis pessoas do grupo de discussão realizado que assistem a telenovelas, três delas dizem preferir ficções leves, como por exemplo “Festa é Festa” – a produção mais mencionada neste contexto - já que “ao menos, faz rir” (pessoa A), “dá para descomprimir” e “não ficamos a pensar naquilo porque não há propriamente uma história” (pessoa B). As pessoas A, B e G, que dizem preferir produções de índole bem-humorada confessam, porém, que as suas produções favoritas foram melodramáticas e complexas. Ora, tal situação reforça duas considerações tecidas pelos argumentistas: por um lado, os hábitos de consumo telenovelistico foram alterados pela pandemia, privilegiando-se conteúdo menos informativo e menos pesado - daí o recurso a telenovelas sobre “aldeias pequenas e ao interior” e a ideia de que o que se quer é “passar bem e em lugares mais afastados dos centros urbanos”, explica Ana Vasques - e por outro, sempre que a história é forte, a amostra é capaz de se render a essa produção - “quando uma história é boa, quando está bem contada, mesmo que seja mais pesada,

ela atrai as pessoas” afirma convicta Ana Vasques. Os restantes três elementos que veem telenovelas dizem ser amantes de grandes enredos pois as histórias são mais estimulantes e exigem o acompanhamento diário da produção, são uma companhia. Para além disso, consideram que as telenovelas que fogem deste registo se tornam pouco sérias, “floreadas”, “corriqueiras” e cheias de “palhaçadas”. Desta forma, a natureza humana, como refere Ana Vasques, está na base do sucesso de qualquer telenovela visto que é intemporal e transversal, independentemente do tipo de projeto em causa.

Apesar de a distribuição do conteúdo ser feita em massa, com recurso a fórmulas e estratégias narrativas e tradicionais, certo é que Ana Vasques, Inês Gomes e Miguel Simal concordam que todas as histórias devem transmitir uma mensagem já que chegam a milhões de pessoas diariamente. Independentemente do tipo de telenovela em causa, os ensinamentos e aprendizagens promovidos pelas telenovelas são apontados como motivos para o seu visionamento, cumprindo uma das suas missões teóricas: a da promoção da reflexão individual, a recolha de saber e a abertura de horizontes.

Dos quatro elementos do grupo de discussão (D, E, F e H) que, hoje, não assistem a telenovelas, três (pessoas: E, F e H) têm idades inferiores a 40 anos. Os motivos apontados para a inexistência de consumo de telenovelas pelos quatro membros do grupo são a preferência por outros formatos, o desinteresse narrativo e a perda de hábito. No caso da pessoa E realça-se a preferência por conteúdos de curta duração, como as séries e a falta de interesse nos enredos das telenovelas nacionais, o que vai ao encontro das palavras de Miguel Simal, segundo as quais, as telenovelas “comunicam mal” com as gerações mais jovens. A perda de hábito referida está associada às mudanças na vida dos cidadãos, apontadas por Ana Vasques. As rotinas foram alteradas e a sua conciliação aos horários estipulados para as telenovelas foi colocada em causa. As pessoas D e H falam em falta de tempo resultante da “correria do dia-a-dia” e os elementos F e H confessam não ver telenovelas, não pelo desinteresse narrativo ou formato, mas por falta de consistência no consumo – “as novelas são como as cerejas: se a gente começar a come-las, vai comer muitas, se não as comprarmos, não as comemos. (...) Nas novelas, comigo, aconteceu a mesma coisa”, explica, por exemplo o professor de línguas (pessoa F).

A tradição telenovelistica em Portugal é longa, mas as plataformas de *streaming* têm colocado vários desafios à “fábrica dos sonhos”. A possibilidade de assistir a conteúdos direcionados para os gostos pessoais de cada um e a flexibilidade e rapidez de consumo tornam conteúdos, como as séries, mais atrativos para a população, sobretudo a mais jovem. Em Portugal, a RTP Play e a OPTO são as plataformas que mais apostam neste

tipo de formato. Os argumentistas entrevistados defendem que a criação de produtos mais curtos, permite uma maior dedicação ao projeto e, por consequência, um acréscimo na sua qualidade. Contudo, o mercado português é pequeno e a folga financeira mais restrita, motivos que justificam a permanência na aposta em telenovelas. Inês Gomes e Miguel Simal consideram que a aposta em produtos *premium* de ficção será a tendência. Já Ana Vasques acredita que falar em séries ou em telenovelas é, no fundo, refletir sobre o mesmo conteúdo. Segundo a argumentista, as principais diferenças residem no investimento e na estrutura, contudo, a essência da série e das telenovelas é a mesma: “Muda a estrutura, a dimensão, mas os ingredientes e a história são os mesmos, digo eu”. Ana Vasques reforça a ideia de que muitas das séries que se encontram nas plataformas de *streaming* foram exibidas como telenovelas nos seus países ou resultaram de adaptações deste tipo de produções: “para mim, isto é tudo o mesmo, o que varia é a forma como nós contamos a história em termos práticos, a forma como estruturamos”.

A perceção face à qualidade da produção de telenovelas em Portugal é díspar quando analisadas as convicções dos três entrevistados para esta investigação. Miguel Simal acredita que as telenovelas estão “mais fracas”, apresentando um “decrécimo de qualidade”. Segundo o próprio, Portugal já teve uma “Era de ouro” no que respeita à produção de telenovelas, mas ficou preso a sucessos passados. O argumentista define as telenovelas como o “dinossauro com o meteorito a aproximar-se” e avança que as telenovelas em Portugal estão a desrespeitar cada vez mais o telespectador. Já Ana Vasques fala numa evolução significativa a nível técnico e Inês Gomes reforça que Portugal “está num bom caminho”, sendo um “caso único” a nível europeu. As produções favoritas dos membros do grupo de discussão que acompanham novelas com total ou alguma regularidade estiveram, na sua maioria, nomeadas para prémios internacionais ou contaram com inúmeras reposições e adaptações, o que alude ao sentido crítico e ao reconhecimento da qualidade por parte dos telespectadores. Analisando o teor das diversas telenovelas, conclui-se que, como refere Ana Vasques, sempre que a natureza humana se destaca, a trama tem qualidade. A título de exemplo, a pessoa B e a pessoa G destacaram como melhores telenovelas, “Quero é Viver” e “Ouro Verde”, respetivamente. Note-se que a primeira produção esteve nomeada na categoria “telenovela” para os *Internacional Emmy Awards*, em 2021, e a segunda conquistou o referido prémio em 2018. A pessoa I fala de “Terra Brava”, uma produção que venceu o prémio “*World Media Festivals - Television & Corporate Media Awards*” na categoria “telenovela”, em 2020. “Espirito Indomável” foi uma telenovela que teve diversas adaptações e reposições nos diversos canais temáticos de Queluz. Relembrando a tese que demonstra que o sucesso de uma telenovela está relacionado com a identificação da

audiência, com a capacidade que esta tem para descodificar as mensagens e com o contexto em que cada história é assistida, deixa-se a nota que as telenovelas favoritas das pessoas em debate são, à exceção de “Ouro Verde”, passadas em zonas rurais ou em pequenos centros urbanos do país (“Espírito Indomável”: Coruche; “Bem Me Quer” : Serra da Estrela e Aveiro; “Terra Brava”: Vila Brava e “Quer o Destino”: Salvaterra de Magos). Os membros do grupo de discussão são todos naturais do interior de Portugal e de distritos ou concelhos com reduzida densidade populacional, de acordo com o publicado pela CIC e pelo Governo Português. Conclui-se, assim, que a sua preferência recai, também ela, sob zonas semelhantes às que conhecem, num claro modelo de identificação. A construção de histórias a partir de locais de menores dimensões é uma preferência dos argumentistas pois, segundo os profissionais ouvidos, facilitam a escrita do guião, uma vez que, as personagens comunicam e interagem facilmente entre si: “as telenovelas são universos fechados e se as personagens viverem num sítio pequeno – seja interior ou litoral e até num bairro lisboeta, que é um microcosmo, as pessoas estão todas ali, no mesmo sítio, conhecem-se umas às outras, sabem de tudo” defende Inês Gomes.

6.2 – Reflexão sobre a caracterização e a representação do interior de Portugal nas telenovelas em estudo

As telenovelas em análise pertencem à mesma produtora de ficção, a SP Televisão. Foram exibidas com cinco a oito anos de diferença, mas as duas telenovelas circunscrevem-se a aldeias do interior de Portugal: Fraga Pequena e Beirais. Embora estas denominações sejam ficcionadas, não correspondendo a localidades existentes em Portugal, as sinopses das produções indicam que a primeira pertence à Serra da Estrela e a segunda a Vila Real. De acordo com a divisão feita por NUTS, apresentada no capítulo 1 da Parte I desta investigação, afere-se que, no que concerne à distribuição pelas NUTS 1 e 2, as aldeias palco de cenário em “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais” pertencem ao continente português (NUTS I) e à região centro e do norte do país, respetivamente (NUTS II). Quando analisados os locais em que cada telenovela se desenrola, percebe-se ainda que “A Serra” retrata a sub-região das Beiras e Serra da Estrela (NUTS III) e “Bem-Vindos a Beirais” representa a sub-região do Douro (NUTS III).

Ao longo das décadas foram apresentados diversos decretos-lei e portarias pelo Governo Português, que balizam a forma como o interior de Portugal se define e caracteriza, quais os concelhos que se encontram nesta zona do país e quais os critérios que

estipulam a seleção de determinadas localidades como beneficiárias da discriminação positiva que se pretende instalar. A baixa densidade populacional, a carência económica, social, cultural e de oportunidades são alguns dos indicadores a considerar.

Em “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais” a baixa densidade populacional é evidente já que se tratam de aldeias, aparentemente autossuficientes e com poucos habitantes apresentados para além das personagens das telenovelas. A pessoa F do grupo de discussão salienta, no entanto, que apesar de tudo, nenhuma telenovela representa as aldeias de hoje: desertificadas, sem gente, fantasmas e isoladas.

Verifica-se que, em ambas as produções, o maior estatuto social está associado, por consequência, a um mais elevado poderio financeiro e a um questionável carácter. As personagens Carlota Pereira Espinho, Mariana Pereira Espinho, Fernando Pereira Espinho, Sebastião Botelho e Moisés Folgado (“A Serra”), bem como Agostinho Puga, Fernando Campos Ribeiro, Conceição Loureiro e Leonel Alves (“Bem-Vindos a Beirais”) são exemplos do supramencionado. A contrariar esta tendência surgem apenas as personagens de “A Serra”, Aida Folgado e Tomás Folgado e Viriato Montenegro, de “Bem-Vindos a Beirais” que, apesar de serem ricos, demonstram ser pessoas íntegras e de personalidade distinta. Na telenovela da SIC e segundo a análise efetuada, vislumbra-se que as personagens secundárias e a protagonista Fátima Neto pertencem, na sua maioria, a famílias de classe social inferior e com mais dificuldades financeiras. A descrição feita no Apêndice A dos cenários desta produção confirma esta realidade já que, os *décores* destas personagens são, genericamente, menos cuidados, com decorações mais exageradas e com detalhes de ruralidade e de pouca modernidade (portas de madeira, fornos de lenha, paredes de paredes de pedra, fogões a gás, etc). É possível também indagar que a maioria das personagens de “A Serra” personificam pessoas de trabalho, sobretudo em profissões pré-industriais ou de primeira necessidade. No caso de “Bem-Vindos a Beirais”, à exceção das personagens mencionadas, as restantes, incluindo os protagonistas, parecem ser de classe média/baixa, surgindo nos 35 capítulos analisados, residuais e pontuais referências de dificuldades financeiras. Todas as personagens estão empregadas em negócios locais próprios ou públicos. Segundo a argumentista Inês Gomes, a relação entre os traços de personalidade das personagens, o seu estatuto social e a sua condição financeira decorrem, na maioria das vezes, de um processo de simplificação da escrita e de promoção da atratividade na audiência pois, “se o vilão for poderoso e o protagonista tiver menos poder, a luta é sempre desigual”, o que tornará mais apelativa a história.

Em “A Serra” e em “Bem-Vindos a Beirais”, as aldeias representadas possuem vasta atividade económica. Em ambos os projetos existem minimercados/mercearias e locais

de convívio (café ou sociedade recreativa). Na telenovela da SIC verifica-se uma mais acentuada polarização de atividades económicas. A produção de queijo, a fábrica de burel, a produção de pão em forno a lenha, a moagem de farinha e a pastorícia remetem para funções típicas da Serra da Estrela, de índole agrícola, artesanal e de manufatura. Por sua vez, a abertura para o mundo é concretizada através da padaria de Fausto Roque Courela e Salvador Teles de Arriaga e do hotel. O primeiro é responsável pela produção de pão pouco comum naquela zona do país, considerando a posição dos populares registada nos episódios analisados, e a segunda leva à Fraga Pequena gente provinda de outras zonas do país e do globo. Alguns dos momentos de música e de contributos culturais para a aldeia foram, aliás, realizados ali. Em “A Serra” há ainda a considerar a criação de cães Serra Estrela e a aposta nos desportos de inverno. A produção exibida pelo canal público apresenta a agricultura, nomeadamente em estufa, como uma das suas principais atividades económicas, já que é desenvolvida pelo protagonista. Para além disso, vislumbram-se vários tipos de estabelecimentos como o posto da GNR, o barbeiro, a oficina, a agência funerária, a escola, a junta de freguesia, a rádio local, o consultório médico, entre outros. Estes espaços comerciais e os diferentes serviços públicos não são distintivos de nenhuma zona de país em particular, como acontecia na telenovela analisada anteriormente. A casa de turismo de Beirais surge, também, como a porta para o investimento em Beirais de outras pessoas que não as locais.

No que concerne à “carência cultural” caracterizadora do interior, constata-se que em “A Serra” a única menção desta natureza recai sobre o rancho local. Todavia, destaque para as tradições e produtos preservados e valorizados que também constituem marcas culturais: o queijo da serra, a moagem em pedra e a produção artesanal de pão. Já em Beirais, existem dois polos culturais: a banda filarmónica da aldeia e a rádio local. Na produção exibida pela RTP1, e de acordo com os capítulos analisados, faz-se, porém, referência à inexistência de cinema e à falta de consumo de peças de teatro.

A falta de oportunidades é pouco espelhada em “A Serra” uma vez que, dos episódios examinados, apenas Dulce Barros diz ter saído da aldeia com vista a procurar melhores condições de vida e Helena Rasteiro confessa ter sido convidada para trabalhar em Lisboa. Fátima Neto ainda menciona, no episódio 180, ir para Braga, aceitando o convite de uma panificadora. Contudo, não o faz por ser uma oportunidade única para a sua vida, até porque tem trabalho na Fraga Pequena, di-lo e pondera fazê-lo já que quer afastar-se de Carlota Pereira Espinho. O mesmo acontece com Domingos Nunes visto que, quer mudar-se com a família para outro local, não pela melhoria das suas condições de vida e procura de novas oportunidades (uma vez que tem um negócio

próprio na aldeia), mas porque quer afastar Leonor Barros de Tomás Folgado. Na telenovela da SIC acontece, aliás, sobretudo o contrário: o regresso à aldeia. Guilherme e Vasco Botelho, Fausto Roque Courela, Salvador Teles de Arriaga, a família Folgado, Zezinha Grilo e Remy simbolizam exatamente isso. Em “Bem-Vindos a Beirais” a falta de oportunidades é sobretudo plasmada pelas personagens de Xavier Marques e Sandro Pedroso pois, o seu futuro acaba por passar por empregos e rumos fora de Beirais. No entanto, a família Nogueira parece contrariar esta tendência já que, Tiago vai para a aldeia e cria o seu próprio negócio de vinhos.

A tese do envelhecimento associado ao interior parece também ser praticamente descartada nas duas produções. Em “A Serra”, as únicas personagens que aparentam ter mais de 65 anos são Hortense Rasteiro, Augusto Pereira Espinho e Simão. Embora o elenco infantil seja reduzido (surgem apenas Anabela Neto e Leonor Barros), a maioria das personagens são pessoas em idade ativa, com menos de 65 anos, aparentemente. Na produção da RTP1, verifica-se uma situação semelhante. Viriato Montenegro, Hortense Pedroso e Benjamim Marques são as únicas que pertencem a uma faixa etária mais envelhecida. Neste caso, o elenco infantil é bastante expressivo com adições de personagens ao longo das temporadas. Segundo os episódios analisados, nasceram cinco bebés em Beirais, nas quatro temporadas.

A nível teórico foram várias as características associadas a esta região do país. Ferrão (2002) explica que o interior de Portugal é entendido como uma zona longínqua e remota de tudo e tendencialmente “perdedora”. Nos projetos em análise são realizadas referências, por exemplo, à falta de rede (episódio 303 de “A Serra” e episódio 1 da primeira temporada e da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais, dos episódios analisados) e os elementos provenientes dos grandes centros urbanos são tidos como “o tipo da cidade” ou “vocês lá da cidade” (episódio 20 da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais”). A ideia de que o interior ficou parado no tempo também foi alvo de abordagem no projeto da RTP1: “pensam que não há cá nada” (episódio 1 da primeira temporada), “acham que estamos sempre na mesma” e “acham que no campo ainda usamos transmissor” (1º episódio da segunda temporada).

Também a nível teórico, existem autores como Hélder Trigo que evidência que, por vezes, o interior é olhado com romantismo. Associam-se-lhe as ideias de naturalidade, sustentabilidade, tranquilidade e calma. Tal poderá ser observado, de seguida, aquando da análise das personagens, hábitos e cenários.

6.2.1 – “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”: os genéricos

Aponta-se, desde já, que a análise dos dados aqui vertida tem como base os resultados expostos na Parte I dos Apêndices A e B, desta investigação.

As primeiras considerações dirigem-se ao conteúdo lexical do genérico da telenovela da SIC. Em “A Serra”, a canção que abre todos os capítulos articula dois termos, “cidade” e “liberdade”, que são controversos face ao exposto na parte teórica deste trabalho científico. Regra geral e de acordo com, por exemplo, Trigo (2008), o interior do país ou a zona rural (onde se encontra a Serra da Estrela) são a personificação da liberdade já que as vivências e pessoas são, tendencialmente, mais tranquilas, calmas, lentas e puras. Em sentido oposto, está a cidade, marcada pelo movimento, pela azafama, pela rapidez e pelo individualismo. O nome da canção, bem como a vivacidade com que é cantado o termo “liberdade” vão ao encontro de um dos principais objetivos da telenovela “A Serra”: mostrar que a Serra da Estrela é um local de gente pura, um sítio onde todos são livres e que traz plenitude. Tais perceções convergem com o outrora plasmado. Os teóricos que estudam as particularidades representativas do interior de Portugal tecem considerações que elevam esta zona do país a um local imaculado e puro, onde as pessoas são verdadeiras e ingénuas.

As imagens contempladas no genérico de “A Serra” aludem à existência de uma aldeia – conclusão retirada pelo tipo de casas e construções apresentadas e pela presença de rebanhos - junto à Serra, retratada pela neve. Assim, o genérico remete o telespectador para o espaço onde a trama se desenrola. As imagens do genérico dão também a conhecer, de imediato, quem são os protagonistas da telenovela, avançando com alguns dados sobre as suas personalidades e sobre o desenrolar da história. É necessário observar dois indicadores: a postura das personagens e o último plano em que elas aparecem. Fátima Neto e Tomás Folgado surgem de perfil: Fátima do lado direito do ecrã e Tomás do lado esquerdo, o que pode aludir que, caso estas duas sombras surgissem no mesmo plano, estariam frente a frente - a olhar uma para a outra. Por seu turno, Carlota Pereira Espinho surge de frente, com um olhar desconfiado e malicioso. Assim, este genérico dá informações sobre o carácter das personagens em questão, bem como faz referências a certos acontecimentos da trama. O plano 16 possibilita ao telespectador perceber qual o grande romance da história e vaticinar aquilo que será o final esperado para o casal. Para além da neve, existem mais dois fatores típicos da zona do país onde a telenovela é passada e que se relacionam com a história. Surgem, por duas vezes, rebanhos de ovelhas, o que dirige o pensamento de quem assiste à telenovela para a atividade económica exercida pela família de Fátima Neto. O pai da protagonista é pastor e toda a família (a mãe, Silvério, Artur e Fátima) se dedica à

produção de queijo da Serra (ex-libris da região). No genérico aparece também um cão que, embora não pareça ser da raça “Serra da Estrela”, visa representar, não só estes animais, pois são característicos da zona e representam a profissão de Vitória Castro, mas também a cadela, Estrela, da família de Fátima Neto que costuma acompanhar o rebanho na pastagem. A cascata de água que sobressai em alguns planos do trecho inicial da novela simboliza o curso de água que corre junto ao moinho da protagonista Fátima Neto.

Dirigindo a atenção para a produção da RTP1, verifica-se que, o título da música, bem como a predominância das palavras utilizadas apelam a uma mudança de vida. Esta mensagem alude àquele que é o tema da telenovela: Diogo largou Lisboa para não “viver contrafeito”. A letra da canção dos “Humanos” apela à procura de novos rumos, fugindo dos “castigos” e procurando a felicidade. Tais máximas vaticinam os objetivos de Diogo com a sua mudança para Beirais.

Sob o ponto de vista estético, menciona-se que os genéricos apresentam as personagens fixas de cada temporada, por núcleos e nos ambientes que melhor as caracterizam. A ordem por que surgem remetem para a sua relevância na trama e deixam escapar alguns traços de personalidade e de estatuto, através da postura das personagens. Existem alguns planos, como por exemplo o segundo, que permitem descrever, *a priori*, o rumo que determinadas personagens levam, nomeadamente, ao nível amoroso: Diogo Almada surge ladeado de Teresa Sampaio e de Clara Rodrigues, o que traduz a existência de um triângulo amoroso. Noutra temporada, este núcleo é alterado, prevalecendo, apenas, Diogo e Clara; mais adiante vislumbra-se o casal mencionado e Carlota. O último plano, em todas as temporadas, invoca duas características comuns às aldeias: por um lado, escutam-se os sinos de uma igreja, cenário incontornável de qualquer localidade e, por outro, dá-se a reunião de todas as “fotografias”, e por equivalência das personagens, o que remete para a união e convívio entre todos os elementos de uma aldeia. Estes itens são mencionados como caracterizadores do interior pelos teóricos citados anteriormente nesta investigação e pelas pessoas A, E, F e I do grupo de discussão realizado.

6.2.2 - “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”: os protagonistas

A grande diferença entre “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais” reside no facto de, na primeira, os protagonistas serem naturais do interior de Portugal, mais concretamente, de uma aldeia serrana e na segunda os protagonistas da telenovela serem “lisboetas de gema”.

Congregando as informações vertidas nos apêndices que relatam as personagens principais das telenovelas em causa indaga-se que (Parte II dos Apêndices A e B):

- Em “A Serra”, e conforme já mencionado, existe uma polarização dos protagonistas em termos de personalidade, de popularidade local e riqueza. Fátima Neto é uma jovem que, depois da morte da mãe e do irmão, toma as rédeas da família, tanto a nível moral, como financeiro. É dos quatro protagonistas a que mais vezes surge a trabalhar: seja na moagem de farinha, na pastagem das ovelhas, na produção de queijo da Serra ou na entrega de farinhas. Segundo a pessoa C do grupo de discussão as atividades económicas descritas não são, atualmente, levadas a cabo por jovens. Contudo a argumentista de “A Serra” diz que, segundo a pesquisa que realizou, a “serra está a abrir-se”, identificando-se o regresso de população mais nova a estes locais, existindo formação adequada para os ofícios regionais. Para além de trabalhadora, Fátima Neto surge como a protagonista mais humilde, franca, lutadora, reta e honesta, no que concerne aos traços de personalidade que a distinguem. A característica que melhor a define, de acordo com a análise de conteúdo e a análise narratológica efetuadas, é justiça. O principal objetivo de Fátima Neto durante toda a telenovela é vingar a morte do irmão, Artur Neto, fazendo Carlota Pereira Espinho pagar pelo sucedido. A recuperação dos negócios da família e a libertação do pai também são missões que carrega. Os três acontecimentos referidos, entre outros, destacam e enaltecem o seu sentido de justiça. Embora alguns dos problemas da telenovela se associem a alguns dos elementos da sua família (Leonor, Domingues e Rosalinda), os laços sanguíneos nunca lhe toldaram o discernimento e a capacidade de compreender aquilo que era o correto. Fátima é uma mulher de princípios, avessa à mentira e orgulhosa, o que a afastou durante parte significativa da história do seu grande amor, Tomás Folgado. Dizer também que as roupas que utiliza são, na sua maioria, simples, confortáveis e práticas numa evidente referência à vida recheada de trabalho que a acompanha. Note-se que sempre que Fátima Neto veste roupas mais ousadas, cuidadas ou sofisticadas, tal se deve a eventos na aldeia (ex: casamento de Guida Grilo e evento no hotel) ou momentos especiais (ex: jantar com Guilherme Botelho). Para com Mariana e Carlota Pereira Espinho, Fátima Neto demonstra-se sempre provocadora, irónica e frontal. A protagonista é adorada por todos. Talvez pela sua jovialidade, utiliza pontuais vocábulos ou expressões tradicionais da Serra da Estrela. O seu maior desejo é tirar um curso superior, manter, preservar e fazer crescer os negócios familiares.

Tomás Folgado regressou à aldeia depois de vários anos na França. Trabalhava como socorrista nos Alpes e, na Fraga Pequena, ficou responsável por alguns dos desportos de inverno do hotel. Durante a trama são residuais os momentos em que a personagem de

José Mata surge a exercer alguma profissão. Provém de uma família com poder financeiro, mas a sua postura revela simplicidade. Tomás é um homem afável, ponderado, íntegro, preocupado e compreensivo. O carácter protetor que o caracteriza leva-o a, no início da telenovela, optar por esconder a verdade a Fátima Neto, defendendo o irmão. Contudo, com o passar dos episódios, vislumbra-se a sua sensatez e necessidade de ajudar a amada a apurar a verdade. É também clara a crescente veia paternal do protagonista que passa a ter em Leonor a razão da sua existência. Destaca-se ainda a sua ponderabilidade e cordialidade já que, o objetivo de Tomás não é afastar Leonor Barros dos pais adotivos, mas sim proporcionar-lhe uma grande família. As roupas que utiliza revelam pouco sobre o protagonista que também não possui especificidades textuais ou linguísticas marcantes. Na aldeia da Fraga Pequena, Tomás cria alguns anticorpos nomeadamente com Silvério Neto (devido à omissão de Tomás quanto ao envolvimento do irmão na morte de Artur), Guilherme Botelho (devido à sua paixão por Fátima Neto), Domingos e Rosalinda Nunes (por causa da paternidade biológica de Leonor Barros) e com Carlota Pereira Espinho (já que Tomás rejeita Mariana Pereira Espinho em prol do amor e da ajuda a Fátima Neto). Todavia, a postura equilibrada do protagonista acaba por diluir a maioria destes maus relacionamentos, ao longo da trama.

Mariana Pereira Espinho parece ser o espelho da mãe, Carlota Pereira Espinho. A maior diferença entre as duas verifica-se nos últimos episódios e assenta na consciência que cada uma tem dos atos que pratica. Para além disso, observa-se, durante toda a história, disparidades ao nível da segurança: Carlota é mais segura, firme e determinada que Mariana, que se revela mais frágil. Ambas as personagens são maquiavélicas, provocadoras, possessivas, ciumentas e altivas. O seu egocentrismo assombra-se na necessidade que têm de promover o seu próprio bem-estar e desejos, independentemente das consequências que tal possa ter na vida de quem as rodeia. O principal objetivo de Carlota é destruir a família de Fátima, evitar que esta saiba que matou Artur e que é herdeira dos Pereira Espinho. O objetivo de Mariana aproxima-se do da mãe, mas as razões são outras: Mariana quer evitar e destruir o romance de Tomás com Fátima. A população trata-as, algumas vezes, como as “espinhosas” numa adaptação do seu apelido e numa menção à sua personalidade. Há quem diga que Carlota Pereira Espinho é a “dona” da aldeia já que possui parte dos negócios locais e controla, através de chantagem, diversos membros da Fraga Pequena. A sobrançeria das protagonistas vilãs é plasmada em considerações como “farinhenta” ou “pacóvia” em relação a Fátima Neto. As roupas que utilizam sublinham o seu carácter altivo e evidenciam a necessidade de se fazerem notar. Demonstrem também sofisticação e bom gosto. A linguagem verbal que utilizam prima pela correção linguística e não apresenta

particularidades discursivas identificadoras da região serrana e beirã.

- Em “Bem-Vindos a Beirais”, os protagonistas são lisboetas. Neste sentido, aduz-se que nenhum deles possui particularidades linguísticas ou vocabulares, pelo menos numa primeira fase. Mais adiante na trama, é possível verificar que Diogo Almada e Clara Rodrigues adotam algumas palavras e expressões absorvidas por outros elementos da aldeia (ex: “camioneta”).

Diogo Almada é um homem consciente, responsável, sensato e justo. Todos na aldeia reconhecem o seu valor e apreciam a sua veia solidária e colaborativa (Clara Rodrigues e Nuno Aires chegaram a dizer-lhe que estava casado com Beirais). A nível psicológico, existem algumas lacunas de carácter. Tal conclusão retirada através da análise dos episódios é confirmada pelo guionista Miguel Simal, segundo o qual, Diogo “é um escroque completo”. O coordenador do argumento das duas últimas temporadas explica, resumindo a sua vida amorosa, que “ele (Diogo Almada) vai para Beirais com uma noiva, apaixona-se pela Clara, embrulha-se com a Clara antes de terminar o noivado... depois a noiva volta, anda com a noiva e com a Clara ao mesmo tempo”. Menciona ainda a sua relação com a presidente da junta de Beirais, Conceição Loureiro e a sua relação com Carlota. Destaca-se ainda a sua proatividade e natureza dinamizadora já que Diogo protagoniza parte das inovações, manifestações e modernizações da aldeia. O objetivo de Diogo é, numa primeira fase, mudar de vida, depois integrar-se naquele “microcosmo” e, por fim, contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos. A sua atividade como empreendedor agrícola teve mais expressividade na primeira e na segunda temporadas, sendo que nas seguintes a referência a este seu trabalho é praticamente inexistente. A sua colaboração na rádio manteve-se consistente. Diogo Almada não descarta o tom e o ar provocador, irónico e brincalhão.

Clara Rodrigues é uma mulher da cidade que mudou, reticente, para uma nova vida. Refilona, mal-humorada e de pé atrás com tudo e todos parecem ser as características que melhor a definem nas primeiras temporadas. Clara é sócia da “Casa da Aldeia”, local onde habita, na maioria do tempo. Começa por se mostrar reticente face ao sucesso do negócio, mas acaba por se mostrar rendida a Beirais, defendendo o seu investimento com unhas e dentes. Comparativamente com Diogo, Clara demonstra ter, nos episódios analisados, menos contacto (ou pelo menos, menos íntimo) com as pessoas da aldeia. Na maioria das cenas que protagoniza, Clara está com Diogo Almada, Vasco Nogueira, Rita Santiago, Nazaré Batista ou Susana Fontes.

Teresa Sampaio é dos três protagonistas a que surge menos vezes e a que tem características mais bem definidas. O seu vestuário emana requinte e sofisticação, a sua

postura é direita, mas subtil. A nível de personalidade observam-se alguns preconceitos face à vida no interior e aos hábitos rurais, sobretudo no primeiro capítulo da telenovela. Destacam-se também, os vastos conhecimentos de arte, o bom gosto, a subtiliza, a ponderação e sensatez com que lida com os diversos assuntos. Nos episódios em que aparece, existem apenas dois em que são feitas referências ao seu trabalho.

6.2.3 - “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”: as personagens secundárias

Em ambas as produções, as personagens secundárias possuem um enorme interesse, permitindo retirar vastas conclusões.

As personagens mais velhas de ambas as produções, Hortense Rasteiro e Simão de “A Serra” e Viriato Montenegro, Benjamim Marques e Hortense Pedroso de “Bem-Vindos a Beirais” representam a sabedoria local. Nos cinco casos vislumbram-se, em diversos momentos, o traquejo que lhes foi dado pela vida, os ensinamentos que passam aos mais novos e os conhecimentos que, mesmo sendo pouco científicos, acarretam enorme importância para a vida quotidiana de uma aldeia. Exemplos disso são, os conselhos que Hortense Rasteiro dá a Fátima Neto em relação a Carlota. A progressão dos estudos é uma componente muito valorizada por Benjamim, que mostra também ser um apaixonado por cultura e astronomia. A mãe de Manuel Pedroso é especialista em chás naturais e em “mezinhas milagrosas”. Viriato apresenta elevado saber literário e musical, reunindo também em si as principais histórias, lendas e tradições de Beirais. Todos eles tecem declarações, algumas plasmadas nos Apêndices A e B, que denotam a sua consciência e responsabilidade social, sendo responsáveis pela transmissão de diversas mensagens, como o amor, o respeito, a solidariedade ou a empatia, às gerações mais jovens.

A figura das beatas faz-se acompanhar das imagens das coscuvilheiras que, nestas produções, parecem corresponder às mesmas personagens. São Grilo e Elvira Roque Courela, de “A Serra” e Olga Fontes de “Bem-Vindos a Beirais” personificam a necessidade de conhecer a vida alheia em simultâneo, com as práticas religiosas que não abdicam de praticar. Zezinha Grilo e Alzira Pedroso surgem também como exemplos de coscuvilheiras.

Guida Grilo e Sandro Pedroso, cada um em sua novela, aparecem como a figura sonhadora, que visa chegar ao que se julga inalcançável, para quem vive numa aldeia. A filha de São Grilo deseja viver uma vida de novela e viajar pelo mundo, já Sandro quer

ser um estilista de sucesso.

As personagens Silvério Neto e Domingos Nunes, em “A Serra” equiparam-se às personagens Xavier Jesus e Manuel Pedroso de “Bem-Vindos a Beirais”, ao nível laboral. Estes quatro homens apresentam-se como trabalhadores, em empregos que decorrem de negócios próprios ou ofícios transmitidos de geração em geração. A reduza e destreza promovidas pelo trabalho, correspondem à mesma dureza de postura nos casos das personagens de “A Serra”, mas contrariam a personalidade dos dois habitantes de Beirais mencionados. Manuel e Xavier mostram-se mais afáveis e bem-dispostos, na maioria do tempo. Todos possuem grande preocupação e proteção com as famílias.

A representação das pessoas mais distraídas, pouco responsáveis e irrealistas, mas também íntegras, acarinhadas e boas ficou a cargo de Carmo e Manuel Teles de Arriaga (“A Serra”) e Carlos Batista (“Bem-Vindos a Beirais”).

Marta e Sebastião Botelho, bem como São Loureiro e Agostinho Puga, nas produções da SIC e RTP1, respetivamente, representam a ambição. Marta quer dinheiro, Sebastião procura sucesso profissional e poderio financeiro e São e Agostinho desejam alcançar o poder.

Em ambas as produções, todas as personagens secundárias têm marcados estatutos profissionais, vestuário e traços de personalidade que os particularizam (Apêndices A e B, Parte III).

6.2.4 - “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”: estratégias de representação

A análise de conteúdo efetuada em relação às duas produções permite refletir sobre os hábitos e particularidades das vivências nas duas aldeias. “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais” partilham entre si o facto de toda a gente se conhecer e de, consequentemente, tudo se saber (episódios 20 e 80 em “A Serra”; episódios 1 e 20 da primeira temporada de “Bem-Vindos a Beirais”). Este parece ser um fator que também os guionistas não conseguem dissociar do interior de Portugal: “é quase impossível manter um segredo” esclarece Ana Vasques porque “num meio pequeno as coisas sabem-se, há muita ingerência na vida das pessoas, para o bem e para o mal”.

Em “A Serra” podem apontar-se como vivências comuns, o encontro entre amigos ou familiares, no café/restaurante da aldeia e na padaria, a lavagem da roupa no tanque público, as preces e orações realizadas em frente à imagem de Nossa Senhora da Boa

Estrela e a coscuvilhice partilhada na fábrica de burel e na mercearia. Inês Gomes diz acreditar que a maioria das representações que definiu, têm conexão com a realidade pois decorreram da pesquisa efetuada. Deixa, no entanto, a nota de que sabe que hábitos como a lavagem de roupa provêm “do imaginário”. Em conformidade com os episódios analisados, Inês Gomes refere que numa aldeia do interior deverá sempre existir a ideia de união e convívio, nomeadamente em torno de uma mesa (situação que acontece recorrentemente com a família de Fátima Neto). A argumentista de “A Serra” associa ao interior a falta de serviços e afirma que essa é uma realidade vertida na telenovela que escreveu, no entanto, tal não esteve contemplado em nenhum dos 17 episódios analisados.

Em “Bem-Vindos a Beirais”, os hábitos da aldeia passam, sobretudo, pela ajuda entre os elementos da população, pelo convívio na sociedade recreativa, pela fé e pela união. Estes valores e hábitos foram apontados pelos guionistas da produção como fulcrais para a criação daquela que era “a aldeia ideal”. A existência de uma sociedade recreativa ou de um café que possibilitasse a partilha de vivências ou problemas parece ser a pedra angular de qualquer localidade do interior de Portugal, de acordo com Ana Vasques e Miguel Simal. Os dois guionistas falam ainda na inevitável existência de uma beata, uma coscuvilheira, um grupo dos homens e um grupo das mulheres. Miguel Simal também faz uma associação entre a interioridade e a lentidão na passagem do tempo. Este indicador acompanha o vagar narrativo que se constata em “Bem-vindos a Beirais”.

Em ambas as telenovelas verifica-se que as expressões mais particulares e regionais são proferidas pelas personagens secundárias e não pelos protagonistas (Apêndice A e B, Parte IV).

Nos episódios analisados, de forma mais ou menos explícita, verificou-se a abordagem a dois temas: a homossexualidade/masculinidade e os vícios. No caso de “A Serra”, a personagem Remy confessa ser homossexual, tendo sido esse o motivo que o levou a abandonar a Fraga Pequena, já que, segundo o próprio, nunca ninguém na aldeia o iria aceitar porque eram outros tempos. Conclui-se, todavia, que no momento do regresso do pai dos irmãos Grilo, todos aceitam. Em “Bem-Vindos a Beirais”, o cuidado do corpo por parte dos homens não é visto de bom grado, por exemplo por Carlos Batista. O tema da sensibilidade masculina também é um tema, que Vitor Lobinho acaba por dizer não ter medo de assumir. O vício da droga (personificado em “A Serra” por parte de Fausto Roque Courela) e do tabaco (vivido por Rita Santiago em “Bem-Vindos a Beirais”) são apresentados com o mesmo grau de repúdio e reprovação.

Para além disso, em ambas as produções são exibidas imagens de cenários exteriores. As imagens refletem paisagens tranquilas, calmas e com particularidades espaciais

como a neve (“A Serra”), as cascatas de água e os verdejantes pastos (“A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”). Os cenários interiores também devem ser alvo de reflexão, uma vez que, é transversal o uso de portas de madeira com janelas no topo, frequente a utilização de paredes de pedra e de elementos de madeira. As casas das aldeias, sobretudo das personagens mais pobres, são menos luminosas e possuem decorações, tendencialmente, mais assoberbadas. Já nas casas das famílias mais ricas, observam-se detalhes de poder e uma dominante sobriedade de decoração. Estes espaços são, em ambas as produções, os mais luminosos. Os estabelecimentos públicos têm, cada um de sua forma, pormenores que os localizam no espaço, revelando determinados hábitos (Apêndices A e B, Parte IV).

6.3 – O recurso narrativo a estereótipos, o seu reconhecimento pela audiência e a sua verosimilhança

As telenovelas nascem da fusão entre a realidade e o imaginário. São responsáveis por refletir os principais problemas, vivências ou debates da sociedade doméstica em que são exibidas, gerando identificação com a audiência e acenando a sua índole interventiva e de responsabilidade social, mas são mais que isso. Diz-se que a “realidade supera sempre a ficção”, mas a expressão inversa também parece fazer sentido. Embora as telenovelas primem pela verosimilhança e pela aproximação ao que se conhece, verdade é que nela tudo acontece, mesmo o impossível. A forma como as histórias são interpretadas depende das crenças, valores e vivências de cada um e da sua capacidade de decodificação daquilo que vê. Assim, por um lado, as telenovelas visam ser “realistas” e ser “o espelho da realidade” (exibem a realidade), como explana Ana Vasques, contudo, “ninguém conseguia levar uma vida do protagonista de uma novela porque é uma vida de infortúnio muito grande” (vertente fantástica e imaginária das tramas) reitera a argumentista Inês Gomes.

Torres (2008) define os estereótipos como os “avatares” das telenovelas. Existem, passam muitas vezes despercebidos, mas têm a função de facilitar o processo de apreensão da mensagem ou da história pelos telespectadores. Os estereótipos são uma ferramenta de representação que, a nível conceptual, se associa a grupos que partilham determinadas características ou particularidades, sejam elas negativas e pejorativas ou positivas e soberbas. Os estereótipos partem de um processo de cristalização e fixação de conceitos pré-definidos que influenciam a relação com os outros e a perceção em relação a outros grupos que não aqueles a que cada um pertence. Os estereótipos têm a alcunha de “sintetizadores da realidade” pois baseiam-se na padronização e

generalização de particularidades. A escassez de tempo para apreender informações que retratem rotas diferentes das que o indivíduo conhece é a justificativa para o recurso permanente e inevitável destas ferramentas.

Lippmann refere que primeiro se deveria ver e depois definir. Contudo, as imagens mentais fornecidas pela cultura e sociedade em que se cresce promovem o processamento inverso.

“Os estereótipos são necessários nas telenovelas” (Rosa & Gomes, 2006, p.12), teorizou-se na primeira parte desta investigação. A rapidez e facilidade da compreensão da mensagem dá-se por meio da apresentação da generalização das mensagens apresentadas, conhecidas e aceites pelo público, o que facilita a atração do produto pela audiência. “Se existe essa representação é porque há esse espelho na sociedade” acredita Ana Vasques. Contudo, a guionista mencionada e os restantes colegas ouvidos, garantem que tendencialmente se larga a caricatura e os clichês: “eu vou beber muito do que está à minha volta, das pessoas que conheço, do que vejo na rua, do que está nos jornais e nas revistas, mas depois faço uma mistura” explica Inês Gomes; “nós hoje criamos personagens mais tridimensionais e que não sejam tanto de caricatura” confessa Ana Vasques.

H1 - As telenovelas portuguesas “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beirais” (RTP1) recorrem a estereótipos para representar o interior de Portugal.

Recapitulando, as considerações realizadas até então e de acordo com a teorização explanada, constata-se que os genéricos, os cenários, os hábitos e o uso de falares tradicionais visam aludir, claramente, a um determinado grupo ou região: o interior de Portugal. Sendo certo que existem algumas incongruências face à sua delimitação como territórios de baixa densidade populacional, as telenovelas em estudo demonstram recorrer a um conjunto de características que os demais portugueses associam a esta zona do país e que, os membros do grupo de discussão, na sua maioria, assumem como sendo seus. As personagens, sobretudo as secundárias, correspondem a pessoas que todos identificam como podendo ser do interior do país, pelas particularidades que apresentam. Verifica-se uma representação do belo e do idílico e uma necessidade, em ambas as produções, de mostrar a essência pura, a bondade, a ingenuidade e o bom caráter dos residentes do interior, sobretudo daqueles que sempre ali viveram, conforme o conceptualizado.

Ora, perante a confirmação teórica do uso inevitável de estereótipos em ficção e de

acordo, com o exposto acima, afere dizer-se que a hipótese 1 desta investigação, é verificável.

A utilização de particularidades comuns a grupos sociais e o recurso a contextos conhecidos visa tornar o produto ficcional verosímil com o real, facilitando o processo de partilha de mensagens e valores e gerando identificação com quem assiste às telenovelas.

Levantam-se, pois, as questões: será que é uma obrigação da telenovela refletir a realidade tal como ela é? A aproximação ao real é honesta ou sofre enviesamentos?

Estas perguntas parecem trazer algumas cisões no grupo de discussão. As pessoas A, C, H, I e J tendem a defender, de forma mais ou menos explícita, que as telenovelas têm obrigação de refletir a realidade conforme ela é. Todavia, a pessoa B, E e F consideram que as telenovelas são “só ficção” e que, muito embora contribuam para a formação de imagens mentais de determinadas realidades, não possuem essa responsabilidade. “São novelas, por isso pode haver estereótipos e exageros” diz a pessoa B, posteriormente corroborada pela pessoa E que afirma “é preciso termos noção que uma telenovela não é um documentário”, por isso, “vai ter sempre de haver exageros, vai ter sempre de haver personagens tipo, vai ter sempre de haver enredos que fujam um bocadinho da realidade”. A pessoa B coloca a responsabilidade de verosimilhança com o real no jornalismo na medida em que este “é que nos deve mostrar as coisas como são, o resto é só ficção”. O professor de línguas vai mais longe e acaba mesmo por destacar o bom trabalho da ficção, em relação ao da informação, no que concerne às representações feitas do interior de Portugal, afirmando que “tem feito um pior trabalho o jornalismo que as telenovelas”.

A apresentação de diferentes realidades deriva, em ambos os casos, de um processo de investigação e simbiose com os conhecimentos de cada guionista. No caso de “A Serra”, Inês Gomes diz que a telenovela quis fugir do estereótipo dos “pastores velhos”, reforçando a nova realidade local que passa, segundo a própria, pelo regresso e investimento de “gente nova” na Serra da Estrela.: “há pastores mais novos, licenciados, com curso, há gente nova a aparecer e foi por aí que fomos” disse a guionista de “A Serra” na entrevista efetuada. Esta conclusão corrobora a exposta acima que remete para jovialidade e regresso de população à aldeia da Fraga Pequena.

A similitude entre o que é apresentado em “A Serra” e o que existe nas aldeias do interior de Portugal, foi um tema em debate, tanto no grupo de discussão como na entrevista realizada à argumentista. Inês Gomes confessa ter ido buscar coisas “que até são mais antigas, mas que estão no nosso imaginário”. No grupo de discussão existiram

algumas contraposições em relação a este tema já que, a pessoa B concorda com a argumentista, defendendo que “há coisas que estão a voltar”. A enfermeira afirma que o que se vê em “A Serra” existe no Portugal profundo (“nos domicílios vêm-se as pessoas a lavar a roupa no tanque e pessoas de lenços na cabeça, isso existe”) e que, mesmo que tal não acontecesse, serviria sempre como “processo de aprendizagem”, promovendo a evolução e funcionando como uma “forma de transmitir o passado, o povo, a portugalidade e a nossa cultura aos mais jovens, que hoje têm vivências mais aproximadas daquilo que é a vida urbana”. Os intervenientes A e I afirmam que as representações do interior de Portugal, correspondem, em algumas nuances, ao real, embora, por vezes, tendam para o “exagero”. O carácter trabalhador, a rudeza de espírito e a genuinidade são apontados pela pessoa A como próximas do real, ao que associam os cenários, segundo a pessoa I (“mostrava os sítios como eles são, mostram que o interior é um sítio bonito de se ver e bom para se viver”). Contudo, os dois concordam que a representação que é feita da região beirã está desatualizada – “já não se vive assim no interior, as pessoas já não são coitadinhas, pelo contrário, são cultas, têm poder e uma maneira diferente de viver, mais calma e naturalista” reforça a pessoa A. Esta diz que já não há pessoas “tolinhas” ou “submissas” como surgem em “A Serra”.

As pessoas C e G são as mais perentórias em dizer que a representação do interior em “A Serra” é redutora, “ridícula”, “exagerada” e desadequada à contemporaneidade. A pessoa C defende que o que aparece em “A Serra” acontecia “há 50 anos”, garantindo que “já não se veem meninas de lenços na cabeça (...) atualmente, as mocinhas de 20 anos do interior vestem tão bem como as do litoral” ou “ver mulheres a lavar roupa no tanque, como lá se vê, já não acontece há 20 ou 30 anos”. A pessoa G fala num desfazamento da realidade, considerando que há hábitos que já não se usam.

No caso de “Bem-Vindos a Beirais” parece existir uma maior unanimidade de opiniões no que concerne a verosimilhança com a realidade atual das aldeias do interior de Portugal, sem esquecer os naturais “exageros” que as pessoas E, F, G e J reconhecem às tramas. Embora Miguel Simal confesse que “há muito preconceito lisboeta que se espalha nas nossas novelas”, o caso de “Bem-Vindos a Beirais” concretiza a missão de fazer com que “as pessoas se sintam identificadas e representadas quando estão a ver determinado grupo e determinada história”, como propõe Ana Vasques.

As pessoas E, F, H e J falam de uma representação “muito positiva” do interior de Portugal, em “Bem-Vindos a Beirais”, fugindo da tendência depreciativa que parecia caracterizar todas as produções ligadas ao tema. Beirais era “quase a ideia romântica do interior” explicou Miguel Simal na entrevista. Esta perspetiva foi corroborada pelos intervenientes no grupo de discussão e pela análise realizada uma vez que o

naturalismo, o pacifismo, a solidariedade e tranquilidade reinam na maioria dos episódios da telenovela: “idealizava o interior, como se não houvesse *stress* no interior ou como se não houvesse conflitos no interior, como se não houvesse uma série de problemas que, infelizmente, existem” reflete a pessoa F. Esta tendência para idolatrar o interior de Portugal foi apontada, na parte teórica desta investigação, como um fator indicativo da presença de estereótipos relativos a esta região do país.

De forma geral, considera-se que tudo o que surge na trama “é normal por aqui (interior de Portugal)”. Facilmente se encontram “beatas atrás dos padres, pessoas mais velhas nas sociedades recreativas ou nos cafés, em aldeias do interior” (pessoa H), o “cochichar no adro da igreja, como lá aparecia”, “o ir ter com o senhor padre para saber o que se passa”, “as pessoas irem à mercearia e ficarem à conversa” e “o ficar na janela a ver se a vizinha entrou ou não entrou ou se tem visitas” (pessoa J). A pessoa E garante que facilmente encontra as “personagens-tipo” presentes em Beirais em qualquer localidade do interior, e não só.

H2 - A forma como o interior de Portugal é apresentado nas telenovelas “A Serra” (SIC) e “Bem-vindos a Beirais” (RTP 1) é redutora e não representa a realidade contemporânea.

Esta hipótese é, segundo a análise exposta, simultaneamente verificável e inverificável. Por um lado, tanto “A Serra” como “Bem-Vindos a Beirais” mostram realidades muito filtradas e simplistas do interior de Portugal, o que vai ao encontro da veracidade atribuída ao recurso de estereótipos na hipótese anterior. Como se sabe, os estereótipos definem-se, à partida, pela simplificação – positiva ou negativa – das características de um determinado grupo. Entende-se, então, que o recurso a estereótipos promove sempre a apresentação de realidades redutoras. Assim, a “A Serra”, sobretudo ao nível do vestuário, dos cenários interiores e dos estatutos profissionais remete para uma representação pesada e pouco desenvolvida do interior, que não corresponde à total realidade desta zona do país. Por seu turno, “Bem-Vindos a Beirais” reduz a interioridade à perfeição e à vida sublime, o que também não corresponde à verdade total. Neste sentido, a primeira parte desta hipótese, que define a representação feita do interior nas telenovelas em causa como “redutora”, é verificável.

Quanto à correspondência com a atualidade, tende a considerar-se que esta se verifica em ambos os casos, embora as pessoas C e G do grupo de discussão discordem. Por outras palavras, a forma como “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais” representam o

interior de Portugal coincide, pelo menos em parte, à realidade atual. Logo, a segunda parte da hipótese transcrita é inverificável. Tal conclusão deve-se ao facto de as duas telenovelas terem sido produzidas com vários anos de diferença, mantendo-se as principais formas de representação (ex: cenários, falares tradicionais, profissões, figuras). Se as telenovelas visam retratar o real e se, com vários anos de diferença, as premissas se mantêm, então significa que os elementos mencionados continuam a existir na atualidade. Para além disso, crê-se que estas realidades são visíveis tanto no Portugal do interior profundo, como em determinadas zonas do Portugal litoral e urbano, como se vislumbra já a seguir. Reforça-se que das 13 pessoas ouvidas, entre população e guionistas, dez concordam na existência constante de determinados elementos caracterizadores desta zona do país, independentemente do local ou do tempo em que são pensados. “Quer queiram quer não, as coisas que mostram nas novelas, existem, de uma maneira ou de outra, levadas mais ao rubro ou não” expressa corretamente a pessoa B do grupo de discussão.

6.3.1 – “Quanto mais regional, mais universal”

Se as fronteiras demográficas, sociais, económicas e culturais estão bem definidas, do ponto de vista legal e governamental, o mesmo parece não ser verdade, em termos de vivências e hábitos, quando analisadas as entrevistas e o grupo de discussão realizado.

As pessoas A, H e I acreditam que existem diferenças entre as pessoas do interior e as pessoas residentes nos grandes centros urbanos. A pessoa H acredita que “as pessoas mudam de região para região” e que as pessoas do interior são “gente trabalhadora”, que “ouve aqui e conta ali”, “despachadas e desenrascadas”, “de coração na boca e sem rodeios”. A pessoa A diz, por exemplo que, “aqui no interior, nós vemos pessoas humildes, simpáticas, acolhedoras, genuínas, sem problemas em mostrar aquilo que são” ao passo que “as dos grandes centros urbanos parecem ter dificuldade em mostrar aquilo que são, vivem de aparências”.

Os restantes membros do grupo de discussão corroboram com os guionistas considerando que as realidades são semelhantes em todo o lado porque “uma aldeia é uma cidade em ponto pequeno”, ou seja, “as pessoas são as mesmas e o que acontece é o mesmo” tal como refere Ana Vasques.

Inês Gomes vai mais longe, dizendo que “as características que as personagens têm encontram-se (...) tanto no interior como fora”. Esta ideia é defendida por alguns elementos do grupo de discussão. A pessoa B explica que “há pessoas boas e más em todo o lado, há pessoas ricas e pobres em todo o lado e há pessoas inteligentes e menos

inteligentes em todo o lado” e as pessoas D, E e J reforçam que a diferença entre as pessoas do interior e dos grandes centros urbanos não está na personalidade ou carácter, mas sim nas vivências. A pessoa E diz mesmo que as personagens que vê nas telenovelas do interior poderiam, perfeitamente, representar pessoas de outro lado. A pessoa F alude a que a nível cultural e informativo jovens de diferentes zonas do país possuem o mesmo nível de literacia, por conta do acesso generalizado à *internet*. O professor admite que, a única coisa que pode contribuir para diferenças entre as pessoas do interior e dos centros urbanos é a condição financeira familiar que se traduz, por conseguinte, nas oportunidades e vivências que lhes são proporcionadas.

Fala-se numa questão de escala, proporção e modernidade. As histórias são tendencialmente as mesmas, embora nos grandes centros urbanos possam, segundo os guionistas, passarem mais despercebidas. Miguel Simal acredita que nos grandes centros urbanos, “as pessoas comportam-se como se vivessem na mesma aldeia: vão todas ao mesmo café, vão todos à mesma escola, chateiam-se todos com o mesmo professor”, reiterando que embora não haja a figura da beata, há a “mãe a queixar-se no grupo do *WhatsApp*”. O argumentista de “Bem-Vindos a Beirais” defende que “uma aldeia do litoral não será assim tão diferente de uma aldeia do interior”.

O facto de Ana Vasques reiterar que gostava que quer “fosse no Porto, Minho, Trás dos Montes ou Alentejo, aquela aldeia fôssemos nós, nós portugueses” reforça a ideia de que as diferenças entre as realidades, vivências e personagens dos diversos pontos do país não é substancialmente considerável.

6.4 – Influência da naturalidade dos argumentistas na forma como o interior de Portugal é representado nas telenovelas

Como foi exposto na Parte I desta pesquisa, a perspetiva de Hall (1937) indica que a representação é sempre “o olhar do outro sobre um grupo” (Schorr, 2011).

Partindo do pressuposto que “um argumentista de novelas escreve sobre tudo”, apesar de não saber sobre tudo, como reflete Inês Gomes na entrevista, compreende-se, desde logo, a inevitável pesquisa e investigação das realidades por parte de quem escreve, de forma a aproximar as suas representações do real.

“Conhecer ou não uma realidade ou um sítio acabará por influenciar a

forma como se escreve sobre ele. Agora nós, argumentistas, temos de investigar, procurar e beber o que nos rodeia, para nos podermos aproximar o mais possível do real, sem nunca esquecer que é ficção” (Ana Vasques in Apêndice C).

Os três guionistas ouvidos confessam colocar as suas experiências pessoais nas narrativas que criam. Inês Gomes diz que “A Serra” absorveu de si a memória da lavagem de roupa no tanque e o convívio familiar, vivido em Vila Nova de Cerveira. Ana Vasques verteu em “Bem-Vindos a Beirais” as suas recordações das partilhas feitas nos cafés das localidades de onde os seus pais eram e Miguel Simal fala dos contributos que a vida no Alentejo, numa casa de turismo rural familiar, lhe trouxe para a ficção, por exemplo. Constata-se, pois, que os três argumentistas ouvidos, têm raízes ou referências da interioridade nacional, apesar da sua naturalidade lisboeta.

Adita-se também dizer, que dos três intervenientes do grupo de discussão que fizeram considerações a este propósito, dois consideram que não existe influência direta da naturalidade dos guionistas na forma como o interior é representado (pessoa E e F). A investigadora (pessoa E) de 33 anos diz mesmo que se escrevesse uma telenovela com esta temática manteria as mesmas premissas daquilo que foi feito nas telenovelas em análise, e “não acharia que estaria a depreciar as minhas origens”. A pessoa F recorre à globalização para justificar a inexistência de influência da naturalidade no processo de escrita de telenovelas pois, atualmente, “é muito difícil encontrarmos alguém que nunca tenha viajado, que não conheça as diferentes realidades”. Apenas a pessoa G acredita que o enviesamento registado nas telenovelas analisadas quanto à interioridade portuguesa advém do desconhecimento dos guionistas desta zona do país provocada pela naturalidade que têm.

H3 - A forma como o interior de Portugal é apresentado nas telenovelas “A Serra” (SIC) e “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1) provém da forma como quem escreve, vê o “grupo dos outros”, aqui representado pelo interior de Portugal.

Considerando o exposto, a similitude entre as diversas realidades das regiões do país e o facto de os territórios de interioridade serem definidores da identidade nacional e os produtores dos valores éticos conforme proposto por Trigo (2008), infere-se que

qualquer membro da sociedade portuguesa, independentemente da sua naturalidade, sabe quais as características que veiculam o país de origem. A estes factos junta-se a crença generalizada de que não existem substanciais diferenças ao nível social, de hábitos e personalidades entre o litoral e o interior – as realidades são as mesmas, observando-se, contudo, algumas disparidades de oportunidades. Assim, conclui-se que os argumentistas conhecem, de forma mais ou menos profunda, a totalidade da realidade portuguesa, seja por referências nacionais, familiares, ou por experiências vividas, logo, a hipótese formulada é falsa. O interior de Portugal não é, em ambos os casos e de acordo com os três argumentistas, um claro “grupo dos outros” já que eles pertencem a ele de alguma forma.

Considerações Finais

Nesta investigação científica procurou-se ensaiar sobre a forma como o interior de Portugal é representado nas telenovelas nacionais, nos casos de “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”. Visou-se saber se as epopeias mencionadas recorriam a estereótipos e tipificações ou a representações sóbrias semelhantes ao usualmente associado a determinada realidade ou grupo social.

Em virtude do apresentado, usaram-se os métodos qualitativos, mais adequados para a análise de telenovelas, devido ao seu carácter amplo e profundo. A análise de conteúdo, com contributos da análise narratológica, ofereceu à pesquisa dados fundamentais associados às personagens das telenovelas “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”. Esta técnica foi aplicada com vista a serem estabelecidas possíveis associações entre a interioridade, o carácter humano, o estatuto profissional e social, o vestuário, a linguagem verbal e não verbal e os desafios e superações que cada protagonista ultrapassou. Os mesmos contributos foram recolhidos ao nível das personagens secundárias, tendencialmente mais estanques a nível emocional, comportamental, familiar, físico ou social. A análise dos genéricos abriu a porta, em cada uma das produções, para as narrativas que seriam transmitidas, apresentando pormenores distintivos das aldeias do interior de Portugal em que se desenrolavam. Os cenários, bem como os hábitos e falares tradicionais foram estratégias de representação estudadas que trouxeram mais valias à pesquisa, fornecendo informações direcionadas às vivências no interior de Portugal. As entrevistas foram o meio fulcral para a compreensão dos principais objetivos, ideias, premissas e realidades que os argumentistas quiseram exibir em cada telenovela. Já o grupo de discussão surgiu como o barómetro da qualidade, da representatividade e da verosimilhança em relação ao que foi transmitido em “A Serra” e em “Bem-Vindos a Beirais”, no que respeita ao interior de Portugal.

Face ao exposto, cumpriram-se os objetivos propostos, tendo sido dadas respostas à problemática e às hipóteses desta investigação.

Conforme o explanado até aqui, é possível dar resposta à pergunta de partida que incentivou o presente estudo: como é que o interior de Portugal é representado nas telenovelas nacionais, o caso de “A Serra” e “Bem-Vindos a Beirais”?

O recurso a estereótipos é a resposta à questão formulada. No entanto, impele dizer que, a sua utilização notou-se menos expressiva e predominante do que o se esperava, quando analisados os protagonistas de ambas as produções.

Em relação aos protagonistas, verificou-se que as marcas associadas ao interior de Portugal surgem apenas ligadas ao estatuto profissional e, em alguns casos, ao vestuário. Os protagonistas de “A Serra”, nomeadamente, Fátima Neto e Tomás Folgado têm profissões relacionadas com a Serra da Estrela e, no caso de “Bem-Vindos a Beirais”, Diogo Almada representa os produtores agrícolas, do setor primário. Quanto à personalidade e estatuto económico e social dos protagonistas das duas novelas, verificou-se que os maiores estereótipos não se aplicam ao nível da interioridade, mas sim aos clichês telenovelistico: os vilões são ricos e os protagonistas, têm bom fundo, embora possuam algumas dificuldades financeiras e obstáculos.

Quanto às personagens secundárias, constatou-se a existências de diversas marcas caracterizadoras do interior de Portugal. Os estatutos profissionais estão, na generalidade, associados ao setor pré-industrial, turístico ou a serviços e estabelecimentos públicos. É nos núcleos com menos incidência dramática que se encontra o mais recorrente uso de falares tradicionais, identitários do interior de Portugal. Para além disso, existem formas de relacionamento, crenças e hábitos diários (como a ida ao café ou a lavagem de roupa à mão) que visam representar o vivido nas aldeias do interior português.

Observou-se, porém, que embora as personagens tipificassem o interior de Portugal, poderiam pertencer e personificar a população de qualquer outra localidade nacional, incluindo dos centros urbanos. Segundo os argumentistas e o grupo de discussão ouvidos, as pessoas “são as mesmas”, têm os mesmos hábitos e comportamentos em todo o lado, apenas possuem novas roupagens conforme o contexto em que se aplicam. Logo, infere-se que os estereótipos de interioridade encaixam nos estereótipos e representações associadas à portugalidade.

Registou-se, ainda, em ambas as telenovelas, uma tendência para a representação positiva, pouco obsoleta e ostracizada do interior. Tal situação, sobressaiu mais em “Bem-Vindos a Beirais”, onde se visou mostrar a superioridade do interior em relação a Lisboa. Esta elevação do interior de Portugal está sobretudo associada, por exemplo, à qualidade de vida. Nas telenovelas da SIC e da RTP1 verificou-se uma tendência, ao nível dos cenários, para o evidenciar do idílico, maravilhoso e sereno, características teoricamente relacionadas ao interior de Portugal. Mais uma vez, o recurso a estereótipos é evidente pois segmentou-se a realidade do interior, deixando transparecer aquilo que, grande parte das pessoas, associam ao interior de Portugal. Realidades como o *stress*, o despovoamento, a falta de assistência ou serviços e a escassez de oportunidades são residuais nas telenovelas analisadas.

A menor correspondência com o real nestas produções reside, quando consideradas estas zonas como desprovidas de investimento económico, com avolumado índice de

envelhecimento de população e redução do tecido humano em idade ativa. Neste sentido, as aldeias da Fraga Pequena, plasmada em “A Serra”, e de Beirais, acolhida em “Bem-Vindos a Beirais”, não representam o real. Os problemas da interioridade, das assimetrias e da falta de oportunidades foram pouco explorados em ambas as produções.

Concluindo-se que as marcas identitárias do interior de Portugal, raro determinadas especificidades locais, correspondem às da portugalidade, compreendeu-se que não existe um evidente “grupo dos outros”, incapaz de identificar as características do interior do país. Assim, se as características distintivas do povo português são semelhantes em todo o território (parecidas às do interior de Portugal), então não é difícil a sua representação. A globalização aliada ao crescendo do turismo leva, também, todas as pessoas a todo o lado, o que permite conhecer bem as diversas realidades.

Executando um balanço de expectativas, esperava-se que o interior de Portugal fosse representado de forma menos positiva, nas telenovelas em análise. “A Serra” foi uma produção com vastas críticas da audiência devido às representações que realizou do interior de Portugal, por exemplo. No entanto, de acordo com o que se analisou, crê-se que, embora as representações possam ser exageradas ou ligeiramente desviadas do real, correspondem a uma realidade que continua a persistir no interior remoto ou que, pelo menos existiu. No caso de “Bem-Vindos a Beirais” não existiram críticas à trama. Contudo, segundo a pesquisa efetuada, também recorreu a estereótipos. A história retrata o “lado bom” da vida no interior, na contemporaneidade e não só, mas deixa de expressar parte daquilo que existe.

Em suma, as telenovelas em análise tiveram como finalidade representar o interior de Portugal, o mais fidedignamente possível, com recurso a imagens mentais preconcebidas. Em alguns casos, verificou-se a expressão no ecrã de realidades contemporâneas e, noutros, ações retidas no imaginário da população portuguesa. O uso de estereótipos é compreensível pois facilita não só o processo de escrita, como acelera o processo de reconhecimento e identificação por parte da audiência. Esta ferramenta narrativa sobressai, em ambas as telenovelas, aquando da análise das personagens secundárias e das estratégias de representação (falares tradicionais, hábitos e cenários). Já os protagonistas revelam pontuais elementos caracterizadores do interior de Portugal, destacando-se os clichês das telenovelas portuguesas, em relação a temáticas gerias. Os estereótipos implicam, sempre, que a realidade seja filtrada e selecionada e, aqui, não foi exceção.

Limitações da investigação e recomendações para futuras pesquisas científicas

Embora a investigação realizada cumpra os objetivos a que se propôs e dê resposta às hipóteses formuladas e, consequentemente, à problemática instituída, existiram algumas limitações a apontar.

Uma das limitações da investigação aconteceu na definição dos episódios das telenovelas em análise. A profundidade e amplitude da análise realizada, em cada episódio, exigiu a redução do *corpus* para capítulos múltiplos de 20. Tal situação encolheu a paisagem narrativa estudada, o que poderá ter provocado perdas de índole dramatúrgica e narratológica. Assim, foram analisados 17 episódios de “A Serra” e 35 de “Bem-Vindos a Beirais”, o que perfaz uma análise de 52 episódios, no total. Efetuando cálculos, percebe-se que dos 941 episódios existentes para estudo (303 de “A Serra” + 638 de “Bem-Vindos a Beirais”), foram acompanhados 5.5% dos episódios, aproximadamente.

Os constrangimentos temporais e logísticos condicionaram, também, a observação aprofundada e detalhada das personagens secundárias das telenovelas selecionadas. Mais uma vez, foi necessário a instituição prévia de quais as personagens que seriam analisadas nesta investigação. Os protagonistas foram selecionados por questões de incidência e relevância narrativa e de forma a evitar enviesamentos na pesquisa, devido à seleção pouco criteriosa de qualquer outro núcleo. Contudo, constata-se, no termino da investigação, que existiram personagens, em ambas as produções, que forneceriam fortes contributos em relação ao tema em causa.

Deixa-se também a nota de que existem poucos contributos teóricos acerca dos estereótipos geográficos nas telenovelas, em Portugal. Tal situação levou ao recolhimento de informações e dados de países, como o Brasil, e de absorção de conteúdos semelhantes em relação a outro tipo de tipificação e características humanas (físicas ou vivenciais). Foi a simbiose entre os assuntos mencionados e a teorização realizada acerca das características definidoras do interior de Portugal que permitiram uma melhor conceptualização acerca dos estereótipos a ele associados.

Apesar das limitações dirigidas à instigação, destaca-se a singularidade temática desta pesquisa e as várias ramificações e desenvolvimentos que lhe podem suceder. Assim, elencam-se algumas sugestões e recomendações aquando da concretização de futuros trabalhos científicos sobre o tema:

- Pressupõe-se interessante a análise comparativa de telenovelas alusivas ao interior de Portugal produzidas por produtoras diferentes (ex: Plural e SP Televisão). O objetivo seria compreender se existe algum tipo de condicionamento ou disrupção na forma como a zona de baixa densidade do país é apresentada e representada, conforme a produtora em causa, ou se a imagem exibida do interior é transversal, independentemente da marca telenovelistica que a exponha;
- Analisar as representações e características associadas ao interior do país, em telenovelas com um distanciamento temporal de décadas, de forma a compreender possíveis modificações impostas pelo tempo e pela modernidade;
- Considerar-se-ia um forte contributo, a análise de uma telenovela relativa ao interior de Portugal escrita por um guionista natural desta zona do país. Ou, em contraponto, a análise de uma telenovela marcadamente lisboeta/litoral e escrita por um argumentista da capital/centro urbano. Em qualquer um dos casos, esperava-se a contraposição com a análise de uma telenovela: ou escrita por alguém do interior do país e passada no litoral/centro urbano ou pensada por uma pessoa do litoral/centro urbano e desenrolada no interior do país. A ideia seria indagar se existe uma associação direta entre a naturalidade do guionista e a forma como a zona do país é apresentada. Perceber-se-ia que as representações são genéricas e transversais ou condicionadas por quem escreve (“grupo dos outros”);
- Indagar qual a perceção dos residentes no litoral/grandes centros urbanos acerca das representações feitas do interior nas telenovelas, em Portugal, ou vice-versa (perceber qual a posição dos habitantes do interior de Portugal face ao exposto acerca do litoral na ficção nacional). O objetivo seria compreender se o que é representado vai ao encontro daquilo que os membros de um grupo idealizam face à realidade de uma região que não conhecem. Por consequência, seria de todo o interesse perceber se esta perceção corresponde à dos residentes de determinada zona;
- Estudar quais as diferenças de apresentação, representação e tipificação das personagens e hábitos nas telenovelas nacionais, quando comparadas as aldeias e as capitais de distrito pertencentes ao interior do país ou quando confrontadas as capitais de distrito do interior de Portugal, embora longínquos geograficamente (ex: Viseu e Beja). Dar-se-ia resposta à questão: existem diferentes interiores dentro do interior de Portugal?

Referências bibliográficas

Abreu, K.& Silva, R. (2012). *História e Tecnologias da televisão*. Biblioteca Online das Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior. Consultado a 12 de janeiro de 2022 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>

Adorno, T. & Horkheimer, M. (2002). O iluminismo como mistificação das massas. In J. B. M. de Almeida (Ed), *Indústria Cultural e Sociedade*, (pp. 5-44). Edição Paz e Terra, Consultado a 27 de janeiro de 2022 em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179826/mod_resource/content/1/IND%C3%A9ASTRIA%20CULTURAL%20E%20SOCIEDADE.pdf

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Educação Educacional*. (1ª edição). Universidade Aberta. Consultado a 22 de abril de 2022 em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma%20Qualitativo%20%281%c2%aa%20edi%c3%a7%c3%a3o%20atualizada%29.pdf>

Almeida, J,M, Pinto, J, M, (1975). *Teoria e investigação empírica nas ciências sociais*. Imprensa de Ciências Sociais, ISCTE. (pp 308- 339). Consultado a 18 de abril de 2022 em <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/6755/1/Almeida%2c%20Jo%c3%a3o%20Ferreira%20de%20%281%29%29%20Vol.%20XI%2c%20N%c2%ba%2042-43%2c%20pp.%20365-445.pdf>

Alves, J., Diogo, F., Mauritti, R., e Nunes, N. (2019). Desigualdades sociais e desenvolvimento em Portugal: um olhar à escala regional e aos territórios de baixa densidade. *Sociologia Online* (nº1), pp. 102-126. Consultado a 3 de abril de 2022 em <https://revista.aps.pt/wpcontent/uploads/2019/08/SociologiaAPS192019Cap5RMaurittieoutros.pdf>

Alves, C. (2012). Dimensões da telenovela em Portugal. *Revista Comunicação & Educação*, vol.2, pp.137-143. Consultado a 6 de fevereiro de 2022 em <https://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/5194>

Andrade, R. (2002). A telenovela e redes de sociabilidade. *Revista Novos Olhares, Ano V* (nº1), pp. 14-20. Consultado a 6 de fevereiro de 2022 em <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51371>

Baccega, M. (1998). O estereótipo e as diversidades. *Revista Comunicação e Educação nº 13*, pp. 7-14. Consultado a 13 de março de 2022 em https://www.academia.edu/26344198/O_estere%C3%B3tipo_e_as_diversidades

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Batista, E. C., Matos, L. A. & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, (nº3)*, pp.23-38) Consultado a 18 de abril de 2022 em <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768>

Bordieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Jorge Zahra Editor.

Brito, F. & Craveiro, S. (2021). O que define a interioridade?. *Revista Gerador, nº 35*. Consultado a 3 de janeiro de 2022 em <https://gerador.eu/produto/revista-gerador-35/>

Brunay, C. (2006). *A telenovela e o público: uma relação escondida*. Repositório Online da Universidade Católica Portuguesa. Consultado a 1 de fevereiro de 2022 em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/15051>

Brunay, C. & Cunha, I. (2006). *Ficção Televisiva em Portugal: 2000-2005*. Biblioteca Online das Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. Consultado a 1 de fevereiro de 2022 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ferin-isabel-burnay-catarina-ficcao-televisiva-portugal.pdf>

Brunay, C. Lopes, P. & Neves de Sousa, M. (2014). Portugal: a hegemonia da ficção nacional em *prime time*. In Observatório Ibérico- Americano de Ficção Televisiva 2014 (Eds).

Estratégias de Produção Transmeia na Ficção Televisiva. (pp. 409-444). Consultado a 7 de abril de 2022 em <https://blogdoobitel.files.wordpress.com/2012/09/anuacc81rio-2014-portuguecc82s.pdf>

Brunay, C. Lopes, P. & Neves de Sousa, M. (2015). *Portugal: a indústria especializada na longa duração*. In Observatório Ibérico- Americano de Ficção Televisiva 2015. (Eds.). As relações de género na ficção televisiva (pp. 413-446). Consultado a 7 de abril de 2022 em http://obitel.net/wp-content/uploads/2015/08/10-08_ObitelPortugu%C3%AAs_color_completo.pdf

Brunay, C. Lopes, P. & Neves de Sousa, M. (2016). *Portugal: a telenovela, produto-âncora das estações free-to-air*. In Observatório Ibérico- Americano de Ficção Televisiva 2016. (Eds.). (Re)invenção dos géneros e formatos televisivos. (pp. 443-464). Consultado a 7 de abril de 2022 em <http://obitel.net/wp-content/uploads/2016/09/obitel-portugues-2016-1.pdf>

Brunay, C. Lopes, P. & Neves de Sousa, M. (2019). *Portugal: um mercado estático com olhos no futuro*. In Observatório Ibérico- Americano de Ficção Televisiva 2019. (Eds.). Modelos de distribuição da televisão por internet: atores, tecnologias e estratégias. (pp. 239-272). Consultado a 7 de <http://www.obitel.net/wp-content/uploads/2019/09/Obitel-2019-EN.pdf>

Brunay, C., Carvalho, A., Félix, F., Lopes, P. & Neves de Sousa, M. (2020). *FIA e VoD: um hiato geracional*. In Observatório Ibérico- Americano de Ficção Televisiva 2020. (Eds.). O melodrama em tempos de *streaming*. (pp. 291-322). Consultado a 7 de abril de 2022 em <http://www.obitel.net/wp-content/uploads/2020/11/PT-ES-OBITEL-2020.pdf>

Brunay, C., Carvalho, A., Félix, F., Lopes, P. & Neves de Sousa, M. (2021). *Portugal: Diretiva Europeia “Serviços de Comunicação Audiovisual a Pedido”; O princípio do fim da telenovela (?)*. In Observatório Ibérico- Americano de Ficção Televisiva 2021. (Eds.). A ficção televisiva em tempos de pandemia. (pp. 357-391). Consultado a 7 de abril de 2022 em https://obitel.s3.us-west-1.amazonaws.com/anuario2021/pdf/Obitel21POR_s.pdf

Cabecinhas, R. (2002). *Media, etnocentrismo e estereótipos sociais*. Repositório Universidade do Minho. Consultado a 14 de março de 2022 em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1599/1/racabecinhas_MedEtno_2002.pdf

Cabecinhas, R. (2005). *Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais*. Biblioteca Online das Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. Consultado a 14 de março de 2022 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cabecinhas-rosa-processos-cognitivos-cultura-estereotipos-sociais.pdf>

Cabecinha, R. (2012). *Estereótipos sociais, processos cognitivos e normas sociais*. Repositório da Universidade do Minho. Consultado a 14 de março de 2022 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/39422>

Cádima, F. Rui. (2020). A Televisão no Portugal pós revolucionário: instrumentalização, desregulação, demissão do Estado e debilitação do setor dos media. *Media e Jornalismo*, v.20 (nº 27), pp.131-140. Consultado a 23 de janeiro de 2022 em https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/2183-5462_37

Cádima, F. R. (2017). Diversidade e Serviço Público de Televisão no Contexto Regulatório Português. *Media e Jornalismo*, v. 17 (nº31), pp. 29-42. Consultado a 25 de janeiro de 2022 em https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/2183-5462_31

Cádima, F. R. (2015). Sobre a era digital: do analógico ao “algorithmictum”. *Revista FSA*, v. 12 (nº2), pp. 78-93. Consultado a 4 de fevereiro de 2022 em https://www.researchgate.net/publication/276794926_Sobre_A_Era_Digital_Do_Analogico_Ao_Algorithmictum

Cádima, F. R. (2013). O Google, o sistema de media e a agregação de informação. *Intercom RBCC*, v.36 (nº I), pp. 19-37. Consultado a 2 de fevereiro de 2022 em <https://www.scielo.br/j/interc/a/t5RjkWBzm9WYGr8tbftWysK/?format=pdf&lang=pt>

Canavilhas, J. (2001). *O domínio da informação-espetáculo na televisão*. Biblioteca Online das Ciências da Comunicação. Consultado a 31 de janeiro de 2022 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-dominio-da-informacao-espectaculo-na-televisao.pdf>

Capucho, M. (2005). *As cores do nosso espelho: a co construção socio-discursiva das identidades em contexto de telenovela portuguesa*. Repositório Aberto da Universidade Aberta de Lisboa. Consultado a 3 de fevereiro de 2022 em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/344/1/Des%28a%29fiando%20Discursos141-149.pdf.pdf>

Carvalho, R. & Silveirinha, M. J. (2018). Género e Receção Mediática no Estado Novo. *Mediapolis*, (nº7), pp. 199-213. Consultado a 23 de janeiro de 2022 em https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019_7_13

Caseti, F. & Odín, R. (2012). Da paleo à neotelevisão: uma abordagem semipragmática. *Ciberlegenda*, v.2 (nº 27), pp .9-22. Consultado a 3 de fevereiro de 2022 em <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36916/21491>

Chazzatti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 16 (mº2), pp. 221-236. Consultado a 23 de abril de 2022 em <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>

Correia, J. & Jerónimo, P. (2020). *O pulsar da proximidade nos media e no jornalismo*. LabCom. Consultado a 12 de abril em <http://labcom.ubi.pt/book/352>

Costa, R. (2021, março 4). *Inês Gomes, autora de novelas: “Neste momento ninguém quer ver na ficção dramas sobre a pandemia”*. Revista MAGG. Consultado a 4 de março de 2022 em <https://magg.sapo.pt/televisao/artigos/ines-gomes-autora-de-novelas-neste-momento-ninguem-quer-ver-em-ficcao-dramas-sobre-a-pandemia>

Cunha, I. (2003). *A revolução de Gabriela: o ano de 1977 em Portugal*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior. Consultado a 1 de fevereiro de 2022 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-revolucao-gabriela.pdf>

Cunha, I. (2008). Media e Regionalismos. In A. T. Matos & M. Lages (Eds), *Portugal Intercultural: Razões e projeto*. (pp. 370-412). Consultado a 12 de abril de 2022 em https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/2_PI_Cap9.pdf/098d3c12-240a-4fd8-9da9-Oca7e722e5ee

Cunha, I. (2018). *Ficção televisiva inspirada nas obras de Jorge Amado: de Gabriela a Tieta*. Biblioteca Online das Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. Consultado a 1 de fevereiro de 2022 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-2018-ficcao-televisiva.pdf>

Damásio, M. (2021). As reconfigurações da televisão: contributos para uma cartografia da televisão. In G. Gonçalves, S. Sá, P. Serra, R. Morais & F. Merino (Eds), *Televisão e Novos Meios: da produção aos públicos* (pp. 17-38). LabCom. Consultado a 15 de janeiro de 2022 em https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11194/1/2021_book_tvnovosmeios_ssarmoraisfmerinoggoncalvespserra_.pdf

Damásio, M. & Paixão da Costa, J. (2018). A telenovela como lugar de memórias: a telenovela portuguesa como representação social. *Revista Mermorare, Tubarão, v. 5* (nº3), pp. 239-256. Consultado a 21 de fevereiro de 2022 em https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupeg/article/view/7344/4259

Deliberação nº 55/2015 da Comissão Interministerial de Coordenação. (2015). Portugal 2020. [https://lisboa.portugal2020.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=29&fileName=Delibera_o_55_2015_01_07_AlteraTBD.pdf](https://lisboa.portugal2020.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=29&fileName=Delibera_o_55_2015_01_07_AlteraTBD.pdf)

Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar, Curitiba, n. 24*, (pp. 213-225). Consultado a 18 de abril de 2022 em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859>

Elias, H. (2021). A TV-fluxo e os cibermundos sobre marcas e ecrãs-de-streaming. In G. Gonçalves, S. Sá, P. Serra, R. Morais & F. Merino (Eds), *Televisão e Novos Meios: da produção aos públicos* (pp. 39-48). LabCom. Consultado a 15 de janeiro de 2022 em [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11194/1/2021_book_tvnovosmeios_ssarmoraisfmerinoggoncalvespserra .pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11194/1/2021_book_tvnovosmeios_ssarmoraisfmerinoggoncalvespserra.pdf)

Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2016). *As novas dinâmicas de consumo audiovisual*. Consultado a 31 de janeiro de 2022 em https://www.erc.pt/documentos/Estudos/ConsumoAVemPT/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais_web/assets/downloads/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais.pdf

Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2021). *Relatório e regulação da produção audiovisual nos serviços de programação televisiva em 2020*. Consultado a 31 de janeiro de 2022 em <https://www.meiosepublicidade.pt/wp-content/uploads/2021/07/relatorio-erc-producao-audiovisual-em-2020.pdf>

Fantastic. (2016, março). *Exclusivo: Bem-Vindos a Beirais – atores fazem balanço da série*. Consultado a 8 de abril de 2022 em <https://www.fantastictv.pt/2016/03/exclusivo-bem-vindos-beirais-atores.html>

Faria, L. (2019). Telenovelas, estereótipos e profissões: perceção dos estudantes universitários. *Revista da Psicologia da Criança e do Adolescente.*, vol. 10, (nº2), pp. 105-124. Consultado a 21 de março em <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/rpca/article/view/2776/3029>

Fernandes, A. (2019). *Os estereótipos nas representações do feminino na ficção queirosiana*. (pp. 71-106). [Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta de Lisboa]. Repositório Aberto. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9962>

Fernandes, N. (2017). A Web televisão local e regional em Portugal. In P. Jerónimo (Ed), *Media e Jornalismo de Proximidade na Era Digital*. (pp. 87-117). Consultado a 12 de abril de 2022 em http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/201710181743-201710_mediajornalismoproximidade_pjeronimo.pdf

Ferrão, J. (2002). Portugal, três geografias recombinadas: espacialidades, mapas cognitivos e entidades territoriais. *Revista Lusotopie*, vol. 9 (nº2), pp. 151-158. Consultado a 4 de abril em https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2002_num_9_2_1520

Ferrão, J. (2013). Territórios. In J. Cardoso, P. Magalhães & J. Pais (Eds). *Portugal Social de A a Z: temas em aberto*. (pp. 248-255). IMPRESA Publishing. Consultado a 4 de abril em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22819/1/ICS_JFerrao_Territorio_CLN.pdf

Ferreira, R. (2014). *Uma história de audiências das telenovelas portuguesas e brasileiras em Portugal*. Estudos em Comunicação Universidade da Beira Interior. Consultado a 30 de janeiro de 2022 em <http://www.ec.ubi.pt/ec/16/pdf/EC16-2014Jun-07.pdf>

Ferreira, R. (2014). Identidades Culturais e o consumo de telenovelas: uma experiência portuguesa. *Revista Diálogo de la Comunicación*. (nº89). Consultado a 30 de janeiro de 2022 em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6845078>

Ferreira, A., Jerónimo, P. & Ramos, J. F.(2021, abril 12). Televisão Regional do Século XXI. [Webinar]. Grupo de Trabalhos de Estudos Televisivos & Grupo de Trabalho de Media Regionais da SOPCOM. Consultado a 13 de abril de 2022 em <https://www.youtube.com/watch?v=hPaP1SFLEpM>

Filho, W., Sá, S. & Serra, P. (2015). *A Televisão Ubíqua*. (pp. 1-6) Consultado a 16 de janeiro de 2022 em https://labcom.ubi.pt/publicacoes/201801141613televisao_no_seu_labirinto_tvubiqua.pdf

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Monitor. Lisboa.

Freitas, S. (2012). Príncipe ou sapo? Os estereótipos masculinos nos spots brasileiros e portugueses. *Revista Comunicação & Sociedade*, vol. 21, pp. 109-121. Consultado a 23 de março em [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29818/1/Revista Comunicacao e Sociedade 21.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29818/1/Revista_Comunicacao_e_Sociedade_21.pdf)

Freitas, R. & Gotardo, A. (2016). Rio de estereótipos: sobre o carioca e a cidade no documentário seriado norte-americano *No Reservation*. *Revista Lumina*, vol.10 (nº1). Consultado a 21 de março de 2022 em https://redib.org/Record/oai_articulo2270494-rio-de-estere%C3%B3tipos-sobre-o-carioca-e-a-cidade-document%C3%A1rio-seriado-norte-americano-reservations#

Fundação Calouste Gulbenkian. (2022). *Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses em 2020- Síntese dos Resultados*. Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Consultado a 6 de abril de 2022 em [https://gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2022/02/BROCHURA PraticasCulturais PT.pdf](https://gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2022/02/BROCHURA_PraticasCulturais_PT.pdf)

Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2022). *Densidade Populacional*. PORDATA: Lisboa. Consultado a 5 de janeiro de 2022 em <https://www.pordata.pt/Municipios/Densidade+populacional-452>

Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2022). Contemporâneo. *Esperança média de vida: total e por sexo*. PORDATA: Lisboa. Consultado a 5 de janeiro de 2022 em [https://www.pordata.pt/Portugal/Esperan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo+\(base+tri%C3%A9nio+a+partir+de+2001\)-418](https://www.pordata.pt/Portugal/Esperan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo+(base+tri%C3%A9nio+a+partir+de+2001)-418)

Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2022). *Indicadores de Envelhecimento*. PORDATA: Lisboa. Consultado a 5 de janeiro de 2022 em <https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>

Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2022). *O que são NUTS?*. PORDATA: Lisboa. Consultado a 5 de janeiro de 2022 em <https://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS>

Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2022)- *População residente em Portugal: total e por grandes grupos etárias*. PORDATA: Lisboa. Consultado a 5 de janeiro de 2022 em <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+total+e+por+grandes+grupos+et%C3%A1rios>.

Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2022). *Óbitos de residentes em Portugal: total e mês da morte*. PORDATA: Lisboa. Consultado a 5 de janeiro de 2022 em <https://www.pordata.pt/Portugal/%C3%93bitos+de+residentes+em+Portugal+total+e+por+m%C3%AAs+de+morte-3499>

Furtado, M. & Silva, P. (2021). Modera, observa, escuta e foca-te na conversa do grupo: uma reflexão crítica. In A. P. Costa, A. Moreira & P. Sá (Eds), *Reflexões em torno das Metodologias de Investigação (volume 2)* (pp. 37-51). Universidade de Aveiro. Consultado a 21 de abril de 2022 em https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao_Vol2_Digital.pdf

Galego, C. & Gomes, A. A. (2005). Emancipação, rutura e inovação: o focus group como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, vol.5 (nº5), pp. 173 – 184). Consultado a 21 de abril de 2022 em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1012>

Ganchas, R. (2021). *A representação da violência doméstica nas telenovelas portuguesas*. (pp.42-74). [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa]. Repositório Instituto Politécnico de Lisboa. https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/13824/1/MAM_Rita_Ganchas_11318.pdf

Gomes, M. & Rosa, L. (2006). Telenovelas e imaginário social: estereótipos e simbologia na imagem do brasileiro representado. *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinas de Comunicação*. Consultado a 18 de março em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1196-1.pdf>

Gil, A, C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, (pp 109-119). Consultado a 17 de abril de 2022 em <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>

Gomes, M. & Rosa, L. (2007). Comunicação de Massas e Receção de Telenovelas. *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação*. Consultado a 6 de fevereiro de 2022 em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2007/resumos/RO060-1.pdf>

Gonçalves, G., Sá, S., Serra, P., Moraes, R. & Merino, F. (2021). *Televisão e Novos Meios: da produção aos públicos*. (pp. 9- 15). Consultado a 15 de janeiro de 2022 em https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11194/1/2021_book_tvnovosmeios_ssarmoraisfmerinoggoncalvespserra_.pdf

Gradim, A. (2015). A televisão e o seu labirinto. In W. Filho, S. Sá & P. Serra (Eds), *A Televisão Ubíqua* (pp. 69-82). LabCom. Consultado a 17 de janeiro de 2022 em https://labcom.ubi.pt/publicacoes/201801141613-televisao_no_seu_labirinto_tvubiqua.pdf

Guerreiro, A. (2019). *Telenovelas e audiências: o que dizem os núero?*. (pp. 4-51). [Relatório de Estágio, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/30996/1/Relat%c3%b3rio-de-Est%c3%a1gio-Ana-Marta-Guerreiro-2019.pdf>

Instituto Nacional de Estatísticas. (2022). *Taxa de natalidade (%) por local de residência*. Consultado a 5 de janeiro de 2022 em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&contexto=pi&indOcorrCod=0008264&selTab=tab0&xlang=pt

Jost, F. (2009). O que significa falar de *realidade* para a televisão. In I. Gomes (Ed), *Televisão e Realidade* (pp. 13-32). Consultado a 13 de abril de 2022 em <https://static.scielo.org/scielobooks/b3jpx/pdf/gomes-9788523208806.pdf#page=14>

Jost, F. (2015). Que relação com o tempo nos é prometida na era da ubiquidade televisiva?. In W. Filho, S. Sá & P. Serra. *A Televisão Ubíqua* (pp. 9-24). LabCom. Consultado a 18 de janeiro de 2022 em https://labcom.ubi.pt/publicacoes/201801141613-televisao_no_seu_labirinto_tvubiqua.pdf

Júnior, E. (2013). Imagens e representações de masculinidade nas telenovelas. *Revista UFG*, vol.13 (nº2), pp. 189-211. Consultado a 25 de março de 2022 em <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/23414/15915>

Júnior, A. F. B. & Júnior, N. F. (2011). A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência, Araxá*, v. 7, (n.º 7), pp. 237-250. Consultado a 19 de abril de 2022 em <https://met2entrevista.webnode.pt/files/200000032-64776656e5/200-752-1-PB.pdf>

Keating, J. B., Silva, I. S. & Veloso, A. L. (2014). *Focus grouo*: considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, vol,26 (nº26), pp. 175 – 190. Consultado a 21 de abril de 2022 em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4703>

Leça, J. (2017). Representação do Porto e Lisboa no jornalismo – a prática dos telejornais versus a perceção dos telespectadores. (pp. 1 – 11). [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório ISCTE. https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15639/4/master_joana_batista_leca.pdf

Lei nº 171/99 da Assembleia da República. (1999). Diário da República: I Série – A nº 209/1999. <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/171-1999-569880>

Lei nº 27/2007 da Assembleia da Republica. (2007). Diário da República: I Série – nº 145. <https://files.dre.pt/1s/2007/07/14500/0484704865.pdf>

Lei nº 74/2020 da Assembleia da República. (2020). Diário da República: I Série – nº 226. <https://files.dre.pt/1s/2020/11/22600/0000400034.pdf>

Li, Y., Moura, E., Ramos, R. & Simões, S. (2021). Técnica da Análise de Conteúdo: uma reflexão crítica. In A. P. Costa, A. Moreira & P. Sá (Eds), *Reflexões em torno das Metodologias de Investigação (volume 3)* (pp. 45-60). Universidade de Aveiro. Consultado a 21 de abril de 2022 em https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30773/1/Metodologias%20investigacao_Vol3_Digital.pdf

Lippmann, W. (2021). Estereótipos. In Coleção Clássicos da Comunicação Social (Rio de Janeiro). *Opinião Pública*. (pp. 81-146). Editora Vozes.

Lopes, F. (2009). Estudos televisivos: perspetivas e dinâmicas. *Revista Comunicação e Sociedade*, vol. 5 (pp.7-27). Consultado a 13 de abril de 2022 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/59942>

Matos, M. (2014). Metodologias qualitativas e quantitativas: de que falamos? *Forum Sociológico*, Série II, 24. Consultado a 18 de abril de 2022 em <https://journals.openedition.org/sociologico/1061>

Merino, F. (2017). “Television in Portugal (2000-2016): the curious case of Portuguese fiction”. *Comunicación y Medios*, vol.26, (nº 35), pp. 52 - 63.Consultado a 7 de abril de 2022 em <file:///C:/Users/Ines%20Salvador/Downloads/45119-1-164890-1-10-20170711.pdf>

Miranda, C. (2013). Arquétipos e representações nas telenovelas: lugar comum e espaços discursivos na representação do mesmo nos protagonistas – Helena do Manoel Carlos. *Revista Amazônica*, vol. 1, (nº1). Consultado a 24 de março de 2022 em http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/12096/1/Artigo_ArquetipoRepresentacaoTelenovela.pdf

Monteiro, A. (2019). Territórios do Interior, coesão territorial e medidas de governança: a propósito do Programa Nacional para a Coesão Territorial. *Sociologia Online UBI*, (nº19), pp. 137-151. Consultado a 10 de janeiro de 2022 em <https://revista.aps.pt/wp-content/uploads/2019/08/SociologiaAPS192019Cap6AlcidesMonteiro.pdf>

Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, vol. 22 (nº 37). Consultado a 22 de abril de 2022 em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf

Morgan, D. L. (1997). *Focus group as qualitative research* (2ª ed. Vol. 16). London: Sage University Paper.

Mota, M. (2015). *Representações da mulher em telenovelas de língua portuguesa*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/17326/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado.pdf>

Muller, T. (2009). *A televisão acabou, a televisão é coisa do passado, a televisão já era*. Toby Miller. Consultado a 5 de dezembro de 2021 em <https://media.tobymiller.org/images/espanol/A%20TV%20em%20trans%20NOTAS%20AJUSTADAS.pdf>

Obercom. (2007). *Era uma vez...Fábulas, Romances quotidianos- Imagens da vida privada nas novelas portuguesas*. Consultado a 4 de fevereiro de 2022 em <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/Era-uma-vez-f%C3%A1bulas-romances-quotidianos-%E2%80%93-Imagens-da-vida-privada-nas-telenovelas-portuguesas-%E2%80%93-Out2007.pdf>

Obercom & Reuters Institute for the Study of Journalism. (2021). *Digital News Report Portugal 2021*. Consultado a 31 de janeiro de 2022 em <https://obercom.pt/digital-news-report-2021-portugal/>

Ormmezano, G., Potrich, C., Friderich, B., & Cordeiro, L., (2007). Cultura e Estereótipos Veiculados pela Televisão. *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação*. Consultado a 18 de março de 2022 em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0054-1.pdf>

Paixão da Costa, J. (2002). *Telenovelas (origem, história e genealogias de um modo de produção)*. Repositório Científico Lusófona. Consultado a 21 de fevereiro de 2022 em https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/619/1/costa_telenovela_%231de1.pdf

Pelinson, F., Ribeiro, S. & Silva, A. (2014). Usos dialéticos, estereótipos e preconceitos linguísticos na telenovela Flor do Caribe. *Vozes e Diálogo, vol.13* (nº1), pp. 33-42. Consultado a 25 de março de 2022 em <https://www6.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/5382/3248>

Portaria nº 1467 – A/2001 do Ministério das Finanças e do Planeamento. (2001). Diário da República: 1º Suplemento, Série I-B nº 301/2001- <https://dre.tretas.org/dre/148014/portaria-1467-A-2001-de-31-de-dezembro>

Portaria nº 1117 – A 2009 do Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças e da Administração Pública e do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional. (2009). Diário da República: Série I nº 117/2009. <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/1117-2009-491215>

Portaria nº 208/2017de Finanças, Adjunto e Planeamento e das Infraestruturas. (2017). Diário da República: Série I nº 134/2017. <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/208-2017-107684448>

Programa Nacional para a Coesão Territorial. (2017). *Implementação, Acompanhamento e Monitorização*. Governo Português. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a->

coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-implementacao-acompanhamento-e-monitorizacao-pdf.aspx

Quivy, R, Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.

Raply, T. (2006). *Interviews*. Tim Rapley. p. 15-33.

Rebouças, R. (2009, 19 de agosto a 21 de agosto). *Telenovela, história e curiosidades e a sua função social*. [Artigo Científico]. História da Mídia. Consultado a 3 de fevereiro de 2022 em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/70-encontro-2009-1/Telenovela-%20historia-%20curiosidades%20e%20sua%20funcao%20social.pdf>

Resolução do Conselho de Ministros nº 3/2016 da Presidência do Conselho de Ministros. (22 de janeiro de 2016). Diário da República: Série I nº 15/2016. <https://dre.pt/dre/detalhe/resolucao-conselho-ministros/3-2016-73268683>

Resolução do Conselho de Ministros nº 72/2016 da Presidência do Conselho de Ministros. (24 de novembro de 2016). Diário da República: Série I nº 216/2016. <https://files.dre.pt/1s/2016/11/22600/0415404190.pdf>

Resolução do Conselho de Ministros nº 3/2020 da Presidência do Conselho de Ministros. (27 de novembro de 2020). Diário da República: Série I nº 25/2020. <https://dre.tretas.org/dre/3995631/resolucao-do-conselho-de-ministros-3-2020-de-5-de-fevereiro>

Rodrigues, S. (2003, fevereiro 20). *Telenovelas e Big Brother: a receita de sucesso*. Jornal Público. Consultado a 4 de março de 2022 em <https://www.publico.pt/2003/02/20/jornal/telenovelas-e-big-brother-a-receita-do-sucesso-198391>

RTP. (2013, maio 13). *Bem-Vindos a Beirais*. RTP Play. <https://www.rtp.pt/play/pesquisa?q=Bem-VINDOS+A+BEIRAIS>

RTP. (2013, maio 13). *Bem-Vindos a Beirais: Quando não podemos voltar a falhar, o sucesso é o único caminho possível*. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p30134>

Ruivo, M. (2006). *Repensar a Televisão: uma visão positiva sobre o papel da televisão como elo social, veículo de cultura e espaço de lazer*. LabCom. Consultado a 14 de janeiro de 2022 em <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/04/ruivo-miguel-repensar-a-televisao.pdf>

Ruy, L. (2020). De quem é o Brasil que aparece na tela? Uma análise sobre narrativa, poder e representação social na teledramaturgia brasileira. *Pensata*, vol. 9 (mº2). Consultado a 25 de março de 2022 em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/article/view/11227/8343>

Sá, S. (2015). Espectador em altadefinição. In G. Gonçalves, S. Sá, P. Serra, R. Morais & F. Merino (Eds), *A Televisão Ubíqua* (pp. 145-168). LabCom. Consultado a 17 de janeiro de 2022 em https://labcom.ubi.pt/publicacoes/201801141613-televisao_no_seu_labirinto_tvubiqua.pdf

Said, G. & Viana, N. (2012). Identidades e Estereótipos: As telenovelas como narrativas identitárias. *IV Simpósio Nacional de História Cultural- Escrita de Histórias: Ver, sentir e Narrar*. Consultado a 15 de março de 2022 em <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Nubia%20de%20Andrade%20Viana%20o%20Gustavo%20Fortes%20Said.pdf>

Santos, M. (2011). *Assimetrias territoriais: um contributo prospetivo e âmbito genérico*. Universidade de Évora. Consultado a 3 de abril de 2022 em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22819/1/ICS_JFerrao_Territorio_CLN.pdf

Schnorr, J. (2011). A representação do viver no campo: estereótipos do Homem e do espaço rural na televisão. *Cadernos de Comunicação*, vol. 15 (nº2). Consultado a 24 de março de 2022 em <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/4722/4343>

Sequeira, C. (2021). *A interação do telespectador com as telenovelas nas redes sociais*. (pp. 9-27). [Relatório de Estágio, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/35884/1/202781585.pdf>

Serra, P. (2015). A televisão e a ubiquidade como experiência televisiva. In Gonçalves, G., Sá, S., Serra, P., Morais, R. & Merino, F. (Eds), *A Televisão Ubíqua* (pp.25-37). LabCom. Consultado a 17 de janeiro de 2022 em https://labcom.ubi.pt/publicacoes/201801141613-televisao_no_seu_labirinto_tvubiqua.pdf

SIC. (2021, fevereiro 2). *A Serra*. OPTO. <https://opto.sic.pt/#/videoDetails?videoId=OTpiYzVjNDA1ZWY1NmYoNjgoYTdjN2ExZGZlNDJkYTRiZA%3D%3D&type=video&track=eyJlcGlzb2RlVGFiIjpmYWxzZSwic2Vhc29uIjpw7fSwiZ3JpZFNjcm9sbCI6MHo%3D&sThumb=https:%2F%2Fimages.inmobly.com%2Fimages%2Fseries%2Fb66d9f1e0f104ea7be3c8673b518421b-20220519093802>

Silva, A. H. & Fossá, M. I. (2013, novembro 3 a 5). *Análise de Conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para dados qualitativos*. [Artigo de conferência]. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília. Consultado a 22 de abril de 2022 em <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf>

Sobral, F. Antunes. (2012). Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e perspectiva. *Millenium*, v. 42, pp. 143-159. Consultado a 19 de janeiro de 2022 em

Sobral, F. Antunes. (2013). Televisão em Contexto Português: a história de uma história. *Expressão e Foco*. Consultado a 19 de janeiro de 2022 em <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/34774/21546>

Sousa, J. & Morais, R. (2012). O consumo de ficção nacional na televisão portuguesa: uma análise crítica. *Em questão*, vol. 18 (nº2), pp.133-148. Consultado a 1 de fevereiro de 2022 em <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/30978>

Torres, E. Cintra. (2018). *Televisão do Século XXI*. Universidade Católica Editora.

Torres, E. (2015). *Telenovelas, Indústria e Cultura Lda*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Torres, E. Cintra. (2013). Raia dos Medos: ficção histórica, ensaio histórico em modo ficcional. *Academia.edu*. Consultado a 1 de fevereiro de 2022 em https://www.academia.edu/23742156/Raia_dos_Medos_Fic%C3%A7%C3%A3o_Hist%C3%B3rica_Ensaio_Hist%C3%B3rico_em_Modo_Ficcional

Torres, M. J. (2008). Acultura light televisiva: o fenómeno da telenovela. *Revista Comunicação e Cultura* (nº6), pp. 67-80. Consultado a 16 de fevereiro de 2022 em <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/466>

Trigo, H. (2008 outubro 23-25). *Porquê (e razões) para mitificação do campo*. [Artigo apresentado de artigo]. Colóquio Ibérico de Estudos Rurais, Cultura, Inovação e Território, Universidade de Coimbra. Consultado a 24 de março de 2022 em http://www.sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20I/1_4.pdf

TVI. (2022, março 8). *José Eduardo Moniz volta a ser diretor geral da TVI: A primeira entrevista*. TVI Player. Consultado a 18 de fevereiro de 2022 em <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dco06243docf/video/621014bd0cf2c7ea0f19fd40>

União Europeia. (2020). *Agenda Territorial 2030: um futuro para todos os territórios*. Alemanha. https://territorialagenda.eu/wp-content/uploads/TA2030_jun2021_pt.pdf

Unidade de Missão para a Valorização do Interior. (2017). *Programa Nacional para a Coesão Territorial*. República Portuguesa.
<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-pdf.aspx>

Vilar, Artur. (2021, março 20). *Entrevista a Inês Gomes (autora de “A Serra”): Dens no Comando (ep 1)*. Youtube. Consultado a 4 de março de 2022 em <https://www.youtube.com/watch?v=HA52AdgQIe8>

Vitorino, J. (2016). *Identidades e estereótipos da negritude na dramaturgia televisiva: análise do seriado Mister Brau*. (pp. 33-50). [Monografia, Universidade Federal de Juiz Fora].Repositório Universidade Federal de Juiz Fora.

Wolton, D. (2000). *Internet, e después?*. Editorial Gedisa.

APÊNDICES

APÊNDICE A – “A SERRA” (SIC)

PARTE I: Análise de Conteúdo – Genérico “A Serra” (SIC)

Unidades de Análise: Genéricos

- Duração do Genérico
- Título da Canção
- Intérprete da Canção
- Número de planos do genérico
- Descrição dos planos
- Léxicos predominantes na letra da canção
- Mensagem transmitida pela canção do genérico

Tabela 1 - Análise do Genérico de “A Serra”

Duração do Genérico	59 Segundos
Título da Canção	“Liberdade”
Intérprete da Canção	Rita Guerra
Número de planos do genérico	18 Planos
Descrição dos planos	- 1º Plano: Cascata de água; - 2º Plano: Num primeiro plano surgem rochas cobertas de neve; em segundo plano, mais atrás na imagem, aparece uma habitação com vasos e flores nos parapeitos das janelas. - 3º Plano: surge a sombra do perfil de uma das protagonistas da telenovela, Fátima Neto, à direita do plano. O seu rosto é acompanhado por ramos de árvores. - 4º Plano: Trata-se de um plano muito geral. Reflete uma paisagem da Serra da Estrela onde são apresentadas estradas e montanhas/rochas cobertas de neve. - 5º Plano: Este plano define-se pela sobreposição da sombra do rosto do protagonista, Tomás Folgado (à esquerda do pano), sobre rochas cobertas de neve. - 6º Plano: Trata-se de um plano muito geral que apresenta rochas cobertas de neve e uma ponte onde estão várias ovelhas. - 7º Plano: Imagem da torre da Serra da Estrela, coberta de neve. 8º Plano: Neste caso, surge o rosto em posição frontal de Carlota Pereira Espinho, protagonista. Em simultâneo surgem diversos ramos de árvores.

	- 9º Plano: Imagem de uma casa com uma árvore em frente e flores à janela. - 10º Plano: Este plano apresenta um riacho e uma porta com janelas de vidro. - 11º Plano: Plano muito geral da Serra da Estrela onde parte desta está submersa em neve. - 12º Plano: Nesta imagem são apresentadas: uma casa, uma árvore e um cão. - 13º Plano: Apresenta um rebanho de ovelhas a andar pela serra coberta de neve. - 14º Plano: Neste plano o destaque vai para duas bicicletas. - 15º Plano: Presentes na imagem estão: uma casa e uma árvore. - 16º Plano: Neste plano apresenta-se um pôr do sol na Serra da estrela, em plano muito geral. O elemento mais nítido nesta imagem é uma árvore que surge à direita do plano. - 17º Plano: Surgem as personagens Fátima e Tomás, em sombras, a beijarem-se. - 18º Plano: Imagem da Serra da Estrela coberta de neve com o título da telenovela em destaque, escrito a branco.
Trecho da música utilizada no genérico	- O genérico de “A Serra” contempla o refrão da música “Liberdade” de Rita Guerra: “Ser como um desejo, ser herói num beijo Sobre a cidade Viver numa estrela e sem dar por ela Gritar liberdade Ser como um desejo, ser herói num beijo Sobre a cidade Viver numa estrela e sem dar por ela Gritar liberdade”
Léxicos predominantes na letra da canção	- Não existe uma predominância lexical, visto que se trata apenas do refrão repetido. No entanto o destaque vai para as palavras “cidade” e “liberdade”.
Mensagem transmitida pela canção do genérico	- Esta canção é um hino à liberdade. Fala de alguém que projeta o seu futuro com vista a ser “livre”. Léxicos como “despe”, “luta” ou “grito” (presentes na letra desta canção) podem ser associados a essa vontade de desprendimento e de plenitude na simplicidade. A comparação a um pássaro que cruza os céus é a metáfora que melhor explica toda vontade que sustenta a letra da canção.

PARTE II: Análise de conteúdo dos episódios de “A Serra” – Protagonistas

Nota 1: Nesta segunda parte do apêndice estão vertidas as sinopses dos episódios em análise da telenovela “A Serra” de forma a garantir que seja possível, não só a análise de conteúdo dos protagonistas, mas também conhecer melhor as personagens secundárias. Os resumos dos episódios ajudam a justificar alguns dos traços de personalidade e a reconhecer os objetivos de vida das personagens de menor destaque.

Nota 2: Expõe-se, desde já, que em “A Serra” existem quatro protagonistas: Fátima Neto (personagem interpretada por Júlia Palha), Tomás Folgado (personagem de José Mata), Carlota Pereira Espinho (vilã interpretada por Sofia Alves) e Mariana Pereira Espinho (papel entregue à atriz Carolina Carvalho).

Nota 3: Na unidade de análise “Meio Habitacional” faz-se referência ao cenário correspondente que se encontra descrito na Parte IV deste apêndice.

Unidades de Análise: Protagonistas de “A Serra”

- Nome das personagens
- Estatuto Profissional
- Vestuário
- Meio Habitacional
- Traços de personalidade
- Objetivos de vida
- Linguagem verbal
- Linguagem corporal
- Marcas de controlo
- Marcas de generalizações
- Marcas relacionais

1º Episódio

O 1º episódio de “A Serra” começa, por alternadamente, e apenas com recurso à imagem, apresentar duas das protagonistas da trama: Fátima Neto e Carlota Pereira Espinho. A primeira faz-se acompanhar da sua cadela, Estrela, durante um dia de trabalho no moinho. A segunda surge a arranjar-se: Carlota veste-se, maquilha-se e coloca acessórios, em frente ao espelho. Já Tomás Folgado, outro dos protagonistas, surge no ecrã numa viagem de comboio que culmina já na zona da Serra da Estrela. A primeira aparição de Mariana Pereira Espinho dá-se no hotel da família. Esta está à conversa com o pai e, posteriormente, com a mãe acerca do evento de homenagem ao avô Augusto Pereira Espinho, que está a organizar. Em paralelo, Fernando Pereira Espinho dá conta à filha que vão fechar negócio com a queijaria “Vale da Fraga” (negócio da família Neto) para a exportação deste produto endógeno. Mariana tem já desavenças antigas com Fátima, o que a leva a discordar da opção tomada pelos pais.

Tomás e Fátima encontram-se, pela primeira vez, na estação de comboios. A protagonista, que anda a distribuir queijo, oferece-se para dar boleia a Tomás, uma vez que, vão ambos para a Fraga Pequena. Já na aldeia, Fátima ajuda Tomás a resgatar o irmão, Gustavo Folgado, que faz escalada numa perigosa montanha da Serra da Estrela, com um cliente do hotel.

O regresso de Tomás à aldeia tem um objetivo: terminar o relacionamento de anos com Mariana. Todavia, esta considera que o regresso do amado se deve a um eventual pedido de casamento. No momento do reencontro, embora Tomás queira falar com Mariana sobre a sua relação, esta demonstra entusiasmo por vê-lo e revela falta de tempo devido aos preparativos para a homenagem ao avô.

Mais à frente no episódio, surge, mais uma vez, Fátima a trabalhar: a protagonista está a descarregar sacos de farinha para um carrinho de mão enquanto fala com a melhor amiga, Guida (Margarida Grilo) sobre Tomás. É neste local que é protagonizada a primeira cena de discussão entre Fátima e Mariana.

Enquanto Fátima ajuda o seu pai, Silvério, na queijaria, Carlota vai ao encontro de Tomás, à porta do hotel e avisa-o que Mariana está à espera do pedido de casamento. Tomás diz-lhe que não está nos seus planos casar, mas Carlota avisa-o que há ligações e negócios entre as duas famílias, que devem ser mantidos.

Um grande nevão cai no primeiro episódio da telenovela. Tomás e Fátima acabam por se encontrar na serra: ele foi caminhar para desanuviar e ela anda à procura de Estrela, que fugiu. Os dois recolhem-se num abrigo de pastores e Fátima faz uma lareira para se aquecerem e secarem as roupas. Os dois acabam por se envolver. Note-se que a forma

como olham um para o outro, bem como as posições em que se encontram, coincide com as suas sombras no genérico da telenovela. Enquanto o casal está na serra, Mariana liga várias vezes ao namorado que nunca atende. Carlota, que presencia a angústia da filha alerta-a para a questão do casamento, embora de forma subtil.

Regressados à aldeia, no dia seguinte, Tomás e Fátima são apanhados aos beijos por Carlota, que os vê escondida. Tal atitude por parte do casal, traz consequências à família de Fátima: os Pereira Espinho cancelaram a encomenda de queijos “Vale da Fraga”. Artur e Silvério tinham feito um grande investimento, ao nível de gado e maquinaria, endividando-se para puderem corresponder ao proposto por Carlota. Fátima é a pessoa a quem Carlota conta esta sua decisão. A filha de Silvério corre em direção ao irmão que, por sua vez, se dirige às cerimónias celebrativas de Augusto Pereira Espinho, onde Carlota está presente. Carlota dá o dito por não dito, cancela a encomenda e Artur avisa-a que se deixar a sua família numa situação delicada revelará “o segredo” a toda a gente. A inauguração do busto do Pereira Espinho conta com os discursos de Carlota, Mariana e Fernando, bem como da participação do rancho local. São vários os indícios de que a maioria da população só está ali por causa da atuação, já que é unânime que ninguém gostava do “velho”.

Mais um grande nevão assolar a Serra da Estrela. Artur está visivelmente alterado e embebedado-se. Gustavo, conhecedor do segredo que Artur está disposto a contar, diz que o queijeiro não o pode fazer porque isso colocaria em causa muita gente. Para além disso, todos os envolvidos fizeram um pacto de silêncio. Artur sai do café, onde esta conversa se desenrola, e vai até um miradouro da serra. Gustavo segue-o e os dois acabam por se envolver à pancada. Na sequência deste confronto Artur morre. Perante o sucedido, Gustavo liga a Carlota que vai ter com ele. A empresária indica a Gustavo tudo o que este deve fazer. No dia seguinte, Carlota – que possui um vídeo com a morte de Artur – chantageia Tomás, dizendo que ou ele casa com Mariana ou toda a gente ficará a saber do crime cometido pelo irmão. Momentos depois, Mariana leva Tomás para o sítio onde se conheceram, oferece-lhe um relógio e pede-o em casamento. Tomás fica sem reação. Perante a ausência de Artur em casa, Fátima decide procurá-lo, encontrando-o morto.

Tabela 2 - Análise Protagonistas: 1º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Produtora de Farinha; pastora; produtora de queijo (ajuda a família)
	- Neste episódio, Fátima começa por utilizar óculos, embora estes partam quando ela se tenta abrigar, com Tomás no abrigo. Na generalidade das cenas surge de gorro e de casaco de lã.

Vestuário	- De forma geral, anda com roupa confortável.
Meio habitacional	- A casa de Fátima é humilde, com paredes em pedra, porta de madeira e reduzida decoração – Cenário: Casa de Fátima Neto (e família).
Objetivos de vida	- Embora com o falecimento da sua mãe, Fátima não tenha conseguido cumprir o sonho de ir para a faculdade, este é um desejo que mantém. Para além disso, ambiciona exportar a sua farinha internacionalmente.
Traços de personalidade	- Trabalhadora: neste episódio são vários os momentos em que se pode observar esta sua característica. No primeiro episódio, Fátima surge a carregar sacos de farinha, a transportá-los num carrinhos de mão, a pesar os sacos, a moer farinha, a fazer queijo e a vender queijo. - Desenrascada e destemida: estas características são notórias quando Fátima ajuda Tomás a trilhar caminhos e a percorrer atalhos para chegar até Gustavo que está retido numa montanha e quando é Fátima quem, sem dificuldade, faz uma lareira no abrigo de pastores para se aquecerem. - Zelosa: esta característica está patente quando Fátima sai de casa, em plena tempestade de neve, para procurar a cadela que fugira de perto do rebanho e quando vai de imediato ter com o irmão avisando-o do cancelamento da encomenda. - Bondosa/colaborativa: ficou na serra para ajudar a família nos negócios depois da morte da mãe; colabora com o pai e o irmão na produção de queijo; ajuda Tomás a chegar à Fraga Pequena e a salvar Gustavo.
Linguagem verbal	- “Vê lá se a pacóvia da serra não te dá um safanão”: esta frase reforça o traço de personalidade que define Fátima como destemida. - “Salvas muitas pessoas lá nos Alpes?": a expressão “lá nos Alpes” remete para uma sensação de longinquidade. - “Sei tudo sobre farinha e moagem, aprendi com o meu avô e a minha mãe”. - “Acabei por ficar aqui para ajudar a minha família”. Esta frase justifica o motivo pelo qual Fátima não foi para a faculdade em Coimbra, conforme o previsto, depois da morte da mãe. - “Estas montanhas são como se fossem a minha casa”: sentido de pertença. - “Também não podemos ir todos embora e deixar as tradições morrer”, diz a Tomás no abrigo. Esta frase alude a um dos maiores problemas vividos no Interior de Portugal. - “Não assinaram nada?” Perguntou Fátima a Artur aquando do cancelamento da encomenda. Esta pergunta acarreta preocupação e zelo. - Quando viu o irmão morto, Fátima gritava “Artur, Artur”, “não me faças isso” em evidentes declarações de desespero.

Linguagem corporal	- Força exercida quando pega num saco de farinha demonstrada pela postura corporal. - O olhar intenso que troca com Tomás quando se veem pela primeira vez e quando estão no abrigo. - Quando encontrou o irmão morto no carro, a sua postura foi de desespero. Fátima ajoelhou-se perto do corpo, gritou, chorou, olhou para o vazio e debruçou-se, deitou-se e abraçou o corpo do irmão.
Marcas de controlo	Sinais de dificuldades financeiras: - Muitos trabalhos; - Todos os seus empregos são no setor primário; - Casa humilde; - A necessidade que a família tinha da grande encomenda do queijo Vale da Fraga denota, a par com o acumular de ofícios, o baixo poder financeiro da família.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Fátima é filha de Silvério Neto, irmã de Artur Neto e tia de Anabela Neto. Fátima é inimiga de Carlota Pereira Espinho e Mariana Pereira Espinho. Fátima é a melhor amiga de Margarida Grilo e é apaixonada por Tomás Folgado;

Tabela 3 - **Análise Protagonistas: 1º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	Trabalha nos Alpes na equipa de resgate e socorrismo das montanhas.
Vestuário	- Tomás desce do comboio encasacado (casaco de grande volume e com carapuço) de mochila de campismo às costas. - Durante a maioria do episódio, Tomás surge elegante; ou de camisola de lã, ou com malhas grossas ou, no caso da homenagem a Augusto Pereira Espinho, de fato.
Meio habitacional	- Da sua casa só se conhece a sala. Esta tem um grande sofá, uma mesa com bebidas e dá acesso tanto à porta de saída como às escadas para o piso superior. A decoração é cuidada.
Objetivos de vida	- Neste episódio, Tomás aponta como objetivos terminar o relacionamento com Mariana, regressar a França e convencer Fátima a ir consigo para lá.
Traços de personalidade	- Responsável/consciente: estas características estão patentes em Tomás quando ele alerta telefonicamente o irmão dizendo que ele não poderia estar na montanha do Cântaro Mago com um cliente e quando fala do deficitário estado do material que o irmão utiliza nas escalas. - Decidido e frontal: Tomás sabe o que quer, terminar a relação com Mariana e di-lo a Carlota e à família. Para além disso, depois de estar no abrigo com Fátima afirma já saber o que vai fazer.
	- “É proibido escalar no Cântaro Mago” e “o teu equipamento está uma vergonha” são expressões que denotam preocupação, zelo e consciência

Linguagem verbal	daquilo que está certo ou errado e daquilo que se deve ter em consideração quando se escala um rochedo. - “Eu vou terminar a relação com a sua filha” ou “eu não vou ficar com a Mariana só porque a família dela é sócia dos nossos pais”: tais declarações evidenciam que Tomás é decidido. - “A serra é sempre muito boa conselheira” : esta frase alude à tranquilidade e sentido de apaziguamento promovido pela liberdade e paz da serra.
Linguagem corporal	- O olhar intenso quando viu Fátima pela primeira vez na estação de comboios e quando estiveram juntos no abrigo, durante o nevão; - Ar de perplexidade e em simultânea desconfiança quando Carlota o confrontou com o crime praticado pelo irmão e com a consequente chantagem que daí adveio. - Quando Mariana o pediu em casamento, Tomás ficou apático, sem reação e reflexivo, ponderando os prós e os contras desta relação (impostos por Carlota).
Marcas de controlo	Sinais de riqueza devido: - Emprego nos Alpes como socorrista; - Imposição do casamento por Carlota, em parte, por conveniências familiares; - Casa aparentemente abastada; - Elegância no vestir.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tomás é filho de Aida e Moisés Folgado e irmão de Gustavo Folgado. Tomás namora com Mariana Pereira Espinho, mas é apaixonado por Fátima Neto.

Tabela 4 - Análise Protagonistas: 1º episódio – Mariana Pereira Espinho

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Relações Públicas do hotel de família
Vestuário	- Em todas as cenas em que aparece, Mariana surge bem vestida: saia preta com blusa branca; vestidos; sobretudos;
Meio habitacional	- Embora não seja claro que Mariana esteja no seu quarto (em casa), tudo leva a crer que uma das cenas é passada nesse cenário (o uso de roupão e o facto de a mãe estar a escolher, nessa divisão, a roupa para o evento). A ambiguidade desta afirmação e conclusão reside no facto de o quarto ser semelhante ao do hotel: espelho redondo, cama de casal com lençóis brancos, etc.
Objetivos de vida	- O grande objetivo de Mariana no primeiro episódio é casar com Tomás.
	- Insegura: esta característica é demonstrada em duas conversas. Numa primeira, Mariana fala com Vitória sobre o facto de, se Tomás não a pedir em casamento ser ela a fazê-lo. Numa segunda, Mariana conversa com a mãe dizendo-lhe que Tomás não atende (quando este está no abrigo),

Traços de personalidade	ponderando ligar à mãe do amado. - Rancorosa: todas as vezes em que fala de Fátima ou da sua família, percebe-se que algo aconteceu, no passado, entre as protagonistas. - Mimada e carente de atenção: embora ela não saiba do que a mãe está a fazer para salvar o seu namorado, tudo faz parecer que Carlota Pereira Espinho faz tudo para agradar à filha, dando-lhe tudo o que ela quer.
Linguagem verbal	- “A família dela vai ganhar dinheiro às nossas custas”: esta frase denota o sentimento que Mariana nutre por Fátima. - “Eu quero ser tua para sempre”: esta expressão resume a maior luta de Mariana no episódio.
Linguagem corporal	- Quando está com Tomás a sua expressão é de felicidade, esboçando um sorriso. Quando o pede em casamento, a sua postura é um pouco tímida. - Quando fala com Fátima tem a tendência para ou cruzar os braços ou unir as mãos, falando-lhe com altivez e com sorriso irónico. - Normalmente, anda sempre de costas direitas e cabeça erguida.
Marcas de controlo	Provém de famílias com poder financeiro: - Trabalha no hotel de família; - Subjuga quem tem um trabalho não qualificado; - Os cenários interiores em que surge são todos de grande elegância, com ar fino;
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho e neta do falecido Augusto Pereira Espinho. Mariana namora com Tomás Folegado e sua melhor amiga é Vitória Castro.

Tabela 5 - **Análise Protagonistas: 1º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome das personagens	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Empresária: gestão do hotel
Vestuário	- Logo no início do primeiro episódio, Carlota surge em frente ao espelho a maquilhar-se, colocar um fio, uma pulseira e um casaco com uma gola de pele. - No resto de episódio, Carlota mantém o uso de golas desse tipo, usando frequentemente, calças de fato com blusas.
Meio habitacional	- O quarto onde Carlota se arranjou, no começo do capítulo e que se depreende ser de casa da protagonista, conta com um grande espelho, uma penteadeira e uma cama de casal. É um quarto grande e com detalhes de riqueza. Os restantes cenários interiores onde Carlota Pereira Espinho esteve mantêm o mesmo nível.
Objetivos de vida	- Um dos seus objetivos é proteger e dar à filha tudo o que ela quiser. Soma-se o objetivo de dificultar a vida à família Neto. Até ao momento, ao nível profissional não são conhecidos os seus desejos.
	- Protetora: quer que a filha case com Tomás porque não quer ver sofrer. - Chantagista: Carlota não exita em usar a morte de Artur e o consequente

Traços de personalidade	envolvimento de Gustavo no crime para obrigar Tomás a ficar com Mariana. - Vingativa: esta característica fica clara quando Carlota cancela a encomenda com a queijaria Vale da Fraga por Tomás, o genro, se envolver com Fátima.
Linguagem verbal	- “Vou dar-te uma lição querido: a vida não é um conto de fadas e, neste caso, depende de ti casares com a minha filha”; - “Tudo o que fazemos na vida tem consequências” disse a Tomás, em tom de ameaça e provocação. - “Não te devo nenhuma explicação” disse a protagonista quando anunciou a Fátima o cancelamento da encomenda, num ato de total poder sobre o processo; - “Problema da tua família e teu”: esta frase denota insensibilidade e, como foi dita com superioridade gozo, evidencia o início da vingança dos Pereira Espinho em relação à família Neto. - “Eu acabo contigo e com a tua família” disse a Artur. - “Cada um é para o que nasce, e aquela família nasceu para ser miserável” e “não são de confiança, vão pastar que é o que sabem fazer melhor” foram duas expressões sobre a família Neto ditas a Fernando, aquando da homenagem ao sogro no hotel. Estas frases aludem a um enorme rancor e preconceito face àquele núcleo familiar. - “Tens de escolher entre a vida do teu irmão e a felicidade da minha filha”: chantagem a Tomás.
Linguagem corporal	- Independentemente da pessoa com quem esteja a falar a sua postura é sempre de altivez. Sempre de costas direitas e rosto fechado, a sua postura transmite segurança e determinação.
Marcas de controlo	Rica: - Roupa elegante; - Gestora de um hotel; - Subjugação e descridibilização das pessoas que não têm o seu poder financeiro;
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mulher de Fernando Pereira Espinho, mãe de Mariana Pereira Espinho e nora do falecido Augusto Pereira Espinho.

20º Episódio

O vigésimo episódio de “A Serra” apresenta os principais momentos do capítulo anterior, ficando a saber-se que: Leonor Barros é filha biológica de Tomás Folgado; que Fátima Neto vendeu a queijaria da família a Carlota Pereira Espinho para que o pai, Silvério Neto, fosse libertado da prisão; e adiantam ainda o mau estar e consequente rejeição de Fernando Pereira Espinho em relação a Carlota.

No hotel, depois de saírem do *spa*, Mariana Pereira Espinho e Vitória Castro falam sobre Fátima, Tomás e Guilherme Botelho. Mariana confessa à amiga ter adorado ver Fátima e Guilherme juntos porque isso significa que a filha de Silvério não se aproxima de Tomás. No entanto, Mariana acredita que a relação entre o advogado e Fátima será pouco duradoura, já que ele a está a usar para esquecer a ex-mulher, o que se tornará um problema para a filha de Carlota. Fernando aproxima-se das amigas e Mariana sai. Vitória e Fernando ficam a conversar sobre mensagens que trocaram e vinho.

Já na queijaria “Vale da Fraga”, Fátima começa a recolher os pertences da família, após a venda. Tomás entra na queijaria e tenta falar com Fátima sobre o teste de ADN de Leonor. A conversa é dura e Fátima demonstra todo seu desagrado pelo facto de Tomás e Mariana estarem noivos. Tomás diz-lhe que não quer estragar nem complicar a vida a ninguém e que ela foi a primeira pessoa em que pensou para contar a novidade. Tomás pede ajuda a Fátima para lidar com Rosalinda e Domingos (tios dela), mas a prima de Leonor recusa.

A paternidade de Leonor é também tema de conversa na fábrica de burel entre Aida e Moisés Folgado, que agora são avós e Elvira Roque Courela e Sãozinha Grilo. Rosalinda e Domingos contam a Leonor que ela é filha biológica de Tomás e a reação da criança foi de encontro ao esperado pelo casal: Leonor não quer saber de Tomás. Já Mariana mostra-se desagrada por Tomás não ter falado logo consigo, mas ele desvaloriza, confessando à futura mulher que não sabe o que fazer: Tomás não quer ser um estranho para Leonor. Mariana dá-lhe apoio e garante ajudá-lo.

No moinho, Guilherme e Fátima conversam sobre a morte de Artur. Guilherme traz consigo os resultados que provam que Artur tomou ansiolíticos antes de morrer. Fátima diz que não acredita que o irmão se tenha matado e conclui que a primeira autópsia foi falsificada.

No *lounge* do hotel da família Pereira Espinho, Carlota e Fernando falam sobre a forma como Mariana irá lidar com o facto de Tomás ter uma filha. Fernando considera que esse é o menor dos problemas do casal e Carlota adianta que tem de correr tudo bem porque Mariana é completamente apaixonada pelo socorrista. Fernando é perentório e diz que Mariana gosta muito mais de Tomás do que o contrário. Vitória chega, Carlota diz-lhe para ficar a fazer companhia a Fernando e sai. Cenas depois, no hotel, o pai e a melhor amiga de Mariana envolvem-se.

Tomás vai a casa de Rosalinda e Domingos porque quer falar com Leonor. Contudo, Rosalinda mente-lhe e diz que ela não está, mas Tomás não fica convencido. O noivo de Mariana diz a Rosalinda que quer que Leonor saiba que ele não tinha conhecimento de que Dulce (a mãe biológica de Leonor) estava grávida. O socorrista acrescenta que não quer substituir ninguém e que apenas se quer tornar amigo de Leonor.

No escritório, Mariana confessa à mãe que o aparecimento de uma filha a Tomás veio complicar a sua relação com o alpinista, mas Carlota lembra-a que quando Mariana e Tomás reataram ela já sabia da possibilidade de vir a ter uma enteada. Mariana diz que, por Tomás, aceita qualquer coisa, inclusivamente uma filha de outra mulher. Contudo, acaba por dizer que todos os seus problemas vão dar a Fátima pois Leonor é prima (adotiva) da protagonista. Carlota diz à filha que tem de mostrar a Tomás que é adulta e que o apoia na relação com Leonor.

Na casa de Fátima, Silvério e a filha discutem sobre o acordo que Fátima fez com Carlota que envolve a venda da queijaria “Vale da Fraga” à família Pereira Espinho. Fátima diz que vai avançar com o acordo porque é uma mulher de uma só palavra. Silvério critica a atitude da filha e diz não poder confiar nela. Silvério acusa a filha de ser “fraca” e diz que preferia ficar na prisão do que vender a queijaria. Fátima fica devastada com as palavras do pai. Guilherme bate à porta e conta a Fátima que o caso do irmão e a segunda autópsia já estão nas mãos da Polícia Judiciária (PJ), o que a acalenta.

No dia seguinte, no escritório do hotel, Fátima e Guilherme, bem como Carlota e Sebastião Botelho discutem as cláusulas do contrato da venda da queijaria. Fátima aponta vários problemas ao acordo, corroborados por Guilherme, o que deixa Carlota furiosa. Carlota e Fátima protagonizam uma acesa discussão e Carlota acaba por ceder.

No 20º episódio fica também a saber-se que Carmo Teles de Arriaga consome canábis em bolos feitos por Fausto Roque Courela e que este tem desavenças antigas com a irmã. É também revelada a paixão entre Salvador Teles de Arriaga e Jacinta Grilo. Margarida Grilo oferece-se para ajudar o futuro cunhado e em troca pede para que ele lhe pague o que a família lhe deve. É também perceptível que Carlota é ciumenta e desconfiada em relação às atitudes do marido, nomeadamente, à sua ausência na reunião da assinatura do contrato. O episódio colima com o atropelamento, intencional, de Tomás enquanto este passeia de bicicleta. O autor do crime é Domingos que segue sem olhar para trás.

Tabela 6 - Análise Protagonistas: 20º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Trabalha na moagem da farinha
Vestuário	- No início do episódio, Fátima utiliza uma camisa apertada, em tons escuros e cabelo solto. - Quando Guilherme vai ter com ela ao moinho, esta está a trabalhar, e tem o cabelo meio apanhado (numa espécie de rabo de cavalo descido) e utiliza um casaco de malha grosso. - Aquando da assinatura do contrato, Fátima veste uma camisola grossa

	de lâ escura, com gola alta, e tem o cabelo solto.
Meio Habitacional	- Fátima vive numa casa humilde e com pouca luminosidade e trabalha no moinho: Cenário – Casa de Fátima Neto (e família) e Moinho “Vale da Fraga”
Traços de personalidade	- Bruta/rude/provocadora: estas características são visíveis na forma como Fátima trata Tomás quando este vai ter com ela à queijaria. Para além deste momento, estão também presentes na discussão que esta tem com Carlota já no final do episódio. - Ciumenta: esta característica revela-se na forma como Fátima fala de Mariana a Tomás, quando este vai à queijaria. - Justa: Fátima tem um forte sentido de justiça, em relação a si própria e em relação aos outros. Tal é visível quando Fátima não admite a Tomás que este lhe peça justificações quanto aos seus relacionamentos (visto que Tomás também não lhe as dá) e na forma firme como procura a verdade sobre a morte do irmão. - Perspicaz: esta característica transborda quando Fátima percebe que a primeira autópsia ao corpo do irmão foi adulterada. - Revoltada: a morte do irmão não a deixa sossegar e Fátima está convicta que foi Carlota quem matou Artur. Basta analisar a conversa com Guilherme, no moinho, ou a discussão com Carlota, aquando da assinatura do contrato, para se concluir o exposto. Fátima é explícita e perentória nesta sua convicção. - Retidão: Fátima mostra-se justa e fiel às suas decisões e palavra quando diz a Silvério que não recuará no negócio com Carlota. - Determinada e convicta: Fátima é uma pessoa de certezas e de considerações fortes. Tais acessões estão refletidas, por exemplo, na forma perentória como a protagonista acredita que o irmão não se matou e na forma como acredita que vai recuperar o negócio da família.
Objetivos de vida	- Neste episódio, Fátima mostra como prioridades: a recuperação da queijaria da família, mal seja possível, e fazer justiça pela morte do irmão.
	- “O que é que tu queres”, “não percebo porquê” ou “tu não tens uma noiva para falares dos teus problemas pessoais?” são expressões proferidas quando Tomás vai ter com Fátima à queijaria. Estas reforçam a ideia de que Fátima, por vezes, é bruta e fria. - “Tu não tens uma noiva” ou “que eu saiba é com a Mariana que vais ser pai da Leonor, eu não tenho nada a ver com isso” revelam desconforto, frontalidade e mágoa e reforçam a ideia de que Fátima tem ciúmes de Mariana. - “Quem é que és tu para me pedires explicações?” pergunta Fátima perplexa e até ofendida a Tomás. Esta resposta dada a Tomás revela que Fátima é uma mulher justa, reta e independente. - “Se há aqui alguém com experiência em fazer os outros de parvos, és tu” diz Fátima a Tomás depois de este lhe pedir satisfações sobre Guilherme. Esta expressão releva o sentido de justiça e retidão que caracterizam Fátima.

Linguagem verbal	- “Mas isso prova que a primeira autópsia foi falsificada (...) eu acho que o meu irmão não se tentou matar”: esta declaração de Fátima reforça os traços de personalidade que a definem como convicta, revoltada e perspicaz. - “Eu dei a minha palavra” afirma numa conversa com Silvério. Esta expressão denota retidão e valoração dos princípios e valores em que ela acredita. - “Nós vamos recuperar a queijaria, podes confiar em mim” diz Fátima ao pai de forma determinada e convicta. - “Só me apetece esfregar na cara da Carlota que eu não sou a parva que ela pensa”: esta frase exprime a revolta que Fátima sente em relação à alegada assassina do irmão e denota uma certa provocação. - “Isso já não é problema meu. Não é toda poderosa? Não tem contactos em todo o lado?” e “veja lá se não volta atrás com o meu pai” são duas expressões que mostram que Fátima é uma rapariga provocadora e bruta. - “Aqui quem agiu de má fé foi a senhora quando quebrou o acordo com o meu irmão”: esta expressão traduz a revolta de Fátima.
Linguagem corporal	- Olhar nostálgico para um quadro de certificação de aprovação do queijo da marca “Vale da Fraga” aquando das arrumações da queijaria. - Fátima desvia o olhar, desconfortável, quando Tomás lhe diz que foi a primeira pessoa em quem pensou para contar sobre o teste de ADN de Leonor. - Fátima revira os olhos quando fala de Mariana a Tomás. - Olhar intenso entre Fátima e Tomás quando se olham nos olhos na queijaria. - Quando Guilherme lhe diz que tem o resultado da segunda autópsia de Artur, Fátima abre muitos os olhos e fica visivelmente expectante, ansiosa e curiosa. Este estado é corroborado pela questão que coloca: “então, valeu a pena?”. - Na conversa que tem com o pai, Fátima mostra-se desconfortável, triste, desiludida e magoada. - Durante a assinatura do contrato, Fátima mantém-se sentada. Quando a conversa sobe de tom, Fátima simula que se levanta, eleva o tom de voz e fica com um ar revoltado e zangado.
Marcas de controlo	- Fátima é uma pessoa com poucas posses. Tal é evidente através: da casa onde habita, do trabalho que tem e da forma como se veste. - No que concerne à forma de vestir destaca-se o facto de, quando anda a trabalhar, utilizar roupa mais confortável e quando vai assinar o contrato se apresentar mais arranjada.
Marcas de generalizações	- Quando Fátima se apercebe que foi Anabela quem pintou o busto de Álvaro Pereira Espinho, esta diz à sobrinha “não quero que se saiba que foste tu”, numa alusão ao facto de, numa aldeia, tudo se saber.
	- Fátima Neto é filha de Silvério Neto, sobrinha de Paula e tia de Anabela. Este é o primeiro dos episódios (dos analisados) que se sabe que Domingos e Rosalinda são tios dela e consequentemente, Leonor sua

Marcas relacionais	prima. Neste episódio, Fátima e Tomás não estão juntos e Fátima está mais próxima de Guilherme, embora o namoro não seja taxativo.

Tabelas 7 - **Análise Protagonistas: 20º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	Neste episódio, Tomás surge a trabalhar na loja de desportos de inverno do hotel.
Vestuário	- No início do episódio, quando Tomás visita Fátima na queijaria, este veste uma camisola grossa com um casaco quente (com carapuço e grande). - Na loja de desporto, Tomás está de calças com uma camisola de malha grossa. Esta é a roupa com que mantém o resto do episódio.
Meio Habitacional	- No episódio 20, não aparece a casa onde Tomás reside, apenas o seu local de trabalho, a loja de desportos de inverno do hotel – Cenário: Loja de Desporto no hotel.
Traços de personalidade	- Calmo: esta característica está presente na forma como fala com Fátima na queijaria e na maneira como aborda Rosalinda quando tenta visitar Leonor. - Compreensivo: Tomás entende que Fátima não se queira meter no assunto que envolve Leonor e os tios. - Sinceridade amorosa questionável: este traço de personalidade manifesta-se quando Tomás fala com Fátima sobre o teste de ADN de Leonor e lhe diz que foi a primeira pessoa em quem pensou e em contrapartida não se lembrou de falar com Mariana (que é a sua noiva). - Educado: esta característica é visível quando Tomás se dirige a Rosalinda, em casa desta. - Ponderado e cordial: enquanto fala com Rosalinda, Tomás mantém-se ponderado e transmite de forma cordial, sem rodeios e sem discussões, que pretende aproximar-se da filha. - Perspicaz: na conversa com Rosalinda percebe-se que Tomás está desconfiado, considerando que, ao contrário do que ela diz, Leonor está em casa. - Sentido paternal: neste episódio, todas as conversas em que Tomás surge fala sobre Leonor. Nestas é evidente o amor que o recém-pai tem pela criança e a vontade que este tem em ser presente na vida da filha.
Objetivos de vida	- Neste episódio, fica claro que o principal objetivo de Tomás é aproximar-se da filha e tornar-se amigo dela.
	- “Foste a primeira pessoa em que pensei”: esta expressão mostra o amor e a importância que Fátima tem na sua vida. - “Porque é que estás a dizer isso? É porque também tens outra pessoa?” Pergunta Tomás em tom crítico e acusatório. Esta é a única expressão do discurso de Tomás que pode fazer resvalar os traços de personalidade que o define como calmo e ponderado. - “Para ser sincero não me lembrei”: Tomás diz a Mariana que não se

Linguagem verbal	lembrou de lhe contar os resultados do teste de paternidade, o que revela honestidade por parte do filho de Aida, mas o que se traduz numa falta de sinceridade emocional para com a noiva. - “Eu não estou aqui para substituir ninguém, eu só quero ter uma relação com ela” ou “eu não me vou afastar dela” são declarações que realçam a sua determinação, ponderação e amor pela filha.
Linguagem corporal	- Olhar apaixonado quando conta a Fátima que é pai de Leonor. - Quando vai a casa de Rosalinda tentar falar com a filha, a postura corporal de Tomás transmite nervosismo e desconforto, embora o seu discurso seja ponderado e educado. - Enquanto anda de bicicleta, Tomás mostra-se pensativo.
Marcas de controlo	- No episódio 20, não são muitas as particularidades que permitem inferir o poder financeiro e o estatuto social a que Tomás pertence.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tomás é filho de Aida e Moisés Folgado e irmão de Gustavo. Neste episódio fica a saber-se que é pai biológico de Leonor Barros e que está noivo de Mariana Pereira Espinho.

Tabela 8 - **Análise Protagonistas: 20º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome das personagens	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Mariana não surge a trabalhar, em nenhum momento.
Vestuário	- Começa o episódio apenas de roupão já que saiu do <i>spa</i> do hotel. - Quando vai ter com Tomás à loja de desporto está a utilizar um vestido branco e umas botas de salto alto. Esta é a roupa com que mantém o resto do episódio.
Meio Habitacional	- Mariana vive no hotel da família. Neste episódio, surge a sala de estar da família que emana luz natural e prima pela decoração simples, mas cuidada – Cenário: Sala de estar no hotel.
Traços de personalidade	- Ciumenta e insegura: estas duas características estão presentes na conversa que Mariana tem com Vitória já que ela só gostou de ver Fátima e Guilherme juntos porque isso significa que não perde o namorado. Estes traços de personalidade estão também patentes aquando da conversa com Tomás na loja de desporto: Mariana fica insegura e chateada por não ter sabido do teste de ADN por Tomás. Para além deste momento, estas duas especificidades de personalidade estão contempladas na conversa que Mariana tem com a mãe e que mostram o seu desconforto face à existência de uma filha de Tomás, - Apaixonada por Tomás. Esta característica parece por vezes aproximar-se da obsessão e do controlo: por exemplo, quando diz que faz tudo por ele e quando demonstra querer afastar Fátima do caminho de Tomás, etc. - Mimada: esta característica acompanha a personagem em vários momentos entre os quais quando Mariana afirma que a vida é complicada, embora sabendo de antemão que Leonor poderia ser filha de Tomás. Este traço de personalidade pode também ser observado quando

	Carlota diz que Mariana se tem de mostrar adulta.
Objetivos de vida	- Mariana, neste capítulo, apresenta como única preocupação manter o seu relacionamento com Tomás, independentemente daquilo que tem de aceitar ou fazer para o conseguir.
Linguagem verbal	- “Adorei vê-los. Enquanto a Fátima estiver entretida com o Guilherme, não se mete com o Tomás”: esta frase reforça o traço de personalidade que define Mariana como ciumenta. Quando diz “adorei vê-los”, fá-lo de uma forma irónica. - “Ele só anda com ela para dar umas voltas”: esta expressão remete para a perceção negativa e objetificadora que Mariana tem sobre Fátima e Guilherme. - “Eu acabei de saber do resultado do teste pelo teu irmão, podias ter ligado ou não?” pergunta chateada e com ar de cobrança a Tomás na loja de desporto. Esta interrogação reforça a ideia de insegurança de Mariana. - “Tu és meu noivo. Os teus problemas são meus também. Podes desabafar comigo” ou “eu vou ajudar-te nisso” diz Mariana a Tomás. Estas frases demonstram amor, apoio e prontidão para com Tomás. - “Não percebo porque é que tem de ser tudo tão complicado. Agora que estamos tão bem, é que aparece, de repente, uma filha” esta afirmação transmite insegurança, ciúme e infantilidade já que ela sabia que este cenário estava em cima da mesa. - “Como é que eu me vou afastar de quem mais amo?” diz Mariana à mãe numa clara declaração de amor a Tomás. - “Eu faço tudo por ele, mesmo aceitar uma filha de outra mulher” diz Mariana à mãe. Esta declaração reforça a ideia de que Mariana é apaixonada por Tomás, mas corrobora a consideração que aproxima este amor da obsessão pelo namorado. - “Qualquer dia estou a jantar coma família daquela parola”: esta expressão faz transparecer o ciúme e o preconceito que Mariana tem em relação a Fátima.
Linguagem corporal	- Enquanto fala com Vitória no corredor do hotel sobre Fátima, Tomás e Guilherme, Mariana tem os braços cruzados, o que faz transparecer que está à defesa e não totalmente confortável. No entanto, sorri quando diz que adorou ver Fátima e Guilherme juntos, em sinal de satisfação. - Quando fala com Tomás, na loja de desporto, começa por apresentar um ar de cobrança tendo as mãos na cintura. - Quando fala com Carlota sobre Tomás e, em particular, sobre o facto de Leonor ser prima (embora adotiva) de Fátima, Mariana mantém os braços cruzados e os olhos no chão.
Marcas de controlo	- O episódio 20 permite dizer que Mariana pertence a uma classe mais alta e com mais posses. Tal é notório através: da ida ao spa, da roupa utilizada, do meio habitacional em que está inserida e na forma ativa como se refere a Fátima.
Marcas de generalizações	----
	- Mariana é filha de Fernando e Carlota Pereira Espinho e é a melhor

Marcas relacionais	amiga de Vitória Castro. Neste episódio, fica a saber-se que está noiva de Tomás e que, por conseguinte, se tornará madrasta de Leonor Barros.

Tabela 9 - Análise Protagonistas: 20º episódio – Carlota Pereira Espinho

Nome das personagens	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Empresária e gestora dos negócios Pereira Espinho. Dona da marca queijaria “Vale da Fraga”.
Vestuário	- No início do episódio, Carlota começa por utilizar uma blusa em tons de amarelo e laranja e um colar. - Aquando da assinatura do contrato com Fátima, Carlota veste umas calças pretas com uma blusa branca.
Meio Habitacional	- Neste episódio os telespectadores ficam a conhecer a sala de estar da família Pereira Espinho (no hotel) e o local onde Carlota trabalha, o escritório do hotel, ambos os espaços luminosos e decorados com bom gosto: Cenários – Sala de estar e escritório do hotel.
Traços de personalidade	- Mãe protetora: Carlota faz tudo por Mariana e só quer vê-la bem. Carlota começa por se mostrar preocupada com a reação de Mariana ao facto de Tomás ter uma filha, depois incentiva-a a casar e diz, várias vezes, que só a quer ver bem e feliz. - Dominadora e controladora: esta característica está bem patente no facto de Carlota considerar que tudo pode ser feito como ela quer: desde o namoro de Mariana às cláusulas da venda da queijaria. - Pragmática: Carlota é uma pessoa extremamente decidida e racional. Esta característica vislumbra-se na conversa que tem com a filha onde a incentiva a lutar por Tomás evitando dramas. - Ciumenta: esta característica está presente na conversa que Carlota tem com o marido, na qual lhe pergunta, com ar desconfiado, onde é que ele andou no dia anterior. - Provocadora e arrogante: estas duas características exacerbam-se aquando da assinatura do contrato de compra e venda da queijaria “Vale da Fraga”.
Objetivos de vida	---
	- “Eu não sei se a Mariana vai lidar bem com esta coisa da filha do Tomás” diz a Fernando no <i>lounge</i> , com uma certa preocupação típica de uma mãe. - “Tem de correr. Ela é completamente apaixonada pelo Tomás” diz Carlota a Fernando. Esta expressão denota que Carlota faz tudo pela filha e lhe ampara todos os golpes. - “Já foram felizes uma vez, podem bem voltar a ser” diz Carlota à cerca do namoro de Mariana e Tomás. Esta afirmação corrobora a ideia de que a mãe está sempre do lado da filha e reforça o traço de personalidade que define Carlota como controladora e dominadora. - “Na tua idade tudo parece maior do que o que é” diz Carlota a Mariana enquanto falam de Tomás. Esta afirmação alude a um sentido de proteção

Linguagem verbal	maternal e de preocupação que caracterizam Carlota. - “Quando vocês casarem e tiverem os vossos bebés, olha que ele esquece a filha dos merceiros num instante”: Carlota tenta animar a filha, dizendo-lhe o que ela quer ouvir. - “Queres manter o Tomás, tens de ser adulta, não podes stressar. Tens de mostrar que és superior a isso rapariga” ou “trata de marcar o casamento”: estas expressões traduzem o pragmatismo de Carlota e a proteção e amor pela filha. - “Hoje a queijaria Vale da Fraga passa a ser oficialmente nossa” diz Carlota a Fernando com um ar satisfeito e vitorioso reforçando os seus traços de personalidade que a distinguem como controladora e dominadora. - “Mas é suposto eu ir buscar leite a quem?” pergunta Carlota, arrogante e irritada, a Fátima durante a assinatura do contrato. Esta expressão faz transbordar a arrogância de Carlota quando algo não lhe corre de feição. - “Podes ir pastar descansadinha” diz Carlota a Fátima reforçando o seu carácter como dominador, provocador e arrogante.
Linguagem corporal	- Enquanto fala com Mariana sobre Leonor e Tomás, Carlota acaricia a filha no rosto. - No final da conversa com Mariana, Carlota abraça-a. - Carlota fica com ar de desconfiada e séria quando Fernando lhe diz que não pode ir à assinatura do contrato da queijaria. - Carlota e Fernando abraçam-se depois desta a convidar para umas férias. Para além disso, sorri e acrescenta “que grande alegria”. - Durante a assinatura do contrato de venda da queijaria, Carlota mantém-se de pé. - Durante a sessão de assinatura do contrato, Carlota demonstra-se exaltada, chateada, raivosa e irritada pelos entraves colocados por Fátima.
Marcas de controlo	- Carlota é uma mulher com dinheiro e poder. Tal é visível através das roupas que utiliza, dos cenários onde se movimenta e da capacidade financeira que tem para investir num negócio que não lhe interessa, apenas o faz por desrespeito e provocação à família Neto,
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho e esposa de Fernando Pereira Espinho.

40º Episódio

Na plataforma OPTO, o episódio começa por revisitar as principais imagens do capítulo anterior. Algumas delas mostram que Mariana Pereira Espinho tenta afogar Fátima Neto no tanque comunitário da aldeia. Fátima consegue escapar e tenta fazer-lhe o mesmo. As rivais são separadas por Hortense Rasteiro.

No café/restaurante da aldeia, negócio de Carlota, Hortense entrega à patroa todos os papéis necessários para a contabilidade. Carlota questiona Hortense se conhece alguma queijeira de qualidade na região, já que agora é proprietária da queijaria “Vale da Fraga”. No entanto, a funcionária alega que as melhores queijeiras já estão empregues. É durante esta conversa que Fátima entra no café e que rapidamente brota uma discussão. Carlota diz a Fátima que só pode ficar se tiver reserva, mas Fátima não compreende. Carlota manda-a sair e Fátima, provocadora, diz que se é por causa de Mariana pode ficar descansada porque ela não tem nada a ver com Tomás Folgado. Os ânimos exaltam-se e Fátima fala-lhe da tentativa de afogamento. Carlota começa por não acreditar e por defender a filha, mas Hortense confirma o sucedido.

Mariana vai a casa de Tomás e tenta justificar perante Aida Folgado, o facto de ter contado a história de Tomás e Leonor à imprensa local. Tomás aparece e a filha de Carlota repete os seus motivos. Tomás diz não compreender a sua atitude e acrescenta que não gosta o suficiente dela para se manterem juntos. Mariana fica destroçada e pergunta ao amado se este a andou a utilizar, mas Tomás nega. Cenas mais tarde, Mariana tenta redimir-se perante Rosalinda e Domingos Nunes, mas o casal não acredita nela, nem na ausência de interferência de Tomás no sucedido.

Margarida (Guida) e Jacinta Grilo foram jantar ao hotel e terminam a noite a beber um copo de vinho do Porto. Mariana surge e acusa Guida de ter roubado o vestido a Vitória Castro, garantindo-lhe que assim já tem um motivo para a despedir. Jacinta quase parte para a agressão, mas Guida evita. Mariana diz sorridente que até era bom que ela lhe batesse porque assim a polícia poderia levar as duas dali para fora. Vitória chega e clarifica a situação, confirmando o que Guida disse. Mariana fica furiosa.

Na casa de Fátima, a protagonista explica a Guilherme Botelho que não ficou no restaurante por causa de Carlota. Perante o sucedido, Silvério, que está a cozinhar um borrego, pergunta à filha e ao namorado se querem jantar em casa. Ambos acedem ao pedido. Anabela Neto entra de repente em casa e diz à tia que faltam duas ovelhas no rebanho. Silvério vai até ao avilo procura-las, mas Fátima aponta a responsabilidade do sucedido a Paula.

Na loja de desporto, Tomás despede-se e Carlota diz não o querer ver nem mais um dia. Tomás pede-lhe apenas que não faça nada a Gustavo, garantindo que Mariana ficaria muito desiludida se soubesse que ele só a pediu em casamento por causa da chantagem da mãe. A protagonista garante a Tomás que deixar Mariana foi um erro e que as coisas não ficarão assim. Calmo, Tomás diz que não tem medo dela, o que a faz ficar mais exaltada.

Ainda no episódio 40, Carlota vai à fábrica de burel convidar Elvira para ser queijeira da queijaria “Vale da Fraga”, convite recusado pela tia de Fátima. No final do episódio e

enquanto Fátima trabalha, surge o tio Simão que diz que o seu rebanho anda sozinho no avilo. Fátima fica preocupada pois quem andava com as ovelhas era Silvério. A última cena deste capítulo, mostra Silvério, sozinho, caído no chão.

Neste episódio fica ainda a saber-se que Carmo Teles de Arriaga tem vergonha de dizer às suas amigas onde vive, existindo uma que a quer ir visitar. Verifica-se, ainda, que Vitória e Fernando Pereira Espinho querem arranjar uma casa para os dois e que Helena Rasteiro foi despedida do hotel porque Carlota achava que ela era amante de Fernando. A picardia entre os produtores de pão da aldeia mantém-se e a paixão de Salvador Teles de Arriaga e Jacinta Grilo, também. Esta acaba por aceitar o convite do amado para um espetáculo de ballet. Salvador anda a aprender rancho para agradar a amada. A meio do episódio é reforçada a ideia de que Fátima não acredita que Artur se tenha suicidado.

Tabela 10 - Análise Protagonistas: 40º episódio – Fátima Neto

Nome das personagens	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Produtora de farinha
Vestuário	- No início do episódio, quando Fátima se dirige ao restaurante da aldeia, esta está bem arranjada. Tem um vestido florido e uma casaca de ganga por cima. Fátima está também a utilizar uma mala tira colo. - Enquanto transporta os sacos de farinha para a carrinha, Fátima veste um casaco grosso e um gorro.
Meio Habitacional	- Neste episódio, Fátima surge, em alguns momentos, em sua casa. A sua habitação é de pedra e a maioria dos móveis de madeira – Cenário: Casa de Fátima Neto (e família).
Traços de personalidade	- Provocadora: esta característica manifesta-se, sobretudo, na discussão que Fátima tem com Carlota, no café. Fátima atira-lhe à cara que Mariana a tentou afogar e provoca-a dizendo que tem categoria a mais para jantar ali. - Trabalhadora e despachada: são vários os momentos que se traduzem nesta particularidade de Fátima, nomeadamente, quando esta se predispõe a terminar o jantar, a fazer outro prato para Guilherme e quando carrega os sacos de farinha para a carrinha, já no final do episódio.
Objetivos de vida	- Neste episódio reforça-se a ideia de que o principal objetivo de Fátima é perceber o que é que aconteceu ao irmão.
	- “Também vou ser muito clara. Sabia que a sua filha me tentou afogar esta tarde? Eu só não apresentei queixa porque não sou como vocês”: perante o sucedido, Fátima provoca Carlota tocando-lhe no seu ponto fraco. - “Tu gostas de borrego? (...) eu vou-te fazer outra coisa”: esta expressão reforça o traço de personalidade que distingue Fátima como trabalhadora. - “Tu não trabalhas, só dás despesa nesta casa”: esta frase, para além de fazer transparecer o valor que Fátima dá ao trabalho, denota a sua rudeza

Linguagem verbal	no discurso.
Linguagem corporal	- Fátima olha incrédula ao seu redor, constatando que ninguém está no café não fazendo sentido ter de fazer reserva. - Quando Silvério sai de casa para ir procurar as ovelhas que faltam, Fátima tira o borrego do forno. Junto ao lava loiça, Fátima coloca uma mão na cinta e despachada e sorridente diz fazer outro prato para Guilherme. - Enquanto fala com Paula sobre a sua inércia e falta de ajuda em casa, Fátima mantém as mãos na cintura. - Fátima fica em pânico quando lhe contam que as ovelhas andam sozinhas e mais apreensiva, com os olhos muito abertos e respiração irregular, quando o pai não atende.
Marcas de controlo	- Para além da casa onde habita, do vestuário que utiliza e de alguma da linguagem a que recorre (trincar e bichas), fica claro que ela pertence a uma classe mais baixa quando, na conversa com a tia, fala das despesas como uma das suas preocupações.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Fátima é filha de Silvério Neto, sobrinha de Paula Neto (pela parte do pai), Elvira Roque Courela e Rosalinda Roque Nunes (pela parte da mãe) e namorada de Guilherme Botelho. Fátima é tia de Anabela Neto).

Tabela 11 - **Análise Protagonistas: 40º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	Neste episódio, Tomás surge a trabalhar na loja de desporto, mas despede-se nessa mesma cena.
Vestuário	- Durante todo o episódio Tomás veste um pulôver de malha e umas calças escuras.
Meio Habitacional	- Neste episódio aparece a casa onde Tomás habita com a família. Uma habitação, ampla, grande e com uma decoração simples, mas cuidada - Cenário: Casa de Tomás Folgado (e família).
Traços de personalidade	- Responsável: quando decide despedir-se da loja de desporto, Tomás assume as suas responsabilidades e diz poder dar dias à casa, caso necessário. - Determinado: esta característica está patente quando Tomás se despede da loja de desporto, na forma como fala com Carlota (seguro, controlado e frontal) e na maneira como termina o relacionamento com Mariana. - Destemido: este traço de personalidade manifesta-se quando Tomás discute com Carlota uma vez que ele a enfrenta, fala-lhe da chantagem, ameaça contar tudo a Mariana e avisa-a para que não faça nada contra Gustavo. - Honesto e sincero: esta particularidade da personalidade de Tomás é notória quando ele conta, com calma, a Mariana que não gosta dela.

Objetivos de vida	- Neste episódio fica claro que os principais objetivos de Tomás é preservar a relação com a filha e afastar-se de Mariana.
Linguagem verbal	- “O que é que estás aqui a fazer Mariana? Nós já não temos nada para conversar” diz Tomás quando vê Mariana em sua casa, desiludido. - “Eu percebi que não gosto o suficiente de ti para casarmos” ou “Respeito-te demasiado para te fazer isso” são frases que demonstram que Tomás é honesto, frontal e sincero. - “Eu posso dar mais dias à casa enquanto arranjam alguém para me substituir”: esta expressão mostra que Tomás é uma pessoa responsável, um dos seus apanágios. - “Eu não quero o seu dinheiro. O que eu quero é que não prejudique o meu irmão”: esta frase reforça o sentimento de proteção que caracteriza Tomás. - “Que estranha forma de demonstrar amor, Carlota. Mas felizmente, a Mariana não herdou o seu caráter”, diz Tomás a Carlota em tom de provocação. - “Não me ameace Carlota, não tenho medo de si”: esta frase evidencia que Tomás é um homem destemido e frontal.
Linguagem corporal	- Tomás dá alguns passos enquanto escuta as explicações de Mariana. Quando a conversa termina e esta sai, Tomás fica pensativo.
Marcas de controlo	- Tomás é um homem com possibilidades financeiras observáveis através da sua habitação, da roupa que utiliza e na facilidade que teve em se despedir (a personagem não teve dúvidas nessa decisão e não ponderou as consequências económicas que daí poderiam advir).
Marcas de generalizações	----
Marcas relacionais	- Tomás é filho de Aida e Moisés Folgado e irmão de Gustavo Folgado. É pai de Leonor e está separado de Mariana Pereira Espinho.

Tabela 12 - **Análise Protagonistas: 40º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Mariana não surge a trabalhar.
Vestuário	- Durante todo este episódio, Mariana surge com um vestido e blazer do mesmo padrão.
Meio Habitacional	- Neste episódio, não é apresentada a casa de Mariana (nem o quarto nem a sala – divisões conhecidas dos telespectadores).
Traços de personalidade	- Dependente do Tomás e necessidade de aprovação: estas características andam lado a lado quando se fala de Mariana. Neste episódio estas características ganharam força quando Mariana se tentou justificar perante Aida, Tomás, Domingos e Rosalinda. Mariana cometeu um erro, mas só porque queria agradar a Tomás e mostrar que o apoiava em tudo. - Insegura: Quando Tomás diz a Mariana que não gosta dela, a filha de Carlota manifesta-se inquieta e chega a pensar que Tomás a andou a utilizar durante todo este tempo.

	Mimada: esta particularidade da personalidade da Mariana encontra-se, sobretudo, na forma como Mariana fala: num tom baixo, quase infantil. - Altivez e superioridade: estas características destacam-se na discussão que Mariana tem com Guida e Jacinta. Mariana trata as irmãs Grilo como se estas fossem umas criminosas, sem qualquer tipo de empatia ou compaixão e considerando-se a dona da razão.
Objetivos de vida	- O seu principal objetivo é mostrar que Tomás nada teve a ver com o que saiu na imprensa local e provar ao amado que faz tudo por ele e o apoiará sempre.
Linguagem verbal	- “O Tomás estava a ser rejeitado pela filha, e eu achei que se toda a gente soubesse a verdade, os Nunes iriam finalmente deixá-lo estar coma a Leonor”: esta frase, presente no discurso que trava com Aida, demonstra que Mariana quer agradar e ajudar Tomás, embora, desta vez, não tenha sido bem-sucedida. - “Então estiveste-me a usar e a fazer experiências, foi isso?”:esta frase reforça a característica que define Mariana como insegura. - “Realmente, eu sabia que não iam faltar oportunidades para te despedir. Tu sabes que ladras não trabalham no meu hotel não sabes?” diz a Guida em tom provocatório. - “Quanto a ti, podes tocar-me à vontade, sabes porquê? (...) Assim a polícia pode correr com vocês as duas: uma por roubo outra por agressão”: esta expressão demonstra forma sobranceira como Mariana olha para Guida e Jacinta. - “Despe isso”: aos gritos - “Miga, ainda bem que aqui estás. Esta ladra decidiu usar o teu vestido e ainda por cima, como burra que é, veio exhibi-lo para aqui”: a forma como Mariana diz isto a Vitória é em tom de queixa e de superioridade. Nesta expressão denota-se também a infantilidade que a particulariza. - “Por favor, eu peço-vos que não pensem mal do Tomás. Eu garanto-vos que ele gosta mesmo muito da Leonor e eu não o quero ver prejudicado por causa de uma situação que fui eu que causei”. Ou “eu só estou a tentar evitar uma injustiça”: estas declarações provam que Mariana está disposta a tudo por Tomás, inclusivamente, passar pela vergonha de assumir todas as responsabilidades dos seus atos.
Linguagem corporal	- Durante a conversa com Tomás, Mariana mostra-se arrependida por ter contado tudo à imprensa, mantendo a cabeça baixa, envergonhada, com voz trémula. Quando Tomás entra, Mariana repete-lhe os passos. As palavras do amado deixam-na triste e incrédula. - No hotel, quando confronta Guida sobre o uso do vestido de Vitória, Mariana mantém-se calma e com as mãos ao longo do corpo. Porém, chega o momento em que coloca as mãos na cintura e diz, sorridente e irónica, não acredita na palavra das irmãs Grilo. Quando Vitória reforça o que Guida disse, Mariana sai possessa. - Na mediaria, Mariana apresenta um ar envergonhado e acanhado.
	- Neste episódio, fica mais uma vez evidente que Mariana pertence a uma

Marcas de controlo	família com posses e recursos pois: usa roupa distinta, não trabalha e tem poder e contactos capazes ligados à imprensa.
Marcas de generalizações	----
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho e é a melhor amiga de Vitória Castro. Neste episódio, está separada de Tomás Folgado.

Tabela 13 - **Análise Protagonistas: 40º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Proprietária da queijaria “Vale da Fraga” Proprietária do café da aldeia. Empresária e gestora do hotel da família Pereira Espinho.
Vestuário	- No início do episódio, quando está no café, Carlota veste um casaco grande, feito de pele, e uma gola também de pelo.
Meio Habitacional	- Neste episódio não surge o meio habitacional de Carlota, nem o seu principal local de trabalho. Apenas aparece o restaurante do qual é proprietária – Cenário: Café/ restaurante da aldeia.
Traços de personalidade	- Arrogante: em todas as intervenções que faz, junto a Fátima ou a Tomás, Carlota revela-se arrogante, rude, bruta, irritadiça. - Poderosa: Carlota não se inibe de mostrar o seu poder e capacidade de controlo. Fá-lo quando expulsa Fátima do restaurante pois o estabelecimento é seu. - Raivosa: esta particularidade destaca-se quando as coisas saem do seu controlo ou quando é provocada por alguém. - Vingativa: esta particularidade evidencia-se quando Carlota diz a Tomás que nada ficará assim e que é melhor não a provocar. - Protetora: esta característica revela-se em relação a Mariana quando Tomás fala do carácter da filha e quando Fátima lhe conta que Mariana a tentou afogar.
Objetivos de vida	- No episódio 40, fica claro que os principais objetivos de Carlota são destruir Fátima e Tomás. Fátima porque a acusa de ser a assassina de Artur e porque foi a responsável pelo afastamento de Tomás e Mariana e Tomás uma vez que terminou o relacionamento com a sua filha.
	- “Tem reserva?” pergunta a Fátima quando esta entra no café de forma rude e arrogante. - “Se não tem reserva vá jantar a outro sítio. É a nova política da casa”: esta expressão confirma o traço de personalidade que define Carlota como arrogante e rude e reforça o que a define como poderosa do tipo “quero, posso e mando”. - A expressão “vou ser mais clara: não te quero no meu restaurante, sai, rua” condensa todas as características enunciadas atrás – Carlota é rude, arrogante e poderosa. - “Eu não te admito que digas mentiras sobre a minha filha, estás a ouvir?” e “Tu não te atrevas a falar do carácter da Mariana”: Carlota defende a filha com unhas e dentes, é mãe protetora.

Linguagem verbal	- “Eu não quero olhar para a tua cara nem mais um dia” diz a Tomás com disperso e raiva. - “Tu não te atrevas Tomás, tu não me provoques”: reforça o traço de personalidade que a marca como ameaçadora e controladora. - “Tu pensas que podes deixar a Mariana, fazê-la sofrer e seguir a vida como se nada fosse?”: esta interrogação evidencia que Carlota é uma pessoa vingativa.
Linguagem corporal	- Quando Fátima a enfrenta dizendo que não tem nada com Tomás e que ela e Mariana não têm de se preocupar, Carlota aproxima-se dela e com o dedo indicador da mão direita em riste, manda-a embora. - Quando Fátima sai do café, Carlota fica visivelmente irritada, acabando por tirar a gola rapidamente e bruscamente ajeitando o cabelo. - Na loja de desporto, enquanto fala com Tomás, Carlota mostra-se exaltada, irritada e em determinados momentos eleva a voz. Quando Tomás sai, Carlota suspira e arregaça as mangas da camisola.
Marcas de controlo	- A par das roupas, o seu elevado estatuto social, fica evidente quando se repara que Carlota manda no hotel, e consequentemente na loja de desporto, no café/restaurante da aldeia e na queijaria. Nestes sítios, nomeadamente nos dois primeiros, Carlota põe e dispõe, conforme as suas vontades.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana e esposa de Fernando Pereira Espinho.

60º Episódio

No *lounge* do hotel, Fátima Neto e Mitó reúnem para falar sobre a possível venda do moinho da família Neto. Fátima recusa a proposta da amiga de Carmo Teles de Arriaga e Carlota Pereira Espinho, garantindo que o moinho não está à venda. A proprietária do moinho “Vale da Fraga” garante que o moinho é um negócio de família, carregado de memórias e de valor sentimental e avança que já encontrou outra forma de financiar o negócio. Embora Mitó aumente o valor da compra, Fátima mostra-se irredutível.

Noutro plano narrativo, na sala de espera do hospital, Mariana Pereira Espinho está decidida em abortar. Mariana confidencia a Vitória Castro, que a acompanha, que foi ela quem disse a Tomás para não ir. Mariana acha que Tomás não quer ter a criança e que se quer ver livre dela, acrescentando que tanto Tomás como Fátima devem estar a celebrar esta situação. A filha de Carlota considera que é Fátima quem está a fazer a cabeça a Tomás, mas Vitória fala-lhe da conversa que ouviu entre Fátima e Tomás, na qual Fátima lhe disse que ele deveria assumir todas as suas responsabilidades. Em casa, Tomás aguarda ansiosamente por notícias do hospital, mas Mariana não atende. Tomás diz a Moisés Folgado que a decisão de abortar é uma escolha difícil para qualquer mulher e que é uma decisão de Mariana. O protagonista termina a conversa com o pai dizendo que não

ama Mariana e que o bebé não é o suficiente para manter a sua relação. A narrativa regressa ao hospital onde Mariana decide, afinal, não abortar. Vitória alerta-a para o facto de Tomás não voltar para ela, mas Mariana garante que aquele filho é um bocadinho de Tomás que trará sempre consigo. Cenas depois, Mariana diz a Tomás que não teve coragem de abortar e que aquele bebé também é um bocadinho dele. Mariana adianta que sabe que isso não significa que voltarão a estar juntos. Tomás garante-lhe que assumirá todas as responsabilidades.

Na casa de Sebastião, Guilherme e Fátima conversam sobre o cancelamento da venda do moinho. Guilherme confia à amada que percebeu as ligações entre Mitó e Carlota quando descobriu o contrato de promessa da compra e venda no meio dos papéis do pai.

No escritório do hotel, Mitó conta a Carlota que Fátima rompeu com o acordado. Carlota diz a Mitó que deveria ter feito mais pressão ou aumentado o valor da compra, mas a amiga diz que Fátima estava irredutível. Nesse momento, entra a inspetora Cristina e Mitó sai. A inspetora pergunta a Carlota se esta tem por hábito tomar relaxantes musculares ou comprimidos para o sono, mas Carlota nega. A inspetora da PJ revista o local onde Carlota guarda os medicamentos sobre o olhar atento da mãe de Mariana. A inspetora confirma a Carlota que aquela visita se deve à morte de Artur.

O eventual “desmancho” de Mariana, bem como a preguiça de Paula Neto também são temas abordados na fábrica de burel. O estrago e consequente arranjo de uma máquina fotográfica de Marta Botelho também é assunto. Carlota prontifica-se a resolver a questão por consideração ao pai da fotografa. Indaga-se, ainda, que a coexistência com Jacinta Grilo, deixa Carmo Teles de Arriaga mais desinibida e confortável com a sua vida atual., dizendo “poucas e boas” a Mitó. No final do episódio, e já depois de Nicolau ter estado a confortar Guida por causa de um desgosto de amor, os dois amigos são apanhados por Helena Rasteiro num dos quartos do hotel.

Tabela 14 - Análise Protagonistas: 60º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Proprietária e trabalhadora no moinho “Vale da Fraga”
Vestuário	- Nos dois momentos em que Fátima surge, veste uma calças de ganga, uma camisola vermelha grossa e um casaco preto aberto.
Meio Habitacional	- Neste episódio, Fátima não surge em sua casa, em nenhum dos momentos em que entra.
Traços de personalidade	- Determinada e convicta: estas características ficam evidentes quando Fátima é perentória em não querer avançar com o negócio. - Sensível: Fátima mostra-se sensível e nostálgica quando recorda, na conversa com Mitó, que o moinho é um negócio de família que lhe traz

	boas recordações de pessoas importantes para si. - Grata: esta particularidade é visível quando Fátima agradece a Guilherme ter quebrado algumas linhas éticas para descobrir a relação entre Mitó e Carlota. - Provocadora: esta característica ganha destaque quando Fátima fala com Guilherme e diz que adorava ver a reação de Carlota com o fim do negócio.
Objetivos de vida	- No episódio 60 fica claro que Fátima, não só quer manter o negócio nas mãos da família, como não o quer ver, sobretudo, na posse de Carlota.
Linguagem verbal	- “O dinheiro não compra tudo e eu não estou disposta a vender mais nada da minha família” ou “o moinho já não está à venda” ou “estou disposta a arriscar e a tentar tudo para não vender o moinho”: estas expressões demonstram que Fátima é uma mulher convicta, determinada e fiel aos seus princípios. - “Aquele moinho pertencia a alguém muito importante para mim e eu, quando estou nele, é como se estivesse mais próxima dessa pessoa”: na conversa com Mitó, Fátima deixa, por momentos, cair a rudeza que a distingue e mostra-se sensível. - “Adorava ser uma mosca para ver a cara da Carlota”: esta expressão reforça o traço de personalidade que define Fátima como provocadora. - “Podes não ter sido muito ético, mas salvaste o meu dia” diz a Guilherme, enquanto lhe agradece por este ter descoberto a relação entre Mitó e Carlota.
Linguagem corporal	- Enquanto explica a Mitó que não vai vender o moinho, por ser um negócio de família, Fátima olha para o chão, brinca com os dedos e fica com um ar nostálgico. - Na mesma conversa, denota-se – em alguns momentos e visto que Fátima sabia das intenções por detrás deste negócio, segurança e assertividade nas palavras. - Na conversa com Guilherme, em casa deste, Fátima mostra-se satisfeita, sorridente e grata ao advogado por este a ter alertado para o jogo duplo de Mitó.
Marcas de controlo	- No episódio 60, a única coisa que nos permite inferir que Fátima e a sua família enfrentam problemas financeiros, é a necessidade que eles tinham de vender o negócio de família – embora não se concretizasse.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Neste episódio, Fátima não apresenta nenhuma relação a acrescentar ou a alterar, face ao exposto no episódio 40.

Tabela 15 - **Análise Protagonistas: 60º episódio – Tomás Folgado**

Nome das personagens	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	Neste episódio, fica a saber-se que Tomás trabalha na fábrica de burel dos pais pois, na conversa com Moisés, este dá-lhe o dia de folga. Contudo, não se sabe quais as funções que desempenha.

Vestuário	- A personagem de José Mata, neste episódio, utiliza uma camisola de malha grossa verde e umas calças escuras.
Meio Habitacional	- Sempre que Tomás surge, aparece em sua casa. Uma habitação de dois pisos, com sofás de grandes dimensões e cadeiras almofadadas: Cenário – Casa de Tomás Folgado (e família).
Traços de personalidade	- Preocupado, responsável e consciente: características manifestadas nas conversas que teve com o pai e com Mariana sobre o aborto. - Sincero: particularidade emanada quando Tomás diz a Mariana que já não há volta a dar à sua relação. - Ponderado: quando Tomás alerta Mariana para as dificuldades que provêm do nascimento de uma criança, tentando ter a certeza da decisão que ela tomou.
Objetivos de vida	- As conversas com Mariana e Moisés permitem inferir que Tomás não quer continuar com Mariana, que está disposto a assumir as responsabilidades com o filho que está a caminho e que vai lutar por Leonor (no dia em que Mariana pensa em abortar, Tomás tem uma audiência em tribunal por causa da guarda de Leonor)
Linguagem verbal	- “Eu devia estar lá com ela, a apoiá-la. Tomar uma decisão destas é difícil para qualquer mulher”: esta expressão demonstra que Tomás é um homem preocupado, sensível e responsável. - “Pela Mariana só sinto amizade e carinho. Não é o suficiente para mantermos uma relação”: esta frase reforça a particularidade de personalidade que o define como sincero. - “Eu disse-te que te apoiaria qualquer que fosse a tua decisão (...) só não quero é que decidas por impulso”: esta frase dirigida a Mariana acarreta responsabilidade, consciência e ponderação.
Linguagem corporal	- Depois da conversa com o pai e de tirar o dia de folga na fábrica, Tomás fica pensativo, preocupado e com ar de desnorte. - Na conversa que mantém com Mariana, Tomás mostra-se calmo.
Marcas de controlo	- No episódio 60, é possível verificar que Tomás tem regalias que outros poderão não ter: pode tirar folga quando quer e assume a responsabilidade de um novo filho, sem pensar em questões financeiras.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mantém as relações descritas no episódio anterior. Apenas acrescentar que será pai de um filho de Mariana, com a qual já não tem qualquer relação.

Tabela 16 - **Análise Protagonistas: 60º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome das personagens	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Não é possível retirar conclusões desta natureza.
Vestuário	- Em todas as cenas em que surge, Mariana tem a mesma roupa vestida: Umas calças escuras, uma blusa canelada preta e um casaca matizada.
Meio Habitacional	- No episódio 60, Mariana não surge, nem na sua casa, nem no seu local de trabalho, o hotel.

Traços de personalidade	- Ciumenta e insegura: estas características estão presentes na conversa com Vitória no hospital. - Apaixonada por Tomás/Obsessão por Tomás: estas particularidades manifestam-se quando Mariana decide avançar com a gravidez por considerar que o bebé que traz no ventre é parte de Tomás e por achar que, mais tarde ou mais cedo, Tomás voltará para si já que não será capaz de abandonar o filho. - Mimada e exagerada: a forma como fala de Tomás e do facto dele não estar ali consigo fazem querer que Tomás a deixou sozinha nesta decisão quando, na verdade, foi Mariana que lhe disse para não ir. Para além disso, Mariana exagera na forma como se refere ao amado e a Fátima e à forma livre como ela pensa que eles estão a lidar com a situação. - Preconceituosa: a forma como Mariana se refere a Fátima na conversa com Vitória faz transparecer a forma pejorativa e altiva como esta a vê. -Dissimulada: o telespectador percebe que a forma e o discurso que Mariana utiliza na conversa com Tomás não vai bem ao encontro das considerações feitas na conversa com Vitória. Aqui, Mariana faz querer a Tomás que não se importa de não ficarem juntos e percebe caso ele não queira acompanhar o crescimento da criança, o que é contraditório face ao que disse antes. O seu objetivo é que Tomás a olhe de outra forma, com compaixão.
Objetivos de vida	- Neste episódio, percebe-se que Mariana só vai avançar com a gravidez por considerar que, dessa forma, reconquistará o amor da sua vida.
Linguagem verbal	- “Nunca esperei ficar nesta situação. Sentada, à espera para fazer um aborto e o Tomás na vidinha dele” e “eu sei que ele devia estar doido para se ver livre disto. Ele e aquela pacóvia, claro”.: reforça a ideia de que Mariana é insegura e mimada. - “Já deve ter comprado champanhe para celebrar. Champanhe, não. Vinho de pacote: é mais o género dela”: esta é uma das expressões que mostra o quão Mariana é avessa a Fátima. - “Não deixa de ser um bocadinho do Tomás que eu tenho aqui dentro” ou “o Tomás nunca vai falhar com este bebé (...) ele preocupa-se comigo (...) eu sei que ele não é capaz de ficar longe deste bebé, e uma coisa leva à outra”: estas frases retratam a esperança que Mariana tem no reatar com Tomás. Revela amor, mas também obsessão e controlo. - “Eu pensei que ia ser capaz mas não fui. Porque isto faz um bocadinho parte de ti e tu és o homem que amo”, “eu sei que não sentes o mesmo, mas eu acho que isso não é razão suficiente para eu abortar” ou “eu não vim aqui para te pedir nada, nem fazer nenhum tipo de pressão, de todo” são expressões proferidas no tom mimado e infantil que Mariana costuma utilizar. Estas declarações reforçam a ideia que Mariana é dissimulada e sabe como convencer Tomás daquilo que quer.
	- Enquanto está na sala de espera do hospital, com Vitória, Mariana tem, na maioria do tempo, os olhos vidrados no chão. Está visivelmente triste e abatida e o seu discurso é quase todo em sussurro, mas quando fala de

Linguagem corporal	Fátima renasce na sua voz e ar uma certa revolta. - Quando a enfermeira chama Mariana para a consulta, esta olha-a com os olhos muito abertos e pensativa. - Quando Mariana decide não abortar, o seu semblante muda. A filha de Carlota fica mais leve e mostra ter esperança de que Tomás volte para si. O tom de voz utilizado é mais firme e o olhar e o sorriso que exhibe falam por si.
Marcas de controlo	- Neste episódio, as principais marcas de controlo que mostram que Mariana pertence a um núcleo familiar com posses é a roupa que utiliza, a forma ativa como fala de Fátima e dos seus gostos e a decisão de ter o bebé, sem equacionar questões financeiras.
Marcas de generalizações	- “Vinho de pacote é mais o género dela”: trata-se de uma generalização que evidencia a forma sobranceira e depreciativa como Mariana vê os hábitos das gentes menos abastadas.
Marcas relacionais	- No episódio 60, Mariana mantém as mesmas relações que no episódio 40 apenas se acrescenta o facto de ir ser mãe.

Tabela 17 - **Análise Protagonistas: 60º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome das personagens	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Empresária e gestora do hotel da família Pereira Espinho
Vestuário	- Carlota começa o episódio com um casaco vermelho (entre o fato e o blazer). - Quando fala com Mitó, já é mais perceptível a roupa que Carlota veste: calças e blusa branca e casaco vermelho.
Meio Habitacional	- Neste episódio, Carlota aparece no seu quarto (um dos do hotel), quando a inspetora pede para ver os medicamentos que Carlota toma, e no escritório do hotel da família, onde surge em reuniões e em conversa com Mitó.
Traços de personalidade	- Controladora: Carlota gosta de saber de tudo o que a rodeia e poder ter um papel decisivo em todos os momentos. Esta característica fica clara quando Mitó lhe diz que Fátima não assinou o acordo. Nesse momento, percebe-se que Carlota gosta de ter tudo sob controlo e desagrada-a ser surpreendida. - Desconfiada: esta particularidade da personalidade de Carlota manifesta-se quando a PJ vai até ao hotel por causa dos medicamentos que mataram Artur. Carlota fica visivelmente desconfortável e desconfiada. - Inteligente: esta característica revela-se quando Carlota questiona, sem rodeios e indicações, se a PJ está ali por causa da morte de Artur. A inteligência de Carlota anda de mãos dadas com a sua perspicácia e dissimulação uma vez que a protagonista percebeu que se fosse ela diretamente a tentar comprar o moinho, Fátima nunca lho venderia, optando, assim, por outro método: uma testa de ferro.
	- Neste episódio, o principal objetivo de Carlota era retirar à família Neto

Objetivos de vida	o seu último negócio.
Linguagem verbal	- “Tu és insuportável”: diz exaltada, mas firme a Marta Botelho. - “Sempre consegui resistir a essa coisa de tomar comprimidos que mexem com o cérebro” diz à PJ com um ar irónico e provocador. - “Mas a que se deve essa pergunta: é no âmbito da morte do pastor?”: esta questão reforça a indicação de que Carlota é uma mulher inteligente e perspicaz. - “Não percebo porque insiste em procurar (...) mas eu estou disposta a colaborar consigo”: esta frase transmite que Carlota está desconfortável, mas que é inteligente e perspicaz para saber que tem de colaborar com as autoridades para não desconfiarem de si.
Linguagem corporal	- Enquanto conversa com Marta, Carlota mantém-se sentada na sua poltrona e mantém um ar de superioridade e poder. - Na conversa com Mitó, Carlota está de pé, e anda de um lado para o outro irritada. Carlota está visivelmente chateada por não ter cumprido o seu objetivo. - A presença da inspetora da PJ deixa Carlota desconfortável e desconfiada. Carlota recorre a sorrisos sónicos e irónicos para disfarçar o seu modo de estar e observa fixamente os passos da inspetora, já no quarto. Carlota olha-a de braços cruzados encostada a um móvel.
Marcas de controlo	- Para além das roupas que utiliza e dos locais onde se movimenta, Carlota expõe a sua riqueza quando decide comprar o moinho, a qualquer preço, só para irritar e se vingar da família Neto.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota mantém as mesmas relações que no episódio 40. Acrescenta-se apenas a amizade com Mitó.

80º Episódio

O episódio 80 começa por apresentar as principais cenas do capítulo anterior, evidenciando que Carlota Pereira Espinho desconfiava que o marido a tinha traído com Ivone Roque Courela.

Enquanto Domingos e Rosalinda Nunes falam sobre o regresso da mãe biológica de Leonor à Fraga Pequena, Dulce e Tomás Folgado, os pais biológicos de Leonor, conversam sobre a filha na padaria. Dulce mostra-se incomodada por Tomás querer conhecer e aproximar-se da filha e Tomás acusa-a de nunca ter tido contacto com a filha por não saber da gravidez. Tomás diz não compreender porque é que Dulce está preocupada com Leonor, já que a abandonou, mas Dulce diz não lhe dever justificações. Tomás tenta perceber se Domingos e Rosalinda sabiam que Leonor era sua filha, mas Dulce sai sem lhe responder. Algumas cenas depois, Dulce vai a casa de Domingos e Rosalinda para falar

com Leonor. A progenitora tenta convencer Leonor de que Tomás lhe pediu para abortar, mas a criança mostra-se do lado do pai.

Na casa de Elvira Roque Courela, Carlota pede desculpa a Ivone pela sua atitude no dia anterior. Para compensar a médica pelo sucedido, Carlota entrega-lhe um cheque que visa pagar os estragos provocados no consultório e suprimir o mal que lhe fez. Ivone confessa não estar à espera daquela atitude por parte de Carlota, mas a matriarca da família Perira Espinho, diz que era o mínimo que poderia fazer. Ivone aceita a oferta e Carlota pede-lhe descrição sobre o assunto.

Enquanto arruma a loiça, Fátima Neto conversa com o pai sobre o facto de o seu tio Domingos não lhes emprestar dinheiro para a produção de queijo. Fátima considera que tal se deve ao facto dela ter defendido Tomás em tribunal, ao dizer que Leonor gosta de estar com ele. Silvério Neto mostra entender os parentes, mas Fátima defende-se e diz que é injusto que o tribunal retire Leonor aos tios, mas que acredita que Tomás também pode e deve fortalecer uma relação com a filha.

Tomás está em casa de Sebastião Botelho, o seu advogado, e ambos conversam sobre o aparecimento de Dulce. Tomás confessa recear que ela minta em tribunal e mostra-se inquieto com toda a situação. O protagonista adianta ainda ficar irritado com a forma como Domingos age. Nesse momento, entra Guilherme, advogado da família Nunes. Guilherme e Tomás entram em picardia. Momentos depois, o telemóvel de Guilherme toca. Quem telefona é Marta, mas Guilherme diz alto ser Fátima, o que deixa Tomás irritado.

No moinho, Fátima trabalha enquanto Leonor e Anabela Neto brincam. As crianças falam sobre a noviça, mas Fátima garante-lhes que essa história não passa de uma lenda. Leonor conta a Fátima que a paleta de sombras com que estão a brincar foi-lhe oferecida por Mariana Pereira Espinho e Anabela conta ainda à tia que Dulce está na aldeia.

O episódio 80 de “A Serra” dá ainda conta da organização de um evento no hotel, que contará com a presença de Rita Guerra. O momento está a ser organizado por Mariana e Helena Rasteiro. Guida Grilo mostra-se em êxtase com a iniciativa. Verifica-se, também, que Carlota despede Manuel Teles de Arriaga pela sua incompetência, colocando-o às ordens de Nicolau Roque Courela. Regista-se, ainda, que Sebastião e Helena estão mais próximos e que Jacinta Grilo e Salvador Teles de Arriaga namoram, sob a discórdia de São Grilo.

Tabela 18 - **Análise Protagonistas: 80º episódio – Fátima Neto**

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Fátima dedica-se à produção, moagem e entrega de farinha.
Vestuário	- Fátima veste uma camisola preta e um casaco de malha por cima, aberto.
Meio Habitacional	- Neste episódio, Fátima surge em sua casa e no moinho da família. Ambos os cenários têm pouca luminosidade, sendo o primeiro caracterizado pela existência de móveis de madeira e sobreposição de elementos, e o segundo rico em utensílios para o ofício da personagem - Cenários: Casa de Fátima Neto (e família) e moinho.
Traços de personalidade	- Trabalhadora: esta característica fica evidente em todas as cenas onde Fátima Neto entra neste episódio. Fátima faz as lides domésticas, numa primeira fase, depois admite que tem muitas coisas para fazer (ir ao moinho e realizar entregas de sacos de farinha) e termina o episódio a moer farinha no moinho. - Sentido de justiça: este traço de personalidade está patente na conversa que tem com o pai onde Fátima admite que considera que Leonor não deve ser retirada a Domingos e Rosalinda, mas também deve poder estar com Tomás. - Ciumenta: esta característica vem à tona quando Leonor lhe diz que a paleta lhe foi oferecida por Mariana. Fátima fica desconfortável.
Objetivos de vida	- Neste episódio, Fátima não evoca nenhum objetivo particular, apenas defende que Leonor deverá poder estar tanto com os pais adotivos como com o biológico.
Linguagem verbal	- “O tio acha que os trai quando fui falar ao tribunal. Só porque disse que a Leonor gosta de estar com o Tomás” ou “sim fora, os tios que a criaram. Eles é que são os pais dela. Não a podem perder. É injusto, óbvio. Mas o Tomás também tem direito a estar com ela” são expressões que traduzem a retidão e sentido de justiça caracterizadores da personalidade de Fátima.
Linguagem corporal	- Enquanto conversa com o pai, Fátima limpa e arruma a loiça. Quando diz não perceber a atitude de Domingos, embora saiba o motivo, Fátima olha para o chão. - Quando Guilherme entra e lhe faz um elogio – “eu costumo ter bom gosto para livros e não só” – Fátima sorri. - Quando Leonor lhe conta que foi Mariana quem lhe ofereceu a paleta de sombras, Fátima desvia o olhar desagradada. - Fátima fica a olhar para o vazio, com as mãos na farinha, quando fica a saber que Dulce está na Fraga Pequena.
Marcas de controlo	- A par da roupa que utiliza e da casa onde habita, o trabalho levado a cabo por Fátima, constante e permanente, leva a considerar que ela pertence a uma família com poucos rendimentos.
Marcas de generalizações	---
	- Fátima é filha de Silvério Neto, tia de Anabela Neto, sobrinha de Paula

Marcas relacionais	Neto (pela parte do pai), Rosalinda Roque Nunes e Elvira Roque Courela (pela parte materna) e Domingos Nunes (por afinidade). Fátima é também prima adotiva de Leonor Barros e namorada de Guilherme.

Tabela 19 - **Análise Protagonistas: 80º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	No episódio 80, Tomás não surge a trabalhar em nenhum dos momentos.
Vestuário	- Neste episódio, e em todos os momentos em que aparece, a personagem veste umas calças escuras e uma camisola grossa com gola alta.
Meio Habitacional	- No episódio 80, não é conhecido o meio habitacional de Tomás.
Traços de personalidade	- Sentido paternal e sentido de justiça: ambas as características estão presentes na conversa que estabelece com Dulce. Tomás quer ser um pai presente e afirma que só não o foi porque não lho permitiram ser. O sentido de justiça também está patente na conversa com Sebastião já que Tomás tem medo que Dulce não conte a verdade em tribunal e o prejudique. - Perspicaz: na conversa com Sebastião, Tomás demonstra ter percebido a jogada dos Nunes e a possível interferência que Dulce poderá ter no processo da custódia de Leonor. - Provocador: a forma como Tomás aborda Guilherme traduz provocação e mau estar entre ambos. - Preocupação: a forma como Tomás fala com Dulce e com Sebastião demonstra que Tomás tem medo de perder a filha e que haja uma armadilha contra si.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Tomás é aproximar-se e ter uma relação com a filha Leonor.
	- “Tu nunca me disseste que tinhas engravidado e numa me disseste que eu tinha uma filha” diz a Dulce com ar incrédulo e de cobrança num claro reforço do traço de personalidade que o define como justo. - “Parece-me que agora é que estás muito preocupada com a filha que abandonaste” confronta Dulce num tom de julgamento e provocação. “Eu só quero conhecer a minha filha e poder estar com ela” esta declaração demonstra o seu sentido paternal. - “A Dulce está na aldeia. Ela pode dificultar a minha vida em tribunal”: esta declaração traduz preocupação e perspicácia por parte de Tomás. - “Irrita-me a forma como o Domingos age, sempre de má fé”: esta expressão reflete a forma reta e justa como Tomás gosta de levar a vida. - “Foste tu que pediste aos Nunes para trazer a Dulce às escondidas para a aldeia?": esta pergunta dirigida a Guilherme acarreta em si um

Linguagem verbal	tom acusatório e provocador.
Linguagem corporal	- Durante a conversa que mantém com Dulce, Tomás encontra-se tenso, mas é frontal e direto. O seu tom de voz é maioritariamente acusatório e o seu ar perplexo e incrédulo. - Em casa de Sebastião, Tomás encontra-se visivelmente nervoso, apreensivo e ansioso. O seu olhar emana preocupação, Tomás esfrega as mãos e faz muitos movimentos de braços: transmitem ansiedade. - Quando o telemóvel de Guilherme toca e este diz, erradamente, ser Fátima, Tomás fica incomodado e inquieto, observando fixamente e com ar desagradado até Guilherme sair da sala.
Marcas de controlo	- Neste episódio, não existem marcas nem linguísticas, nem ao nível do vestuário ou do trabalho desempenhado que permitam inferir o estrato social a que pertence.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tomás é filho de Aida e Moisés Folgado e irmão de Gustavo Folgado. Tomás é o pai biológico de Leonor Barros. Neste episódio, Tomás não está em nenhum relacionamento, embora na cena com Sebastião e Guilherme fique evidente o seu interesse por Fátima.

Tabela 20 - **Análise Protagonistas: 80º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Mariana desempenha funções de relações públicas e de organização de eventos no hotel da família Pereira Espinho.
Vestuário	- Neste episódio, Mariana veste saia e casaco do mesmo padrão: clássico.
Meio Habitacional	- No episódio 80 não é apresentado o meio habitacional de Mariana, apenas o seu meio laboral: Cenário – Sala de estar do hotel.
Traços de personalidade	- Prepotente: Mariana aborda Guida com frieza, de forma ríspida e pouco compreensiva ou empática. - Competente: a forma como esclarece Helena sobre o evento com Rita Guerra evidencia que Mariana é responsável e sabe aquilo que faz.
Objetivos de vida	- No episódio 80, não é feita qualquer consideração acerca dos objetivos de Mariana.
Linguagem verbal	- “Agora ouves atrás das portas?": esta expressão reflete a forma como Mariana interpretava a excentricidade e a intromissão de Guida na conversa com Helena.
Linguagem corporal	- Enquanto fala com Helena sobre o concerto de Rita Guerra, Mariana mantém-se calma, serena e sorridente. Só é notória uma diferença na postura quando são interrompidas por Guida. Nesses momentos, percebe-se no semblante de Mariana que esta está sem paciência e incrédula com o atrevimento da funcionária. Suspiros e revirar de olhos são indicadores deste estado de espírito.
	- Mariana é uma personagem pertencente a uma classe mais alta. Neste

Marcas de controlo	episódio, isso fica visível não só na roupa que utiliza, mas também no facto de a sua profissão, ser desempenhada no hotel da família
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho.

Tabela 21 - **Análise Protagonistas: 80º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Carlota surge como proprietária e gestora do hotel da família Pereira Espinho.
Vestuário	- Aquando da conversa com Ivone, Carlota veste um grande casaco de pele e tem uma carteira de mão. - Já no hotel, Carlota apresenta-se com calças pretas, colete preto e blusa branca.
Meio Habitacional	- Neste episódio, não se vislumbra o meio habitacional, mas conhece-se parte do seu meio laboral: Cenário – <i>lounge</i> do hotel.
Traços de personalidade	- Consciente: esta característica sobressai na conversa que Carlota tem com Ivone. É perceptível que Carlota percebeu a sua falha e que tem consciência da responsabilidade e das consequências dos seus atos. - Altiva/superioridade: este traço de personalidade manifesta-se no hotel quando despromove Manuel. Carlota aborda-o com superioridade e tem como objetivo humilhar o cunhado. - Poderosa: o facto de Carlota despromover Manuel a rececionista, revela que Carlota tem o poder de fazer aquilo que quiser no hotel.
Objetivos de vida	- Este episódio reforça a ideia de que Carlota tem como objetivo perceber se o marido tem uma amante.
Linguagem verbal	- “Penso que este valor cobre o que parti e o incómodo que causei”: esta frase demonstra, não só que Carlota tem poder financeiro, mas também que tem consciência dos seus erros. - “É o mínimo que posso fazer depois do disparate que fiz” ou “depois de tudo o que fiz a minha obrigação é pedir desculpas e pagar o meu erro”. - “Reconheço que exagarei”: estas são expressões que denotam que Carlota está ciente das suas atitudes e sabe reconhecer quando as situações não são como pensava. - “É verdade Manuel: este teu empenho exagerado e incompetência valeu-te uma despromoção”: esta frase exacerba a forma rude, arrogante e altiva de ser de Carlota. - “Eu acho que falei em português” - “Podes começar por levar as malas daqueles hóspedes para os quartos (...) agora!!”: esta expressão demonstra que Carlota é uma mulher poderosa que pode dispor da vida dos seus funcionários conforme mais lhe convier. Esta expressão reforça a ideia de superioridade e de altivezes que a caracterizam.
	- A linguagem corporal de Carlota durante a conversa com Ivone vai ao

Linguagem corporal	encontro do que ela diz. Embora mantenha a cabeça erguida são várias as vezes em que refugia o olhar no chão. O sem semblante mantém-se envergonhado e transparece sinceridade. - No hotel, Carlota mostra-se fria e pouco empática. Enquanto fala com Manuel bebe um chá, descontraída e, embora esteja sempre sentada, a sua atitude corporal é de elevação: a cabeça está erguida e costas direitas.
Marcas de controlo	- Carlota é uma das personagens com mais posses financeiras nesta telenovela. Neste episódio, tal é demonstrado através da roupa utilizada e da passagem de um cheque a Ivone com vista a cobrir não só os danos físicos, mas também morais que Carlota lhe provocou. Embora não se conheça a quantia, percebe-se que Carlota não tinha problema em oferecer qualquer valor.
Marcas de generalizações	- A conversa entre Carlota e Ivone termina com um acordo: não contarem o sucedido a ninguém porque numa aldeia todos falam e tudo se sabe.
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho e esposa de Fernando Pereira Espinho, Por consequência, é cunhada de Carmo Teles de Arriaga (irmã de Fernando) e por afinidade de Manuel Teles de Arriaga (marido de Carmo).

100º Episódio

Nas cenas atinentes ao capítulo anterior, surge Carlota Pereira Espinho a rondar a casa de Vitória Castro e Fernando Pereira Espinho. A mãe de Mariana Pereira Espinho consegue ver o casal, pela janela, e fica furiosa. Ainda nestas imagens iniciais, Leonor conta à melhor amiga que os pais não a deixaram ir à escola, dizendo a Tomás que estava doente, para que não saísse com o pai. Anabela conta a Fátima que fica perplexa. De regresso às imagens que mostram Carlota em fúria, vê-se Vitória a passear dois cães Serra da Estrela e a quase ser atropelada pela mãe da melhor amiga. Carlota trava a fundo e sai do carro visivelmente transtornada. Carlota ameaça Vitória e diz-lhe para se afastar de Fernando. Entre gritos, desespero, raiva e loucura, Carlota diz coisas como “assustei-te”, “isto foi só uma amostra do que posso fazer contigo ordinária”, “da próxima o carro não para” ou “tu não tens vergonha na cara? Se tiveres amor à vida sai daqui (...) os teus rafeiros não te vão proteger para sempre”.

No hotel, Carlota entra de rompante no escritório onde está Fernando. Carlota inicia uma conversa calma, perguntando ao marido se de manhã tinha conseguido fazer tudo o que queria. Fernando confirma. Carlota aproxima-se do marido e diz-lhe que esteve com a sua amante e que quase a matou. Carlota conta-lhe que sabe de tudo e que já disse a Vitória

para se afastar. Fernando ainda tenta desmenti-la, mas Carlota não deixa. A mãe de Mariana diz-se burra por não ter desconfiado e crítica o facto de o marido estar envolvido com alguém que tem idade para ser sua filha e que é a melhor amiga de Mariana. Carlota confessa que instalou um localizador no seu carro e que o seguiu. Fernando pede, então, para avançarem para o divórcio. Carlota rejeita, dizendo que não abrirá mão de nada do que é seu, nomeadamente do marido. Carlota vai mais longe e diz a Fernando que se afaste de Vitória e se esforce para recuperar o casamento pois, caso contrário, Mariana ficará a saber de tudo, ficará com todos os seus negócios e algo de mal pode acontecer a Vitória.

Vitória entra no seu quarto, no hotel, e as malas já estão semifeitas. Vitória chora enquanto dobra a roupa e termina de preparar tudo para ir embora. Mariana entra e quando se ia lamentar sobre o que lhe tinha acontecido, repara que a amiga vai embora. Mariana pergunta-lhe se se vai embora por sua culpa, mas Vitória responde desnorreada e rude que a vida não gira apenas à volta de Mariana. Momentos depois, na receção do hotel, Vitória faz o *check out* e Fernando aparece. O casal discute e Vitória diz-lhe que não há mais nada para conversarem enquanto ele estiver casado.

No episódio 100 fica a saber-se que Guilherme e Vasco Botelho estiveram chateados por causa da mesma mulher e que o último tem um problema de saúde. Para além disso, uma conversa entre Silvério Neto e Elvira Roque Courela dá conta que esta teve um caso com Moisés Folgado, já depois de viúva. Já São Grilo tenta fazer “pão moderno”, imitando o da padaria local. Tal situação leva a um desentendimento entre Jacinta Grilo e Salvador Teles de Arriaga. Verifica-se, ainda, que Fátima alerta Rosalinda para o erro que está a cometer ao evitar que Tomás veja a filha.

No hotel, Guida conversa ao telefone com a irmã tentando convencê-la, sem sucesso, a ir ao concerto de Linda (personagem da novela “Amor Amor” da SIC). A empregada do hotel cruza-se com a cantora no hotel, ficando em êxtase. O evento é apresentado por Mariana.

Tabela 22 - Análise Protagonistas: 100º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Neste episódio, Fátima surge apenas uma vez e não está a desempenhar nenhuma função laboral.
Vestuário	- Fátima está vestida de forma casual e confortável: calças, camisola e camisa aberta por cima.
Meio Habitacional	- No episódio 100, Fátima não aparece nem em sua casa, nem no moinho. Contudo, a casa de Fátima é palco de uma das cenas, entre Silvério e Elvira: Cenário – Casa de Fátima Neto (e família).

Traços de personalidade	- Sensatez e ponderação: a única vez que Fátima surge no episódio 100, mostra que ela é uma pessoa reta já que alerta a tia de que Tomás irá perceber que o estão a tentar afastar de Leonor.
Objetivos de vida	- Neste episódio, não é evidente nenhum dos objetivos de vida de Fátima. Apenas é notória a sua vontade em que a situação entre os tios, Leonor e Tomás se resolva.
Linguagem verbal	- “O Tomás não é parvo. Isto ainda vos vai trazer problemas”: esta frase dirigida a Rosalinda e proferida a propósito das mentiras que os tios inventaram para que Leonor não estivesse com Tomás demonstra a forma sensata, ponderada, justa e reta como Fátima observa o que a rodeia.
Linguagem corporal	- Enquanto fala com a tia, Fátima tem os braços cruzados e um semblante de preocupação e incompreensão.
Marcas de controlo	- Neste episódio, e por resultado da baixa incidência da personagem, não é possível retirar conclusões a este respeito.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Fátima é filha de Silvério Neto, tia de Anabela Neto e sobrinha de Paula Neto (pelo lado paterno) e Elvira e Rosalinda Roque (pelo lado materno). Fátima é namorada de Guilherme Botelho e prima adotiva de Leonor Barros.

Análise Protagonistas: 100º episódio – Tomás Folgado

Tomás Folgado não entra no episódio 100 de “A Serra”, nem são feitas considerações relevantes sobre ele. Não se justifica a análise.

Tabela 23 - Análise Protagonistas: 100º episódio – Mariana Pereira Espinho

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio Mariana surge como relações públicas do hotel e anfitriã do evento que traz Linda ao hotel.
Vestuário	- Na receção e apresentação do concerto de Linda, Mariana utiliza uma espécie de fato preto.
Meio Habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional de Mariana, mas é possível vê-la no seu local de trabalho: Cenário – <i>Lounge</i> do hotel.
	- Egocêntrica: esta característica manifesta-se quando Mariana fala com Vitória e coloca em cima da mesa que a amiga se vai embora por sua causa. - Preocupação: Mariana mostra-se preocupada com Vitória, perguntando-lhe o que se passa e se precisa de alguma coisa. É evidente que Mariana quer ajudar embora não seja bem-sucedida. - Competente: Mariana desempenha bem as suas funções de RP no hotel, tanto na receção das celebridades, como na organização e apresentação

Traços de personalidade	dos mesmos.
Objetivos de vida	- No episódio 100, não é possível indagar quais os objetivos da personagem.
Linguagem verbal	- “É porque estás farta de me ouvir” pergunta a Vitória quando esta lhe diz que vai embora. Esta frase traduz insegurança e egocentrismo, corroborados pela resposta de Vitória: “Mariana, a minha vida não gira só à tua volta”. - “Está tudo bem? Tudo do seu agrado?”: estas questões dirigidas a Linda reflete a forma competente como Mariana faz o seu trabalho,
Linguagem corporal	- Na conversa com Vitória, e após um momento em que está de pé, Mariana senta-se e pega nas mãos da amiga, como sinal de preocupação. O seu semblante transmite incredibilidade e preocupação. - No <i>lounge</i> , Mariana mostra-se sorridente e afável com a convidada.
Marcas de controlo	- No episódio 100, é possível inferir que Mariana provém de uma família rica não só pelas roupas clássicas e requintadas que utiliza, mas também pelo facto de trabalhar no hotel da família e ter contacto com personalidades famosas.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho e a melhor amiga de Vitória Castro. Neste momento, não está envolvida em nenhum episódio.

Tabela 24 - **Análise Protagonistas: 100º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Gestora de parte dos negócios da família Pereira Espinho.
Vestuário	- Carlota veste um grande casaco de pelo.
Meio Habitacional	- Neste episódio não surge nem o quarto nem a sala de estar de Carlota. Contudo, é possível ficar a conhecer o seu local de trabalho: Cenário – escritório do hotel.
Traços de personalidade	- Como Carlota surge apenas numa cena no episódio 100 de “A Serra” mas é possível identificar, na discussão com Fernando as seguintes características: controladora, poderosa, vingativa, irónica, possessiva, ciumenta, maquiavélica e provocadora.
Objetivos de vida	- No episódio 100, fica nítido que o principal objetivo é a preservação do seu casamento e o fim das traições do marido. Para isso ela está disposta a tudo.
	- “Então querido, como correu a tua manhã?”: esta questão transmite ironia e provocação porque Carlota sabia onde Fernando tinha estado e o que estava a fazer. - “Passei no canil da tua amiga e por pouco que não a matei”: esta declaração evoca as características que definem Carlota como maquiavélica, possessiva e vingativa porque Carlota está disposta a tudo para terminar com o caso extraconjugal com o marido.

Linguagem verbal	- “Também vais ficar calado como um rato, como ela”: esta frase demonstra que Carlota é provocadora. - “Como é que eu fui tão birra”: esta é a única frase em que Carlota se questiona a si própria e põe em causa a sua perspicácia. - “Ninguém me contou, eu vi. Então, perdeste o pio?”: estas declarações reforçam os traços de personalidade que definem Carlota como provocadora. - “Divórcio? Tu achas que eu vou dar de mão beijada, o homem da minha vida, o amor da minha vida, o meu casamento, a minha filha, por causa de uma escanzelada?”: os motivos apresentados mostram que Carlota é uma mulher possessiva e controladora. - “Termina a aventura Fernando. E nem uma palavra à Mariana”: traduz a proteção maternal que a vem caracterizando ao longo dos episódios. - “É bom que tu te empenhes em recuperar o nosso casamento, se não dou cabo de ti (...) acabo contigo, com os teus negócios e a Mariana nunca mais te vai querer ver na vida”: esta chantagem que Carlota faz a Fernando reflete o seu fundo controlador, possessivo e vingativo. - “Eu já fiz tudo por ti, não queiras saber o que eu sou capaz de fazer contra ti”: esta frase denota provocação, vingança e poder.
Linguagem corporal	- Quando entra no escritório, Carlota começa por se mostrar sorridente (um sorriso maquiavélico). - Em determinado momento, Carlota dá uma gargalhada, num riso que transmite sofrimento e nervosismo. - Durante o resto da conversa com Fernando, Carlota mantém-se exaltada, revoltada e inquieta. Chora, fala alto e tem os olhos muito abertos. - Na última frase que Carlota profere, fá-lo já de pé, com as mãos colocadas sobre a mesa de reuniões, em tom firme.
Marcas de controlo	- Neste episódio não há marcas evidentes de riqueza por parte de Carlota, a não ser o casaco de pele que utiliza e o facto de ser gestora do hotel e ameaçar Fernando que lhe ficará com todos os negócios caso este não termine o caso com Vitória.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho e esposa de Fernando Pereira Espinho.

120º Episódio

As principais imagens relativas ao episódio 119, apresentadas no início deste, dão conta que Gustavo Folgado, que está fugido da polícia por ser suspeito da morte de Artur Neto, está abrigado no moinho de Fátima Neto. Este bloco de imagens apresenta, ainda, a festa de aniversário e consequente pedido de casamento que Guilherme Botelho preparou para Fátima. Associa-se ainda a estes dois momentos, o facto de Fátima desconfiar da presença

de Gustavo no seu local de trabalho (desconfiança tida pelo ladrar da cadela e pela existência, no moinho, de uma caneca que não é sua), partilha que faz com Tomás Folegado. Ainda nestas primeiras imagens, o telespectador fica a saber que Carlota Pereira Espinho recebe chamadas ameaçadoras de alguém desconhecido.

Já no decorrer do episódio 120 desta telenovela, pode observar-se Tomás a caminhar pela Serra da Estrela à procura de Gustavo. Tomás quer encontra-lo pois acredita que o irmão é inocente. Regressar e contar a verdade são as únicas hipóteses para ele ser ilibado e para Fátima perdoar Tomás.

Na padaria, a festa do pedido de casamento continua. O namorado de Fátima mostra-se confuso com a reação da amada, já que ela não chegou a dizer “sim”. Fátima, visivelmente constrangida, afirma que aceita o pedido porque aceitou o anel. O casal beija-se. A observá-los estão Vasco Botelho e Ivone Roque Courela. O casal fala da felicidade dos parentes e conversa sobre a possibilidade deles próprios, casarem e virem a ser pais. Para os donos da padeia, este tipo de eventos pode passar a ser um filão de negócio. Uma das mais animadas da festa é Guida Grilo que quer tirar fotografias com os noivos.

No café da aldeia estão Fernando Pereira Espinho e Sebastião Botelho. O advogado pede a Hortense Rasteiro que faça as pazes com a filha, Helena Rasteiro. A tia Hortense, como todos a conhecem diz, no entanto, que “o que tem remédio, remediado está”. Nesse momento, entram no café Vitória Castro e Fausto Roque Courela. Ao vê-los, Fernando fica incomodado. Fausto apercebe-se do mau estar e acaba por contar a Vitória a sua história: também ele teve um caso com uma mulher casada. Todavia, as coisas não acabaram bem: ela não se divorciou conforme o prometido, o marido descobriu e Fausto foi parar a uma cama de hospital. Algumas cenas depois, em casa de Carmo Teles de Arriaga, Fernando aguarda que Vitória chegue e pede-lhe para esperar por ele. A melhor amiga de Mariana Pereira Espinho diz que tem o direito a ser feliz e a seguir com a sua vida em frente. Nesse momento, chega Carlota. Fernando desculpa-se e afirma que está ali para pedir a Carmo que não apresente queixa na polícia – em relação a um assunto que não fica claro. Carlota manda-o embora e diz que será ela a falar com Carmo. Fernando sai e Vitória pergunta a medo, se é mesmo para ir chamar Carmo. Carlota confirma, rudemente.

Na padaria, Tomás, Leonor Barros e Anabela Neto lancham, enquanto são observados por Domingos Nunes. Leonor está desconfortável com o sucedido e Tomás apercebe-se. Pai e filha começam por falar sobre o desaparecimento de Gustavo e Leonor oferece-se para ajudar nas buscas. Tomás fica sensibilizado. Perante os olhares intensos e constantes de Domingos, Tomás acaba por perguntar a Leonor se quer ir embora e desafia-a para um passeio de bicicleta.

Em casa da família Neto, Fátima e Guida conversam sobre o pedido de casamento. Guida mostra-se entusiasmada pelo casamento da amiga, mas Fátima diz não estar com cabeça para aquelas coisas. Numa conversa franca, Fátima acaba por admitir que não consegue esquecer Tomás, mas reitera que o pedido de casamento de Guilherme só vem reforçar a ideia que é com ele com quem ela deve ficar. Nesse momento, o noivo entra e diz que o sangue de Márcio não corresponde ao encontrado no corpo de Artur. Fátima fica desanimada pois diz ter esperança que fosse dele já que não quer acreditar que Gustavo, amigo de Artur, fosse capaz de o matar. Estas afirmações da protagonista geram mau estar e desconforto nos presentes pois fica claro que o que Fátima queria era que a família de Tomás não estivesse envolvida na morte do irmão.

Na sala de estar do hotel, Carlota e Fernando discutem. Carlota não acredita que Fernando estivesse em casa da irmã para a visitar, mas ele tenta justificar-se. Descrente no marido, quando Mariana entra, Carlota conta-lhe toda a verdade sobre Fernando e Vitória.

Em casa da família Folgado, Aida e Moisés discutem acerca da inocência do filho: Aida considera que ele não é culpado, mas Moisés é incapaz de o defender. Tomás interrompe o casal e afirma que irá procurar o irmão, essa noite, na serra, o que desagrada a família.

Neste episódio fica a saber-se que São Grilo quer fazer uma aliança com Carmo de forma a separarem os seus filhos. Para isso, a mãe de Jacinta Grilo sugere a Carmo que esta expulse o filho de casa, lhe “dê um enchente de porrada” ou que lhe tire o telemóvel. Carmo fica incrédula com o que ouve e diz que é melhor falarem quando Manuel também estiver presente. Indaga-se, ainda, que São despediu Jacinta e que Nicolau Roque Courela e Tó Zé Grilo também são alvo da chatinagem que assombra Carlota. Sabe-se que Paula Neto deseja ser relações públicas do hotel. Já Silvério Neto e Elvira Roque Courela refletem como é que a irmã desta (ex-mulher de Silvério) reagiria ao seu relacionamento.

Tabela 25 - **Análise Protagonistas: 120º episódio – Fátima Neto**

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Neste episódio 120 propriamente dito, Fátima não surge a trabalhar. Contudo, nas imagens que recapitulam o episódio anterior é possível vislumbrar o seu ofício no moinho.
Vestuário	- Fátima utiliza, durante todo o episódio, calças escuras, camisola grossa e com gola alta branca e cabelo solto.
Meio Habitacional	- No episódio 120, Fátima surge em sua casa, uma habitação pequena onde sala de estar e cozinha pertencem à mesma divisão – Cenário: Casa de Fátima Neto (e família).
Traços de personalidade	- Apaixonada por Tomás: esta característica é evidente na conversa que Fátima tem com Guida e na forma desconfortável e reticente com que

	aceitou o pedido de casamento de Guilherme. - Sinceridade sentimental questionável: Fátima aceita casar com Guilherme, mas é evidente que não é essa a sua vontade. - Pragmática: nos dois momentos em que Fátima surge, o telespectador apercebe-se que o casamento com Guilherme visa cumprir aquilo que Fátima considera ser o mais correto e acertado e não aquilo que ela sente. - Justa: este traço de personalidade emana sempre que se fala da morte de Artur e dos principais suspeitos. - Franca e sincera: na conversa com Guida, Fátima abre o coração e revela ainda gostar de Tomás.
Objetivos de vida	- No episódio 120, Fátima avança ter como objetivo esquecer Tomás e descobrir quem foi o assassino do irmão.
Linguagem verbal	- “Oh Guilherme, se eu aceitei o anel é porque aceitei o pedido, não é óbvio?” esta questão denota pouca convicção e mútua insegurança. - “Mas é o sim que queres ouvir?”: a dificuldade que Fátima apresenta em dizer claramente que sim, traduz a falta de reciprocidade no sentimento. Contudo, a forma como o diz também contribui para reforçar a amizade e o apreço que tem pelo noivo. - “Tu sabes que eu não estou com cabeça para isto agora. Eu só quero resolver a morte do Artur”: estas declarações tidas na conversa com Guida deixam brotar um dos principais objetivos de Fátima nesta trama e revelam a vontade em casar com Guilherme. - “Podes ter a certeza que esquecer o Tomás e tudo o que ele me fez é o que mais quero” e “porque é que eu não consigo esquecê-lo” são expressões que comprovam que Fátima é apaixonada por Tomás e não está a ser sincera com o noivo. - “O pedido de casamento é a prova de que ele é a pessoa indicada para mim” ou “vou fazer tudo para que ele seja feliz porque ele merece” são expressões que traduzem o pragmatismo e racionalidade de Fátima nesta situação. Estas palavras mostram também que Fátima é uma mulher justa que tenta não magoar quem a ama. - “Que inferno. O Márcio era a minha última esperança” ou “Tu sabes que me custa acreditar que quem matou o Artur foi um amigo dele” reforçam as características que apontam que Fátima é justa e reta. Subliminarmente, estas frases apontam para a esperança de que Gustavo, irmão de Tomás, não tenha sido o autor do crime.
	- Quando Guilherme diz a Fátima que não percebeu bem a sua reação, Fátima ri e desvia o olhar para o chão numa mistura entre: o desconforto e a vergonha. - Na conversa que Guilherme e Fátima estabelecem transparece a pouca intimidade e cumplicidade entre o casal. Fátima mostra-se sorridente, mas pouco convicta e determinada. - Enquanto fala com Guida, Fátima está sentada e serena. Contudo, quando Guilherme entra e fala sobre Márcio, o ambiente muda. Fátima olha para o chão e fica visivelmente irritada e frustrada. Quando

Linguagem corporal	questionada sobre o porquê dessa esperança, Fátima fica visivelmente encavacada.
Marcas de controlo	- A casa onde habita é, neste episódio, a única marca de controlo que permite inferir que a família de Fátima não tem muitos rendimentos.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Fátima é filha de Silvério Neto, sobrinha de Paula Neto, Elvira e Rosalinda Roque e tia de Anabela Neto. Por conseguinte, é prima de Ivone, Fausto e Nicolau Roque Courela e de Leonor Barros. A melhor amiga de Fátima é Guida Grilo e o seu noivo é Guilherme Botelho.

Tabela 26 - **Análise Protagonistas: 120º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	Mais uma vez, neste episódio, não é possível indagar qual a profissão de Tomás,
Vestuário	- Neste episódio, Tomás começa por aparecer de <i>sweete</i> branca e <i>kispo</i> impermeável. - Quando Tomás decide ir procurar Gustavo durante a noite, na serra, Tomás veste um casaco impermeável, um gorro, um cachecol e faz-se acompanhar de uma mochila de campismo e de um saco cama.
Meio Habitacional	- Neste episódio, o telespectador fica a conhecer a casa de Tomás, uma habitação ampla e decorada de forma minimalista – Cenário: Casa de Tomás Folgado (e família).
Traços de personalidade	- Preocupação e proteção: sempre que Tomás surge é possível vislumbrar ou a sua preocupação com o irmão, e daí andar à sua procura, ou com Leonor, preservando o seu bem-estar, - Sentido de justiça: esta característica emana delicadamente nas conversas sobre Gustavo uma vez que Tomás quer que ele apareça para provar a sua inocência e ajudar a que se faça justiça no que concerne à morte de Artur. - Apaixonado por Fátima: esta característica revela-se quando uma das suas principais lutas é provar à amada que a sua família nada tem a ver com a morte do irmão dela. - Educado e cordial: características que brotam do telefonema com Rosalinda.
Objetivos de vida	- Os seus principais objetivos são fomentar a relação com Leonor e ajudar o irmão a provar que não é o assassino de Artur.
	-“Estou Dona Rosalinda (...) estarei na escola à hora combinada”: esta frase faz transparecer as características que o definem como responsável, educado e cordial. - “Obrigada Leonor, mas não é preciso. Não quero que tu e a Anabela andem sozinhas na serra, está bem?”: esta frase denota preocupação e proteção para com a filha. -“Eu tinha pensado em fazermos uma corrida de bicicletas ali fora”: esta

Linguagem verbal	frase vem na sequência de Leonor estar desconfortável com os olhares de Domingos e prova o quão empenhado, compreensivo e amigo Tomás é da filha.
Linguagem corporal	- Enquanto faz o seu passeio pela serra, Tomás vagueia, pensativo e com um certo desnorte. - Quando Leonor lhe diz, na padaria, que o ajudaria a procurar Gustavo, Tomás sorri, visivelmente feliz. - Tomás olha para Domingos na padaria, desconfortável, mas mantém um ar sorridente para Leonor.
Marcas de controlo	- Tomás pertence a uma família com possibilidades financeiras. Tal pode ser concluído, não só pelo facto de nunca ser visto a trabalhar, mas também pela casa que tem.
Marcas de generalizações	----
Marcas relacionais	- Tomás é irmão de Gustavo e filho de Aida e Moisés Folgado. Tomás é pai de Leonor Barros. Neste episódio, Tomás não tem nenhuma namorada.

Tabela 27 - **Análise Protagonistas: 120º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Mariana não aparece a trabalhar.
Vestuário	- No único momento em que surge, Mariana veste um vestido cinza, com uma camisola branca por baixo e uma gravata cinza.
Meio Habitacional	- No episódio 120, o público pode observar a sala da família Pereira Espinho, uma divisão ampla, com uma lareira e decorada com gosto – Cenário: Sala de estar no hotel.
Traços de personalidade	- Defensora do pai: Mariana surge uma única vez neste episódio e começa por defender convictamente o pai, acusando Carlota de estar doida e de precisar de ajuda.
Objetivos de vida	- Neste episódio, não são conhecidos os objetivos da personagem.
Linguagem verbal	-“Outra vez cenas de ciúmes?” e “devias procurar ajuda” são indicadores de que Mariana não concorda com as atitudes de Carlota para com Fernando.
Linguagem corporal	- Quando entra na sala de estar onde os pais estão a discutir, Mariana mostra-se segura e convicta. - Quando Carlota diz à filha que não está louca e propõe contar-lhe a verdade, Mariana cruza os braços, coloca as mãos na cintura e revira os olhos. Todas estas expressões e gestos revelam desconforto e pouca crença naquilo que a mãe tem para contar. Mariana faz um ar de “vai dizer mais do mesmo”. - No momento em que Carlota revela que Fernando tem um caso com Vitória, Mariana fica em choque. O seu olhar é de incredibilidade e de desilusão.
	- O local onde habita, as roupas que utiliza e a falta de imagens em serviço

Marcas de controlo	laboral são indicadores de que Mariana pertence a uma família com possibilidades financeiras.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho e, até aqui, a melhor amiga de Vitória Castro.

Tabela 28 - **Análise Protagonistas: 120º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Carlota não surge a trabalhar, nem elenca ou faz alusão a nenhum dos seus negócios, no episódio 120.
Vestuário	- Quando vai a casa de Carmo, Carlota veste uma blusa castanha, com um casaco de pele cinza e tem uma carteira de mão. - No hotel, aquando da discussão com Fernando, Carlota já não utiliza o casaco e é possível vislumbrar que as calças que veste são de fato.
Meio Habitacional	- No episódio 120, é possível indagar que a personagem de Sofia Alves reside no hotel da família, tendo uma sala de estar destinada aos elementos da casa – Cenário: Sala de estar no hotel.
Traços de personalidade	- Ciumenta e insegura: estas características manifestam-se na forma como Carlota aborda Vitória e Fernando em casa de Carmo. A personagem de Sofia Alves emana desconforto pela presença do casal no mesmo sítio. - Possessiva e controladora: estas particularidades exacerbam-se quando Carlota ordena a Fernando que saia e ele cumpre. - Rude e altiva: a forma como Carlota fala com Vitória e Fernando transmite superioridade, frieza e distanciamento. - Inteligente e perspicaz: estes traços de personalidade ganham espessura na conversa com Fernando. Carlota diz não acreditar na ida de Fernando a casa de Carmo e, por isso, agride-o da forma que mais lhe dói: contando a Mariana que o pai tem um relacionamento com a sua melhor amiga. - Pragmática e racional: apesar de saber que a filha ficará desiludida com o pai, Carlota não hesita em contar a Mariana toda a verdade. Tal situação permite inferir que Carlota “não olha a meios para atingir os fins”, sendo que com esta atitude garante que Mariana fica do seu lado e contra o pai.
Objetivos de vida	- Neste episódio, fica claro que o principal objetivo de Carlota é, não só acabar com o relacionamento entre Fernando e Vitória, como estragar a vida ao marido – um dos motivos pelos quais contou toda a verdade a Mariana.
	- “Gosto da forma como te referes às cenas que eu faço como se não tivessem razão nenhuma, Fernando”: esta expressão é proferida quando Carlota encontra Vitória e Fernando na casa de Carmo. Esta declaração é feita de forma irónica e reforça a ideia de que Carlota é uma mulher ciumenta. - “Agora sai, falo eu com a tua irmã” esta frase encontra-se em modo imperativo o que reflete a forma possessiva e controladora como Carlota

Linguagem verbal	age. Esta frase reforça também a insegurança que Carlota sente ao ver o marido e a amante partilharem o mesmo espaço. - “Exato. E tu podes desaparecer daqui”: diz Carlota a Vitória depois da saída de Fernando e a propósito da chamada de Carmo. Esta expressão denota rudeza, determinação, raiva e despeito por Vitória. - “Tu não passas de um covarde” ou “tu achas que eu acredito que tu foste a casa da tua irmã Carminho, visitá-la?” estas duas intervenções na conversa com Fernando demonstram que Carlota é uma mulher perspicaz e desconfiada, que percebeu desde logo as intenções da ida do marido à casa onde habita a amante. Para além disso, a forma como são proferidas indica rudeza. - “Tu não me continues a fazer de estúpida Fernando”: esta frase deixa transparecer não só a inteligência de Carlota, mas também a sua veia ameaçadora e vingativa. - “Eu não quero que a minha filha pense que eu preciso de ajuda Fernando” esta frase dá o mote para que Carlota conte à filha a traição do pai. Indaga-se provocação, irritabilidade e inteligência emocional pois sabe que toca no sítio que mais caro é para Fernando. - “Mariana, o teu pai andou este tempo todo enrolado com a tua melhor amiga a Vitória. Eu apanhei-os”: direta e pragmática.
Linguagem corporal	- Quando Carlota entra em casa de Carmo e vê Vitória e Fernando o seu semblante é de raiva. - Durante toda a conversa com Fernando, em casa da cunhada, Carlota mantém um olhar de fúria e de irritação, mas nota-se que faz um esforço para se manter controlada. - Enquanto Fernando se dirige à porta da rua da casa da irmã, Carlota segue-o com o olhar fixo e raivoso. - Quando fica a sós com Vitória, Carlota senta-se no sofá. - Quando Vitória vai chamar Carmo e Carlota fica só, esta suspira, respira fundo, poisa a mala e ajeita o cabelo, sinal de alívio, controlo e até superação. - Durante toda a conversa com Fernando e, posteriormente, com Mariana, Carlota encontra-se de pé. A personagem encontra-se exaltada, raivosa, irritada e perturbada. Transita entre movimentos de braços abertos, braços na cintura e braços cruzados. - No momento em que Fernando lhe diz que nunca mais teve nada com Vitória, Carlota dá uma gargalhada irónica.
Marcas de controlo	- Carlota é uma mulher rica. Tal fica patente nas roupas luxuosas e requintadas que utiliza e no local onde habita. O seu poder também é notório na forma como fala com os outros e na capacidade que tem de pôr e dispor da sua vida.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho e esposa de Fernando Pereira Espinho. Por conseguinte, é cunhada de Carmo Teles de Arriaga.

140º Episódio

O bloco de imagens apresentadas relativo ao episódio anterior mostra Fátima Neto a trocar o pneu da carrinha, na serra. Junto a ela está um homem, Márcio, que traz um recado de Carlota Pereira Espinho: Fátima deve “baixar a crista” para não ter “problemas com a nossa amiga Carlota”. Fátima tenta enfrentá-lo, mas ele agarra-a. A protagonista é salva por Tomás Folegado.

Em casa de Silvério Neto, Fátima e Guilherme Botelho falam sobre a doença de Vasco Botelho. Fátima demonstra toda a sua solidariedade com a família e avança estar ali para ajudar em tudo o que for necessário. Guilherme agradece e retrata o irmão como um corajoso e sobrevivente. Guilherme diz que a situação do irmão o alertou para a fugacidade da vida e confessa a Fátima que quer muito viajar com ela. Fátima não parece muito convencida.

Enquanto Carlota Pereira Espinho trabalha no seu computador, no escritório do hotel, Tomás entra de rompante. Tomás está ali para avisar Carlota que, se ela ou alguém a seu mando, fizer mal a Fátima ter-se-ão de ver consigo. Nesse momento, entra Mariana Pereira Espinho que pergunta a Tomás se este a foi ver. Ele nega e sai. Carlota tenta justificar a atitude de Tomás e a sua presença ali com a situação do irmão. Carlota alega que Tomás considera que ela fala com Gustavo Folegado, embora isso não corresponda à verdade. Mariana não acredita na mãe e Carlota olha-a incrédula pois não lhe agrada a descrença da filha.

Tomás vai a casa de Fátima pedir-lhe para que ela fale com Leonor e lhe diga que, no dia seguinte, a criança pode contar e dizer tudo o que quiser em tribunal uma vez que Tomás. Fátima garante ao amado que a filha gosta de estar com ele, mas aceita o seu pedido. Fátima confronta Tomás com o que aconteceu no hotel (Guida apercebeu-se de tudo). Tomás confirma o sucedido e explica-lhe que foi lá dizer a Carlota para não fazer nada contra ela. A cumplicidade entre os dois aumenta e Tomás confessa que, de manhã, tinha um pressentimento que teria de ir à serra para a salvar.

Na casa de Domingos e Rosalinda Nunes, Guilherme, advogado da família, explica que eles não poderão continuar a manipular Leonor, nem a inventar coisas para a afastar de Tomás. O advogado tenta acalmar o casal dizendo que se tratará apenas de uma conversa com o juiz e que têm de confiar em Leonor. Domingos ainda tenta contrapor várias soluções, mas Guilherme garante que se eles continuarem “a fazer disparates”, podem deixar de contar com os seus serviços.

Durante o episódio, Aida Folegado oferece a sua casa, por uma noite, a Paula Neto. Esta hospitalidade não é bem vista por parte de Gustavo, que está detido com pulseira

eletrónica por alegada participação na morte de Artur, sobrinho de Paula. Contudo, Paula e Gustavo acabam por falar sobre o chantagista e o pedido de mais dinheiro. Algumas cenas depois, e já no dia seguinte, Paula veste-se na sala da família Folgado enquanto Moisés a observa. Tomás apercebe-se do sucedido e dá dinheiro à tia de Fátima para que ela possa passar a noite noutro sítio. Tomás não desvenda, contudo, os motivos desta oferta.

Helena Rasteiro e Marta Botelho e Fernando Pereira Espinho e Sebastião Botelho, as primeiras no hotel e os segundos no café, conversam sobre a doença de Vasco. Fernando oferece-se para procurar os melhores médicos do mundo. Fica também a saber-se que Vitória Castro saiu da aldeia depois das ameaças de Carlota. O tema da doença de Vasco também é abordado em casa de Ivone Roque Courela, depois de um jantar pouco satisfatório no qual Silvério Neto esteve presente.

Destaca-se, ainda, que Guida Grilo fica rendida a uma das hospedes. Luna oferece-lhe roupas e aparece num jantar que, seria apenas entre Nicolau Roque Courela e Guida (no café), falando sobre as suas viagens e empregos. Guida não tira os olhos dela, deixa Nicolau pendurado e vai com a nova amiga para o hotel.

Tabela 29 - Análise Protagonistas: 140º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Neste episódio, Fátima não surge no moinho nem a distribuir farinha. A personagem de Júlia Palha apenas aparece a desempenhar tarefas domésticas (residual).
Vestuário	- Quando Guilherme está em sua casa, Fátima veste calças pretas, camisola branca e camisa azulada aberta por cima. Fátima mantém-se com esta roupa o resto do episódio.
Meio Habitacional	- No episódio 140, todas as cenas que Fátima aparece são em sua casa – Cenário: Casa de Fátima Neto (e família).
Traços de personalidade	- Amiga e solidária: estas características são bem visíveis na conversa que mantém com Guilherme onde demonstra todo o seu apoio face à doença de Vasco. - Empática: a forma como Fátima fala com Guilherme sobre Vasco traduz preocupação e compaixão. - Reta e justa: estes traços de personalidade emanam da conversa com Tomás, na qual Fátima reitera não ter dúvidas que Leonor gosta de estar com Tomás. Tal afirmação mostra que Fátima considera justo que pai e filha mantenham uma relação forte. - Apaixonada por Tomás: esta particularidade manifesta-se quando este a visita e Fátima acaba por se deixar ir. A personagem de Júlia Palha demonstra ter gostado da atitude de defesa de Tomás perante

	Carlota.
Objetivos de vida	- Neste episódio, não se vislumbra um grande objetivo de vida para a personagem. O que se compreende é que Fátima não tem como finalidade ou vontade viajar com Guilherme, como este sugere.
Linguagem verbal	- “É grave” e “a vida é tão injusta” são expressões que refletem preocupação, compaixão e empatia pela dor do outro. - “Mas tu não vais perder o Vasco” e “ele ainda vai viver mais 100 anos” são expressões que visam transmitir esperança e ânimo num claro reforço da solidariedade, empatia e amizade que a definem. - “Qual trabalho? Tu és mais importante que o trabalho” é a resposta que Fátima dá quando Guilherme lhe agradece, ter saído do trabalho para o ir apoiar. Esta expressão denota preocupação e amizade. - “A Guida disse-me que te viu no hotel. Foste falar com a Carlota sobre o que aconteceu?”: esta questão foi colocada com algumas reticências, embora se constate que Fátima deseja saber se o amado a defendeu.
Linguagem corporal	- Quando Guilherme lhe conta sobre a doença do irmão, Fátima senta-se no sofá, junto dele e olha-o com ternura. - No momento em que Fátima tenta animar Guilherme garantindo que Vasco ainda viverá muitos anos, Fátima coloca as mãos sobre os braços do namorado. - Guilherme diz a Fátima que quer casar com ela o mais rapidamente possível e Fátima sorri envergonhada. - Fátima fica pensativa e com os olhos colocados no chão quando Guilherme diz querer ir viajar com ela. Fátima não se mostrar agradada nem convencida. - Durante a conversa com Tomás, Fátima começa por se revelar pouco à vontade e até envergonhada. - Quando Tomás lhe confessa que sabia que tinha de ir à serra para salvá-la, Fátima esboça um sorriso de felicidade e emana um olhar de amor. - Quando Tomás a acaricia e o casal quase se beija, Fátima está envergonhada e sem saber bem como agir. Fátima vai desviando o olhar de Tomás. - A entrada de Silvério na cozinha onde o casal se encontra, gera neles um afastamento imediato. - Fátima ri-se ao deixar o pai sem jeito ao elogiar a sua roupa para o jantar com Elvira.
Marcas de controlo	- No episódio 140, as marcas que melhor traduzem o baixo poder económico da família de Fátima são a casa de habitação e a roupa utilizada.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Fátima mantém as mesmas marcas relacionais que no episódio 120.

Tabela 30 - **Análise Protagonistas: 140º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	No episódio 140, não é conhecida a profissão de Tomás.
Vestuário	- Durante parte significativa do episódio, Tomás surge de camisola grossa, com gola e <i>kispa</i> de neve. - Já no final do capítulo e numa cena correspondente ao dia seguinte, Tomás utiliza uma camisola esbranquiçada, de gola alta, com uma jaqueta por cima.
Meio Habitacional	- No episódio 140, é possível indagar a casa de Tomás, uma habitação ampla e muito luminosa – Casa de Tomás Folgado (e família).
Traços de personalidade	- Protetor: esta característica exacerba-se em relação a Fátima, na conversa que o personagem de José Mata estabelece com Carlota. Fica claro nessa discussão, que Tomás não admite que nada de mal aconteça a Fátima. - Compreensivo: Tomás é um homem prudente e mostra-se capaz de aceitar qualquer atitude, posição ou decisão de Leonor em tribunal. - Apaixonado por Fátima: o amor por Fátima manifesta-se tanto na discussão com Carlota, como na conversa que tem com a amada. - Corajoso e determinado: estes traços de personalidade ganham corpo quando Tomás entra no escritório de Carlota e a ameaça, independentemente das consequências pessoais que daí possam advir. - Perspicaz: esta característica revelou-se na forma como Tomás lidou com a situação de Paula. Tomás percebeu que a atitude do pai não era a correta e agiu em conformidade. - Provocador: a conversa que mantém com Carlota é pautada por alguns momentos em que se percebe que Tomás tem como objetivo mexer com o controlo de Carlota.
Objetivos de vida	- Neste capítulo de “A Serra” ficam evidentes os principais objetivos de Tomás: manter uma relação saudável com a filha e proteger Fátima de tudo e todos.
	- “Ninguém. Conheço bem os cantos à casa” diz provocador à questão que Carlota lhe coloca em relação à forma como entrou no seu escritório. - “Ainda não, mas este é o último aviso que lhe vou fazer, por isso ouça bem: se a Carlota, ou alguém, tocam num fio de cabelo da Fátima, eu acabo consigo” ou “diga a esse Márcio que se se volta a aproximar da Fátima eu acabo com ele” são frases marcantes de Tomás que reforçam o seu sentido de proteção para com Fátima. Para além disso, não deixam margens para dúvidas quanto ao amor que ele nutre por ela. Em complemento, estas declarações mostram que Tomás é corajoso e destemido. - “Eu quero que ela saiba que pode dizer o que quiser ao juiz que eu não vou levar a mal” e “em todo o caso eu quero deixá-la à vontade” são expressões que traduzem a forma compreensiva como Tomás olha para as possíveis reações e opiniões de Leonor face à questão da paternidade.

Linguagem verbal	- “Fui avisá-la para ela e os cães de guarda dela te deixarem em paz. Se eles voltarem a fazer alguma coisa eu acabo com ela”: esta frase é a que melhor traduz Tomás como um homem protetor e apaixonado por Fátima, capaz de enfrentar, destemidamente, tudo e todos. - “Chama-lhe destino, mas eu sabia que tinha de ir à serra”: esta frase é uma espécie de declaração de amor que Tomás faz a Fátima.
Linguagem corporal	- Tomás entra no escritório de Carlota de rompante. Bate a porta com força e a sua postura transmite confiança e determinação. - Tomás fecha o computador de Carlota em tom de provocação, mas com uma certa agressividade. - Em casa, com Fátima, Tomás revela-se mais calmo e controlado. - Quando se declara à amada, Tomás aproxima-se dela e acaricia-a na cara. Mantém um olhar de ternura e de paixão.
Marcas de controlo	- As roupas utilizadas por Tomás, a casa onde habita, a ausência de emprego e a facilidade com que dá dinheiro a Paula para ela ir dormir a outro sítio revelam que Tomás é um homem com possibilidades financeiras.
Marcas de generalizações	----
Marcas relacionais	- Tomás mantém, no episódio em análise, as mesmas marcas relacionais que no anterior. - Tomás fecha bruscamente o computador de Carlota num ato agressivo, pouco comum para a personagem. - Durante a totalidade da conversa com Carlota, Tomás mantém-se controlado e seguro. - “Não, vim dar um recado à tua mãe e está dado”: foi assim que Tomás respondeu a Mariana. Mais uma vez, esta frase – dita com rudeza – transparece proteção, provocação e coragem.

Tabela 31 - **Análise Protagonistas: 140º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Mariana não trabalha neste episódio, não sendo possível confirmar qual a sua profissão.
Vestuário	- Na única cena em que entra, Mariana utiliza um casaco comprido. Este tem quadrados como padrão e é preto e branco.
Meio Habitacional	- Neste episódio, não se conhece nenhuma das divisões que compõem a habitação de Mariana.
	- Egocentrismo: esta característica revela-se quando Mariana considera que a presença de Tomás no hotel se deve a si própria. - Desconfiada e perspicaz: estes traços de personalidade manifestam-se quando Mariana se mostra pouco convencida com as explicações que a mãe lhe deu em relação à presença de Tomás no escritório. Em rigor, Carlota mente à filha e, por isso, as suas desconfianças são

Traços de personalidade	fundamentadas.
Objetivos de vida	- Não é possível retirar conclusões desta índole no episódio 140.
Linguagem verbal	- “Vieste à minha procura?": esta afirmação traduz egocentrismo. - “O que é que se passa? Porque é que o Tomás está assim?": estas questões revelam que Mariana é uma mulher perspicaz e que se preocupa com Tomás.
Linguagem corporal	- Mariana entra sorridente no escritório. - Quando Tomás sai e lhe responde de forma rude, Mariana fica pensativa e incrédula. - Mariana acusa a mãe, de forma ativa e segura, de que ela sabe onde está Gustavo pois fala com Sebastião, o seu advogado. O seu olhar transmite cobrança e desilusão.
Marcas de controlo	- Mariana revela o seu poder financeiro através da ausência de emprego e o vestuário que utiliza.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tal como os restantes protagonista, também Mariana mantém as relações estabelecidas no episódio anterior. A nota vai apenas para o fim da amizade com Vitória Castro.

Tabela 32 - **Análise Protagonistas: 140º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Carlota surge como gestora do hotel da família Pereira Espinho.
Vestuário	- No episódio 140, Carlota utiliza uma camisola branca, de gola e um colar de pérolas.
Meio Habitacional	- Neste episódio, não se vislumbra nem o quarto nem a sala de estar da família Pereira Espinho. Os telespectadores ficam a conhecer apenas a sua divisão laboral – Cenário: Escritório no hotel.
Traços de personalidade	- Irónica e provocadora: estas características ganham destaque na forma como Carlota aborda Tomás no escritório. - Protetora: Carlota mente à filha para evitar que ela sofra. Carlota não conta à filha que o motivo da discussão era Fátima pois sabe que esse é o seu ponto fraco.
Objetivos de vida	- Através do seu comportamento e em correlação com as conversas tidas pelas restantes personagens pode inferir-se que, para além da proteção e felicidade de Mariana, Carlota deseja atormentar a vida de Fátima.
	- “Para a próxima bates à porta antes de entrar. Agora, se não te importas, estou cheia de trabalho e tenho mais do que fazer”: esta frase traduz a forma ativa como Carlota aborda Tomás e reflete a maneira irónica e provocatória que a caracteriza. - “Perdeste a cabeça” e “estás trastornado” são frases que ajudam a compreender o estado mais agressivo que Tomás envergou, embora simultaneamente, controlado. Estas expressões também deixam denotar

Linguagem verbal	uma certa perplexidade em Carlota.
Linguagem corporal	- Carlota mostra-se incrédula e surpreendida com a atitude reacionária de Tomás. - Quando Mariana acusa Carlota desta ter informações sobre Gustavo por causa da sua relação profissional com Sebastião, Carlota suspira e olha-a fixamente. O olhar de Carlota é de decepção perante a descrença da filha.
Marcas de controlo	- Carlota é uma mulher poderosa, o que manifesta na forma como se veste, no trabalho que tem e na forma como controla a vida de quem a rodeia.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tal como com as restantes personagens, não há alterações nas marcas relacionais de Carlota em relação ao episódio anterior.

160º Episódio

No episódio 160, Tomás vai visitar Mariana Pereira Espinho, depois do acidente na serra. Dias antes, Mariana seguiu Fátima Neto, na serra, e empurrou-a, deixando-a inconsciente. Nervosa e simulando querer ajudar, Mariana chama ajuda, mas também ela acaba por cair e sair magoada. Mariana terá ficado com uma grande cicatriz no rosto, tendo sido ponderada uma cirurgia plástica. Durante a conversa, Tomás confessa estar preocupado com Gustavo, mas desvia a conversa para o estado de saúde física e psicológica de Mariana. A filha de Carlota Pereira Espinho mostra-se desconfortável e insegura em relação à sua beleza, mas Tomás elogia-a. Mariana fica deliciada com as palavras do amado e mais confiante. Os dois beijam-se e envolvem-se.

Na receção do hotel, Nicolau Roque Courela e Guida Grilo conversam sobre o facto de as roupas da noiva terem aparecido em casa da família Grilo. Todavia, Guida garante que ninguém naquela casa é a figura lendária de que se fala na aldeia. Nesse momento, Mariana liga para a receção e pede a Nicolau que Guida leve toalhas ao quarto onde ela se encontra com Tomás. Conforme pedido, Guida dirige-se ao quarto onde está Mariana e apercebe-se que esta passou a noite com Tomás. Em tom provocatório, e depois de perceber que Mariana fez de propósito para que ela os apanhasse e fosse contar a Fátima, Guida diz a Mariana que pensava que o seu rosto iria estar pior. Mariana fica irritada. Quando acorda, Tomás diz a Mariana que aquilo foi um erro e que não deveria ter acontecido. Mariana confessa ter percebido e confirma se as considerações tecidas, no dia anterior, acerca da sua beleza, são verdade. Já na receção, Guida desabafa com Nicolau sobre o sucedido e os dois acordam não contar o sucedido a Fátima.

No moinho, Fátima tenta explicar à dona de uma panificadora nacional, que foi vítima de sabotagem. A empresária acredita em Fátima e partilha com ela que a panificadora de que

é dona está a tentar tornar-se mais sustentável e, por isso, visa recuperar a moagem de farinha na pedra. A empresária do norte do país convida Fátima para ir trabalhar consigo. Fátima recusa o convite por ser longe e ter tudo ali: da família ao moinho. Perante esta posição de Fátima, a empresária nortenha acaba por lhe sugerir ir dar formação sobre a moagem na pedra, em Braga. Fátima aceita. Nesse momento, o telemóvel da protagonista toca: é mais um cliente a cancelar a encomenda de farinha “Vale da Fraga”.

Leonor vai ter uma apresentação na escola onde os pais devem falar sobre as suas profissões. Embora não o afirme, a criança não está entusiasmada com a ida de Rosalinda Nunes à sessão. Neste sentido, Domingos Nunes vai ter com Tomás, à fábrica de burel, e fala-lhe sobre a atividade. Numa primeira fase, Tomás fica confuso, mas Domingos confessa que Rosalinda percebeu que Leonor gostava que fosse Tomás a ir à escola falar sobre a sua profissão de socorrista. Tomás acede ao pedido e fica grato a Domingos.

Na padaria da aldeia, Guida e Fátima almoçam. Guida fala muito depressa e migra de assunto em assunto a toda a velocidade. Fátima apercebe-se que se passa alguma coisa e a sua melhor amiga acaba por confessar que Tomás e Mariana passaram a noite juntos. Fátima mostra-se incomodada com a situação, mas avança que Tomás poderá fazer o que quiser da sua vida já que, Fátima está de casamento marcado com Guilherme Botelho. Guida sente-se mal por ter contado o que aconteceu, mas a protagonista avança que assim esquece Tomás mais rápido.

Este episódio é ainda pincelado com outros momentos: Silvério recorda, através de fotografias, o filho Artur, contando com o acalento de Fátima; Fernando Pereira Espinho pede a Sebastião Botelho que lhe formule o divórcio, estando disposto a dar tudo a Carlota e Moisés Folgado quer ter um caso com São Grilo. A este propósito fica a saber-se que também Elvira Roque Courela já se envolveu com ele. Já Fausto Roque Courela roubou receitas médicas à irmã para fins ilegais e Carmo Teles de Arriaga enganou Guida com uma mala falsa. Salvador Teles de Arriaga mostra-se desagradado com a falta de gestão e noção financeira dos pais, uma vez que, ficaram novamente sem dinheiro por terem comprado um carro. A meio do episódio, fica saber-se que Vitória Castro está em França e que Mariana recuperou a autoestima, depois do envolvimento com Tomás (considerações feitas na conversa entre as protagonistas: mãe e filha).

Tabela 33 - Análise Protagonistas: 160º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Neste episódio, é possível inferir que Fátima trabalha na moagem manual, produção e distribuição de farinha.
	- No início do episódio, Fátima veste umas calças de ganga, camisola e

Vestuário	jaqueta esbranquiçada. - Quando está no moinho, Fátima utiliza umas calças de ganga, uma camisola branca e uma camisa avermelhada aberta por cima.
Meio Habitacional	- No episódio 160, os telespectadores ficam a conhecer o meio habitacional e laboral da personagem de Júlia Palha. Ambos os cenários são marcados pela reduzida luminosidade – Cenário: Casa de Fátima Neto (e família) e Moinho.
Traços de personalidade	- Justa: mais uma vez, é possível vislumbrar, em diversos momentos, que o principal objetivo de Fátima é descobrir quem matou o irmão. Esta característica emana, por exemplo, na conversa que Fátima estabelece com Gustavo. - Amiga e solidária: estas particularidades estão visíveis na conversa que Fátima tem com o pai, onde tenta acalenta-lo e mostrar que os seus parentes falecidos estão bem. - Trabalhadora: Fátima é uma mulher de trabalho que, mesmo perante as dificuldades, quer arregaçar as mangas e provar que o seu produto é de qualidade. - Lutadora: perante a sabotagem de que foi alvo, Fátima tenta reagir e convencer os seus clientes que a farinha que produz é de qualidade. - Apaixonada por Tomás/sinceridade amorosa questionável: na conversa que tem com Guida fica claro que Fátima ainda gosta de Tomás, embora vá casar com o advogado. - Observadora e perspicaz: o facto de conhecer muito bem Guida, fez com que Fátima perceba-se, pela sua postura e forma de falar, que Guida tinha algo para lhe contar.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Fátima é descobrir quem matou o irmão.
	- “Eles agora estão juntos. É nisso que temos de pensar”; esta frase mostra que Fátima tenta confortar o pai, da maneira que melhor consegue. - “Eu só quero descobrir quem é o assassino do meu irmão” esta frase reforça o sentido de justiça caracterizador de Fátima. - “Não me leve a mal, mas a minha vida é aqui e o meu moinho é aqui” e “eu aceito, como é que eu posso perder uma oportunidade destas” são frases que dirige à empresária da área da panificação e que demonstram não só apreço que Fátima tem pela sua terra, como pelo seu ofício. A segunda frase evidencia que Fátima é uma mulher trabalhadora e que não tem medo de aceitar novos desafios. - “A minha farinha é de máxima qualidade, você conhece-me” esta frase mostra a perseverança de Fátima e a sua veia lutadora. - “Oh Guida, eu conheço-te. Quando tu comes a falar de todos os assuntos e mais alguns é porque estás a esconder alguma coisa”: esta frase reforça as características de observadora e perspicácia apontadas a Fátima. - “Eu vou casar, o Tomás tem mais do que direito em seguir com a sua vida” e “é da maneira que o esqueço mais rápido” são afirmações que transmitem o amor que Fátima nutre por Tomás e que revelam a forma

Linguagem verbal	pouco sincera como Fátima está a lidar com o seu casamento, ela sabe e confessa que gosta de Tomás, mas não é com ele que vai casar.
Linguagem corporal	- Quando fala com Silvério sobre Artur e sobre a sua mãe, Fátima mantém os olhos arrasados de água e um sorriso carinhoso no rosto. - Fátima senta-se ao lado de Silvério e no final da conversa, pai e filha, abraçam-se. - Em casa de Tomás e depois das acusações que Gustavo lhe faz, Fátima não responde, desvia o olhar para o chão e mostra-se pouco confortável. - Fátima cruza os braços e mantém-se serena ao dizer que apenas quer justiça e descobrir quem matou o irmão. - Perante a proposta de trabalho e de formação que lhe são feitas, Fátima sorri, feliz, grata e incrédula. - Quando mais um cliente lhe liga a cancelar a encomenda, Fátima suspira, olha ao seu redor desorientada e coloca as mãos na cintura. - Fátima fica perplexa, triste e incrédula quando Guida lhe conta que encontrou Mariana e Tomás juntos. - Apesar de estar desconfortável com a situação, em toda a conversa que mantém com Guida, Fátima mostra-se convicta e determinada em esquecer Tomás.
Marcas de controlo	- Fátima é uma mulher que pertence a um nível social mais baixo. Tal pode-se inferir através da roupa que utiliza, o seu meio habitacional e laboral, pouco requintados, e da necessidade que tem de trabalhar e de provar que os seus produtos têm qualidade. A venda da farinha “Vale da Fraga” é parte do sustento da sua família.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Fátima é filha de Silvério Neto, sobrinha de Paula Neto, Elvira e Rosalinda Roque e tia de Anabela Neto. Neste episódio, o destaque vai para a amizade com Guida e a relação com Guilherme.

Tabela 34 - **Análise Protagonistas: 160º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	No episódio 160 de “A Serra”, Tomás surge a trabalhar na fábrica de burel dos pais. Contudo, não são perceptíveis as suas funções.
Vestuário	- Quando vai visitar Mariana, Tomás utiliza umas calças escuras e um <i>kispo</i> grande. Esta é a roupa que utiliza durante todo o episódio.
Meio Habitacional	- No 160º episódio, é possível indagar o meio habitacional de Tomás – embora a personagem não surja nele – e o seu meio laboral. Ambos os cenários são amplos e luminosos – Cenário: Casa de Tomás Folgado (e família) e fábrica de burel.
	- Sincero: na conversa com Mariana, no quarto de hotel, Tomás deixa claro que só foi ali porque viu o pai da ex-namorada preocupado. Para além disso, Tomás mostra ser um homem sincero quando acaba por dizer a Mariana que o seu envolvimento foi um erro. Preocupação e amizade: embora Tomás tenha ido visitar Mariana após a

Traços de personalidade	conversa com Fernando, certo é que durante a totalidade da conversa com Mariana, Tomás mostra-se atencioso, preocupado e com vontade de a fazer sentir-se bem. Depois de se envolver com Mariana, Tomás demonstra-se preocupado pois não a quer magoar e sabe que cometeu um erro. - Consciente: Tomás diz e demonstra, várias vezes, que sabe que não se deveria envolver com Mariana. Tomás tem consciência que lhe estará a dar esperanças e que magoará Fátima, caso ela saiba (apesar de já não estarem juntos). - Pai presente: na conversa que tem com Domingos, Tomás mostra-se tranquilo e emocionado com o facto de Leonor e os seus pais adotivos, quererem que ele participe na atividade da escola. - Cordial: esta característica manifesta-se quando Tomás é abordado por Domingos. O pai biológico de Leonor mostra-se tranquilo e calmo. É educado.
Objetivos de vida	- Neste episódio, conclui-se que o principal objetivo de Tomás é provar a inocência do irmão e criar uma relação forte e tranquila com a filha e com Domingos e Rosalinda Nunes.
Linguagem verbal	- “Eu vou-te ser muito sincero. Eu tive para não vir, mas o teu pai ligou-me preocupado e eu decidi vir”: esta frase transmite, claramente, sinceridade, não só pela utilização do próprio léxico, mas também pela forma como foi dita. - “E tu, como é que estás? O teu pai falou-me da consulta”, “está horrível, o quê? Tu estás linda” e “isso mal se nota e tu és muito mais do que uma cicatriz” são expressões que traduzem a forma preocupada e amiga como Tomás se dirige a Mariana. O protagonista tenta fazer com que Mariana volte a ganhar autoconfiança e autoestima. - “Mariana, isto não está certo” e “não devíamos estar a fazer isto” são expressões que reforçam o traço de personalidade que define Tomás como consciente. - “Isto não devia ter acontecido, foi um erro” e “eu só não te quero magoar” são expressões que traduzem a preocupação de Tomás e revelam o seu carácter consciente. - “Confesso que desta não estava à espera”: Tomás reagiu com surpresa ao pedido de Domingos. - “Lá estarei. Obrigado Domingos”: esta frase revela não só que Tomás é um homem cordial e respeitoso, mas também que quer ser um pai presente.
	- Tomás entra no quarto de Mariana um pouco alcoolizado, o que pode ser percebido pela forma arrastada como fala e pelos ligeiros desequilíbrios que tem. - Tomás bebe água enquanto conversa com Mariana. - Quando questiona Mariana sobre como correu a consulta, Tomás aproxima-se dela e retira-lhe as mãos do rosto. - No momento em que o pai de Leonor diz a Mariana que ela continua

Linguagem corporal	linda, coloca-lhe o cabelo por detrás das orelhas e acaricia-a. - Tomás e Mariana beijam-se. Embora Tomás ainda tente afastar a filha de Carlota, acaba por ceder ao momento. - Ao acordar, Tomás levanta-se e veste-se o mais depressa que consegue. O filho de Aida está visivelmente constrangido, desconfortável e desiludido consigo próprio. Tem um olhar de preocupação e desnorte. - Perante o pedido de Domingos, Tomás mostra-se, numa fase inicial, confuso e incrédulo. Contudo, com o adiantar da conversa, Tomás fica emocionado e feliz. Quando Domingos sai, Tomás sorri.
Marcas de controlo	- Neste episódio, infere-se que Tomás tem uma vida financeiramente descansada através das roupas que utiliza, da casa onde habita e do facto de trabalhar na fábrica de família.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tomás é irmão de Gustavo e filho de Aida e Moisés Folgado. Neste episódio, Tomás não se encontra em nenhum relacionamento. A personagem de José Mata é pai de Leonor Barros.

Tabela 35 - **Análise Protagonistas: 160º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Mariana não apresenta qualquer atividade laboral.
Vestuário	- Na primeira cena em que surge, no seu quarto no hotel, Mariana veste umas calças pretas e uma blusa às riscas pretas e brancas. - No dia seguinte, quando Guida leva as toalhas ao quarto, Mariana veste apenas o roupão do hotel. - Quando está com a mãe na sala de estar do hotel, Mariana utiliza um vestido preto e um casaco matizado.
Meio Habitacional	- No episódio 160 de “A Serra” é possível ver o quarto e a sala de estar da “casa” de Mariana. Note-se que, ambas as divisões, ficam dentro do hotel da família – Cenário: Quarto de hotel e Sala de estar do hotel.
Traços de personalidade	- Insegurança: quando Tomás a vai visitar, Mariana demonstra, por palavras e gestos, que não está segura com as marcas que tem no rosto. Vislumbra-se falta de confiança e autoestima. - Necessidade de aprovação e valoração: a conversa com Tomás denota que Mariana tem a necessidade que lhe digam coisas que a deixem sentir bem e mais confiante. Esta necessidade de aprovação e reconhecimento é reforçada cenas depois quando Mariana pergunta novamente a Tomás sobre a sua beleza. - Dependência emocional de Tomás: Mariana demonstra estar disposta a qualquer coisa e a aceitar qualquer forma de relacionamento com Tomás, desde que ele se mantenha junto a ela. - Dissimulada: esta característica destaca-se quando Mariana diz a Tomás que não vai andar atrás dele e que sabe que o seu envolvimento não passou de uma noite. Mariana sabe o que faz e, apesar de dizer isto, tem como objetivo provocar Fátima com esta novidade.

	- Ativa e provocadora: Mariana pede a Guida para levar toalhas ao quarto onde se encontra com Tomás, com o objetivo de a provocar e de a levar a contar a Fátima.
Objetivos de vida	- Embora não seja evidente qual o principal objetivo de vida de Mariana, é possível indagar que ela quer reconquistar Tomás.
Linguagem verbal	- “Fui tirar os pontos e achei que ia estar melhor, mas está horrível”: esta frase evidencia a insegurança e baixa autoestima de Mariana. - “Tu és muito querido, mas não precisas de mentir” ou “jura” são frases que Mariana dirige a Tomás depois de este a elogiar. Estas expressões denotam a necessidade de aprovação que Mariana tem. - “É só uma noite (...) não é uma jura de amor, nem um pedido de casamento”, “eu preciso tanto de ti” ou “isto foi só uma noite, estou a falar a sério” são frases que traduzem a dependência emocional de Mariana face a Tomás. Para além disso, sobretudo a última já que foi proferida depois de Guida ter ficado a saber do sucedido, revela dissimulação. - “Eu por acaso pedi a tua opinião? Então desaparece”: estas declarações exacerbam a postura ativa que Mariana tem em relação a Guida. - Num registo mais descontraído e até descomplicado Mariana diz ter noção de “que não vale a pena andar a choramingar”. - “Também vou comprar um <i>kit</i> próprio de maquilhagem para tapar cicatrizes, para ver se disfarço isto”: esta frase marca uma viragem na forma como Mariana se vê e se estima – reconquista da confiança.
Linguagem corporal	- Quando abre a porta do quarto e vê que é Tomás, Mariana afasta-se e coloca a mão no rosto para tapar a cicatriz. - Quando Tomás lhe retira as mãos do rosto, Mariana olha para o chão, chorosa e fica triste. Mariana está nitidamente desconfortável e envergonhada. - Mariana sorri, envergonhada e tímida, depois de ser elogiada pelo amado. - É Mariana quem beija Tomás primeiro. - Depois de Tomás lhe dizer que é bonita, já no dia seguinte, Mariana sorri. - Quando Tomás sai do quarto, Mariana sorri confiante e vitoriosa – sinal de dissimulação. - Enquanto fala com a mãe, Mariana mostra-se sorridente, risonha e leve.
Marcas de controlo	- As roupas que Mariana utiliza, o facto de morar no hotel da família, a forma sobranceira como fala com as pessoas que trabalham no hotel e na facilidade que tem em adquirir qualquer tipo de produtos ou fazer qualquer cirurgia são indicadores que provam que Mariana provém de uma família abastada.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho. Não tem amigas, nem namora.

Tabela 36 - **Análise Protagonistas: 160º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Carlota não surge a desempenhar nenhuma das funções que possui em nenhuma das vertentes de negócio.
Vestuário	- No único momento em que entra, Carlota utiliza calças pretas, blusa lilás e colete preto.
Meio Habitacional	- No episódio 160 de “A Serra”, Carlota surge na sala de estar da sua casa, o hotel. Uma divisão ampla, com zona de estar e com mesa de refeições – Cenário: Sala de estar do hotel.
Traços de personalidade	- Ciumenta: esta característica surge quando Mariana comenta com a mãe que Vitória “apareceu” (embora que nas redes sociais). Nesse momento, é evidente o nervosismo de Carlota, desfeito com a conclusão de que Vitória está em França. O desconforto deu lugar ao alívio. - Boa mãe: Carlota demonstra estar visivelmente contente com a atitude positiva e confiante da filha. Carlota incentiva-a e elogia a postura de Mariana.
Objetivos de vida	- Embora não seja taxativo, é possível perceber – através da totalidade do episódio e da conversa de outras personagens – que Carlota tem como objetivo acabar com a reputação de Fátima, estragando-lhe o negócio. Para além disso, é inegável que Carlota quer que a filha esteja sempre feliz, como naquele dia.
Linguagem verbal	- “Amor”: esta forma de se referir e de se dirigir à filha denota o tamanho amor e apreço que Carlota tem por Mariana. - “A Vitória?”: esta questão foi colocada com preocupação e apreensão e revela que Carlota tem medo que Vitória regresse à Fraga Pequena. Reforça a ideia de que Carlota é uma mulher ciumenta. - “Ah, quanto mais longe melhor”: esta expressão reforça a ideia de que Carlota é uma mulher ciumenta e controladora. - “Mariana, quem te viu e quem te vê. Essa sim, é a Mariana a falar. O meu orgulho”: estas expressões deixam transparecer o amor que Carlota nutre pela filha e traduzem a forma feliz com que Carlota olha para a nova postura da filha.
Linguagem corporal	- Quando Carlota se dirige a Mariana com a expressão “amor”, fá-lo, com um sorriso aberto nos lábios. - Assim que Mariana toca no nome de Vitória, o olhar de Carlota passa a ser de preocupação e o semblante fica fechado. - Quando Carlota percebe que Vitória está em França, respira de alívio. - Carlota mantém-se sorridente, confiante e de olhar brilhante enquanto ouve a filha falar sobre os seus objetivos. - Carlota e Mariana abraçam-se.
Marcas de controlo	- Carlota é uma pessoa de poder. Tal pode ser justificado através do vestuário que utiliza, do sítio onde habita e da capacidade que tem de prejudicar o trabalho de quem ela não gosta.
Marcas de generalizações	---

Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana e está casada com Fernando Pereira Espinho.

180º Episódio

As primeiras imagens deste episódio remontem ao capítulo 179. No bloco de imagens inicial observa-se Fátima Neto e o pai na loja de Márcio. Nesta cena, a família Neto alega ter provas de que foi Márcio que adulterou a farinha “Vale da Fraga”. Fátima diz que sabe que o fez a mando de Carlota e promete ajudá-lo na justiça se confessar que foi Carlota quem o incitou a cometer o crime. Márcio diz que é fiel a quem pagar mais.

Já no decorrer do episódio 180, Fátima, Silvério Neto e Hortense Rasteiro falam, no restaurante, sobre Carlota lhes infernizar a vida. Fátima diz não compreender o que Carlota tem contra si e Hortense afirma, com ar comprometido, que o melhor é ela e Guilherme Botelho irem embora dali. A ida do casal para Braga é uma certeza e a empresa nortenha pagará uma formação para formadores a Fátima.

Já na mercearia, Domingos Nunes entra visivelmente alterado. O pai adotivo de Leonor Barros ouviu a filha a chamar, pela primeira vez, “pai” a Tomás Folgado. Domingos diz à mulher que eles são os únicos pais de Leonor e sugere a Rosalinda Nunes fugirem com a filha para a afastarem do pai biológico. Também Tomás e Mariana Pereira Espinho conversam, no quarto de Mariana, sobre o passo dado na relação entre Tomás e Leonor.

A trama regressa à família Nunes. Domingos está decidido em fugir com Leonor. A ideia é irem ter com um primo à Alemanha, sendo que Rosalinda e Leonor têm de ir na frente para não levantar suspeitas. A mãe de Leonor ainda levanta algumas questões (ex: o que fazem com a casa, com a loja, ou se não deveriam falar o seu advogado) e tenta mostrar ao marido que há mais opções, mas acaba por se resignar ao que Domingos decide. Mais à frente no episódio, Domingos indaga a filha sobre se ela gostaria de ir para uma cidade maior – tendo como mote a ida de Fátima para Braga, mas Leonor diz que não.

Sebastião Botelho mostra-se devastado com o facto de já ter ajudado tanta gente e não conseguir ajudar o filho com a doença. Nesse momento, entra Hortense que lhe dá força, esperança e ânimo para a operação que Vasco Botelho irá enfrentar no dia seguinte – Vasco vai ser operado a um tumor na cabeça. Hortense diz que “Deus é grande” e que com certeza ajudará Vasco a ultrapassar esta provação.

No escritório do hotel, Carlota fica furiosa ao receber a visita de Márcio. Este está ali para contar o que se passou com Fátima e Silvério, na sua loja, explicando que pai e filha dizem ter provas contra si. Carlota não acredita nos Neto, mas exige silêncio e descrição a

Márcio. O capanga de Carlota é perentório e diz-lhe que não vai preso por sua causa, mas Carlota garante-lhe proteção e diz para não se preocupar. Em casa de Silvério e Fátima, a conversa é a mesma. Desta vez, pai e filha partilham o sucedido com o Tio Simão, avô de Márcio. O pastor sente-se culpado por todas as asneiras que o neto tem feito, mas Fátima e Silvério acalentam-no. Fátima mostra que a sua principal vontade era ir atrás de Carlota e fazer-lhe pagar por tudo o que já lhes faz, mas Silvério aconselha-a a avançar com a sua vida.

O episódio 180 termina com Fátima a perseguir Carlota, na serra, acabando por fazer uma ultrapassagem e travagem abruptas, obrigando a matriarca da família Pereira Espinho a parar. Frente a frente, Fátima confronta Carlota com o facto de Márcio ter confessado que foi ele, a mando de Carlota, que sabotou a farinha. O episódio acaba com Carlota a suspirar, comedida. O telespectador fica sem conhecer a resposta da vilã.

No episódio em análise, Vasco, já no hospital, mostra-se convicto de que quer ser operado e está consciente de todas as implicações. Antes da operação e de forma original, pede Ivone Roque Courela em casamento. Fica também a saber-se que Aida e Moisés Folgado estão num processo de divórcio e que a mãe de Tomás recusa abdicar da fábrica de burel. Já São Grilo readmitiu a filha na produção do pão artesanal, mas esta reaproximação parece estar a comprometer a relação da jovem com Salvador Teles de Arriaga.

Tabela 37 - Análise Protagonistas: 180º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Neste episódio fica a saber-se que Fátima vai trabalhar e dar formação numa panificadora nortenha (a mesma que a procurou no episódio 160). -A sua profissão mantém-se como produtora de farinha.
Vestuário	- Nas cenas em que surge com o pai, no restaurante e em casa, Fátima veste uma camisola grossa, de malha, com gola e uma jaqueta. - No confronto com Carlota, Fátima utiliza uma camisa escura e apertada.
Meio Habitacional	- A casa onde vive Fátima é palco de uma das cenas do episódio 180. A habitação é de pedra e pouco moderna – Cenário: Casa de Fátima Neto (e família),
Traços de personalidade	- Trabalhadora: esta particularidade manifesta-se na vontade que Fátima tem de ir para Braga trabalhar na área da panificação. - Sentido de justiça: sempre que o tema é a farinha sabotada e Carlota, denota-se em Fátima uma necessidade que seja feita justiça e que se prove e se saiba que a culpa foi de Carlota e não da má qualidade do seu produto. - Provocadora: quando está em frente a Carlota, o discurso e a postura de Fátima são provocadores e visam gerar reação na mãe de Mariana. - Perspicaz: esta característica sobressai quando Fátima começa a

	perceber que tem de existir um motivo maior para o ódio que Carlota nutre por si.
Objetivos de vida	- Neste episódio, constata-se que o principal objetivo de Fátima é perceber o que Carlota tem contra si e fazê-la pagar por todo o mal que já fez à sua família.
Linguagem verbal	- “A minha vontade é obrigar a Carlota a admitir, publicamente, tudo o que fez”: esta declaração traduz o sentido de justiça que invade a personagem, já que Fátima não quer ficar com as culpas/responsabilidade de algo que não fez. - “Eu não percebo o que é que eu fiz para merecer tanto ódio”: esta frase é indicativa de que Fátima é perspicaz e percebe que algo mais deve motivar aquelas atitudes por parte de Carlota. - “Os meus patrões vão pagar-me uma formação para formadores” esta frase surge na sequência de Fátima explicar a Hortense como será o seu novo trabalho, em Braga. - “Se estou maluca a culpa é sua (...) O Márcio confessou tudo: ele é que anda a fazer o trabalho sujo por si”: esta frase dirigida a Carlota reforça os traços de personalidade que definem Fátima como provocadora, justa e perspicaz. Esta expressão, a forma como é proferida e como se dirige a Carlota também podem ser indicadores de determinação e firmeza.
Linguagem corporal	- Quando Fátima mostra vontade em que Carlota assuma as suas responsabilidades, fá-lo de forma descrente e revoltada. - No momento em que a personagem de Júlia Palha questiona o porquê de ser o alvo de Carlota, a sua expressão é de questionamento. Fátima está inquieta e pensativa e os seus braços acompanham essa indignação. - Ao falar sobre o novo trabalho, Fátima sorri orgulhosa. - Enquanto fala com Silvério e Simão, Fátima mostra-se irritada, descrente e revoltada. - Fátima sorri, envergonhada, com os elogios de Simão. - No frente a frente com Carlota, a postura corporal de Fátima revela uma certa agressividade e revolta. Fátima está ligeiramente inclinada para a frente e os seus movimentos são precisos e firmes.
Marcas de controlo	- Fátima é uma rapariga cuja família não tem muitos rendimentos. Tal é constatável através da roupa que utiliza, da casa onde habita e da necessidade que tem de trabalhar (dentro ou fora da aldeia).
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Neste episódio, Fátima mantém todas as relações conhecidas até então. Destacando-se apenas o noivado com Guilherme Botelho.

Tabela 38 - **Análise Protagonistas: 180º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	Neste episódio, Tomás não apresenta qualquer profissão. Contudo, fica a saber-se que Tomás está disponível para ajudar a mãe na fábrica do burel, embora não se saiba em que área.

Vestuário	- Na primeira cena em que surge, Tomás veste uma camisola grossa branca e um casaco “leve” e em tons claros. - Quando toma o pequeno-almoço com a mãe, já no dia seguinte, Tomás veste uma camisola grossa de malha.
Meio Habitacional	- No episódio 180, é possível conhecer a casa de Tomás, uma habitação ampla e de decoração minimalista: Cenário – Casa de Tomás Folgado (e família),
Traços de personalidade	- Amor por Leonor: grande parte dos momentos em que Tomás surge neste episódio, demonstram o amor que ele tem pela filha. Tomás fica radiante com o facto de Leonor o ter chamado de “pai” e não consegue esconder o orgulho nessa conquista. - Protetor: esta característica manifesta-se na forma como Tomás tenta ajudar e aliviar a dor e o sofrimento da mãe. - Atento/observador: estas características estão presentes nas duas cenas em que Tomás entra, pois, a personagem mostra-se grata por todo o apoio de Mariana, para além de ter percebido que Mariana está diferente.
Objetivos de vida	- Neste episódio percebe-se que os principais objetivos de Tomás são o bem-estar de Leonor e de Aida.
Linguagem verbal	- “Pai, ela chamou-me pai” ou “quando eu ouvi isto... juro-te, parece que fez isto tudo valer a pena, sabes? Não é que eu tivesse dúvidas, mas foi a confirmação” e “eu adoro aquela miúda” são frases que indicam e demonstram o grande amor que Tomás nutre pela filha. - “E tu também fizeste muito por isso, Mariana, obrigado”: esta frase mostra que Tomás é uma pessoa observadora e que reconhece o valor e o esforço daqueles que o rodeiam. - “Fico preocupado contigo, mãe” e “mãe, eu vou estar contigo no que tu decidires e no que achares que é melhor para ti” estas expressões reforçam a ideia de que Tomás é atento, observador e preocupado com as pessoas que mais ama. - “Não, nada a ver” é a resposta que Tomás dá a Aida quando esta pergunta se a sua aproximação a Mariana se deve ao casamento de Fátima. Embora Tomás negue, denota-se pouca convicção.
Linguagem corporal	- Enquanto fala com Mariana sobre Leonor, Tomás mantém um sorriso no rosto de orelha a orelha. O sorriso traduz felicidade, alívio e concretização. Há momentos em que Tomás gargalha, incrédulo com o sucedido. - Mariana e Tomás trocam olhar intenso. - Durante a maioria da conversa com Aida, Tomás mostra-se calmo e ponderado. Quando a conversa resvala para Fátima e Mariana, a postura de Tomás muda. O tom de voz fica fechado, o olhar triste e o discurso é proferido de forma mais rude e a despachar.
Marcas de controlo	- Tomás não surge a trabalhar nem a falar sobre isso, o que é um indicador de que é um homem que tem uma vida financeira folegada.
Marcas de generalizações	---
	- Não existem considerações a fazer desta índole. Tomás é filho de Aida e

Marcas relacionais	Moisés Folgado, irmão de Gustavo Folgado e pai de Leonor Barros. Neste episódio, apenas se verifica uma aproximação a Mariana, embora não sejam namorados.

Tabela 39 - **Análise Protagonistas: 180º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Não é conhecida a profissão da personagem.
Vestuário	- Neste episódio, Mariana surge uma única vez e utiliza um vestido preto e justo.
Meio Habitacional	- No episódio 180, a única cena em que Mariana entra é no seu quarto, que fica no hotel da família – Cenário: quarto de hotel.
Traços de personalidade	- Apaixonada por Tomás: Mariana faz tudo o que for preciso para o ver feliz, inclusivamente, ajudá-lo a conquistar Leonor.
Objetivos de vida	- Subliminarmente, pode concluir-se que o objetivo de Mariana é reconquistar Tomás.
Linguagem verbal	- “Ai que nós temos aqui um pau babado. Mas tu mereces, tu és uma pessoa incrível e a Leonor percebeu isso”: esta frase traduz a forma como Mariana olha para Tomás. - “Acho que eu e a Leonor já estamos um pouco amigas”: esta frase reforça a ideia de que Mariana faz tudo por Tomás e pelo seu amor, agrado e reconhecimento.
Linguagem corporal	- Durante toda a cena com Tomás, Mariana está sorridente e com ar de orgulho e concretização. - Mariana abraça Tomás enquanto o elogia. - Mariana e Tomás trocam um olhar intenso.
Marcas de controlo	- As roupas que utiliza, o quarto de hotel onde pernoita e a ausência de trabalho são indicadores de que Mariana não possui problemas financeiros.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Este episódio não apresenta novas marcas relacionais para Mariana. Destaca-se apenas a reaproximação de Tomás, embora não namorem.

Tabela 40 - **Análise Protagonistas: 180º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Carlota não surge a trabalhar, no entanto, aparece no seu local de trabalho: o escritório do hotel.
Vestuário	- Quando Márcio a procura, Carlota utiliza um fato preto com uma blusa branca. - No momento em que Fátima e Carlota estão frente a frente, esta última veste uma blusa branca, sofisticada e fina.
	- No episódio 180. Não é possível observar o meio habitacional de Carlota,

Meio Habitacional	apenas o seu meio laboral. Este local é amplo, moderno, com tapetes e cadeirões almofadados: Cenário – Escritório do hotel.
Traços de personalidade	- Poderosa, ativa e controladora: todas estas características ganham corpo quando Carlota se dirige a Márcio. Fica claro, que é ela quem manda e que ele está sujeito às suas ordens. - Provocadora e irónica: a forma como Carlota fala com Márcio, acusando-o de ter medo de Fátima remete para o lado mais perverso e provocador de Carlota. - Inteligente e perspicaz: a reação de Carlota à chegada de Márcio ao seu escritório traduz a preocupação que a personagem tinha em serem apanhados juntos.
Objetivos de vida	- Neste episódio, não se verifica um objetivo claro de Carlota. Contudo, é possível perceber que foi ela a responsável pela sabotagem da farinha de Fátima, desejando, por isso, o seu infortúnio. Pode também afirmar-se que Carlota não quer que se saiba do crime que mandou cometer.
Linguagem verbal	- “O que é se passa contigo, perdeste a cabeça?": esta frase traduz a forma irritada e furiosa com que Carlota aborda Márcio quando este vai ter consigo ao hotel. - “Resolveste vir aqui, à noite, para me dizeres isso? Não podias cá vir amanhã?": estas questões reforçam a ideia de que Carlota é uma mulher inteligente e perspicaz, consciente de que se alguém o visse ali poderia retirar conclusões pouco abonatórias. - “Agora estás com medo da miúda": esta frase reforça as características que definem Carlota como provocadora e irónica. - “Mais quais provas?" e “fica de boca calada e não te preocupes com o resto” são expressões que demonstram que Carlota é uma mulher controladora, poderosa e que tem sob a sua alçada o comportamento dos seus “súbditos”. - “Mas tu estás maluca?": a questão dirigida a Fátima está envolta em preocupação, indignação e provocação.
Linguagem corporal	- Carlota entra no escritório apressadamente e bate a porta com força. - Durante toda a conversa com Márcio, Carlota mantém-se de pé, com ar firme e voz rude. - Carlota coloca as mãos na cintura, incrédula com a falta de noção do perigo de Márcio por estar ali. - Carlota abre os braços quando questiona “mas que provas”, em jeito de perplexidade. - Aquando do encontro com Fátima, Carlota sai do carro furiosa e irritada. Quando Fátima lhe garante saber toda a verdade, Carlota suspira e recupera o controlo e a postura direita e firme que a caracteriza.
Marcas de controlo	- Carlota é uma mulher de poder. Tal conclusão pode ser retirada não só através das roupas que utiliza, mas também, e sobretudo, através da forma ativa e sobranceira com que lida com Márcio. Carlota põe e dispõe da vida do empregado conforme mais lhe convém e garante-lhe proteção pois tem recursos financeiros e conhecimentos para tal.

Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho. Neste episódio, não é possível confirmar se Carlota e Fernando ainda estão casados. O destaque vai para a relação de poder que tem com Márcio, o seu capanga.

200º Episódio

O tema que abre o episódio é a inseminação artificial que Ivone Roque Courela quer fazer, uma vez que, Vasco Botelho faleceu, mas deixou claro que essa era sua vontade. Sebastião Botelho diz não concordar e entra numa discussão acesa com Guilherme Botelho e Helena Rasteiro. O pai de Vasco está disposto a ir para tribunal para evitar que Ivone possa engravidar do filho.

No *lounge* do hotel, Nicolau Roque Courela, Fátima Neto e Guida Grilo disfrutam de uma bebida. Entre os vários assuntos abordados, o destaque vai para a intenção de Fátima em continuar a dar formação de moagem na pedra. Fátima demonstra ainda ter vontade de encontrar Carlota Pereira Espinho, para lhe poder dizer algumas coisas na cara, mas a dona do hotel não aparece.

A ida de Sebastião a casa de Tomás Folgado dá conta que Rosalinda Nunes e Leonor Barros estão em fuga. O advogado conta a Tomás que conseguiram rastrear uma chamada entre Domingos Nunes e a esposa e que, ao que tudo indica, elas estão em Coimbra. Tomás quer ir de imediato para a cidade universitária, contudo Sebastião diz que têm de ter calma para não lhes perderem o rasto. Tomás garante que nunca mais o vão conseguir separar da filha.

Silvério Neto vai a casa de Domingos levar o jantar que Elvira Roque Courela lhe preparou. O cunhado de Domingos alerta-o para os disparates que anda a fazer, mas o pai adotivo de Leonor garante não saber onde estão Rosalinda e Leonor. Nesse momento, a polícia bate à porta e notifica-o para ir ao posto prestar declarações sobre o desaparecimento da filha e da mulher. Descontrolado e tentando negar que sabe onde estão, Domingos agride Silvério e o polícia, acabando por ser detido. Silvério volta para casa e conta o sucedido. Em Coimbra, Rosalinda entranha o facto de Domingos ainda não ter ligado, mas a filha tranquiliza-a.

No hotel, Guida e Nicolau acabam de preparar as malas para a viagem que farão no dia seguinte. O casal abre uma garrafa de vinho e toma vários comprimidos para o enjoo. No dia seguinte, os telemóveis despertam, mas nenhum dos membros do casal acorda. Em casa, a mãe e a irmã de Guida conversam sobre a pré lua de mel do casal, com a qual São não concorda. Jacinta diz à mãe que nunca vai querer casar, mas São diz-lhe que as suas

filhas, para irem viver com um homem, têm de casar para não “andarem amantizadas” pois isso daria “falatório”.

Aida, Tomás, Gustavo e Sebastião falam sobre a detenção de Domingos. O pai de Leonor quer participar nas buscas e diz não conseguir ficar de braços cruzados. Sobre o mesmo assunto falam Guilherme, Elvira, Fátima e Silvério. Fátima confessa que sabia que o telefone do tio estava sob escuta e garante não ter contado nada porque a sua maior preocupação é Leonor.

No hotel, Remy confia a Manuel Teles de Arriaga não saber como se aproximar dos filhos e avança ter medo da reação de São. No escritório, Carlota Pereira Espinho assina a carta de despedimento de Marta Botelho, mas pede que não haja ressentimentos. Carlota deseja toda a sorte do mundo a Marta para a sua aventura em Nova Iorque. Todavia, a fotografa responde às Pereira Espinho que elas são sínicas e que “as injustiças se pagam caras”. A filha de Carlota fica chocada com a prepotência de Marta e Carlota afirma que “ela não é ninguém”. O episódio 200 dá ainda conta que os habitantes da Fraga Pequena julgam que a noiva é Paula Neto.

Tabela 41 - **Análise Protagonistas: 200º episódio – Fátima Neto**

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	No episódio 200 é possível concluir, através da conversa com Guida e Nicolau, que Fátima dá formação sobre a moagem na pedra.
Vestuário	- Enquanto toma um copo com os amigos, antes destes partirem de viagem, Fátima utiliza umas calças e uma camisa apertada. - No momento, em que Fátima fica a saber da detenção de Domingos, esta utiliza uma camisola branca e uma camisa desapertada por cima.
Meio Habitacional	- Neste episódio, Fátima surge na sua casa. Uma habitação de pedra, que reúne, na mesma divisão, a cozinha, a sala e a zona de refeições. É também aqui que Fátima dobra a roupa – Cenário: Casa de Fátima Neto (e família).
Traços de personalidade	- Provocadora: esta característica sobressai quando Fátima diz aos amigos gostar de ver Mariana e Carlota para lhe dizer umas verdades. - Sensata: esta particularidade ganha relevo porque Fátima consegue distinguir o certo do errado e perceber que a atitude dos tios face a Leonor não é a correta. Desta feita, Fátima acaba por não dizer a ninguém que sabia da atuação das autoridades. - Trabalhadora: esta característica aparece, subtilmente, no facto de Fátima arrumar a roupa enquanto conversa e no facto dela, em conversa com amigos, aludir à sua vontade de continuar a dar formação na sua área.
Objetivos de vida	- Neste episódio, pode dizer-se que os principais objetivos de Fátima são

	continuar a dar formação e proteger Leonor Barros.
Linguagem verbal	- “Não me importava nada de me cruzar com elas” ou “já vi que nenhuma das espinhosas vai aparecer” são expressões que denotam que Fátima é provocadora. - “A minha prioridade é proteger a Leonor” diz a Guilherme depois de confessar que sabia que tinham colocado o telemóvel do tio sob escuta. Fátima diz que se lhe contasse ele ia alertar o tio e que não poderia deixar. Esta atitude de Fátima traduz retidão e sensatez.
Linguagem corporal	- Fátima mantém-se sentada no lounge do hotel. O seu ar é sorridente e descontraído. - Quando conta que sabia que o telemóvel de Domingos estava sob escuta, Fátima coloca as mãos na anca.
Marcas de controlo	- Fátima pertence a uma família com poucos rendimentos. Tal pode ser percecionado, neste episódio, através da roupa que utiliza, do local onde mora e na sua inesgotável vontade de trabalhar.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Fátima é filha de Silvério Neto e sobrinha de Paula, Elvira, Rosalinda e, por conseguinte, de Domingos. Neste episódio, reforça-se a ideia de que Fátima é prima adotiva de Leonor Barros.

Tabela 42 - **Análise Protagonistas: 200º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	No episódio 200, Tomás não surge a desempenhar nenhuma profissão.
Vestuário	- Em todas as cenas em que surge, Tomás veste umas calças escuras e uma camisola branca, com um casaco leve por cima.
Meio Habitacional	- Em todos os momentos em que surge, Tomás aparece em sua casa: Cenário – Casa Tomás Folgado (e família).
Traços de personalidade	- Sentido de justiça e vínculo paternal: neste episódio estes dois traços de personalidade andam de mãos dadas pois o que Tomás mais deseja é recuperar a filha e protege-la, fazendo-se justiça. - Determinação e proteção: Tomás avança estar disposto a tudo para encontrar a filha e não vai ficar parado.
Objetivos de vida	- No episódio em análise é seguro afirmar que o principal objetivo de Tomás é encontrar a filha que foi raptada pelos pais adotivos.
Linguagem verbal	- “Desta vez, eles não me vão conseguir separar da Leonor” esta expressão traduz o seu sentido de justiça e revela o amor que Tomás nutre pela filha. - “E eu como pai, não posso participar nas buscas? (...) “de braços cruzados é que não vou ficar”; estas duas declarações reforçam a ideia de que Tomás é determinado e protetor – faz tudo pela filha.
	- Quando recebe a notícia de que Rosalinda e Leonor poderão estar em Coimbra, Tomás mostra-se inquieto e nervoso, mas também expectante e esperançoso.

Linguagem corporal	- No momento em que ele e a família falam sobre a detenção de Domingos, Tomás encontra-se mais seguro.
Marcas de controlo	- Neste episódio não há marcas relevantes que indiquem que Tomás pertence a uma família rica. Contudo, o destaque vai para a roupa que utiliza e para a, aparente, inexistência de um trabalho.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tomás é filho de Aida e Moisés Folgado e irmão de Gustavo. Tomás é o pai biológico de Leonor e, neste capítulo, não é possível determinar se está ou não num relacionamento.

Tabela 43 - **Análise Protagonistas: 200º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	No episódio 200, Mariana não exerce qualquer função,
Vestuário	- Na única cena em que entra, Mariana utiliza calças de fato e uma camisa clara por dentro destas.
Meio Habitacional	- Não é possível retirar conclusões desta índole neste capítulo.
Traços de personalidade	- Altição e superioridade: estas características manifestam-se na forma como Mariana fala de Marta à mãe.
Objetivos de vida	- Não são conhecidos os objetivos de Mariana no episódio 200.
Linguagem verbal	- “Mas quem é que esta miúda pensa que é?”: esta frase reforça os traços de personalidade que caracterizam Mariana como altiva, prepotente e sobranceira.
Linguagem corporal	- Mariana mantém-se, sobretudo, como observadora, na conversa que Marta tem com Carlota. - Quando Marta as acusa de desonestidade, Mariana fica chocada e incrédula.
Marcas de controlo	- A forma como se veste, a ausência de desempenho laboral e a forma altiva (com superioridade) com que aborda a ex-trabalhadora do hotel, são indicadores justificativos da sua condição financeira elevada.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho. Neste capítulo não é possível inferir se Mariana reatou as suas relações com Tomás Folgado e Vitória Castro.

Tabela 44 - **Análise Protagonistas: 200º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	No episódio 200, Carlota desempenha as funções de gestora do hotel da família Pereira Espinho.
Vestuário	- Na única cena em que surge, Carlota utiliza uma camisola branca e um casaco bege por cima,
Meio Habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional de Carlota no episódio 200. Os telespectadores conseguem apenas vislumbrar o sítio onde Carlota labora

	– Cenário: Escritório do hotel.
Traços de personalidade	- Altivez e superioridade: são demonstradas na forma sobranceira como Carlota lida com Marta e fala sobre ela. - Cordial/ vive das aparências: esta característica emana quando Carlota pede a Marta para que não haja ressentimentos com o despedimento já que as famílias têm uma relação de vários anos.
Objetivos de vida	- Não são indagáveis os objetivos de Carlota no episódio 200.
Linguagem verbal	- “Eu espero que não fiquem ressentimentos entre nós” e “desejo-te toda a sorte do mundo em Nova Iorque” são frases que traduzem a cordialidade e a necessidade que Carlota tem de se mostrar prestável e empática. - “Estás a ameaçar-me?": esta questão é colocada depois de Marta dizer que todas as injustiças saem caras. Como Carlota é inteligente, percebeu que Marta se referia a algo concreto. - “Não é ninguém” é assim que Carlota se refere a Marta, em conversa com Mariana. Esta frase acarreta superioridade e descrédito à ex-funcionária.
Linguagem corporal	- Carlota permanece sentada e sorridente durante praticamente a totalidade da conversa com Marta. - Carlota dá uma gargalhada irónica antes de questionar Marta se aquilo era uma ameaça.
Marcas de controlo	- O poderio financeiro de Carlota é justificado, neste episódio, pelas roupas que utiliza e pela posição que ocupa na empresa familiar. Carlota tem o poder de contratar e despedir funcionários, conforme a sua vontade.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho e esposa de Fernando Pereira Espinho.

220º Episódio

O primeiro bloco de imagens é relativo ao episódio anterior e mostra Guilherme Botelho a confrontar Carlota Pereira Espinho com uns documentos assinados por ela. Carlota está chocada e perplexa pelo facto da sua assinatura estar naqueles papeis e Guilherme diz-lhe que “perdeu” e que, desta vez, não conseguiu boicotar Fátima Neto. Provocadora, Carlota diz a Guilherme para dizer “à namoradinha, à mulher ou à ex-namorada” que não deixe entrar ratos na farinha. Guilherme avisa-a para não se meter com Fátima pois isso é o mesmo que se meter com ele e sai.

No café da aldeia, Tó Zé Grilo e Hortense Rasteiro falam sobre a reunião, relativa à chantagem de que estão a ser alvo (a par com Carlota, Nicolau Roque Courela, Paula Neto e Gustavo Folgado), agendada para o dia seguinte. Numa das mesas do restaurante estão

Fátima e Jacinta Grilo que conversam sobre a entrevista que a jornalista local lhes quer fazer. O mote é que se deem a conhecer as jovens mulheres que ajudam a manter, recuperar e preservar tradições antigas.

Neste episódio fica a saber-se do casamento relâmpago entre Mariana Pereira Espinho e Tomás Folgado. No hotel, os tios de Mariana querem ir ao casamento e não compreendem porque não foram convidados. Numa primeira fase, Mariana explica-lhes que a cerimónia será pequena, apenas para a família direta. Todavia, perante a insistência da família, Mariana acaba por se mostrar mais rude e perentória e diz que não serão convidados para nenhuma parte da cerimónia.

Depois da cena em que o fato de Tomás chega e após Gustavo Folgado confessar não querer ser o padrinho, verifica-se que este vai para o café da aldeia beber. O irmão de Tomás desabafa com Tó Zé dizendo que Mariana é a “melhor mulher do mundo” e que qualquer homem gostaria de casar com ela. Alcina entra e escuta tudo, mostrando-se desiludida com o namorado a quem tinha pedido sinceridade. Alcina diz que sempre desconfiou que Gustavo gostava da namorada do irmão, mas que as dúvidas se dissiparam quando Gustavo lhe disse que não havia motivos para pensar nisso. Visivelmente alcoolizado, Gustavo diz à namorada para não ser “paranoica” e está dá-lhe uma estalada. No seguimento desta ação, Gustavo avança na direção de Alcina, para a agredir, mas é impedido por Tó Zé. No dia seguinte, na loja de desporto, Gustavo pede desculpa a Alcina pelo sucedido, mas esta não aceita.

Noutro ponto da história, a filha de Tomás diz ao pai que sabe que Rosalinda Nunes está triste e que gostava mais que as coisas fossem como antes. Leonor confirma a Tomás que prefere viver com os pais adotivos, passando alguns momentos consigo – o contrário do decretado pelo juiz. Tomás sugere manterem este método durante mais alguns dias e, caso não funcione, então falam com o juiz para alterar tudo. Nesse momento, entra Mariana que traz a bandolete que Leonor irá utilizar no casamento. Leonor pede ao pai para sair porque quer ter uma conversa “de meninas” com Mariana. Madrasta e enteada falam sobre uma paixão de Leonor.

No moinho, Tomás diz a Fátima que a adaptação de Leonor não está a ser fácil, mas garante que não quer que este se torne num momento traumático para a criança. Nesse sentido, Tomás pede a Fátima para que seja ela ou Silvério Neto a vigiar os encontros entre Domingos, Rosalinda e Leonor. Fátima mostra-se compreensiva com a situação e aceita o pedido, embora com algumas reticências. Numa cena anterior é perceptível que Domingos Nunes está desagrado pelo facto de os seus encontros com a filha terem de ser supervisionados.

Na sala de estar do hotel, Mariana e Helena Rasteiro ultimam os preparativos para o casamento. Nesse momento, entra Fernando Pereira Espinho a quem Mariana pede conselhos sobre o *catering* da festa. Fernando diz à filha para ser ela a escolher ou para pedir ajuda às amigas. Mariana diz ao pai que não tem amigas e que a responsabilidade disso é dele já que foi Fernando que estragou a única amizade que tinha. Fernando aconselha-a, então, a filha a pedir opinião a Carmo, mas Mariana recusa.

O episódio 220 termina com a ida de Guilherme a casa de Ivone Roque Courela. Os dois conversam sobre a audiência com o juiz que visa abordar o tema da inseminação artificial. Guilherme alerta-a para que é preciso manter a calma e Ivone deseja apenas que o juiz seja empático. No decorrer do episódio, Guida Grilo confessa a Nicolau que Remy é seu pai. Guida mostra-se confusa pois, por um lado, Remy mostra-se seu amigo, mas por outro ele abandonou a sua família. Mais tarde, verifica-se que pai e filha fazem as pazes, com o primeiro a explicar os motivos para o abandono: Remy não estava preparado para assumir, na aldeia, que é homossexual.

Tabela 45 - **Análise Protagonistas: 220º episódio – Fátima Neto**

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Neste episódio, os telespectadores ficam a saber que Fátima e Jacinta terão um negócio juntas: uma panificadora. No caso concreto de Fátima, a sua responsabilidade mantém-se associada à moagem e produção de farinha.
Vestuário	- Enquanto está no café com Jacinta, Fátima utiliza uma camisa clara aberta, por cima de uma camisola básica preta. - Quando está a trabalhar no moinho, Fátima veste uma camisola e umas calças escuras, com um casaco de malha comprido.
Meio Habitacional	- Neste episódio, não surge o meio habitacional de Fátima, apenas o moinho onde ela trabalha. O moinho é um cenário pouco luminoso, mas rico em utensílios para o ofício – Cenário: Moinho.
Traços de personalidade	- Persistente: esta característica sobressai nos vários argumentos que Fátima utiliza para convencer Jacinta a dar a entrevista. - Compreensiva: Fátima demonstra ser uma pessoa sensível e capaz de se colocar na pele de Leonor, Tomás e dos tios. - Colaborativa: o traço de personalidade que distingue Fátima como uma pessoa que quer ajudar quem a rodeia, manifesta-se na conversa que tem com Tomás, na qual aceita ajudá-lo com a questão das visitas de Leonor a Rosalinda e Domingos. - Trabalhadora: nas duas cenas em que entra, Fátima ou está a falar sobre o negócio que tem ou está a trabalhar na moagem da farinha no moinho.
Objetivos de vida	- No episódio 220, não é apresentado um grande objetivo de vida de Fátima. Contudo, pode dizer-se que ela quer fazer crescer o seu negócio,

	daí a sua vontade em dar uma entrevista ao jornal local, e quer ver Leonor numa situação emocional estável.
Linguagem verbal	- “Eu só falo, se tu também falares” diz Fátima a Jacinta. Esta frase traduz a persistência e os argumentos utilizados por Fátima para convencer a amiga. - “Como é que isso está a correr?” e “de repente muda de casa e de família, deve estar confusa, coitada” são expressões que indicam que Fátima está preocupada com o bem-estar da prima e que reforçam a característica que define Fátima como compreensiva (coloca-se no lugar do outro – empática), - “Os meus tios vão odiar na mesma”: esta frase remete para as reticências que Fátima tem em aceitar o pedido de Tomás. - “Eu falo com ele” e “podes contar comigo” reforçam a ideia de que Fátima é uma mulher que gosta de ajudar quem a rodeia.
Linguagem corporal	- Durante toda a conversa que tem com Jacinta, Fátima mantém-se sorridente e brincalhona. O seu semblante é leve. - No café, Gustavo entra e Fátima segue-o com o olhar, visivelmente incomoda. - Enquanto Tomás fala com Fátima, esta permanece a trabalhar. Quando para, nota-se uma certa inquietude e desconforto. - Quando Tomás sai do moinho, Fátima suspira.
Marcas de controlo	- As roupas que utiliza, o local onde trabalha e o facto de estar constantemente a exercer a sua profissão permitem concluir que o nível financeiro de Fátima não é elevado – necessidade de trabalhar.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Fátima é filha de Silvério Neto e sobrinha de Paula Neto, Elvira e Rosalinda Roque. Consequentemente, é prima de Leonor Barros, Ivone, Nicolau e Fausto. Fátima é tia de Anabela Neto, melhor amiga de Guida e – no início deste episódio - conclui-se que é ex-namorada de Guilherme Botelho.

Tabela 46 - **Análise Protagonistas: 220º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	No episódio 220, não é conhecida a profissão da personagem em análise.
Vestuário	- Quando Aida entra com o fato de noivo, Tomás veste uma camisola escura com uma jaqueta clara, por cima. Na cena com Leonor e Mariana, Tomás mantém o mesmo vestuário. - No momento em que vai ter com Fátima ao moinho, Tomás utiliza a mesma casaca que nas cenas passadas, a única alteração no <i>look</i> vai para a camisola de dentro que, desta vez, é num tom mais claro.
Meio Habitacional	- No presente episódio, é possível conhecer a casa de Tomás, uma habitação moderna, ampla e luminosa – Cenário: Casa de Tomás Folgado (e família).

Traços de personalidade	- Compreensivo e empático: na conversa com Leonor e com Fátima estas características manifestam-se vivamente. Tomás entende que a filha não se esteja a adaptar à nova realidade e tenta arranjar estratégias para diminuir o sofrimento e os constrangimentos causados pela decisão do tribunal – que indica que Leonor deve ficar permanentemente com Tomás. - Preocupado e pai extremoso: estas particularidades manifestam-se sobretudo na conversa com Fátima, na qual Tomás revela só querer o bem-estar da filha, não querendo arranjar problemas com os pais adotivos da criança. - Sensato e ponderado: o facto de Tomás pedir a intermediação de Fátima e Silvério aquando das visitas de Leonor aos pais adotivos, revela sensatez e prudência pois Tomás não quer que Rosalinda e Domingos se sintam mal, constrangidos ou provocados pela sua presença.
Objetivos de vida	- Fica claro neste episódio, que a prioridade de Tomás é o bem-estar de Leonor, a filha.
Linguagem verbal	- “Está ótimo, de certeza, mas já o vou vestir”: esta frase denota tranquilidade. - “Acredito que sim, mas olha, agora continuamos assim como estamos, e depois se tu não gostares falamos com o juiz e mudamos tudo”: esta frase é proferida com uma certa tristeza pelo meio. Todavia, esta expressão reforça a ideia de que Tomás é um pai extremoso, que se preocupa com o bem-estar da filha e que compreende o estado de espírito da criança. - “Ela está com alguma dificuldade em adaptar-se o que é compreensível, acho eu”: esta declaração evidencia que Tomás é uma pessoa atenta, observadora, compreensiva e empática, - “Eu não quero que isto se torne um trauma para a Leonor” e “eu não quero andar a fazer de polícia” são frases que indicam e sublinham a forma sensata, ponderada, empática e compreensiva com que Tomás olha para o pedido de Leonor.
Linguagem corporal	- Quando olha para o saco com o fato para o casamento, Tomás sorri. - Tomás mantém-se sentado, com um semblante sério, apreensivo e um olhar triste aquando da conversa com Leonor. - Tomás cruza os braços enquanto fala com Fátima e diz não querer que Leonor saia traumatizada deste processo. - Tomás sorri, grato, quando Fátima aceita o seu pedido.
Marcas de controlo	- Mais uma vez, as roupas que utiliza, o local onde habita, a inexistência de práticas laborais e a conquista da custódia da filha são indicadores de que Tomás provém de uma família com recursos financeiros. O facto de Tomás e Mariana estarem a preparar o seu casamento, embora que simples, também pode ser outro argumento que justifique a condição social descrita.
Marcas de generalizações	---
	- Tomás é filho de Aida e Moisés Folgado e irmão de Gustavo Folgado. Tomás é pai de Leonor e, neste episódio, noivo de Mariana Pereira

Marcas relacionais	Espinho.

Tabela 47 - **Análise Protagonistas: 220^o episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Mariana não apresenta nem menciona qualquer profissão.
Vestuário	- No episódio 220, Mariana utiliza, primeiro um <i>blazer</i> azul claro e, na cena correspondente ao dia seguinte, uma camisola branca e um casaco matizado (com riscas brancas e pretas).
Meio Habitacional	- Mariana trata dos preparativos do seu casamento na sala de estar da família que fica dentro do hotel. Esta sala tem uma zona de estar e uma zona de refeições – Cenário: Sala de estar do hotel.
Traços de personalidade	- Controlada: esta característica fica patente quando Mariana fala com os tios, calmamente. - Controladora: Mariana tem total controlo sobre tudo o que se passa no seu casamento, desde os convidados, às flores, à ementa, à roupa de Leonor. - Necessidade de agradar a Tomás: a forma como Mariana trata Leonor, neste episódio, é indicativa desta característica. - Vitimização e provocação: embora sejam duas particularidades de personalidade muito distintas, elas surgem em conjunto neste episódio. Estes traços de personalidade manifestam-se na conversa com Fernando, onde Mariana recorre a um ar e um discurso acusatório para captar a atenção do pai. Mariana dá a entender que não tem amigas por culpa do pai, mas na verdade só se lhe conheceu uma, desde sempre.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Mariana no episódio 220 é casar com Tomás e garantir que está tudo perfeito.
Linguagem verbal	- “Eu agradeço muito, mas não vai ser preciso. Vamos fazer uma cerimónia simples pelo civil” e “só vão mesmo os meus pais, os pais do Tomás, o Gustavo e a Leonor”: Mariana profere estas declarações com calma e de forma controlada. Estas frases traduzem controlo sobre a sua festa. - “Tios, por favor” e “eu lamento, mas não vou mesmo poder convidar-vos” são expressões que, pelo facto de ter sido ditas de forma rude, altiva e firme e pelo conteúdo que acarretam mostram que Mariana é uma mulher controladora e decidida. - “Olhem só o que trago aqui: a bandolete que vais levar ao casamento”: esta frase mostra que Mariana está contente com a celebração e que faz de tudo para que a filha de Tomás vá bonita. - “Pai, sabes que se eu tivesse alguma amiga eu até lhe podia pedir ajuda, mas como tu conseguiste arruinar a única amizade que tinha e a mãe não chega, eu não tenho a quem pedir ajuda”: esta frase está envolta em provocação e reforça a ideia de que Mariana tem tendência para a vitimização e é mimada.
	- Mariana começa por explicar aos tios que o casamento será algo simples,

Linguagem corporal	apenas para a família direta, com um sorriso nos lábios. - Quando se apercebe que os tios não aceitam a sua decisão, Mariana interrompe-os e de forma abrupta explica-lhes que só vai a família direta ao casamento. O seu semblante perde o sorriso. - Mariana mostra sorridente e de olhar brilhante a bandolete que Leonor vai levar ao casamento, a Tomás e à enteada. - Quando Leonor e Mariana têm “uma conversa de mulheres”, Mariana mostra-se cúmplice da criança e feliz por poder ajudá-la. O olhar de Mariana revela empatia e carinho. - Enquanto última os preparativos para o casamento com Lena, Mariana mostra-se feliz, entusiasmada e surpreendida com algumas coisas que vê. - Enquanto acusa o pai de lhe ter estragado a única amizade que tinha, Mariana encolhe os ombros. - Quando fala sobre Vitória, Mariana cruza os braços e faz um ar de ironia e perplexidade.
Marcas de controlo	- Mais uma vez, a inexistência de trabalho, as roupas que utiliza, a facilidade que tem em escolher quem e o que quer no seu casamento, a bandolete que compra a Leonor e a forma ativa como fala com os tios são indicadores de que Mariana pertence a uma classe social mais elevada.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho. Como tal, é sobrinha de Manuel e Carmo Teles de Arriaga e prima de Salvador. Neste episódio, Mariana é noiva de Tomás Folgado e demonstra vontade em recuperar a amizade com Vitória Castro – dá a entender que queria que ela fosse sua madrinha, mas Vitória é que não quis.

Análise Protagonistas: 220º episódio – Carlota Pereira Espinho

Não há considerações a retirar sobre Carlota Pereira Espinho no episódio 220 já que a personagem não apareceu neste capítulo (apenas surgem umas imagens de Carlota no início do episódio, mas são alusivas ao capítulo 219, como tal, não são alvo de análise).

240º Episódio

No episódio 240 de “A Serra”, Leonor Barros falta à escola para fazer companhia a Domingos Nunes, já que este está sozinho devido à hospitalização de Rosalinda Nunes. Domingos conta a Tomás Folgado o que aconteceu e este mostra-se compreensivo. Contudo, segundo Mariana Pereira Espinho, este tem de ser mais firme com a filha pois, caso contrário, é Tomás quem fica mal visto. Pela postura corporal, pelo tom de voz que utiliza e pelo discurso que tem é possível inferir que algo se passa com Mariana. Todavia,

nesta cena, não é perceptível qual o tema que gera esta divergência. Pelo diálogo entre o casal percebe-se apenas que será algo que, quando chegar à imprensa, colocará em causa a imagem do grupo Pereira Espinho. Mariana queixa-se, ainda, do desaparecimento de um anel que lhe foi oferecido pelo avô.

No escritório do hotel, Carlota Pereira Espinho e Sebastião Botelho falam sobre a vingança de Carlota. A mãe de Mariana diz que não há dinheiro nenhum que pague a humilhação que o marido a fez passar quando a traiu e engravidou Vitória Castro. O primeiro passo da vingança está dado: Carlota acusou o marido de ter morto o irmão, Álvaro Pereira Espinho. Apesar de Carlota admitir que refletiu muito antes de agir, certo é que houve alguns danos colaterais desta ação. Sebastião foi um dos que saiu lesado do assunto porque deixou que o cunhado, Quim, fosse acusado e morto por esse crime. Sebastião avisa Carlota que se for acusado, revela todos os segredos da matriarca dos Pereira Espinho. Contudo, ela relembra-o que a maioria das ilegalidades que cometeu contam com a sua cumplicidade. Cenas mais tarde, Helena Rasteiro acusa o companheiro de ter deixado o cunhado ser morto, alega que quer justiça e acusa-o de cometer diversas ilicitudes.

O tema da morte do irmão de Fernando Pereira Espinho e Carmo Teles de Arriaga é tema de conversa na aldeia. Guida Grilo e Fátima Neto conversam sobre o facto de Carlota ter provas do assassinato e querer vinga-se do marido. Fátima mostra-se reticente pois, na verdade, Fernando e Carlota sempre fizeram tudo em conluio. Guida e Fátima dialogam, ainda, sobre o facto de Quim ter morrido por culpa de alguém e sobre o estado débil de Hortense Rasteiro, mãe de Quim e Helena. São também temas de conversa: o negócio que une Fátima e Jacinta Grilo e a aproximação da ex-mulher de Guilherme Botelho. Momentos depois, já na casa dos Neto, Fátima e Guilherme falam sobre o novo negócio da protagonista. Embora Fátima recuse a ajuda de Guilherme, este faz questão de as acompanhar durante todo o processo. Fátima acaba por falar com o advogado sobre a presença de Sara, a sua ex-mulher, na Fraga Pequena. Guilherme diz à amada que, embora Sara queira recuperar e reconquistar aquilo que perdeu, não conseguirá porque Fátima continua a ser a única mulher para quem olha.

Domingos vai levar Leonor a casa de Tomás e pede-lhe para que ele não se chateie com a criança. Tomás diz que não o fará e que compreendeu os motivos da filha. Ambos concordam que é preciso manter Leonor num ambiente normal e que, para já, é melhor ela não ver a mãe hospitalizada. Algumas cenas depois, Mariana surge junto de Tomás chateada por ainda não ter encontrado o anel. Leonor não viu a joia, mas Mariana alega que viu Anabela Neto com ele na mão. Tal acusação incita uma discussão entre o casal, já que Tomás defende a honestidade da família Neto.

Cristina Borges vai buscar Fernando para prestar declarações acerca da morte do irmão. A inspetora garante que foi feita uma queixa contra si, mas que a autora da denuncia não foi Carlota. No quarto de hotel, Carmo e Vitória conversam sobre a possibilidade de ter sido Fernando a matar Álvaro e sobre a má relação que eles tinham. Nesse momento, Carlota entra, dizendo a Vitória que o pai da sua filha é um assassino e que terá de os apresentar na prisão. Carmo expulsa-a do quarto, mas não fica sem resposta. Carlota alerta-a para que, no dia seguinte, ela e o marido deverão sair do hotel e que Manuel Teles de Arriaga está despedido. Carmo ainda alega que tem direito a estar ali porque o hotel também é dela, mas Carlota diz-lhe que ela tem direito a receber os lucros “lá para o final do ano”. Momentos depois, Carmo e Manuel fazem as malas e Carminho desespera por voltar a ser pobre.

O presente episódio fica ainda marcado por uma tentativa de reaproximação, mal sucedida, entre Remy e Tó Zé Grilo, promovida por Paula Neto. Por seu turno, Jacinta Grilo quer saber qual a posição de Zezinha face a Remy. Embora se mostre contra o pai, as palavras que dirige à tia são de acusação, sendo evidente que deseja perdoar Remy. No final do episódio, Remy é apanhado pelo filho a procurar algo na parede de casa da família Grilo.

Tabela 48 - **Análise Protagonistas: 240º episódio – Fátima Neto**

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	No episódio 240 ratifica-se que Fátima vai abrir um negócio com Jacinta, uma panificadora. Para além disso, Fátima continua a laborar na moagem e produção de farinha.
Vestuário	- Fátima começa este episódio a trabalhar no moinho. Como tal tem o cabelo atado, calças e camisola pretas (confortáveis). - Na cena em que surge em casa com Guilherme, Fátima utiliza umas calças de ganga e uma camisola de manga comprida sem gola.
Meio Habitacional	- Neste episódio, Fátima surge tanto no seu ambiente laboral como no seu meio habitacional. Ambos são pouco requintados e luminosos – Cenário: Casa Fátima Neto (e família) e Moinho.
	- Perspicaz: esta característica manifesta-se quando Fátima refere que Carlota e Fernando eram unha com carne e, como tal, ambos se ajudariam nos crimes cometidos. - Egoísta/ciumenta: este traço de personalidade revela-se quando Fátima, em conversa com Guida e com Guilherme, fala sobre a aproximação de Sara. Em rigor, Fátima já nada tem a ver com a vida de Guilherme já que estão separados. - Trabalhadora: esta característica está patente não só no desempenho das suas funções enquanto conversa com Guida, mas também nas várias

Traços de personalidade	referências que faz ao novo negócio em que está envolvida. - Sentido de justiça: esta particularidade da personalidade de Fátima ganha destaque quando Fátima e Guida dialogam sobre a morte, injustificada, de Quim e sobre a possibilidade de Fátima ter andado o tempo todo a acusar a pessoa errada da morte do irmão.
Objetivos de vida	- Neste episódio, pode conclui-se apenas que a abertura do negócio do pão com Jacinta é um dos objetivos de vida de Fátima.
Linguagem verbal	- “Já sabia Guida” e “soube pelo Guilherme”: são frases que permitem inferir que Fátima é uma rapariga pouco coscuvilheira já que não tem a necessidade de contar a toda a gente aquilo que sabe. “A verdade é que o Dr. Fernando e a Carlota sempre foram muito unidos. Ele nunca se opôs a nada do que ela fez”: esta frase foi dita na conversa com Guida e reforça a ideia de que Fátima é uma mulher perspicaz. - “Será que eu estive todo este tempo a apontar o dedo à pessoa errada?”: esta questão fortalece a ideia de que Fátima é justa. Neste momento, Fátima fica pensativa e vacila perante as suas convicções – até aqui Fátima considerava que Artur tinha sido assassinado por Carlota, mas se Fernando matou Álvaro, mesmo sobre o comando de Carlota, também pode ter matado Artur. - “Achas que estou a ser egoísta?”: esta frase surge no decorrer das inquietações que Fátima apresenta face à aproximação de Sara. Esta questão indica egoísmo e ciúme. - “Oh Guilherme, tu tens a tua vida e eu não quero atrapalhar”: esta frase foi dita quando Guilherme estava em casa da família Neto a propósito da sua ida ao banco formalizar os procedimentos necessários para a abertura do negócio com Jacinta. Esta postura de Fátima traduz sensatez e noção de que não deve incomodar os outros com os seus assuntos. - “Eu sei que não tenho nada de me meter na tua vida”, mas “a Guida disse-me que a Sara veio para ficar”: estas declarações mostram que Fátima é ciumenta e não está confortável com a aproximação da ex-mulher de Guilherme.
Linguagem corporal	- Fátima mantém-se a trabalhar enquanto conversa com Guida: as mãos estão a mexer em farinha e nos utensílios necessários para a sua moagem. Como está a trabalhar a sua postura está mais inclinada para a frente. - Ao falarem sobre a morte do filho de Hortense, Fátima suspira. - Durante a totalidade da conversa com Guilherme, Fátima mostra-se pouco à vontade e retraída. Quando o questiona sobre a presença de Sara na Fraga Pequena, Fátima fica com um ar envergonhado e desconfortável. Fátima desvia o olhar. - Quando Guilherme diz a Fátima que ainda gosta dela, Fátima fica envergonhada, de olhar baixo, sem reação.
Marcas de controlo	- Fátima é uma rapariga que pertence a uma família pouco abastada. Tal pode ser justificado através das roupas que utiliza – simples – do seu meio habitacional e laboral e do seu permanente desempenho de funções laborais – Fátima está sempre a trabalhar ou a pensar no novo negócio.

Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mantêm-se as relações estabelecidas no episódio 220. O destaque vai para a confirmação da separação de Guilherme Botelho.

Tabela 49 - **Análise Protagonistas: 240º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	No episódio 240, Tomás não apresenta qualquer função laboral.
Vestuário	- Quando está em casa, Tomás veste umas calças de ganga e uma camisola grossa com gola.
Meio Habitacional	- Neste episódio, Tomás surge sempre na sua casa, uma habitação moderna, luminosa e ampla – Cenário: Casa de Tomás Folgado (e família).
Traços de personalidade	- Compreensivo: Tomás mostra-se capaz de entender a filha e as suas atitudes, já que aceita com facilidade que Leonor tenha faltado à escola para visitar Domingos. Tomás percebe que Leonor está a passar por uma fase complicada e, por isso, não se apresenta tão exigente. - Preocupado: a situação de Leonor e dos seus pais adotivos é um assunto que deixa Tomás inquieto pois sabe que a filha não está bem. - Atencioso: esta característica manifesta-se quando Tomás questiona Mariana sobre o seu estado de espírito e se oferece para preparar o almoço, denota-se carinho e preocupação. - Sensato e ponderado: estas características ganham espessura na conversa que Tomás tem com Mariana, onde ele a alerta para a sua atitude infantil face ao desaparecimento do anel e às suas acusações contra Anabela. Tomás acha que a sobrinha de Fátima era incapaz de roubar fosse o que fosse.
Objetivos de vida	- Neste episódio, pode concluir-se que o principal objetivo de Tomás é o bem-estar de Leonor.
	- “Faltou à escola?”, “não se preocupe, eu depois falo com ela” e “eu percebi, pela forma como ela entrou, que estava bem e também entendi que ela estava mais descansada por ver que o Domingos também estava bem”: estas três expressões fazerem transparecer as características que definem Tomás como compreensivo e preocupado com a filha. - “A Leonor está a passar por uma fase complicada”: esta expressão traduz compreensão e empatia. - “Vou fazer um almocinho bom para nós, sim?”: esta questão e o ato em si, provam que Tomás é um homem atencioso e cuidador. - “Não há problema nenhum em ela faltar um dias às aulas, já aconteceu a toda a gente”: esta frase é proferida na conversa presencial com Domingos e alude à forme tranquila e compreensiva como Tomás lida com a filha. - “Eu acho que nós, nesta fase, devíamos fazer com que a Leonor estivesse num ambiente o mais normal possível”: esta sugestão feita a Domingos, pode ser vista como um reforço das características que definem Tomás como sensato, atento e compreensivo.

Linguagem verbal	- “Oh Mariana, vá lá. A Anabela é boa miúda, é um bocadinho rebelde, sim, mas não foi educada para roubar” e “Mariana não fales assim, até parece que tens a mesma idade dela”: estas duas frases indicam que Tomás é capaz de analisar com retidão as atitudes de quem o rodeia. Tomás mostra-se incapaz de acusar alguém sem provas e revela ser ponderado e sensato nas suas afirmações e tomadas de posição.
Linguagem corporal	- Enquanto fala ao telefone com Domingos, Tomás mantém-se de pé e com um semblante calmo, mas preocupado. - Quando questiona Mariana sobre o seu estado de espírito, Tomás senta-se ao lado da esposa e coloca as suas mãos sobre as dela. - Tomás sorri quando se oferece para preparar o almoço. - Tomás e Mariana beijam-se. - Tomás recebe Domingos de forma sorridente e descontraída. A personagem de José Mata ri à gargalhada quando Domingos lhe conta que Leonor lhe fez cereais para o almoço. - Quando Domingos sai, Tomás mostra-se pensativo e surpreendido com a conversa cordial que teve com Domingos e com o facto de estarem de acordo com o que devem fazer com Leonor.
Marcas de controlo	- Mais uma vez, e sem indicadores esmagadores, pode inferir-se que Tomás pertence a uma família com posses financeiras através das roupas que utiliza, do local onde habita e da inexistência, permanente, de um trabalho.
Marcas de generalizações	----
Marcas relacionais	- No 240º episódio, Tomás apresenta as mesmas relações que no episódio 220. Note-se contudo, que no episódio em análise, Tomás é casado com Mariana e tem uma melhor relação com os pais adotivos de Leonor.

Tabela 50 - **Análise Protagonistas: 240º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, não é conhecida a profissão de Mariana, embora se conclua que esta trabalha já que diz “não queria nada ir trabalhar”.
Vestuário	- Mariana inicia o episódio um uma camisola branca e um casaco em tons nude. - Quando fala com Tomás sobre a possibilidade de ter sido Anabela a fica com o seu anel, Mariana veste um vestido e um casaco com os mesmos padrões.
Meio Habitacional	- Não é apresentado o meio habitacional de Mariana.
Traços de personalidade	- Preza as aparências: esta característica emana quando Mariana diz a Tomás que quem pode sair mal visto com os comportamentos de Leonor é ele e quando refere que a imagem do grupo está em perigo com o escândalo em que a família se vê mergulhada. - Pragmática: esta característica manifesta-se quando Mariana duvida das boas intenções de Domingos. - Vitimização: apesar de ser um assunto que a deixa visivelmente abalada,

	Mariana coloca-se numa posição mais frágil do que na realidade tem. - Mimada: a forma como Mariana olha para o assassinato do tio, não querendo ver os pais, nem tendo energia para ir trabalhar, aliado à forma como procura o anel que lhe foi oferecido pelo avô, revelam que Mariana é uma rapariga mimada e emocionalmente débil. - Prepotente, rude e ativa: estas três particularidades da sua personalidade manifestam-se na conversa que tem com Tomás sobre o desaparecimento do anel que o avô lhe oferecera. Mariana fala com superioridade sobre a educação (negligente) que é dada a Anabela e não apresenta qualquer pudor em chamar a criança e a sua família de diversos nomes.
Objetivos de vida	- No episódio 240, não se vislumbra um objetivo claro para a vida de Mariana que mereça ser mencionado.
Linguagem verbal	- “Já percebei que a Leonor faltou. Tu tens de ter uma conversa com ela. Ela não pode faltar quando lhe apetece e isso deixa-te a ti mal visto” e “ainda por cima, isto vai pôr em causa a imagem do grupo”: estas frases reforçam a ideia de que Mariana dá uma grande importância ao que os outros possam pensar sobre si, sobre Tomás e sobre os negócios. - “Eu se fosse a ti tinha muito cuidado com esse Domingos. Ele hoje até te pode ter ligado, mas mais tarde ele vai utilizar todas as falhas do mundo contra ti”: esta declaração de Mariana revela que está preocupada com Tomás e que vê as coisas de forma pragmática. - “Estou péssima”: esta frase é indicativa do estado de espírito da personagem, sendo que a continuidade desta frase acarreta uma certa vitimização – “é mau demais”, “não me quero cruzar com os meus pais”. - “Ainda por cima perdi o anel que o meu avô me deu”: esta frase, pelo tom em que foi proferida, revela que Mariana é muito mimada e infantil. - “Obrigada amor. Tenho o melhor marido do mundo”: esta frase mostra o quanto Mariana ama Tomás. - “Se eu te estou a dizer que eu vi o anel nas mãos da idiota da Anabela é porque só pode ter sido ela a levá-lo”: esta frase é proferida em modo e em tom acusatório. Esta declaração revela prepotência, altivez e superioridade moral por parte de Mariana. - “Mas o que é que tu sabes sobre a educação dela? (...) é irritante e mal educada (...) é o que dá fazerem-lhe as vontades todas”: mais uma vez, esta frase é dita com rudeza, frieza e pouca empatia. Mariana mostra-se pouco sensata e respeitadora, com nuances que a aproximam de comportamentos infantis e mimados. - “Ou então levou o anel à tia Fátima que a educou tão bem, não é Tomás?”: esta é a pergunta retórica que visa provocar e magoar Tomás. Mariana manifesta ciúmes e dá a entender que considera que Tomás só está a defender Anabela por ela ser sobrinha de Fátima. - “Neste momento, a minha maior preocupação é a minha mãe”: esta expressão alude ao amor e dependência emocional que Mariana tem em relação a Carlota.
	- Quando aborda Tomás sobre as faltas de Leonor, Mariana senta-se no

Linguagem corporal	sofá. - No momento em que Mariana e Tomás conversam sobre o problema familiar que atravessam, Mariana coloca a cabeça para baixo e o olhar no chão, visivelmente desiludida e triste. - Enquanto conversam, Mariana procura o anel perdido numa caixa de joias que traz consigo. - Mariana e Tomás beijam-se. - Quando fala sobre o desaparecimento do anel, Mariana gesticula muito: os gestos acompanham o exagero do discurso que tem.
Marcas de controlo	- O facto de as maiores preocupações de Mariana, neste episódio, serem o que se vai dizer da sua família e o anel que lhe foi oferecido pelo avô, revela uma certa futilidade da personagem. Tal inferência acompanhada pelas roupas que utiliza, pela quantidade de joias que tem no seu baú (perceptíveis quando procura o anel) e pelo facto de poder decidir se e quando vai trabalhar (“não me apetece ir trabalhar”) são justificativas que levam a considerar que Mariana pertence a uma família com poderio financeiro.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho e sobrinha de Carmo e Álvaro Pereira Espinho. Destaca-se que, neste episódio, Mariana está casada com Tomás Folgado.

Tabela 51 - **Análise Protagonistas: 240º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, conclui-se que Carlota é a maior acionista do grupo Pereira Espinho.
Vestuário	- Neste episódio, Carlota utiliza umas calças cor-de-rosa, de fato, uma blusa branca e um colar.
Meio Habitacional	- Não é apresentado o meio habitacional de Carlota, apenas o local de trabalho – Cenário: escritório do hotel.
Traços de personalidade	- Vingativa: na conversa com Sebastião fica claro que o principal objetivo de Carlota é vingar-se de Fernando. - Ambiciosa, egocêntrica e calculista: Carlota não olha a meios para atingir os seus fins e isso manifesta-se na forma despreocupada com que olha para os “danos colaterais” que as suas ações provocam. - Poderosa e controladora: Carlota põe e dispõe da vida de Carmo e Manuel, conforme os seus interesses, já que ela é a acionista com mais poder no grupo Pereira Espinho. Para além disso, Carlota tem Sebastião nas suas mãos. - Provocadora e ativa: a forma como Carlota aborda Carmo e Vitória no hotel justifica a atribuição destas características à personagem de Sofia Alves.
Objetivos de vida	- O episódio 240 não deixa margens para dúvidas: o principal objetivo de Carlota é destruir a vida de Fernando.

Linguagem verbal	- “Quero fazer o Fernando sofrer” e “achas mesmo que eu ia deixar que o Fernando me fizesse passar pela pior vergonha da minha vida e ficava impune” são frases indicativas de que Carlota é uma mulher vingativa. - “Eu não me lembrei que estavas envolvido no plano, nem me lembrei que a Hortense sabia. Paciência” e “Foi um dano colateral. Tu, o Álvaro, o Quim, paciência. É a vida”: estas frases denotam a ambição desmedida de Carlota e reforçam a ideia de que ela é egocêntrica e pouco empática ou preocupada com quem a rodeia. - “Estás feliz por perceberes que o teu príncipe encantado se transformou num assassino? É melhor que transformar-se num sapo. Agora tens de levar essa criatura que tens na barriga à prisão para lhe apresentares o pai”: diz Carlota a Vitória. Estas declarações são enunciadas em tom de provocação e têm como objetivo magoar a pessoa a quem se dirigem. - “Amanhã quero-te fora do hotel, caso contrário, começam a pagar estadia, tu e o teu marido, claro”: esta frase denota provocação e reforça a ideia de que Carlota é uma mulher de poder, capaz de pôr e dispor da vida de todos. - “Quero-te fora da administração do hotel e o Manuel está despedido – é que eu estou farta de aturar incompetentes e trapalhões”: esta frase personifica o poder de Carlota, alude à sua capacidade provocatória e emana vingança já que Carlota quer deixar a família de Fernando no estado mais débil possível. A altivez e a superioridade que julga possuir também se manifestam nestas palavras.
Linguagem corporal	- Durante toda a conversa com Sebastião, Carlota mostra-se sorridente, despreocupada e satisfeita com o sucedido. - Quando se dirige ao quarto de hotel para falar com Vitória e Carmo, Carlota está sorridente, radiante, com ar de satisfação e leveza. Durante toda a conversa, Carlota mantém uma mão na cintura. - Antes de sair e de dizer “tenham um bom dia”, Carlota ri irónica e altiva.
Marcas de controlo	- Carlota é uma mulher rica e poderosa. É ela quem manda no hotel e gere os seus hóspedes e distribuição de dividendos. Associados a isto, há a considerar as roupas requintadas e as artimanhas utilizadas para prejudicar a vida dos outros, características comumente associadas a pessoas de poder.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é a mãe de Mariana e está separada de Fernando Pereira Espinho. Carlota foi cunhada de Carmo e Álvaro Pereira Espinho.

260º Episódio

O episódio 260 tem início com uma recapitulação de uma das cenas do episódio anterior. Nesta, surgem Fátima Neto, Ivone Roque Courela e Carlota Pereira Espinho. Os temas da discussão são: a perda de um cliente importante da queijaria de Carlota para Fátima e a relação familiar das duas. Fátima é sobrinha de Carlota e quer reclamar a herança.

O episódio 260 propriamente dito, começa com um *flashback* de uma festa que ocorreu no hotel e que teve como anfitriã Carlota. Ao ver que Fátima e Carmo Teles de Arriaga entram no hotel, Carlota - que está no palco a apresentar o evento - exige a um dos funcionários que as expulse. Ao ouvir isto, Carmo interrompe e avança que, tanto ela como Fátima, são herdeiras de Augusto Pereira Espinho, tendo direito a estar ali. Fátima confirma que é neta e herdeira do patriarca dos Pereira Espinho e que vai reclamar tudo o que é dela por direito. Carlota ainda tenta descridibilizá-la, mas Fátima aniquila-la ao dizer que Carlota sempre soube de tudo, tendo evitado que ela tivesse direito à herança. Fernando Pereira Espinho entra e aplaude e Carlota olha-os com raiva e sai. Estas imagens mostram ainda Tomás a elogiar o *look* de Fátima e a mostrar a sua felicidade por esta ter marcado o seu lugar.

Zezinha e Guida Grilo conversam sobre o que aconteceu no hotel e consideram que foi bem-feita a forma como a situação foi exposta. A tia de Guida diz-lhe que vai vender os diamantes – que sempre estiveram escondidos em sua casa. Guida não concorda e diz-lhe que é perigoso, mas Zezinha reitera que ficarão ricas e que sabe o que faz. Perante a saída da tia, Guida liga a Tó Zé Grilo que, por sua vez, telefona à tia para saber do seu paradeiro. A tia mente-lhe e diz que está a ir para a fábrica de burel. Contudo, as imagens demonstram que Zezinha está a caminhar para outro lado e está a ser seguida por alguém. Algumas cenas depois, num lugar na serra, perto de um rio, está Zezinha à espera pelo comprador dos diamantes. Quando lhos entrega, este percebe que falta um e aponta-lhe uma arma. Zezinha tenta fugir, mas não consegue e acaba por dizer que é Remy quem o tem e que está hospedado no hotel. É nesse momento que chega Remy. Ele conta que vendeu a pedra preciosa que falta e que chamou a polícia. O criminoso quer levar Zezinha consigo, mas Remy oferece-se para ir no lugar dela. Quando começam a fugir, e já de costas, Zezinha acerta com uma pedra na cabeça do criminoso que cai no chão. Contudo, este não fica inanimado e levanta-se entrando numa luta com Remy, que conseguiu apanhar arma que o traficante de diamantes trazia. No final da cena, é possível ver-se o criminoso a cair dentro de água, morto. Jacinta, Tó Zé e Guida estão em casa, apreensivos com a falta de notícia da tia. Nesse momento, Remy liga para Jacinta e Tó Zé que, por ser ele, não querem atender. Guida toma a iniciativa e atende a chama e fica a saber do sucedido. Os três irmãos vão ter com os familiares à serra.

Já Mariana Pereira Espinho esta desagrada com a reportagem que saiu sobre a família, mas Tomás reitera que é normal que o tema do momento seja a nova herdeira dos Pereira Espinho. A filha de Carlota vira-se contra o marido, dizendo que a sua ajuda teria sido necessária, avançando que ele poderia ter ajudado a expulsar Fátima. Tomás afirma que ele não poderia fazer nada e que elas se colocaram a jeito. Mariana dirige algumas acusações a Fátima e à sua família, considerando ainda que Tomás perde a noção quando

se fala nela. Algumas cenas depois, na loja de desporto, Mariana anuncia a Tomás que vai passar o dia com a mãe a Lisboa.

Na casa da família Neto, Silvério, Fátima e Guilherme Botelho falam sobre o mesmo. Embora o pai não esteja completamente de acordo, Fátima pede ajuda a Guilherme para reclamar, em tribunal, aquilo que é seu por direito. Fátima diz estar farta das humilhações de Carlota e Mariana e adianta que quer justiça. Segundo Fátima, a maior lição que “as espinhosas” podem ter é ter de dar muito dinheiro a Anabela. Esta é uma forma de vingar o irmão e de a família ter dinheiro para recuperar e reerguer o negócio da queijaria. Algumas cenas depois, já no moinho, Carlota visita Fátima e ameaça-a dizendo que se ela avança com o pedido da herança lhe arruinará a vida e será implacável. Fátima responde com firmeza que vai lutar pelo que é seu, não tendo medo da tia. A protagonista vai mais longe e questiona a vilã se a matará como fez com Artur Neto.

Na fábrica de burel, o tema de conversa entre Aida Folgado e Tomás é a festa. Tomás confessa à mãe que Mariana já sabia, há algum tempo, que era prima de Fátima, mas não disse nada. Nesse momento, o telemóvel de Tomás toca, mas não se sabe quem é. O irmão de Gustavo liga a Fátima que rejeita e desvaloriza o contacto. Cenas depois, Tomás aparece no moinho. Tomás conta a Fátima que contratou a inspetora que trabalhava na PJ com Cristina Borges, depois de as ter visto e ouvido conversar na padaria. Avança que a detetive conseguiu apurar a localização do médico legista que falsificou a autópsia de Artur e que já mandou a inspetora para lá. Perante o que ouve, Fátima fica indignada e diz a Tomás que ele não tinha de se meter e que lhe pagará tudo, até ao último cêntimo. Tomás lamenta e diz que apenas tentou ajudar e que se tiver novidades a avisa. Fátima pergunta porque é que fez aquilo. Tomás responde que o fez porque a ama e não a quer ver sofrer e avança que se meterá na vida dela sempre que necessário para a ajudar. Tomás acaba por beijar Fátima.

Neste episódio, fica a saber-se que Rosalinda Nunes ainda está hospitalizada e que, embora Leonor Barros a queira visitar, Rosalinda não quer que a filha a veja tão fragilizada. Sabe-se, também, que a padaria promove uma *happy hour* do pão de forma a evitar o desperdício alimentar. Contudo, tal iniciativa não é bem vista por Jacinta Grilo que diz estar a perder clientes. Salvador Teles de Arriaga e Jacinta têm mais um arrufo. Já Nicolau Roque Courela tem consultas de psicologia, onde visa superar os seus medos. No entanto, nestas, a profissional de saúde insinua-se ao utente, que se mantém fiel a Guida. Já Sebastião e Guilherme Botelho discutem, já que estão em lados opostos da defesa no caso da familiaridade entre Fátima e Carlota. O pai acusa o filho de trabalhar por solidariedade e de nunca vir a ser ninguém de renome.

Nota: Na análise que se segue o *flashback* inicial será analisado, não só porque está vertido no meio do episódio 260, mas também porque constitui um importante avanço narrativo.

Tabela 52 - **Análise Protagonistas: 260º episódio – Fátima Neto**

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	As imagens do episódio 260, permitem inferir que Fátima produz farinha e queijo.
Vestuário	- No <i>flashback</i> apresentado, Fátima utiliza um vestido comprido, com detalhes em renda. Embora use o cabelo solto, este encontra-se arranjado. Fátima traz consigo uma carteira tira colo. - Quando conversa com o pai e Guilherme, Fátima veste uma camisola e uma camisa aberta, por cima. - No moinho, Fátima mantém a roupa que utilizou na cena anterior, contudo o cabelo está apanhado.
Meio Habitacional	- Neste episódio, é apresentada a casa de Fátima e o seu local de trabalho. Ambos os cenários são pouco modernos e luminosos – Cenário: Casa de Fátima Neto (e família) e Moinho.
Traços de personalidade	- Justa / Vingativa: a morte do irmão torna Fátima em alguém que deseja, simultaneamente, fazer justiça – e daí querer descobrir quem foi o seu assassino – e vingar-se. Neste caso, a vingança que Fátima leva a cabo passa por assumir, perante todos, que é uma Pereira Espinho e que, por isso, quer a sua parte da herança. - Determinada e decidida: a forma como Fátima expõe a sua familiaridade e a forma como expõe a Guilherme e a Carlota os seus motivos para a reclamação da herança, reforçam estes traços de personalidade. - Destemida: Fátima enfrenta, neste episódio, Carlota por duas vezes. Fátima sem receio e acusando-a de vários crimes. - Provocadora: a maneira como Fátima revela que é neta de Augusto Pereira Espinho e o modo como fala com Carlota, no moinho, são indicadores que provam que Fátima tem gosto em colocar a rival numa situação desconfortável e irritada. - Orgulhosa: esta característica manifesta-se na conversa com Tomás já que, embora a ajuda deste seja preciosa, ela mostra-se desagradada pelo facto de Tomás se ter metido na sua vida, uma vez que já não mantém um relacionamento consigo.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Fátima é recuperar o que é seu por direito de forma a garantir não só uma folga financeira para a família, mas também porque se consegue vingar e fazer justiça pela morte do irmão.
	- “Sou neta e herdeira”: esta frase reforça a ideia de que Fátima é justa, destemida e luta pela verdade. Para além disso, sublinha o seu carácter provocador e desestabilizador. - “Vou lutar por tudo o que é meu por direito”: esta expressão destaca a

	forma determinada e decidida como Fátima age, aludindo também à sua veia de justiça. - “Quer falar sobre intenções? Vamos falar sobre intenções”: esta frase emana provocação. - “A Carlota sempre soube que eu era herdeira do Augusto Pereira Espinho e fez disto segredo para me prejudicar a mim e à minha família. Sim, porque eu não sou a única herdeira. A Anabela, filha do meu irmão Artur, que muito possivelmente morreu às mãos desta mulher, também é herdeira”: estas declarações resumem a totalidade da situação em análise. Fátima mostra-se provocadora, mas movida pela justiça e pela retidão. O objetivo de Fátima passa, em parte, por humilhar Carlota em frente a todos. - “As espinhosas não só nos negaram o que era nosso por direito, como fizeram questão de nos tirar o pouco que tínhamos. E, para além disso, eu preciso do dinheiro para o negócio”: esta frase denota praticismo e sentido de justiça. - “Tu queres melhor forma de vingar a morte do Artur do que obrigar aquela gente a dar uma batelada de dinheiro à Ababela?”: esta questão, retórica, reforça a ideia de que Fátima quer vingar-se, fazer sofrer e humilhar a tia. - “Sou neta do Augusto Pereira Espinho, o homem que ajudou a matar”: diz Fátima a Carlota quando esta a visita no moinho. Esta frase reforça a ideia de que Fátima é provocadora e destemida pois, enfrente sem receios Carlota – uma mulher, que pelo que a própria Fátima diz, é capaz de matar. - “Muito bem, eu também vou dar-lhe um aviso, então. Eu só vou descansar quando eu e a minha sobrinha Anabela tivermos aquilo que é nosso por lei”: esta frase sublinha a forma provocatória como Fátima se dirige à tia e reforça o seu sentido de justiça e determinação. - “Senão, o quê? Faz o que fez ao meu irmão e mata-me?”: esta questão revela que Fátima é uma mulher perspicaz, determinada, destemida e provocadora – diz o que pensa sem medos. - “Vamos ver quem cai primeiro tia”: esta frase destaca as características que definem Fátima como provocadora e vingativa. - “Mas o que é que é assim tão importante que não pode esperar, eu estou ocupada, Tomás”: esta frase foi dita com rudeza a Tomás e é indicativa que Fátima é uma mulher trabalhadora e orgulhosa pois compreende-se que ela não quer falar com Tomás, independentemente do motivo. - “Tomás, tu não devias ter feito isso. Era o que me faltava, agora vou ficar a dever-te esse dinheiro”, “aquilo vai ser o trabalho, as viagens, as despesas, vai ser uma fortuna” e “vou pagar-te até ao último cêntimo”: estas três expressões mostram que Fátima é uma pessoa orgulhosa, que não gosta de ficar a dever nada a ninguém. A forma indignada como fala pode também transmitir teimosia e falta de gratidão para com Tomás. - “Eu não quero favores teus” e “não te metas na minha vida” são

Linguagem verbal	expressões que traduzem a forma orgulhosa e sentida como Fátima lidou com a situação.
Linguagem corporal	- Fátima entra no hotel, segura e sorridente. - Quando confirma que é neta e herdeira do falecido Augusto Pereira Espinho, Fátima cruza os braços. - No momento em que responde a Carlota, Fátima mantém os braços cruzados, olhar fixo na rival, mas o seu tom de voz vai-se esbatendo. - Perante os elogios de Tomás, Fátima desvia o olhar e sorri, com ar envergonhado. - Quando Silvério e Guilherme comentam que Fátima parecia uma figura pública na revista, Fátima ri. Durante a conversa, Fátima mantém-se tranquila, mas o seu tom de voz transparece indignação. - No momento em que Carlota vai ao moinho, Fátima encontra-se a trabalhar na moagem da farinha. - Durante a conversa com Carlota, Fátima mantém-se de pé, em frente à rival. O diálogo é todo realizado olhos nos olhos e Fátima mantém um semblante irónico. Quando Fátima avisa Carlota que vai lutar pelo que é seu, cruza os braços e inclina-se, ligeiramente, para a frente. - Embora se mantenha controlada, quando Fátima toca na morte do irmão, a sua postura muda e fica mais irritada e raivosa. - Para expulsar Carlota do moinho, Fátima recorre a um utensílio que usa no seu ofício: uma espécie de pá. - Quando Carlota sai, Fátima respira fundo. - Ao ver Tomás no moinho, Fátima coloca as mãos na cintura e o seu semblante é de questionamento e indignação pela sua presença ali. - Com o desenrolar da conversa com Tomás, Fátima mostra-se pensativa, confusa e chocada. Fátima está visivelmente desagrada com a atitude do ex-namorado. - No momento em que Fátima questiona Tomás sobre a razão que o levou a ter aquela atitude, o casal olha-se nos olhos intensamente. Tomás beija-a.
Marcas de controlo	- Fátima pertence a uma família com poucas possibilidades financeiras e isso pode ser justificado através das roupas que utiliza, da habitação onde reside, dos vários empregos que possui e da necessidade – parte dela financeira – que a leva a reclamar a herança a que tem direito (“tiraram-nos o pouco que tínhamos”). A herança que receberá ajudará a recuperar o negócio da família. O facto de Fátima considerar que os gastos com a inspetora são “uma fortuna” ajuda a reforçar o explanado.
Marcas de generalizações	---
	- Neste episódio, apresentam-se avanços desta índole. Fátima é filha de Silvério Neto, irmã de Artur Neto e tia de Anabela Neto. Para além disso, é sobrinha de Elvira Roque Courela, Rosalinda Roque Nunes e Domingos Nunes e de Paula Neto. Por conseguinte, é prima de Fausto, Ivone e Nicolau Roque Courela e de Leonor Barros. Acrescenta-se no episódio em análise que Fátima é neta de Augusto Pereira Espinho, logo sobrinha de

Marcas relacionais	Fernando e Carlota Pereira Espinho, Carmo e Manuel Teles de Arriaga. Por inerência, Fátima torna-se prima de Mariana Pereira Espinho e Salvador Teles de Arriaga. No episódio 260, Fátima não tem qualquer relacionamento amoroso.

Tabela 53 - **Análise Protagonistas: 260º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	Neste episódio, Tomás surge a trabalhar na loja de desporto. Ao que tudo indica, Tomás faz os agendamentos e acompanha os hóspedes à prática de atividades desportivas de inverno na Serra da Estrela.
Vestuário	- No <i>flashback</i> , Tomás utiliza um fato. - Aquando da conversa com Mariana, na casa dos Folgado e na loja de desporto, Tomás veste umas calças, uma camisola branca e uma jaqueta. Este vestuário é o mesmo que Tomás utiliza nas restantes cenas em que entra no episódio 260.
Meio Habitacional	- No episódio 260, é possível conhecer a casa de Tomás e o local onde trabalha. Ambos cenários têm traços de modernidade, são espaçosos e luminosos – Cenário: Casa de Tomás Folgado (e família) e loja de desporto hotel.
Traços de personalidade	- Sensatez e retidão: estas características manifestam-se sempre que Tomás revela o seu desacordo face ao que a família Pereira Espinho fez em relação a Fátima. - Preocupação: Tomás demonstra ser um rapaz preocupado com o irmão e com Fátima, questionando várias vezes sobre o seu bem-estar e necessidade de cooperação. - Sentido de justiça: este traço de personalidade ganha relevo na conversa com Fátima visto que Tomás deseja colaborar na descoberta da verdade no que concerne à morte de Artur. - Responsável e consciente: Tomás diz, por mais que uma vez, que ajudar Fátima e contratar um detetive era “o mínimo” que poderia fazer. Tal deve-se ao facto de Tomás ter consciência e noção que ter encoberto o irmão foi um erro – Tomás sabia que Gustavo esteve envolvido na morte de Artur e não contou nada. Neste episódio, Tomás manifesta vontade em retificar o erro. - Sinceridade amorosa questionável: embora esteja casado com Mariana, a forma como estes se relacionam é pouco cúmplice e apaixonada, havendo mesmo momentos em que Tomás a quer “despachar”. Para além disso, e embora esteja comprometido, tal não o impede de beijar Fátima.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Tomás é ajudar Fátima a descobrir a verdade sobre a morte do irmão.
	- “Em primeiro lugar estás lindíssima e em segundo lugar, és a alma da festa. Fico feliz que tenhas conseguido ganhar o teu lugar”: estas frases traduzem, em simultâneo, o apreço, carinho e amor que Tomás nutre por Fátima e o seu sentido de justiça.

Linguagem verbal	- “Tens de compreender que uma nova herdeira da família Pereira Espinho é notícia”: esta frase alude à sensatez e clarividência que caracterizam Tomás. - “Eu não ia expulsar ninguém, Mariana. Vocês é que guardaram segredo de uma coisa muito importante e se colocaram nessa posição”: esta frase é indicativa de que Tomás é frontal, reto e justo. Tomás é capaz de discernir aquilo que é ou não correto, em cada situação, mesmo que isso implique estar contra a esposa. - “Vais sozinho?” e “tem cuidado” são coisas que Tomás diz a Gustavo, quando este lhe diz que vai dar uma volta à serra e que denotam preocupação. - “A Mariana e a mãe é que ficaram furiosas, mas também meteram-se a jeito, não é?”: esta pergunta, tida aquando da conversa com Aida, reforça a ideia de que Tomás é um homem sensato e consciente. - “O médico legista – que falsificou a autópsia do teu irmão – tenho informações sobre ele”, “segundo o detetive, o gajo esta no Vietname. Ele entrou mas não saiu, pelo menos com o mesmo passaporte” e “já mandei para lá a inspetora”: são expressões que traduzem o empenho que Tomás colocou nesta “missão”. Denotam que Tomás é preocupado com quem o rodeia, visando sempre ajudar no que consegue. - “Ouve, isto era o mínimo que eu poderia fazer. Eu cometi um erro e estou a tentar emendá-lo”: esta frase reforça as características que definem Tomás como responsável e consciente. - “Porque é que tens de ser tão teimosa?”: esta frase expressa a tristeza que Tomás sentiu ao compreender que a sua iniciativa não foi bem aceite. - “Pensei que ias gostar de saber, mas afinal não” e “desculpa ter-me metido na tua vida”: são frases que manifestam a desilusão da personagem e que evidenciam o respeito que Tomás tem por Fátima. - “Porque te amo. Porque me custa ver-te sofrer. E sim, meti-me na tua vida e voltava a meter-me. É o mínimo que posso fazer porque te amo, desde o primeiro dia em que te vi”: esta frase é uma incontestável declaração de amor a Fátima e que vem provar que Tomás não é verdadeiro com Mariana. Tomás é, e sempre foi, apaixonado por Fátima, fazendo - estando ou não juntos - qualquer coisa por ela.
	- Quando Tomás aborda Fátima, no <i>flashback</i>, está sempre com um sorriso nos lábios e com um olhar de orgulho. - Tomás aproxima-se do computador para ver a reportagem que saiu. O resto da conversa com Mariana é tido de pé e sem grande expressividade. - Na loja de desporto, Tomás mantém-se concentrado no computador e nuns papéis enquanto fala com Mariana. O ar de Tomás revela desvalorização e desinteresse. O casal não se despede, nem com um beijo, nem com um abraço, mesmo Mariana indo para fora – falta de cumplicidade. - Depois de Aida dizer que “a Fátima foi a rainha da festa”, Tomás ri. - Quando critica Mariana e confessa que a esposa já sabia de toda a

Linguagem corporal	verdade, Tomás mantém os braços cruzados e ar de incredibilidade e desacordo. - O telemóvel de Tomás toca e este fica pensativo e sem reação. - Quando conta a Fátima as suas descobertas e a iniciativa que teve, Tomás gesticula bastante (movimentos de explicação) e inclina o corpo para a frente. Tomás dialoga com os olhos muito abertos. - Perante o desagrado e as palavras de Fátima, Tomás mostra-se triste e desiludido – cabisbaixo, refugia o olhar no chão. - Quando diz a Fátima que está a ser teimosa, Tomás bate com as mãos nas pernas, como sinal de “para”, “já chega”, “aceita”: - Tomás beija Fátima.
Marcas de controlo	- Tomás é um homem com possibilidades financeiras, justificadas pelas roupas que utiliza, local onde habita, emprego que mantém e facilidade que possui em contratar detetives para solucionar problemas. Tomás não olhou ao montante para ajudar Fátima.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tomás é filho de Aida e Moisés Folgado e irmão de Gustavo Folgado. É pai de Leonor Barros, marido de Mariana Pereira Espinho, mas apaixonado por Fátima.

Tabela 54 - **Análise Protagonistas: 260º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Não é possível fazer considerações desta génese.
Vestuário	- Mariana utiliza uma camisola branca e um casaco cinza por cima. O casaco está apertado e faz de vestido.
Meio Habitacional	- Não é possível fazer considerações desta génese.
Traços de personalidade	- Defensora e preocupada com a mãe: neste episódio estas características ganham expressividade visto que fica a saber-se que Mariana não só sabia toda a verdade, como compactou com o segredo da mãe e defendeu-a, mesmo perante as indignações apresentadas por todos. - Ciumenta/insegura: a forma como Mariana fala de Fátima e da forma como Tomás a protege revela que a filha de Carlota não se encontra segura na relação, vendo em Fátima a sua principal rival. - Altiva: esta característica exacerba-se na forma como Mariana fala das pessoas – “esta Alcina”, “a farinhenta” ou “aquela gente”.
Objetivos de vida	- Não é possível vislumbrar um objetivo claro de Mariana neste episódio. Sabe-se apenas, que Mariana subscreve o que a mãe defende.
	- “Esta Alcina está cada vez mais estúpida, que raio de reportagem é esta”: esta expressão demonstra que Mariana se considera superior aos demais e que não concorda com o que fizeram à mãe no evento. - “A minha mãe deve estar arrasada. Um evento tão especial, estragado por aquela farinhenta”: esta expressão traduz a preocupação que Mariana tem pela mãe e o repúdio que sente por Fátima.

Linguagem verbal	- “Queria que tivesses ajudado a expulsar a Fátima, por exemplo” e “realmente, cada vez que se fala daquela palavra, perdes a noção”: estas expressões revelam que Mariana tem ciúmes de Fátima e mostram que ela é perspicaz pois já compreendeu a postura e posição do marido. - “A minha mãe está muito em baixo”, “uma coisa de mãe e filha” e “vai ser bom para todos”: são expressões que Mariana profere na conversa com Tomás e que demonstram que ela se preocupa com Carlota.
Linguagem corporal	- Mariana está sentada a ver a reportagem no computador. O diálogo que estabelece com Tomás é exaltado. O seu semblante acompanha o discurso. Mariana está irritada e possessa. - Na loja de desporto, Mariana mantém-se de pé, observando Tomás, mas um pouco afastada dele. O semblante de Mariana emana tristeza e preocupação. O casal não se despede, com nenhuma forma de cumprimento, quando esta diz que vai a Lisboa com a mãe – falta de cumplicidade.
Marcas de controlo	- Mariana é uma mulher que pertence a uma família de poder. Tal pode ser justificado pelo facto desta (Mariana e Carlota) não querer partilhar a herança com mais ninguém -preservação da riqueza e do património – e pelas roupas que utiliza.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho e esposa de Tomás Folgado. Por conseguinte, é sobrinha de Carmo e Manuel Teles de Arriaga e prima de Salvador. Mariana é nora de Aida e Moisés Folgado e cunhada de Gustavo. Com as revelações feitas no episódio, Mariana torna-se prima de Fátima e Artur Neto, já que têm o mesmo avô, Álvaro Pereira Espinho.

Tabela 55 - **Análise Protagonistas: 260º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, observa-se que Carlota gere o hotel da Fraga Pequena, promove e dinamiza eventos. Para além disso, as imagens iniciais, permitem perceber que a mãe de Mariana mantém o negócio do queijo em sua posse.
Vestuário	- No <i>flashback</i>, Carlota utiliza um vestido comprido, azul bebé, com mangas balão. Carlota tem o cabelo apanhado e bem penteado. - Quando vai ter com Fátima ao moinho, Carlota utiliza uma camisola branca, um casaco de penas castanho, um colar e uma carteira de mão.
Meio Habitacional	- Não é possível fazer considerações sobre o local onde Carlota mora. Neste episódio fica a conhecer-se apenas o <i>lounge</i> do hotel que gere – Cenário: <i>lounge</i> do hotel.
Traços de personalidade	- Superioridade e altivez: estas características brotaram quando Carlota, aquando do evento, ordenou a expulsão de Fátima do hotel. Este traço de personalidade saiu reforçado, também na cena em que dialoga com Fátima e onde se insinua superior à queijeira, com mais poder.

	- Poderosa: Carlota ameaça, mais do que uma vez, Fátima, aconselhando-a a desistir da herança já que Carlota será “implacável”. O poder de Carlota assume-se de tal forma que ela reitera ser capaz de lhe arruinar o negócio e a vida. - Controladora e egoísta: estas características surgem subliminarmente neste episódio pois, é implicitamente perceptível, que Carlota não revelou o segredo da família pois queria ter sob a sua posse toda a riqueza e negócios do grupo. - Combativa e ameaçadora: tanto no hotel, como no moinho, Carlota apresenta-se como uma mulher que não fica sem resposta, contra-argumentando e reagindo a todas as provocações.
Objetivos de vida	- No episódio 260, conclui-se que o principal objetivo de Carlota é garantir que ninguém acede à fortuna da sua família.
Linguagem verbal	- “Mas o que é que aquela farinhenta está aqui a fazer?": esta questão traduz, não só a revolta e repúdio que Carlota sente em relação a Fátima como alude a um certo grau de superioridade e poder. Carlota manda no hotel e por isso, decide quem está ou não no evento que organiza. - “Só uma pessoa mal intencionada como tu e cheia de fel é que se atreve a vir a um evento destes e prejudicar a empresa”: esta frase denota que Carlota sentiu a necessidade de se defender e de contra-atacar. - “Quem é que tu pensas que és para ires ao meu hotel e fazeres aquela figura?": esta pergunta dirigida a Fátima revela superioridade e poder. - “Se te atreveres a ir para tribunal por causa da tua pertença herança, conta com uma oposição implacável (...) não verás nada do que é meu e da Mariana”: esta frase transborda poder, controlo, possessividade e ameaça, características definidoras de Carlota. - “Tu não sejas ingénua, tu sai do meu caminho antes que seja tarde mais”: esta frase funciona como um aviso, uma ameaça e acarreta provocação e maldade.
Linguagem corporal	- No palco, Carlota inicia o seu discurso com um sorriso no rosto. Porém, quando avista Fátima o seu semblante muda. Carlota fica irritada e com um olhar de fúria. - No momento em que Carmo, revela o segredo da família Pereira Espinho, alusivo à familiaridade de Fátima, Carlota fica em choque. Os olhos ficam muito abertos e transmitem surpresa. - Perante as afirmações da filha de Silvério, Carlota desce do palco, não faz declarações e sai, aparentemente, calma. - No moinho, Carlota mostra-se irritada. Carlota está, nitidamente, a fazer um esforço para estar controlada, mas por vezes o seu tom de voz e o seu semblante resvalam para a irritabilidade. O olhar de Carlota revela fúria e revolta.
Marcas de controlo	- As roupas que utiliza, o evento que promove, o cargo que ocupa, o poder e controlo sobre a vida dos outros que demonstra ter e a “proteção” da fortuna da família são indicadores que provam que Carlota é uma mulher rica.

Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho e está divorciada de Fernando, por conseguinte, dissolvem-se os parentescos que daí advinham. Neste episódio fica a saber-se que é tia de Fátima e Artur Neto, embora por afinidade.

280º Episódio

Nas imagens referentes ao capítulo anterior, pode-se observar que Fernando Pereira Espinho e Vitória Castro estão num apartamento e que Carlota Pereira Espinho toca à campainha. O discurso de Carlota é provocador e recai sobre o julgamento onde Fernando é arguido e que se realizará no dia seguinte. Carlota está convencida que Fernando vai preso pela morte do irmão, Álvaro Pereira Espinho, e que aquela será a sua última noite em liberdade. Apesar de não entrar, Carlota apercebe-se que Vitória está em casa, o que gera mais provocações.

Já durante o episódio, Fernando é absolvido da morte do irmão Álvaro Pereira Espinho. O vídeo que Fernando retirou do cofre de Carlota provou a sua inocência. O pai de Mariana Pereira Espinho ficou apenas condenado a três anos de pena suspensa por ofensas à integridade física do irmão. Perto do final do episódio, Fernando chega a casa e conta a Vitória que foi ilibado das principais acusações e os dois celebram.

Na fase inicial do episódio, no moinho, Guida Grilo convida Fátima Neto para ser sua madrinha de casamento, uma conversa que culmina nas relações e sonhos da protagonista. No corredor do hotel, Guida e Nicolau Roque Courela falam sobre o casamento. Nicolau sugere a Guida convidarem o rancho para atuar no copo de água. Contudo, Guida não concorda e diz querer algo mais sofisticado e garante que tratará de tudo. Nesse momento, passa Tomás Folgado a quem Guida conta que vai casar. Nicolau sugere a Guida que escolha Tomás para padrinho, mas Guida recusa. Diz que não quer ninguém da família dos Pereira Espinho no seu casamento (e Tomás está casado com Mariana), já para não falar que não faria tal coisa à melhor amiga. Tomás felicita-os e diz compreender.

Na padaria, Fátima e Fausto Roque Courela conversam sobre o casamento de Nicolau e Guida e falam sobre os medos e as inseguranças do noivo. Alcina, que está no local, aborda Fátima sobre o médico legista, mas Fátima prefere não comentar. A filha de Silvério Neto afirma apenas que pode ser notícia que a queijaria “Vale da Fraga” voltou para a família Neto e que a qualidade está garantida. Um rapaz que está no local pede a Fausto a localização da queijaria de Fátima. É perceptível que, embora ele diga que quer levar

queijos para Lisboa, quer segui-la devido às fotografias que circulam na *internet* onde Fátima surge nua – trata-se de uma montagem feita por Mariana.

O julgamento é também tema de discussão entre Carlota e Sebastião Botelho. O advogado conta a Carlota que Fernando foi absolvido e que apenas foi condenado por crimes menores. Explica que para isso contribuiu o vídeo de videovigilância que Carlota tinha guardado no cofre do banco. Esta, percebe que foi Mariana quem deu as imagens a Fernando. Para além disso, Sebastião explicita que os processos em que Carlota está envolvida foram separados para perceberem qual o seu envolvimento na morte de Álvaro e na acusação de Fernando. O advogado acrescenta ainda que o médico legista está em Portugal e que foi a PJ quem o encontrou. A mãe de Mariana fica em pânico pois sente que está a perder o controlo de tudo. Carlota implora a Sebastião que evite que o médico fale, estando disposta a pagar qualquer montante. Contudo, Sebastião diz que não consegue chegar até ele.

Ao longo do episódio, fica a saber-se que Guida e Nicolau casarão no inverno pois a noiva prometeu isso à Nossa Senhora da Boa Estrela. Para além disso, Helena Rasteiro recebeu uma proposta de trabalho em Lisboa que a deixa entusiasmada. Contudo, Hortense Rasteiro diz à filha que não sairá da Fraga Pequena, como ela deseja, pois é ali que tem as memórias de uma vida. Já Manuel Teles de Arriaga está decidido em apostar numa produção de cânabis para fins medicinais. Dizer, por fim, que Tó Zé Grilo é intimado a prestar declarações acerca da morte de Augusto Pereira Espinho, uma vez que foi um dos que pagou para que o seu envolvimento no caso não viesse a público.

Tabela 56 - Análise Protagonistas: 280º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	No episódio 280, Fátima apresenta-se como produtora e gestora dos negócios de farinha e de queijo, marca “Vale da Fraga”.
Vestuário	- Durante todo o episódio, Fátima utiliza roupa confortável: calças, camisola e camisa aberta, por cima.
Meio Habitacional	- Neste episódio, não há dados que permitem tirar ilações sobre o meio habitacional de Fátima. É apenas apresentado o seu meio laboral – Cenário: Moinho.
Traços de personalidade	- Focada e trabalhadora: Fátima não só surge no episódio 280, a trabalhar, como nas duas cenas em que entra, reforça a ideia de que o seu propósito é erguer e fazer crescer os seus negócios. - Amiga e brincalhona: estas características manifestam-se quando o tema da conversa é o casamento da melhor amiga.
Objetivos de vida	- Neste episódio, o principal objeto de Fátima, mencionado por si própria, é fazer crescer o negócio do pão – que tem com Jacinta Grilo – e

	reerguer a queijaria “Vale da Fraga”.
Linguagem verbal	- “Eu não te quero roubar o protagonismo! E, para isso, teria de arranjar um noivo”: diz a Guida a propósito desta ter confessado que gostava de casar no mesmo dia que Fátima. Esta declaração mostra que Fátima tem dentro de si um lado divertido, brincalhão e animado. - “Eu tenho mais com que me preocupar. Quero apostar no negócio do pão e reerguer a queijaria”: esta frase reforça os traços de personalidade que definem Fátima como focada e trabalhadora. - “Ai amiga, estou muito, muito feliz por ti”: esta frase denota a felicidade que Fátima sentiu com a novidade do casamento e revela a profunda amizade que Fátima e Guida têm. - A queijaria “Vale da Fraga” voltou para a gerência e controlo da família Neto. O melhor queijo da Serra está de volta: esta frase traduz confiança e reforça a ideia de que Fátima é uma mulher trabalhadora.
Linguagem corporal	- Durante toda a conversa com Guida, Fátima mostra-se sorridente, leve e animada. A ex-namorada de Tomás e Guilherme fica, contudo, envergonhada, quando Guida a elogia e diz que já teve mais que um pretendente para casar. - Fátima e Guida abraçam-se. - Na padaria, enquanto conversa com Fausto e depois, com Alcina, Fátima tem um sorriso nos lábios. A sua postura transmite leveza.
Marcas de controlo	- A gestão e trabalho em vários negócios distintos e a vontade de os fazer crescer, associados às roupas que utiliza e ao local onde trabalha, pode indicar que Fátima quer ter e proporcionar uma melhor vida, mais desafogada, aos que a rodeiam.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mantêm-se as marcas relacionais evocadas na análise do episódio 260. Soma-se apenas, o facto de Fátima ser madrinha do casamento de Guida Grilo.

Tabela 57 - **Análise Protagonistas: 280º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	No episódio 280, não há dados que permitam retirar conclusões a este respeito.
Vestuário	- Na única cena em que entra, Tomás utiliza calças de ganga e uma camisola grossa.
Meio Habitacional	- Não é possível indagar conclusões desta natureza, neste episódio.
Traços de personalidade	- Compreensivo: Tomás entende que Guida não o convida para padrinho de casamento por causa de Fátima e de Mariana.
Objetivos de vida	- Tomás não apresenta, nem implícita nem explicitamente nenhum objetivo neste episódio.
Linguagem verbal	- “Claro que sim, não há problema, eu compreendo”, diz a Guida quando esta recusa convidá-lo para padrinho. Esta declaração reforça a característica que lhe foi atribuída neste episódio – compreensivo.

Linguagem corporal	- Tomás aparece no corredor onde estão Nicolau e Guida. O marido de Mariana sorri ao vê-los apaixonados e felicita-os pelo casamento, visivelmente feliz por eles.
Marcas de controlo	- Este episódio, e a escassez de incidência desta personagem, não possibilitam fazer considerações a este respeito.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Tomás mantém as mesmas marcas relacionais mencionadas até aqui.

Análise Protagonistas: 280º episódio – Mariana Pereira Espinho

A personagem de Carolina Carvalho não integra nenhuma das cenas deste episódio, como tal não se justifica a análise, em grelha, desta personagem no episódio 280.

Tabela 58 - Análise Protagonistas: 280º episódio – Carlota Pereira Espinho

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, Carlota surge como gestora do hotel. Sabe-se também que a queijaria – que no início da telenovela tinha comprado aos Neto – foi vendida, regressando ao controlo e posse de Fátima.
Vestuário	- Na única cena em que entra, no 280º propriamente dito, Carlota utiliza calças de fato brancas, blusa branca e um colar.
Meio Habitacional	- Neste episódio, não surge nenhuma das divisões da casa de Carlota (no hotel). O público pode apenas observar o local onde trabalha, um escritório amplo e confortável – Cenário: escritório do hotel.
Traços de personalidade	- Controladora: neste episódio, fica evidente que este é um apanágio de Carlota, mas que é colocado em causa. - Poderosa: o facto de Carlota implorar a Sebastião que contacte o médico legista e o facto de assumir que lhe pagou para ficar calado, revela que Carlota é uma pessoa com recursos. - Surpresa/chocada: estas características não são comuns em Carlota. Contudo, neste episódio, é possível vislumbrar uma mulher sem rumo, que está a perder o controlo de tudo e que, por esse motivo, está em permanente estado de perplexidade. - Vingativa: Carlota mostra-se surpreendida por Fernando não ter ido preso já que esse era o seu objetivo – foi Carlota que lançou a acusação sobre o ex-marido.
Objetivos de vida	- No episódio em análise, entende-se que o principal objetivo de Carlota é não ser apanhada pelas ilegalidades que cometeu, fazendo tudo o que for preciso para isso.
	- “Saiu em liberdade? Não foi preso? Mas como se o Fernando matou o irmão?”: estas questões mostram não só o desejo que Carlota tinha em que Fernando fosse preso, mas também a perplexidade que Carlota sentiu

Linguagem verbal	quando recebeu a notícia. Denotam perda de controlo da situação por parte da matriarca da família Pereira Espinho. - “Meu Deus, mas como é que eu pude ser tão estúpida. Eu devia ter destruído logo aquelas imagens. É claro que foi a Mariana quem lhe entregou a chave do cofre”: esta constatação exalta a perspicácia e inteligência que caracterizam Carlota, mas reforçam a ideia de que ela está a perder o controlo. Para além disso, traduzem a frustração da protagonista e a cobrança da própria falha. - “Em Portugal? O que é que o raio do homem está a fazer em Portugal. Esse homem tem de sair daqui imediatamente” e “Esse homem não pode abrir a boca Sebastião. Eu paguei muito para ele não falar. Tu tens de o avisar”: para além de demonstrarem poder e superioridade perante quem a rodeia, pois afere-se que Carlota põe e dispõe de quem a ladeia conforme as suas necessidades, estas frases traduzem desespero e perda de controlo. - “O quê?” e “Isto não pode estar a acontecer”: são expressões indicativas do estado de ansiedade, desespero, pânico, revolta e frustração que invadiram Carlota na conversa com Sebastião.
Linguagem corporal	- Carlota mostra-se perplexa, chocada, furiosa e em pânico na totalidade da conversa com Sebastião. Há momentos em que Carlota abre muito os olhos, outros em que abana a cabeça negativamente, e outros onde abre a boca, perplexa. Carlota finaliza a cena, sem reação, apática e em choque.
Marcas de controlo	- Carlota é uma mulher de poder. Tal pode ser justificado através das roupas sofisticadas que utiliza e pelo poder financeiro que demonstra ter - Carlota está disposta a pagar o que for necessário para o médico legista não falar.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Não há novidades a apontar no que toca às marcas relacionais de Carlota, em relação ao episódio 260.

300º Episódio

O episódio 300 apresenta diversos acontecimentos que precederam o casamento de Guida Grilo e Nicolau Roque Courela: houve um nevão na serra, ninguém sabe do paradeiro de Nicolau e Guida desespera por chegar à igreja antes do noivo. Verifica-se, também, que Fátima Neto está em nervos porque a inspetora da PJ lhe telefonou a informar que Carlota Pereira Espinho fugiu da prisão e anda a monte na serra. Na igreja e enquanto esperam, Salvador Teles de Arriaga faz rasgados elogios ao *look* de Jacinta, que retribui atabalhoadamente. Tomás Folgado e Fátima olham-se apaixonados e o filho de Aida Folgado envia-lhe uma mensagem a Fátima dizendo-lhe que está muito bonita. Nas imagens relativas ao episódio 299 é ainda possível perceber que Carlota está na serra,

perdida e desnorreada, mas com um olhar de revolta e loucura. Carlota quase é apanha, mas apercebe-se a tempo da presença das autoridades, mudando de rota.

No 300º episódio propriamente dito, Nicolau e Guida estão no altar, prestes a casar, mas na hora do “sim”, Guida mostra-se muito desagradada com o atraso do noivo. Guida diz que já não sabe se quer casar e afasta-se do altar. Guida acha que Nicolau teve dúvidas e já não gosta dela. É nesse momento, que Nicolau se enche de coragem e faz os seus votos de casamento, numa evidente declaração de amor. O monólogo de Nicolau preenche parte significativa do episódio e deixa Guida em lágrimas de felicidade.

Silvério Neto e Domingos Nunes são os únicos convidados que ficaram à porta da igreja. O pai de Fátima confessa ao cunhado que tem medo que Carlota apareça no casamento e faça mal a alguém. Silvério diz estar capaz de matá-la caso ela apareça à sua frente.

A cerimónia prossegue e Nicolau e Guida trocam as alianças. No momento em que o padre enuncia “se alguém tem alguma coisa contra este matrimónio, fale agora ou cale-se para sempre”, Salvador levanta-se. O filho de Carmo e Manuel Teles de Arriaga diz que nada tem contra aquela união, mas diz querer aproveitar o momento para arriscar a sua vida por amor. Salvador dirige-se a Jacinta e pede-a em casamento. Jacinta começa por achar que é uma brincadeira, mas depois percebe que Guida a mandou ir de branco ao casamento porque já tinha tudo combinado com Salvador e aceita o pedido. Tó Zé aproveita o embalo e interrompe as comemorações. O filho mais velho de São Grilo diz que, já que também está de branco e uma vez que Paula Neto está grávida, também poderia acabar por casar. Na igreja todos aplaudem e ficam surpreendidos com as novidades e “atrevimentos”. Embora o sacerdote não concorde com as solicitações, Hortense Rasteiro afirma “quem casa quatro, casa seis”: Os irmãos Grilo acabam por casar todos. Já na reta final da cerimónia, Elvira Roque Courela e Hortense recordam, emocionadas, a memória de São Grilo, numa homenagem a Maria João Abreu, a atriz que interpretava o papel de São Grilo e que faleceu durante as gravações de “A Serra”:

Mariana Pereira Espinho telefona a Sebastião Botelho e conta-lhe que Carlota a contactou a pedir ajuda. Mariana está disposta a ajudar a mãe, pagando o que for preciso, mas o advogado diz que já arriscou demais por Carlota. Apesar de querer ajudar a mãe, é perceptível que Mariana só o faz pelo amor que lhe tem, discordando dos seus comportamentos,

O episódio 300 termina com imagens de Carlota na serra. A mãe de Mariana aproxima-se e entra numa tenda, vasculhando-a. Carlota tem frio e acaba por roubar casacos quentes e por beber água. Carlota fica ainda com um telemóvel que está caído. A protagonista afasta-se do local ao perceber que pessoas se aproximam.

Análise Protagonistas: 300º episódio – Fátima Neto

Visto que a personagem de Júlia Palha não entra no episódio 300 propriamente dito, não será alvo de análise de conteúdo. Note-se que, na exibição do episódio 300 na OPTO, Fátima apenas surge no bloco de imagens inicial, referente ao episódio 299 – que não pertence ao corpus de análise da presente investigação. Fica, contudo, a menção de que Fátima surge, pela segunda vez, de vestido comprido, com decote e de cabelo arranjado. Fátima é madrinha de Guida, mostra-se apreensiva com a fuga de Carlota e troca olhares apaixonados com Tomás.

Análise Protagonistas: 300º episódio – Tomás Folgado

Visto que a personagem de José Mata não entra no episódio 300 propriamente dito, não será alvo de análise de conteúdo. Note-se que, na exibição do episódio 300 na OPTO, Tomás apenas surge no bloco de imagens inicial, referente ao episódio 299 – que não pertence ao corpus de análise da presente investigação. Fica, contudo, a indicação de que Tomás utiliza um fato, esteve a preparar algo na serra – do qual se desconhece o teor - e mantém o olhar apaixonado para com Fátima Neto.

Tabela 59 - Análise Protagonistas: 300º episódio – Mariana Pereira Espinho

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio, não podem ser tiradas conclusões neste sentido, já que Mariana nunca surge a trabalhar.
Vestuário	- Não é possível retirar ilações desta génese pois a intervenção de Mariana no episódio é feita telefonicamente.
Meio Habitacional	- Não é possível retirar ilações desta génese pois a intervenção de Mariana no episódio é feita telefonicamente.
Traços de personalidade	- Compaixão e amor pela mãe: a única cena que conta com a participação de Mariana no episódio 300, dá conta que esta tem uma forte preocupação e carinho pela mãe, tentando ajudá-la no que for preciso. Apesar de cooperar fica também claro que Mariana não concorda com as atitudes da progenitora.
Objetivos de vida	- Mariana tem como objetivo ajudar a mãe na sua fuga.
	- “Eu disse para ela não contar comigo, mas o Sebastião pode ajuda-la?”: esta questão evidência que Mariana não concorda com a mãe, mas revela compaixão. No fundo, Mariana é incapaz de negar cooperação à pessoa que mais a ama no mundo. - “Eu pago o que for preciso”: esta frase indica não só que Mariana tem possibilidades financeiras, mas também que ela utiliza estratégias similares às da mãe. Reforça a ideia de que Mariana tem poder e que

Linguagem verbal	sente compaixão para com Carlota.
Linguagem corporal	- Não é possível retirar ilações desta génese pois a intervenção de Mariana no episódio é feita telefonicamente. O telespectador não consegue indagar a sua expressão fácil, nem corporal.
Marcas de controlo	- O facto de Mariana não aparecer no episódio a trabalhar e estar disposta a pagar qualquer montante para ajudar a mãe a fugir revela que Mariana pertence a uma classe social elevada, com poder.
Marcas de generalizações	----
Marcas relacionais	- Mariana é filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho e está separada de Tomás Folgado.

Tabela 60 - **Análise Protagonistas: 300º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Neste episódio Carlota não possui estatuto profissional de nenhuma índole, visto que, se encontra em fuga.
Vestuário	- Neste episódio, Carlota surge vestida como auxiliar de ação médica: camisola e calças azuis. Depois encontra um casaco de malha na tenda, que veste.
Meio Habitacional	- Carlota anda em fuga, por isso, não é conhecido o seu meio habitacional.
Traços de personalidade	- Perspicaz e atenta: características que emergem quando Carlota anda na serra e dá conta do aproximar de outras pessoas. - Revoltada, resiliente, obstinada: o olhar, a postura e o facto de se manter em fuga tentando contornar a lei e provar que é superior são indicadores que ajudam a justificar a atribuição das características mencionadas.
Objetivos de vida	- No episódio 300, o objetivo de Carlota é claro: fugir às autoridades para não ser presa e acusadas pelos crimes que cometeu.
Linguagem verbal	- No episódio 300, Carlota não fala.
Linguagem corporal	- Na única cena em que Carlota entra no episódio 300, a mãe de Mariana está visivelmente com frio. Tal pode inferir-se pelo facto de Carlota estar encolhida, procurar um casaco e vesti-lo de imediato, pelos tremores que apresenta e pelos sons - gemidos- que faz. Acrescenta-se dizer que a serra está totalmente gelada pintada de branco com fios de gelo pendurados nas árvores. - Ao aproximar-se da tenda, os movimentos de Carlota são todos muito rápidos, apressados e transmitem algum receio – Carlota bebe água, veste o casaco, vasculha o interior da tenda e pega no telemóvel. - Mal ouve pessoas a aproximarem-se, Carlota foge.
Marcas de controlo	- O episódio não permite retirar conclusões desta índole.
Marcas de generalizações	----
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho.

303º Episódio

Este episódio começa por apresentar as imagens dos capítulos anteriores alusivas à fuga de Carlota Pereira Espinho da prisão. Carlota é presa por ter matado Artur Neto e por ter participado noutros crimes ocorridos na Fraga Pequena. Depois de ser detida, Carlota bebeu lixívia – deixada perto de si por uma funcionária do estabelecimento prisional que fazia limpezas. Ao beber este produto tóxico, Carlota é hospitalizada. No hospital, Carlota agride uma assistente operacional que lhe leva comida, deixando-a inconsciente. Nesse momento, a mãe de Mariana Pereira Espinho veste as roupas da funcionária do hospital e foge disfarçada. Carlota anda em fuga na Serra da Estrela, gelada.

O episódio 303 tem início com o encontro entre Carlota e Mariana, na serra. Mariana vai ter com a mãe, depois de esta lhe pedir ajuda. Consigo leva um saco com dinheiro, mas perante o convite da mãe para fugirem juntas, Mariana recusa. A filha de Carlota e Fernando Pereira Espinho diz que não vai estragar mais a vida por causa da mãe e Carlota responde que tudo o que fez na vida foi pela filha. No entanto, Mariana enfrenta-a, relembra-a e acusa-a de todos os crimes que cometeu. Mariana explica a Carlota que só está ali por ser sua mãe, já que também a considera culpada. Enquanto mãe e filha conversam, Fátima Neto vê-as e aproxima-se, escondendo-se atrás de uma árvore. Fátima tenta ligar à inspetora da PJ, para dar a localização do paradeiro de Carlota, mas é impedida pela falta de rede. Carlota implora à filha para que não a abandone, dizendo que é a pessoa mais importante da sua vida, mas Mariana diz à mãe que ela foi a maior desilusão que teve. Fátima aproxima-se de Carlota. Durante o frente a frente entre as protagonistas é apresentada uma compilação de *flashbacks* da relação das duas. Regressando ao presente, Fátima diz a Carlota que não a vai deixar fugir e que pagará por todos os seus crimes. Carlota foge apressada e Fátima segue-a.

Esta fuga e perseguição leva Fátima e Carlota a uma zona da serra onde a água está coberta por uma fina camada de gelo. Fátima alerta Carlota para não avançar pois, caso o faça, o gelo partirá. Todavia, Carlota diz que nunca se deixará vencer e avança. O gelo parte e Carlota cai para dentro de um lago. Fátima aproxima-se do local onde Carlota caiu e coloca a sua mão dentro de água para que a mãe de Mariana se possa agarrar. Nesse momento, Carlota puxa-a para dentro de água, onde ficam as duas. Nas imagens é possível indagar-se que ambas tentam voltar à superfície, mas não conseguem. Tomás Folgado foi atrás de Fátima e assistiu ao sucedido. Tomás diz a Fátima para se colocar à superfície e se agarrar a si, mas Carlota empurra a rival para baixo de água. Embora o seu objetivo seja salvar Fátima, Tomás acaba por trazer à tona, primeiro, Carlota. Esta está em hipotermia e visivelmente debilitada. Quando parece não ter mais forças, Tomás avista Fátima através gelo e resgata-a. Depois de a retirar de dentro de água, Tomás tenta aquecê-la e ambos

trocam olhares apaixonados. Mais uma vez, é apresentada uma compilação de imagens que revisita o percurso e a relação das duas personagens durante toda a telenovela.

Já na aldeia, e em pleno largo, Carlota é presa e todos aplaudem. Enquanto está dentro do carro da polícia, Carlota ouve vários insultos como “volta para a prisão assassina” (Silvério Neto), “fez-se justiça” (Guilherme Botelho), “podes agradecer à Fátima porque, se fosse por mim, podias ficar no fundo daquele lago gelado” (Guida Grilo), “vai apodrecer na prisão” (Jacinta Grilo) ou “tu devias ter ido pela ribanceira a baico como o velho” (Hortense Rasteiro). Note-se que o processo de fuga e detenção de Carlota ocorre em pleno casamento de Guida e Nicolau Roque Courela, o que deixa a noiva muito satisfeita porque a sua cerimónia tornou-se “o casamento do ano”, devido ao sucedido. Cenas depois, no largo, Fátima e Tomás estão próximos e trocam olhares intensos. Tomás pede a Fátima que vá consigo a um sítio – não se sabe qual – e os dois saem. Já To Zé destrói a pontapé o busto do pai de Fernando, que se encontra no local, com autorização de Carmo Teles de Arriaga e sob o aplauso de todos os presentes – “acabou-se a maldição da Fraga Pequena”, ouve-se.

Tomás e Fátima entram no abrigo que os acolheu no primeiro episódio. Tomás diz a Fátima que aquele é o lugar mais feliz onde já esteve pois foi ali que nasceu o maior amor da sua vida. Tomás confessa que teve medo de a perder, na serra, mas Fátima afirma que, algo lhe dizia que ele ia aparecer para a salvar. O casal está na mesma posição (frente a frente) e com as mesmas sombras e luminosidade com que aparecem no genérico da telenovela e no primeiro episódio da mesma. O casal beija-se e envolve-se e o episódio termina.

Destaque que, a meio do episódio, fica a saber-se que Mariana vai com Gustavo Folgado para o Nepal. O objetivo da protagonista é dar um novo rumo à sua vida, fazendo-se acompanhar de uma pessoa que gosta, verdadeiramente, dela.

Tabela 61 - Análise Protagonistas: 303º episódio – Fátima Neto

Nome da personagem	Fátima Neto
Estatuto Profissional	Neste episódio, Fátima não trabalha nem menciona a sua profissão em nenhum momento, logo não podem ser feitas considerações sobre esta temática.
Vestuário	- Fátima está vestida com o <i>look</i> que utilizou para a cerimónia do casamento de Guida e Nicolau (no episódio 300): vestido comprido, azul, com decote e cabelo arranjado. - Já na aldeia, e como tem o vestido encharcado de água, Fátima utiliza o casaco do fato de Tomás por cima dos ombros.
	- No episódio 303, não são realizadas alusões aos cenários habitacionais

Meio Habitacional	ou laborais de Fátima.
Traços de personalidade	- Sentido de justiça: esta característica marca a postura de Fátima na totalidade do episódio já que a personagem quer apanhar Carlota e entrega-la à polícia para que a mãe de Mariana pague pela morte de Artur, no sítio devido. O facto de Fátima ter tentado ajudar Carlota a sair de dentro do lado também sublinha a vontade que Fátima tinha em que Carlota não morresse para que justiça fosse feita. - Preocupada: embora o objetivo de Fátima fosse apanhar Carlota, a recomendação que lhe faz - de não avançar sob o gelo - revela que Fátima é conscienciosa e preocupada mesmo com quem não merece. - Destemida: esta característica também acompanha Fátima durante todo o episódio já que ela mostra não ter medo de enfrentar Carlota, uma mulher perigosa. Para além disso, Fátima enfrenta a tempestade e os perigos do gelo para salvar a rival. - Apaixonada por Tomás: esta particularidade é notória na forma como os dois se olham e se apoiam nas diversas cenas em que surgem. Este traço de personalidade é reforçado pelo facto de Fátima afirmar que sabia que Tomás a ia salvar.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Fátima é apanhar Carlota, que está em fuga, entrega-la às autoridades e fazer justiça pela morte do irmão.
Linguagem verbal	- “Não pense que a vou deixar escapar, vai pagar pela morte do Artur”: esta frase reforça a ideia de que Fátima é uma mulher justa, decidida e determinada. Para além disso, este enunciado transborda destemidez. - “Acabou Carlota, não tem mais por onde fugir (...) não vá para ai porque o gelo pode partir”: esta expressão mostra que Fátima é provocadora, mas que também é preocupada e consciente. Fátima não quer que nada de mal aconteça a Carlota, para que ela possa ser presa e, como tal, alerta-a para os perigos que enfrenta. - “Não me perguntes como, mas eu sabia que ias aparecer para me salvar”, “o que é que estás a fazer” e “o que é que estamos a fazer”: são frases proferidas de forma tímida e envergonhada, mas feliz e que demonstram que Fátima é apaixonada por Tomás.
	- Fátima observa, atenta Carlota e Mariana. Fátima está atrás de uma árvore. - Fátima corre atrás de Carlota: passos largos e precisos, movimento de equilíbrio. - Fátima aproxima-se, com cuidado, do local onde Carlota caiu e coloca a mão dentro de água para a agarrar. - Dentro de água, são várias as imagens que mostram Fátima a tentar chegar à superfície - personificam o desespero, a resiliência e o pânico. - Quando Tomás resgata Fátima de dentro de água, esta encontra-se em choque, com olhar vazio e desnorteado. Fátima está completamente molhada e visivelmente com frio - treme. - Fátima e Tomás olham-se apaixonados. - Já no largo da igreja, o olhar intenso e apaixonado entre o casal

Linguagem corporal	mantém-se. O sentimento de cumplicidade é reforçado pelo facto de darem as mãos. - No abrigo, Fátima tira o casaco e aproxima-se de Tomás. Os dois ficam frente a frente. Fátima está com um ar envergonhado e tímido, mas mantém um sorriso nos lábios. - Fátima e Tomás olham-se olhos nos olhos e beijam-se.
Marcas de controlo	- O episódio 303 não apresenta dados suficientes que permitam retirar conclusões desta génese.
Marcas de generalizações	- O facto de Fátima tentar ligar para a PJ, na serra, e ficar sem rede, surge como um fator apresentado como transversal e constante.
Marcas relacionais	- As relações familiares mencionadas em todos os episódios analisados, mantêm-se, acrescentando-se apenas que, no episódio 303, Fátima reata o relacionamento com Tomás Folgado.

Tabela 62 - **Análise Protagonistas: 303º episódio – Tomás Folgado**

Nome da personagem	Tomás Folgado
Estatuto Profissional	No último episódio de “A Serra” não são apresentados dados suficientes para que possam ser retiradas conclusões desta índole.
Vestuário	- Durante o episódio 303, Tomás utiliza o fato que estava a vestir na cerimónia de casamento de Nicolau e Guida.
Meio Habitacional	- No episódio 303, não são realizadas alusões aos cenários habitacionais ou laborais de Tomás.
Traços de personalidade	- Preocupação e zelo: estas características manifestaram-se quando Tomás tentou resgatar a sua amada do lago onde ela caíra e foram reforçadas pelo facto deste a ter tentado aquecer depois de a salvar. - Apaixonado por Fátima: foi esta particularidade que o fez arriscar a sua própria vida para salvar Fátima. Para além disso, esta característica também fica evidente pois Tomás preparou uma surpresa a Fátima, no abrigo, para a reconquistar.
Objetivos de vida	- Neste episódio, o principal objetivo de Tomás era salvar Fátima.
Linguagem verbal	- “Fátima mantém-te à superfície e agarra-te aqui”, “Fátima, Fátima” e “aqui, meu amor, aqui”: estas frases foram todas enunciadas em tom de desespero e sublinham a forma preocupada e zelosa com que Tomás encara a situação da amada. Para além disso, ajudam a reforçar a ideia de que Tomás faz tudo por Fátima. - “Vem comigo”, “confia em mim”, “este foi o sítio onde fui mais feliz até hoje” e “estamos a recomeçar um amor que espero que nunca acabe”: são expressões que reforçam a ideia de que Tomás é apaixonado por Fátima.
	- Quando se apercebe que Fátima caiu para dentro do lago, Tomás fica em pânico e o seu olhar transmite desespero. - Tomás coloca a mão dentro de água e traz à superfície Carlota. - Tomás grita, chora, berra, treme, deita-se no chão num claro momento

Linguagem corporal	de sofrimento físico – provocado pelo frio – e emocional. - No momento em que Tomás avista Fátima através do gelo, parece que renasce. Tomás começa a partir o gelo com as mãos. O filho de Aida e Moisés resgata Fátima e abraça-a, tentando aquecê-la. O seu semblante muda: ar de alívio. - Tomás e Fátima trocam olhares intensos e apaixonados. - Já no largo da aldeia, o casal olha-se intensamente e há uma troca de sorrisos. Tomás e Fátima dão as mãos e saem. - No abrigo, Tomás sorri, feliz. Tomás olha sempre Fátima nos olhos. - Tomás e Fátima beijam-se.
Marcas de controlo	- Não há dados suficientes para que sejam feitas inferências neste sentido.
Marcas de generalizações	----
Marcas relacionais	- Mantém-se as relações familiares que têm sido descritas até aqui. Neste episódio, acrescenta-se apenas que Tomás e Fátima reataram o namoro.

Tabela 63 - **Análise Protagonistas: 303º episódio – Mariana Pereira Espinho**

Nome da personagem	Mariana Pereira Espinho
Estatuto Profissional	Não é possível fazer considerações a este respeito.
Vestuário	- Quando vai ter com Carlota à serra, Mariana utiliza um gorro para se proteger da neve e um grande casaco (percebe-se que é quente) – o casaco não permite observar o que a personagem tem vestido por baixo.
Meio Habitacional	- Não é possível observar o meio habitacional de Mariana. Neste episódio, fica-se apenas a conhecer o <i>lounge</i> do hotel da sua família. Este é um local decorado com gosto e com cadeiras almofadadas – Cenário; <i>Lounge</i> do hotel.
Traços de personalidade	- Consciente: esta característica acompanha a postura de Mariana durante todo o episódio. A personagem da Carolina Carvalho, percebe que as atitudes da mãe são reprováveis, não querendo ter mais nada a ver com ela. Por outro lado, Mariana parece ter compreendido que também ela própria se estava a perder na maldade, sendo necessário procurar o equilíbrio fora dali. - Compaixão: o facto de Mariana acabar por ajudar a mãe na sua fuga, demonstra que Mariana ama a mãe e não a quer ver presa. - Segura, frontal e convicta: a forma como Mariana fala com a mãe e o discurso que utiliza são perentórios e não deixam margens para dúvidas. Mariana está desiludida com a mãe, compreendeu a sua manipulação e não se quer tornar igual a ela.
Objetivos de vida	- Os principais objetivos de Mariana são ajudar a mãe a fugir, mas garantir que não se tornará como ela. Mariana procura o equilíbrio e a felicidade.
	- “Tu não penses que me vais destruí mais a vida” e “foi por mim que tu

Linguagem verbal	matasse? Foi por mim que tu chantageaste? Foi por mim que tu mentiste?": estes enunciados revelam que Mariana está consciente que foi manipulada pela mãe e convicta de que as ações da progenitora não foram as mais acertadas. Para além disso, estas frases denotam que Mariana é uma mulher frontal e direta. - "Aqui tens, apesar de tudo és minha mãe e é só por isso que estou aqui": esta frase traduz a compaixão que Mariana sente pela mãe e que justifica a sua cooperação em algo com o qual discorda. - "Se gostasses realmente de mim, não tinhas feito metade do que fizeste (...) sabes que mais? Tenho vergonha em ser tua filha": estas são palavras duras que Mariana diz à mãe e que revelam consciência, frontalidade, segurança e determinação. - "Eu não tenho nada que me prenda aqui. Também preciso de esporecer e de me encontrar": esta frase, proferida na conversa com Gustavo, revela que Mariana tem total consciência das suas ações e sabe o que quer para a sua vida.
Linguagem corporal	- Mariana mantém uma certa distância em relação à mãe no seu encontro. - Mariana atira, para junto de Carlota, o saco com o dinheiro vivo para a sua fuga. - Durante a totalidade da conversa com Carlota, Mariana mantém-se estática, fazendo pouco movimentos. A personagem não demonstra ter frio. Mariana apresenta um semblante triste, um olhar de desilusão e de rejeição e um ar de descrédito. - No <i>lounge</i>, Mariana apresenta-se mais descontraída e leve. A sua postura acompanha a forma brincalhona com que Mariana conta a Gustavo que vai com ele para o Nepal. A filha de Carlota está sorridente.
Marcas de controlo	- No episódio 303, pode concluir-se que Mariana é uma mulher com possibilidades financeiras pois arranja um saco cheio de dinheiro vivo para entregar à mãe e porque decide ir viajar para o Nepal, sem olhar a custos e sem preocupações laborais.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mariana possui as mesmas marcas relacionais que no episódio 300. Destaca-se, contudo, a aproximação a Gustavo Folgado. Fica no ar um possível romance entre os dois já que vão juntos para o Nepal, Gustavo é confessadamente apaixonado por Mariana e ambos já tiveram um caso no passado.

Tabela 64 - **Análise Protagonistas: 303º episódio – Carlota Pereira Espinho**

Nome da personagem	Carlota Pereira Espinho
Estatuto Profissional	No último episódio de "A Serra" e já que Carlota anda fugida à polícia, é possível perceber que ela terá perdido tudo o que tinha.
Vestuário	- Carlota utiliza roupas de assistente de ação médica: calças e camisola azuis mais o casaco que encontrou na tenda no episódio 300.
	- Como Carlota está em fuga, não são apresentados cenários que

Meio Habitacional	permitam retirar conclusões a este respeito.
Traços de personalidade	- Mãe protetora e carente do amor da filha: na conversa que estabelece com Mariana é evidente que Carlota ama Mariana, só quer o seu bem e apenas deseja manter a relação que tem com ela. - Resiliente, egoísta e vingativa: estas características manifestam-se no momento em que Carlota diz que nunca ninguém a vencerá e quando cai para o lago. Carlota tenta afogar Fátima e faz de tudo para sobreviver. - Maquiavélica e raivosa: estas particularidades são evidentes na forma como Carlota olha e se comporta já dentro do carro da polícia. Embora esteja a ser levada presa, Carlota mantém-se prepotente e ativa, apesar do seu olhar transmitir raiva e tristeza.
Objetivos de vida	- O objetivo de Carlota, embora não seja bem sucedido, é fugir às autoridades de forma a não ser condenada pelos crimes que cometeu.
Linguagem verbal	- “Tudo o que eu fiz foi por ti, Mariana”: esta frase prova que Carlota faz tudo pela filha e que não olha a meios para atingir os fins. - “Não digas isso Mariana (...) tu és tudo o que eu tenho (...) és o melhor que me aconteceu na vida”: esta frase denota que Carlota ama profundamente a filha e não sabe lidar com as duras palavras que esta lhe dirige. Pela primeira vez, observamos Carlota a implorar compreensão, compaixão e amor. - “Sabes quando é que mais vencer? Nunca”: esta pergunta e consequente resposta reforçam a ideia de que Carlota é uma mulher vingativa e egoísta. Carlota não se importa de morrer, desde que isso signifique não dar a “vitória” a Fátima. Denotam-se aqui alguns traços de obstinação e loucura.
	- Aquando da conversa com Mariana, Carlota está fisicamente debilitada. Carlota está completamente molhada, despenteada e com frio – ar descuidado. - O tom que Carlota utiliza na conversa com a filha, bem como o seu semblante, estão carregados de desespero, pânico e carência. - Quando Carlota percebe que Mariana não vai fugir com ela e a deixa para trás, Carlota chora compulsivamente. O seu olhar é de imploração, desespero e tristeza. - Carlota foge pela serra quando percebe que Fátima a encontrou. Carlota patina no gelo em alguns momentos. - Carlota avança sobre a fina placa de gelo e cai para dentro de água. - Quando Fátima a tentar salvar, é notório que Carlota a puxa para dentro do lago e a tenta afogar, o que é mais um indicador de que Carlota é vingativa e maquiavélica. - No momento em que Tomás a consegue trazer à tona da água, Carlota mostra-se muito débil – não se consegue levantar e treme compulsivamente de frio, está em hipotermia. Apesar de estar mais frágil, não perde o olhar de raiva e vingança. - Quando se encontra no carro da polícia, Carlota não emite qualquer discurso. Contudo, o seu ar demonstra que se sente derrotada e

Linguagem corporal	dececionada, apesar do seu olhar raivoso, vingativo e até altivo não a abandonar. Embora o seu carro seja abanado e lhe sejam dirigidos alguns insultos, Carlota não baixa a cabeça nem desvia o olhar. A sua postura mantém-se reta e olhar fixo no vazio.
Marcas de controlo	- Apesar de, até aqui, Carlota ser uma mulher de poder, neste episódio, a mãe de Mariana surge fragilizada e despojada de todos os indicadores que sustentam o seu estatuto social.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Carlota é mãe de Mariana Pereira Espinho. Esta é a única relação que mantém desde o início. Toda a gente da aldeia tem algo contra si.

Notas narrativas

- Todos os membros da aldeia guardam um segredo.
- Carlota, Gustavo, Paula, Tó Zé, Nicolau e Hortense são vítimas de chantagem por causa da morte de Augusto Pereira Espinho. Já no final da telenovela, descobre-se que a chantagista é Marta Botelho.
- Quem matou Augusto Pereira Espinho foi Tó Zé.
- Quem matou Artur Neto foi Carlota Pereira Espinho. Esta personagem esteve envolvida na morte indireta de outras pessoas.
- A determinada altura descobre-se que Fátima Neto e Artur Neto são netos do falecido Augusto Pereira Espinho e, por isso, sobrinhos de Carlota, Fernando, Carmo e Manuel. Como consequência os irmãos Neto são primos de Salvador e Mariana.
- Parte considerável do elenco pertence ao grupo de rancho local.
- A padroeira da Fraga Pequena, e consequente a santa a que todos recorrem, é a Santinha da Boa Estrela.
- Fátima Neto é chamada de “pacóvia da serra”, “parola” ou “farinhenta” pelas vilas. Já Carlota Pereira Espinho e Mariana Pereira Espinho são chamadas de “espinhosas”.

PARTE III: Análise de conteúdo - personagens de “A Serra” (SIC)

Nota 1: Esta análise foi baseada na observação do *corpus* definido para o estudo dos protagonistas (primeiro e último episódio e capítulos múltiplos de 20).

Nota 2: Esta análise não contempla personagens que tenham aparecido de forma pontual nos episódios analisados (como por exemplo: Dulce, Márcio, Mitó, Alcina e Teresa, a psicóloga).

Unidades de Análise: Personagens elenco das telenovelas (características genéricas)

- Nome da personagem
- Nome do ator que interpreta a personagem
- Estatuto Profissional
- Vestuário
- Meio habitacional
- Objetivos de vida
- Traços de personalidade
- Marcas Relacionais

Tabela 65 - Análise Personagem “A Serra”: Artur Neto

Nome da personagem	Artur Neto
Nome do ator que interpreta a personagem	Ângelo Rodrigues
Estatuto Profissional	Produtor de queijo (Queijo “Vale da Fraga” – negócio de família).
Vestuário	- No episódio em que apareceu, Artur esteve sempre vestido com roupas fortes, de inverno: gorro, cachecol, camisola de gola alta e casaco da Serra da Estrela.
Meio habitacional	- Artur vive com a com a família numa casa humilde com paredes de pedra, porta de madeira e com pouca decoração – Cenário Casa de Fátima (e família).
Objetivos de vida	- Sabe-se pouco sobre a personagem visto que foi morta no primeiro episódio da telenovela A sua morte é uma das principais intrigas da trama. É seguro dizer que um dos seus sonhos era fazer crescer o negócio do queijo.
Traços de personalidade	- Trabalhador, esforçado, tendência para o consumo excessivo de álcool e detentor de um dos segredos mais bem guardados da aldeia (segredo este partilhado com outras personagens).
	- Artur é pai de Anabela Neto, irmão de Fátima Neto, filho de Silvério Neto e sobrinho de Paula Neto (pelo lado paterno), Elvira Roque Courela, Rosalinda Roque Nunes e Domingos Nunes (pelo lado materno). Por

Marcas Relacionais	consequente, Artur é primo de Ivone, Fausto e Nicolau Roque Courela e Leonor Barros. No final de “A Serra” fica a saber-se que é neto de Augusto Pereira Espinho e, como tal, sobrinho de Fernando e Carlota Pereira Espinho e Manuel e Carmo Teles de Arriaga. Logo, primo de Salvador Teles de Arriaga e Mariana Pereira Espinho. Não é conhecida nenhuma namorada a Artur Neto. Um dos seus melhores amigos é Gustavo Folgado.

Tabela 66 - **Análise Personagem “A Serra”: Anabela Neto**

Nome da personagem	Anabela Neto
Nome do ator que interpreta a personagem	Margarida Serrano
Estatuto Profissional	Estudante
Vestuário	- O vestuário que Anabela utiliza não é muito marcante. A criança utiliza, na maioria das vezes, calças com camisolas de malha e de manga comprida.
Meio habitacional	- Vive com a família numa casa humilde, com pouca decoração – Casa de Fátima Neto (e família).
Objetivos de vida	- Um dos principais objetivos de Anabela é ver a morte do pai vingada e os culpados presos.
Traços de personalidade	- Anabela é rebelde, justa e refilona.
Marcas relacionais	- Anabela é filha de Artur Neto, neta de Silvério Neto, sobrinha de Fátima Neto e sobrinha-neta de Paula Neto, Elvira Roque Courela, Rosalinda Roque Nunes e Domingos Nunes. Anabela é a melhor amiga de Leonor Barros.

Tabela 67 - **Análise Personagem “A Serra”: Silvério Neto**

Nome da personagem	Silvério Neto
Nome do ator que interpreta a personagem	Pedro Laginha
Estatuto Profissional	Pastor e produtor de queijo (marca “Vale da Frega”)
Vestuário	- De forma geral, Silvério utiliza roupa quente e confortável. Veste camisolas de malha grossa, casacos do tipo Serra da Estrela, e há cenas em que usa uma boina.
Meio habitacional	- Vive com a família numa casa humilde e com pouca decoração – Cenário Casa de Fátima Neto (e família).
Objetivos de vida	- O maior objetivo de Silvério é fazer Carlota Pereira Espinho pagar pela morte do filho Artur, da qual ela é autora. A recuperação da queijaria da família também é um objetivo de Silvério. Todos os objetivos do pai de Fátima foram concretizados no final da telenovela.
Traços de personalidade	- Silvério é temperamental, orgulhoso, lutador, trabalhador e honesto.

Marcas Relacionais	- Silvério Neto é pai de Fátima e Artur Neto. A sua esposa faleceu. Silvério é irmão de Paula Neto e avô de Anabela Neto. Durante a trama Silvério apaixona-se por Elvira Roque Courela, com quem acaba por partilhar a vida. Em “A Serra”, a maior rival de Silvério é Carlota Pereira Espinho.

Tabela 68 - **Análise Personagem “A Serra”: Paula Neto**

Nome da personagem	Paula Neto
Nome do ator que interpreta a personagem	Dânia Neto
Estatuto Profissional	Desempregada. Paula chega à aldeia porque perdeu o emprego e, embora tente ajudar o irmão com as ovelhas, trabalhar na fábrica de burel e na mercearia, certo é que passa a maioria do tempo sem trabalho.
Vestuário	- Paula veste-se de forma provocatória. A irmã de Silvério costuma utilizar roupas justas e decotes. Não tem por hábito utilizar vestidos nem saias, surgindo, na maioria dos episódios, de calças e com camisolas finas e justas.
Meio habitacional	- Paula reside na casa do irmão, com a restante família. Uma habitação humilde e simples: Cenário - Casa de Fátima Neto (e família).
Objetivos de vida	- O maior objetivo de Paula é levar uma vida de luxo sem ter de trabalhar. Para além disso, durante parte da telenovela, Paula teve como finalidade que não se soubesse do seu envolvimento na morte de Augusto Pereira Espinho – foi uma das que pagou e cedeu à chantagem de Marta Botelho.
Traços de personalidade	- Paula é aldrabona, preguiçosa, exagerada e não sabe ser “dona de casa”.
Marcas Relacionais	- Paula Neto é irmã de Silvério Neto, tia de Fátima e Artur Neto, tia-avó de Anabela Neto e namorada de Tó Zé Grilo. No final de “A Serra” sabe que será mãe.

Tabela 69 - **Análise Personagem “A Serra”: Guida Grilo**

Nome da personagem	Margarida Grilo (Guida)
Nome do ator que interpreta a personagem	Laura Dutra
Estatuto Profissional	Foi empregada dos Teles de Arriaga, mas, com a falência da família, tornou-se camareira do hotel da família Pereira Espinho.
Vestuário	- Guida utiliza roupas muito coloridas e tenta ser sofisticada. Tanto veste vestidos e saias como calças. Quando está a trabalhar, Guida veste o uniforme do hotel: saia comprida e camisa preta.
Meio habitacional	- Guida vive com a família, numa casa onde a decoração é confusa e exagerada. É uma casa humilde e que contém um forno a lenha: Cenário – Casa de Conceição Grilo (e família).
	- Um dos grandes objetivos da sua vida é casar. Para além disso, Guida ambiciona viajar pelo mundo e ter uma “vida como nas telenovelas”, casando com um “príncipe encantado”. Reatar a relação com o pai

Objetivos de vida	também é uma das suas vontades – que se concretiza.
Traços de personalidade	- Margarida é despachada, sonhadora, romântica, exagerada, desbocada e coscuvilheira.
Marcas Relacionais	- Guida é irmã de Tó Zé e Jacinta Grilo, filha de Sãozinha Grilo e Remy e sobrinha de Zezinha Grilo. Guida é namorada de Nicolau Roque Courela e é a melhor amiga de Fátima Neto (que é a sua madrinha de casamento).

Tabela 70 - **Análise Personagem “A Serra”: Jacinta Grilo**

Nome da personagem	Jacinta Grilo
Nome do ator que interpreta a personagem	Ana Marta Ferreira
Estatuto Profissional	Padeira
Vestuário	- Quando está a trabalhar, costuma utilizar um lenço na cabeça e um avental. - No quotidiano, Jacinta utiliza roupas “normais”: calças e camisolas, em geral pouco arrojadas. Por vezes, utiliza gorro, cachecóis e casacos de inverno.
Meio habitacional	- Jacinta vive com a família numa casa humilde, pouco luminosa e repleta de decoração – Cenário: Casa Conceição Grilo (e família).
Objetivos de vida	- Embora comece por dizer que não tem o sonho de casar, Jacinta acaba por dar o nó com Salvador no último episódio. Para além disso, Jacinta visa manter a produção de pão tradicional, negócio de família, expandindo-o. O sonho de criança de Jacinta era ser bailarina.
Traços de personalidade	- Jacinta é despachada, arisca, bruta, refilona, trabalhadora, tem um feitio difícil e define-se como pouco sofisticada, o que a torna ciumenta e insegura. Salvador considera que Jacinta tem “pá na mão e coração na boca”.
Marcas Relacionais	- Jacinta é irmã de Tó Zé e Guida Grilo, filha de Sãozinha Grilo e Remy e sobrinha/afilhada de Zezinha Grilo. Jacinta é namorada de Salvador Teles de Arriaga.

Tabela 71 - **Análise Personagem “A Serra”: Tó Zé Grilo**

Nome da personagem	António José Grilo (Tó Zé)
Nome do ator que interpreta a personagem	António Camelier
Estatuto Profissional	Empregado do café da aldeia
Vestuário	- Tó Zé tem duas formas gerais de se vestir: ou com roupa de desporto ou com calças e camisa branca (que normalmente utiliza quando está a trabalhar).
Meio habitacional	- Vive com a família numa habitação humilde onde reina a confusão na decoração: Cenário – Casa de Conceição Grilo (e família).
	- A personagem em análise não possui um objetivo de vida claro. Sabe-se,

Objetivos de vida	contudo, que ao longo na novela, ele visa não ser apanhado, uma vez que, foi ele quem matou Augusto Pereira Espinho. Tó Zé cometeu este crime porque viu que o avô de Mariana tentou violar Jacinta.
Traços de personalidade	- Tó Zé tem um forte sentido de justiça, é bem falante, educado e impulsivo. O filho de São presa muito o bem-estar da família.
Marcas Relacionais	- António José é irmão de Guida e Jacinta Grilo, filho de Sãozinha Grilo e Remy e sobrinho de Zezinha. Tó Zé é namorado de Paula Neto, de quem irá ter um filho.

Tabela 72 - **Análise Personagem “A Serra”: Sãozinha Grilo**

Nome da personagem	Conceição Grilo (Sãozinha)
Nome do ator que interpreta a personagem	Maria João Abreu
Estatuto Profissional	Padeira e trabalhadora na fábrica de burel.
Vestuário	- Quando assumia as funções de padeira, Sãozinha utilizava lenço na cabeça e avental. Já na fábrica de burel, a mãe dos irmãos Grilo costumava vestir uma bata azul e tinha uma fita de medir ao pescoço. Na fábrica da aldeia, São usava óculos para ver ao perto. - No dia-a-dia, Sãozinha vestia roupas escuras, normalmente pretas, e conservadoras – saias e casacos compridos, camisolas sem decotes.
Meio habitacional	- Sãozinha vivia com os filhos numa casa humilde, com um forno a lenha, onde a decoração é exagerada – Cenário: Casa de Conceição Grilo (e família).
Objetivos de vida	- Inicialmente, o grande objetivo de Sãozinha era não ficar sozinha e ter os filhos sempre por perto. Contudo, o falecimento da atriz Maria João Abreu fez com que o fim da personagem fosse alterado. Sãozinha acaba por ir para um convento, numa grande viagem espiritual.
Traços de personalidade	- Sãozinha é despachada, conservadora, rígida, coscuvilheira, trabalhadora e refilona, embora tenha tendência para a vitimização.
Marcas Relacionais	- Sãozinha é mãe de Guida, Jacinta e Tó Zé Grilo e irmã de Zezinha Grilo. O marido abandonou-a.

Tabela 73 - **Análise Personagem “A Serra”: Zezinha Grilo**

Nome da personagem	Maria José Grilo (Zezinha)
Nome do ator que interpreta a personagem	Noémia Costa
Estatuto Profissional	Zezinha foi artista de circo. Quando chegou à aldeia começou a trabalhar na fábrica de burel.
Vestuário	- Na fábrica, Zezinha usava bata azul e fita métrica no pescoço. - No dia-a-dia, a tia dos irmãos Grilo vestia-se de forma ousada e exuberante: saias, blusas com decote e roupa com cor e diferentes padrões. Zezinha utiliza, normalmente, o cabelo atado num poupo.

Meio habitacional	- Sabe-se que Zezinha vive numa rulote, contudo, a sua habitação não aparece nos episódios em análise.
Objetivos de vida	- A ida de Zezinha para a Fraga Pequena resulta da sua vontade em tomar conta dos sobrinhos e decorre da ausência de Sãozinha. A par com este objetivo, extrapola-se que Zezinha visa ser rica.
Traços de personalidade	- Zezinha é uma mulher despachada, sem preconceitos, liberal, destemida, ambiciosa e protetora dos sobrinhos.
Marcas Relacionais	- Zezinha Grilo é irmã de Sãozinha Grilo e tia de Guida, Jacinta e Tó Zé Grilo.

Tabela 74 - **Análise Personagem “A Serra”: Raimundo Grilo**

Nome da personagem	Raimundo Grilo (Remy)
Nome do ator que interpreta a personagem	João Reis
Estatuto Profissional	Através dos episódios analisados, não é possível perceber qual a profissão de Remy. Contudo, sabe-se que ele esteve emigrado no Canadá.
Vestuário	- Normalmente, Raimundo utiliza fato com uma camisa por baixo e sem gravata. Há algumas cenas em que o casaco de fato é substituído por uma canadiana comprida. Os óculos de sol e os lenços parecem ser acessórios de que não prescinde.
Meio habitacional	- Remy habita num dos quartos do hotel da família Pereira Espinho – Cenário: quarto de hotel.
Objetivos de vida	- O regresso de Remy à Fraga Pequena é o primeiro passo para que o seu objetivo de vida se cumpra: Remy abandonou a família há vários anos e, agora, quer recuperar o tempo perdido e conquistar o seu perdão.
Traços de personalidade	- Remy é um homem ambicioso e, em alguns momentos da vida, pouco honesto e pouco sincero. Ama os filhos, é compreensivo e lutador. É um homem que persegue as suas convicções e que tem noção da realidade que o rodeia.
Marcas Relacionais	- Remy é pai de Guida, Jacinta e Tó Zé Grilo e ex-marido de Sãozinha Grilo.

Tabela 75 - **Análise Personagem “A Serra”: Fernando Pereira Espinho**

Nome da personagem	Fernando Pereira Espinho
Nome do ator que interpreta a personagem	António Pedro Cerdeira
Estatuto Profissional	Empresário: acionista do hotel
Vestuário	- Fernando Pereira Espinho anda, na maioria dos dias de fato ou com camisa clara e calças escuras.
	- Enquanto é casado com Carlota, a sua residência é no hotel. A família Pereira Espinho tem quartos para pernoitarem e uma sala de estar no hotel de acesso privado. Quando o seu casamento cessa e Fernando

Meio habitacional	começa o relacionamento com Vitória, o casal passa a residir numa casa isolada na Serra – Cenário: quarto e sala de estar no hotel.
Objetivos de vida	- Um dos principais objetivos de Fernando, no começo de “A Serra”, é a preservação do património da sua família. Contudo, depois de se apaixonar por Vitória, Fernando passa a querer viver esse amor em pleno. O seu grande objetivo é “livrar-se” de Carlota e proteger a sua amada. Há momentos na trama em que Fernando visa provar a sua inocência.
Traços de personalidade	- No início de “A Serra”, Fernando apresenta-se como covarde, mas pragmático, subjugado a Carlota e às suas chantagens, pouco firme e influenciável. É um “bom <i>vivant</i> ”, gosta de aproveitar a vida e de se divertir. Com o passar do tempo, a sua personalidade foi mudando, tornando-se num homem justo, reto, determinado, procurando corrigir todos os erros do passado.
Marcas Relacionais	- Fernando é marido de Carlota Pereira Espinho e pai de Mariana Pereira Espinho. Vitória Castro começa por ser sua amante, mas no meio/final da novela acabam por oficializar a relação. Deste relacionamento nasce Matilde. Fernando é filho de Augusto Pereira Espinho, irmão de Álvaro Pereira Espinho (falecido) e Maria do Carmo Teles de Arriaga (Carminho) e, por consequência, cunhado de Manuel Teles de Arriaga e tio de Salvador Teles de Arriaga. Na fase final de “A Serra”, fica a saber-se que Fernando é tio de Artur e Fátima Neto. Sebastião Botelho é um dos seus grandes amigos.

Tabela 76 - **Análise Personagem “A Serra”: Vitória Castro**

Nome da personagem	Vitória Castro
Nome do ator que interpreta a personagem	Isabela Valadeiro
Estatuto Profissional	Criadora de cães Serra da Estrela
Vestuário	- Vitória veste-se de forma elegante e pouco excêntrica. Não há uma peça de roupa que a defina, contudo denota-se bom gosto nos <i>looks</i> que utiliza. Aposta em cores sóbrias e neutras e costuma vestir calças e blusas.
Meio habitacional	- Vitória começa por viver no hotel da família Pereira Espinho – Cenário: Quarto do hotel. Contudo, depois de iniciar o relacionamento com Fernando, o casal acaba por se refugiar numa casa isolada na Serra da Estrela.
Objetivos de vida	- Não são evidentes as intenções de Vitória nesta telenovela. No entanto, a partir do momento em que se apaixonou por Fernando, percebe-se que os seus principais objetivos são: viver esse amor, garantir que Fernando se divorcia de Carlota, proteger-se das ameaças e armadilhas da mãe de Mariana e salvaguardar a vida da filha que vem a caminho.
Traços de personalidade	- Vitória é boa ouvinte, preocupada com os outros, justa, determinada, consciente, reta e apaixonada.

Marcas Relacionais	- Vitória começa a telenovela sendo amante de Fernando Pereira Espinho, tornando-se sua namorada na reta final da trama. Deste relacionamento nasceu Matilde. Vitória é a melhor amiga de Mariana Pereira Espinho. Fausto Roque Courela também é um dos seus grandes amigos. Os pais de Vitória partiram no início do ano numa viagem à volta do mundo.

Tabela 77 - **Análise Personagem “A Serra”: Carminho Teles de Arriaga**

Nome da personagem	Maria do Carmo Teles de Arriaga (Carminho)
Nome do ator que interpreta a personagem	Manuela Couto
Estatuto Profissional	Não trabalha
Vestuário	- Carminho veste-se de forma muito elegante, requintada e clássica. Tem total preferência por roupas de marca, sem esquecer as malas de luxo e as joias. Embora costume utilizar calças e blusas, também há episódios onde Carmo aposta nas saias e nos vestidos.
Meio habitacional	- No início de “A Serra”, Carmo vivia numa grande mansão. Todavia, a sua família entrou na falência e tiveram de se mudar para uma casa, humilde, na aldeia. Esta habitação é pequena e possui uma decoração excessiva, exagerada e rica em cor – Cenário: Casa de Carmo Teles de Arriaga (e família).
Objetivos de vida	- O facto se ter sido criada com “tudo o que é bom” fez com que Carminho não aceitasse bem a ruína financeira em que a família entrou. A recuperação do dinheiro e do estatuto são os seus grandes objetivos de vida.
Traços de personalidade	- Carminho é uma mulher preocupada, fútil, irrealista, sofisticada, educada e, embora pareça “tonta”, é uma pessoa justa, observadora e reta.
Marcas Relacionais	- É mãe de Salvador Teles de Arriaga e esposa de Manuel Teles de Arriaga. Carminho é filha de Augusto Pereira Espinho e irmã de Fernando Pereira Espinho e Álvaro Pereira Espinho (falecido). Por conseguinte, é cunhada de Carlota Pereira Espinho, numa primeira fase, e de Vitória Castro, depois. Carminho é tia de Mariana Pereira Espinho e Matilde sendo que, na reta final de “A Serra” descobre que também é tia de Artur e Fátima Neto.

Tabela 78 - **Análise Personagem “A Serra”: Manuel Teles de Arriaga**

Nome da personagem	Manuel Teles de Arriaga
Nome do ator que interpreta a personagem	Fernando Luís
Estatuto Profissional	Manuel tem vários empregos durante a telenovela e ideias de negócio: Fernando trabalha como RP no hotel, como rececionista, organiza eventos e diz, no final de “A Serra” querer montar um negócio de estufas para a produção de canábis para fins medicinais.

Vestuário	- Manuel costuma apresentar-se de fato, camisa branca e sem gravata.
Meio habitacional	- Depois de terem perdido o palacete onde viviam, Manuel, Carmo e Salvador foram morar para uma casa honesta, pequena e deficitariamente decorada – Cenário: Casa de Carmo Teles de Arriaga (e família).
Objetivos de vida	- Manuel fez maus investimentos e uma má gestão da riqueza familiar. O seu objetivo é poder dar à família tudo aquilo que eles já tiveram.
Traços de personalidade	- Manuel é um homem otimista, exagerado, excêntrico e irrealista.
Marcas Relacionais	- Manuel é pai de Salvador Teles de Arriaga e marido de Carminho Teles de Arriaga. Por afinidade, é cunhado de Fernando, Álvaro e Carlota Pereira Espinho e tio de Mariana Pereira Espinho. Tal como acontece com as restantes personagens, Manuel fica a saber que também é primo – embora não diretamente – de Fátima e Artur Neto.

Tabela 79 - **Análise Personagem “A Serra”: Salvador Teles de Arriaga**

Nome da personagem	Salvador Teles de Arriaga
Nome do ator que interpreta a personagem	Tiago Teotónio Pereira
Estatuto Profissional	Um dos sócios de uma pastelaria /padaria local
Vestuário	- De forma geral, Salvador utiliza calças e camisas ou polos.
Meio habitacional	- Salvador vive com os pais numa habitação pequena e excessivamente decorada: Cenário – Casa de Carmo Teles de Arriaga (e família).
Objetivos de vida	- Um dos principais objetivos de Salvador é ajudar a família a equilibrar as suas finanças. Para além disso, Salvador visa conquistar Jacinta e provar-lhe que ela é especial.
Traços de personalidade	- Salvador é um rapaz com os pés assentes na terra, ponderado, rigoroso, pouco aventureiro e rigoroso.
Marcas Relacionais	- Salvador é filho de Manuel e Carminho Teles de Arriaga e namorado de Jacinta Grilo. Salvador é sobrinho de Fernando, Álvaro (falecido) e Carlota Pereira Espinho e primo de Mariana Pereira Espinho, Fátima e Artur Neto (sabe-se no final da telenovela). Fausto Roque Courela é o melhor amigo de Salvador.

Tabela 80 - **Análise Personagem “A Serra”: Aida Folgado**

Nome da personagem	Aida Folgado
Nome do ator que interpreta a personagem	Custódia Galhego
Estatuto Profissional	Designer de formação, Aida é a criativa da fábrica de burel da família.
Vestuário	- Aida tem um estilo muito sofisticado e clássico. O seu vestuário traduz bom gosto e requinte. Normalmente, Aida utiliza calças, blusas e sapatos de salto alto.
	- Aida vive com a família numa casa ampla, luminosa, confortável e com uma decoração minimalista, mas cuidada – Cenário: Casa de Tomás

Meio habitacional	Folgado (e família).
Objetivos de vida	- O objetivo de Aida é recuperar o casamento, por isso é que o casal voltou para a terra Natal. Contudo, após a separação de Moisés, o seu foco passa a ser unicamente a fábrica. Aida quer recuperar e reerguer o negócio de família. O bem-estar dos filhos e da neta também são prioridades para esta personagem.
Traços de personalidade	- Aida é uma mãe leoa, preocupada e atenta.
Marcas Relacionais	- Aida Folgado é mulher de Moisés Folgado (embora acabem divorciados) e mãe de Tomás e Gustavo Folgado. Aida é avó de Leonor Barros. Helena Rasteiro é uma das pessoas mais próximas que tem.

Tabela 81 - **Análise Personagem “A Serra”: Moisés Grilo**

Nome da personagem	Moisés Folgado
Nome do ator que interpreta a personagem	João de Carvalho
Estatuto Profissional	Gestor da fábrica de burel
Vestuário	- Moisés surge sempre de fato.
Meio habitacional	- Moisés vive coma esposa e com os filhos numa residência luminosa, de dois pisos e com mobiliário de qualidade – Cenário: Casa de Tomás Folgado (e família).
Objetivos de vida	- Regressou à Serra da Estrela depois de um ultimato da mulher e como tentativa de recuperar o casamento. Contudo, o seu objetivo não foi bem sucedido pois continuou a ser infiel a Aida o que culminou na separação do casal.
Traços de personalidade	- Moisés é um homem charmoso, mas mulherengo. É infiel, despreocupado e pouco defensor dos filhos.
Marcas Relacionais	- Moisés Folgado é marido de Aida Folgado (embora terminem a telenovela divorciados), pai de Tomás e Gustavo Folgado e avô de Leonor Barros.

Tabela 82 - **Análise Personagem “A Serra”: Gustavo Folgado**

Nome da personagem	Gustavo Folgado
Nome do ator que interpreta a personagem	João Jesus
Estatuto Profissional	Responsável pelas atividades desportivas do hotel.
Vestuário	- Gustavo costuma utilizar roupa confortável. Normalmente pode ver-se de calças e camisola quente, ou calças e camisa. Gustavo usa, com alguma frequência, um cachecol.
Meio habitacional	- Gustavo vive com os pais e com o irmão numa casa moderna e luminosa – Cenário: Casa de Tomás Folgado (e família)
	- Gustavo tem como principal objetivo conquistar Mariana Pereira Espinho. Para além disso, a personagem visa provar a sua inocência no

Objetivos de vida	que concerne à morte de Artur Neto e de Augusto Pereira Espinho – Gustavo era um dos envolvidos na chantagem de Marta Botelho.
Traços de personalidade	- Gustavo é inconsequente, impulsivo, irresponsável, ambicioso, mulherengo e não gosta de trabalhar.
Marcas Relacionais	- Gustavo Folgado é irmão de Tomás e filho de Aida e Moisés Folgado. Gustavo é tio de Leonor Barros. É apaixonado por Mariana e, embora não seja explícito, tudo indica que no final fiquem juntos. Ao longo da telenovela, Gustavo namorou com Alcina e com Paula Neto

Tabela 83 - **Análise Personagem “A Serra”: Sebastião Botelho**

Nome da personagem	Sebastião Botelho
Nome do ator que interpreta a personagem	Virgílio Castela
Estatuto Profissional	Advogado
Vestuário	- Sebastião veste, usualmente, fatos ou, em determinadas ocasiões, calças e camisa.
Meio habitacional	- Sebastião vive com os filhos e com Helena Rasteiro numa casa que apresenta uma mistura entre o clássico, o antigo e alguns detalhes de modernidade. O destaque vai para a existência de uma área de escritório na sala: Cenário – Casa de Sebastião Botelho.
Objetivos de vida	- Sebastião tem como objetivo, permanente, ganhar os casos em que está envolvido. Adita-se, contudo, que Sebastião também visa não ser condenado pelos crimes de falsificação de documentos de que também é acusado. A título familiar afere-se que Sebastião quer ajudar a salvar o filho Vasco, embora não consiga, e deseja evitar a inseminação artificial que Ivone quer levar a cabo.
Traços de personalidade	- Sebastião é inteligente, ardiloso e manipulador. Faz o que for preciso para ganhar os casos em que se envolve, mesmo virar-se contra a própria família. É omissivo, pouco sincero e pouco reto.
Marcas Relacionais	- Sebastião é pai de Marta, Vasco e Guilherme Botelho. É companheiro de Helena Rasteiro e, por inerência, genro de Hortense Rasteiro. Sebastião é o advogado de Carlota Pereira Espinho e mantém uma relação de amizade com Fernando Pereira Espinho.

Tabela 84 - **Análise Personagem “A Serra”: Guilherme Botelho**

Nome da personagem	Guilherme Botelho
Nome do ator que interpreta a personagem	Vitor Silva Costa
Estatuto Profissional	Advogado
	- Na maioria das cenas em que entra, Guilherme veste calças escuras e um polo, uma camisa ou uma camisola de malha. Contudo, o destaque do seu vestuário vai para o uso recorrente de cachecóis e de uma gabardine

Vestuário	comprida.
Meio habitacional	- Guilherme vive com o pai, a madrasta e os irmãos numa casa clássica com detalhes de modernidade – Cenário: Casa de Sebastião Botelho (e família).
Objetivos de vida	- Guilherme foi para a Fraga Pequena para tentar recuperar a sua reputação depois de a sua ex-mulher se ter envolvido em ilegalidades. Chegado à Serra da Estrela, Guilherme depara-se com o caso e a causa da sua vida. Guilherme Botelho torna-se o advogado que defende a família Neto dos Pereira Espinho. Fazer justiça por aquela família torna-se um objetivo de vida.
Traços de personalidade	- Guilherme é um rapaz com trejeitos citadinos, mas que faz de tudo para se adaptar à nova realidade. É perspicaz, inteligente, empático e justo. Todavia, alguns dos seus comportamentos, revelam que é ciumento.
Marcas Relacionais	- Guilherme é filho de Sebastião Botelho e irmão de Marta e Vasco Botelho. Durante praticamente a totalidade da novela, Guilherme esteve apaixonado e namorou com Fátima Neto. Contudo, os últimos episódios mostram que, depois da separação do casal, Guilherme se aproximou de Ivone, iniciando, com ela, um novo relacionamento.

Tabela 85 - **Análise Personagem “A Serra”: Marta Botelho**

Nome da personagem	Marta Botelho
Nome do ator que interpreta a personagem	Ana Lopes
Estatuto Profissional	Começa por ser fotografa do hotel e da fábrica de burel, mas termina a telenovela como padeira no novo negócio de Jacinta e Fátima.
Vestuário	- Marta veste, na maioria das vezes, calças e camisolas escuras. O casaco de cabedal também parece ser uma peça recorrente no seu armário.
Meio habitacional	- Marta vive com o pai, a madrasta e os irmãos numa habitação que tem quadros, livros e uma zona de bebidas como detalhes particulares – Cenário: Casa de Sebastião Botelho (e família).
Objetivos de vida	- Ao descobrir que tem epilepsia, Marta decide viver a vida ao máximo. Numa primeira fase, a personagem não tem objetivos definidos, contudo compreende-se que ela quer contribuir para a descoberta de quem matou Augusto Pereira Espinho. No final de “A Serra”, Marta mostra o desejo de ir viver para Nova Iorque.
Traços de personalidade	- Marta é rebelde, refilona, desobediente, provocadora, manipuladora. Marta chantageia alguns dos membros da aldeia o que revela que ela é destemida e possui um forte sentido de justiça – embora o método utilizado seja questionável.
Marcas Relacionais	- Marta é filha de Sebastião Botelho e irmã de Guilherme e Vasco Botelho. No final de “A Serra”, Marta começa a namorar com Fausto Roque Courela.

Tabela 86 - **Análise Personagem “A Serra”: Vasco Botelho**

Nome da personagem	Vasco Botelho
Nome do ator que interpreta a personagem	Rúben Gomes
Estatuto Profissional	Através dos episódios analisados, não é possível indagar qual a profissão ou nível de escolaridade de Vasco Botelho.
Vestuário	- Vasco vestia roupas confortáveis: calças de ganga e camisolas, normalmente claras.
Meio habitacional	- Quando Vasco chega à aldeia, vai morar com o pai e os irmãos – Cenário: Casa de Sebastião Botelho (e família).
Objetivos de vida	- Os seus grandes objetivos eram: lutar e vencer o cancro, casar com Ivone e ser pai.
Traços de personalidade	- Vasco é um homem brincalhão, descomplicado, lutador, sonhador e otimista.
Marcas Relacionais	- Vasco é filho de Sebastião Botelho e irmão de Marta e Vasco Botelho. Vasco namorou com Ivone Roque Courela até falecer.

Tabela 87 - **Análise Personagem “A Serra”: Helena Rastro**

Nome da personagem	Helena Rasteiro (Lena)
Nome do ator que interpreta a personagem	Cristina Homem de Melo
Estatuto Profissional	É diretora do alojamento no hotel da família Pereira Espinho.
Vestuário	- De forma genérica, Helena utiliza fatos ou calças de fato com <i>blazers</i> .
Meio habitacional	- Helena vive com Sebastião e os filhos deste numa casa pouco luminosa, mas com detalhes que permitem inferir que se trata de uma família com possibilidades financeiras- Cenário: Casa Sebastião Botelho (e família).
Objetivos de vida	- Inicialmente, o seu principal objetivo é manter uma boa relação com os enteados. Mais tarde, o seu mote passou a ser fazer justiça pela morte do irmão, razão pela qual a levou a denunciar o marido às autoridades por falsificação de documentos.
Traços de personalidade	- Helena é uma mulher citadina, com classe, calma, pouco conflituosa, prestável e colaborativa. É uma mulher que quer sempre mais e que prima pela justiça e retidão. No final de “A Serra” pode indagar-se que Helena é vingativa, no sentido em que entrega Sebastião à polícia visando fazer justiça pela morte de Quim.
Marcas Relacionais	- Helena é mulher de Sebastião Botelho e madrasta de Marta, Guilherme e Vasco. Lena é filha de Hortense Rasteiro e irmã de Quim (personagem mencionada no episódio em análise, mas que nunca apareceu em nenhum deles). Aida Folgado é a sua melhor amiga.

Tabela 88 - **Análise Personagem “A Serra”: Hortense Rasteiro**

Nome da personagem	Hortense Rasteiro
Nome do ator que interpreta a personagem	Márcia Breia
Estatuto Profissional	É a cozinheira do café/restaurante da aldeia.
Vestuário	- Hortense veste-se de forma conservadora e com roupas tendencialmente escuras. O grande destaque do seu <i>look</i> vai para o penteado. Hortense anda sempre com um poupo preso com ganchos.
Meio habitacional	- Não é possível retirar conclusões desta índole.
Objetivos de vida	- Não são perceptíveis quais os objetivos da personagem. Contudo, sabe-se que, embora a sua relação com Helena seja distante, mãe e filha acabam por fazer as pazes. Para além disso, Hortense ajuda a desvendar alguns mistérios da Fraga Pequena.
Traços de personalidade	- Hortense conhece todos os segredos da Fraga Pequena. É teimosa, orgulhosa, conselheira, assertiva e frontal.
Marcas Relacionais	- Hortense é mãe de Helena Rasteiro e Quim Rasteiro (que é mencionado nos episódios analisados, mas nunca aparece). - Todos a tratam por “tia”, embora esse grau de parentesco não seja literal para com nenhum.

Tabela 89 - **Análise Personagem “A Serra”: Elvira Roque Courela**

Nome da personagem	Elvira Roque Courela
Nome do ator que interpreta a personagem	Carla Andrino
Estatuto Profissional	Trabalhadora na fábrica de burel.
Vestuário	- Enquanto trabalha na fábrica de burel, Elvira utiliza uma bata azul e uma fita métrica ao pescoço. - No dia-a-dia, Elvira utiliza calças ou saias compridas e polos ou camisas. A maioria do seu vestuário é escuro. Muitas das vezes, Elvira também surge com um lenço ou chapés ao pescoço.
Meio habitacional	- Elvira vive com os filhos na casa onde cresceram. Uma habitação decorada com gosto e com azulejos nas paredes – Cenário: Casa de Elvira Roque Courela.
Objetivos de vida	- Elvira não apresenta um grande objetivo de vida. Contudo, sabe-se que ela deseja que os filhos e sobrinhos aceitem o seu relacionamento com Silvério e que quer ver os filhos orientados na vida.
Traços de personalidade	- Elvira é uma mulher bem-intencionada que considera saber sempre o que é melhor para os outros. É mandona, intrometida e opinativa. Elvira tem um grande orgulho nos filhos.
Marcas Relacionais	- Elvira é mãe de Ivone, Nicolau e Fausto Roque Courela e irmã de Rosalinda Roque Nunes. Elvira é também irmã da falecida mãe de Fátima Neto. Por conseguinte, é tia de Fátima e Artur Neto e Leonor Barros. Elvira é cunhada de Domingos Nunes e Silvério Neto, este último, torna-

	se, a meio da telenovela, seu companheiro.

Tabela 90 - **Análise Personagem “A Serra”: Ivone Roque Courela**

Nome da personagem	Ivone Roque Courela
Nome do ator que interpreta a personagem	Oceana Basílio
Estatuto Profissional	Médica
Vestuário	- Ivone veste-se de forma casual e simples. Normalmente utiliza calças e uma blusa.
Meio habitacional	- Ivone vive com a mãe e os irmãos numa casa visivelmente antiga, mas bem recuperada – Cenário: Casa de Elvira Roque Courela (e família).
Objetivos de vida	- Aquando da doença de Vasco, o seu grande objetivo era ajudá-lo a salvar-se e, depois, serem pais e casarem. Com o falecimento de Vasco, o grande objetivo de Ivone passou a ser fazer uma inseminação artificial para, tal como desejado pelo casal, nascer um filho bruto do seu amor.
Traços de personalidade	- Ivone é uma mulher rigorosa e exigente, consigo e com os outros. Começa por se mostrar vulnerável, mas com o passar do tempo recupera a confiança que perdera depois de ter cometido um erro clínico quando ainda trabalhava em Lisboa. É lutadora, resiliente e justa.
Marcas Relacionais	- Ivone é filha de Elvira Roque Courela e irmã de Fausto e Nicolau Roque Courela. Ivone é sobrinha de Silvério Neto, Rosalinda Roque Nunes e Domingos Nunes e, por consequência, prima de Fátima e Artur Neto e Leonor Barros. Ivone é, durante parte da trama, namorada de Vasco Botelho Contudo, meses após o seu falecimento, Ivone inicia, ao que tudo indica, um relacionamento com Guilherme Botelho

Tabela 91 - **Análise Personagem “A Serra”: Fausto Roque Courela**

Nome da personagem	Fausto Roque Courela
Nome do ator que interpreta a personagem	João Maneira
Estatuto Profissional	Fausto é um dos sócios da padaria da aldeia.
Vestuário	- Fausto veste-se de forma descontraída: calças e camisola. Coloca um avental por cima quando está na padaria.
Meio habitacional	- Fausto vive com a mãe e os irmãos numa casa que, embora pequena e com traços de antiguidade, é arranjada e asseada – Cenário: Casa de Elvira Roque Courela (e família),
Objetivos de vida	- Fausto foi para a Fraga Pequena para se tentar “endireitar”. Contudo, já na aldeia, Fausto continua a traficar e consumir droga. Terminar com este vício torna-se um dos seus objetivos. Para além disso, no final de “A Serra”, Fausto mostra vontade de ir viver sozinho e amadurecer, o que o faz querer ir para Nova Iorque com Marta.
Traços de personalidade	- Fausto é um rapaz descontraído, despreocupado e calmo

Marcas Relacionais	- Fausto é filho de Elvira Roque Courela e irmão de Ivone e Nicolau Roque Courela. Fausto é sobrinho de Silvério Neto, Rosalinda Roque Nunes e Domingos Nunes. Por inerência, é primo de Artur e Fátima Neto de Leonor Barros. Salvador Teles de Arriaga e Vitória Castro são os seus melhores amigos e Marta Botelho a sua namorada.

Tabela 92 - **Análise Personagem “A Serra”: Nicolau Roque Courela**

Nome da personagem	Nicolau Roque Courela
Nome do ator que interpreta a personagem	João Mota
Estatuto Profissional	Rececionista do hotel.
Vestuário	- Enquanto trabalha, Nicolau utiliza um fato. - No dia-a-dia, Nicolau costuma utilizar calças de ganga e camisolas de malha.
Meio habitacional	- Nicolau vive com a mãe e os irmãos numa habitação humilde, mas cuidadosamente decorada – Cenário: Casa de Elvira Roque Courela (e família).
Objetivos de vida	- Nicolau é uma das personagens chantageadas pela morte de Augusto Pereira Espinho. Ver-se livre dessas acusações é um dos seus objetivos. A título pessoal, Nicolau visa casar com Guida, vê-la feliz e concretizar todos os sonhos da amada.
Traços de personalidade	- Nicolau é inseguro, medíocre, pouco confiante, incapaz de tomar partidos ou decisões e tem bom coração. É sonhador, adora novelas e tem uma profunda paixão por Guida. Nicolau faz de tudo para agradar à amada.
Marcas Relacionais	- Nicolau é filho de Elvira Roque Courela e irmão de Ivone e Fausto Roque Courela. Fausto é sobrinho de Silvério Neto, Rosalinda Roque Nunes e Domingos Nunes. Por inerência, é primo de Artur e Fátima Neto de Leonor Barros. Tó Zé Grilo é um dos seus grandes amigos. Nicolau namora e casa com Guida Grilo.

Tabela 93 - **Análise Personagem “A Serra”: Rosalinda Roque Nunes**

Nome da personagem	Rosalinda Roque Nunes
Nome do ator que interpreta a personagem	Soraia Chaves
Estatuto Profissional	Rosalinda trabalha na mercearia da qual é proprietária com o marido.
Vestuário	- Rosalinda costuma utilizar vestidos e saias compridos e estampados. Normalmente, coloca por cima um casaco de malha.
Meio habitacional	- Da casa de Rosalinda conhece-se uma divisão, que une a área de estar coma de jantar – Cenário: Casa de Domingos Nunes (e família).
Objetivos de vida	- O grande objetivo da sua vida é que Leonor a veja sempre como mãe. Rosalinda faz tudo para que a filha seja feliz.

Traços de personalidade	- Rosalinda é uma mãe protetora, uma mulher trabalhadora, calma e submissa. Sabe distinguir o que é certo daquilo que não é, mas por vezes, o amor pela filha leva-a a cometer erros.
Marcas Relacionais	- Rosalinda é esposa de Domingos Nunes e mãe adotiva de Leonor Barros. É irmã de Elvira Roque Courela e da mãe de Fátima. Logo, Rosalinda é tia de Fátima e Artur Neto e de Ivone, Fausto e Nicolau Roque Courela. Rosalinda é cunhada de Silvério Neto

Tabela 94 - **Análise Personagem “A Serra”: Domingos Nunes**

Nome da personagem	Domingos Nunes
Nome do ator que interpreta a personagem	Jorge Corrula
Estatuto Profissional	Domingos é proprietário e trabalhador da mercearia local.
Vestuário	- Normalmente, Domingos utiliza calças, camisa e uma boina de orelhas.
Meio habitacional	- Domingos vive com a mulher e a filha numa casa de pedra, humilde – Casa de Domingos Nunes (e família).
Objetivos de vida	- Domingos tem como principal objetivo proteger Leonor e garantir que esta o continua a ver como pai.
Traços de personalidade	- Domingos é rude, bruto, por vezes, agressivo e abrutalhado. Contudo, é apaixonado pela família que construiu. É teimoso, mas também sabe reconhecer a falha.
Marcas Relacionais	- Domingos é marido de Rosalinda Roque Nunes e pai adotivo de Leonor Barros. É tio, por afinidade, de Artur e Fátima Neto, Ivone, Fausto e Nicolau Roque Courela. Domingos é cunhado de Silvério Neto e Elvira Roque Courela. Durante parte significativa da telenovela. Domingos vê Tomás Folgado como um rival.

Tabela 95 - **Análise Personagem “A Serra”: Leonor Barros**

Nome da personagem	Leonor Barros
Nome do ator que interpreta a personagem	Maria Eduarda Laranjeiro
Estatuto Profissional	Estudante
Vestuário	- Leonor veste-se de forma descontraída, casual e simples. Os seus <i>looks</i> primam pelo uso de cor e padrões.
Meio habitacional	- Leonor passa mais tempo a morar em casa dos pais adotivos, contudo durante alguns episódios esta passa a residir em casa de Tomás.
Objetivos de vida	- Embora não seja taxativo, compreende-se que o que Leonor mais deseja é que os seus pais adotivos e Tomás mantenham uma relação cordial e de amizade.
Traços de personalidade	- Leonor é uma criança calma, doce, tranquila, equilibrada e consciente.
	- Leonor é filha adotiva de Rosalinda e Domingos Nunes e filha biológica de Tomás Folgado. Silvério Neto, Elvira Roque Courela e Gustavo

Marcas Relacionais	Folegado são seus tios. Leonor é prima de Fátima e Artur Neto, Ivone, Fausto e Nicolau Roque Courela. Anabela Neto é a melhor amiga de Leonor.

PARTE IV: Análise de conteúdo - Estratégias de Representação em “A Serra” (SIC)

Nota: a análise dos cenários de “A Serra” decorre da observação dos episódios definidos pelo corpus da investigação (primeiro e último episódio e capítulos múltiplos de 20).

Unidades de Análise: Estratégias de representação

- Cenários (interiores e exteriores)
- Falares Tradicionais
- Hábitos

Cenários:

Cenários Interiores

- ***Casa de Fátima Neto (e família):*** Nesta casa residem Fátima Neto, Silvério Neto, Paula Neto e Anabela Neto. Note-se que deste *decore* apenas é apresentado a sala de estar e a cozinha, secções da casa pertencentes à mesma divisão. Este cenário é pouco luminoso e possui um aspeto antigo. O destaque vai também para a qualidade dos móveis e eletrodomésticos, pouco modernos, e para a sobreposição de alguns elementos na cozinha. A casa de Fátima é de pedra e, a zona que o telespectador conhece, dá acesso à rua através de uma porta de madeira. Na sala de estar apenas se consegue observar um sofá e pouca decoração. Na cozinha, o realce vai para os armários em madeira, a mesa de refeições e as cadeiras, ambos os móveis, de madeira e com espaço para quatro pessoas. Também na cozinha pode observar-se que as paredes são cobertas por azulejos e há pratos pendurados nestas. A casa de Fátima contém um fogão a gás, cafeteiras antigas (das que se aquecem ao lume) e um frigorífico que serve de apoio à cozinha. Em cima dele estão caixas de armazenamento de bolachas, na parte da frente o frigorífico tem ímanes e de lado, o

mesmo eletrodoméstico serve para pendurar panos de cozinha. A casa de Fátima possui também um lance de escadas para o piso superior que não é apresentado na trama.

- ***Casa de Domingos Nunes (e família) i:*** Neste cenário vivem Rosalinda Roque Nunes, Domingos Nunes e Leonor Barros. O telespectador consegue ver a zona da sala de estar e da mesa de jantar da casa da família de Domingos. Esta divisão da casa dá acesso à rua, através de uma porta de madeira que possui uma janela na parte superior tapada por uma cortina de pano. A casa tem pouca luminosidade e é de pedra. Junto à porta de entrada existe um bengaleiro e em frente está o sofá da casa. Esta sala conta também com uma mesa de jantar e cadeiras de madeira para um total de seis pessoas. Destacam-se alguns detalhes na divisão como o armário com loiça em madeira, a tábua de passar a ferro e cestos de roupa.

- ***Casa de Tomás Folgado (e família):*** Na casa da família Folgado vivem Tomás, Gustavo, Aida e Moisés e, em determinado momento da história, Mariana Pereira Espinho e Leonor Barros. Este cenário, que apresenta a sala de estar e de jantar da família, possui muita luminosidade e uma decoração cuidada, embora minimalista. A porta de entrada e que dá acesso ao exterior parece ser de madeira, mas é feita de outro material. Do cenário fazem parte um conjunto de escadas que dão acesso ao piso superior (nunca mostrado na telenovela), uma mesa de jantar com cadeiras almofadadas e três sofás (um de grandes dimensões e duas poltronas). Como apontamentos de decoração destacam-se candeeiros de mesa e molduras.

- ***Casa de Elvira Roque Courela (e família):*** Na casa da família Roque Courela vivem Elvira, Fausto, Nicolau e Ivone. Deste cenário, o espectador apenas conhece a zona de entrada de casa, da qual faz parte a sala de estar da família. A porta de casa é de madeira e as paredes revestidas com azulejos florais. Este *decore* tem escadas para o piso superior e conta com um sofá repleto de almofadas e mantas. Atrás do sofá está uma estante com livros e porta-retratos. Em certos episódios, consegue vislumbrar-se a existência de uma mesa de refeições, pequena e de madeira, mais à direita do ecrã.

- ***Casa de Conceição Grilo (e família):*** Nesta habitação residem Conceição Grilo (Sãozinha) e os três filhos. Este cenário caracteriza-se por ser uma junção de duas divisões: a sala e a cozinha. Este *decore* possui uma decoração exagerada e confusa. As paredes da zona da cozinha são revestidas por azulejos, a banca é pequena e conta com um

amontoado de eletrodomésticos e o frigorífico serve para pendurar os panos da cozinha. Na cozinha destacam-se ainda pratos pendurados na parede. A casa de São tem, perto da porta que dá acesso à rua, um forno a lenha. Note-se que a porta da casa da família Grilo é de madeira e possuiu uma janela na parte superior tapada por uma cortina. Na zona da sala realça-se a existência de uma grande mesa de jantar de madeira coberta por uma toalha florida, um sofá coberto por uma capa e uns cortinados também de mote floral. A casa conta com alguns móveis de madeira, repletos de decoração ou molduras em cima. O destaque vai também para a existência de vários alguidares e cestas de verga neste cenário.

- ***Casa de Carmo Teles de Arriaga (e família):*** Nesta casa vivem Carmo, Manuel e Salvador. Este cenário surge alguns episódios depois do início da telenovela e marca a fase de vida da família Teles de Arriaga depois de ficarem falidos. Do cenário fazem parte a sala de jantar e de estar, numa decoração exagerada e excêntrica. A mesa da sala de jantar é grande e feita de madeira trabalhada. As cadeiras são almofadadas e o destaque vai para os serviços de loiça e de chá de elevada qualidade. Na sala de estar existe um sofá e uma pilha de livros sobre a qual está um candeeiro. Esta divisão está hiper decorada possuindo de tudo um pouco: livros, revistas, molduras, plantas, etc.

- ***Casa de Sebastião Botelho:*** Na casa da família Botelho vivem Marta, Sebastião, Lena, Guilherme e Vasco (que entra a meio da história e que falece alguns episódios depois). Deste cenário os telespectadores conhecem a área da sala de estar e do escritório que fazem parte da mesma divisão. A porta principal da casa é feita com pequenos vidros martelados e dá acesso direto à referida. A parte da sala é caracterizada por ter um grande sofá, uma mesa de centro em vidro, um aparador com bebidas e bastantes quadros. A zona do escritório contém uma secretária de madeira escura, uma poltrona e uma estante com variados livros, sobretudo de coleção.

- ***Fábrica de burel:*** Em “A Serra”, a fábrica de burel é apresentada através de uma grande sala onde estão distribuídas algumas bancadas de trabalho. Sobre elas estão máquinas de costura, fitas métricas e linhas. Do cenário fazem ainda parte rolos de tecidos, almofadas de alfinetes, agulhas, tábuas de passar a ferro, ferros de caldeira e cestos de roupa. Este *decore* dá acesso aos escritório da fábrica através de uma porta envidraçada.

- ***Escritório fábrica de burel:*** O escritório da fábrica de burel aparece poucas vezes, ganhando mais destaque na telenovela quando Aida Folgado fica a tomar conta da fábrica depois da separação com Moisés. O escritório tem muita luminosidade e conta com uma porta envidraçada que dá para o local onde se faz a produção têxtil. Dele faz parte uma secretária, um computador e uma cadeira de escritório. Rolos de tecido, prateleiras com novelos de linhas e amostras de tecidos expostos são também detalhes distintivos do espaço. Atrás da secretária surge em grande destaque um quadro com uma imagem de almofadas coloridas.

Queijaria “Vale da Fraga”

- ***Moinho “Vale da Fraga”:*** O moinho “Vale da Fraga” é dos principais cenários desta telenovela. Nele trabalha, na moagem em pedra de farinha, a protagonista Fátima Neto. Do lado de fora do moinho encontra-se um riacho de água com uma nora, máquina antiga que serve para tirar água. O moinho é um cenário escuro, embora contenha uma janela para a rua e tem paredes de madeira. Dele fazem parte diversos utensílios para a moagem de farinha, tabuleiros, balanças de pesagem, machados e pás de fornos a lenha. Neste cenário existem também troncos de árvores, sacos de farinha, depósitos de farinha, jerricãs de água e vassouras pequenas. O moinho tem uma área de copa com um armário, canecas, etc.

- ***Padaria de Fausto e Salvador:*** Em “A Serra” não é feita referência ao nome desta padaria. Sabe-se apenas que é um negócio de pão – padaria moderna (ex: pão de alfarroba; pão de sementes; quinoa) - que junta numa sociedade Fausto Roque Courela e Salvador Teles de Arriaga. Este cenário possui muita luminosidade e transmite leveza. O destaque deste cenário vai para as mesas e cadeiras feitas em madeira, para os centros de mesa com arranjos de flores ou plantas em vasos e para a vitrine de bolos. A vitrine faz parte do balcão da padaria que conta também com uma máquina registadora. Do cenário da padaria faz também parte um forno elétrico e uma exposição de pães – Atrás do balcão e do lado direito da porta de entrada existem diversas qualidades de pão expostas por cima de estruturas de madeira. A porta da padaria não é visível em nenhum dos momentos, mas é perceptível a existência de fitas que visam impedir a entrada de moscas e insetos no estabelecimento. Do lado esquerdo da porta (que corresponde ao lado direito visto pelo espectador) existe um móvel feito com pernadas de árvores e prateleiras com frascos de doces expostos e alguns livros.

- **Mercearia:** Em “A Serra” a mercearia é o negócio de Rosalinda e Domingos. Este cenário. A mercearia tem fitas na porta, com vista a evitar a entrada de insetos. Tem três vitrinas, formando uma espécie de U. Nelas estão expostos ovos, biscoitos, bolachas, frascos de doces, etc. Na mercearia o olhar facilmente se dirige para o bacalhau, presente, chouriço e outro tipo de enchidos pendurados. Nas paredes do estabelecimento encontram-se várias prateleiras com garrafas de vinho e de azeite, bem como produtos de limpeza e higiene. A mercearia contém também cestas de verga com frutos secos a granel.

- **Café/restaurante da aldeia:** Neste local trabalham Hortense e Tó Zé, mas a proprietária é Carlota Pereira Espinho. No final da telenovela o negócio é comprado por Lena que o oferece à mãe, Hortense. O café tem paredes de pedra e contém mesas e cadeiras de madeira para um grande conjunto de pessoas. O restaurante conta ainda com um balcão revestido em madeira, uma caixa registadora, uma lareira, copos e garrafas. Atrás do balcão, na parede estão penduradas luvas e conchas de cozinha. Tem uma abertura para a cozinha, uma máquina de café e uma estátua de um borrego como decoração. Na principal parede do cenário, que fica à esquerda da porta de entrada existe um móvel, em losangos, com garrafas de bebidas expostas.

Hotel

- **Escritório:** Em “A Serra”, o escritório é propriedade de Carlota Pereira Espinho. A porta tem aspeto de madeira clara, tal como o chão. Este, por seu turno, está coberto por algumas alcatifas. O escritório tem, à direita da porta (esquerda na perspetiva do espectador) uma mesa redonda, de reuniões com cadeiras almofadadas. Em frente à porta está a secretária de Carlota, com uma decoração minimalista (sobre ele estão, normalmente, papeis, um computador e uma moldura com uma fotografia de família) e uma cadeira de escritório. As paredes do escritório são ornamentadas com plantas. O escritório conta ainda com uma mesa de bebidas e uma estante com vários dossiês. Este cenário destaca-se pela luminosidade que possui.

- **Quarto dos hóspedes:** surgem, por diversas vezes, imagens de quartos de hotel. Embora as personagens que neles pernoitam sejam diferentes é evidente que se tarata do mesmo espaço, embora com uma distribuição dos móveis distinta. Assim, efetua-se aqui uma generalização e descrevem-se os quartos de hotel como: amplos e luminosos. Todos os quartos possuem uma janela com vista para a Serra da Estrela e todos contemplam a existência de dois espelhos: um redondo, de rosto, e outro, retangular, de corpo inteiro. Os

quartos do hotel têm camas grandes, mesinhas de cabeceira com telefone e uma penteadeira/secretária em frente à cama. Mariana, Carlota e Fernando vivem no hotel, o que significa que os seus quartos se aproximam ao descrito, embora surjam residualmente na trama.

- **Receção:** Tal como em todo o hotel, a receção tem uma decoração simples, mas cuidada. Deste cenário destaca-se a existência de um elevador e um balcão feito de madeira.

- **Loja de desportos de inverno:** Ao que tudo indica, a loja de desporto faz parte do hotel da família Pereira Espinho, embora não seja claro. Como loja desportiva que é, dela fazem parte sobretudo equipamentos para desportos de inverno e de montanha. O destaque vai para os kispas, as botas de neve, as mochilas (de grandes dimensões), os cachecóis e os capacetes. Nas paredes, para além das prateleiras e das cruzetas com estes equipamentos, existem também raquetes penduradas. Do *decore* faz também parte um balcão de madeira clara e um computador.

- **Lounge:** O *lounge* do hotel conta com várias mesas e cadeirões almofadados, com um grande espelho redondo emoldurado com madeira. Com uma decoração simples, este cenário conta com alguns apontamentos verdes decorrentes da existência de plantas.

- **Sala de estar (casa dos Pereira Espinho):** Ao que tudo indica esta é uma zona de acesso restrito à família Pereira Espinho, uma vez que vivem no hotel. Deste cenário faz parte um conjunto de escadas que dá para um piso superior (que não se sabe o que contempla), uma lareira, sofás grandes e aparentemente confortáveis e um centro de mesa. Para além disso, existe também uma mesa de refeições de grandes dimensões e com cadeiras almofadadas. Este cenário tem uma janela para o exterior o que lhe confere grande luminosidade.

No que concerne aos cenários interiores desta telenovela há ainda a considerar o surgimento de alguns *decors* específicos em episódios pontuais. Nos capítulos 60, 180 e 260 há, em cada um, uma ou mais cenas num hospital (no primeiro Mariana aguarda pela sua vez na sala de espera, no segundo é Vasco quem está hospitalizado e no terceiro Rosalinda), no episódio 40 há um momento passado numa farmácia e no episódio 120 surge, uma única vez, a loja de Márcio. A casa de Fernando e Vitória também aparece por duas vezes nos episódios analisados (no episódio 240 e no episódio 280). Estes cenários não são alvo de análise na medida em que o seu surgimento é residual e pouco comum.

Cenários exteriores

- **Aldeia da Fraga Pequena:** A aldeia da “Fraga Pequena” é caracterizada por ter ruas feitas de calçada e de, no largo principal, estar o busto de Álvaro Pereira Espinho. Nesta aldeia, as casas são baixas e feitas de pedra antiga. Em muitas das casas verifica-se a existência de coisas poisadas nos telhados. À portas das casas o destaque vai para os vasos de plantas que, não só ornamentam as casas, mas também as ruas.

- **Tanque Comunitário:** Tal como o próprio nome indica deste cenário faz parte um tanque com água com uma cobertura por cima. Nas telhas que ajudam a proteger o tanque estão presos os fios da roupa para que esta possa ser estendida e, consequentemente, secar. Dos episódios analisados este cenário apenas surge uma vez, no entanto, ele aparece com alguma frequência ao longo da história e faz parte da narrativa.

- **Forno Comunitário:** O forno comunitário é utilizado, numa primeira fase, por Jacinta e São Grilo, mas em determinado momento tiveram de o partilhar com os novos padeiros da aldeia, Salvador e Fausto, já que o seu forno estava avariado. O forno da aldeia da “Fraga Pequena” é coberto por um telhado e feito no chamado “tijolo de burro”. Junto ao forno está uma placa que diz “venda de produtos regionais”. Deste cenário fazem ainda parte: cestas de verga, alguidares, pás para meter e tirar o pão do forno a lenha.

- **Imagens Serra da Estrela;** tendo como ponto de partida a Serra da Estrela, esta telenovela produzida pela SP Televisão e exibida pela SIC contém numerosas imagens aéreas do ponto mais alto de Portugal Continental. São diversos os episódios onde é evidente a serra coberta de neve e outros onde reina a paisagem verde caracterizadora desta zona do país. A Torre da Serra da Estrela surge com bastante frequência, bem como planos de rochas, montanha e riachos serranos.

- **Imagens Covilhã:** A Covilhã é uma das cidades que se encontra plasmada nos ecrãs nacionais com esta telenovela. Da cidade surge imagens aéreas que mostram a Câmara Municipal, a Universidade da Beira Interior e o pelourinho. Para além disso, são vários os episódios onde se pode ler “Covilhã”, nas letras gigantes outrora colocadas no centro da cidade.

- **Imagens Manteigas:** Em “A Serra” surgem várias imagens de Manteigas, sobretudo, imagens aéreas. O espectador reconhece o sítio que está a ser exibido já que surgem sempre as letras gigantes que dizem “Manteigas”.

- **Imagens Gouveia:** Gouveia é outra das localidades apresentadas na telenovela da SIC. Nas imagens aéreas do concelho, surgem os principais pontos de referência do município e as conhecidas letras gigantes.

Falares Tradicionais

Nesta secção destacam-se algumas das expressões, ou frases, ditas nos episódios em análise, que remetam para alguma singularidade discursiva e especificidade verbal da população das Fraga Pequena. São também apontadas algumas teses e considerações sobre a aldeia.

- “Abalar” (palavra proferida por Fátima Neto no 1º episódio);
- “Avilo” (expressão utilizada pela família Neto para designar o local onde as ovelhas se encontram no episódio 40);
- “Nesta casa não se cozinha à conta”, “queres trincar” ou “bichas” (são expressões e palavras tecidas por Fátima Neto no episódio 40);
- “Tio Aurélio”, “Tia Hortense” e “Tio Simão” (formas de tratamento utilizadas por todas as personagens para se dirigem a pessoas mais velhas);
- “Disse-lhe poucas e boas” (disse Carmo Teles de Arriaga no episódio 60);
- “Andor, andor” (expressão proferida por Fátima Neto no 60º episódio);
- “Enchente de porrada” (expressão dita por São Grilo no episódio 120);
- “O que não tem remédio, remediado está” (comenta Hortense Rasteiro no 120º episódio);
- “Baixar a crista” (diz Márcio no episódio 140);
- “Deus é grande” (acredita Hortense Rasteiro no 180º episódio);
- “Andarem amantizados” (diz São Grilo no episódio 200);
- “As injustiças são pagas caras” (ameaça Marta Botelho no episódio 200);

Hábitos

Aqui são apresentados alguns dos principais hábitos ou situações distintivas da aldeia da Fraga Pequena e dos seus habitantes:

- Ida ao café ou padaria: episódios 1, 40, 120, 140, 180, 200, 280 e 300;
- Trabalho pré-industrial: episódios 1, 20, 40, 80, 160, 220, 260 e 280;
- Eventos: episódios 1, 80, 160, 260, 300 e 303;
- A Fraga Pequena é uma aldeia em que tudo se sabe: episódios 20 e 80;
- Coscuvilhices em todas as cenas na fábrica de burel ou no café da aldeia se registam este hábito;
- Uso do forno comunitário: episódios 40 e 160;
- Alusão às lendas locais: episódios 80, 160 e 200;
- Hábitos religiosos ou referências a crenças: episódios 180, 280, 300 e 303;
- Falta de rede: episódio 303

APÊNDICE B – “BEM-VINDOS A BEIRAIS” (RTP1)

PARTE I: Análise de Conteúdo – Genérico “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1)

Unidades de Análise: Genéricos

- Duração do Genérico
- Título da Canção
- Intérprete da Canção
- Número de planos do genérico
- Descrição dos planos
- Léxicos predominantes na letra da canção
- Mensagem transmitida pela canção do genérico

Tabela 1 - Análise do Genérico de “Bem-Vindos a Beirais”

Duração do Genérico	1 Minuto e 22 segundos
Título da Canção	“Muda de Vida”
Intérprete da Canção	Humanos
Número de planos do genérico	19 Planos
	- No genérico de “Bem-Vindos a Beirais” surgem todas as personagens fixas da telenovela. A elas associam-se outras, conforme a temporada em causa. As personagens são apresentadas por núcleos e em frente dos locais/cenários que melhor as caracterizam. - O genérico segue uma lógica: todas as personagens se colocam em posição de serem fotografadas (primeiro plano geral e depois grande plano – associado ao plano mais aproximado surgem os nomes dos atores que dão vida a cada personagem). <u>Na 1ª temporada:</u> - 1º Plano: Diogo coloca uma máquina fotográfica em cima de algo. Ouve-se um temporizador a tocar enquanto Diogo corre mais para trás. Em plano de fundo surge a sua casa em Beirais.

	- 2º Plano: A Diogo, que se encontra sorridente, juntam-se, primeiro Clara (do lado direito do ecrã) e depois Teresa (do lado esquerdo do ecrã), também de sorriso no rosto. Os protagonistas encontram-se próximos e Diogo abraça-as, colocando cada um dos seus braços atrás de cada uma das mulheres que o ladeiam. Fica a sensação que é tirada uma fotografia aos 3, em plano médio, já que se ouve o som da captura de imagem/<i>flash</i>. - 3º Plano: Rita, Inês e João preparam-se para a fotografia, em frente à casa de turismo de Beirais, da qual Rita é proprietária. Do cenário fazem também parte, cadeiras de jardim. Ouve-se o temporizador da máquina fotográfica. - 4º Plano: Neste plano, dá-se uma aproximação do <i>frame</i> anterior, sendo fotografados em plano médio os três elementos da família. Ouve-se o disparo da máquina fotográfica. - 5º Plano: neste plano, encontram-se Susana e Olga já preparadas para a fotografia e Gabriel a correr para junto delas. A fotografia é tirada em frente à casa da família. Esta breve ação e sonorizada, não só pela música do genérico, mas também pelo temporizador da máquina fotográfica. - 6º Plano: Olga, Susana e Gabriel são fotografados em plano médio. Escuta-se o som de quando se tira uma fotografia. - 7º Plano: Neste plano, está Nazaré, em frente ao autocarro de Carlos, que desde do veículo a correr e se junta a ela. Enquanto se posicionam para a fotografia, ouve-se o “pi, pi, pi” indicador de regressão temporal. - 8º Plano: O casal Batista (Nazaré e Calos) é fotografado em plano médio. Mais uma vez, escuta-se o disparo da câmara fotográfica. - 9º Plano: Neste plano surgem, Benjamim, Pedro, Marina e Xavier à porta da sociedade recreativa de Beirais (negócio de Marina). Escuta-se o temporizador. - 10º Plano: A família apresentada no plano anterior é fotografada em plano americano. Todos se encontram sorridentes. - 11º Plano: No plano em análise surgem o cabo Júlio e os cangalheiros Moisés e Joaquim, encostados a uma carrinha funerária. - 12º Plano: Neste plano surgem as personagens anteriormente descritas, mas numa imagem mais aproximada. - 13º Plano: Numa das ruas de Beirais (não é possível identificar a localização nem a proximidade com nenhum local conhecido da aldeia) preparam-se para a fotografia, o padre Luís, a professora Patrícia, o doutor Nuno e Agostinho (presidente da junta). Os participantes neste plano encontram-se lado a lado. - 14º Plano: Os quatro intervenientes apresentados no plano anterior são fotografados em plano americano sob o som da máquina fotográfica. - 15º Plano: Tendo como plano de fundo uma casa e um carro de luxo, Fernando (que está encostado ao seu veículo) chama Cristina para a fotografia. O casal fica lado a lado: ele de braços cruzados e ela agarrada à carteira. - 16º Plano: A fotografia ao casal é feita em plano americano, - 17º Plano: Neste plano surgem todos os elementos da família Pedroso e Xana. A ação tem como plano de fundo a porta da mercearia de Beirais e começa com Sandro e Xana a conversarem, Tânia e Hortense junto das caixas de fruta e Alzira e Manuel a saírem da mercearia. Todos se posicionam para serem

	fotografados. - 18º Plano: Hortense, Sandro, Alzira, Tânia, Manuel e Alexandra são fotografados em plano americano. - 19º Plano: O último plano do genérico de “Bem-Vindos a Beirais” contempla todas as fotografias tiradas durante o genérico. O plano é fixo e elas vão aparecendo. A fotografia com mais destaque é a primeira, na qual surgem os protagonistas, Diogo, Clara e Teresa. Na imagem surge também uma igreja e ouvem-se os sinos a tocar. O título da telenovela surge numa faixa que remete para as fitas e tiras penduradas entre os postes de eletricidade nas aldeias, aquando das festas locais. <u>Na 2ª temporada:</u> - O plano 1, 3, 4, 7, 8, 17 e 18, mantém-se igual aos da primeira temporada. - O 2º plano, na segunda temporada de “Bem-vindos a Beirais” apresenta apenas Diogo e Clara a serem fotografados. - Nos planos 5 e 6, e em conformidade com a lógica da temporada anterior, são apresentados, primeiro em plano geral e depois em plano médio Olga, Gabriel, Nuno e Susana. - O 9º e o 10º plano apresentam no modelo já apresentado, Benjamim, Pedro, Mariana e Luís (que substitui Xavier em comparação ao genérico da primeira temporada). - Nos planos 11 e 12, para além dos cangalheiros e de Júlio (já apresentados na primeira temporada), aparece Zezinha, a namorada GNR do cabo de Beirais. - Enquanto que, nos planos 13 e 14 da 1ª temporada estavam Nuno, Patrícia, Agostinho e Luís, nos mesmos planos da segunda temporada surgem: Agostinho, Patrícia, Fernando e São (afilhada de Fernando). - Nos planos 15 e 16 e de acordo com o mesmo raciocínio de abertura e fecho de planos, surgem quatro novas personagens da telenovela: o cabo Vitor da GNR, Tó Zé (barbeiro), Viriato e o padre Justino. - O 19º plano é em tudo semelhante ao apresentado na temporada transata, contudo, com as fotografias tiradas neste genérico: com novas personagens e menos uma protagonista. <u>Na 3ª temporada:</u> - Nesta temporada o genérico vai-se alterando conforme o episódio em causa. - Os planos 1, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17 e 18 mantém-se semelhantes ao que surge na temporada 2. - O 2º plano sofre alterações conforme o episódio. Há episódios em que, neste momento, Diogo aparece somente com Clara e outros (em menor quantidade – de acordo com o <i>corpus</i> de episódios em análise) em que surge com Clara, do lado direito do ecrã e Carlota do lado esquerdo. - Os planos 3 e 4 também contemplam alterações conforme os episódios. Em alguns casos surgem apenas Rita, Inês e João e noutros aparecem Rita, Inês, Marta, Dinis, Tiago e Vasco (a nova família de Rita depois do divórcio com João).

Descrição dos planos	- No 7º e 8º plano, há episódios em que surgem apenas Carlos e Nazaré Batista e outros em que surge o casal mencionado e Alcino e Lucília (casal de portugueses que estiveram emigrados na França). - Nos planos 13 e 14 surgem, em alguns episódios, Agostinho, Patrícia, Fernando e São; noutros aparecem os três primeiros e Mercedes; e noutros os cinco personagens mencionados. - No 19º plano, a lógica do genérico é a mesma do das anteriores temporadas, contudo, adapta-se às novas fotografias tiradas. <u>Na 4ª temporada:</u> - A temporada em análise é em tudo semelhante a um dos “lotes” dos genéricos dos episódios da 3ª temporada. Existe, no entanto, uma maior uniformidade dos genéricos em todos os capítulos. Apontam-se residuais adições de personagens. A lógica do genérico é a mesma desde a 1ª temporada: plano geral + plano americano. - Os planos 1 e 2 conta com Diogo e Clara; - Os planos 3 e 4 são com Rita, Inês, Marta, Dinis, Vasco e Tiago; - Nos planos 5 e 6 surge a família Fontes: Nuno, Olga, Susana e Gabriel; - O plano 7 e 8 apresentam Nazaré, Carlos, Lucília, Alcino e Julian (personagem adicionada); - Nos planos 9 e 10 surgem Marina, Luís, Pedro e Benjamim; - Os planos 11 e 12 mostram Júlio, Zezinha, Moisés e Joaquin; - Nos planos 13 e 14 aparecem Patrícia, Agostinho, Fernando e Mercedes. Em alguns episódios, surge também no genérico Leonel (presidente da junta da aldeia da Torre: personagem adicionada); - O 15º e 16º mantém na imagem Vitor, Viriato, Tó Zé e Justino; - Os planos 17º e 18º permanecem intocáveis desde a primeira temporada, com a família Pedroso. - O último plano mantém a lógica dos apresentados até aqui, atualizando a sua imagem conforme as personagens apresentadas no genérico de cada episódio.
	- O genérico de “Bem-Vindos a Beirais” contempla o refrão de “Mudar de Vida” (cantado duas vezes) mais parte uma das suas estrofes: “Muda de vida Se tu não vives satisfeito Muda de vida Estás sempre a tempo de mudar Muda de vida Não deves viver contrafeito Muda de vida Se há vida em ti a latejar (...) Olha que a vida não Não é nem deve ser Como um castigo que Tu terás que viver”

Trecho da música utilizado no genérico	+ Primeira estrofe aqui transcrita
Léxicos predominantes na letra da canção	- Os léxicos mais predominantes no genérico são as palavras (ou seus derivados) “muda” e “vida” e, por inerência, a expressão “muda de vida” que corresponde ao título da canção,
Mensagem transmitida pela canção do genérico	- A letra do genérico da canção evoca precisamente aquela que é o mote desta produção: o protagonista quer “mudar de vida” e troca a capital por uma aldeia do interior de Portugal. - As expressões “viver contrafeito”, “se não vives satisfeito” e a vida “não é nem tem de ser um castigo” refletem os sentimentos vividos pelo protagonista e associam-se à vida em Lisboa e o incentivo à mudança. - A letra do genérico é uma espécie de “hino” que visa incentivar a procura de felicidade, mesmo que isso implique afastar-se radicalmente do que se conhece até então – abrir horizontes.

PARTE II: Análise de conteúdo dos episódios de “Bem-Vindos a Beirais” - Protagonistas

Nota 1: Nesta segunda parte do apêndice estão vertidas as sinopses dos episódios em análise da telenovela “Bem-Vindos a Beirais” de forma a garantir que seja possível, não só a análise de conteúdo dos protagonistas, mas também conhecer melhor as personagens secundárias. Os resumos dos episódios ajudam a justificar alguns dos traços de personalidade e a reconhecer os objetivos de vida das personagens de menor destaque.

Nota 2: Tal como explanado na metodologia de investigação da presente investigação, o *corpus* analisado engloba o primeiro e o último episódio de cada produção e os capítulos múltiplos de 20. No caso de “Bem-Vindos a Beirais”, e como a telenovela está segmentada por temporadas, analisar-se-ão os episódios descritos e os últimos episódios de cada temporada, independentemente de estes corresponderem, ou não, aos múltiplos de 20.

Nota 3: Os protagonistas analisados em “Bem-Vindos a Beirais” são os definidos pela imprensa especializada, pela RTP1 e pela SP Televisão. Na primeira temporada, as personagens em causa são Diogo Almada (personagem interpretada por Pepe Rapazote), Clara Rodrigues (papel entregue à atriz Oceana Basílio) e Teresa Sampaio (personagem de Sandra Santos). Nas restantes temporadas são protagonistas apenas os dois primeiros nomes indicados.

Nota 4: Na unidade de análise “Meio Habitacional” faz-se sempre referência ao cenário correspondente que se encontra descrito na Parte IV deste apêndice.

Nota 5: É atribuído, pela RTP1, um título a cada episódio desta produção que visa sintetizar o seu conteúdo.

Unidades de Análise: Protagonistas de “A Serra”

- Nome das personagens
- Estatuto Profissional
- Vestuário
- Meio Habitacional
- Traços de personalidade
- Objetivos de vida
- Linguagem verbal
- Linguagem corporal
- Marcas de controlo
- Marcas de generalizações
- Marcas relacionais

1º Episódio: “Rumo ao Campo” (1ª temporada)

Este episódio inicia-se com Diogo Almada numa viatura, visando chegar a Beirais – indicador fornecido através das várias placas com a indicação dos quilómetros que faltam para a aldeia. Diogo questiona um pastor em que direção fica Beirais e é perceptível que se encontra na direção errada. Diogo encontra-se numa zona do interior de Portugal porque se observam vacas a pastar, buracos na estrada e o GPS dá indicação que “é impossível estabelecer ligação com o satélite”, devido à inexistência de rede.

Na cena seguinte, é possível ver dois carros na estrada, o de Diogo e o de Clara Rodrigues. Estes automóveis acabam por ter um acidente já que, na estrada, circula um rebanho de ovelhas que exige uma travagem do primeiro carro. Clara acusa Diogo de não saber conduzir e Diogo fala em falta de cuidado na estrada por parte da protagonista. Perante a agressividade demonstrada por Clara, Diogo deseja que os beiralenses não sejam como ela. Em resposta a estas palavras, Clara diz-lhe que, se não gosta, o melhor é voltar para casa. É neste momento que Diogo tem um *flashback* e recorda momentos passados em Lisboa.

Estas imagens dão conta da vida agitada e atarefada de Diogo na capital. O episódio mostra um dos dias em que Diogo adormece, devido ao cansaço extremo. O protagonista acorda ansioso por ter faltado a um compromisso e tem um AVC. Teresa Sampaio, que assiste a tudo, acompanha-o ao hospital. No local, o médico que o observa diz-lhe que tem de abrandar e que o seu problema de saúde se deve ao *stress*. Numa cama ao lado, está Henrique que comenta a situação, dizendo que é preciso aceitar mudanças na vida. Nestas imagens relativas à vida em Lisboa, também é possível verificar que Clara, Susana Fontes e Rita Santiago estão à procura de emprego, juntando-se, por várias vezes, no centro de emprego ou no café. Clara fala, frequentemente, sobre o ex-namorado, que a traiu e roubou.

Dias depois, Diogo já está em casa e de regresso ao trabalho. Teresa alerta-o para descansar e trabalhar menos, lembrando-o que anda a perder muita coisa por causa do trabalho. Diogo diz estar consciente disso, mas garante que não pode deixar de trabalhar, caso contrário, colocam outra pessoa no seu lugar. Teresa sugere-lhe mudar de empresa, mas Diogo diz que se o fizer o problema mantém-se e acrescenta que a única solução é mudar de vida e ir para o campo. Esta ideia leva, mais tarde, Diogo ao hospital. O protagonista quer saber, junto de Henrique, mais sobre o seu negócio em Beirais. Depois das explicações dadas, Diogo diz que parece ser “um negócio promissor” e confessa a Henrique que lhe vai apresentar uma proposta. Perante a falta de conhecimentos na área de Diogo, Henrique sugere ao amigo, primeiro ir ver a produção e perceber naquilo “em que se vai meter” para depois decidir.

No que concerne à vida das três amigas, no café a que costumam ir, Rita propõe-lhes criarem um negócio em Beirais. Rita explica que herdou uma casa na aldeia que podem recuperar e tornar uma habitação para turismo rural. Susana e Clara ficam reticentes, mas aceitam “arregaçar as mangas” já que não têm nada a perder.

Diogo prepara um jantar romântico para Teresa com o objetivo de lhe contar que vão mudar de vida. Diogo confessa que comprou um terreno em Beirais, por 90 mil euros e avança que a aldeia será o local ideal para terem filhos, já que é mais calmo e saudável. Diogo confessa não aguentar mais viver na capital. Teresa fica chocada com a decisão do namorado e desiludida por ter feito tudo nas suas costas. Teresa não vai com Diogo para Beirais pois diz gostar da sua vida em Lisboa e querer apostar na sua carreira. A cena que se segue, mostra Diogo a colocar as malas e a preparar o jipe para rumar a Beirais. Teresa despede-se do companheiro, confessando ter medo de o perder. Diogo conforta-a dizendo que apenas vão viver em sítios diferentes, reforçando o amor que sente por ela.

O episódio regressa ao momento do *flashback*. Diogo oferece-se para pagar o arranjo do carro a Clara, mas a amiga de Susana e Rita recusa-se a ver se a viatura ficou com algum

dano e segue. Já na aleia, Diogo cruza-se com a banda filarmónica local, dirigida pelo maestro e cabo da polícia Júlio Gameiro. Diogo aproxima-se e pergunta onde há uma mercearia, acrescentando que comprou a casa e o negócio de Henrique. Já no minimercado, estão Alzira e o filho, Sandro Pedroso, e Carlos Batista. Diogo entra no estabelecimento e compra comida congela para o jantar já que ainda não conhece nada por ali. Alzira questiona-o sobre se “não é aqui das redondezas” ao que Diogo responde ser de Lisboa e ter comprado uma casa em Beirais. Por seu turno, Carlos apresenta-se ao novo habitante da aldeia e sugere-lhe fazerem uma entrevista para a “Beirais FM”, onde é animador, para todos ficarem a conhecer Diogo.

Chegado a casa, Diogo procura um micro-ondas ou um forno para fazer a comida que comprou, mas não encontra. É então que telefona a Henrique que lhe diz que um dos seus empregados o levou para arranjo já que estava avariado. Diogo sai para jantar, dirigindo-se à “Casa da Aldeia”. Nesta, Rita termina de limpar e arrumar um dos quartos e Susana diz que a cozinha já está funcional. Susana e Rita mostram-se animadas por passado meio ano, estarem quase a abrir portas, faltando apenas uma licença. Quem não se mostra tão empolgada é Clara que diz que ainda há coisas para fazer. Esta teme que o investimento tenha sido em vão e não consigam obter lucros. Quanto à possibilidade de Diogo jantar ali, Rita explica-lhe que não estão abertos ao público, mas reitera que vão arranjar alguma coisa para ele comer. Nesse momento, Clara reconhece-o e começa a disparatar com ele. Diogo explica que as coisas não se passaram como Clara conta. Susana entra e diz acreditar no lisboeta, levando-o até à sala de refeições. Clara não concorda com este ato de hospitalidade, visto que ainda não têm licença, mas as amigas dizem que não podem mandar embora um possível futuro cliente. Já na sala de refeições, Diogo e Susana conversam sobre Clara e Susana garante-lhe que, quando a conhecer melhor, mudará de opinião em relação a ela. Diogo e Susana falam, ainda, sobre a sua “comissão de boas-vindas”, uma tempestade que chegará, essa noite, a Beirais. Já em casa, e com um enorme temporal na rua, Diogo coloca vários alguidares por toda a casa, de forma a tentar apanhar a água que entra pelo telhado. O lisboeta telefona a Teresa, diz-lhe que tudo está a correr bem, embora lhe comece a chover em cima. Diogo define Beirais como uma “aldeia catita”, mas a chamada telefónica com Teresa cai devido à falta de rede. No dia seguinte, Diogo chega à estufa e verifica que está tudo destruído com o temporal.

Tabela 2 - Análise Protagonistas: 1º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo começa por ser gestor de clientes numa empresa de telecomunicações. Contudo, ao decidir mudar de vida,

	torna-se agricultor e empresário no ramo agrícola, em Beirais.
Vestuário	- Quando vai ver o estado das estufas depois do temporal, na última cena do primeiro episódio, Diogo veste umas calças de ganga um pulôver rosa e o referido casaco. - Nas cenas de <i>flashback</i>: 1) Quando acorda atrasado para uma reunião com clientes, em Lisboa, Diogo utiliza umas calças de fato, uma camisa, sapatos e uma gravata; 2) No hospital, Diogo utiliza uma bata própria dos utentes; 3) Dias depois de ter saído do hospital e já a trabalhar através de casa, Diogo utiliza calças de ganga e camisa azul; 4) Quando o protagonista vai ao hospital para fazer uma proposta de compra das estufas a Henrique, utiliza fato e gravata; 5) No momento em que Diogo prepara um jantar romântico para Teresa, este utiliza calças e camisa colocada por dentro das calças.
Meio habitacional	- Neste episódio é possível ficar a conhecer a casa de Diogo em Lisboa e em Beirais. Em Lisboa, Diogo vive num apartamento, onde a sala de estar e de jantar estão na mesma área. A casa está decorada com gosto e é muito luminosa. A habitação de Diogo em Beirais é um <i>duplex</i> , tem grandes dimensões, embora, neste episódio seja possível perceber que o telhado não está em boas condições já que entra água. O episódio 1 também revela como é a estufa que Diogo comprou – Cenários: Casa de Diogo e Teresa (Lisboa), Casa de Diogo Almada em Beirais e Estufas de Diogo.
Objetivos de vida	- Neste episódio, denota-se que o principal objetivo de Diogo é mudar de vida. Diogo procura tranquilidade e calma, querendo fugir do <i>stress</i> de Lisboa.
Traços de personalidade	- Irónico: esta característica evidencia-se em grande parte das conversas que Diogo tem neste episódio. Em alguns casos esta particularidade associa-se ao seu carácter provocador, noutras anda lado a lado com o seu sentido de humor. - Consciente e preocupado: estas características ganham espessura assim que Diogo é hospitalizado e percebe que o ritmo de trabalho que acarreta não é suportável. - Egocêntrico: este traço de personalidade manifesta-se quando Diogo decide mudar de vida, comprando as estufas em Beirais, sem consultar a namorada. - Empático: esta característica ganhou representatividade aquando do seu contacto com Henrique e, mais tarde, com os habitantes de Beirais. Diogo mostra-se bem-educado procurando um constante entrosamento na já oleada vida beiralense.
	- “Mas porque é que a porcaria do GPS não funciona?": esta questão traduz a dependência tecnológica que Diogo tem e remete para um hábito que Diogo tinha na capital. Associa-se a uma certa dificuldade em se desenrascar com as placas e com as indicações do senhor que

	encontrou na estrada. - “Está bem? Desculpe”: esta expressão evidencia que Diogo é uma pessoa preocupada e responsável e consciente das suas ações. - “A senhora é que vinha a passo de caracol e aos S no meio da estrada”: esta frase é dita com indignação e perplexidade e surge como forma de Diogo se defender das acusações de Clara. Face ao exposto nas imagens, esta afirmação corresponde à verdade o que mostra que Diogo é um homem realista. - “Porquê essa agressividade toda ao falar comigo?”: esta questão demonstra que Diogo é um homem, não só realista e atento, mas também sensato e tranquilo. - “Espero que nem toda a gente na aldeia seja assim (...) fria, nervosa e má condutora”: esta expressão evidencia a veia provocadora e irónica que caracteriza Diogo. Apesar de Diogo desejar aquilo que diz, a enunciação de tais palavras visa gerar uma reação. - “ Porque é que não me acordaste, Teresa? Sabias que eu tinha uma reunião importante hoje”: esta frase evoca <i>stress</i> e desresponsabilização própria já que ele não acordou, não por culpa da namorada, mas porque não ouviu o despertador. - “Olha, ótima decisão, obrigada”: esta expressão é preferida com ironismo e traduz o desagrado de Diogo perante a interferência de Teresa na sua vida profissional. - “Agora diz-me como é que eu explico na empresa como é que eu perdi um cliente destes porque me deixei adormecer no dia da assinatura do contrato?”: mais uma vez, esta interrogação explicita a forma stressada e irónica que caracterizam Diogo. Esta questão mostra também que Diogo é um homem responsável. - “Teresa, Teresa, é o peito” e “não quero morrer” são expressões que indicam não só a preocupação de Diogo, mas também a sua consciencialização face à gravidade do problema que enfrenta. - “Que pérola sabedoria rural me vai contar agora?”: esta questão emana a forma sobranceira e depreciativa como Diogo observa a vida fora da capital. - Quando Diogo regressa ao trabalho e, consequentemente, a casa, diz que “tenho de continuar a trabalhar porque senão põem outro no meu lugar”: o protagonista parece estar calmo e resignado, aceitando com tranquilidade a azafama da vida lisboeta. - “Eu tenho é de mudar de vida, de ir para o campo onde tudo é mais tranquilo”: esta frase evidencia a forma como a maioria dos lisboetas, personificados aqui por Diogo, olham o meio rural. “Eu é que não queria vê-lo aqui”: esta frase é dirigida a Henrique quando Diogo o visita no hospital par lhe fazer uma proposta de compra das estufas. Esta expressão denota empatia. “Parece um negócio promissor” e “tenho lido e estudado sobre o assunto” são expressões que demonstram o interesse de Diogo por

Linguagem verbal	uma vida diferente. Contudo, o que diz associado à expressão corporal de Henrique demonstram que Diogo não sabe, na verdade, naquilo em que se vai meter já que a realidade que conhece é em tudo distinta daquele que se vive em Beirais. Tal inicial desconhecimento em relação à vida agrícola e rural é corroborada através das frases: “então e ainda falta muito para a colheita?” e “já percebi que é preciso muita dedicação” (enunciados dirigidos a Ramiro quando Diogo vai visitar as estufas pela primeira vez). - “Vamos dar início a uma nova fase da nossa vida” e “comprei uma propriedade com estufas de ervas aromáticas, em Beirais, vamos mudar de vida e dedicarmo-nos à agricultura”: Estas duas expressões mostram que Diogo é um homem decidido, pronto para a mudança e destemido. Todavia, demonstram também que Diogo é egocêntrico já que esta decisão foi tomada unilateralmente sem consultar Teresa. - “É um sítio lindo, seguro, ideal para formar uma família (...) onde temos sossego”: esta expressão traduz as várias características que Diogo associa a Beirais e, por consequência, ao mundo rural. - “Eu andava a rebentar pelas costuras, não ia aguentar muito mais tempo” e “eu não estou bem em Lisboa”: são expressões que associam a capital portuguesa à pouca qualidade de vida, ao stresse e ao ritmo acelerado do quotidiano.
	- Aquando do acidente, já perto de Beirais, Diogo sai de imediato do carro, com ar de preocupação. - Quando Clara coloca em causa a sua condução, Diogo coloca as mãos na cinta, indignado. Durante o resto da conversa, Diogo mantém-se calmo, sereno, embora responda às provocações de que é alvo. É constante o ar de perplexidade. Quando Clara arranca chareada, Diogo sorri, - Na primeira cena que surge, em Lisboa, Diogo aparece a arranjar-se pela sala: calça os sapatos, aperta a camisa e o cinto - Enquanto faz as chamadas telefónicas, Diogo tem o telemóvel entre o ombro e a orelha ajeitando, simultaneamente, os punhos da camisa. - No momento em que sai da sala Diogo começa a sentir-se mal. Como tal agarra-se às portas, senta-se no sofá, tira a gravata, desaperta a camisa, fica ofegante e coloca a mão no peito. - Já no hospital, Diogo permanece com ar preocupado e pensativo enquanto ouve as indicações do médico. - Quando regressa a casa, Diogo trabalha com o portátil sobre as pernas. O protagonista suspira ao perceber que a melhoria da sua qualidade de vida pode passar por ir morar para o campo. - No hospital Diogo e Henrique selam o acordo com um aperto de mão. - Na estufa Diogo caminha de mãos nos bolsos enquanto Ramiro lhe explica como tudo se processa. - Diogo caminha lado a lado com Teresa em direção à mesa da sala de

Linguagem corporal	jantar. Diogo puxa a cadeira de Teresa, como sinal de cavalheirismo, e dá-lhe um beijo no rosto. - Diogo e Teresa despedem-se com um beijo e um abraço junto ao carro deste. - Em Beirais, Diogo cumprimenta, sorridente, Júlio, Alzira e Carlos. - Ao chegar à sua casa em Beirais, Diogo tira o casaco, coloca as suas coisas em cima da mesa e deambula pela casa à procura de um micro-ondas, que não existe. Diogo sai para jantar. - Diogo entra na casa de turismo rural da aldeia pedindo para jantar. - Depois de jantar e já com um audível temporal na rua, Diogo apercebe-se que chove dentro de casa e coloca alguidares no chão para apanhar a água. Enquanto o faz, realiza uma chamada telefónica à Teresa. - O protagonista olha perplexo, chocado e em pânico para a destruição que o temporal provocou nas suas estufas.
Marcas de controlo	- O facto de Diogo se despedir de um emprego que tinha como certo, mudar de vida e pagar 90 mil euros por uma casa e por uma produção em estufa são indicadores de que Diogo é um homem sem problemas financeiros.
Marcas de generalizações	- Diogo é a personagem responsável pelas características que, na produção “Bem-Vindos a Beirais”, se associam à capital e ao interior. Generaliza-se considerando-se que Lisboa é o ponto nevralgico do stresse, da rapidez e da distância (considerações emanadas a partir do problema de saúde de Diogo e das conversas de abrandamento que daí advieram), ao passo que, o interior é personificado como idílico, sossegado, seguro e cooperativo (ilações retiradas a partir da conversa que Diogo tem com Teresa e da chegada do protagonista à aldeia).
Marcas relacionais	- Diogo é namorado de Teresa Sampaio.

Tabela 3 - **Análise Protagonistas: 1º episódio – Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Neste episódio, Clara está desempregada, surgindo em determinada parte do capítulo um desafio profissional no ramo da hotelaria. Na segunda parte do episódio é possível ver Clara a trabalhar na casa de turismo de habitação de Beirais.
Vestuário	- No momento em que sofre o acidente, Clara veste umas calças, uma blusa azul, umas botas de salto alto e um lenço ao pescoço. - No <i>flashback</i>, quando Clara está em frente ao centro de emprego, usa calças de ganga, casaco de malha preto, saltos altos e carteira. Esta é a roupa que Clara utiliza nas cenas seguintes. - No dia em que Rita propõe às amigas abrirem um negócio em Beirais, Clara veste uma saia e um casaco esbranquiçados. - No dia em que as amigas fazem a mudança para Beirais, Clara veste umas calças, uma blusa, um lenço e um casaco de malha.

Meio habitacional	- Em “Bem-Vindos a Beirais”, não é apresentada a casa onde Clara vivia em Lisboa. Em Beirais, Clara habita na casa de turismo rural da qual é sócia: Cenário - Casa de Turismo.
Objetivos de vida	- No primeiro episódio percebe-se que o principal objetivo de Clara é arranjar emprego, motivo que a leva a aceitar o convite de Rita, mudando-se para Beirais.
Traços de personalidade	- Maldisposta, mal-educada e refilona: estas características manifestam-se aquando do acidente rodoviário com Diogo. O mesmo registo exaltado sobressai quando o protagonista lisboeta visita a casa de turismo. - Exagerada: a forma como Clara analisa o acidente no qual participou é, claramente, empolgado pela irritabilidade que também a define. - Insegura e falta de determinação: estes traços de personalidade revelam-se quando, meio ano depois da entrada no negócio do turismo rural, ela ainda demonstra dúvidas quanto ao seu sucesso.
Linguagem verbal	- “Pagou ao examinador para tirar a carta ou saiu-lhe na raspadinha”: esta expressão denota que Clara é uma mulher pouco tolerante, refilona e rude. - “Aqui tem de se estar atento aos buracos e aos rebanhos ou por acaso não reparou?”: esta questão, proferida com irritação e com alguma agressividade, mostra que Clara é irónica e que considera ter sempre razão. - “Não gosta? Volte para casa”: esta frase dirigida a Diogo, depois do acidente, e a forma como é vocalizada, mostram que Clara é uma pessoa mal educada, mal disposta e exagerada. - “Eu ao menos não tenho filhos, ou não. Sempre tinha algo mais forte porque lutar” e “mágoa é uma milésima parte daquilo que estou a sentir”: são frases que expressam desânimo e que reforçam o carácter pessimista e irritadiço da protagonista. - “Eu tenho conhecimentos de informática, este curso só me vai fazer perder tempo que eu podia usar à procura de trabalho”, “é uma lei estúpida” e “o seu trabalho é uma perda de tempo”: estes três enunciados demonstram que Clara é uma mulher refilona e pouco empática já que se dirige a uma funcionária que a tenta ajudar. - “Eu queria estar cheia de certezas como tu”, “ainda não está tudo pronto”, “O Pedro tirou-me o otimismo”, “eu só penso no dinheiro que gastámos aqui” e “se isto correr mal?”: estas frases fazem transparecer a insegurança e o pessimismo que definem a personalidade de Clara. - “Não bastava ter-me batido no carro ainda me segue” e “este foi o senhor que andava a fazer rally e bateu no teu carro”: estas expressões contradizem aquilo que foi apresentado nas imagens. Isto significa que, a par com a rudeza no diálogo, Clara exagera nas considerações que tece sobre Diogo.
	- Aquando do acidente entre Clara e Diogo, esta sai do carro

Linguagem corporal	visivelmente irritada. Bate a porta da sua viatura com força e dirige-se com “ar de poucos amigos” a Diogo. - Durante toda a conversa que tem com Diogo, Clara mantém um tom de voz elevado e ativo. - No momento em que Diogo diz que espera que os beiralenses não sejam todos assim, Clara aproxima-se de Diogo com ar de raiva. - Nas cenas em que aparece em frente ao centro de emprego, Clara mostra-se triste e com semblante derrotado. - No centro de emprego, Clara grita, levanta-se irritada e sai apressada com o papel que lhe deram nas mãos. - Quando Rita propõe às amigas uma sociedade, Clara fica reticente e pensativa, contudo acaba por aceitar o convite sorridente. - Quando preparam o carro para se dirigirem a Beirais, Clara coloca as mãos na cintura e suspira, temendo a mudança radical que irá enfrentar. - Na casa de turismo, Clara separa e arruma os serviços de loiça enquanto fala com as amigas sobre o sucesso do projeto. - Quando Clara vê Diogo na casa de turismo, fica com uma postura agressiva, com semblante irritado, transparecendo prepotência.
Marcas de controlo	-Neste episódio, constata-se que Clara pertence à classe média portuguesa. Embora tenha formação académica, procura emprego para fazer face às despesas. A incursão num negócio por conta própria implícita a existência de alguma manobra financeira. É evidente que Clara quer e precisa de trabalhar para viver.
Marcas de generalizações	- No momento em que arrancam de Lisboa para Beirais, Clara sugere pararem no caminho “para caso não aja nada para comer em Beirais. Esta afirmação contribui para a ideia de antiguidade e de “fim do mundo” associadas ao interior, segundo as quais, se generaliza não haver nada de nenhuma índole.
Marcas relacionais	- Clara é a melhor amiga de Rita Santiago e Susana Fontes. Não são conhecidos os familiares de Clara, sabendo-se apenas que o seu ex-namorado Paulo lhe roubara tudo.

Tabela 4 - **Análise Protagonistas: 1º episódio – Teresa Sampaio**

Nome da personagem	Teresa Sampaio
Estatuto Profissional	Teresa Sampaio é decoradora de interiores.
Vestuário	- Teresa, neste episódio, surge sempre nos momentos de <i>flashback</i> de Diogo. No momento em que o casal conversa sobre o atraso e o cansaço de Diogo, Teresa veste calças brancas, blusa vermelha e blazer azul. Esta roupa é a que a personagem mantém enquanto Diogo está hospitalizada. - Depois de Diogo regressar do hospital, Teresa utilizava um vestido rosa, saltos altos e um colar. - Aquando do jantar romântico preparado por Diogo, Teresa utiliza

	calças rosa e blusa branca. - Quando o casal se despede no momento em que Diogo vai para Beirais, Teresa veste um vestido rosa, um blazer branco e um colar.
Meio habitacional	- Teresa habita na mesma casa que Diogo, em Lisboa. A sala é a única divisão apresentada e reúne a área de estar e de jantar. Possui uma decoração minimalista, mas cuidada: Cenário - Casa de Diogo e Teresa (Lisboa).
Objetivos de vida	- Os objetivos de vida da personagem não são evidentes. No entanto, indaga-se que Teresa visa permanecer na capital apostando na sua carreira.
Traços de personalidade	- Preocupada: esta característica sobressai aquando da ida de Diogo para o hospital. Fica também patente nos constantes conselhos que Teresa dá a Diogo e que recaem sobre o abrandamento no trabalho e o descanso. - Sensata e determinada: estas particularidades da personalidade são visíveis no momento em que Diogo a desafia a mudarem de vida. Nessa conversa Teresa mostra-se perentória em permanecer em Lisboa e apresenta-se menos impulsiva e mais ponderada que Diogo. - Perspicaz: Teresa mostra-se inteligente e capaz de interpretar os comportamentos de Diogo, mesmo sem este dizer a priori do que se trata.
Linguagem verbal	- “Andas a ter tantos problemas para dormir que achei que devias aproveitar”; “andas sempre tão stressado que qualquer dias rebentas” e “não podes andar sempre nesse stress: estas expressões traduzem a forma preocupada e atenta como Teresa observa o dia a dia do namorado. - “Estás a perder muita coisa com esse trabalho”: esta frase associada à sugestão de mudança de emprego refletem a forma consciente como Teresa vê o dia-a-dia de Diogo. A mudança de emprego pode também denotar uma certa irresponsabilidade por parte de Teresa já que propõe a transição para algo incerto. - “Andaste o dia todo a mimar-me, foste ter comigo ao Chiado, o que é que aí vem?”: esta questão reforça o traço de personalidade que define Teresa como perspicaz. - “E o que é que se faz quando se está sobre pressão? Vai-se para o campo plantar ervas aromáticas”: esta expressão reflete a forma desagradável e irónica como Teresa lida com o desafio proposto por Diogo. Este enunciado traduz, simultaneamente, a sensatez da personagem já que a mudança radical de vida deve ser analisada com ponderação. - “Eu não penso nem quero deixar de trabalhar” e “vais, mas vais sozinho”: estas afirmações denotam a forma determinada como Teresa encara vida. - “Atrás do sol posto” e “no meio do nada”: são algumas das expressões que permitem definir Teresa como preconceituosa face à

	realidade que se vive no interior de Portugal, em Beiraís. - “Sinto que vou perder-te Diogo” e “promete-me que não me vais trocar por uma mulher de buço”: Estas considerações permitem inferir que Teresa tem algumas reticências e inquietações em relação à estabilidade da sua relação com a ida de Diogo para Beiraís.
Linguagem corporal	- Quando Diogo confronta Teresa com o facto desta não o ter acordado, Teresa fica sem saber como reagir, perplexa, no sofá. - Quando Diogo se sente mal, Teresa aproxima-se dele e chama o 112. - Na ambulância e no hospital, Teresa permanece ao lado do namorado com um semblante que transmite preocupação. No hospital são também alguns os momentos em que a protagonista surge sorridente e tranquila, visando acalmar Diogo. - Teresa ri, divertida, na primeira vez que Diogo sugere irem viver para o campo. Teresa pensa que tudo não passa de uma brincadeira. - Teresa e Diogo dirigem-se para a mesa das refeições sorridentes. Quando Diogo confessa ter tudo pronto para a mudança de vida do casal, Teresa fica perplexa e chateada. Teresa vocaliza as suas ideias de forma mais irritada, irónica e rude que o normal. - Quando se despede de Diogo, Teresa regressa ao seu registo mais doce embora o seu semblante reflita preocupação.
Marcas de controlo	- Teresa é uma mulher de classe média. Este fator é justificado, não só através da profissão, da roupa e da habitação onde mora, mas também pela consideração de que o valor pago pelas estufas foi um absurdo.
Marcas de generalizações	- As expressões que Teresa utiliza para se referir ao interior são pejorativas e correspondem a generalizações comumente associadas a esta região do país: ir para o campo é ir “para o meio das vacas e das moscas”; “no campo, no meio do nada”; o campo “é atrás do sol-posto” e “promete-me que não me trocas por uma mulher de buço”.
Marcas relacionais	- Teresa é namorada de Diogo Almada.

20º Episódio: “Curvas e Contracurvas” (1ª temporada)

Parte significativa do episódio incide sobre a relação conturbada de Susana Fontes e Gabriel Fontes com a mãe/avô. Olga Fontes acusa a filha de nunca estar presente de não ser um bom exemplo para Gabriel. Susana contrapõe dizendo que trabalha e que Olga nunca se preocupou consigo, nem com o seu bem-estar. Olga explica que queria pô-la “num bom caminho” e “evitar que as pessoas comentassem” porque Susana, quando era jovem, era “uma vadia”. Susana enfrenta a mãe e diz-lhe que o facto de ter amigos homens era apenas um problema para a sua cabeça e avança que sabe que Olga era jovem era igual a si. Depois desta conversa dura, Olga sai de casa desnorteada, acabando por ser

atropelada, involuntariamente, por Carlos Batista. Susana leva Olga ao consultório de Beirais onde Nuno Aires a aconselha a ir ao hospital. Olga recusa dizendo: “de que é que vale agora ir gastar dinheiro em exames e consultas, levam-me o couro e o cabelo”. São várias as cenas em que Carlos surge destroçado com o que fez, sentindo-se culpado pelo mau estar que provocou a Olga. Mais adiante no episódio, Olga sente-se mal e entra em asfixia. Quando Olga é levada pelos profissionais de socorro, junta-se um aglomerado de pessoas a observar o que se passa. Já na ambulância. Nuno vê-se obrigado a intervir: com uma agulha, Nuno fez uma pequena perfuração no pulmão de Olga de forma a que este descomprimisse e facilitasse a respiração da mãe de Susana. Na reta final do capítulo, na sociedade recreativa, Carlos e Mariana conversam sobre o sucedido. Nuno entra, acalma-os dizendo que Olga está bem.

A notícia que dá conta da hospitalização de Olga chega à casa de turismo e Susana avisa as sócias que não irá trabalhar. Clara diz serem capazes de segurar o barco. Nesse momento entra João Santiago que diz que vai trabalhar para a sociedade recreativa porque, ali, não consegue concentrar-se. Na sociedade recreativa, João adiante algum trabalho no seu computador. Contudo, tem de sair e pede a Mariana para dar uma olhadela no seu computador. Mariana diz-lhe para não se preocupar porque “aqui ninguém mexe em nada”. Atrás dele sai a professora Patrícia Moreira. João e Patrícia conversam, na rua, sobre o trabalho de João e a professora diz-lhe ter alguns livros antigos que podem ajudar para a construção da história a que João se está a dedicar.

Na estufa, Diogo Almada e Ramiro conversam sobre o sucesso da produção e diz a Ramiro que, no dia seguinte, vai reunir com algumas pessoas que poderão vir a tornar-se novos clientes. No dia seguinte, na casa de turismo, Clara apresenta o cardápio aos clientes e serve-lhes as refeições. Diogo leva os seus novos clientes a almoçar ali. Apresenta-os a Clara e faz rasgados elogios à gastronomia que ali é servida. Clara entrega a carta do restaurante e sai, apressadamente. Atrás dela vai Diogo que lhe pergunta porque é que o tem andado a evitar, mas Clara diz apenas que tem andado muito ocupada. Diogo convida-a para ir a sua casa para falarem do que aconteceu (os dois envolveram-se), mas Clara diz que o que aconteceu não teve importância, por isso, não é necessário falarem sobre o assunto. Clara reforça a ideia de que são somente amigos. Neste sentido, Diogo convida-a para jantar pois os amigos também fazem isso. Clara recusa dizendo que tem de ficar a ajudar Susana na cozinha e que terá de ficar para outro dia.

Mais tarde, Rita Santiago e Clara preparam a sala de refeições. Em conversa, Clara mostra-se compreensiva com João e com o facto de ele não gostar de viver ali, mas Rita relembra-a que elas estão na mesma situação. Rita mostra-se ainda desagradada e desconfortável com a aproximação de Patrícia e João. Clara desvaloriza e diz que na aldeia

as pessoas começam a relacionar-se mal se encontram, sendo que, provavelmente, Patrícia é a única que “tem conversa para ele”, já que ele é uma pessoa muito culta. No dia seguinte, Patrícia entra na “Casa da Aldeia”, enquanto as três amigas conversam. A professora traz jornais antigos para entregar a João, para o ajudarem no seu trabalho. Depois de Rita e Patrícia saírem, Clara conta a Susana as inquietações de Rita e os possíveis boatos que possam surgir em Beirais.

O episódio termina com mais uma discussão entre Susana e Olga. Verifica-se, ainda, que Susana pede desculpa ao filho por tê-lo sujeitado àquela mudança de vida e ao convívio com a avó. Na rádio, Carlos faz uma emissão cujo o mote é o acidente de Olga e a fugacidade da vida. Enquanto se ouve Carlos a falar, vê-se – em alguns momentos – Diogo a caminhar na estufa e a recordar noite de amor com Clara.

Tabela 5 - Análise Protagonistas: 20º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Diogo é agricultor e produz ervas aromáticas e hortaliças.
Vestuário	- Na estufa, Diogo veste camisola preta e jaqueta acinzentada aberta por cima. - Na casa de turismo, Diogo apresenta-se com camisola branca, camisa vermelha desabertada e calças de ganga.
Meio habitacional	- No episódio 20 da primeira temporada da produção em análise, não é apresentado o meio habitacional do protagonista. Todavia é possível ficar a conhecer a estufa onde trabalha e da qual é proprietário: cenário – estufas Diogo Almada.
Objetivos de vida	- Neste episódio é possível perspetivarem-se dois objetivos do protagonista: fazer crescer o seu negócio (fator justificado através da angariação de novos clientes e da participação no “Programa Origens” do Intermarché) e conquistar Clara.
Traços de personalidade	- Perspicaz: esta característica fica patente na conversa que tem com Clara, na qual diz perceber que esta o anda a evitar (o que corresponde à verdade). - Irónico e provocador: estas características manifestam-se assim que o Diogo percebe que Clara arranja desculpas para não jantar consigo. - Empreendedor: este traço de personalidade manifesta-se no esforço que Diogo faz para que o seu negócio cresça (a personagem quer saber sempre mais sobre aquilo que produz e é proactiva na angariação de novos clientes e possibilidades de negócio).
	- “A minha experiência já me ensinou que só o meu esforço não chega. É preciso confiar na sorte e que os Deuses da meteorologia não se virem contra mim”: estas afirmações permitem concluir que Diogo tem aprendido muito sobre a vida rural e agrícola que desconhecia.

Linguagem verbal	- “Aqui come-se a comida mais bem condimentada e temperada com as melhores ervas aromáticas, modéstia à parte”: esta declaração evidencia a segurança e confiança caracterizadoras da personagem em análise, em relação ao que produz. - “É impressão minha ou andas a evitar-me?”: esta interrogação reforça o modo perspicaz como Diogo analisa o comportamento de Clara. - “Então podemos jantar juntos, somos amigos”: esta declaração apresenta subliminarmente um tom provocatório e irónico, características que definem Diogo.
Linguagem corporal	- Na estufa Diogo carrega caixas de ervas aromáticas ao lado de Ramiro. - Diogo ri quando Ramiro lhe garante que está a ir bem no que concerne ao seu desempenho como agricultor. - Diogo mostra-se sorridente, convicto e confiante quando conta a Ramiro que, no dia seguinte, chegarão potenciais clientes. - Diogo entra na sala de refeições da casa de turismo, fazendo-se acompanhar dos potenciais clientes. Diogo escolhe a mesa onde se sentam. - Durante a conversa com Clara, na sala de estar da casa de turismo, Diogo permanece sereno e em tom cordial. Este modo de estar é ligeiramente alterado quando Diogo a confronta com o facto de serem amigos e, por isso, poderem jantar juntos. Neste caso, Diogo cruza os braços e o seu semblante transmite uma certa indignação.
Marcas de controlo	- Diogo pertence à classe média. Tal é justificado através do vestuário que utiliza e através da constante proatividade no seu negócio – Diogo não gere apenas o negócio das estufas, Diogo colabora no cultivo, na rega, na plantação e na apanha daquilo que produz, o que não é apanágio de homens de poder.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Diogo ainda namora com Teresa Sampaio (refere Clara na conversa com Susana), embora esteja apaixonado por Clara Rodrigues. Carlos Batista é o seu melhor amigo.

Tabela 6 - **Análise Protagonistas: 20º episódio – Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Neste episódio, Clara surge como sócia da casa de turismo, a “Casa da Aldeia”. Nesta, Clara desempenha funções de relações públicas e serve à mesa.
Vestuário	- Na cena em que Clara fica a saber do atropelamento de Olga e da consequente ausência de Susana no trabalho, Clara veste um vestido claro e um lenço. Esta indumentária é a mesma que Clara utiliza enquanto serve os almoços na casa de turismo. - Na casa do turismo e quando as três amigas falam sobre o negócio, o

	estado de saúde de Olga e a relação entre João e Patrícia, Clara veste uma blusa rosa e um lenço.
Meio habitacional	- Clara reside na casa de turismo rural de Beirais da qual é sócia. Neste episódio é possível conhecer-se o quarto da protagonista, uma divisão prática embora com poucos detalhes pessoais: cenário – quartos da “Casa da Aldeia”.
Objetivos de vida	- Neste episódio não é possível concluir qual o principal objetivo de Clara. Contudo, a personagem parece querer o sucesso do seu negócio e demonstra preferir permanecer solteira.
Traços de personalidade	- Desenrascada: Esta característica manifesta-se quando Clara diz, prontamente, a Rita que facilmente conseguirão desempenhar as funções de Susana. - Pouco sincera: esta característica revela-se na conversa que tem com Diogo visto que as suas ações e palavras parecem não corresponder à sua postura perante o amado. - Empática e compreensível: Estas particularidades saem reforçadas das conversas com Rita e Susana. Clara é capaz., afirma, de compreender o desagrado de João em viver na casa de turismo e percebe o desconforto de Rita com as possíveis considerações e boatos lançados sobre o hipotético caso entre Patrícia e João.
Linguagem verbal	- “Tenho andado muito ocupada, é só isso” e “hoje não dá Diogo, fiquei de ajudar a Susana na cozinha”: são inferências que demonstram que Clara evita Diogo, estando desconfortável, constrangida e envergonhada na sua presença. - “O que aconteceu não teve importância nenhuma, por isso não precisamos de falar sobre isso”: esta frase reflete a falta de sinceridade de Clara e a incapacidade de enfrentar as suas ações. Este enunciado é proferido num tom de irritabilidade, que a caracteriza. - “Agora caiu-me a ficha e não quero nada com ninguém”, “aonde é que eu me fui meter” e “mas ao mesmo tempo custa-me afastar de, é um bom amigo”: são afirmações que corroboram a ideia de que Clara está confusa, é pouco determinada, não sabe o que quer e é pouco sincera para Diogo. - “Provavelmente quando começarem as aulas vamos notar menos movimento”: esta expressão evoca o carácter realista e consciente da personagem. - “Aproveita para passares algum tempo com o João e “não deve ser fácil viver no local de trabalho da mulher”: são declarações que Clara profere no diálogo com Rita e que reforçam os traços de personalidade que a definem como empática e compreensiva. - “Não é muito agradável para a Rita ver o marido e a professora a passearem na aldeia aos olhos de toda a gente”: esta afirmação alude ao facto de tudo se saber em Beirais e sublinha o carácter empático em relação à amiga.

Linguagem corporal	- Clara coloca as mãos na cintura, perplexa, quando fica a saber que Carlos atropelou, involuntariamente, Olga. - Na “Casa da Aldeia”, Clara atende os clientes que já estão sentados fornecendo-lhes os cardápios e trazendo-lhes os seus pedidos. Clara mantém-se sorridente. - Clara aproxima-se da mesa onde está Diogo e fica visivelmente constrangida e surpreendida por vê-lo. - Clara dirige-se para a zona de estar da casa de turismo e suspira. - Quando a personagem de Oceana Basílio diz a Diogo que não quer falar sobre o seu envolvimento, a sua postura é de exaltação e altivez. Quando Diogo sai da casa de turismo Clara suspira. Por seu turno quando Susana a confronta com a mentira que Clara disse a Diogo, Clara sai apressada. - Já no quarto e enquanto conversa com Susana, Clara mostra-se inquieta e confusa, colocando, em determinados momentos, as mãos na cintura e outras na testa. - Enquanto fala com Rita Clara prepara as mesas para os pequenos-almoços o dia seguinte.
Marcas de controlo	- O facto de Clara trabalhar no local do qual é proprietária permite inferir que a personagem precisa deste emprego para a sua subsistência.
Marcas de generalizações	- Clara alude a que em Beirais tudo se sabe, o que é um traço identitário de todas as aldeias portuguesas. - “A aldeia é pequena, às vezes as pessoas falam só porque sim”: esta frase generaliza aquilo que acontece em aldeias como Beirais, toda a gente se fala mesmo que as pessoas não mantenham estreitas relações.
Marcas relacionais	- A Clara está solteira embora esteja apaixonada por Diogo Almada. Rita Santiago e Susana Fontes são as suas melhores amigas.

Análise Protagonistas: 20º episódio – Teresa Sampaio

No episódio em causa, Teresa Sampaio não surge em nenhuma cena. Como tal, a personagem de Sandra Santos não é alvo de análise.

40º Episódio: “Relações e Ralações” (1ª temporada)

Este episódio tem início com um jogo de mimica entre alguns casais da aldeia, em casa de Diogo Almada. No entanto, o referido jogo dá aso a uma discussão entre Carlos e Nazaré Batista que deixa os restantes desconfortáveis. Carlos acha que a mulher é pouco inteligente e Nazaré acusa-o de a humilhar e de estar farta de viver em Beirais. Algumas

cenar depois, vê-se Clara a ajudar Diogo a arrumar a cozinha e a conversarem sobre relações. Segundo Clara, Nuno Aires e Susana Fontes ainda não têm nada mais sério porque a amiga não quer. Para Diogo, Nazaré já tinha “aquilo entalado para dizer ao Carlos” há muito tempo. Clara e Diogo concordam que as relações longas dão muitas preocupações, tornando-se monótonas. Clara acredita que a forma como Diogo e ela olharam para a sua relação foi a melhor: sem compromissos e com tudo bem definido desde o princípio. Todavia, o casal acaba por se beijar e por se envolver. Na manhã seguinte, Diogo mostra-se tranquilo e despreocupado com o que aconteceu, contudo Clara diz-lhe que têm de falar sobre o sucedido. Clara dirige várias perguntas a Diogo entre as quais como é que fica a sua relação. A todas as questões colocadas pela lisboeta, Diogo contrapõe com outras perguntas visando saber a opinião dela. Perante a falta de respostas diretas do amado, Clara diz que é evidente que Diogo não quer nada sério e que olha para aquela relação como uma amizade colorida. Diogo afirma nunca ter dito nada disso, mas Clara relembra-o da conversa das “relações e ralações” que tiveram na noite anterior enquanto arrumavam a cozinha. Diogo confessa que, nesse momento, só quis concordar com Clara. Momentos depois, a protagonista tenta entrar na casa de turismo às escondidas, mas acaba por se mostrar e revelar às amigas onde passou a noite. Rita tenta inteirar-se do estado emocional de Clara, mas esta diz-lhe que não gosta de Diogo e que não quer ter nenhuma relação séria porque já sofreu demais por causa de homens. Já na rádio, Carlos e Diogo conversam sobre a dificuldade em lidar com as mulheres. Diogo confessa ainda não ter assumido uma relação com Clara por pensar que ela não quer.

Nazaré vai à mercearia de Alzira Pedroso entregar umas cartas e uma encomenda. Em conversa fica a saber-se que Sandro Pedroso vai participar num concurso de moda e que Nazaré gostava de sair da aldeia porque “cá não se passa nada”. As duas mulheres conversam sobre viagens que fizeram e sobre a forma desagradada como os maridos as acompanham. Mais à frente no episódio, Nazaré vai ter com Carlos à rádio e diz-lhe que vai aceitar a promoção que lhe fizeram. Como tal, passará a trabalhar na cidade, precisando de carro para se deslocar. Carlos coloca vários entraves à decisão, mas Nazaré mantém-se firme. Na fase final do episódio, e depois de falar com Diogo na estufa, constata-se que Carlos comprou um carro a Manuel Pedroso, para a esposa. Ao oferecer-lhe as chaves do veículo, Nazaré confessa que o lugar a que se ia candidatar foi entregue a uma pessoa com mais literacia que ela, sendo necessário devolver o carro ao mecânico para o equilíbrio financeiro da família. De forma inesperada, Carlos diz à mulher que ficarão com o automóvel pois, dessa forma, poderá sair de Beirais e apanhar novos ares sempre que quiser.

Noutro ponto da história, verifica-se que Xavier Marques é um mulherengo da aldeia. O avô de Xavier e Mariana diz ao neto que apenas quer que ele desse “um rumo à vida” e que

saísse “da cepa torta”. Benjamim deseja que o neto deixe os biscatos e “assente”. O avô sugere-lhe voltar a estudar, terminar o liceu e aprender um ofício, abrir algo próprio ou tirar o curso pois só assim conseguirá construir uma família e ser um exemplo para o sobrinho, que o olha como pai. Todavia, Xavier diz-lhe que nada disso acontecerá porque ele, tal como o pai e o avô, nunca fará mais nada a não ser “alombar” ou trabalhar na agricultura – “eu sei o que sou e o que vou ser sempre: vou trabalhar na terra ou nas obras e ganhar pouco”. Mais tarde, quando vai buscar Pedro Jesus à escola, Benjamim pede ajuda a Patrícia Moreira no sentido de lhe indicar como Xavier deve fazer para regressar aos estudos.

Na casa de Fernando Campos Ribeiro, Cristina dos Santos e Teresa Sampaio conversam sobre a remodelação que o casal vai fazer numa das casas de banho de sua casa. Na sala entra Xavier que informa Cristina que já terminou de fazer o que Fernando lhe pediu. A mulher de Fernando mostra-lhe o projeto para a casa de banho e diz-lhe que conta com ele para as obras. Teresa olha Xavier com interesse. Já na sociedade recreativa, Xavier e Teresa trocam impressões sobre a arquitetura e disposição da casa de banho de Fernando.

Diogo vai ter com Clara à casa de turismo e leva-lhe um ramo de ervas aromáticas como personificação de um ramo de flores. Diogo questiona-a sobre se têm então uma relação séria, mas Clara diz que não. O protagonista diz que pensava que era isso que ela queria e Clara responde com uma pergunta: “é isso que tu queres”. Diogo diz-lhe que o facto de estar ali, de lhe levar flores e de perguntar se têm uma relação são indicadores de que quer ter um relacionamento sério com Clara. Diogo acrescenta que gosta dela e que aquela conversa das “relações e das ralações” era apenas uma defesa. Clara explica ao amado que ambos ainda falam muito nos seus relacionamentos anteriores e nas dificuldades que uma coisa séria impõe. O casal beija-se, contudo, acordam em darem um tempo um ao outro para perceberem aquilo que querem.

O episódio apresenta ainda momento em que Júlio Gameiro ajuda Sandro a fotografar a coleção de roupa para o concurso. No 40º episódio fica-se ainda a saber que Sandro perdeu o concurso de moda e que Xavier está disposto a voltar a estudar. O episódio termina com Diogo a fazer uma emissão de rádio cujo tema são as diferentes relações que existem.

Tabela 7 - Análise Protagonistas: 40º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	No episódio 40 de “Bem-Vindos a Beirais”, Diogo surge nas estufas das quais é proprietário, embora não apareça a laborar. Para além disso, é o primeiro dos episódios em análise, onde Diogo surge como

	locutor da rádio “Beirais FM”.
Vestuário	- Enquanto, os três casais de Beirais jogam à mimica em casa de Diogo, este utiliza calças de ganga e pulôver rosa. - Quando Diogo vai ter com Clara à casa de turismo, este veste calças, camisola preta e camisa vermelha.
Meio habitacional	- No episódio 40 de “Bem-Vindos a Beirais”, é possível observar duas das divisões da casa de Diogo: o quarto e a área comum: cenários – sala de estar de Diogo Almada e quarto de Diogo Almada.
Objetivos de vida	- Neste episódio não é possível concluir com exatidão qual o objetivo de Diogo. Porém, é possível verificar que mantém o desejo plasmado no episódio 20 de conquistar Clara.
Traços de personalidade	- Sentido de oportunidade: Diogo apercebe-se do mau estar entre Carlos e Nazaré, aquando do jogo da mimica, e acaba por sair da sala. Este comportamento é repetido pelos demais intervenientes na sala com o objetivo de deixar o casal a sós. - Falta de sinceridade: este traço de personalidade revela-se quando Diogo diz a Clara que não acredita em relações longas. Diogo acaba, cenas depois, por confessar que só disse tal coisa porque considerava que essa era a posição de Clara. - Vulnerável: esta característica evidencia-se quando Diogo confessa a Clara que a conversa como “as relações e ralações” foi pouco sincera, confessando estar apaixonado por ela. Diogo diz que a sua tomada de posição visava apenas agradá-la e servia como forma de defesa pessoal.
Linguagem verbal	- “Era tão mais fácil se tivesse uma máquina de lavar a loiça”: esta frase traz ao decima os hábitos citadinos de Diogo e reforçam a sua já conhecida dependência pelos equipamentos tecnológicos. - “Relações longas são no que dá” e “já viste que, daqui a uns anos, poderíamos estar a cair na armadilha do Nuno e da Susana ou como o Carlos e a Nazaré?”: estas frases são proferidas enquanto conversa com Clara e surge no contexto da discussão que presenciara entre Carlos e Nazaré. Estas frases permitem inferir que Diogo não quer ter compromissos sérios. Todavia, refletem falta de sinceridade para com Clara se se considerar a conversa que ambos têm, no dia seguinte, na casa de turismo. - “Não é o que se costuma fazer quando se começa uma relação?”: esta questão indicia que Diogo está disposto a assumir um compromisso com Clara e revela sinceridade emocional, que não tinha expresso até aqui. - “É claro que eu gosto de ti. Aquela coisa de não querer relações sérias é porque é mais fácil, é uma defesa”: esta afirmação reforça a ideia de que Diogo é um homem vulnerável e sincero.
Linguagem corporal	- Enquanto jogam mimica, Diogo come amendoins, bebe uma cerveja e tem as pernas por cima dos braços do sofá onde está sentado. - Diogo senta-se numa das cadeiras da mesa da cozinha quando

	desabafa sobre a necessidade de adquirir um eletrodoméstico que lave a louça por si. - Diogo e Clara beijam-se e envolvem-se. - Diogo e Clara acordam lado a lado. Diogo está despreocupado e descontraído. - Diogo leva um ramo de ervas aromáticas a Clara como personificação daquilo que seria um ramo de flores. - Diogo e Clara abraçam-se.
Marcas de controlo	- Neste episódio, não é possível retirar considerações desta índole.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Diogo já não namora com Teresa Sampaio, mas mantém a mesma paixão por Clara Rodrigues. Carlos é o seu melhor amigo e Ramiro o seu único funcionário conhecido.

Tabela 8 - **Análise Protagonistas: 40º episódio – Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara permanece, tal como nos episódios transatos, sócia da "Casa da Aldeia" e funcionária na mesma.
Vestuário	- Na casa de Diogo, Clara utiliza blusa branca, calças e lenço. - Na casa de turismo Clara utiliza vestido branco e um lenço.
Meio habitacional	- Clara mora na "Casa da Aldeia". Neste episódio, a casa de turismo surge uma única vez: Cenário – Casa de turismo: sala de estar.
Objetivos de vida	- Neste episódio, não é evidente qual o objetivo de Clara. Manter uma relação séria com alguém, parece não estar nos planos.
Traços de personalidade	- Prestável: esta particularidade manifesta-se quando Clara se voluntaria para ajudar Diogo na arrumação da casa. - Fragilidade e instabilidade emocional: neste episódio Clara começa por dizer que não quer ter relações sérias, mas depois de se envolver com Diogo parece mudar de opinião. Contudo, na derradeira conversa, Clara acaba por esclarecer que o melhor é perceberem aquilo que sentem para não se magoarem. - Maldisposta e rude: estas características ganham expressividade quando Clara acorda ao lado de Diogo. Clara mostra-se irritada e confusa o que reforça os traços de personalidade mencionados.
	- "Eu lavo a loiça": esta expressão denota que Clara é uma mulher desenrascada, colaborativa e prestável. - "No campo e ainda a pensar no conforto da cidade": diz Clara a Diogo quando este expressa a vontade/necessidade de possuir uma máquina de lavar a loiça. Esta frase é vocalizada com ironia e provocação, características que definem a lisboeta. - "Meu Deus, eu nem me atrevo a meter numa": tal como no caso de Diogo, Clara diz ser desapegada não procurando relações sérias. - "eu não acredito que fizemos isto" e "devíamos falar sobre aquilo

Linguagem verbal	que aconteceu”: são expressões que traduzem em palavras a postura confusa da personagem. - “É obvio que tu não queres uma relação, isto para ti é só uma amizade colorida”: a forma como esta frase foi dita associada ao teor que contempla, demonstram que, na verdade e contrariamente ao que Clara tinha dito, a personagem em análise parece gostar de Diogo ponderando uma relação com este. “Não estou com disposição para conversas”: do ponto de vista semântico e do ponto de vista vocal, esta afirmação corrobora a característica que definem Clara como mal disposta e rude. - “A última coisa que eu preciso na vida neste momento é um namorado”: esta afirmação revela pouca sinceridade emocional e incongruência face ao que disse a Diogo e ao que fez. - “Tu ainda falas na Teresa e como as relações custam. Eu falo no Paulo. Admite, nós não estamos preparados” e “é melhor darmos um tempo para vermos o que queremos” são expressões que mostram que Clara é uma mulher sensata e ponderada. Apesar disso, reforçam a ideia de que Clara tem uma grande instabilidade emocional á que a decisão que agora toma parece ir contra aquilo que disse a Diogo, em casa deste.
Linguagem corporal	- Clara é uma das personagens que sai, aquando Diogo, da sala de estar deste, com o objetivo de não interferir na discussão entre Carlos e Nazaré. - Clara ajuda Diogo a arrumar a cozinha e a sala após convívio entre amigos. - Quando provoca Diogo, lembrando-o dos seus hábitos citadinos, Clara está encostada à banca, virada para Diogo. Clara sorri. Clara ri à gargalhada quando Diogo corrobora a sua ideia dizendo que se livraram de cair na armadilha do amor. - Clara e Diogo beijam-se e envolvem-se. - Clara e Diogo acordam lado a lado. Clara acorda desnorteada e em pânico, ficando irritada consigo própria por se ter envolvido com Diogo. - Perante a descontração do Diogo e a incapacidade deste querer assumir uma relação com ela, Clara sai, enrolada num lençol e com a sua roupa nas mãos. - Clara entra sorrateiramente na casa do turismo denotando-se uma visível preocupação em não serem escutados os seus passos. No entanto não é bem-sucedida. - Clara está na casa de turismo muito pensativa, quando chega Rita e lhe dá uma chávena de chá. - Na casa de turismo, Clara nega, através da verbalização e do movimento corporal de negação querer ter uma relação com Diogo. - Quando Diogo lhe oferece o “ramo de flores”, Clara sorri. Durante toda a conversa, a protagonista mantém-se serena e segura da decisão

	tomada.
Marcas de controlo	- Neste episódio, não é possível fazer considerações desta natureza.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Clara é apaixonada por Diogo Almada, embora recuse entrar numa relação com ele. Susana Fontes, Rita Santiago e Nazaré Batista surgem como as principais amigas da personagem.

Tabela 9- **Análise Protagonistas: 40º episódio – Teresa Sampaio**

Nome da personagem	Teresa Sampaio
Estatuto Profissional	Teresa é decoradora de interiores. Neste episódio, Teresa está a desenvolver um projeto para casa de Fernando Campos Ribeiro.
Vestuário	- Nas cenas em que surge, Teresa veste umas calças brancas, uma blusa azul e um colar.
Meio habitacional	- Neste episódio, Teresa não surge em nenhum meio habitacional, pelo que não é possível tecer considerações sobre este indicador.
Objetivos de vida	- No episódio 40, não é possível indagar quais os objetivos da personagem.
Traços de personalidade	- Simples: esta característica revela-se quando Teresa recusa o estatuto de “doutora”, na conversa com Xavier. - Atenta e reconhecadora: estas características são sublinhadas quando Xavier sugere alterações ao projeto de remodelação do WC. Teresa percebe que Xavier tem jeito e conhecimentos na área e elogia-o, reconhecendo o seu talento.
Linguagem verbal	- “Eu não sou doutora trate-me só por Teresa” e “como é que não pensei nisso antes”: são expressões que demonstram a simplicidade de Teresa e a sua capacidade de reconhecer talento no outro.
Linguagem corporal	- Teresa Mostra a Cristina Santos o projeto de renovação da sua casa de banho. A decoradora de interiores tem papeis A3 nas mãos nos quais vai indicando detalhes da nova planta. - Quando Xavier entra na sala onde Teresa está esta olha-o intensamente. - Teresa trabalha no projeto de decoração da casa de Fernando na Sociedade Recreativa. - Na conversa que tem com Xavier Teresa mostra-se sorridente.
Marcas de controlo	- A forma requintada como se veste, a flexibilidade do trabalho que desempenha (já que Teresa continua a viver em Lisboa, deslocando-se a Beirais esporadicamente) e a influente família para quem está a trabalhar (Fernando e Cristina) são fatores que permitem inferir que Teresa é uma mulher de sucesso e com um certo estatuto social.
Marcas de generalizações	- “Os homens são sempre mais avessos à mudança, mas depois também são os primeiros a aceitar”: esta frase acarreta uma generalização face à atitude masculina em relação a projetos de decoração.

Marcas relacionais	- Teresa já não namora com Diogo. A sua curta estadia por Beirais, não possibilita, pelo menos neste episódio, tecer considerações acerca das suas amizades. É, contudo, perceptível que Teresa está interessada em Xavier.

60º Episódio: “Somos um por todos” (1ª temporada)

Na sociedade recreativa, Carlos Batista conta que a “camioneta” avariou e que o seu arranjo é insuportável. Diogo Almada, que chega ao local, oferece-se para emprestar o montante necessário, mas Carlos não aceita dizendo saber que Diogo é “mais teso” que ele. Diogo sugere então fazerem uma vaquinha por toda a aldeia, mas Carlos não quer depender da boa vontade das pessoas. Quem está a ouvir a conversa é Fernando Campos Ribeiro que se oferece para pagar a totalidade do arranjo, mas Carlos não aceita. Diogo propõe fazerem algo em que as pessoas contribuem com o que puderem e Benjamim Marques sugere uma sessão de cinema. Na rádio, Diogo mostra-se entusiasmado com a ideia, já Carlos coloca vários entraves à realização do evento, nomeadamente, a necessidade de licença para a exibição de filmes.

Mais à frente na narrativa, na sociedade recreativa, Agostinho Puga fornece os materiais necessários para a projeção do filme. A Carlos, Diogo, Agostinho e Marina, junta-se Fernando. Diogo explica-lhe que decidiram organizar uma noite de cinema em Beirais para ajudar no arranjo do autocarro de Carlos. Fernando pergunta-lhe como é pensam fazer isso, já que é necessária uma autorização para a exibição das longas metragens. Diogo diz que falarão com distribuidoras e que vão explicar que se trata de um evento de caridade. Contudo, já perto do dia da exibição do filme, Diogo confessa a Carlos que ainda não recebeu nenhuma resposta das produtoras. Carlos sugere ao protagonista falar com Fernando já que este é um homem com muitos contactos e recursos.

No dia seguinte e face à ausência de respostas para as licenças, Diogo vai a casa de Fernando pedir ajuda. Fernando começa por negar a colaboração pois ofereceu-se para ajudar Carlos, mas ele não aceitou. Diogo diz ao marido de Cristina dos Santos que ele é um homem influente e que conseguirá a licença necessária para a exibição do filme, avançando que apenas quer ajudar um amigo e trazer cinema a Beirais. Nota-se que Fernando tem ciúmes da forma como os beiralenses tratam Diogo e o tratam a si, contudo, acaba por decidir ajudar.

Beirais está em peso na sociedade recreativa. Diogo fala com Fernando que, embora não tenha conseguido arranjar a licença, trouxe um filme de cineastas seus amigos, tendo autorização para o exhibir. Diogo toma a palavra perante a aldeia, explica o motivo para

estarem ali, agradece a ajuda de todos e destaca a colaboração de Fernando para que a iniciativa se realizasse. Todos assistem ao filme sorridentes.

Neste episódio, constata-se que os cangalheiros guardam, na agência funerária, caixas com as santas padroeiras de Beirais, umas para entregar a Maçal, banhadas com droga e outras para dar a Olga Fontes. Todavia, o pior acontece e as caixas seguem trocadas. Uma das santas de Olga cai sobre a sopa, o que faz a mãe de Susana Fontes consumir substâncias ilícitas que lhe provocam comportamentos anormais. Depois de ir ao consultório, Olga fez testes ao sangue que dão conta do consumo de drogas. Júlio Gameiro e Susana confrontam-nos, mas eles arranjam várias desculpas. Dá-se, depois uma correria por Beirais. Quim Brito e Moisés Lameiras correm atrás das santas, na igreja e não só, e entregam-nas a Maçal que aguarda pela encomenda certa à entrada de Beirais. Júlio persegue-os, mas com enorme dificuldade. No final, os cangalheiros dizem ao GNR que não conseguiram apanhar o criminoso.

No episódio fica também a saber-se que Pedro Jesus é gozado na escola por ser muito estudioso e que gosta de ouvir as histórias antigas que o avô tem para lhe conta, nomeadamente, sobre idas ao cinema. O episódio dá ainda conta da conturbada relação entre Carlos e Nazaré Batista: o primeiro omite coisas à esposa, de forma involuntárias e não tem paciência, a segunda faz permanentes cenas de ciúmes. O episódio termina com Diogo a anunciar na rádio, o arranjo da camioneta.

Tabela 10 - Análise Protagonistas: 60º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio Diogo labora apenas como locutor de rádio.
Vestuário	- Quando Diogo se junta a Nazaré e a Carlos na Sociedade Recreativa, este utiliza um pulôver verde com uma camisola azul por baixo. Este vestuário é o mesmo que Diogo utiliza na cena seguinte, na rádio. -Na Sociedade Recreativa, aquando da entrega do material técnico necessário para a sessão de cinema, Diogo veste uma camisola vermelha e uma camisa azul por cima. - Quando se dirige a casa de Fernando, Diogo veste uma camisola preta e uma camisa esverdeada. - Aquando da exibição do filme em Beirais, o Diogo utiliza uma t-shirt branca e uma camisa azul-bebé por cima.
Meio habitacional	- Neste episódio não é possível efetuar análises desta índole já que não foram apresentadas cenas nesses cenários.
Objetivos de vida	- No episódio 60 o principal objetivo de Diogo é ajudar Carlos a angariar dinheiro para a reparação da camioneta que transporta os beiralenses.

Traços de personalidade	- Empático e solidário: estas características estão presentes durante a totalidade do episódio uma vez que, durante todo o capítulo, Diogo se disponibiliza a ajudar Carlos. Diogo mostra-se também compreensivo em relação a Nazaré o que reforça o seu carácter empático. - Dinâmico e proativo: a rápida prontidão e a disponibilidade demonstrada para resolver os problemas e constrangimentos resultantes da iniciativa idealizada, demonstram que o protagonista “arregaça as mangas” numa conduta dinâmica e proativa. - Otimista: durante todo o processo para a concretização da sessão de cinema em Beirais, a personagem Pepe Rapazote mostra-se esperançosa e convicta de que haverá solução para todos os problemas. - Provocador: esta particularidade emana apenas uma vez neste episódio. A frase proferida em relação a Fernando pode também ser entendida como uma brincadeira. - Modesto: Diogo colocou o seu orgulho de parte e solicitou ajuda a Fernando para apressar o requerimento das autorizações de transmissão de filmes.
	- “Quanto dinheiro é que precisas?”, “Quando há boa vontade tudo se arranja” e “reúnem-se as gentes de Beirais e faz-se uma vaquinha entre todos”: são frases que traduzem a vontade de ajudar o outro e a proatividade e dinamismo de Diogo. As afirmações referidas reforçam o carácter empático da personagem. - “Podemos organizar qualquer coisa em que toda a gente possa participar e na qual cada um construía com o que pudesse”: esta consideração destaca a atitude proativa e colaborativa de Diogo pois este tenta de todas as formas ajudar o amigo a angariar dinheiro para pagar o arranjo da “camioneta”. - “Não custa nada tentar, se não se conseguir a autorização dá-se a volta”: esta expressão enunciada durante a conversa com Carlos, na rádio, dá resposta a alguns entraves que Carlos coloca à sessão de cinema. Tal contexto e declaração permitem indagar que Diogo é um homem otimista que está disposto a fazer tudo para ajudar o amigo. - “Tu duvidas da bondade das gentes de Beirais?”: esta frase tem como objetivo animar Carlos mostrando-lhe que a população está disposta a ajudá-lo. Para além disso, demonstra a confiança e o conhecimento que Diogo tem no carácter dos beiralenses. - “Como sabe, a camioneta do Carlos avariou e nós decidimos fazer aqui uma noite de cinema, na Sociedade Recreativa, para angariar fundos e arranjar a camioneta”: esta frase explícita a forma como os beiralenses vão ajudar Carlos. - “Lá se vai embora o bicho papão”: diz Diogo a propósito de Fernando que se mostra desagradado com a iniciativa. O enunciado em causa mostra que Diogo é brincalhão, irónico e provocador. - “É normal, ela fica sozinha em casa, sente-se em baixo”: esta

Linguagem verbal	afirmação refere-se a Nazaré e visa alertar Carlos em relação ao seu comportamento com a esposa. Diogo critica o amigo e mostra-se empático e compreensivo para com Nazaré. - “O Fernando é uma pessoa influente, eu sozinho não consigo arranjar a licença, podia ajudar”, “isto é a sua gente”: são considerações que Diogo faz quando visita Fernando. Demonstram que Diogo é uma pessoa modesta, despojando-se do seu orgulho pois o seu principal opositor em Beirais é Fernando. Tal hombridade permite inferir, mais uma vez, que Diogo faz tudo pelos amigos. - “A união faz a força” e “ao longo desta aventura, amores ganharam folgo, amizades saíram reforçadas e a conclusão que temos de tirar é que temos de ser uns para os outros”: diz Diogo aos microfones da rádio depois da sessão de cinema. Estas afirmações mostram que Diogo é um homem observador, tendo contribuído de forma decisiva para a cooperação de todos nesta iniciativa.
Linguagem corporal	- Diogo entra na Sociedade Recreativa e junta-se a Carlos e Nazaré. - Enquanto pensa em soluções para ajudar Carlos, Diogo mantém um semblante sorridente e um olhar esperançoso. - Quando Benjamim sugere fazerem uma noite de cinema em Beirais, Carlos e Diogo entreolham-se e o protagonista anui concordante. - Na rádio Diogo surge debruçado sobre a mesa. No final da conversa com Carlos, o Diogo coloca os fones, liga o microfone e anuncia a Beirais a sessão de cinema. - Diogo cruza os braços e coloca um ar provocador e altivo quando explica a Fernando o objetivo da sua iniciativa. - Alguns momentos depois, também na Sociedade Recreativa, Diogo coloca as mãos na cintura demonstrando algum nervosismo já que, ainda não conseguiu respostas das distribuidoras cinematográficas. - O ar de perplexidade de Diogo é evidente quando observa os cangalheiros a entrarem na Sociedade Recreativa com Olga em braços.
Marcas de controlo	- Não é possível concluir com exatidão qual o nível de poderio financeiro de Diogo. No entanto, o facto de ter tido dificuldades em conseguir as licenças e de, por consequência, ter pedido ajuda para tal, permitem inferir que Diogo é um homem com poucos contactos, recursos e conhecimentos.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Diogo namora com Clara Rodrigues e é o melhor amigo de Carlos Batista.

Análise Protagonistas: 60º episódio – Clara Rodrigues

No episódio 60 de “Bem-Vindos a Beirais”, Clara surge apenas duas vezes. Contudo, as suas intervenções foram residuais uma vez que em nenhum dos momentos proferiu enunciados merecedores de análise. Nos dois casos, Clara surge como espectadora ou participante das ações ao seu redor.

Análise Protagonistas: 60º episódio – Teresa Sampaio

Teresa Sampaio não surge no episódio em análise, pelo que não será efetuada a análise de conteúdo da personagem no episódio 60 de “Bem-Vindos a Beirais”.

80º Episódio: “O abismo escuro e profundo da miserável conduta humana” (1ª temporada)

O mote deste episódio é a criação de uma peça de teatro em Beirais. A ideia surgiu depois de Júlio Gameiro e a sua namorada, também polícia, conversarem sobre teatro na sociedade recreativa. Vanda confessa que adora ir ao teatro, sobretudo a peças cómicas. A polícia explica que o teatro é algo mágico e questiona o namorado, Júlio, sobre a sua ida a espetáculos e gosto por esta forma de arte. É evidente pela expressão corporal do cabo que ele nunca foi nem viu uma peça de teatro, contudo, o seu discurso vai ao encontro daquilo que Vanda diz. Mal Vanda sai da sociedade recreativa, Júlio dirige-se a Mariana Marques e questiona-a sobre a sua experiência neste sentido. Mariana comenta também que nunca foi ao teatro e não se recorda de alguma vez ter havido teatro em Beirais. Teresa Sampaio, que está numa mesa com Xavier Marques, intervém e afirma ter por hábito ir ao teatro em Lisboa. Júlio afirma que vai “trazer teatro a Beirais ou morrer a tentar” e que a peça encenada será uma comédia. O objetivo de Júlio é agradar a namorada e contribuir para o atenuar das saudades que a namorada tem deste hábito cultural. No estabelecimento a jogar *snooker* estão também Nuno Aires e Diogo Almada que ouvem a conversa. Embora afirmem que não faz sentido agora as pessoas virarem atores e considerem tudo aquilo um disparate, o seu semblante traduz curiosidade. Júlio convida João Santiago para rescrever a peça. O escritor vê neste evento uma oportunidade de se reconciliar com Rita Santiago.

No dia seguinte, várias pessoas estão em frente à sociedade recreativa para fazerem o *casting* para a peça. Entre eles estão Xavier Marques, que demonstra ter jeito, Diogo e Nuno. Numa conversa pouco verdadeira, Diogo diz a Nuno que parou ali para ver o que se passava já que estava ali um grande aglomerado de pessoas. Ambos estão ali para o mesmo, mas nenhum deles o confesse- ambos desejam participar na peça e consideram a

iniciativa boa. Nuno acaba por dizer que vai participar por curiosidade e para depois se rir das suas figuras e Diogo decide fazer o mesmo.

Na sociedade recreativa, João, Júlio e Fernando são os júris das audições. Xavier atua de forma brilhante, recebendo o aplauso de pé de Júlio e Fernando. Contudo, mente dizendo que aquilo que declamou era dele, quando na verdade era de Shakespeare. João desmascara-o. Júlio acusa João de terem perdido o melhor ator da aldeia e o possível protagonista. Diogo e Nuno entram e fazem o *casting* juntos, contudo, a sua atuação é trágica, o que leva João a sair da sala. Todavia, Júlio convida-os para protagonistas da peça.

Na casa de turismo, Clara Rodrigues e Susana Fontes ficam incrédulas ao saberem que os namorados vão participar numa peça de teatro escrita por João, pensada por Júlio e financiada por Fernando. Diogo e Nuno confirmam embora se mostrem pouco interessados no que elas dizem. Os amigos discutem questões estruturais e de representação da peça. Rita entra e acha graça à sua participação na peça, embora considere o texto fraco. Todos a olham desconfortáveis quando ela questiona quem escreveu aquilo.

Na oficina, Sandro Pedroso está nervoso porque é o responsável pelo guarda roupa e adereços da peça. Contudo, Tânia Pedroso não arranjou uma arma que pareça real, como Sandra lhe pediu, e os protagonistas da peça não param de se mexer. Diogo não sabe que a sua personagem ia morrer na peça pois foram acrescentados alguns atos por João. Sandro diz que vai falar com o autor para que ele morra de outra forma. Diogo e Nuno ficam sozinhos na oficina, de braços abertos por causa das medições e começam por discutir numa espécie de luta de egos.

Na sociedade recreativa, Sandro, Fernando e Júlio tentam convencer João a mudar a forma de morte de uma das personagens, o que deixa João incrédulo. Os beiralenses não compreendem, segundo o autor, a metáfora associada à morte da personagem.

Tabela 11 - **Análise Protagonistas: 80º episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo não aparece a desempenhar nenhuma das funções que o telespectador já lhe conhece.
Vestuário	- Enquanto joga snooker com Nuno, Diogo utiliza calças de ganga, camisola azul e camisa branca aberta, por cima. - Na fila para o casting para a peça de teatro em Beirais, Diogo veste uma camisola branca com uma camisa azulada por cima. - Na oficina, Diogo utiliza umas calças e uma camisa rosa bebé.

Meio habitacional	- Neste episódio não surge, em nenhuma das cenas, a casa ou o meio laboral de Diogo, pelo que não é possível retirar conclusões sobre este indicador, neste episódio.
Objetivos de vida	- No episódio 80, Diogo não apresenta qualquer objetivo. Sabe-se contudo, que a participação na peça de teatro da aldeia é um desejo.
Traços de personalidade	- Tem medo da crítica e receia aquilo que os outros possam pensar a seu respeito (os amigos) : Diogo, no início do episódio, diz não achar graça ao teatro. No entanto, acaba por participar no casting e por protagonizar a peça. Embora nunca seja verbalizado é notório que Diogo nunca confessou o seu gosto pelas artes do palco por ter receio de ser gozado pelos amigos. - Confiante: esta característica emana a partir do momento em que foi selecionado para participar na peça de teatro. Diogo, pelas afirmações que enuncia, parece estar seguro do seu talento. No entanto, em certas circunstâncias esta particularidade surge em excesso, fazendo com que Diogo perca a humildade e a modéstia. - Irónico e provocador: estes traços de personalidade surgem aquando da conversa com Nuno, na oficina. Diogo provoca o amigo, mostrando-se altivo em relação ao seu talento e depreciativo em relação à qualidade do trabalho desempenhado pelo médico.
Linguagem verbal	- “Tu já imaginaste um gajo agora dar em ator” e “como se eu não tivesse mais nada para fazer” são expressões que evidenciam a forma sobranceira e até desrespeitosa como Diogo olha para a iniciativa de Júlio. - “Não sabia, estava a tentar perceber o que é que era esta gente toda, mas não consegui”: esta expressão não corresponde à verdade, o que reforça a ideia de que Diogo tem medo de ser criticado pelos amigos no que concerne à sua participação no teatro da aldeia. - “O Xavier tem jeito para a coisa”: esta frase sublinha o carácter observador e reconhecedor do protagonista em análise. - “Eu não tenho culpa que eles gostem mais do meu trabalho”: esta afirmação transmite confiança mas também indicia falta de modéstia por parte de Diogo. O objetivo é de provocar Nuno, fazendo sobressair a sua importância em relação ao amigo. - “Tu és ótimo”: esta afirmação foi proferida em relação ao talento de Nuno em relação ao teatro. Denota o carácter irónico e gozão.
	- Diogo joga snooker na sociedade recreativa com Nuno. Diogo ri com o amigo quando ponderam a possibilidade de se tornarem atores. - Na fila para o casting, e enquanto está sozinho, Diogo mostra-se nervoso e atento àquilo que os demais participantes fazem enquanto esperam. Assim que Nuno se aproxima, Diogo preocupa-se em mostrar que está só a ver o que se passa, forçando o sorriso. Diogo está nitidamente constrangido e envergonhado. O riso nervoso, as mãos nos bolsos e a fuga do olhar do amigo justificam isso mesmo. - Diogo olha com atenção, com os olhos muito abertos e ar surpreso

Linguagem corporal	para Xavier, que treina na fila. - Diogo entra na sociedade recreativa, com Nuno, subindo ao palco da audição com convicção. - Na casa de turismo Diogo está sentado na sala de estar com os textos da peça de teatro na mão. - Na oficina, Diogo mantém-se de pé e de braços abertos. Diogo está visivelmente saturado, revirando os olhos e vacilando na postura de braços que lhe foi indicada por Sandro. - Diogo ri quando, na oficina, Nuno lhe diz que se pudesse lhe dava um murro. - Os amigos, que se encontram na mesma posição na oficina lado a lado, chocam as suas mãos em sinal de brincadeira e de fim de discussão de egos.
Marcas de controlo	- Este episódio não permite retirar conclusões desta natureza.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Diogo é namorado de Clara e, neste episódio, fica a conhecer-se mais uma das suas amizades: Nuno.

Tabela 12 - **Análise Protagonistas: 80º episódio – Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Neste episódio, Clara não surge a trabalhar, no entanto, está implícito que continua a ser sócia e funcionária da “Casa da Aldeia”:
Vestuário	- Na única cena em que entra, na casa de turismo, Clara utiliza um vestido floral.
Meio habitacional	- No episódio 80 da primeira temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, não é explícito qual o meio habitacional de Clara: por um lado, pela pode ainda pernoitar na casa de turismo (como acontecia no episódio 60), mas por outro, pode viver com Diogo (já que, neste episódio, o casal está num relacionamento).
Objetivos de vida	- É impossível tecer considerações sobre esta unidade de análise.
Traços de personalidade	- Sensata: esta característica surge, de forma implícita, na conversa que Clara tem com Diogo e com Nuno, já que a protagonista não considera uma boa ideia a participação deles na peça de teatro. - Fiel: o facto de Clara não achar bem que Diogo e Nuno participem no teatro da aldeia prende-se com a lealdade e amizade que todos nutrem por Rita e pelos beiralenses – João (que escreve a peça) traiu Rita e Fernando (que é o antagonista da história) está sempre contra tudo e todos em Beirais.
Linguagem verbal	- “Vocês vão ser os atores principais de uma peça escrita pelo João e é o Fernando que vai financiar este disparate todo?": esta interrogação é realizada com choque e em tom depreciativo. Revela que Clara é uma pessoa sensata e fiel aos seus amigos, ao contrário de Diogo que aceita participar numa iniciativa na qual intervêm as duas pessoas

	não gratas de Beirais.
Linguagem corporal	- Clara está de pé, ao lado de Susana, na casa de turismo, quando fica a saber da participação de Diogo e Nuno na peça de teatro. A perplexidade da protagonista é evidente através das mãos na cintura, dos olhos expressivos e da postura exaltada.
Marcas de controlo	- A reduzida incidência da personagem no episódio em análise não permite inferir qual o nível de poder económico e social de Clara.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Clara namora com Diogo Almada e é a melhor amiga de Rita Santiago e Susana Fontes. Neste episódio, sabe-se que a amizade de Clara se estende a Nuno.

Tabela 13 - **Análise Protagonistas: 80º episódio – Teresa Sampaio**

Nome da personagem	Teresa Sampaio
Estatuto Profissional	Neste episódio não é feita qualquer referência à sua profissão.
Vestuário	- Na cena em que entra, na sociedade recreativa, Teresa veste uma blusa verde e um colar.
Meio habitacional	- Não é possível tecer considerações a este respeito no episódio em análise.
Objetivos de vida	- A reduzida incidência da personagem neste episódio de “Bem-Vindos a Beirais” não permite concluir quais são os objetivos de vida de Teresa.
Traços de personalidade	- Romântica: A preferência por peças de teatro de teor dramático indicam, normalmente, que o teor das histórias gravita sobre histórias de amor, de qualquer género. Tal permite concluir que Teresa é uma mulher, tendencialmente, romântica. - Culta: esta particularidade pode ser indagada pelo facto de Teresa mencionar que vai semanalmente a espetáculos de teatro.
Linguagem verbal	- “Por acaso ainda a semana passada fui ao teatro a Lisboa”: esta frase indica que Teresa é uma mulher culta já que a peça a que assistiu foi Shackpeer. Reforça também, no contexto em que foi dita, que a ida a sala de espetáculos é apanágio, sobretudo, de quem vive em centros urbanos. - “Eu gosto de coisas trágicas, comovem-me”: esta frase alude ao romantismo e sensibilidade caracterizadores de Teresa.
Linguagem corporal	- Enquanto fala de teatro, Teresa mantém-se sorridente cruzando vários olhares com Xavier.
Marcas de controlo	- O facto de Teresa ir com frequência a casas de espetáculos, a par da roupa requintada que utiliza, permitem inferir que pertence a um estatuto social elevado já que tem dinheiro para todos esses luxos.
Marcas de generalizações	-----
Marcas relacionais	- Neste episódio, pode apenas concluir-se que Teresa e Xavier fomentam a sua proximidade (iniciada no capítulo 20).

98º Episódio: “Os últimos dias de Beirais” (1ª temporada)

Diogo Almada e Clara Rodrigues chegam a Beirais vindos de um cruzeiro pelo Mediterrâneo. Em casa de Diogo, Ramiro questiona pelas férias e conta a novidade da barragem em Beirais ao casal. Ramiro explica que querem fazer uma barragem em Beirais, que colocará a aldeia submersa. O funcionário de Diogo avança que os engenheiros dizem replicar a aldeia numa outra localidade, a 20 km dali. Ramiro alerta para que a população está dividida, avançando que, essa noite, haverá uma reunião na sociedade recreativa com Agostinho Puga. Num passeio pela aldeia, Júlio Gameiro confirma o sucedido aos protagonistas.

Na mercearia, Alzira e Manuel Pedroso discutem com os cangalheiros sobre a barragem. Os primeiros argumentam ser contra a barragem pois as suas raízes e memórias estão em Beirais. Para além disso, alegam não saber quais são as condições que lhes darão na nova localidade. Já os segundos dizem que se trata de uma oportunidade de viverem num sítio novo e de andarem de mãos dadas com o progresso. Diogo entra no local e rapidamente se inteira do que se passa. Cenas depois, na rádio, verifica-se que Carlos Batista é a favor da barragem. Carlos explica a Diogo que não são as memórias que o prender a um lugar.

Na casa de turismo, Susana Fontes e Clara falam sobre as férias de Clara e sobre o negócio. Susana conta, também, a Clara que João Santiago foi embora. Nesse momento, entra Rita Santiago. De forma irónica, Rita diz a Clara que só ela para fazer um cruzeiro. Rita considera que a falta de hóspedes se deve à situação da barragem. Clara confessa que ainda não tinha pensado que isso as afetaria diretamente. Susana acredita que se tratam só de “politiquices” enquanto Rita considera ser algo sério porque “aquela gente já deu a cara”. Rita considera que mudar de localidade poderia ser bom pois personificava um novo recomeço. Clara fica indignada e relembra o esforço que fizeram para erguer o negócio. Face à disparidade de opiniões, Rita sugere repensarem na sociedade que as une. No dia seguinte, as amigas voltam a conversar e Clara associa o mau estar de Rita à separação com João. Clara tenta animá-la, dizendo que Rita sempre foi a força por detrás da sociedade, mas esta mostra-se irritada com a vida.

Na sociedade recreativa, Agostinho toma a palavra, dizendo que, depois de analisar os dossiês e as propostas dos engenheiros, votou a favor da construção da barragem em Beirais. Nesse momento escuta-se um forte borburrinho na sala. O presidente da junta explica que a empresa se propôs a financiar o descolamento e recolocação da aldeia, numa terra a 20 km dali, mantendo a mesma disposição de Beirais. Quanto aos negócios, Agostinho apresenta duas soluções: ou transitam para a nova aldeia ou os proprietários serão indemnizados. Perante a confusão instalada, Diogo interrompe e propõe a Agostinho um referendo. Fernando Campos Ribeiro corrobora, afirmando que esta é uma decisão

dos residentes. Caso tal não aconteça é porque Agostinho declarou aos envolvidos que a maioria do povo concordava com a barragem. Fernando avança ainda que as obras para o estaleiro começarão no dia seguinte e a construção da barragem no mês que vem. Todos ficam em choque.

Na manhã seguinte, Diogo avança que nunca viu a população de Beirais tão derrotada como na reunião na sociedade recreativa. Diogo explica à amada que será difícil fazer alguma coisa pela aldeia porque Agostinho reteve o processo até ao fim. Diogo vai a casa de Fernando e solicita-lhe ajuda para reverter a situação da barragem. Embora abatido com a fuga da esposa, Fernando está disposto a colaborar porque Beirais era a terra da sua mãe e uma vez que Agostinho se tornou um homem ganancioso e desleal. Fernando explica a Diogo que Agostinho tinha de ter colocado um edital para a população ter conhecimento do processo.

Na sociedade recreativa, Fernando, acompanhado de Diogo, relembra Agostinho que este comprou alguns terrenos em Beirais para que as propriedades fossem vendidas, a preços muito superior, aquando da expropriação por causa da barragem. Agostinho fica desconfortável e pergunta-lhes o que querem. Diogo responde que querem que fale com a câmara e que seja dada oportunidade ao povo de escolher aquilo que quer para Beirais.

Depois de receber um telefonema enquanto caminha com Clara, em Beirais, Diogo anuncia à população, através da “Beirais FM” que não conseguiram recuperar a aldeia. Diogo desafia todos os beiralenses a participarem numa manifestação de forma a impedirem o avanço das máquinas. Assim, todos os habitantes da aldeia se reúnem em frente à igreja. Diogo aproxima-se de Fernando e diz-lhe que, embora não sejam amigos, lutam pela mesma causa. Fernando conta que recebeu a informação de que Agostinho renunciou à junta.

No início do episódio verifica-se que Xavier Marques vai sair de Beirais. O neto de Benjamim Marques quer “dar um novo rumo à vida”, em Lisboa, e ir ter com Teresa Sampaio. Neste episódio fica ainda a saber-se que Luís Assunção e Marina de Jesus estão apaixonados. Marina diz que estão sempre num “vai-não-vai”, mas quando o padre lhe mostra a carta que anuncia o cessar das suas funções como sacerdote, a dona da sociedade recreativa pede que não o faça. Marina lembra que as pessoas são conservadoras e que falarão do facto de uma mulher ter desviado um padre do seu caminho. Luís fica pensativo, mas ao falar com Olga Fontes dissipa as dúvidas. Na manifestação vê-se Luís sem batina, a aproximar-se de Marina, dando-lhe a mão. Já Sandro Pedroso e Alexandra Vidal vão a Paris, após Xana ter inscrito o namorado num concurso de moda. Em determinada altura no episódio, parecia que Xana estava impedida de ir pois a

organização não tinha dinheiro, mas Sandro surpreendeu-a: trocou a sua estadia de luxo por duas mais em conta. Já Nazaré e Carlos Batista vão ser pais de gémeos.

Tabela 14 - **Análise Protagonistas: 98º episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	No episódio 98 da primeira temporada da produção em análise, Diogo surge apenas associado a um dos seus ofícios, a locução na rádio.
Vestuário	- Quando chega a casa regressado de férias, Diogo veste umas calças claras, uma camisola vermelha e uma camisa azul escura aberta. - No dia a seguir à sessão de esclarecimento sobre a barragem, Diogo utiliza uma camisola preta e uma camisa azul.
Meio habitacional	- Neste episódio é possível vislumbrar a principal divisão da casa de Diogo. A cozinha e a sala de estar, são uma área ampla, luminosa e com detalhes de habitabilidade: cenário – cozinha e sala de estar de Diogo Almada.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Diogo é evitar a construção da barragem que colocará Beirais submersa na água.
Traços de personalidade	- Observador: esta característica encontra-se quando Diogo procura saber junto de diversos habitantes qual a sua opinião sobre a construção da barragem. - Lutador, proativo e dinâmico: estes traços de personalidade estão veiculados em todos os momentos em que Diogo tenta impedir o avanço das obras. - Sensível: o diálogo que tem com Fernando e a forma derrotada com que observa o desânimo dos beiralenses, vinculam a sua personalidade empática e preocupada.
	- “Foram umas semanas a tomar comprimidos para o enjoo, a falar com estrangeiros empertigados e ver ondas maiores que qualquer prédio, o que quer que lhe diga”: esta interrogação traduz a forma como Diogo viveu o cruzeiro no mediterrâneo que fez com Clara. No entanto, o tom utilizado transmite divertimento e permite inferir que Diogo é brincalhão. - “Tudo se passa e ultrapassa” e “ enquanto há vida há esperança” : diz Diogo a Júlio a propósito da sua saída do comando da banda filarmónica de Beirais e a Fernando a propósito da barragem, respetivamente. Estas inferências realçam a personalidade otimista e esperançosa que define Diogo. - “Achas que a mudança de alguém está associada à inevitabilidade do progresso de que falas?”: esta interrogação expõe as dívidas que Diogo tem sobre o tema e manifesta a sua vontade em auscultar todas as opiniões, para poder formular a sua tese convenientemente. - “O debate é sobre a barragem e a coisa promete”: esta frase indica,

Linguagem verbal	não só que Diogo tem interesse nos destinos da aldeia, gostando de estar por dentro de tudo, mas também alude ao seu carácter provocador. - “Ontem as pessoas saíram derrotadas da reunião como eu nunca as vi”: esta conclusão alude ao carácter sensível, empático e preocupado que assolam Diogo. - “O Agostinho reteve as coisas até ao fim para que as pessoas tivessem puco a dizer”: esta explicação denota que Diogo é um homem observador e perspicaz, capaz de compreender as manobras do adversário. - “Beirais está prestes a desaparecer do mapa e a maioria da população, incluindo o Fernando estão contra este abuso do poder do Agostinho” e “ então ajude-me a dar a volta a isto”: são frases que traduzem o pedido de ajuda que Diogo faz a Fernando, visando impedir a construção da barragem. Indicam a proatividade, humildade e sensatez que caracterizam o Diogo. - “Queremos que fale com a Câmara e que dê oportunidade ao povo de Beirais de lutar pela sua terra em referendo”: esta imposição, que surge em tom de ultimato, evidencia que Diogo é um homem com forte sentido de justiça e lutador pois está disposto a desmascarar Agostinho e todas as suas atitudes visam dar voz ao povo. - “Mas será que o progresso e o futuro justificam anular tudo o que somos?”: esta interrogação, sucedida do desafio lançado à população para a realização de uma manifestação, reforçam o carácter lutador e proativo que distinguem Diogo.
	- Diogo entra em casa lado a lado com Clara, com uma mala de viagem. Está sorridente e visivelmente feliz. - Diogo e Clara beijam-se ao entrarem em casa. - Diogo e Clara entreolham-se quando Ramiro lhes fala da “bomba”. Diogo cruza os braços quando questiona, com ar de indignação, do que se trata. - Quando Ramiro confessa que querem fazer uma barragem em Beirais, Diogo coloca as mãos na cintura, a cabeça para a frente e apresenta um olhar de choque. - Diogo passeia de mãos dadas com Clara, por Beirais, até encontrarem Júlio. - Enquanto conversa com o cabo Júlio, Diogo coloca a mão direita na cintura e a mão esquerda por cima do ombro de Clara. - Diogo vai ao minimercado e escuta com atenção o que Alzira diz sobre a barragem. - Na rádio, Diogo ouve atentamente o que Carlos comenta sobre a barragem. O lisboeta anui, acabando por concordar com as palavras do amigo. - Diogo espera por Clara, em casa, antes de ir assistir à sessão de esclarecimento sobre a barragem. Quando Clara chega, Diogo entra e

Linguagem corporal	acaricia-a. - Diogo abraça Carlos e Nazaré, na sociedade recreativa, felicitando-os por irem ser pais de gémeas. - Diogo levanta-se para tomar a palavra na sessão de esclarecimento sobre a barragem. - Diogo coloca as mãos na cintura e fica com um ar perplexo ao ficar a saber que Agostinho garantiu à empresa construtora que a barragem era do interesse da maioria dos beiralenses. - Diogo toma café encostado à banca da cozinha enquanto fala com Clara sobre a sessão de esclarecimento. - Diogo e Clara abraçam-se depois de recordarem que Beirais foi a terra que os uniu. - Depois de enfrentar Agostinho, juntamente com Fernando, Diogo e o marido de Cristina, dão um aperto de mão, sorridentes e confiantes. - Enquanto passeia com Clara, o telemóvel de Diogo toca. O protagonista atende e a sua expressão facial transmite preocupação e derrota. - Na rádio, Diogo termina a emissão visivelmente abatido. Contudo sai de mãos dadas com Clara rumo à manifestação que ele próprio organizou. - Diogo e Clara chegam ao largo da igreja e Diogo vai ter com Fernando. O protagonista coloca as mãos na cintura ao saber que Agostinho fugiu.
Marcas de controlo	- O facto de regressar de uma viagem e a inexistência de referências ao seu principal negócio, podem indicar que Diogo possui alguma folga financeira. No entanto, os pedidos de ajuda a Fernando demonstram que os seus conhecimentos e recursos são limitados.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Diogo namora com Clara Rodrigues. Para além das relações já apresentadas nos episódios anteriores, destaca-se a aliança que sela com Fernando, o seu maior opositor.

Tabela 15 - **Análise Protagonistas: 98º episódio – Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara mantém-se como funcionária e sócia da casa de turismo.
Vestuário	- Quando regressa a casa Clara utiliza um vestido multicolor e uma carteira. - No dia seguinte à reunião na sociedade recreativa, Clara veste um pijama enquanto está em casa. - Na cada de turismo Clara veste uma blusa de manga cava, uns calções e um lenço ao pescoço.
Meio habitacional	- Clara, neste episódio, habita em casa de Diogo, pelo que, as considerações apontadas na tabela anterior se mantêm válidas.
	- Implicitamente, conclui-se que os principais objetivos de Clara são:

Objetivos de vida	manter a sociedade com as amigas e cooperar na luta contra a construção da barragem.
Traços de personalidade	- Observadora e atenta: estas características sobressaem quando o tema em discussão é o atual comportamento de Rita. São vários os momentos em que Clara alude a alterações nas atitudes da amiga. - Opinativa: Clara é perentória no seu desacordo em relação à construção da barragem e determinada em relação à sua postura em relação a Agostinho.
Linguagem verbal	- “Perderam todos a cabeça?": esta questão evidencia a indignação e inquietação que Clara sente ao saber da construção da barragem. Sublinha os traços de personalidade que a definem como consciente e responsável. - “As pessoas estão com mais dificuldades, mas não é nada que não tivéssemos previsto” e “ estamos dentro dos números que apontamos”: são considerações que Clara veicula no âmbito do sucesso do negócio, na casa de turismo. Realçam o realismo e sensatez que caracterizam a personagem em análise. - “Eu ainda não tinha pensado nisso” e “ eu não acredito que estás a dizer isso, nós passámos tanto para chegar onde chegámos”: são expressões das quais se pode deduzir que Clara discorda com a construção da barragem, fica apreensiva com o desaparecimento de Beirais e, consequentemente, do seu negócio e revela a perplexidade que Clara sente ao saber que Rita concorda com a nova proposta para a aldeia. - “Eu poupei dinheiro durante um ano inteiro para fazer esta viagem. Fiz muitos sacrifícios e sei lá mais o quê. Como é que tu me podes julgar?": esta intervenção vem no seguimento das críticas que Rita faz a Clara pela sua ausência no negócio. Clara mostra-se exaltada e ofendida, elevando-se o seu sentido de justiça e sensatez. - “A Rita está cada vez mais distante, principalmente depois de se ter separado do João (...) parece que perdeu a energia” e “ tu sempre foste a força por detrás deste negócio”: embora estas frases proferidas com desânimo revelam que Clara é uma pessoa observadora e atenta. - “O Agostinho é asqueroso”: esta frase denota o carácter opinativo e determinado que caracterizam Clara.
Linguagem corporal	- Clara entra em casa lado a lado com Diogo, com uma mala de viagem. Está sorridente e visivelmente feliz. - Clara e Diogo beijam-se ao entrarem em casa. - Clara sorri quando Diogo faz considerações divertidas, embora depreciativas, da viagem que fizeram. - Clara e Diogo entreolham-se quando Ramiro lhes fala da “bomba”. - Clara passeia de mãos dadas com Diogo, por Beirais, até encontrarem Júlio. - Quando fala com Susana sobre a previsível queda na procura da casa

	de turismo, Clara mantém os braços cruzados e um ar sereno. - Clara fica de boca aberta e com ar perplexo quando Rita sugere terminar a sociedade. - Clara senta-se no sofá desanimada com as conclusões resultantes da reunião do dia anterior. Clara cruza os braços quando se refere a Agostinha. - Clara e Diogo abraçam-se quando recordam que Beirais foi a terra que os uniu. - Clara entra na sala de estar da casa de turismo, onde está Rita, e senta-se à sua frente. Depois de conversarem, as três amigas abraçam-se.
Marcas de controlo	- O facto de Clara aludir à necessidade de fazer poupanças durante um ano para ir viajar, permite inferir que a lisboeta não possui liberdade financeira constante.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mantêm-se as relações apontadas `personagem no episódio 80.

Análise Protagonistas: 98º episódio – Teresa Sampaio

No último episódio da primeira temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, a personagem de Sandra Santos não aparece em nenhuma cena o que inviabiliza a realização da análise de conteúdo.

1º Episódio: “Sempre te mudas, Beirais” (2ª temporada)

Este episódio marca o arranque da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais” e apresenta continuidade narrativa face ao apresentado no último episódio da primeira temporada. Como tal, o capítulo em análise recapitula a construção da barragem e a união da aldeia. Enquanto são apresentadas as imagens relativas à manifestação organizada em Beirais, escuta-se a voz de Diogo Almada que narra parte dos acontecimentos.

A “salvação” de Beirais e a sua precedente situação periclitante foram alvo de notícias a nível nacional. Neste momento, em Beirais, está uma equipa de reportagem que visa saber como decorreram as manifestações. As declarações de Carlos Batista dão conta de que a aldeia acampou em frente às máquinas, evitando o avanço das obras e a construção dos estaleiros. Carlos e Júlio Gameiro, outro dos entrevistados, definem Diogo como o responsável pela defesa da aldeia. O cabo Júlio avança que ele esteve na manifestação, não só como habitante, mas também como autoridade, vigiando todas as movimentações. A ele junta-se Tó Zé Candeias, o novo barbeiro de Beirais, que deseja aparecer na televisão, dando uma entrevista à jornalista.

Diogo dirige-se a casa de Fernando Campos Ribeiro que permanece destroçado com a fuga de Cristina dos Santos, a esposa (que estava grávida). Diogo esperava que Fernando fosse consigo à Câmara pois “a sua presença é essencial”. Contudo, Fernando recusa cumprir o combinado, fornecendo a Diogo os documentos que ele deve entregar. Momentos depois, na rádio, Diogo conta a Carlos que entregou os papeis na Câmara e relata o sucedido com Fernando. Nesse momento, a jornalista entra e pede uma entrevista a Diogo. Algumas cenas depois, verifica-se que Diogo termina a entrevista dizendo que sente que sempre se sentiu mais beiralense do que lisboeta. A jornalista insinua-se a Diogo, várias vezes, mas este rejeita-a sempre dizendo que é comprometido. Lúcia, a jornalista, define Diogo como um homem muito honesto e fiel, garantindo-lhe que a aldeia é sua. Diogo diz que a aldeia é de todos, mas a jornalista desafia-o a falar com os habitantes. Quando Clara Rodrigues fica a saber dos avanços da jornalista face a Diogo, mostra-se desconfortável e ciumenta, embora tenha sido Diogo a informá-la do sucedido.

Na Câmara Municipal, o engenheiro e Agostinho Puga falam sobre a tomada de decisão de Diogo em relação à construção da barragem. Agostinho conta ao engenheiro que Diogo é um homem honesto e que será muito difícil enfrentá-lo. O engenheiro afirma que toda a gente tem um preço e que Diogo não será exceção. Algumas cenas depois, observa-se Diogo, nas estufas, perto do computador. Diogo aguarda por um *e-mail* importante relacionado com a barragem. O protagonista diz a Ramiro que somente ali tem rede e, consequentemente, *internet*. Nesse momento, o engenheiro dirige-se às estufas, visando convencer Diogo a desistir da ideia de estar contra a construção da barragem em Beirais. Para tal, o engenheiro propõe comprar o negócio de Diogo por um valor muito acima do seu valor real, mas o protagonista recusa. Ramiro interrompe a conversa e pede ajuda a Diogo para resolverem um problema antes da rega automática começar. O engenheiro, que fica sozinho junto da plantação de ervas aromáticas e perto do computador de Diogo, verifica que este tem o *e-mail* de Diogo aberto. Embora não seja explícito, compreende-se que utilizará o acesso ao computador e ao *e-mail* de Diogo para o prejudicar.

Na sociedade recreativa, Carlos Batista mostra aos presentes um *e-mail* que recebeu, vindo de Diogo. Essa mensagem dá conta que Diogo está a fazer jogo duplo e que, na verdade, deseja que a barragem seja erguida, ganhando elevadas quantias de dinheiro. Júlio Gameiro, um dos presentes, conta a Agostinho Puga o que aconteceu. Este rapidamente acusa o rival do sucedido dizendo que Fernando terá de saber daquele *e-mail*.

Em casa de Diogo, Fernando entra de rompante, acusando-o de ser falso e de não ser contra a construção da barragem. Diogo não compreende a aquela exaltação, nem o que ele está a dizer. Fernando acusa-o de ter enganado tudo e todos e de estar feito com o

engenheiro e com o presidente da junta de Beirais para benefício próprio. Diogo afirma que as acusações que lhe dirige são extremamente difamatórias e que não correspondem à verdade, mas Fernando não acredita nele perante o sucedido. Neste sentido, o protagonista dirige-se à sociedade recreativa onde estão Hortense Pedroso, Marina Marques Jesus, Júlio, Agostinho e Carlos e Nazaré Batista. Diogo entra e diz-lhes que não é responsável por nada daquilo que o acusam. Carlos mostra-lhe o *e-mail* que ele próprio lhe enviou e Diogo lê-o perplexo. Diogo questiona a cada um dos presentes acreditam nele, mas todos acabam por negar perante as evidências.

Em casa do protagonista, Diogo e Clara concluem que os responsáveis por tais comportamentos são Agostinho e o engenheiro. No entanto, o que mais preocupa Diogo é a amizade com Carlos, tendo de fazer algo nesse sentido. Clara diz que está do seu lado acreditando que ele é inocente. Ainda nessa noite, Diogo ajuda Nazaré a levar o marido, alcoolizado, para casa.

No dia seguinte, e já na estufa, Diogo consegue provar a Carlos que aquilo foi uma armadilha montada pelo engenheiro. Ramiro explica a Carlos que, no momento em que o *e-mail* foi enviado, às 17:58, Diogo estava consigo. Diogo encontrava-se a ajudá-lo a compor uns motores antes da rega, que começava às 18h. A falta de vigilância em relação ao computador foi o que motivou a atitude do engenheiro. Diogo e Carlos dão um aperto de mão.

Este episódio é polvilhado pela vontade de Susana Fontes e Nuno Aires viverem juntos. Numa primeira fase, ponderam ir para casa dele, mas Olga diz-se abandonada. Depois, e face a tal consideração, Susana quer levar o namorado para casa da mãe, o que a deixa em choque.

Tabela 16 - Análise Protagonistas: 1º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo surge na estufa, da qual é proprietário, colaborando nos trabalhos agrícolas. É possível prever o início da participação de Diogo na vida pública de Beirais.
Vestuário	- Diogo inicia o episódio com um fato. - Na primeira vez que surge na estufa Diogo utiliza uma t-shirt preta e uma camisa azul. - Na última cena do episódio Diogo utiliza calças azuis, camisola escura e camisa vermelha.
Meio habitacional	- No episódio 1 da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais” é possível observar a principal divisão da casa de Diogo. Um <i>open space</i> que junta na mesma divisão, a cozinha e a sala de estar: Cenário –

	Cozinha e Sala de estar da casa de Diogo Almada.
Objetivos de vida	- No episódio em análise, Diogo tem como objetivo reconquistar a amizade de Carlos e a confiança da aldeia e lutar contra a construção da barragem em Beirais.
Traços de personalidade	- Confiante: a forma como Diogo encara o confronto com os responsáveis pela construção da barragem e os documentos que reuniu reforçam a confiança que sempre o definiu. - Combativo, lutador e dinâmico: estas características evidenciam-se em todos os momentos em que o assunto é a salvação de Beirais. Diogo faz tudo o que está ao seu alcance para evitar o pior desfecho, -Crítico e empático: embora pareçam adjetivos contraditórios, neste caso, referem-se à atitude de Diogo em relação à mesma pessoa, Fernando. Por um lado, Diogo julga a atitude passiva de Fernando, mas por outro é evidente que visa agitar a sua consciência emocional, mostrando-lhe que é importante para a aldeia. O mesmo sentido empático surge quando Diogo fala com Carlos sobre Fernando, pelo qual mantém uma atitude defensiva. -Honesto: esta característica ganha espessura quando Diogo não aceita qualquer tipo de quantia monetária para trair a aldeia. - Amigo: o valor que Diogo atribui às amizades que criou na aldeia fica visível quando tenta provar a todos que não lhes mentiu. - Sincero: Diogo é franco para com aqueles que o rodeiam. A mesma sinceridade é mantida, aliada sua valentia, em situações de confronto com os seus principais rivais.
	- “Se tudo correr bem hoje salvo a aldeia e o teu negócio também”: Diogo refere-se ao impedimento legal que vai interpor para evitar a construção da barragem em Beirais. Traduz o carácter confiante, lutador e proativo do protagonista. - “O que é que pode ser mais importante do que isto?” e “um homem sério livra-se do egoísmo em torno de uma causa comum forte: estas afirmações são proferidas na conversa que Diogo tem com Fernando. São simultaneamente uma crítica e um apelo emocional a Fernando. Demonstram o carácter combativo, lutador e justo de Diogo. - “Havias de ter visto a cara do Agostinho e do engenheiro todos danados”: esta afirmação é enunciada na conversa que tem com Carlos, mostra o lado provocador do protagonista. -“Eu não sou herói nenhum, isso são relatos exagerados de quem me quer bem”: esta frase indica que Diogo é um homem humilde e modesto, gostando apenas de colaborar para a melhoria da qualidade de vida dos beiralenses. -“Eu peço desculpa se lhe dei a entender outra intenção, mas eu tenho namorada”: esta expressão traduz sinceridade para com a jornalista e apresenta fidelidade para com Clara. -“Vais mesmo fazer aquilo que eu penso que vais fazer? Eu não quero o teu dinheiro” e “há coisas mais importantes”: estas considerações

Linguagem verbal	são proferidas no confronto com o engenheiro da obra de Beirais. Ambas as frases veiculadas mostram que Diogo é um homem honesto e íntegro, não trocando as suas convicções e respeito dos beiralenses por dez vezes o valor da sua propriedade. -“Se acha que insultar-me é a melhor maneira de fazer negócio comigo, fique à vontade” e “é engraçado, não é que precisasse de motivação, mas acabou de me dar mais uma razão para lutar contra esta loucura”: estas expressões têm como objetivo destabilizar o engenheiro relevando, por isso, o carácter irónico e provocador de Diogo. -“Eu não enviei <i>e-mail</i> nenhum ao Carlos nem sei do que está a falar” e “eu não estou a negociar nem com o engenheiro nem com ninguém”: são expressões pronunciadas com convicção e que provam que Diogo é um homem sincero, já que, tudo o que diz corresponde às imagens apresentadas. - “Eu não fiz nada daquilo que me acusam”, “eu não escrevi isto” e “você têm de acreditar em mim”: estas três frases permitem concluir que duas das principais características de Diogo são a sinceridade e a preservação das amizades. Aliás, tais conclusões são confirmadas pelas imagens e, mais tarde, provadas na história. - “Sabes o que é que me custa mais no meio disto tudo? É o Carlos e os outros terem acreditado naquilo”: esta inferência demonstra o valor que Diogo dá à amizade e reforça a sua honestidade e sinceridade. - “Aquele sacana aproveitou o momento para te enviar o <i>e-mail</i> e soube muito bem escolher o alvo”: esta frase traduz a reposição da verdade e destaca a perspicácia do protagonista, já que, conseguiu reconstituir os passos do engenheiro na estufa.
	- Diogo abraça Clara enquanto conversam sobre o futuro de Beirais e o desânimo de Clara. - Diogo mantém as mãos na cintura e olhar indignado ao perceber que Fernando não o acompanhará à Câmara. Diogo suspira e pega nos documentos que Fernando lhe entrega. - Na rádio, Diogo levanta-se da cadeira e ajeita o fato quando a jornalista entra. - Enquanto dá uma entrevista à jornalista Lúcia Prata, Diogo coloca a mão direita no bolso das calças e o braço esquerdo sobre o muro. Com as aproximações da jornalista Diogo recua com um ar constrangido. Quando Lúcia vai embora, Diogo desaperta a gravata, respira fundo e fica desconfortável. - Na estufa Diogo está debruçado sobre o computador olhando para a sua caixa de correio eletrónico. - Durante a conversa com o engenheiro, Diogo transita entre braços cruzados e braços na cintura, permanecendo com um ar perplexo e indignado. Diogo ri quando o engenheiro o insulta em tom de

Linguagem corporal	provocação. - Diogo corre apressado para ajudar Ramiro com os motores de rega. - Na cozinha de sua casa Diogo está encostado à banca e tenta dar a mão a Clara. - Diogo fica surpreendido, perplexo e indignado com as acusações que Fernando lhe dirige. - Na sociedade recreativa Diogo debruçasse sobre a mesa onde está o computador de Carlos, lendo o <i>e-mail</i> que supostamente enviou. - Diogo olha os presentes na sociedade recreativa com desilusão e tristeza pois ninguém acredita em si. - Em casa, Diogo atira bolas de ténis contra um imóvel num evidente sinal de stress. - Na estufa Diogo caminha ladeado de Carlos e Ramiro. Diogo para para explicar o que aconteceu, colocando as mãos na cintura. Carlos e Diogo dão um aperto de mão como sinal de resolução do equívoco.
Marcas de controlo	- O facto de Diogo estar a resolver por vias oficiais a situação da barragem, bem como o facto de ser proprietário de uma grande estufa, podem ser indicadores que permitam inferir que Diogo tem alguns recursos.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Diogo namora com Clara Rodrigues e o seu melhor amigo é Carlos Batista.

Tabela 17 - **Análise Protagonistas: 1º episódio Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara trabalha e é sócia da casa de turismo, contudo diz precisar “de novos desafios”.
Vestuário	- Clara utiliza umas calças brancas, uma blusa estampada e um lenço quando ajuda Diogo a arranjar-se. - Nas cenas seguintes em que comparece, Clara veste umas calças escuras e uma blusa rosa bebé.
Meio habitacional	- Clara vive em casa de Diogo, sendo esse, aliás, o local onde apareceu em todas as cenas do episódio: Cenário – Casa de Diogo Almada.
Objetivos de vida	- É perceptível que Clara deseja, de alguma forma, mudar de vida. Para além disso, também visa que o namorado prove a sua inocência.
Traços de personalidade	- Ciumenta: esta característica floresce quando Diogo lhe conta da tentativa de aproximação de Lúcia. Clara fica, de imediato chateada e indignada com o namorado. - Companheira: esta particularidade emana quando Clara diz estar do lado de Diogo, acreditando na sua inocência. - Pouco autoconfiante: o facto de s ser ciumenta, revela pouca confiança em si própria. Para além disso, a sua premiria intervenção no episódio remete para uma desvalorização do seu próprio trabalho na casa de turismo.

Linguagem verbal	- “Se eu soubesse tinha-lhe feito a vida negra na casa de turismo”: Clara mostra-se desagradada quando Diogo lhe conta que Lúcia queria ter um caso com ele. A afirmação transcrita sublinha o traço de personalidade que define Clara como ciumenta. - “Claro que eu acredito em ti Diogo”: esta frase corrobora a posição de Diogo e reforça o companheirismo e apoio que Clara dá ao namorado no momento em que ele é acusado de algo que não fez.
Linguagem corporal	- Clara ajuda Diogo a compor o fato dando-lhe o nó na gravata. - Clara abraça Diogo e continua a falar com o amado mantendo as mãos agarradas ao seu pescoço. O semblante de Clara transmite desânimo e desnorte. - Clara arruma a banca da cozinha quando o Diogo lhe fala de Lúcia. Clara fica com um olhar irritado e não aceita dar a mão a Diogo. - Clara senta-se ao lado de Diogo e coloca uma mão sobre a perna de Diogo como sinal de apoio e conforto.
Marcas de controlo	- Não é possível fazer considerações desta natureza pois o episódio não fornece indicadores que permitam retirar conclusões sobre a sua condição financeira e social.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Mantêm-se as mesmas ligações relacionais apontadas até aqui.

20º Episódio: “O debate” (2ª temporada)

O episódio começa com um frente a frente entre Diogo Almada e Agostinho Puga, candidatos à junta de Beirais, na sociedade recreativa. Este momento culmina num burburinho que é, de imediato, justificado por um recuo temporal.

Em casa de Diogo, este prepara a sua intervenção no debate, consciente de que este ditará a corrida à junta de freguesia de Beirais. Clara Rodrigues anima-o, garantindo que será o vencedor, mas Diogo mostra-se cauteloso dizendo ser “um otimista informado”.

Na casa de Fernando Campos Ribeiro, padrinho e afilhada confessam estar do lado de Diogo com o objetivo de, mais tarde, provarem que ele não é capaz de estar à frente da junta, tornando-se São Loureiro a próxima presidente.

Diogo caminha pela aldeia anotando quais as principais medidas que deve adotar para melhorar a qualidade de vida dos beiralenses. Começa por falar com os cangalheiros a propósito dos buracos na estrada. Estes respondem-lhe que a estrada acidentada é boa para o negócio. Algumas cenas depois Diogo cruza-se com Tó Zé Candeias e fala-lhe da falta de iluminação pública local. O barbeiro diz que as pessoas da cidade “pensam que quanto mais luz melhor”, mas explica que “de dia há luz, de noite há escuro, é normal (...) nós à noite queremos escuro para dormir de janela aberta e acordar com a luz sol”. A eles

junta-se Hortense Pedroso. Diogo confessa a Hortense que julgava que a corrida à junta fosse mais fácil. A mãe do mecânico de Beirais alerta-o que já está “a falar como autarca e não como candidato”. Explica que a aldeia já está farta de Agostinho o que torna Diogo como favorito. Contudo, Hortense alerta-o para o facto de “ainda estar a ver a aldeia com olhos urbanos”, querendo oferecer aos beiralenses “aquilo que um homem da cidade acha que nos faz falta”.

Na rádio, Fernando conta a Carlos Batista que tem informações que podem ditar o fim de Agostinho. Carlos fica a saber que o atual presidente de junta construiu a sua casa sem pagar ao empreiteiro, já que, o pagamento foi feito com a atribuição das obras da junta a essa empresa de construção. Os documentos que provam estas irregularidades estão no cofre do gabinete da junta.

Na casa de turismo, Diogo conversa com Viriato Montenegro. Inicialmente falam sobre coisas mundanas, embora o protagonista mantenha sempre um tom altivo. O teor da conversa transita para as eleições. Viriato reforça a ideia que o voto é secreto e que o debate será fundamental para dissipar algumas dúvidas. O conde afirma que “o Diogo conta com o voto simpático mas não chega. A junta precisa de alguém honesto e com ideais, não de um simpático”.

Carlos vai a casa de Diogo e conta-lhe o que descobriu em relação a Agostinho. Diogo mostra-se reticente já que a informação lhe foi dada por Fernando. Porém, na cena seguinte, observa-se que Carlos e o cabo Júlio Gameiro vão pedir satisfações a Agostinho. Este nega a existência de falcatrues e mostra-se disposto a abrir o cofre onde está o documento incriminatório. No entanto, ao fazê-lo, Agostinho tira o papel, rasga-o e come-o, vitorioso.

O episódio regressa ao debate que tem Marina Jesus como moderadora. Agostinho diz que o voto útil será em si pois já tem obra feita, confiança dos habitantes e idealizados projetos futuros. Em contraponto, Diogo argumenta como motivos para votarem em si, a falta de obra de Agostinho, a confiança que os beiralenses não depositam no atual presidente de junta e os projetos que Agostinho continua a não ter para Beirais. Perante o borburinho criado pelas declarações dos candidatos, Júlio tenta colocar ordem na sociedade recreativa. Todavia, também ele incorre em conflitos quando Vitor Lobo afirma ser a autoridade local. Os GNRs discutem sobre a liderança da banda de Beirais. Quem toma as rédeas da situação é Viriato. Em conversa particular com Diogo, este aconselha-o a falar de si e por si, sem desconsiderar Agostinho. Viriato alerta-o para o facto de Agostinho ser natural de Beirais e Diogo não, afirmando que o povo não aceita pessoas que não o respeitem. O debate recomeça e Diogo altera a sua postura afirmando que responderá aos ataques com ideias e planos para Beirais. O frente a frente termina com as promessas

eleitorais dos candidatos: Agostinho diz que vai criar um polidesportivo com capacidade olímpica e Diogo promete fazer de Beirais “não a aldeia que um rapaz da cidade deseja, mas a aldeia em que todos querem viver”, sem contas por explicar e sem barragem. A maioria dos presentes felicita Diogo pela sua postura.

As últimas cenas do episódio dão conta da felicidade de Fernando ao perceber que Agostinho perdeu o debate, o que reforça o objetivo do vilão. Já na rádio Carlos, Diogo e Agostinho trocam acusações irónicas sobre o sucesso do debate.

Tabela 18 - **Análise Protagonistas: 20º episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	No episódio 20 da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, Diogo não surge a trabalhar nem nas estufas, nem na rádio. Contudo, constata-se a sua ingressão no mundo da política. Diogo é candidato à presidência da junta de Beirais.
Vestuário	- Como este episódio decorre sempre no mesmo dia, Diogo apresenta sempre a mesma roupa: calças de ganga, camisola vermelha e camisa azul aberta.
Meio habitacional	- A casa de Diogo surge, por diversas vezes, neste episódio. A divisão mais vezes apresentada é a cozinha, muito luminosa e ampla: Cenário – Casa de Diogo Almada.
Objetivos de vida	- O principal o objetivo de Diogo neste episódio é vencer a presidência da junta de Beirais.
Traços de personalidade	- Consciente, prudente e cauteloso: estas características ganham vida quando Diogo confessa saber que o excesso de confiança pode comprometer o sucesso eleitoral. No final do episódio Diogo parece compreender e estar consciente das reais necessidades da população. - Inseguro: o facto de Diogo estudar a sua intervenção no debate e o facto de questionar diretamente Viriato sobre em quem vai votar permitem concluir que Diogo teme perder as eleições para Agostinho. - Provocador: no início do debate Diogo assume uma postura acusatória em relação ao adversário. - Inteligente: esta característica sobressai quando, depois do debate ser interrompido, Diogo muda de estratégia e adequa as suas medidas ao esperado pela população. Tal mudança acontece após a rápida conversa com Viriato o que implica perspicácia. - Responsabilidade social e vontade de trazer modernidade à aldeia: embora as suas medidas pareçam não estar adaptadas à realidade beiralense, facto é que, Diogo tenta incutir condições mais favoráveis, seguras e tecnológicas à população.
	- “Quando achamos que já está no papo perdemos as eleições” e “sou um otimista informado”: são frases que revelam que Diogo é um

Linguagem verbal	homem prudente e cauteloso, consciente de todas as variáveis inerentes a um processo eleitoral. - “Nunca pensei que as coisas se tornassem tão complicadas no último momento” e “até agora só tenho levado patadas, atiram-se a todas as minhas ideias”: estas afirmações refletem, por um lado, a dificuldade que Diogo tem em compreender as reais necessidades da população e, por outro, destaca a sua perspicácia e traduz a sua postura atenta e observadora. - “O Viriato sabe que existe a internet e que ajuda a resolver esses problemas”: Diogo utiliza um tom irónico para mostrar a Viriato que existe mais modernidade do que aquela a que ele recorre. Contudo, a resposta de Viriato (“o jornal é em papel”) permite concluir que Diogo, mais uma vez, não se está a conseguir moldar aos desafios da população. - “Vai votar em mim?”: esta pergunta, para além de indelicada e despropositada, visto que, como diz Viriato, o voto é secreto, reflete insegurança e medo de perder. - “O meu receio é que o dinheiro tenha sido gasto em obras que não vemos” e “tanto quanto sei, o senhor Agostinho Puga prefere engolir papeis a mostrar a situação em que se encontra a junta”: estas declarações proferidas no debate, denunciam a atitude provocatória de Diogo e assinalam a sua preocupação face ao estado financeiro da junta. Denota-se que o protagonista possui responsabilidade social. - “Eu às vezes acho que as pessoas já me tratam como um de cá, mas a verdade é que continuo a ouvir coisas do tipo: vocês da cidade”: esta conclusão é retirada quando Viriato o alerta para o seu mau desempenho no debate. Viriato sugere-lhe falar de si próprio o que faz despertar em Diogo a consciência de que, em último caso, as pessoas preferirão votar em beiralenses de gema. - “Eu prometo fazer de Beirais, não a aldeia que um rapaz da cidade deseja, mas a aldeia em que todos queremos viver”: esta promessa eleitoral aproxima Diogo da confiança que lhe foi apontada noutros episódios e destaca a inteligência, perspicácia e consciência do candidato em análise. Diogo mudou de estratégia, adequando as suas medidas e palavras ao que os beiralenses desejavam pois percebeu que só assim poderia vencer as eleições.
	- Diogo está sentado à mesa da cozinha com olhar compenetrado nuns papeis que tem sobre a mesa. - Diogo coloca o dedo em riste quando fala sobre a necessidade de estar bem preparado para o debate. - O protagonista fica pensativo e apreensivo ao pensar no debate. - Diogo faz voltas de reconhecimento à aldeia, tomando nota, num caderno, de medidas a tomar. Neste percurso Diogo para em frente à agência funerária e à barbearia. - Diogo encontra Hortense. A conversa entre ambos deixa-o pensativo

Linguagem corporal	e de olhar tristonho, pois percebeu que está a olhar “a aldeia com olhos urbanos”. - Diogo entra na sala de refeições da casa de turismo e senta-se na mesa onde está Viriato. Os amigos dão um aperto de mão e Diogo ri e cruza a perna quando Viriato lhe diz que lê jornais com vários dias de atraso. - Diogo senta-se na parte detrás do sofá de sua casa enquanto escuta a novidade de Carlos. Diogo ri não acreditando no que o amigo lhe contou. - Na sociedade recreativa Diogo está frente a frente com Agostinho. Numa primeira fase o seu semblante é provocador e irónico. Depois dos ânimos se acalmarem, Diogo adota uma postura mais serena apresentando um ar menos prepotente. - No final do debate, Diogo sorri e confiante abraça Clara. - Na rádio, Diogo cruza os braços e lha para o chão quando Agostinho alega ter vencido o debate.
Marcas de controlo	- O facto de Diogo se candidatar à presidência de junta de Beirais, traz uma alteração inevitável à sua condição social.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Neste episódio, constata-se que Diogo namora com Clara e Carlos é o seu melhor amigo. Conclui-se ainda que Diogo tem Viriato e Hortense em grande consideração.

Análise Protagonistas: 20º episódio – Clara Rodrigues

Uma vez que, Clara surge apenas duas vezes neste episódio, não acrescentando qualquer valor narrativo à análise, não será realizada a análise desta personagem no episódio 20 da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais”.

40º Episódio: “No perder é que está o ganho” (2ª temporada)

As aldeias vizinhas a Beirais têm sido alvo de diversos assaltos, o que deixa a GNR beiralense alerta para situações semelhantes na localidade. O primeiro assalto em Beirais dá-se na casa de Hortense Pedroso. Os ladrões batem à porta, Hortense abre e os criminosos roubam-lhe diversos pertences. A idosa fica em pânico e tenta ligar a Manuel Pedroso, Alzira Pedroso e Sandro Pedroso. O primeiro não atende porque está atarefado na oficina, a segunda não se apercebe e o terceiro está no curso de preparação para o casamento. Algumas cenas depois, Hortense relata à GNR local o sucedido, garantindo-lhes que os ladrões eram “bem portugueses”. A apoia-la encontra-se Benjamim Marques. Mais adiante no episódio, Manuel Pedroso vai visitar a mãe ao saber do assalto. Embora a

desafie a ir viver para sua casa, Hortense diz que não quer ser um incómodo preferindo ir para um lar.

Na casa de turismo, Clara Rodrigues e Rita Santiago conversam sobre os assaltos nas aldeias vizinhas e sobre o perigo de terem dinheiro na “Casa da Aldeia”. Clara mostra-se despreocupada com a situação, recordando os locais perigosos e violentos onde viveu em Lisboa. Contudo, Rita prefere prevenir-se. Clara rumo à cidade quando é ultrapassada pelos assaltantes, que travam repentinamente obrigando-a a parar. Os ladrões saem do carro de arma em punho e obrigam Clara a sair também. Clara tenta resistir, mas os assaltantes levam a melhor tentando coloca-la na mala do carro. Nesse momento, Diogo Almada chega e entra em confronto um dos assaltantes, que perde a arma. Diogo apanha-a e aponta-a ao assaltante que tem Clara como refém. No mesmo instante em que Clara se consegue libertar, um dos assaltantes dispara contra Diogo. Este cai, Clara socorre-o e a polícia chega. Clara leva Diogo para a casa de turismo como forma de gratidão e com vista a contribuir para a melhoria do seu estado de saúde. O casal conversa cúmplice sobre o sucedido. Na reta final do episódio, a conversa que Diogo tem com São Loureiro estraga a aproximação entre o protagonista e a Clara. Esta fica a saber que a aproximação de Diogo tinha como objetivo ajudá-lo a assumir a presidência da câmara. Clara fica possessa e expulsa Diogo da casa de turismo.

Neste episódio fica ainda a saber-se que Marina de Jesus nunca deixará o avô ir para um lar. Para além disso e neste seguimento, verifica-se que todos os beiralenses estão dispostos a estarem permanentemente com Hortense, em turnos rotativos, evitando a sua ida para um lar. Já o curso de preparação para o casamento não corre pelo melhor já que Xana e Sandro têm objetivos de vida distintos. O casal finda o episódio de pazes feitas. Na emissão de rádio que conclui este capítulo, Diogo questiona: “será que todos reavemos aquilo que perdemos?” – numa alusão ao sucedido com Clara.

Tabela 19 - Análise Protagonistas: 40º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Não é perceptível quais as funções que Diogo desempenha. Contudo, sabe-se que ambiciona chegar à presidência da Câmara Municipal.
Vestuário	- Quando Diogo salva Clara, utiliza calças claras, camisola escura e camisa azul. - A roupa com que Diogo pernoita na casa de turismo visa substituir um pijama: camisola preta. - Na rádio, Diogo veste camisola branca e camisa cinza.
Meio habitacional	- Neste episódio, o cenário que apresenta a casa do protagonista, não aparece. O mesmo acontece com a estufa, um dos seus locais de

	trabalho.
Objetivos de vida	- Embora não seja possível determinar com precisão quais os objetivos de Diogo, a conversa com São deixa transparecer a sua vontade em tornar-se presidente da Câmara.
Traços de personalidade	- Corajoso e destemido: estas particularidades são observáveis no momento em que Diogo enfrenta os assaltantes armados para salvar Clara. - Apaixonado por Clara: Embora Diogo não seja sincero para com Clara uma vez que mantém um caso com São, a verdade é que Diogo foi baleado por causa dela e diz, convicto, que a ama. - Ambicioso: A conversa com São permite concluir que um dos traços caracterizadores do protagonista é a ambição pois, Diogo engana Clara e tem um caso com São com o objetivo de ascender na sua carreira política.
Linguagem verbal	- “Fiquem comigo e com o carro mas deixem-na ir”: esta afirmação traduz o carácter corajoso e destemido do protagonista e revela que está disposto a tudo para ver a amada fora de perigo. - “Eles fora por ali, não os percam de vista, eu fico bem”: estas indicações dadas à GNR invocam o seu sentido de justiça já que, a sua prioridade não é o seu bem estar, mas o da captura dos assaltantes da aldeia. - “Incrível? Tu é que parecias a supermulher ou a tartaruga ninja de Beirais” e “imaginar o mundo em que não existas é mil vezes pior que uma bala”: estas frases simbolizam o amor que Diogo ainda sente por Clara. Elogia-a e confessa não saber viver sem ela. - “Mas será que todos reavemos o que perdemos?”: esta frase enunciada aos microfones da Beirais FM demonstra que Diogo está consciente da seu erro, ficando claro que se arrepende de ter enganado Clara.
Linguagem corporal	- Diogo sai apressado do carro quando vê Clara em apuros. Entra numa luta com um dos assaltantes conseguindo tirar-lhe a arma. - Diogo aponta a arma ao assaltante que agride Clara. - Depois de Clara agredir o assaltante e fugir para junto de Diogo, este cai baleado. Diogo agarra rapidamente no seu braço direito e o seu semblante expressa dor. Diogo quase perde os sentidos. - Diogo levanta-se apoiando-se em Clara, nitidamente debilitado. - Diogo entra na casa de turismo de braço ao peito e senta-se com a ajuda de Clara. Diogo olha curioso para a picardia entre São e Clara. - Diogo deita-se num dos quartos da casa de turismo com a ajuda de Clara. O casal quase se beija. - O protagonista fica sem reação ao aperceber-se que Clara escutou a sua conversa com São. Quando Clara sai, Diogo suspira, tira o guardanapo do pescoço e atira-o bruscamente para cima da cama em sinal de frustração.
Marcas de controlo	- Não é possível tecer-se considerações acerca do seu poderio

	financeiro. No entanto, verifica-se que Diogo é um homem influente, com relações ao mais alto nível e com ambições poderosas.
Marcas de generalizações	---
Marcas relacionais	- Diogo e Clara já não namoram e Diogo parece ter um caso com São.

Tabela 20 - **Análise Protagonistas: 40º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara trabalha na “Casa da Aldeia”.
Vestuário	- Na casa de turismo, Clara veste umas calças pretas, uma camisola de manga comprida vermelha e um lenço ao pescoço. - Na casa de turismo, Clara utiliza uma camisa de dormir roxa.
Meio habitacional	- Neste episódio, Clara volta a viver no local onde trabalha. No episódio em análise nunca é apresentado o seu quarto, contudo é possível observar outro, semelhante: Cenário – Quartos Casa da Aldeia.
Objetivos de vida	- Não é indagável qual o objetivo da protagonista no episódio 40 da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais”.
Traços de personalidade	- Teimosa e refilona: estas características afloram na conversa que Clara tem com Rita. Clara não dá o braço a torcer quanto à sua consideração de que a aldeia é segura. - Destemida: esta particularidade sobressai quando Clara enfrenta os assaltantes. - Grata e consciente: Diogo salvou Clara e essa atitude foi congratulada pela própria. Clara reconhece a atitude de Diogo. - Prestável e cuidadora: estas características surgem quando Clara se oferece para cuidar dos ferimentos de Diogo depois deste chegar do hospital. Apaixonada por Diogo: mais do que em palavras, esta particularidade da Clara observa-se quando e ela fala e olha para Diogo. - Determinada: esta artística associa-se ao momento em que Clara expulsa Diogo da casa de turismo, depois de saber que ele a enganou. Clara não vacila e toma uma atitude firme.
Linguagem verbal	- “Eu vivi muitos anos perto de um bairro considerado perigoso. Acredita, eu sei o que é a violência urbana, nós temos tudo num cofre, não há problema”; esta frase denota que Clara é uma mulher descomplicada, não acreditando que seja possível ocorrerem assaltos em Beirais. - “Acabam-se as portas sempre abertas, o sossego da aldeia, o facto de toda a gente conhecer toda a gente, isto está a ficar pior do que viver em Lisboa”: esta frase reflete a teimosia de Clara, que se mostra incapaz de compreender a preocupação de Rita. Clara recorre à ironia para desvalorizar o que Rita pensa. - “O único palhaço aqui és tu, estúpido”: esta frase evidencia que Clara é uma mulher corajosa e destemida, capaz de enfrentar aqueles

	que a atacam. - “A culpa foi toda minha”: esta confissão surge no seguimento de Diogo ter sido baleado para a proteger e comprova que Clara tem consciência dos atos que pratica. - “Tu salvaste-me a vida hoje, foste um herói” e “foste incrível hoje (...) aquela bala era para mim”: A Clara é uma mulher grata pois soube reconhecer o que Diogo fez por si. - “Aqui temos-te debaixo de olho e dou-te a medicação”: esta frase traduz a preocupação que Clara desencadeia face ao estado de saúde de Diogo. Clara é cuidadora e zelosa. - “A tonta da Clara informa-te que podes agarrar nas tuas tralhas, nas tuas ligaduras e medicamentos, e pores-te a andar daqui para fora”: esta e outras frases são ditas em tom elevado e exaltado e refletem a desilusão de Clara ao saber que Diogo a está a enganar. Esta afirmação reforça o carácter determinado da protagonista.
Linguagem corporal	- Enquanto fala com Rita, na casa de turismo, Clara permanece de pé, de braços cruzados e com ar despreocupado. - Quando Clara se dirige para a cidade e é perseguida pelos ladrões, a sua respiração fica ofegante. Já fora do carro Clara é atirada para o chão e tenta libertar-se do homem que a segura. - Clara fica em pânico quando um dos assaltantes lhe aponta uma arma à cabeça, no entanto, consegue agredi-lo e foge em direção ao carro. - Ao ver Diogo no chão, Clara ajoelha-se junto a ele e ajuda-o a levantar-se. - Clara ajuda Diogo a deitar-se e senta-se junto a ele, na cama, num dos quartos da casa de turismo. Clara ri às gargalhadas quando Diogo a chama de “tartaruga ninja”. - Clara olha apaixonada para Diogo após declaração de amor e o casal quase se beija. - Clara ouve atrás da porta a conversa entre São e Diogo. A sua postura traduz comprometimento, desilusão e complexidade.
Marcas de controlo	---
Marcas de generalizações	- Clara diz que em Lisboa é que “há violência urbana”. - Clara alude a que nas aldeias “é só sossego” e “toda a gente conhece toda a gente”.
Marcas relacionais	- Clara e Diogo estão separados. Neste episódio, São surge como a principal rival da protagonista.

60º Episódio: “O amor como nos filmes franceses” (2ª temporada)

A namorada de Vitor Lobo termina o relacionamento com ele telefonicamente pelo excesso de controlo que ele demonstra ter. Embora Júlio Gameiro lhe diga que “mulheres

há muitas”, Vitor acaba por dizer que vai reconquistar Dora. Porém, cenas mais tarde, observa-se Vitor a tentar conquistar Patrícia Moreira. O GNR aproxima-se da professora, na sociedade recreativa, e convida-a para almoçar. A professora mostra-se reticente, não confirmando a solicitação. À hora de almoço, Vitor e Júlio aguardam a chegada de Patrícia, que não comparece. Vitor decide ir à casa de turismo pedir para reservar a sala de jantar para uma refeição romântica. Júlio acredita que o amigo está “a fazer figura de urso”. O cabo Vitor surge, de seguida, na escola, confrontando Patrícia com a ausência no almoço. Fala-lhe do momento especial que viveram ao pequeno almoço, o que deixa Patrícia perplexa, já que, são cenários empolgados e imaginados por ele. A conversa entre os dois finda com o convite de Vitor para jantarem na casa de turismo.

Por diversas vezes, neste episódio, se apresentam algumas discussões entre Susana Fontes e Nuno Aires fomentadas por Olga Fontes. Esta diz ao genro que deveria sustentar Susana e questiona-o quem tantas vezes o contacta à hora da refeição. Nuno afirma não ter de lhe dar satisfações, mas Susana alia-se à mãe considerando estranhas tantas chamadas. Mais tarde, em casa de Olga, Nuno e Susana conversam sobre o sucedido. O médico afirma que Susana nunca o defende e esta responde que ele se ofende com pouco. Durante a insistência da mãe de Gabriel, Nuno acaba por dizer que quem o está permanentemente a contactar é uma ex-namorada que regressou a Portugal. Mais adiante no episódio, assiste-se a mais uma discussão entre o casal, na casa de turismo. Susana começa por achar que o jantar romântico é para si (mas na verdade é o organizado por Vitor). Nuno confessa que não foi obra dele, embora queira resolver aquela situação. Todavia, Susana afirma que não pode pedir à mãe para não os chatear porque vivem em casa dela. Nuno sugere mudarem de habitação, o que provoca nova discussão. Mais tarde, Clara Rodrigues e Rita Santiago alertam Susana para a falta de fundamento da zanga com Nuno.

Ao longo do episódio percebe-se que Tânia Pedroso teme perder a avó como aconteceu com a sua melhor amiga. Neste sentido, acompanha-a para todo o lado e ajuda-a em todas as circunstâncias. O repentino cuidado e apego da neta fazem com que Hortense estranhe os seus comportamentos. Já em casa da idosa, Hortense acaba por perceber qual o real medo de Tânia. Diz-lhe que privilegia mais o tempo de qualidade que passam juntas do que a quantidade – “o amor é invisível e não conta minutos”. Sandro Pedroso junta-se a elas, desejando também passar mais tempo com a avó. Hortense diz brincalhona que “devo ter atirado pedras à cruz”.

Na sociedade recreativa, Vitor bebe inconsolável, afogando as mágoas do fim do relacionamento com Dora. Patrícia dirige-se a ele e tenta confortá-lo. Hortense entra no estabelecimento fazendo acompanhar-se dos seus netos. O tema da conversa é o amor que,

segundo a idosa, na vida real deve ser como nos filmes franceses, bonito e simples. Vitor e Nuno vão ter com ela agradecendo-lhe as suas palavras.

O final do episódio apresenta o reatar das relações de Vitor e Dora, Nuno e Susana. Na rádio, Olga substitui Diogo e, de forma provocadora, envia uma bênção para “todos os enfermeiros de Portugal que fazem um trabalho mais importante que certos teóricos que aí andam com o rei na barriga”.

Análise Protagonistas: 60º episódio - Diogo Almada

Diogo não entra em nenhuma cena do episódio 60 da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais” pelo que, não é realizada nenhuma análise a seu respeito, neste episódio.

Tabela 21- Análise Protagonistas: 60º episódio - Clara Rodrigues

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara é funcionária e sócia da “Casa da Aldeia”.
Vestuário	- Na única cena em que participa, na casa de turismo, Clara utiliza uma camisola branca, calças escuras e um lenço.
Meio habitacional	- Neste episódio não é possível indagar qual o meio habitacional de Clara. No capítulo em estudo, conhece-se apenas o local onde ela trabalha: Cenário – Sala de estar da casa de turismo.
Objetivos de vida	- A reduzida incidência no episódio não permite inferir quais os objetivos de vida de Clara.
Traços de personalidade	- Sensata e reta: na conversa que tem com Susana, Clara mostra-se capaz de apontar o dedo à amiga. Clara é verdadeira e aconselha a amiga no melhor sentido.
Especificidades textuais	----
Linguagem verbal	- “Vocês estão chateados sem motivo nenhum”: esta frase traduz a natureza de Clara já que demonstra que ela é franca, justa e sensata. Diz o que pensa, mesmo que esteja em desacordo com a atitude de Susana.
Linguagem corporal	- Clara está sentada no braço de do sofá da casa de turismo, no qual Susana está sentada. - Clara ri quando Vitor se mostra indignado pela associação que fizeram dele ao género feminino.
Marcas de controlo	- Mais uma vez, pela já mencionada reduzida incidência da personagem no episódio, não é possível concluir qual o nível financeiro e social da personagem.
Marcas relacionais	- No episódio 60, não é possível tecer considerações acerca do seu relacionamento com Diogo Almada. As amizades femininas mantêm-se as mesmas dos episódios anteriores.

80º Episódio: “Três casamentos e um funeral” (2ª temporada)

O episódio arranca com o funeral de Cristina Santos, ao qual Fernando Campos Ribeiro não comparece. À porta da igreja, este confessa a Manuel Pedroso que sabe o género de homem que foi para ela. Fernando mostra-se preocupado com o crescimento do filho face à ausência da figura materna. Manel diz-lhe que “as crianças precisam de amor” e que está na altura de esquecer o passado e largar a raiva que o assombra. Fernando acaricia o carrinho onde está o filho. É também neste capítulo que se fica a saber que Moisés Lameiras era apaixonado por Cristina, tendo sido fundamental aquando da sua fuga. Após o enterro verifica-se um avanço temporal na narrativa de sete dias,

Na junta de freguesia, Diogo Almada recebe uma chamada que confirma que Beirais é distinguida como zona protegida. São Loureiro entra e Diogo revela-lhe a sua conquista. O seu cumprimento e as palavras que lhes associam revelam a existência de uma relação amorosa, já sessada. Diogo afirma que vai dar a notícia a Beirais depois dos casamentos, a que irá sozinho.

Ao longo do episódio sucedem-se alguns contratempos e imprevistos relativos aos casamentos. O padre Justino não quer realizar o casamento, devido a um trauma antigo. No entanto, constata-se que será o sacerdote a celebrar as bodas, quando se apercebe que a única solução seria serem casados por Tó Zé Candeias, membro da marinha.

Susana Fontes encontra-se desesperada com a organização das mesas do casamento, uma vez que, sentou Rita Santiago e Patrícia Moreira na mesma mesa. Susana entra, também, em conflito com Nuno Aires por considerar que ele era o responsável pelas flores. Contudo essa função está a cargo de Olga Fontes.

Na casa de turismo, Xana prepara-se para o casamento. Fica a saber-se que foi Sandro que desenhou o seu vestido e que Clara Rodrigues deseja saber todos os pormenores da festa. João Santiago chega inesperadamente, dizendo que vai aos casamentos, embora não tenha sido convidado. Algumas cenas depois, João revela o verdadeiro motivo que o trouxe a Beirais: quer levar a filha para Lisboa e exigir a Rita uma pensão, apesar de, aquando da situação inversa, não ter cumprido a mesma norma.

Nas cenas seguintes vê-se Sandro a trabalhar na oficina para conter o nervosismo. Manuel Pedroso entra e oferece-lhe uns botões de punho e uma lista de dicas para o seu casamento resistir. Diz-lhe ainda que ao casar vai ser mais que ele próprio. Na sociedade recreativa, Marina e Susana organizam as mesas do copo de água, nitidamente ansiosas e irritadiças. Diogo tenta contar o que conseguiu para Beirais, mas não é bem sucedido.

Xana tem dúvidas em relação ao casamento depois de ouvir o desabafo de Rita, segundo o qual, o pior que fez na vida foi casar. Neste sentido, Alzira Pedroso e Sandro dirigem-se à

casa de turismo para tentarem resolver a situação. Depois de alguma resistência, Xana acaba por falar com Rita que lhe explica que embora o casamento exija amor, esforço e empenho, é recompensador. Xana compreende, fala com Sandro e aceita, novamente, subir ao altar. Em casa de Olga, Susana acorda, mais uma vez, desesperada dizendo que o facto de ter acordado tarde não lhe permite resolver o que faltava para o casamento. Susana acusa Nuno de lhe ter dado um comprimido para dormir, contudo, na verdade, ela não o chegou a tomar.

Durante a azáfama da preparação dos detalhes finais dos casamentos, Diogo conversa com Nuno em sua casa. Diogo lamenta não ter ninguém, nem uma vida orientada. No entanto, Nuno lembra-o que, embora não tenha uma companheira, está casado com Beirais. A mesma consideração faz-se à estagnação da sua vida é feita por Clara numa conversa com Rita.

Clara e Diogo encontram-se à porta da igreja, onde trocam rasgados elogios. A sua conversa fica mais profunda quando Clara reitera que ele nunca mudará, ao que Diogo responde com o exemplo da mudança de vida dos amigos que vão casar. Clara acredita que a vida de Diogo é Beirais. Diogo reitera que talvez tenha sido apenas uma missão, garantindo que não vale a pena ser um cavaleiro andante se não tem “uma donzela num castelo para voltar ao fim do dia”.

A cerimónia inicia-se e são atravessados os principais momentos da cerimónia através de subtis avanços temporais. Diogo e Clara entreolham-se várias vezes e a protagonista dá pela falta do amado ao saírem da igreja. Diogo foi à rádio e iniciou uma emissão, anunciando que Beirais é zona protegida, colocando o seu lugar na junta à disposição – “Beirais não é só minha, é de todos”.

Tabela 22 - Análise Protagonistas: 80º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo surge como presidente da junta de Beirais e como locutor da “Beirais FM”.
Vestuário	- Na junta Diogo veste calças de ganga, t-shirt branca e camisa azul. - No dia dos casamentos, Diogo surge inicialmente em sua casa com calças escuras, camisola branca e camisa escura. No momento da cerimónia Diogo veste um fato.
Meio habitacional	- No episódio em análise, é possível observar a casa de Diogo em Beirais, nomeadamente a área da cozinha. Esta divisão é luminosa e com apontamentos rústicos. Para além disso, é possível conhecer um dos novos locais de trabalho do protagonista, a junta: Cenários – Casa de Diogo Almada em Beirais + Junta de freguesia.

Objetivos de vida	- No episódio 80 da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais” é perceptível que Diogo visa, num primeiro momento, contribuir para que Beirais seja zona protegida. Contudo, o facto de os amigos apontarem a sua dependência para com os temas da aldeia, fá-lo perceber que está a perder pessoas e coisas importantes para si. Neste sentido, Diogo passa a ter como objetivo reconquistar Clara e voltar a ter uma vida tranquila, longe da política.
Traços de personalidade	- Lutador e proactivo: estas particularidades estão implícitas na Conquista de Beirais como zona protegida. Diogo foi o principal responsável por este título (a segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais” apresentou a luta de Diogo e os esforços que fez para que o culminar fosse este). - Sentido de oportunidade: neste episódio, há momentos em que Diogo parece ter sentido de oportunidade e noutros não. Diogo começa por dizer a São que não irá contar a novidades antes dos casamentos, mas a verdade é que tenta fazê-lo aquando dos preparativos, não tendo sido bem-sucedido. -Consciente: esta característica ganhou força neste episódio, em relação aos demais. Diogo percebeu que a sua dedicação à aldeia lhe estava a roubar parte da vida e decidiu mudar de atitude. - Colaborativo: neste episódio, fica bem patente, pelas atitudes de Diogo e pela conversa que tem com Nuno e Clara, que uma das características mais acentuadas de Diogo é ajudar os outros e contribuir para o bem-estar da aldeia. - Brincalhão e sensível: embora sejam particularidades muito distintas, facto é que elas florescem na mesma situação, na conversa com Clara. Diogo intercala o diálogo com algumas declarações bem-humoradas, mas mostra-se frágil, sensível e desanimado com a vida que leva. - Atento: Diogo mostra-se observador e reflexivo em relação às opiniões que lhe são dadas por Diogo e por Clara.
Linguagem verbal	- “Beirais já é zona protegida”: esta frase, em conjunto com a forma como foi dita, refletem a conquista do principal objetivo da aldeia. Por conseguinte confirma o empenho e proatividade que Diogo teve para obter tal resultado. -“Depois dos casamentos, não quero tirar a ribalta às noivas”: esta expressão traduz a consciência e sentido de oportunidade caracterizadores de Diogo. -“Não digas isso, já viste a sorte que tu tens? Encontras-te uma pessoa que te ama, vais começar um projeto de família, um propósito. Tens mais do que eu”: Diogo mostra-se otimista e positivo em relação a Nuno, mas apresenta-se desnortado em relação à sua própria vida. - “As noivas que não te vejam, senão ficam com ciúmes”: esta frase traduz o espírito brincalhão de Diogo e reforça o apreço que o

	protagonista tem para com Clara. - “Hoje não és a primeira pessoa a dizer-me que estou casado com Beirais” e “talvez tenha tido uma missão a cumprir” : são expressões que evidenciam que Diogo é um homem sensível ao que lhe dizem e atento às observações que lhe tecem. - “De que vale ser cavaleiro andante se não tenho donzela nem castelo para voltar ao final do dia?”: esta interrogação retórica demonstra a frustração de Diogo e denota que o protagonista tem consciência daquilo que tem perdido pela sua dedicação excessiva a Beirais. “ Beirais não é minha, é de todos” e “é preciso saber largar”: estas expressões proferidas na emissão de rádio, espelham o sentido crítico e a consciência que Diogo tem sobre as próprias ações. Refletem também o seu carácter reflexivo e atento em relação ao que lhe dizem.
Linguagem corporal	- Na junta de freguesia, Diogo está sentado a fazer um telefonema. Tem o telefone na mão direita com o cotovelo pousado na mesa e a mão esquerda colocada na cintura. Conforme o que ouve, Diogo sorri, faz com os traços um movimento de vitória e tira do armário que está atrás de si uma garrafa de champanhe. - Diogo levanta-se quando São entra no seu gabinete. Os dois dão um aperto de mão como sinal de celebração pela conquista do requisito de zona protegida para Beirais. - Diogo suspira com ar de desânimo e solidão quando confessa ir sozinho aos casamentos. - O protagonista entra na sociedade recreativa juntamente com o Nuno. Senta-se ao balcão, colocando os braços sobre este. O seu semblante traduz frustração pois, após várias tentativas para contar as novidades aos amigos, é sempre interrompido. - Na manhã do dia do casamento, Diogo está encostado à banca da sua cozinha. Ri ao perceber-se que Nuno está tenso com o casamento e faz o mesmo quando Nuno lhe diz que está casado com Beirais. Esta segunda consideração faz-se acompanhar de um semblante pensativo. Diogo e Nuno brindam. - Quando Clara lhe diz que ele nunca mudará, Diogo suspira e olha para o vazio. - Diogo olha para o chão quando diz que não vale a pena ser um cavaleiro andante. - Na igreja, Diogo e Clara, embora estejam sentados em lugares distantes, entreolham-se intensamente e apaixonadamente.
Marcas de controlo	- O facto de Diogo ser presidente da junta de Beirais e o facto de ter conseguido que Beirais fosse designada como zona protegida, implicam a existência de alguns recursos e conhecimentos que permitem inferir que, do ponto de vista da vida e ação pública, Diogo é um homem de sucesso. Este episódio não oferece indicadores que deixem tecer considerações quanto ao seu estado financeiro.

Marcas relacionais	- Diogo está solteiro: não reatou o namoro com Clara e já não tem nenhum caso com São. Os seus amigos mantêm-se os mesmos: Nuno e Carlos.

~

Tabela 23 - **Análise Protagonistas: 80º episódio- Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	No episódio em estudo, Clara não surge a laborar, contudo, a sua permanência na casa de turismo permite indagar que Clara se mantém como sócia no negócio.
Vestuário	- Na casa de turismo, Clara veste uma saia, uma camisola branca e um lenço. - Para os casamentos, Clara leva um vestido longo rosado, um casaco curto, uma pochete e uma trança, que apanha a totalidade do seu cabelo, toda para um lado.
Meio habitacional	- O facto de Clara já não manter um relacionamento com Diogo e a sua permanência na casa de turismo, permitem dizer que esse é o seu meio habitacional: Cenário – “Casa da Aldeia”.
Objetivos de vida	- Percebe-se que o principal objetivo de Clara é dar um novo rumo à sua vida, do ponto de vista pessoal.
Traços de personalidade	- Exagerada e frustrada: Clara mostra-se abatida e desanimada por não estar em nenhum relacionamento. Estes sentimentos e características emanam aquando da sua comparação com as amigas já que Clara afirma não ter nada porque lutar. - Resignada: A protagonista demonstra aceitar e não esperar mudanças em relação à vida de Diogo.
Linguagem verbal	- “Conta-nos alguns pormenores, fogo de artifício, pombas...”: esta afirmação acompanha o entusiasmo de Clara face aos casamentos que vão ocorrer na aldeia. Revela também que Clara é uma pessoa curiosa. - “Eu continuo encalhada”, “vejo toda a gente a andar para a frente e eu sempre na mesma”: estas declarações evocam o já conhecido carácter exagerado de Clara. Faz também transparecer algum pessimismo e frustração. - “Tu não vais mudar ou eu não vou mudar” e “a tua vida é Beirai, a junta, a vida dos outros, e eu não posso competir com isso”: Clara demonstra ainda estar apaixonada por Diogo, embora fique claro que as diferenças entre ambos são muitas. Estas frases refletem a resignação de Clara quanto à vida que Diogo quis levar.
Linguagem corporal	- A protagonista entra na sala de estar da sala de turismo acompanhada de Xana. Clara está entusiasmada e sorridente com os preparativos do casamento. - Clara folheia uma revista de vestidos de noiva na sala de estar, da casa de turismo. - Na conversa que tem com Rita, Clara mostra-se desanimada, sentimento que transparece através do seu rosto. O olhar de Clara é

	triste e vazio. - Clara é uma das personagens que se encontra à porta do quarto de Xana. Clara, não só bate à porta, como encosta o seu ouvido a ela. - Na igreja, Clara e Diogo, embora estejam sentados em lugares distantes, entreolham-se intensamente e apaixonadamente. - Enquanto atira arroz aos noivos, Clara procura Diogo com o olhar.
Marcas de controlo	- Os dados apresentados nestes episódios não são suficientes para retirar conclusões desta natureza.
Marcas relacionais	- No último episódio da segunda temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, Clara está solteira (embora ainda apaixonada por Diogo).

1º Episódio: “Mais verdejantes pastos” (3ª temporada)

Na mercearia e na sociedade recreativa, os populares escutam a emissão de rádio liderada por Carlos Batista que tenta passar música através de um MP3 – “acham que o campo está sempre na mesma (...) acham que no campo ainda ouvimos transmissor”. No entanto, não é bem-sucedido, o que provoca considerações bem humoradas a Benjamim Pedroso e a Diogo Almada, em ocasiões espaciotemporais distintas.

Na sociedade recreativa, Diogo lê algo no jornal que o desagrada, levando os cangalheiros, presentes no local, a dizer que “deve ter visto a morte dele na necrologia”. Diogo dirigiu-se à junta de freguesia visando pedir satisfações a São Loureiro pelo empreendimento de luxo que vai construir em Beirais. O protagonista acredita que os beiralenses não precisam de um campo de golfe, recorrendo ao sarcasmo para o justificar. São contra-argumenta acusando Diogo de ter comprometido o progresso de Beirais com a sua designação como zona protegida e avança que o golfe trará pessoas à aldeia, que é o que a população deseja. Diogo caminha, mais à frente no episódio, pela aldeia cruzando-se com Susana Fontes a quem conta o sucedido. Ambos concordam que a população deve ter conhecimento da nova infraestrutura e acreditam que um debate na sociedade recreativa é a melhor opção. Diogo diz a Susana que a apoiará durante o debate, mas que não será o líder do mesmo. Mais tarde, o protagonista deseja saber qual a opinião de Viriato Montenegro sobre o tema. Diogo confessa achar que o empreendimento de luxo vai alterar a face e tradições de Beirais, mas o idoso mostra-se agradado com o negócio. A este propósito, verifica-se, ainda, que Clara Rodrigues fica chateada ao pensar que o namorado se vai voltar a envolver na vida pública de Beirais. Este pensamento é desfeito quando Diogo explica a situação.

Ainda antes do debate se iniciar observa-se que São e Fernando estão a perder a colaboração mútua e que beiralenses como Tó Zé Candeias, Agostinho Puga e Manuel

Pedroso defendem a construção do empreendimento. A justificação para esta tomada de posição recai sobre o movimento económico que trará à aldeia. Do debate sai vitoriosa São Loureiro que acusa Susana de “vender em beirais enquanto destino típico”, o que faz mergulhar a aldeia numa “morte lenta”. Os beiralenses acreditam que a novidade será vantajosa para Beirais, enquanto Susana defende que o importante é saber o que está por trás deste empreendimento.

Noutro flanco narrativo, os cangalheiros colocam em prática a sua ideia para promover a agência funerária de que são proprietários. Hortense Pedroso, Viriato Montenegro e Benjamim Marques são três dos beiralenses visados por esta estratégia. O jornal local anunciou erradamente as suas mortes, o que os levou à agência funerária, já no fim do episódio. Os três lesados sugerem chegar a um acordo, evitando uma denúncia às autoridades. Fica combinado que a agência funerária de Beirais pagará os gastos aquando das suas mortes, proporcionando-lhes condições e urnas de luxo. Joaquim Brito diz ao companheiro “reza para morrermos antes deles”.

No 1º episódio da terceira temporada de “Bem-Vindos a Beirais” são vários os momentos em que Rita se tenta aproximar de Tiago, embora com insegurança e timidez. Convida-o insistentemente para passear e tece considerações antiquadas em relação à sua prática agrícola. Rita acaba o episódio a pedir desculpa ao produtor vinícola pelas atitudes que teve.

Tabela 24 - Análise Protagonistas: 1 episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo nunca surge a exercer qualquer das funções que lhe são conhecidas.
Vestuário	- Na sociedade recreativa, Diogo veste calças, camisola azul e uma camisa cinzenta. Esta roupa é a mesma que Diogo se dirige à junta de freguesia, apenas acrescentando ao visual um casaco. - Enquanto conversa com Viriato Diogo utiliza uma camisola escura e uma camisa rosa.
Meio habitacional	- O episódio 1 da 3ª temporada de “Bem-Vindos a Beirais” apresenta, numa cana, a casa de Diogo, mais exatamente a divisão da cozinha. Apesar desta ser a única divisão apresentada é claro que se trata de uma moradia, com dois pisos e que a cozinha partilha o seu espaço com uma sala de estar: Cenário- Casa Diogo Almada em Beirais.
Objetivos de vida	- Embora o seu objetivo seja abrandar o ritmo, Diogo mostra-se incapaz de ficar diferente àquilo que se passa na aldeia, pelo que o esclarecimento face à construção do <i>resort</i> de golf é o seu objetivo, neste episódio.

Traços de personalidade	- Honesto e transparente: o escrutínio e as explicações relativas à obra em Beirais que Diogo procura, são justificadas pelo seu carácter honesto. Diogo teme uma fraude financeira ou benefícios pessoais para São com a construção do hotel de luxo. -Irónico e provocador: neste episódio, são vários os momentos em que Diogo deixa transparecer estas suas características. A conversa com São e a referência ao campo de golfe na conversa com Susana são exemplos disso. - Sincero: Diogo é claro, em todas as conversas que tem, no que concerne à sua discórdia face à construção do hotel de luxo e às questões ambientais que daí advêm. - Conservador: o facto de Diogo justificar a sua discórdia em relação ao <i>resort</i> de golf com a “tradição” e com aquilo que é comum em Beirais, demonstram que o protagonista não está aberto à mudança, ficando preso em realidades antigas e que sempre conheceu. -Responsável: a sua veia cívica, a importância que dá aos problemas da aldeia, a vontade que tem em arranjar uma solução para eles e a consciência das suas limitações enquanto Homem, permitem inferir que Diogo é uma pessoa consciente e responsável, capaz de se preocupar com o que o rodeia e de proteger a sua saúde.
Linguagem verbal	- “O que é isto?” e “(a notícia) é tão boa que vem no jornal nacional, mas ao jornal e à rádio local não disseste tu nada”: estas frases traduzem a indignação de Diogo face à construção de um campo de golfe em Beirais. Traduzem o apreço de Diogo pela transparência e refletem a sua proatividade para com Beirais. A segunda frase transcrita reforça o carácter irónico e provocador que caracterizam Diogo. - “Ainda nem à três meses és presidente de junta e já andas a armar esquemas destes”: Para além de mostrar a indignação de Diogo, esta frase sublinha o carácter justo e honesto de Diogo pois o protagonista mostra-se intolerante às eventuais fraudes fiscais. - “Um campo de golfe é o que Beirais mais precisa. Isso é um centro de treino para astronautas”: esta expressão evidencia o carácter provocador de Diogo, já que, recorre a uma realidade exagerada e inatingível para demonstrar o desinteresse que um campo de golfe tem em Beirais. - “São, o que é que o golfe interessa a esta gente?": esta questão denota o conhecimento que Diogo tem da população e destaca a sua consciência e emoção em questões ambientais, logísticas e de relevância. - “Só faltava dizer que Beirais precisava de dar o nome dela ao largo da igreja de tão bom que isto é” e “ está numa guerra desenfreada com o mp3 que tem ali”: mais uma vez, estas expressões proferidas nas conversas com Susana demonstram o carácter irónico (na primeira) e brincalhão (na segunda) do protagonista.

	- “Eu fico ao teu lado no debate, mas não posso organizar oposição ao golfe, já expliquei às pessoas que tenho de abrandar”: esta frase mostra simultaneamente que Diogo ainda se envolve nos problemas da aldeia, embora tenha consciência de que essa já não é a sua obrigação. - “É só a sensação que larguei a junta e a entreguei às forças do mal” e “o mal é a São estar a fazer uma coisa que não tem nada a ver com a tradição de Beirais”: na conversa com Viriato, Diogo mostra, não só o seu desacordo face ao comportamento de São, como em relação à construção do campo de golfe e ao seu desalinho em relação à paisagem beiralense. Estas afirmações agigantam o seu sentido de justiça, a sua sinceridade, as suas preocupações ambientais e a sua veia conservadora. - “Eu não posso ficar indiferente ao que se passa à minha volta” e “eu tenho cuidado (...) não sou eu que estou `frente do debate”: são considerações que permitem indagar que Diogo é um homem responsável e consciente, no que respeita à sua condição cívica e à sua condição pessoal.
Linguagem corporal	- Na sociedade recreativa, Diogo ao ler o jornal, fica com ar de indignação, bate com a mão na mesa em sinal de irritação e fecha o jornal apressadamente. - Diogo entra de rompante e de forma agressiva na junta de freguesia. - Diogo atira para cima da secretária de São o jornal que estava a ler. - Diogo debruça-se várias vezes sobre a secretária de São, o que reforça a sua indignação perante o que ouve. - Diogo circula por Beirais de mãos nos bolsos com ar chateado e abatido. - Na sala de refeições da casa de turismo Diogo ora bebe chá, ora cruza os braços com ar de indignação. - Quando Clara o confronta com o debate Diogo está a lavar a loiça. - No debate, Diogo está lado a lado com Susana. Começa por se mostrar perplexo com as palavras de São, ficando, posteriormente, com ar pensativo face à concordância da aldeia com a construção do campo de golfe.
Marcas de controlo	- Não existem dados suficientes para efetuar considerações desta índole.
Marcas relacionais	- Diogo é namorado de Clara Rodrigues. São é a sua maior rival.

Tabela 25 - **Análise Protagonistas: 1º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	- Embora nunca surja a trabalhar, a sua regular frequência na casa de turismo permite inferir que Clara continua a laborar no local.

Vestuário	- Na primeira cena em que surge, Clara veste calças de ganga, blusa branca e casaco de malha. - Na sociedade recreativa Clara utiliza uma camisola vermelha e um casaco.
Meio habitacional	- Clara reside, novamente, com Diogo. Assim, o cenário que surge de sua casa é a cozinha: Cenário- Casa de Diogo Almada em Beirais.
Objetivos de vida	- Clara não parece ter objetivos que mereçam menção, neste episódio
Traços de personalidade	- Brincalhona: esta particularidade ganha destaque nas conversas que Clara tem com Rita sobre os relacionamentos amorosos desta. O tom é sempre de brincadeira e visam descomplicar as preocupações que assolam Rita. - Cítica e preocupada: estas características surgem em paralelo neste episódio, na conversa que tem com Diogo. Clara discorda da sua participação ativa na vida pública da aldeia pois teme que daí surjam problemas de saúde. - Conselheira: para além de boa ouvinte, Clara é conselheira daqueles que a rodeia. A Rita, Clara dá conselhos de índole sentimental e relacional, a Diogo, a protagonista sugere abrandamento e descanso.
Linguagem verbal	- “Não há homem que não goste de um programa romântico com cheiro a bosta de vaca”: esta afirmação reforça o carácter brincalhão que define Clara. - “Tu deixas-te a junta para abrandar, como é que já te estas a meter nestas coisas?”: Clara mostra-se desapontada com Diogo, o que espelha o seu sentido crítico e a sua responsabilidade. - “Tu não podes meter-te em tudo (...) vais matar-te”: esta frase transmite a preocupação de Clara em relação ao Diogo. - “Não podes meter os pés pelas mãos quando falas com um homem”: esta frase, que surge na conversa que Clara tem com Rita, é proferida em tom de brincadeira e em forma de conselho.
	- Clara entra na sala de estar da casa de turismo procurando atrás das almofadas e em cima dos móveis pelo seu telemóvel. Depois de Tiago sair, Clara debruça-se sobre o sofá onde Rita está sentada e fala-lhe ao ouvido sorridente. - Clara fica pensativa e indignada ao saber que Diogo vai participar no debate sobre o <i>risot</i> de golfe. - Clara coloca as mãos na cintura, chateada, quando confronta Diogo com o debate. - Quando Clara percebe que é Susana que está no comando do debate, Clara fica envergonhada e olha para o chão. - Clara passeia com Rita de braço dado. A protagonista ri com os disparates românticos de Rita.
Marcas de controlo	- A roupa que utiliza e a conclusão de que continua a trabalhar na “Casa da Aldeia” são os únicos indicadores deste episódio que permitem retirar ilações deste teor. Assim, pode dizer-se que Clara é uma mulher de classe média: cuidada, mas sem traços de riqueza.

Marcas relacionais	- Clara é namorada de Diogo. Neste episódio, a relação de amizade com Rita Santiago parece estar mais forte.

20º Episódio: “Clube de homens” (3ª temporada)

A principal temática deste episódio é a criação de um clube de homens, realizado na barbearia de Tó Zé, onde as mulheres não podem entrar. O que deu o mote para esta iniciativa foi o facto de Luís Assunção, Carlos Batista, Nuno Aires e Tó Zé estarem a beber uma cerveja na sociedade recreativa e rapidamente abandonarem o local porque as “mulheres é que mandam”. Neste sentido, o barbeiro passa grande parte do episódio a convidar os homens da aldeia para aquele programa.

Em paralelo, na esquadra, Júlio Gameiro prepara duas cartas para serem entregues na aldeia: uma para Zezinha, a sua namorada, com declarações de amor, e outra para Olga Fontes com uma nota de altera para o excesso de barulho noturno provindo da igreja. Júlio pede a Vitor Lobo para fazer a distribuição das cartas pelas remetentes. No entanto, o cabo da GNR julga que Júlio vai terminar o relacionamento com a namorada por carta e mostra o seu desagrado com o que está a fazer, enquanto caminha pela aldeia, cumprindo a missão que lhe foi incutida. No entanto, Vitor troca as cartas, o que gera grande inquietação a Olga porque considera que tem um pretendente e o que provoca confusão a Zezinha já que não fez nada daquilo que a acusam no auto que recebe. Este incidente, bem como as suas consequências, prolongam-se por diversas cenas, neste episódio, findando tudo, conforme o inicialmente previsto.

Outro dos temas contemplado neste episódio é a relação de Clara Rodrigues e Diogo Almada, que terminou. O protagonista dirige-se à casa de turismo visando falar com a amada, mas o casal é interrompido por Rita Santiago. Esta fala sobre um concurso de carrinhos de rolamentos, vencido por uma mulher, o que gera discussão entre o ex-casal. Diogo acredita que essa não é uma atividade para mulheres, o que indigna Clara. Neste sentido, ela desafia-o para uma corrida. Ao longo do episódio verifica-se que Clara se faz acompanhar por Rita na construção do seu carro e que Diogo se ladeia de Carlos Batista. Os protagonistas não estão seguros, nem confiantes. É evidente que só decidem participar para não fraquejarem perante o outro. As raparigas constroem o carro de rolamentos na casa de turismo e os homens na casa de Diogo, estes consultando um livro de instruções. No local da prova, os protagonistas estão prontos para arrancar e os amigos estão presentes para contar o tempo. No entanto, Clara e Diogo começam a conversar e percebem que nenhum quer, de facto, entrar naquela competição. Diogo diz mesmo que deixa que Clara saia vitoriosa daquela corrida, sem ela se concretizar. Todavia, Rita e

Carlos não se apercebem da conversa e empurram-nos ladeira abaixo. É perceptível que um dos protagonistas sofreu um choque aparatoso.

O episódio termina com todos os homens da aldeia, incluindo Diogo visivelmente magoado, na barbearia de To Zé, naquilo que ficou conhecido como o clube de homens de Beirais. A presença de Carlos neste programa masculino fê-lo anunciar quatro horas de emissão consecutiva na “Beirais FM”.

Tabela 26- Análise Protagonistas: 20º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, não é possível fazer considerações a este respeito, visto que Diogo nunca surge a trabalhar.
Vestuário	- Quando vai à casa de turismo, Diogo veste umas calças pretas, uma t-shirt preta, uma camisa azul aberta e um casaco.
Meio habitacional	- No episódio 20 da 3ª temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, o protagonista surge, em algumas cenas, na sua casa. Neste episódio, a divisão com mais destaque é a sala de estar que conta com dois sofás e uma mesa de centro: Cenário- Casa de Diogo Almada em Beirais.
Objetivos de vida	- A corrida de carrinhos de rolamentos, vem no seguimento de Diogo ir ter com Clara com o objetivo de reatarem o seu relacionem aneto. Não se sabe se, depois do acidente, se deu a “tal” conversa.
Traços de personalidade	- Conservador: esta particularidade ganha espessura aquando da conversa de Diogo com Clara, na qual o protagonista diz existirem atividades de homens e de mulheres. - Apaixonado por Clara: Diogo está disposto a tudo pela a amada, confessa quando estão presentes a entrar na corrida. - Sincero e sensato: o facto de Diogo confessar a Clara que não quer participar na corrida revela que Diogo não tem receio de dizer o que pensa. Para além disso, demonstra que Diogo percebe que aquela corrida é infantil e disparatada.
Linguagem verbal	- “Isso costuma ser uma coisa de homens (...) vais-me dizer que carrinhos de rolamentos é uma coisa de mulheres? (...) devia ser uma maria rapaz”: O fato de Diogo fazer a distinção entre atividades para homens e para mulheres revela que é um homem conservador e com alguns preconceitos. - “Para mim não é vergonha nenhuma perder com uma mulher numa corrida de carrinhos de rolamentos” e “agora sou menos homem por perder com uma mulher?”: estas considerações parecem contradizer as que Diogo fez na casa de turismo. Contudo, aquilo que diz parece não ir ao encontro da postura que apresenta. - “Tens a certeza que queres fazer isto?” e “ queres desistir?”: são questões que permitem inferir que Diogo considera aquela atividade um disparate. Estas questões reforçam a sensatez caracterizadora de

	Diogo. - “Ele desiste primeiro” e “fazia isso e muito mais”: são expressões que transmitem o amor que Diogo sente por Clara, uma vez que, está disposto a tudo por ela.
Linguagem corporal	- Diogo entra desanimado na casa de turismo, com as mãos nos bolsos. - Diogo tem as mãos na cintura, ar de saturação e olhar de reprovação quando vê Carlos a ler um livro de instruções para montar o seu carrinho de rolamentos. - Diogo senta-se no seu carrinho enquanto Carlos o fotografa, contudo o protagonista não se ri para a fotografia. - Nas ruas de Beirais Diogo está sentado no seu carrinho de rolamentos ao lado de Clara. Diogo olha em frente concentrado. - Quando Diogo sugere desistirem da prova, tira o carapuço e olha nos olhos Clara. - Na barbearia, Diogo surge encostado à porta com ligaduras na cabeça, após grave embate nos carrinhos de rolamentos. Diogo tem um ar combalido e cansado.
Marcas de controlo	- Não é possível fazer considerações desta natureza porque o episódio não oferece dados suficientes.
Marcas relacionais	- Diogo está separado de Clara Rodrigues e o seu melhor amigo é Carlos Batista.

Tabela 27- **Análise Protagonistas: 20º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Embora no suja a trabalhar em nenhuma das cenas, a sua permanência na casa de turismo, indica que Clara continua a exercer funções no local.
Vestuário	- Na casa de turismo Clara surge com umas calças escuras, uma blusa branca e um casaco de malha.
Meio habitacional	- O facto de estar separada de Diogo e a sua permanência na casa de turismo, são indicadores que permitem concluir que Clara volta a residir na casa de que é sócia: Cenário – “Casa da Aldeia”.
Objetivos de vida	- Clara não apresenta nenhum objetivo considerável, neste episódio. Contudo, apraz dizer que, até determinado momento, Clara desejou vencer a corrida contra Diogo.
Traços de personalidade	- Irónica: esta característica surgiu várias vezes neste episódio, nomeadamente na primeira conversa com Diogo e aquando da construção do carrinho de rolamentos com Rita. - Orgulhosa: Clara deixa transparecer, várias vezes, as suas dúvidas quanto à corrida, contudo, nunca dá o braço a torcer. Já nas ruas de Beirais, a protagonista confessa mesmo não querer perder, caso aceite desistir da prova.

Linguagem verbal	- “Só não deixamos entrar pessoas alcoolizadas, as matrafonas do Carnaval de Torres, que basicamente é a mesma coisa” e “então fala (...) somos só os dois, acho que não é preciso alugarmos um auditório”: estas frases dirigidas a Diogo, demonstram o carácter irónico e provocador de Clara, que se encontra de costas voltadas com o protagonista. - “Tem a simplicidade e a robustez alemã, com o conforto dos carros franceses”: esta frase traduz o carácter descomplicado, desconstruído e divertido como Clara olha par a corrida. - “Se eu desistir não perco?”: esta frase indica que Clara é uma mulher orgulhosa, não querendo dar parte de fraca a propósito que ela própria sugeriu.
Linguagem corporal	- Quando Diogo vai ter com Clara à casa de turismo, Clara está sentada, com a mão esquerda apoiar a cabeça e com ar de gozo. No momento em que o ex-casal discute sobre as competições de carrinhos de rolamentos, Clara mostra-se indignada. - Algumas cenas depois Clara surge com algumas ripas de madeira na mão. Olha-as com ar de quem não sabe fazer um carrinho de rolamentos a partir dali. Inicialmente parece convicta na decisão de participar na competição, mas rapidamente coloca um ar de desespero. - Clara senta-se no carrinho de rolamentos que construiu para ser fotografada. Clara está sorridente. - Nas ruas de Beirais Clara está sentada no seu carrinho de rolamentos ao lado de Diogo. Clara olha em frente concentrada. - Quando ponderam desistir da prova Clara e Diogo olham-se nos olhos.
Marcas de controlo	- O episódio em análise não oferece dados que permitam retirar conclusões desta natureza.
Marcas relacionais	- Clara está separada de Diogo Almada e a sua melhor amiga é Rita Santiago.

40º Episódio: “O amor nem sempre é cego” (3ª temporada)

O episódio 40 da terceira temporada de “Bem-Vindos a Beirais” apresenta três temas: a circulação de notas falsas em Beirais, o romance falhado de To Zé e Florbela e o concurso “*sexy* Beirais”.

Numa visão holística do episódio, fica a saber-se que em Beirais, nomeadamente, na sociedade recreativa, surgiram várias notas falsas. O cabo Júlio Gameiro está a investigar a ocorrência e garante ser capaz de descobrir os culpados. Os cangalheiros parecem ser os responsáveis pela fraude já que estão a participar num negócio ilícito, com o objetivo de

pagarem o que devem. Os cangalheiros vão, em determinado momento do episódio, à esquadra com o objetivo de reaverem as notas que, no entretanto, foram apreendidas pelas autoridades. Nesse momento, são apanhados pelo cabo Vitor Lobo, a quem dizem estar uma praga de baratas no posto, o que exige a sua fuga do local.

No meio do episódio, é possível ainda ver que Tó Zé faz tudo pela sua namorada, Florbela, embora a relação e entrega não seja recíproca. Tó Zé prepara uma surpresa à namorada, na casa de turismo e pede a Alzira Pedroso para lhe preparar um vistoso ramo de flores. Perante a iniciativa do namorado, Florbela pede-lhe dinheiro para ir ao cabeleireiro. Já na casa de turismo, Florbela mostra-se desagradada com a surpresa do namorado, considerando que é pouco para ela, preferindo algo com mais classe e fora de Beirais. Rita Santiago e Clara Rodrigues observam-nos, percebendo que algo não está a correr de feição. A protagonista diz mesmo que Tó Zé merecia melhor. Desiludido com o que aconteceu, Tó Zé refugia-se na barbearia, fazendo-se acompanhar de uma garrafa de vinho. Manuel vai apoiá-lo pois já percebeu que se trata de “um problema de saias”. Mais tarde, Florbela ainda vai ao local, mas o barbeiro expulsa-a, dizendo que tem a mania das grandezas. A agora ex-namorada, acusa-o de ser um “simplório da aldeia”.

Durante o episódio, Carlos Batista anuncia na rádio o concurso “*sexy* Beirais”, que implica a compra do jornal local, o voto dos populares e que culmina na entrega de um prémio monetário para um e para uma beiralense. Mercedes, Mariana Jesus e Luís Assunção são alguns dos membros da aldeia que se mostram entusiasmados com a iniciativa. Ao perceberem que este concurso envolve um prémio, os cangalheiros decidem falcaturar o concurso. Assim, dirigem-se ao jornal local durante a noite, e alteram a votação do povo de Beirais, colocando Quim Brito como o vencedor da categoria masculina e Olga Fontes como vencedora da categoria feminina. Toda a população fica surpresa com o sucedido, incluindo Carlos, que anuncia os resultados, no fim do capítulo.

Análise Protagonistas: 40 episódio – Diogo Almada

Visto que Diogo Almada não surge em nenhum momento no episódio 40 da terceira temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, não é realizada qualquer análise sobre a personagem.

Tabela 28 - Análise Protagonistas: 40º episódio - Clara Rodrigues

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Na única cena em que entra, Clara surge a servir às mesas, casa de turismo de Beirais.

Vestuário	- Neste episódio, Clara veste uma camisola preta, um casaco de malha, umas calças brancas e um lenço.
Meio habitacional	- A reduzida incidência da personagem neste episódio não permite fazer considerações desta índole. No entanto, é possível observar um dos cenários em que labora, a sala de refeições da casa de turismo. Neste episódio, a referida divisão tinha bastantes clientes: Cenário-Sala de refeições da casa de turismo.
Objetivos de vida	- A reduzida incidência da personagem neste episódio não permite retirar conclusões desta natureza.
Traços de personalidade	- Amiga e atenta: estes traços de personalidade afloram na única cena em que Clara entra, neste episódio. Clara mostra-se observadora quando ao que se passa na mesa de Tó Zé e acredita que Florbela não é a mulher indicada para ele. Já que exige sempre mais do que aquilo que ele lhe dá.
Linguagem verbal	- “Eu acho que ele merece bem melhor”: esta frase traduz o apreço que Clara tem pelo barbeiro e destaca o seu reconhecimento face caráter esforçado e atencioso de Tó Zé. Esta expressão sublinha o traço de personalidade que define a protagonista como amiga. - “Ele está a perder a paciência”: este comentário revela que Clara é atenta e é observadora. Revela ainda que a personagem interpretada por Oceana Basílio é curiosa (pois está atenta ao que se passa numa das mesas da sala de refeições e que nada tem haver consigo).
Linguagem corporal	- Enquanto tece comentários em relação ao que acontece na mesa de Tó Zé e Florbela, Clara mantém os braços cruzados.
Marcas de controlo	- O facto de Clara estar a trabalhar é o único fator que permite concluir que Clara pertence a uma classe média já que, se assim não fosse, poderia dar-se ao luxo de não possuir qualquer ocupação profissional. A roupa que utiliza reforça a ideia mencionada.
Marcas relacionais	- Sob o ponto de vista amoroso não é possível fazer considerações. A amizade com Rita, parece, na única cena em que surjem, permanecer firme.

60º Episódio: “Chá de embalar” (3ª temporada)

Nuno Aires surge na sociedade recreativa visivelmente sonolento e cansado, mencionando andar com insónias. Mariana de Jesus aconselha-o a ir ter com Hortense Pedroso, perita em chás promotores de curas. O médico acata a sugestão e dirige-se a casa da idosa. Esta oferece-lhe uma infusão que lhe vai regular os sonos e envia-lhe nova mistura de ervas para tomar à noite. Em algumas cenas dos episódios, observa-se o médico da aldeia a caminhar sem rumo ou a dizer disparates, com raciocínios pouco coerentes. No consultório, Nuno está, por exemplo, disposto a abrir a barriga de Agostinho Puga. Tal aparato leva o ex-presidente da junta a empurrar o médico, fazendo com que Nuno bata

com a cabeça e volte a si. Na reta final do episódio, fica a saber-se que a dose de chá que estava a tomar não era a correta, o que provocava desvios comportamentais significativos.

Na casa de turismo são várias as cenas em que se vislumbra a vontade de Marta em se aproximar do estilo de Inês Santiago, tornando-se uma mulher. Neste sentido, a criança pede ao tio para lhe comprar roupa nova, ao que Vasco Nogueira acede. Detestando o vestido que Vasco lhe comprou, a filha de Tiago Nogueira vai para o quarto de Inês e experimenta a sua roupa e maquilhagem. Quando confrontada com a situação, Marta foge para o quarto, envergonhada. Atrás de si, segue Clara que a ouve e aconselha. As duas acabam por fazer um programa de mulheres, no qual Clara a maquilha, veste e deixa utilizar saltos altos. Na fase final do capítulo, Clara desafia Marta a fazer um desfile para Vasco a ver. Clara diz a Vasco que Marta se quer sentir adulta e que tem de ter calma porque os seus sobrinhos estão a crescer. A protagonista mostra-se disponível para ajudar no que for necessário. Clara e Vasco quase se beijam, mas são interrompidos por Susana.

Na mercearia, Alexandra Vidal come muito e apresenta muita fome, o que leva a cunhada a desconfiar de uma possível gravidez. De forma involuntária, Tânia dá a entender a Alzira Pedroso que poderá vir a ser avó. Esta conclusão precipitada, leva-a à sacristia para marcar o batizado do neto e a apaparicar Xana quando a vê. Alzira começou também a fazer uma roupa em tricô para a criança. O teste de gravidez dá negativo, embora Xana confesse já se ter ambientado à ideia. O boato correu pela aldeia e Nazaré Batista chegou mesmo a abordar Xana, mostrando-se disponível para a ajudar na nova fase que enfrentará. Na oficina, Alzira fala com Sandro sobre a gravidez de Xana, que demonstra não saber do caso. As últimas cenas do episódio mostram que Alzira está com Sandro e Carlos Batista na rádio. Embora pensem que a emissão não está no ar, certo é que a via está aberta. A conversa é a gravidez: Alzira pede algumas coisas emprestadas ao locutor que utilizou aquando do nascimento das suas filhas. Ao ouvir aquilo na rádio, Xana dirige-se ao local e afirma que foi “falso alarme”, repondo a verdade.

Análise Protagonistas: 60 episódio – Diogo Almada

Visto que Diogo Almada não surge em nenhum momento no episódio 60 da terceira temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, não é realizada qualquer análise sobre a personagem.

Tabela 29- **Análise Protagonistas: 60º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues

Estatuto Profissional	Clara, não surge a trabalhar em nenhuma das cenas, no entanto, a sua permanência na casa de turismo, permite concluir que ela mantém o trabalho que sempre desempenhou.
Vestuário	- Na casa de turismo, Clara veste umas calças de ganga com uma blusa azul. - Nas cenas correspondentes ao dia seguinte, Clara utiliza calças escuras, uma blusa clara e um lenço.
Meio habitacional	- Clara reside na casa de turismo da qual é sócia. Neste episódio, é possível observar-se, não só a sala de estar da “Casa da Aldeia”, mas também os quartos da habitação rural: Cenários – Casa de turismo (sala de estar e quartos).
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Clara, no episódio em análise, é ajudar Vasco na relação que ele estabelece com os sobrinhos, nomeadamente com Marta.
Traços de personalidade	- Apaziguadora e justa: estas características sobressaem quando Clara visa compreender quais os motivos para que Marta tenha utilizado a roupa de Inês e quando a protagonista tenta acalmar Vasco no que concerne à sua relação com os sobrinhos. - Sentido maternal, conselheira e amiga: estas três particularidades aparecem em todas as cenas em que a protagonista está com Marta. Clara encarna o papel de mãe e encaminha Marta e mostra-se disponível para a ajudar no que for necessário. - Compreensiva e empática: Clara entende Marta e percebe que a maioria das suas vontades decorrem do facto de a sobrinha de Vasco se estar a tornar adulta.
Linguagem verbal	- “Tu vais confiar no teu tio para te escolher a roupa?” e “tu deves pedir par as senhoras de loja te escolherem a roupa”: estas duas afirmações dirigem-se a Vasco e são proferidas em tom de brincadeira. Reforçam o carácter descomplicado e brincalhão de Clara. - “Calma Inês a Marta deve ter uma boa justificação para isto”: esta consideração traduz o carácter apaziguador de Clara e reflete a sensibilidade que a caracteriza, na medida em que, a protagonista, quer saber o que aconteceu junto da outra parte de forma a ser justa na sua análise. - “Eu não te posso obrigar a falar comigo, mas quero que saibas que estás à vontade” e “eu sei que não é fácil não teres a tua mãe contigo, mas eu estou aqui para o que precisares”: estas duas intervenções reforçam a sensibilidade e empatia de Clara e destacam o seu sentido maternal, desconhecido até ao momento. - “Ainda tens tempo para usar maquilhagem e saltos altos (...) não tenhas pressa”: esta frase surge em formato de conselho e visa adaptar as expectativas de Marta à idade que possui. Sublinha o carácter conselheiro e a postura amiga que definem Clara. - “Ela queria sentir adulta e, na idade dela, isso significa maquilhagem

	e saltos altos”: esta afirmação traduz o carácter empático e compreensivo de Clara pois esta percebeu o que Marta precisava para se sentir feliz. - “Tens de ter calma, de repente tens dois filhos e a Marta está a entrar na adolescência”: esta afirmação remete para os traços de personalidade que definem Clara como conselheira e apaziguadora.
Linguagem corporal	- Clara entra na sala de estar da casa de turismo juntamente com Vasco. O seu ar exalta tranquilidade e serenidade. - Quando Clara está no quarto com Marta, a protagonista está sentada na cama em frente à criança. Clara apenas se levanta para ir abrir a porta a Vasco. - Clara ri quando sabe da história do vestido para criança que Vasco ofereceu a Marta. - Depois de dar vários conselhos a Marta, Clara acaricia-a no cabelo, sorridente. - Clara ajuda Marta a escolher roupa e a maquilhar-se, sorridente. Clara dá as mãos a Marta para a ajudar a caminhar nos saltos altos. Clara coloca-lhe também sombra nos olhos. - Clara e Marta entram na sala de estar da casa de turismo, sorridentes. Clara, sorridente e de braços cruzados, observa Marta a pousar para a fotografia. - Clara e Vasco entreolham-se intensamente, contudo, quando Susana os interrompe, Clara desvia olhar envergonhada.
Marcas de controlo	- O facto de residir no seu local de trabalho incita concluir que Clara é uma mulher de classe média.
Marcas relacionais	- Clara não se encontra em nenhum relacionamento. No entanto, é perceptível a proximidade com Vasco Nogueira. Clara passa a ser vista como um exemplo para Marta.

80º Episódio: “Mudanças permanentes” (3ª temporada)

Na casa de turismo, Marta Nogueira assiste a um vídeo de uma das suas bandas favoritas. Tânia Pedroso e Inês Santiago entram e a filha de Tiago Nogueira, desafia-as a criarem uma banda. Ao longo do capítulo, é possível observar o desenvolvimento deste projeto. Marta e Tânia estão entusiasmadas, mas Inês fica reticente. As amigas convencem-na dizendo que, na aldeia, não possuem concorrência. Ao aperceber-se da existência de uma nova banda em Beirais, na sociedade recreativa, o cabo Júlio Gameiro fica inquieto. O GNR quer vencer o concurso das bandas locais e está disposto a delimitar uma estratégia para suprimir o adversário. Vitor Lobo quer ajudar na salvação da banda filarmónica de Beirais, o que provoca um desentendimento entre os guardas, já que ambos se sentem

responsáveis insubstituíveis da sua liderança. O alívio dos GNRs surge depois de alguns ensaios com a banda e de ficarem a saber que a banda jovem não toca marchas.

Na segunda cena do episódio, observam-se os protagonistas numa ida aos correios. Clara Rodrigues e Diogo Almada entram em picardias, alusivas aos seus respetivos novos companheiros. Quando Diogo sai, Clara diz a Nazaré Batista que são pessoas adultas e que, por isso, têm de ser civilizados. Mais tarde, já na casa de turismo, Clara surge a olhar para uma fotografia com Diogo, que rapidamente esconde ao ouvir alguém. Rita Santiago apercebe-se do sucedido e diz-lhe que pode falar consigo. Clara reitera que está “noutra”. O resto do episódio fica marcado pela vontade de Clara em mudar de visual, para agradar Vasco Nogueira, o seu atual namorado, afastando-se da imagem que tinha quando mantinha o relacionamento com Diogo. Para tal, Clara vai ao barbeiro de Tó Zé Candeias para que este lhe faça uma permanente. Clara receia o resultado do penteado já que o barbeiro nica fez nenhuma permanente, mas acaba por aceitar ser penteada por Tó Zé. Nas cenas seguintes em que surge, Clara mostra-se de lenço na cabeça, visivelmente constrangida, e em constante fuga de Vasco. Clara começa por inventar que o cabelo não está bom por causa da humidade e depois é apanhada na mercearia à procura de produtos para o alisar. A protagonista finda com esta situação acabando por ir à cidade, já depois de confessar a Rita o motivo pelo qual entregou o seu cabelo ao barbeiro da aldeia. Vasco apercebe-se de que algo se passa e confronta-a, perguntando se já não gosta dele ou se quer terminar tudo. Clara confessa o sucedido e o tio de Marta diz-lhe que não precisa de mudar de visual para ser mais bonita.

Tabela 30 - Análise Protagonistas: 8o episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Não é possível fazer considerações desta natureza devido à reduzida incidência da personagem neste episódio.
Vestuário	- Nos correios, Diogo utiliza uma camisola azul e uma camisa cinzenta.
Meio habitacional	- Diogo não surge em nenhum momento no seu meio habitacional ou laboral, pelo que não são feitas considerações sobre esta matéria.
Objetivos de vida	- Mais uma vez não é possível tirar conclusões desta natureza.
Traços de personalidade	- Provocador, irónico e ciumento: na única cena em que surge, e considerando as declarações que faz, pode dizer-se que Diogo não aprecia o atual namorado de Clara, Vasco, o que faz sobressair as características mencionadas.
Linguagem verbal	- “Olha, ia perguntar-te o mesmo: não trouxe-te o agricultor a fotografo atrás? Ou é fotografo agricultor?”: esta contraposição destaca o carácter irónico e provocador de Diogo. Alude também ao

	possível ciúme que Diogo tem De Vasco.
Linguagem corporal	- Diogo entra no estabelecimento dos correios, no qual já está Clara. - Diogo pega na sua encomenda: uma caixa pesado colocada em cima do balcão que faz com que a expressão facial de Diogo denote esforço.
Marcas de controlo	- Não é possível tecer conclusões a este respeito.
Marcas relacionais	- Diogo namora com Carlota.

Tabela 31 - **Análise Protagonistas: 80º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara trabalha na casa de turismo da aldeia.
Vestuário	- Nos correios, Clara utiliza uma camisola azul escura de manga comprida e um lenço. - Na barbearia Clara veste uma camisola branca, um casaco de malha e um lenço. - No correspondente às cenas do dia seguinte, nomeadamente as passadas na mercearia e na casa de turismo, Clara utiliza uma camisola laranja, uma saia e um lenço no cabelo.
Meio habitacional	- O meio habitacional em que Clara reside é o mesmo em que ela labora: Cenário – casa de turismo.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Clara é manter uma relação próspera com Vasco e evolua para um possível casamento.
Traços de personalidade	- Irónica e provocadora: Estas características manifestam-se na conversa que tem com Diogo, já que, o seu objetivo é irritar o ex-companheiro. - Determinada: A forma como Clara fala da relação que teve com Diogo (ao que diz, bem resolvida) e a mudança de visual que deseja enfrentar, permitem defini-la como convicta, determinada e firme. - Quarente: A postura que tem em relação ao Diogo mantém-se coesa em todas as conversas em que o nome do ex-companheiro surge. Clara afirma já o ter esquecido. - Sinceridade variável: Dependendo do momento em causa, a franqueza de Clara pode ser, ou não, constatada. Clara começa por fugir de Vasco, por causa do estado do seu cabelo, mas acaba por contar-lhe a verdade. - Insegura e com pouca autoestima: A mudança de visual, por si só, visa responder a estas duas características. Adita-se ainda que, o facto de Clara não ter mostrado a sua permanente ao namorado, reforça as particularidades de carácter mencionadas.
Linguagem verbal	- “Estás sozinho?” e “pelo menos não passa o dia a observar calhaus”: estas frases denotam o carácter provocador e irónico de Clara e transmitem uma certa picardia e ciúme para com Diogo. - “Nós somos civilizados, eu ultrapassei o Diogo e agora estou com o Vasco”: diz Carlota a Nazaré. Esta frase transmite pouca sinceridade

	emocional quando analisada em conformidade com a expressão facial de Clara. -“Lá porque estou a ver umas fotos com o Diogo não significa que ainda penso nele”: esta frase traduz a coerência comportamental de Clara. Embora pareça convicta, gera algumas dúvidas ao nível da sua sinceridade emocional. -“Não é melhor eu ir à cidade” e “a sua improvisação é que me preocupa”: estas declarações representam as incertezas de Clara quanto ao corte de cabelo na barbearia. Contudo, e como foram dirigidas ao Tó Zé espelham sinceridade. -“Eu quero e preciso mudar o visual urgentemente”: esta frase realça a determinação de Clara. -“É da humidade, nada mais” e “ há dias em que o cabelo não fica tão bem”: Clara não é capaz de contar a Vasco o que aconteceu com o seu cabelo, o que revela pouca franqueza e confiança. Clara encontra-se com a autoestima em baixo. -“Eu já estou por tudo padre Justino”: este desabafo reforça o desespero que Clara atravessa e acentua a sua falta de autoestima. Clara está disposta a passar o seu cabelo a ferro para que ele volte ao normal. -“Achas que alguma vez ele me pode ver com esta permanente?” e “eu quero ser uma mulher diferente para o Vasco e eu achei que a mudança de penteado talvez ajudasse”: estas frases corroboram a ideia de que Clara precisa de se desligar de Diogo. Para além disso sublinha a forma insegura como se sente e que justifica a sua mudança de visual. -“Eu fiz um disparate no cabelo e não queria que tu visses (...) se tu me visses voltavas a correr para Lisboa”: Clara acaba por contar a verdade a Vasco reforçando a sua franca natureza. -“Tu ficas tão fofinho quando estás inseguro em relação a nós”: esta expressão denota cumplicidade entre o casal.
Linguagem corporal	- Clara suspira pensativa depois da troca de galhardetes com Diogo. - Na casa de turismo, Clara vê fotografias antigas com Diogo. Contudo quando ouve alguém entrar, esconde-as atrás das almofadas. Ao ver que é Rita mostra-lhas com um ar triste e nostálgico. - Na barbearia, Clara apresenta um ar apreensivo e de preocupação ao saber que Tó Zé nunca fez uma permanente. Clara suspira e fecha os olhos depois de confirmar que deseja fazer ali o novo penteado. - Clara entra sorrateiramente na casa de turismo com um lenço na cabeça. Clara afasta-se de Vasco e não o olha nos olhos. A protagonista fica envergonhada ao mentir a Vasco e sai de rompante. - Na mercearia, Clara está visivelmente constrangida e inquieta. Ela fica ainda mais aflita quando Vasco entra.

	- Na rua, Clara faz-se acompanhar de Rita que lhe ajeita o lenço. Vasco aproxima-se mas Clara nunca o encara, envergonhada. - Clara está com o cabelo normal a trabalhar no computador, na casa de turismo. - Clara e Vasco abraçam-se depois de esta lhe contar o que aconteceu.
Marcas de controlo	- A facilidade com que Clara se propõe mudar de visual pode inferir alguma liberdade financeira que permita mimar-se a si própria. No entanto o facto de Clara trabalhar e viver no mesmo sítio indica que o seu estado financeiro não é considerável.
Marcas relacionais	- Clara namora com Vasco Nogueira e Nazaré e Rita surgem como as suas amigas mais próximas.

100º Episódio: “Bons sonhos” (3ª temporada)

O episódio 100 da terceira temporada de “Bem-Vindos a Beirais” inicia-se com Rita Santiago, no seu quarto na casa de turismo, a dormir. Rita sonha que está a dançar tango, na sociedade recreativa, com Tó Zé Candeias. Algumas cenas depois, e após notar a ausência da sócia, Clara Rodrigues dirige-se ao quarto da amiga e acorda-a. Rita acorda desorientada e assustada, gritando “tarado”. Clara pergunta-lhe o que se passa, mas Rita dá-lhe uma desculpa esfarrapada. Depois de algum avanço narrativo, observa-se Rita a beber café na sala de refeições da casa de turismo. Susana diz-lhe que está com má cara e aconselha-a a ir descansar, mas Rita recusa temendo novos sonhos. A mãe de Inês acaba por adormecer no local, começando a sonhar com o cabo Júlio Gameiro. Já depois de falar com Susana sobre os comportamentos estranhos de Rita, Clara vai ter com a amiga que, mais uma vez, acorda assustada. Rita pede a Clara que lhe chame um exorcista. Depois de alguma insistência, Rita conta a Clara que anda a sonhar que beijam homens da aldeia. Clara não consegue conter o riso. Já na reta final do episódio, Rita vai à igreja falar com o padre Justino, que a tranquiliza – nos sonhos “vale tudo”.

Noutro ponto da história, verifica-se, logo no início do episódio, que Vitor Lobo está a ler uma revista sobre depilação masculina, na sociedade recreativa. Marina de Jesus aconselha-o a falar baixo para que as pessoas não gozem com ele. Marina diz não ser preconceituosa, mas não gosta de ver homens depilados. Tó Zé entra no estabelecimento e também se mostra contra essa realidade. Contudo, com as explicações que o cabo da GNR lhe dá, percebe que talvez se encaixe na categoria de metrossexual, uma vez que, gosta de se cuidar, de comer bem e beber bom vinho. Na esquadra, Vitor faz as sobancelhas pois quer tornar-se um “homem moderno”. Júlio assiste ao momento e confessa achar tudo um disparate. Quanto a Tó Zé, o que se verifica é que o barbeiro faz a depilação a cera, com grande sofrimento. Durante o processo é interrompido por alguns elementos da aldeia,

nomeadamente Carlos Batista. Este considera que “homem que é homem tem pelos” e que se as pessoas nasceram com eles é porque têm alguma função. Momentos depois, ouvem-se gritos vindos da barbearia. Vitor vai ver o que se passa e Tó Zé confessa que se está a tornar metrossexual, pedindo ao GNR para lhe depilar as costas. Perante a dor física que sofreu, na “Beirais FM”, o barbeiro anuncia ser contra esta nova realidade.

O episódio é ainda polvilhado com uma conversa entre Susana Fontes e Nuno Aires acerca do carro que o casal deve comprar. Susana deseja adquirir um jipe, mas Nuno prefere um monovolume, pensando nos futuros filhos. Quando questionada sobre o tema, Clara mostra-se concordante com o médico. O casal acaba por decidir ficar com o carro que têm

Análise Protagonistas: 100 episódio – Diogo Almada

Como a personagem de Pepe Rapazote não surge no episódio em questão, não será realizada qualquer análise à personagem no capítulo 100 da terceira temporada de “Bem-Vindos a Beirais”.

Tabela 32 - **Análise Protagonistas: 100º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara trabalha na casa de turismo de Beirais na maioria das cenas em que surge. Executa funções administrativas no episódio em análise.
Vestuário	- Quando Clara vai ter com Rita ao seu quarto, Clara utiliza umas calças laranja, uma camisola cinzenta e um lenço.
Meio habitacional	- A protagonista reside no seu local de trabalho. Tal pode ser concluído através da sua permanência no local e trabalho fora das horas comuns: Cenário – casa de turismo.
Objetivos de vida	- Neste episódio não é possível fazer considerações desta natureza.
Traços de personalidade	- Curiosa: O facto de Clara desejar saber, com bastante insistência, o que se passa com Rita indica que a protagonista é uma mulher curiosa. - Perspicaz: Embora Rita lhe tenha mentido à cerca dos sonhos que tem, Clara percebe que a amiga não está a ser sincera. - Preocupada: Esta característica é reforçada no momento em que Rita grita e Clara fica nitidamente de coração nas mãos com as atitudes pouco habituais da amiga. - Responsável e racional: Estas características saem reforçadas da conversa com Susana, já que, Clara considera ser preferível comprar um carro pensado para a família, do que um veículo que apenas corresponda aos gostos e desejos individuais.

Linguagem verbal	- “Em que é que estavas a sonhar?” e “estás a gozar comigo?”: Estas interrogações revelam que Clara é uma mulher curiosa e perspicaz. Rapidamente percebe que o sonho que Rita lhe conta é uma mentira. -“Ó Rita, o que é que se passa?” e “um exorcista (...) os sonhos são assim tão maus?”: Clara mostra-se preocupada com as recorrentes atitudes estranhas de Rita provocadas pelos sonhos. A conversa de Rita gera curiosidade a Clara, mas também alguma desvalorização pois percebe que Rita está a exagerar. -“Faz algum sentido por causa das crianças” e “ó Susana, um casal quando compra um carro tem de pensar nessas coisas”: Clara está de acordo com Nuno o que revela frontalidade e responsabilidade. Por um lado, Clara não exita em discordar da amiga, por outro reflete de forma racional sobre o que será mais vantajoso para uma família, independentemente dos gostos pessoais que se possam ter em relação a veículos.
Linguagem corporal	- Clara entra no quarto de Rita e acorda-a com ligeiros abanões. Como Rita acorda sobressaltada, Clara assusta-se e recua. - Clara coloca as mãos na cintura e fica com ar incrédulo quando Rita lhe conta o sonho que teve (o do cão). - Junto à receção da casa de turismo, quando Clara conta a Susana o sucedido com Rita, Clara ri, divertida, com as mãos na cintura. Quando Susana sai das instalações, Clara vai para trás do balcão, abre o computador, sorri e suspira. - A protagonista entra a correr na sala de refeições da casa de turismo, depois de ouvir Rita gritar. Inicialmente fica com um ar de preocupação, mas ao ouvir a amiga fica perplexa e de braços cruzados. - Clara ri à gargalhada quando sabe o teor dos sonhos de Rita. - Mais tarde, Clara conversa com Susana sobre o carro que compraria. Clara encolhe os ombros e esboça um ar de indecisão. - No final do episódio, Clara brinca com Rita, desejando-lhe bons sonhos, enquanto arruma a casa de turismo e sorri.
Marcas de controlo	- O facto de Clara morar e trabalhar no mesmo local revela uma limitada liberdade financeira pois, caso contrário, o expectável é que a personagem preferisse ter um espaço privado longe do local de trabalho (separação lazer/trabalho).
Marcas relacionais	- No atinente ao campo amoroso, não é possível perceber se Clara está ou não em alguma relação. Rita Santiago e Susana Fontes surgem como as suas melhores amigas.

120º Episódio: “A verdade acima de tudo” (3ª temporada)

A primeira cena do episódio desenrola-se na esquadra. Um fugitivo vai entregar-se pelo roubo de um carro, mas Júlio não acredita que se trata de um criminoso pois não recebeu qualquer mandado. Por considerar que se trata de um sem abrigo, oferece-lhe a sua garagem para pernoitar. Algumas cenas depois, o GNR recebe o mandado de captura do homem que acolheu, confessando o sucedido a Vitor Lobo, que anunciara “homem a monte”. Mais tarde, Júlio escuta as justificações do criminoso para o roubo do carro, ficando sensibilizado (o homem roubou o carro para salvar a filha, acabando, com a pressa, por embater num muro). Júlio, aconselha-o a ser discreto na aldeia, não o detendo. Na sociedade recreativa, Zezinha chama o namorado à razão, sugerindo-lhe entregar o suspeito. Na fase final do episódio e após Vitor ameaçar que o entrega, Júlio quer ajudar Jesué a fugir, mas este não aceita. O criminoso acredita que a verdade está acima de tudo, não querendo desgraçar-lhe a vida.

Na casa de turismo, a Clara Rodrigues troca mensagens com a atual namorada de Diogo Almada. Susana Fontes estranha tal proximidade e aconselha-a a refletir sobre as decisões que toma. Contudo, Clara diz que a nova amizade é saudável e que está muito bem com Vasco Nogueira. Mais tarde, Carlota e Vasco encontram-se na sociedade recreativa. Começam por falar sobre a vida em Beirais e as suas diferenças face à cidade, mas a conversa termina com um convite de Carlota para Vasco e Clara irem almoçar a casa de Diogo. Alguns momentos depois, Vasco informa Clara sobre o convite, o que leva Susana a ironizar, mais uma vez, sobre a relação das duas. O mesmo tema de conversa é tido na presença de Rita Santiago. Já na sociedade recreativa, Clara encontra-se com Carlota. As amigas falam sobre os hábitos e gostos dos companheiros. Conversam também, sobre as dificuldades de adaptação a Beirais facilitadas, no caso de Clara, por Diogo e Vasco. Cenas depois, o almoço em casa de Diogo concretiza-se, contando, também, com a presença de Carlos e Nazaré Batista. Diogo confessa ao melhor amigo estar desconfortável com aquela situação. No almoço, Carlos é o responsável por criar mau estar entre todos já que, fala da relação de Diogo e Clara, expondo alguns detalhes das suas vidas. Os presentes tentam contornar a situação, brindando às amizades, mas o mau ambiente não se dissipa. No final do episódio, Clara diz a Susana que se vai afastar de Carlota pois não quer que situações semelhantes se repitam.

Já Inês ouve um telefonema da mãe e conclui que as duas vão de férias para Cuba, na América. Todavia, a escapadinha é para Cuba do Alentejo. O objetivo de Rita é ficar a conhecer o modelo de negócio da casa de turismo para onde vão, para que o possa aplicar em Beirais.

Tabela 33 - **Análise Protagonistas: 120 episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo não surge a trabalhar em nenhum dos seus empregos conhecidos.
Vestuário	- Em casa de Diogo, aquando do jantar organizado por Carlota, este utiliza umas calças escura, uma camisola preta e um camisa.
Meio habitacional	- Diogo habita num <i>duplex</i> onde a cozinha e a sala de estar pertencem à mesma divisão: Cenário – Casa de Diogo Almada em Beirais.
Objetivos de vida	- Não é possível fazer uma análise acerca deste indicador.
Traços de personalidade	- Inquieto: Nas cenas em que surge, Diogo está constrangido e desconfortável, não só pela presença de Clara, mas também pela conversa de Carlos. - Consciente: Esta característica surge quando Diogo se apercebe do ambiente desconfortável que assombra o jantar, o que o leva a fazer considerações divertidas e sensatas.
Linguagem verbal	- “Agora percebem porque é que eu estou um bocadinho mais redondo, abafadinho”: esta declaração exprime em simultâneo um elogio à qualidade da comida feita por Carlota e uma forma descontraída de participar na conversa. - “O que importa é que seguimos todos em frente como amigos”: este comentário visa aliviar o ambiente constrangedor que se vive durante o jantar. Traduz o carácter consciente do protagonista.
Linguagem corporal	- Diogo conversa com Carlos de copo na mão, sentado no sofá. - Diogo faz o sinal de silêncio quando Carlos comenta que está “a família toda reunida”. O protagonista está claramente constrangido. - No início do jantar, Diogo serve o vinho a todos os presentes. - Diogo e Clara ficam notoriamente incomodados e envergonhados quando Carlos comenta sobre a sua relação em frente dos atuais companheiros. - Diogo brinda com os amigos.
Marcas de controlo	- A reduzida incidência da personagem no episódio não permite tecer considerações desta natureza.
Marcas relacionais	- Diogo namora com Carlota e Carlos Batista é o seu melhor amigo.

Tabela 34 - **Análise Protagonistas: 120º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	São várias as indicações fornecidas por este episódio que permitem inferir que Clara trabalha na “Casa de Aldeia”, da qual é sócia. No episódio 120 da 3ª temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, Clara exerce funções administrativas e de relações públicas.
Vestuário	- Na casa de turismo, enquanto toma o pequeno almoço, Clara usa uma camisola rosa clara e um lenço. - No dia seguinte, na receção da casa de turismo, Clara utiliza uma

	blusa florida de manga curta e um lenço. - No jantar em casa de Diogo, Clara veste um vestido cor de rosa e um lenço.
Meio habitacional	- Neste episódio, Clara refere taxativamente, na primeira cena em que entra, que vive na casa de turismo. Neste episódio é possível observar duas das suas divisões: Cenário- Casa de Turismo(receção e sala de estar).
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Clara é manter a relação com Vasco e garantir que ela não sai beliscada pela sua amizade com Diogo e Carlota.
Traços de personalidade	- Convicta: Clara é uma mulher determinada, firme e decidida. É perentória em dizer que gosta de Vasco e não lhe restam dúvidas de que o melhor para todos é afastar-se de Diogo e Carlota. - Observadora e atenta: estas características ganham destaque quando Clara fala sobre o sucesso do negócio. É perceptível que Clara está atenta aquilo que acontece e aos hábitos dos clientes. -Frontal e sincera: estas duas particularidades sobressaem quando Clara diz a Susana que não percebe qual a sua implicância com a relação que nutre com Carlota e quando Clara fala sobre Vasco. - Sensata: o facto de Clara perceber que o ideal é ela afastar-se de Diogo e Clara de forma a garantir que Vasco está confortável e seguro na sua relação, alude ao seu sentido empático, compreensivo e sensato.
Linguagem verbal	- “Eu não estou a perceber se na última vez tu achas-te bem ir a almoçar a casa dela” e “isso são tudo ciúmes? Nós não somos as melhores amigas, nós só nos damos bem”: estas frases dirigidas a Susana demonstram a indignação que a protagonista sente ao ouvir a amiga. Revela frontalidade e sinceridade por parte de Clara. - “Eu estou muito bem com o Vasco, foi a melhor coisa que me podia acontecer”: Clara está convicta em relação ao sucesso da sua relação. Estas declarações evocam confiança, segurança e otimismo. - “A Susana hoje está cheia de graça”: Esta frase rebela que Clara acompanha a boa disposição da amiga. - “É o que dá saíres à pressa”: esta frase é proferida em tom de provocação e reforça o traço de personalidade que a define como responsável. - “Eu vou só ligar-lhe para saber se ela precisa de alguma coisa”: esta declaração feita em conversa com Vasco e referente A Carlota demonstra que Clara é uma mulher prestável e colaborativa, não querendo que a recém amiga fique sobrecarregada com os preparativos do almoço. - “Temos tido clientes mais regulares e até outras pessoas da terra que até vêm cá recorrer a outros serviços”: esta expressão evidencia que Clara é uma mulher observadora, atenta e racional no que concerne ao seu negócio.

	- “A ver se metem isto na cabeça de uma vez por todas: eu já não gosto do Diogo, eu estou muito feliz com o Vasco e não quero perder isso (...) como adultos que somos, damo-nos todos bem”: embora profira estas considerações com indignação, o facto é que Clara parece determinada no que diz. - “Atá acho que é ele que me ajuda mais, ele tem uma paciência para me aturar”: dia Clara a Carlota em relação a Vasco. Esta frase indica que a personagem em análise é reconhecedora e empática em relação à forma como o namorado lida consigo. - “E quando ele começou a falar da noite que eu e o Diogo passamos na estufa, foi tão constrangedor”: esta afirmação traduz integralmente a forma como Clara se sentiu durante o jantar. - “Eu gosto do Vasco, eu estou bem com ele e eu quero ficar com ele. Eu não quero criar situações constrangedoras que o façam sentir mal”: esta frase reforça não só a postura determinada de Clara, mas também a sua sensatez e empatia, já que, privilegia o bem estar do namorado.
Linguagem corporal	- Clara sorri ao ler a mensagem que recebeu de Carlota, enquanto tomava o pequeno almoço. - Na receção da “Casa da Aldeia”, enquanto Clara ri cúmplice com Susana, compõe os panfletos que se encontram em cima do balcão. - Na sala de estar da casa de turismo, Clara está sentada com o computador nas pernas enquanto fala do negócio. Clara fecha-o e arranja o cabelo enquanto se mostra indignada com as considerações das amigas em relação a si, Diogo e Carlota. - Clara toma café na sociedade recreativa. Gesticula e ri enquanto fala com Carlota, chegando a colocar o dedo em riste quando se refere aos avisos que dá a Vasco a propósito do futebol. - Clara e Vasco entram em casa de Diogo e a protagonista cumprimenta todos os presentes. - Clara fica visivelmente constrangida e incomodada quando, durante o jantar, Carlos fala da sua relação com Diogo. - Clara brinda com os amigos. - De regresso à casa de turismo, Clara fala com Susana de pernas cruzadas e chávena na mão. - Clara suspira quando confessa que se irá afastar de Carlota e Diogo. - Clara e Vasco beijam-se apaixonados na casa de turismo.
Marcas de controlo	- Mais uma vez, os únicos dados que permitem inferir que Clara é uma mulher de classe média, é o facto dela viver e laborar no local da qual é sócia.
Marcas relacionais	- Clara namora com Vasco Nogueira. Susana Fontes e Rita Santiago mantém-se como as suas principais amigas, contudo, Nazaré e Carlota também surge como amigas a considerar.

140º Episódio: “O silêncio do lar” (3ª temporada)

O episódio inicia-se com Carlos Batista a dar informações a umas turistas, no largo da aldeia. Nazaré Batista vai ter com o marido pois combinaram ir almoçar e Carlos tenta justificar a sua conversa com as raparigas. Nazaré mostra-se despreocupada já que, atualmente, as raparigas preferem relacionar-se com homens mais modernos, não com o “Carlos da camioneta”. Durante o episódio, denota-se uma grande necessidade do locutor de rádio em justificar as suas ações à esposa, embora esta não reaja. Fica a saber-se que antes, Nazaré não era assim. Carlos confessa aos amigos que houve tempos em que não o deixava comer bolas de Berlim por causa de uma ex-namorada alemã, nem francesinhas devido a um relacionamento com uma francesa. Irritado com a situação, Carlos decide que quer que Nazaré volte a sentir ciúmes seus e, para tal, falha-lhe de uma brasileira, mas sem sucesso. O volte-face dá-se quando Nazaré o vê a comer uma bola de Berlim, na sociedade recreativa.

Uma das temáticas centrais deste capítulo é o passado de Viriato que conduz, aliás, a um desentendimento com Diogo Almada. Na rádio, Viriato ia dar uma entrevista a Diogo sobre o Beirais antigo. Como tal, decidiu levar um álbum de fotografias para avivar memórias. Diogo folheia as páginas de fotografias e descobre uma onde se encontra a falecida esposa de Viriato e o escritor José Cardoso Pires. Diogo faz várias questões ao idoso sobre a sua relação com o escritor, uma das suas referências. Viriato não se mostra à vontade com o assunto e sai. Diogo tenta perceber, na sociedade recreativa e na barbearia, os motivos que levam Viriato a estar chateado consigo. Mariana de Jesus explica que não se pode falar da mulher de Viriato em Beirais pois, segundo o que se ouviu dizer, foi Viriato quem a assassinou.. Já na barbearia, Tó Zé avança que, há época, se ouviu dizer que a mulher fugiu com um amante. Mais adiante no episódio, e já em sua casa, Diogo lê um livro de José Cardoso Pires, que conta a história de um assassinato passionai e que apresenta detalhes semelhantes aos da vida de Viriato. Carlota diz-lhe que ele está a exagerar, lembrando que podem ser apenas coincidências. No entanto, Diogo confessa-se entusiasmado por poder estar prestes a descobrir algo determinante para a história local. No dia seguinte, no café de Beirais, Diogo confronta Viriato com o livro que leu, mas o idoso diz nunca ter visto aquele livro. Já no final do episódio, Viriato vai a casa de Diogo pois, está disposto a contar o que se passou na sua vida. Viriato confessa-lhe que o que dizem na aldeia são boatos, tendo de deixado os livros como deixou Beirais. Diogo pede-lhe desculpa pelo seu comportamento e afirma saber que ele era incapaz de fazer mal a alguém. Os amigos terminam a noite a lembrar histórias que Viriato viveu com o escritor de que Diogo é fã.

Já Alexandra Vidal queixa-se da falta de atenção de Sandro Pedroso. Segundo ela, o marido e Manuel Pedroso estão a ficar demasiado parecidos, pensando apenas em trabalho. Sandro anui e tenta compensá-la organizando um jantar romântico na oficina. Todavia, esta tentativa sai falhada uma vez que, Sandro permanecerá a trabalhar, pedindo a Xana para tratar da loiça. No dia seguinte, é possível ver que a similitude entre pai e filho se dá tanto nos hábitos, como na postura e movimentos. No final do capítulo, e depois de refletir sobre o tema, Sandro leva a esposa a pernoitar na casa de turismo, para terem tempo só para os dois.

Tabela 35 - Análise Protagonistas: 140 episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	No presente episódio, Diogo não surge nem na rádio, nem nas estufas.
Vestuário	- Na rádio, Diogo utiliza uma camisola preta e uma camisa azul. - Quando surge na cama, Diogo utiliza uma t-shirt branca.
Meio habitacional	- A casa de Diogo surge em apenas uma cena deste episódio. A área mais apresentada é a sala de estar que conta com dois sofás e uma mesa de centro: Cenário – Casa de Diogo em Beirais.
Objetivos de vida	- Neste episódio, o principal objetivo de Diogo é conhecer a história do passado de Viriato.
Traços de personalidade	- Curioso: Esta característica sobressai durante praticamente a totalidade do episódio, na medida em que Diogo procura saber junto de várias pessoas e com o próprio, o que aconteceu no passado de Viriato. - Observador e atento: Diogo percebe que o comportamento de Viriato para consigo ficou diferente a partir da conversa que tiveram na rádio, o que realça as características mencionadas. - Amigo: Embora esteja curioso face à vida de Viriato, no fundo Diogo sempre soube que o amigo seria incapaz de cometer algum dos crimes que lhe foram apontados. - Especulativo: Diogo mostra-se imaginativo e pondera várias situações, aparentemente irreais ou pouco consideráveis, enquanto conversa com Carlota. - Sensato e sincero: Estas duas características manifestam-se quando Diogo conversa com Viriato e admite ter errado.
Linguagem verbal	- “O Viriato é uma pessoa importante da comunidade, as pessoas vão querer ouvir falar de Beirais antigo e das suas memórias”: esta frase alude ao reconhecimento que Diogo tem pelo conde e destaca o conhecimento que Diogo tem acerca das preferências da população. - “Mas vocês eram amigos?": esta questão mostra que Diogo é um entusiasta dos livros de José Cardoso Pires e transmite o carácter curioso que absorve Diogo.

	-“Eu acho que o Viriato está chateado comigo” e “fiz-lhe uma ou duas perguntas, de repente, mudou de ideias e foi embora”: estas frases denotam que Diogo é um homem observador e atento. Ambas as considerações foram realizadas com alguma indignação. -“O Viriato não faz mal a ninguém”: esta expressão cruzada com uma das últimas cenas do episódio, na qual Viriato lhe conta a verdade sobre a sua separação, prova que Diogo conhece bem os seus amigos. -“E se a história do livro fosse inspirada na vida de Viriato?” e “se fosse verdade era como descobrir um bocado de história”: estas duas considerações sublinham o quão curioso Diogo está para saber o que aconteceu no passado de Viriato. Reforça o seu carácter especulativo, imaginativo e até irrealista e infantil. -“Eu acho que já conheço o Viriato um bocadinho para saber que é incapaz de fazer mal a alguém. Sou eu que lhe devo um enorme pedido de desculpas, fui eu que me entusiasmei com a história do livro”: esta consideração reflete não a consciência que Diogo tem em relação aos seus atos, mas também a sinceridade que caracterizam o protagonista. A personagem de Pepe Rapazote confessa ter estado mal e reconhece valiosas qualidades no amigo
Linguagem corporal	- Diogo pega no álbum que Viriato levou para a rádio e sorri enquanto o folheia- - O protagonista fica entusiasmado e perplexo ao saber que Viriato era amigo de José Cardoso Pires. - Diogo fica pensativo quando Viriato sai da rádio depois de falar sobre a mulher dele. - Diogo entra na sociedade recreativa e aproxima-se de Viriato que sai de imediato. Perante esta atitude, Diogo encolhe os ombros, com as mãos na cintura e ar pensativo. - O protagonista debruça-se sobre o balcão da sociedade recreativa de braços cruzados e ouve atentamente o que Marina lhe conta sobre Viriato. Numa fase inicial, Diogo ri descrente no que lhe contaram, mas acaba por ficar pensativo perante as acusações de assassinato que são feitas em relação a Viriato. - Na barbearia, Diogo ri com o que Carlos conta sobre a Nazaré, a comida e os ciúmes. - Diogo e Carlota estão deitados na cama, cada um a ler seu livro. - Na sociedade recreativa, Diogo toma café com Viriato e, embora se mostre cauteloso nas palavras, este mostra o livro que retrata a possível vida de Viriato ao próprio. - Diogo abre a porta a Viriato e os amigos sentam-se. O protagonista ouve Viriato de braços cruzados. Depois deste lhe contar que não matou a mulher Diogo compromete-se a não falar mais daquela história e dá-lhe um aperto de mão. - No momento em que Viriato começa a contar as histórias que viveu com Cardoso Pires, Diogo levanta-se e vai buscar uma garrafa de

	vinho.
Marcas de controlo	- Não é possível fazer considerações desta natureza.
Marcas relacionais	- Diogo namora com Carlota e Víriato e Carlos são os seus maiores amigos.

Análise Protagonistas: 140º episódio - Clara Rodrigues

No episódio 140 da 3ª temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, a personagem de Oceana Basílio não surge em nenhuma cena, pelo que não será alvo de análise, neste episódio.

160º Episódio: “Ventos de mudança” (3ª temporada)

O episódio “Ventos da mudança” inicia-se com uma discussão entre Alzira Pedroso e Olga Fontes acerca de quem é a pessoa mais empreendedora da aldeia. Alzira acha que é ela própria e a sua família e Olga não tem dúvidas de que é a sua filha. Pela primeira vez, considerando os episódios analisados, fica a saber-se que Susana Fontes já não é sócia da casa de turismo, tendo criado uma empresa de *catering*. Perante tal confronto de egos, Alzira decide reunir toda a sua família, na mercearia, para lhes propor criarem um império familiar. A ideia é que os negócios que possuem na aldeia pertençam a uma única empresa, da qual Alzira será CEO, e possam ser expandidos para outras localidades. Os membros da família Pedrosos não compreendem qual a finalidade. Mais tarde, verifica-se que Tânia, Sandro, Xana e Manuel Pedroso se dirigem a casa de Hortense Pedroso para saber a sua opinião. A idosa deseja ouvi-los primeiro pois não quer influenciá-los com a sua posição. Numa segunda reunião familiar, Alzira deseja saber a que conclusão chegaram. Como todos estão com receio de dizer o que pensam, Hortense avança, dizendo que não quer crescer e que quer manter a vida como tem.

Vasco Nogueira inicia o episódio a retificar os convites que enviou para a imprensa, e não só, a propósito da apresentação dos vinhos do irmão. O evento tem lugar na casa de turismo e está sobre a responsabilidade do fotografo, uma vez que, Tiago está na Argentina. Clara Rodrigues mostra-se disponível para ajudar em tudo. Momentos depois, Vasco surge nervoso e stressado pois Tiago obrigou-o a descrever os vinhos, telefonicamente, desde a cor, à textura, notas de madeira e cheiro. A meio do episódio, inicia-se o evento, que conta com a apresentação de um vídeo de Tiago e a degustação da bebida dos Deuses. Clara serve o vinho, mas todos os beiralenses que a abordam desejam traçar a bebida. No final da iniciativa, Vasco confessa achar que foi um fracasso porque os críticos não deram qualquer opinião e as gentes locais queriam adulterar o vinho com

outras bebidas. Apesar de ter esta opinião, quando Tiago lhe liga, Vasco mente dizendo que correu tudo bem. No dia seguinte, o melhor dos cenários confirma-se. Vasco chega à sala de refeições da casa de turismo e mostra as revistas especializadas, que estiveram no evento, a Clara. Toda a imprensa elogiou o “Quinta do Guerreiro”.

Agostinho Puga quer levar a sociedade recreativa a concurso público. O objetivo é que o negócio possa ser entregue a alguém que pague mais à junta. Marina de Jesus dirige-se à junta para recolher as regras do concurso, garantindo ao presidente local que irá concorrer, mais que não seja para que este seja obrigado a dizer-lhe que perdeu. Na sociedade recreativa, Mariana desabafa com Patrícia Moreira, afirmando que as regras são difíceis de cumprir, que é preciso muito dinheiro e que não sabe o que será da sua vida sem o negócio. Patrícia não a deixa desistir e sugere-lhe contar tudo a Benjamim Marques. Aquando do fecho do estabelecimento, Mariana fica mais um pouco para se despedir do local. Benjamim vai ter com ela, porque já sabe do sucedido, acolhendo-a no seu regaço. Nesse momento, a narrativa recapitula alguns dos principais momentos vividos naquele local. Na barbearia, Fernando Campos Ribeiro confessa aos presentes que vai concorrer à conceção pública da sociedade recreativa. Embora os Tó Zé Candeias e Nuno Aires tentem demovê-lo, o vilão diz querer tornar o espaço num armazém. Mais adiante no episódio, Nuno confessa à esposa que se Fernando ficar com o negócio, mudará o consultório de sítio. Perante tais hipóteses, Susana Fontes aborda Marina no sentido de fazerem uma sociedade para manterem o negócio.

Análise Protagonistas: 160 episódio – Diogo Almada

O episódio cujo título é “Ventos de mudança”, Diogo Almada não aparece em nenhum momento. Neste sentido, a personagem em causa não será analisada.

Tabela 36- Análise Protagonistas: 160º episódio - Clara Rodrigues

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Neste episódio, Clara surge como relações públicas do evento da apresentação dos vinhos, já que, é perceptível que ajudou a preparar a iniciativa, convidou algumas pessoas e serviu vinho aos convidados.
Vestuário	- Na casa de turismo, Clara veste calças pretas, blusa clara e um lenço. - Durante a apresentação dos vinhos de Tiago, Clara utiliza um vestido rosa.
Meio habitacional	- O facto de Clara mencionar que “é cedo” e o facto desta tomar o pequeno almoço na casa de turismo, indicam que essa é a sua residência: Cenário - Casa de Turismo (sala de estar e sala de

	refeições).
Objetivos de vida	- Neste episódio o principal objetivo de Clara é contribuir para que a apresentação dos vinhos corra pelo melhor.
Traços de personalidade	- Otimista e companheira: Estas características emergem quando Clara fala com Vasco, na primeira cena deste episódio. Clara mostra-se confiante no sucesso do evento e apoia Vasco ajudando-o nos últimos preparativos. - Observadora e atenta: Clara percebeu e frisou, por diversas vezes, que Vasco estava nervoso e descrente no sucesso do projeto, o que reforça as particularidades explanadas. -Sincera: Esta característica é assinalada quando Clara, mesmo sem falar, demonstra a Vasco que discorda com a mentira que conta a Tiago. Clara privilegia a franqueza e a verdade.
Linguagem verbal	- “Vai correr tudo bem” e “ eu vou ler a <i>check list</i>”: Estas declarações visam mostrar o apoio que Clara dá a Vasco para a preparação de prova de vinhos do irmão e reforça o carácter otimista da protagonista. -“Estavas cheio de medo”: esta consideração dirigida e relativa a Vasco, denota que Clara é observadora, tendo percebido o estado de espírito que inundara Vasco.
Linguagem corporal	- Clara entra na sala de estar da casa de turismo, dá um beijo a Vasco e coloca as mãos na cintura quando questiona se já está a trabalhar. - Clara ri do desespero de Vasco, divertida, e senta-se ao seu lado pegando nas folhas com a lista de convidados. - Aquando da apresentação do vinho “Quinta do Guerreiro, Clara serve taças de vinho aos convidados. - Clara lança um olhar de reprovação a Vasco quando ele diz a Tiago que a apresentação do vinho correu bem, contrariando a sua verdadeira opinião. - No dia seguinte, enquanto toma o pequeno almoço, Clara lê os títulos das revistas de crítica gastronómica e vinícola, que Vasco trouxe, sorridente.
Marcas de controlo	- O facto de trabalhar e morar no mesmo local indicia que a sua condição financeira é limitada.
Marcas relacionais	- Clara namora com Vasco Nogueira, é cunhada de Tiago Nogueira e Rita Santiago parece ser a sua amiga mais próxima.

180º Episódio: “Uma questão de *timing*” (3ª temporada)

O episódio inicia-se dando conta de que o relacionamento entre o fotografo e Clara Rodrigues terminou. No seu quarto na casa de turismo, a protagonista mostra-se receosa em cruzar-se com Vasco, preferindo não sair. Rita Santiago fica apreensiva, o que a leva a

falar com Susana Fontes sobre o estado desanimado e tendencialmente depressivo que Clara atravessa. Esta conversa tem lugar na sociedade recreativa, pelo que, Diogo Almada se apercebe de tudo, mostrando-se preocupado com a amada. Susana sugere-lhe ir ter com ela e Diogo aceita. Mais tarde, na casa de turismo, Clara está na receção e vê Vasco. A conversa é dura e Vasco confronta-a com a sua ausência no local, o que leva Clara a confessar que não o queria enfrentar. Breves instantes depois, e após Vasco lhe dizer que os sobrinhos ficarão ao encargo de Rita, Diogo entra. O protagonista quer saber como está e convida-a para irem ao cinema. Clara fica reticente pois, isso pode levar a ilações erradas em relação ao seu relacionamento, mas acaba por aceitar ir. Chegados do cinema, Clara confessa a Diogo que está a pensar regressar a Lisboa. Diogo fica perplexo e afirma que ela não pode mudar de vida sempre que termina uma relação. Numas cenas mais à frente, vislumbram-se os dois a andar de bicicleta em Beirais. Clara confessa que terá saudades do ar puro e Diogo ironiza com a qualidade dos parques lisboetas. O tema da conversa resvala para os relacionamentos: Diogo sabe que não esteve bem com Carlota e Clara afirma que nas relações todos são vítimas. Já na reta final do episódio, os protagonistas jantam juntos em casa de Diogo. Entre risos, conversa e bebida, Clara acaba por pernoitar em casa de Diogo. Ao deitá-la, Diogo confessa ainda gostar dela. No dia seguinte e após uma conversa com Ramiro, onde este diz ao patrão que é evidente que eles ainda estão apaixonados, Diogo dirige-se à casa de turismo. Os protagonistas tinham combinado ir correr, mas Diogo está ali para revelar a Clara que ainda a ama. Diogo termina o episódio, aos microfones da rádio refletindo sobre as consequências das escolhas.

O episódio é pincelado com os problemas financeiros de Xana Vidal e Sandro Pedroso. O casal percebe que não terá dinheiro para pagar as contas, mas recusa pedir ajuda à família. É então que surge a oportunidade de venderem o *atelier* a Lucinda Silva. Sandro avança com o negócio, contudo, o facto de Lucinda quer alterar o local, bem como as peças de roupa, leva-o a duvidar da sua decisão.. Quem também está a tentar solucionar o problema é Xana. As mensagens e saídas misteriosas da jovem levam Tânia Pedroso a desconfiar da cunhada. Tânia pensa que Xana anda a trair o irmão, acabando por segui-la. Verifica-se, contudo, que Xana conseguiu pedir um empréstimo a um banco com reduzidas taxas de juro, por ter pessoas conhecidas no local. Tal novidade, levou Sandro a desfazer o acordo com a tia.

Tabela 37 - **Análise Protagonistas: 18o episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio Diogo surge nas estufas das quais é proprietário e na rádio, em emissão.

Vestuário	- Na sociedade recreativa, Diogo surge com uma camisola branca e uma camisa azul. - Nas estufas, Diogo surge com uma camisola azul escura e uma camisa clara.
Meio habitacional	- No episódio em análise, Diogo surge, mais do que uma vez, em suca casa. São apresentadas no mesmo episódio, as três divisões que são conhecidas da casa do protagonista: Cenário- Casa de Diogo em Beirais (cozinha, sala e quarto).
Objetivos de vida	- Diogo começa por visar animar Clara e evitar que regresse a Lisboa, no entanto, o protagonista termina o episódio a desejar reconquistar a personagem de Oceana Basílio.
Traços de personalidade	- Prestável: Diogo mostra-se não só disponível para animar Clara, mas também para a lembrar das mais valias que é viverem Beirais. - Apaixonado por Clara: em todas as cenas, numas de forma implícita e noutras de forma explícita, Diogo mostra ainda gostar de Clara estando disposto a tudo por ela, preocupando-se com ela e mimando-a. - Preocupado: esta característica sobressai na primeira cena em que Diogo surge neste episódio. Diogo teme que Clara não esteja a superar bem a separação de Vasco e deseja ajudá-la. - Brincalhão: no passeio de bicicleta e no jantar com Clara, a referida característica é utilizada com frequência. O seu principal objetivo é animar Clara e provoca-la. - Consciente e responsável: o protagonista é contra a ida de Clara para Lisboa, referindo que ela não pode mudar de vida por causa do termino da relação. - Sincero e honesto: quando Diogo confessa a Clara ainda gostar dela, Diogo está a ser sincero, abrindo-lhe o coração.
Linguagem verbal	- “Tu achas que a Clara está com uma depressão?” e “ vim ver como é que estás”: estas frases demonstram a preocupação que Diogo tem por Clara, deixando transparecer o amor que ele ainda sente por ela. - “Nós continuamos a ser amigos, vou às estufas e depois chego à casa de turismo”: esta expressão espelha o carácter prestável de Diogo já que ele se mostra disponível para animar a amiga. - “Vim ver como estás” e “estamos todos habituados a ver-te noutra registo”: são frases que mais vez, revelam a preocupação e atenção que Diogo tem para com Clara. - “Tu eras capaz de deixar um pobre amigo enfadar pipocas sozinho?": esta questão surge em formato de chantagem bem humorada e reforça o traço de personalidade que define Diogo como brincalhão. - “Peço-te que dê uma hipótese a Beirais, que me deixes lembrar-te porque é que gostas de viver nesta aldeia” e “ não vais mudar tudo outra vez por causa de uma relação”: Diogo mostra-se preocupado com a possibilidade de Clara regressar a Lisboa, o que destaca a sua

	paixão por ela, a sua sensatez (não é viável mudar de vida sempre que muda de relação) e dedicado (Diogo está disposto a mostrar a Clara tudo o que Beirais tem de bom). - “Tens sempre Monsanto e o Parque Eduardo VII”: esta frase traduz a forma divertida e descomplicada como Diogo age. - “Eu magoei-a muito, não posso esperar que ela me perdoe de um dia para o outro”: esta expressão demonstra que ele tem consciência das suas ações. - “Não me vais fazer essa desfeita, o que é uma garrafa de tino a mais ou a menos” e “ainda por cima este é daquele do Dão que tu adoras”: estas afirmações mostram não só que Diogo ainda se recorda das preferências da ex-namorada, como alude ao seu sentido de humor boa disposição. - “Que estúpido, como é que eu te deixei escapar”: esta confissão reforça a ideia de que Diogo continua apaixonado por Clara. - “Andei a enganar-me muito tempo não foi?”: esta pergunta retórica é realizada quando Diogo conta a Ramiro que jantou com Clara e quando este lhe diz que considera que o casal sempre foi apaixonado. Como tal, e considerando a restante conversa, Diogo é perentório no que respeita ao seu amor por Clara. - “Eu não estou a ser sincero contigo Clara (...) eu fiz-te acreditar que queria ser só teu amigo, mas não Clara. Eu ainda sou apaixonado por ti (...) eu não vim aqui colocar-te pressão nenhuma, vim só abrir o jogo contigo para seres livre de decidires o que quiseres”: esta declaração de amor revela que Diogo é sincero e honesto com Clara, reforçando o amor que sente por ela. - “Fazer uma escolha implica um caminho que não tomamos” e “ há um tempo para tudo”: estas frases ditas aos microfones da Beirais FM, demonstram de forma implícita, que Diogo está consciente que as atitudes e escolhas que fez nos últimos tempos podem ter afastado Clara de si.
Linguagem corporal	- Diogo entra na sociedade recreativa e aproxima-se do balcão. Encolhe os ombros como forma de simbolizar a facilidade que tem em ir visitar Clara. - Diogo entra na casa de turismo e, numa primeira fase, mostra-se preocupado e sério. - Quando convida Clara para irem ao cinema, Diogo está sorridente, com uma das mãos no balcão da casa de turismo e a outra na cintura. - Diogo sorri satisfeito quando Clara aceita o convite. - Diogo e Clara chegam animados à casa do turismo e sentam-se nos sofás. - Diogo abana a cabeça negativamente, quando Clara lhe diz que quer regressar a Lisboa. - Diogo anda de bicicleta pelas ruas de Beirais com Clara. Quando param e conversam, Diogo desvia o olhar para o chão quando o tema

	é Carlota. Por seu turno, Diogo sorri quando Clara valoriza a sua amizade. - Diogo e Clara riem à gargalhada enquanto jantam.~- Diogo levanta-se da mesa, dirige-se à bancada da cozinha e abre uma garrafa de vinho. - Diogo serve o vinho e os dois fazem um brinde. - Diogo ri de copo na mão, no sofá de sua casa, ao lado de Clara. - Diogo pega Clara ao colo e deita-a na sua cama. O protagonista dá-lhe um beijo na mão e observa-a, carinhosamente, enquanto dorme.
Marcas de controlo	- Não são significativos os dados fornecidos neste episódio a este respeito. Conclui-se, apenas, que o facto de Diogo ser proprietário de um negócio e de ter “contactos” para a ida ao cinema (que estava esgotado) são aspetos que justificam a sua titulação como homem bem sucedido.
Marcas relacionais	- Diogo já não namora com Carlota e mostra-se apaixonado por Clara.

Tabela 38 - **Análise Protagonistas: 180º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara trabalha na “Casa da Aldeia”, nomeadamente na receção.
Vestuário	- Clara, quando está deitada na cama, utiliza calças pretas, blusa rosa e lenço. - Clara veste umas calças pretas e top preto com uns saltos altos para ir jantar a casa do Diogo. - Quando Diogo lhe faz a declaração de amor, Clara está de fato de treino.
Meio habitacional	- O facto de Clara começar o episódio na cama do seu quarto na casa de turismo, indica de imediato qual o seu meio habitacional: Cenário – Casa de turismo (quarto, receção e sala de estar).
Objetivos de vida	- Clara deseja regressar a Lisboa e trazer mudanças à sua vida.
Traços de personalidade	- Sincera e frontal: estas características manifestam-se quando Clara confirma a Vasco que o anda a evitar já que o seu eventual encontro será sempre constrangedor. - Sensata: a protagonista revela possuir esta particularidade em diversos momentos, nomeadamente, nas reticências que tem em aceitar o convite de Diogo. - Amiga e sincera: Clara reconhece a Diogo que a sua amizade é fundamental para si.
	- “Eu estou bem, só não quero esbarrar com o Vasco”: Clara parece não ter coragem para enfrentar o ex-namorado, o que a leva a inibir-se de fazer determinadas coisas. - “Não, eu não te ando a evitar, eu só não acho que é bom para nós estarmos sempre a cruzar-nos”: esta frase reflete a forma sincera como Clara age e reforça a sua frontalidade. - “Deixa-me adivinhar: a Rita pediu-te para me tentares convencer a

Linguagem verbal	sair de casa”: esta tese alude à perspicácia de Clara, uma vez que, aponta com exatidão os motivos que levaram Diogo à casa de turismo. - “Estão mal habituados, as pessoas mudam, não mudam?”: esta questão reforça a natureza provocadora e mal humorada da protagonista. - “Não sei Diogo, nós os dois...”: esta intervenção traduz as reticências que Clara tem em aceitar o convite de Diogo e sublinha a sensatez da personagem, já que, o facto de terem sido namorados, pode agora dar azo a diversas considerações. - “Eu estou a pensar voltar para Lisboa, eu não estou a conseguir viver debaixo do mesmo teto que o Vasco”: este desabafo remete para uma decisão que Clara está prestes a tomar e evoca a sua franqueza e sinceridade. - “Eis uma coisa que eu vou sentir falta em Lisboa, passear no campo e respirar ar puro”: Clara menciona algumas das características que admira em Beirais. - “Eu acredito que não quiseste magoá-la (...) somos todos vitimas, não há culpados” e “ eu sei que não tenho mostrado, mas a tua amizade é muito importante para mim”: estas declarações que Clara dirige a Diogo, transmitem sinceridade e reconhecimento e aludem à forma amiga como ela o olha. Para além disso, as suas palavras visam confortar e aliviar a mágoa de Diogo. - “Amanhã é dia de trabalho”: Embora esteja ligeiramente alcoolizada, Clara tem consciência da responsabilidade que possui, querendo deixar de beber.
Linguagem corporal	- Quando está deitada na cama, Clara tem um ar triste e desanimada. - Clara está debruçada sobre o balcão a fazer palavras cruzadas. Quando Vasco entra, Clara olha-o constrangida, dirigindo-se a ele com uma voz trémula. - No momento em que Vasco sai, Clara faz o som de chatice (“tch”), suspira, ajeita o cabelo e volta a debruçar-se sobre o balcão. - Clara fica entusiasmada com o convite, embora o seu semblante transmita incerteza. Quando Clara aceita o convite, esboça um sorriso e sai para ir buscar a carteira. - Clara e Diogo chegam animados do filme e sentam-se nos sofás da casa de turismo. - Clara suspira e fica pensativa quando Diogo lhe pede para repensar os motivos que a levaram até Beirais. - Clara e Diogo andam de bicicleta pelas ruas de Beirais. Quando param, Clara fecha os olhos e inspira. - A personagem em análise coloca as mãos na cintura quando responde a Rita que vai jantar a casa de Diogo porque ficou amiga dele. - Clara ri à gargalhada enquanto janta com Diogo. - Clara tenta levantar-se para ajudar Diogo, mas já não tem equilíbrio.

	- Clara e Diogo fazem um brinde sorridentes. - Clara ri, de copo na mão, em casa de Diogo. A protagonista tenta levantar-se do sofá, mas volta a sentar-se devido ao desequilíbrio. - Clara é levada ao colo por Diogo para a cama acabando por adormecer. - Quando Diogo entra na casa de turismo, Clara aperta as sapatilhas para irem correr. Depois de Diogo confessar ama-la, Clara fica sem reação com ar de perplexidade. - Quando Diogo sai Clara fica com um ar confuso e desorientado.
Marcas de controlo	- Não é possível executar fundamentadas conclusões acerca desta temática. Todavia, o facto de Clara ponderar mudar novamente de vida, rumando à capital, pode indicar que possui condições financeiras para o fazer. Apesar disso, Clara continua a residir no local de trabalho, o que parece contradizer a tese anterior.
Marcas relacionais	- Clara está separada de Vasco Nogueira. Diogo, Suana e Rita são considerados por si os seus principais amigos.

200º Episódio: “A tradição já não é o que era” (3ª temporada)

O tema deste episódio é a passagem de ano: Nazaré e Carlos Batista combinam que passarão a meia noite na rádio, uma vez que, Carlos terá de fazer uma emissão. Não haverá festa na sociedade recreativa pois todos os habitantes já têm planos. Susana Fontes quer passar, pela primeira vez, a noite com o marido e o filho mais velho. Já Tó Zé Candeias vai cumprir a tradição familiar de ir a banhos no rio, à meia noite. Alzira e Manuel Pedroso preparam-se para ir ao casino e Júlio Gameiro e Vitor Lobo para trabalhar. No caso de Clara Rodrigues percebe-se, pela conversa que tem na casa de turismo com Rita Santiago, que julgava que iam fazer uma festa na “Casa da Aldeia”. No entanto, Rita vai passar a passagem de ano com a filha e os enteados a casa do Tiago Nogueira. No momento em que têm esta conversa, Vasco Nogueira entra, desejando também saber se há festa ali. O fotografo confirma a inexistência de celebrações na sociedade recreativa, situação que, pela sua irregularidade choca Clara. A este propósito, cenas mais tarde, Clara vai à sociedade recreativa para confirmar a informação. Considerando que a passagem de ano é um evento de reunião de amigos, a protagonista decide preparar uma festa na casa de turismo. Quanto às restantes personagens, verifica-se que Fernando Campos Ribeiro e Mercedes ficarão em casa e que Moisés e Patrícia Moreira celebrarão na agência funerária.

No largo da igreja, Diogo Almada confessa ao padre Justino que ficará por casa a ver televisão, na noite de passagem de ano, já que, todos os habitantes de Beirais decidiram passar a noite com as famílias. Neste sentido, o padre Justino convida-o a passar na

sacristia para brindarem ao novo ano. Mais adiante no episódio, na sociedade recreativa, Carlos convida Diogo para passar a passagem de ano consigo, mas o protagonista diz já ter planos.

Na noite de passagem de ano, observam-se todos os núcleos da telenovela a celebrar conforme o estipulado. Todos eles festejam ao som da “Beirais FM”. O destaque vai para os protagonistas e Vasco que se encontram sozinhos. Denota-se também o regresso do casal Pedroso à mercearia devido ao elevado custo da entrada no casino.

Inesperadamente, o padre Justino surge aos comandos da rádio. O sacerdote reflete sobre a solidariedade, união e sentido de pertença distintivos da população beiralense. O seu discurso leva todos os habitantes a celebrar em conjunto ou na sociedade recreativa ou na casa de turismo. Aquando da contagem regressiva, são apresentadas imagens das habitações vazias e mostradas outras da folia conjunta.

O episódio contou, ainda, com a implementação de um negócio ilícito, malsucedido, de venda de camarões chineses encomendados pela *internet*, levado a cabo por Quim Brito. Note-se ainda que Tó Zé e Manuel cumpriram a tradição familiar.

Tabela 39 - **Análise Protagonistas: 200 episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo não surge a laborar em nenhuma das suas atividades profissionais.
Vestuário	- Na sociedade recreativa, Diogo surge com camisola preta e camisa azul. - Na noite de passagem de ano, Diogo está de pijama.
Meio habitacional	- Neste episódio, Diogo aparece em sua casa, mais exatamente na sala de estar na qual possui um rádio: Cenário – Casa de Diogo em Beirais
Objetivos de vida	- Neste episódio o principal objetivo do protagonista é não passar a noite de passagem de ano sozinho.
Traços de personalidade	- Brincalhão, irónico e provocador: Estas três características surgem nas conversas com To Zé e Carlos. O Recurso a estas particularidades pessoais teve como objetivo descomplicar e desconstruir os momentos em que Diogo contava que ia passar a noite sozinho. Visaram também agitar as consciências daqueles que tinham decidido passar a noite com as famílias. - Resignado: Diogo mostra, em vários momentos, aceitar passar a noite de ano novo sozinho, uma vez que, não tendo família em Beirais, tem de compreender que os beiralenses passem esta data nos seus lares.
	- “Eu cá prefiro tomar o meu primeiro banho do ano, num <i>poliban</i> de água quentinha”: Diogo brinca com aquela que será a primeira coisa

Linguagem verbal	que To Zé vai fazer no novo ano. Reforça o carácter brincalhão e provocador de Diogo. -“Eu vou ficar por casa a ver televisão (...) este ano os beiralenses decidiram fazer programas mais caseiros e familiares e, na verdade, ninguém tem culpa que eu não tenha cá família”: esta apreciação destaca o desânimo do protagonista e assinala a sua resignação, pois, Diogo já aceitou que passará a noite sozinho. -“Já tenho tudo programado (...) às nove janto, às nove e meia vejo televisão, e às dez adormeço. Depois acordo `meia noite com os tachos e as painelas, como as doze passas e bebo um copo de leite. À meia noite e cinco lavo os dentes e às e dez, cama. A loucura”: esta descrição fortifica o desânimo de Diogo e faz emergir o seu carácter provocador e irónico.
Linguagem corporal	- Diogo entra na sociedade recreativa, dirige-se ao balcão, senta-se num dos bancos e coloca o braço sobre o balcão. - Diogo suspira com ar de desânimo, já que, não haverá festa de passagem de ano no café da aldeia. - Diogo caminha por Beirais de mãos nos bolsos quando para para conversar com o padre Justino no largo da igreja. Diogo encolhe os ombros em sinal de desânimo e aceitação quando diz que passará a noite em sua casa. - Na noite de passagem de ano, o protagonista está sozinho em casa a ouvir Beirais FM, com uma chávena na mão. - Na contagem regressiva para o ano novo, Diogo surge na sociedade recreativa depois de Justino ter apelado à união na rádio. Diogo está visivelmente feliz, brinda com várias pessoas e felicita outras. - Quando To zé e Manuel entra na sociedade recreativa vindos do primeiro mergulho do ano, Diogo ri à gargalhada com a figura que eles fazem.
Marcas de controlo	- Não é possível fazer considerações à cerca desta matéria.
Marcas relacionais	- Neste episódio, Diogo e Clara estão separados e verifica-se que grande parte de Beirais tem elevada estima por si, pois, após as palavras de Justino acerca do acolhimento dos novos habitantes de Beirais, todos vão passar a meia noite à sociedade recreativa com Diogo.

Tabela 40 - **Análise Protagonistas: 200º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara trabalha na casa de turismo e, neste episódio, ela é a responsável por organizar uma das festas da noite de passagem de ano em Beirais.
Vestuário	- Durante todo o episódio, mesmo na celebração da passagem de ano, Clara veste umas calças claras, uma blusa rosa e um lenço estampado.
	- Clara reside no local onde habita. Neste episódio ficam a conhecer-

Meio habitacional	se dois dos cenários desta habitação rural: Cenários – Casa de turismo (sala de estar e sala de refeições).
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Clara no último episódio da 3ª temporada de “Bem-Vindos a Beirais” e passar a passagem de ano em grupo.
Traços de personalidade	- Frontal: Clara é direta no quando deseja fazer considerações. Clara não hesita em demonstrar, perante qualquer pessoa, que a passagem de ano deveria ser celebrada em grupo. - Dinâmica: Como sabe que não há festa de passagem de ano em Beirais, Clara decide organizar uma festa que cumpra a mesma finalidade, o que a constitui como uma mulher dinâmica. - Otimista: Apesar de, para além de Vasco mais ninguém ter aparecido na festa que preparou, Clara mostra-se esperançosa na reversão do cenário.
Linguagem verbal	- “Há de haver festa em Beirais, todos os anos há”: Clara está convicta de que haverá festa na aldeia recusando o convite de Rita para ir passar a passagem de ano em casa de Tiago. - “Eu pensava que íamos aqui fazer uma festa, mas acabei de saber que não”: esta frase indica que Clara é frontal, uma vez que, diz perante Rita algo que, no fundo, vai contra ela. - “Mas o que é que se passa em Beirais? Sempre se fez uma festa onde as essas se juntava, era uma tradição”: Clara mostra-se surpreendida ao saber que ninguém está a organizar uma festa de passagem de ano. “A passagem de ano para ser gira é em grupo” e “a passagem de ano é festa” são considerações que Clara faz em frente a Susana e Marina e que corroboram a surpresa que Clara sentiu com a inexistência de um convívio conjunto da aldeia. - “A esperança é a última a morrer”: Clara considera que chegarão mais convidados à festa que organizou, o que revela o seu carácter otimista.
Linguagem corporal	- Clara está na sociedade recreativa, junto ao balcão, com ar indignado (embora seja perceptível que a personagem deseja mostrar serenidade e aceitação) enquanto fala sobre a passagem de ano. - Clara pega e arrasta mesas da sala de refeições para preparar uma festa para a passagem de ano. - Clara e Vasco são os únicos presentes na festa da casa de turismo. Ouvem Beirais FM e brindam. Clara, embora sorria, está visivelmente triste. - Aquando da contagem regressiva para o novo ano, Clara está animada com a presença de Rita e da sua família. Clara ri divertida e brinda com os presentes.
Marcas de controlo	- Não é possível fazer teses sobre este indicador, no presente episódio.
Marcas relacionais	- Clara não namora nem com Diogo, nem com Vasco. Rita e Tiago são dois dos seus grandes amigos no episódio, já que mudaram os planos da sua passagem de ano para não a deixarem sozinha.

1º Episódio: “A senhora do amendoal” (4ª temporada)

Na sociedade recreativa, Marta e Vasco Nogueira combinam ir fotografar o amendoal. Viriato Montenegro interrompe-os dizendo que, no local, há um fantasma e que devem ir com respeito. Tio e sobrinha não acreditam na história e dirigem-se ao amendoal. Vasco explica a Marta que se trate de uma lenda e Marta confessa gostar de saber o que está na origem da história. Cegados à casa de turismo, Marta mostra a Vasco e a Tiago Nogueira a fotografia que tiraram à eventual alma penada. Tal situação, leva Marta e Vasco ao amendoal no dia seguinte. Enquanto analisam a imagem, o computador desliga-se, subitamente, ligando sozinho alguns momentos depois. Este fenómeno gera estranheza e nervosismo a Marta e Vasco. Na casa de turismo, Marta mostra a fotografia a Viriato e decide confirmar a informação com vários membros da aldeia. Uns dizem que a alma penada é uma mulher abandonada e outros dizem que é uma mulher que se engasgou com amêndoas e morreu. Sempre que Vasco e Marta falam do assunto algo de estranho acontece: a jovem sente que lhe tocam nas costas e os candeeiros ficam intermitentes, por exemplo. Com o objetivo de desvendarem o mistério, voltam ao local acabando por ver o dito fantasma. A partir desse momento, apagaram todas as fotografias do amendoal e suprimiram conversas sobre o tema.

Neste episódio, Fernando Campos Ribeiro perde toda a sua fortuna. O facto de não ter cobertura para pagar um cheque, leva-o ao banco, ficando a saber que foi roubado. O cabo Júlio Gameiro dirige-se a casa do vilão e mostra-se disponível para o ajudar. Ao que tudo indica, Fernando foi vítima de fraude informática. Com o objetivo de reconstituir o rumo do dinheiro, Fernando dirige-se ao posto, levando o seu computador e relatando todos os factos. Fernando confessa não saber viver sem dinheiro, querendo pagar a Júlio pela ajuda. O GNR alerta-o para que, caso a situação não se resolva, os beiralenses o ajudarão em tudo. No final do episódio, surge a boa-nova: os assaltantes foram detidos e o dinheiro recuperado.

Marina e Benjamim Marques vão visitar um familiar, pelo que Pedro Marques ficará à responsabilidade de Luís Assunção. O ex-padre arranja um programa para as crianças, mas no qual participam vários adultos, depois de saberem do que se trata: construir, em lego, uma cidade. A Pedro e Dinis juntam-se Diogo Almada, fã de construções desde criança, e os cangalheiros. A determinado momento da noite, as crianças adormecem e são os adultos os responsáveis pela continuidade das construções. No dia seguinte, quando Marina chega pede justificações acerca do que vê a Luís. Embora as suas palavras denotem insatisfação com o sucedido, o semblante de Marina transmite serenidade.

Tabela 41 - **Análise Protagonistas: 1º episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	No primeiro episódio da quarta temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, Diogo surge apenas a trabalhar como locutor de rádio.
Vestuário	- Na barbearia, Diogo utiliza uma camisola azul e uma camisa clara.
Meio habitacional	- Neste episódio, Diogo não surge no seu meio habitacional.
Objetivos de vida	- O presente capítulo não fornece dados suficientes para fazer considerações acerca desta unidade de análise.
Traços de personalidade	- Divertido e brincalhão: O protagonista evidencia o seu carácter bem humorado e bem disposto em todas as cenas em que surge. No entanto, as intervenções que tem na barbearia são as mais expressivas a este respeito. O protagonista exacerba a sua natureza infantil quando aprecia deslumbrado as construções que fez. -Infantil: Diogo apresenta um comportamento e um entusiasmo em relação às construções do lego semelhante às vividas pelas crianças.
Linguagem verbal	-“Também posso ir? Eu era doido por isso quando era miúdo”: Diogo refere-se ao programa que Luís está pensar fazer na ausência de Maria. Diogo mostra-se entusiasmado por puder regressar às suas memórias de infância, construindo cidades em lego. “Esta coisa da cidade é quase um segredo de estado”: brinca Diogo ao perceber que Luís não quer que Marina saiba desta atividade. Traduz o carácter descomplicado e bem humorado do protagonista. -“Estou muito orgulhoso das minhas construções”: esta frase demonstra a felicidade de Diogo e reitera o seu espírito infantil e deslumbrado.
Linguagem corporal	- Na barbearia, Diogo mostra-se radiante com a possibilidade de fazer construções em lego. - Diogo entra em casa de Benjamim, de sorriso no rosto, com uma caixa de legos na mão e senta-se junto às crianças, no chão, começando a fazer construções. - Algumas cenas depois, vê-se Diogo a ajudar Pedro a montar umas peças, sorridente e entretido. - Diogo adormece ao lado da cidade de lego que ajudou a montar. Quando Marina chega, o protagonista acorda sobressaltado e sai apressadamente envergonhado dali. - Na rádio, Diogo escuta atentamente a lenda da senhora do amendoal contada por Viriato e ri quando são apresentadas teses pouco credíveis-
Marcas de controlo	- Não é possível fazer uma análise a esse respeito, visto que, a incidência da personagem e a sua espessura narrativa são pouco significativas.
Marcas relacionais	- Não é possível perceber se Diogo se encontra em alguma relação amorosa. Indaga-se, porém, que Diogo estabelece boas relações de amizade com diversos membros da aldeia.

Análise Protagonistas: 1º episódio - Clara Rodrigues

No episódio em análise, a personagem Clara Rodrigues não surge em nenhuma das cenas, razão pela qual não será sujeita a análise.

20º Episódio: “É mais do que fé, é saber” (4ª temporada)

Neste episódio, fica a saber-se que Patrícia Moreira é presidente de junta de Beirais e que a aldeia é uma das finalistas no concurso para melhor aldeia de Portugal.

O episódio inicia-se com uma entrevista de Patrícia à “Beirais FM”. Nesta abordam-se os temas dos problemas financeiros deixados pelo anterior executivo e a candidatura da aldeia à melhor de Portugal. Sempre que pode, Carlos Batista, que entrevista professora, desvaloriza ou insulta a aldeia da Torre. Mais adiante no episódio, Leonel Alves, presidente de junta da Torre, dirige-se à junta de freguesia de Beirais. Este diz a Patrícia que deve desistir do cargo, como fez Diogo Almada e mostra-se disposto a pagar para que Beirais desista da competição. Leonel Alves alude, aliás, a que fez o mesmo com outras localidades. Patrícia fica reticente. Contudo, quando caminha com Moisés Lameiro pelas ruas de Beirais, percebe que os beiralenses confiam na sua honestidade. Para além disso, o cangalheiro diz-lhe que “Beirais sobrevive sempre”, mesmo nas crises, e que isso “é mais do que fé, é saber”. Esta clarividência que assola Patrícia leva-a à Torre. A professora diz a Leonel que os beiralenses lutarão até ao fim e que “não aceitamos que, por sermos pequenos, sejamos menos que os outros”. No entretanto, na rádio, Carlos e Diogo Almada falam também sobre o profissionalismo de Patrícia e Diogo recorda a sua saída da presidência da junta.

O 20º Episódio da quarta temporada desta telenovela, mostra também, que Tó Zé Candeias diz ter a fórmula para ganhar o Euromilhões. Ao saber que o barbeiro fez cálculos para se tornar milionário, Alcino Silva tenta descobrir qual a chave vencedora. No entanto, o barbeiro não está disposto a partilhar a chave da riqueza. Todavia, Alcino fica, sorrateiramente, com o caderno dos cálculos de Tó Zé, na mercearia. Ao saber do sucedido, Tó Zé quer agredi-lo, o que termina com os dois no posto da GNR. Na hora do sorteio, parte significativa da população, está na sociedade recreativa pois a chave foi distribuída por toda a aldeia. A partilha dos seus códigos secretos deixa Tó Zé furioso. Verifica-se, no entanto, que a chave ordenada não corresponde aos números calculados por Tó Zé.

Observa-se, ainda, que as obras em casa de Tiago Nogueira estão muito atrasadas e que os empreiteiros não cumprem os desejos do produtor vinícola. Tais incumprimentos levam Vasco e Tiago Nogueira a desentenderem-se. Tiago acusa o irmão de não acompanhar a

obra de perto e Vasco lembra-o que foi ele quem assegurou a sua vida em Portugal quando este viajou para a Argentina. No final do capítulo percebe-se que os construtores estão a seguir a planta de Vitória, a falecida esposa de Tiago. O episódio finda com Diogo aos microfones da rádio local.

Tabela 42 - **Análise Protagonistas: 20º episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	A locução de rádio é o único ofício associado a Diogo que surge neste episódio.
Vestuário	- Na primeira vez que surge na rádio, Diogo utiliza uma camisola preta e um casaco azulado. Na segunda vez que surge neste local, Diogo faz a emissão de casaco na mão.
Meio habitacional	- No presente episódio, o cenário da casa de Diogo, nunca surge.
Objetivos de vida	- Diogo deixa transparecer a sua vontade em ajudar Beirais a crescer.
Traços de personalidade	- Exigente consigo próprio: Diogo sente não ter feito o suficiente pela aldeia quando foi presidente de junta de Beirais. Sente-se culpado por ter entregue o projeto a São e a Agostinho. - Reconhecedor: Diogo não tem dificuldade em apontar aos outros as suas qualidades e bom trabalho. Fá-lo, por exemplo, em relação a Patrícia.
Linguagem verbal	- “É bom ver este entusiasmo dela, mas às vezes faz-me pensar que eu devia ter feito mais” e “depois fui o presidente que deixou a junta nas mãos da São e depois do Agostinho, felizmente existe uma Patrícia”: estas frases fortalecem a indignação de Diogo em relação a si próprio e exaltam a exigência que caracteriza Diogo. Deixam ainda transparecer o valor que Diogo dá à honestidade e à luta desinteressada por Beirais.
Linguagem corporal	- Na rádio, Diogo tem os braços sobre a mesa, possui um ar pensativo e coloca o dedo em riste quando aponta as suas falhas políticas. - Em emissão, Diogo mostra-se sorridente em relação à candidatura de Beirais a melhor aldeia de Portugal e em relação aos cálculos matemáticos que To Zé fez para ganhar o Euromilhões.
Marcas de controlo	- Não é possível tecer qualquer análise sobre este indicador.
Marcas relacionais	- No que concerne à sua vida amorosa, não é possível verificar nenhuma marca relacional. Todavia, em relação, aos amigos, destaca-se que Carlos Batista é a sua principal relação.

Análise Protagonistas: 20º episódio - Clara Rodrigues

Clara não aparece em nenhuma das cenas do episódio em causa, pelo que não será realizada qualquer consideração sobre ela.

40º Episódio: “Sob suspeita” (4ª temporada)

O episódio em análise evidencia a existência de um informador em Beirais, responsável por contar a Leonel Alves todas as ideias dos beiralenses para o concurso da melhor aldeia de Portugal. Patrícia Moreira confessa estranhar que ideias como a sessão dos mitos e lendas tenha sido aplicada na Torre, quando foi pensada por Beirais. Na mercearia, a professora desabafa com Alzira Pedroso sobre o assunto. A mãe de Sandro e Tânia Pedroso garante haver um espião em Beirais. A ouvi-las, Moisés Lameiro recorda que, no início do episódio, viu Leonel Alves a sair da barbearia de Tó Zé Candeias. O facto de este ser natural da Torre, embora tenha vivido sempre em Beirais, torna-o o principal suspeito. Moisés vai à polícia contar o que sabe, mas Patrícia não acredita que nenhum beiralense traísse a aldeia. O cabo Júlio Gameiro diz que ninguém é culpado sem provas, mas anuncia que vai investigar.

Na casa de Tiago Nogueira, Vasco Nogueira mostra-se com saudades da cidade. Para as dissipar, Tiago organiza uma festa em sua casa, passando parte do episódio a convidar os homens da aldeia. No entanto, Tiago esquece-se de Carlos Batista que fica desgostoso ao ter sido excluído. Porém, na sociedade recreativa, Diogo Almada diz a Tiago que Carlos está melindrado por não lhe ter dito nada. O produtor vinícola pede desculpa ao radialista, convidando-o para a festa. Já no local, Júlio aproxima-se de Tó Zé que lhe confessa o motivo pelo qual Leonel foi à barbearia: queria que o negócio se mudasse para a aldeia da Torre. Tal situação ilibou-o de todas as suspeitas.

Neste episódio denota-se ainda, que os cangalheiros estão envolvidos em negócios ilícitos. Moisés quer sair dessa vida por causa de Patrícia, mas Quim não o quer deixar desistir porque isso implica a sua morte. Ao saber que o chefe quer falar com Moisés, este diz ao primo que morrerão os dois: Moisés porque desistiu do negócio e Quim porque encobriu Moisés.

Tabela 43 - Análise Protagonistas: 40º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo não surge a trabalhar.
	- Na barbearia, não é possível observar qual o vestuário de Diogo pois

Vestuário	este está a fazer a barba e tem uma “bata” que impede vislumbrar o que ele usa. - Na festa, em casa de Tiago, Diogo veste uma camisola azul e uma camisa branca.
Meio habitacional	- Neste episódio, Diogo nunca aparece em sua casa.
Objetivos de vida	- O episódio quarenta da quarta temporada, da produção em análise, não fornece dados em relação a este fator.
Traços de personalidade	- Brincalhão e bem-disposto: a sua postura alegre, divertida e bem-disposta são notórias nas conversas com Carlos e com Tiago. - Cordial: Diogo aceita ir à festa de Tiago, na qual estará Vasco, mostrando-se adulto e respeitador face ao ex-namorado da sua atual namorada. - Consciente e responsável: a conversa que Diogo tem com Carlos no dia seguinte à festa mostra que ele tem consciência que ultrapassou os limites, não sendo capaz de trabalhar nesse dia. Diogo diz não querer repetir.
Linguagem verbal	- “Somos adultos, sabemos conviver”: esta expressão refere-se a Vasco e traduz a cordialidade que Diogo nutre em relação ao ex-namorado de Clara. - “Tiago, o Carlos ficou amuado por não ter sido convidado para a festa” e “tu realmente só ouves o que queres”: estas duas afirmações surgem em jeito de provocação e aludem ao carácter divertido de Diogo. - “Eu nunca mais me volto a meter numa destas”: esta frase evidencia a ressaca pela qual Diogo passou e alude a uma certa consciência e responsabilidade.
Linguagem corporal	- Na sociedade recreativa, Diogo bebe uma cerveja na companhia de Vasco. O protagonista está entusiasmado a falar de futebol, gesticulando nesse sentido. - Na festa, Diogo está de copo na mão, com um semblante preocupado face à permanência frequente de Carlos na casa de banho. - Na rádio, no dia seguinte à festa, Diogo apoia a cabeça nos braços, sobre a mesa. Bebe água e ri-se com mais uma ida de Carlos à casa de banho. Diogo está visivelmente abatido com a ressaca.
Marcas de controlo	- O facto de neste e em todos os episódios desta temporada analisados até aqui, Diogo não trabalhar pode inferir que ele é um homem com poder financeiro,
Marcas relacionais	- Diogo e Clara namoram (conclusão inferida através da conversa mantida na barbearia). Carlos é o seu melhor amigo, mas Tiago também parece ser uma boa companhia.

Análise Protagonistas: 40º episódio - Clara Rodrigues

Mais uma vez, Clara não surge neste episódio, logo não será realizada qualquer análise a seu respeito.

60º Episódio: “Quando o melhor a fazer é mentir” (4ª temporada)

A história deste capítulo gravita sobre a feira de enchidos que o posto da GNR de Beirais está a organizar e o vegetarianismo de Joaquim Brito. O cangalheiro está apaixonado por Luna, uma mulher vegetariana e naturalista, que chegou a Beirais. Para a agradar, começou a ter hábitos diferentes, deixando de consumir, pelo menos aparentemente, carne. Sempre que a vê, Quim discursa sobre o vegetarianismo e a proteção animal e come vegetais. Contudo, por exemplo na sociedade recreativa, quando Luna sai, Quim enche o prato de comida pouco concordante com o que apregoa. Já no posto da GNR, aquando da feira dos enchidos, Quim conta a Moisés que lhe custa não comer nada. Como tal, rouba alguma comida para comer na agência funerária. Ainda no posto da polícia, onde também estavam os protagonistas, Quim faz um discurso radical, que ninguém compreende. À porta da agência funerária, Quim come apressadamente, engasgando-se com chouriça. Vários populares juntam-se para o acudir, mas é Olga Fontes que o salva. O pedaço de carne é expelido no sentido de Luna, que se apercebe de toda a verdade. Já dentro da agência funerária, Quim fica em pânico por causa de Luna e a sua nova estratégia passa por fazê-la comer carne.

Na mercearia, Manuel Pedroso recebe uma carta que dá conta que é o homem que mais contribui para o desenvolvimento local, recebendo um prémio nesse sentido. Alzira Pedroso e Olga Fontes, que estão no local, acham que também deviam ter sido distinguidas. A história sofre uma passagem temporal de quatro dias, período em que Alzira esteve adoentada não podendo assistir ao discurso de entrega do prémio do marido. Perante a conversa de Alzira, Manuel diz que ela foi a primeira pessoa a quem agradeceu, no entanto, tal não corresponde à verdade. Para tentar solucionar a situação, e já que Manuel e Tânia garantiram a Alzira que gravaram o discurso, Manuel pede à filha para gravarem um novo discurso. Embora não concorde, Tânia ajuda-o. Pai e filha gravam o vídeo na sociedade recreativa, sobre o olhar reprovador de Hortense Pedroso, que discorda com a mentira. No final do episódio, e ao ver o vídeo, Alzira percebe que o marido lhe mentiu pois a camisa que apresenta na gravação não foi a mesma que levou para a entrega de prémios, já que tem uma cor diferente.

A meio do episódio, Olga toma as rédeas do consultório, devido ao atraso de Nuno Aires. Ao ver aquele cenário, o médico local mostra-se desagradado, mas a sogra explica que o que as pessoas desejam é conversar.

Tabela 44 - Análise Protagonistas: 60º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo surge como locutor da Beirais FM.
Vestuário	- No posto da GNR, Diogo utiliza camisola branca e camisa rosa.
Meio habitacional	- Neste episódio não é apresentada a casa do protagonista.
Objetivos de vida	- Não é possível fazer considerações sobre esta matéria devido à insignificante participação do protagonista no capítulo.
Traços de personalidade	- Divertido, provocador e irónico: estas três particularidades emergem nas cenas em que Diogo entra e demonstram o seu carácter descomplicado e bem-humorado.
Linguagem verbal	- “Grande carga de ombro, Tó Zé”: Diogo refere-se ao encontro que Olga dá ao barbeiro quando vai salvar Quim. Esta frase induz o carácter divertido e provocador do protagonista. - “Obrigado dona Olga pelo seu otimismo e humildade”: esta expressão visa contrapor, ironicamente, a soberba da mãe de Susana.
Linguagem corporal	- Diogo está na festa dos enchidos organizada pelo posto da GNR. Encontra-se numa zina discreta, enquanto come e olha perplexo para o discurso de Quim sobre o vegetarianismo. - À porta da agência funerária, Diogo olha surpreso para a manobra de salvamento que Olga aplica a Quim. Diogo ri de braços cruzados ao dirigir-se a Quim e à pancada que Olga lhe deu. - Na rádio, Diogo sorri irónico e por compaixão perante as palavras de Olga.
Marcas de controlo	- Não é possível indagar sobre esta temática neste episódio.
Marcas relacionais	- Diogo namora com Clara Rodrigues.

Análise Protagonistas: 60º episódio - Clara Rodrigues

Embora Clara Rodrigues aparece numa das cenas do episódio 60 da 4ª temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, a sua participação é residual e sem oferta narrativa. Clara sugere com Diogo na prova de enchidos do posto da GNR, mas não esboça qualquer consideração. Neste sentido, a personagem mencionada não será alvo de análise.

80º Episódio: “Eu quero buzinar o calhambeque” (4ª temporada)

No largo da igreja, grande parte dos membros da aldeia aguardam a chegada do novo autocarro da aldeia, contudo, Carlos demora mais do que o esperado. O objetivo é celebrar a nova viatura de Beirais, tendo sido para isso, solicitada a presença da banda local e comprado champanhe. Enquanto o motorista da camioneta chega e não chega, a história regressa a dias anteriores. Carlos quer comprar um autocarro com um valor muito superior ao disponibilizado pela junta pois considera que, se é para mudar, tem de ser para melhor. Diogo Almada alerta-o para que deveria apenas consultar “camionetas” dentro dos limites estipulados, mas Carlos não o ouve. Mais adiante no episódio, Diogo e Fernando Campos Ribeiro esperam por Carlos, na rádio, para fazerem um programa sobre paternidade. No entanto, ao chegar, Carlos pede dinheiro aos presentes para adquirir determinado veículo. Fernando diz, de imediato, que não é o “cofre da junta” e Diogo confessa ter uma dívida que o impede de entrar com dinheiro. Sensibilizado com a postura do melhor amigo e na eventualidade de ele ter de entrar, sozinho, com a quantidade do capital necessário, Diogo oferece 500€. Regressando ao momento atual, no largo da aldeia, todos anseiam a chegada de Carlos. Uns falam em acidente e outros, como Diogo, em eventuais disparates realizados por Carlos. Este chega ao local, conduzindo um autocarro velho e lento. Todos ficam chocados com o que veem, mas Carlos defende o seu negócio com o facto de a viatura ter história e já ter transportado a seleção portuguesa de andebol. Já no final do episódio, na junta, Carlos, Diogo, Patrícia Moreira, Júlio Gameiro e Manuel Pedrosos tentam resolver a situação. Carlos mostra-se consciente da má compra que fez, mas garante que ainda sobrou dinheiro. É então que Diogo pensa em arranjar a carrinha com o dinheiro restante. Todos celebram e reinauguram a viatura, agora com menos população no largo.

O episódio apresenta mais algumas realidades, enquanto aguardam pela chegada da carrinha ou enquanto comentam sobre a sua volatilidade. Susana Fontes está grávida e Luís Assunção faz entregas de produtos e entrou na faculdade. O estudo de Luís e a falta de sossego, levou-o a irritar-se, por diversas vezes, neste episódio. O ex-padre não consegue estudar nem em casa, nem na sociedade recreativa, nem na barbearia, já que era permanentemente interrompido. O refúgio de Luís passou a ser a sacristia

Neste episódio também é possível verificar que Rita Santiago teve e readquiriu hábitos tabágicos. Enquanto preparavam um quarto, Clara Rodrigues descobriu um maço de tabaco e refletiu sobre os vícios e a incompreensão que tem em relação a quem consome. A partir daí são diversos os momentos em que se vê Rita a fumar. Tiago Nogueira pensa que o cheiro a fumo que passou a existir em casa é culpa das crianças e Rita não desfaz o lapso. Tiago confessa nunca ter tido uma namorada fumadora, não compreendendo tal hábito.

Vasco Nogueira acaba por assumir as culpas no lugar da cunhada, que lhe garante repor a verdade.

Tabela 45 - **Análise Protagonistas: 80º episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo aparece por duas vezes a realizar emissões de rádio.
Vestuário	- Enquanto esperam pela chegada da nova carrinha para a aldeia, Diogo utiliza uma camisola grossa e um casaco com garruço. - Quando se dá o recuo temporal de um dia, Diogo apresenta-se de camisola escura e camisa branca.
Meio habitacional	- Neste episódio a residência de Diogo não é contemplada nas imagens.
Objetivos de vida	- O capítulo em análise evidencia que o principal objetivo de Diogo é ajudar Carlos a sair da “aventura” em que se meteu.
Traços de personalidade	- Divertido e irónico: estas características ganham relevo nas duas cenas em que Diogo se encontra na rádio e no momento em que as principais figuras da aldeia reúnem com Carlos na junta. O seu objetivo é sempre provocar a boa disposição nos presentes e apresentar, embora de forma contida, a sua opinião sobre os diversos assuntos. - Sensato, responsável e consciente: estas particularidades exacerbam-se quando Diogo tenta convencer Carlos que a carrinha a comprar deverá estar dentro dos limites financeiros estipulados pela junta. Para além disso, quando ele próprio revela ter limitações financeiras, a responsabilidade e a consciência de Diogo exaltam-se. -Otimista: Esta característica destaca-se quando Diogo arranja uma solução para melhorar as condições da carrinha. - Preocupado: O facto de conhecer bem o seu melhor amigo deixa-o apreensivo face ao eventual negócio que Carlos irá concretizar.
Linguagem verbal	“14 mil, Carlos? Nós só temos 8 mil porque é que não estás a ver camionetas abaixo de 10 mil”: esta pergunta traduz a indignação de Diogo perante a falta de responsabilidade de Carlos. Realça a sensatez que caracteriza Diogo. “Só é um achado se tiveres de o procurar, onde é que vais arranjar mais 6 mil euros?”: esta questão inicia-se em tom de provocação e alude ao sentido irónico e responsável que norteiam o protagonista. “Começo a ter medo que ele tenha feito alguma das dele” e “ele a mim disse-me só que íamos ficar todos surpreendidos”: estas declarações foram proferidas no largo enquanto a aldeia esperava pela chegada de Carlos. O protagonista demonstra-se preocupado pela demora do amigo e reforça a ideia de que o conhece bem. Estas situações explicitam o carácter perspicaz, preocupado e observador de Diogo.

	-“Se ele fez as contas bem, 2 mil euros calham-me a mim, não pode ser, eu não posso ajudar-te Carlos, tu sabes que me apareceu aquela dívida para pagar”: mais uma vez, esta expressão denota a sensatez de Diogo, uma vez que, declara não poder entrar em devaneios financeiros por conta de uma dívida, espelhando também a sua reprovação face à compra que Carlos quer executar. -“Tu entras com o dinheiro? Tu não tens onde cair morto, além disso a Nazaré nunca te deixava entrar numa aventura destas”: Diogo revela-se irónico e consciente da situação financeira do amigo, o que demonstra que o conhece bem e que é sensato. -“Esta era a altura em que fazíamos um discurso e provávamos todos gostar da camioneta nova”: o carácter divertido e provocador de Diogo volta a sobressair, uma vez que, a frase que profere é dita num momento de tensão visando amenizar toda a situação. -“Até fizeste um bom negócio, fazemos-lhe uma revisão e fica como nova”: esta sugestão de Diogo destaca o seu otimismo e positividade e invoca a sua determinação em ajudar o amigo.
Linguagem corporal	- Quando Diogo está na sociedade recreativa a ver as imagens que Carlos vai comprar, Diogo está de braços cruzados e com um semblante de preocupação e de incredibilidade. - Diogo permanece de braços cruzados e de pé enquanto aguardam pela chegada de Carlos no largo. - Diogo leva as mãos à cabeça ao saber que Carlos quer avançar com o investimento. - Diogo olha com perplexidade e de forma reprovadora para a carrinha com que Carlos chega a Beirais. - Na junta, Diogo transita entre braços cruzados ainda em sinal de choque perante o que viu e uma expressão facial entusiasmada, ao arranjar solução para o problema da carrinha. - Diogo dá uma pancada no pescoço de Carlos em tom de brincadeira. - Diogo participa no (re) batismo da nova camioneta de Beirais com ar risonho e satisfeito.
Marcas de controlo	- As dívidas que Diogo menciona ter e o reduzido contributo que pode dar para a compra da carrinha são fatores que levam a considerar que o protagonista tem, nesta fase da narrativa, alguns problemas financeiros.
Marcas relacionais	- Não é possível perceber se Diogo mantém uma relação com Clara, conforme acontecia no episódio 60. As demais relações de amizade apontadas até aqui mantêm-se.

Tabela 46 - **Análise Protagonistas: 80º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Neste episódio, Clara surge a trabalhar na casa de turismo, a arrumar os quartos.

Vestuário	- Aquando de um dos recuos temporais realizados neste episódio, na casa de turismo, utiliza calças pretas, blusa branca, casaco de malha preto e um lenço.
Meio habitacional	- O facto de não existirem indicações diretas (por via dos cenários ou diálogos) e não se saber se a protagonista mantém ou não uma relação com Diogo, não permite executar considerações relativas a este indicador.
Objetivos de vida	- A reduzida incidência da personagem não permite indagar sobre este tema.
Traços de personalidade	- Consciente e responsável: A aversão ao consumo de tabaco revela que Clara privilegia a saúde, tendo consciência dos perigos que este vício acarreta para o ser humano.
Linguagem verbal	- “Tu fumavas?” “Não sabes que isso faz mal?” e “nunca percebi esse apelo dessas pessoas que são viciadíssimas no tabaco”: estas expressões indicam que Clara é uma mulher conscienciosa, dando valor à qualidade de vida. Transmitem também indignação e perplexidade face à confirmação de que a sua melhor amiga outrora fumava.
Linguagem corporal	- Na casa de turismo, Clara ajuda Rita a arrumar um dos quartos: dobra roupa da cama, pega numa espécie de manta e algo cai. Clara apanha um maço de cigarros que caiu. - Clara sai do quarto da casa de turismo com uma pilha de roupa nas mãos.
Marcas de controlo	- Não é possível retirar conclusões a este respeito, neste episódio.
Marcas relacionais	- Não é claro se esta personagem tem ou não um relacionamento com Diogo. Rita Santiago é a pessoa mais próxima de si.

100º Episódio: “Zona livre de porcos industriais” (4ª temporada)

A casa de turismo de Beirais recebe a demonstração de um *robot* de cozinha, à qual assistem as mulheres da aldeia, nomeadamente, Clara Rodrigues. Falam em praticidade, em poupança de tempo e em melhoria da sua qualidade de vida. Das presentes, apenas Olga Fontes coloca entraves e desconfianças à máquina. Na sociedade recreativa, Clara, Susana Fontes, Nazaré Batista e Marina de Jesus confessam querer adquirir o *robot*. Tal possibilidade desagrada os respetivos companheiros. Carlos Batista, Luís Assunção, Diogo Almada e Nuno Aires consideram que a comida feita de forma caseira pelas mulheres tem mais qualidade, com um tempero que nenhuma máquina conseguirá assumir. Neste sentido, na fase final do episódio, os homens pedem às mulheres para não adquirirem a máquina de cozinha. Perante esta solicitação, as mulheres apresentam algumas imposições, que os homens aceitam, forçadamente (ex: os homens têm de aprender a

cozinhar; se as mulheres cozinham os homens lavam a loiça: prepararem um jantar romântico uma vez por semana, etc).

Neste episódio, fica a saber-se que Agostinho Puga é eurodeputado, em Bruxelas. Fernando Campos Ribeiro convida-o para almoçar e, na casa do vilão, os dois homens conversam sobre o futuro do ex-autarca beiralense. Agostinho quer regressar à presidência da junta de Beirais, quando sair de Bruxelas. No entanto, o facto de querer manter o estatuto leva-o a desejar que Beirais se torne na melhor aldeia de Portugal. Neste sentido, Fernando sugere-lhe apresentar uma proposta, nesta fase, à assembleia e à junta de freguesia de forma a melhorar a qualidade de vida dos beiralenses e de forma a promover os pequenos produtores. Fernando defende a criação de uma zona protegida de porcos industriais. Agostinho aceita e apresenta a medida a Patrícia que percebe que o objetivo é prejudicar Leonel Alves, o único produtor industrial de porcos da região. Patrícia não quer conflitos. Neste sentido, Agostinho e Fernando dirigem-se ao posto e exigem que os GNR vão para a estrada nacional realizar esse controlo. No final do episódio, Leonel vai ter com Fernando questionando tal medida. Fernando avisa-o que se ele deixar de usar as águas dos aquíferos da sua fábrica, deixará de ter entraves na circulação de porcos por Beirais. Com a sua situação privada resolvida e após Agostinho lhe dizer que a medida foi chumbada, Fernando sugere-lhe que apresente a medida quando voltar à junta, para que os louros do sucesso fiquem só para si.

Constata-se, também, que Alzira Pedroso pensa ser descendente de uma família poderosa, rica e com elevado estatuto. Contudo, em conversa com pessoas mais velhas da aldeia percebe que os seus parentes eram pessoas pobres e pouco marcantes de Beirais.

Tabela 47- Análise Protagonistas: 100 º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, não é mencionado nem apresentado Diogo em nenhum dos seus ofícios.
Vestuário	- Na sociedade recreativa, Diogo veste uma camisola preta e um casaco azul.
Meio habitacional	- No 100º episódio da quarta temporada desta produção, em nenhum momento é apresentada a residência de Diogo.
Objetivos de vida	- Diogo não apresenta, neste episódio, objetivos estruturais, contudo, é possível perceber que deseja que Clara o continue a mimar com os seus cozinhados.
Traços de personalidade	- Mimado: esta característica manifesta-se não só pelo facto de Diogo não querer que Clara compre a máquina de cozinha, garantindo a qualidade dos seus cozinhados, mas também quando Diogo se mostra desagradado por ter de colaborar nas lides domésticas.

	- Provocador e irónico: estas particularidades exacerbam-se nas expressões faciais e intervenções de Diogo quando fica a saber das imposições de Clara.
Linguagem verbal	- “Isso elas não fazem por melhores que sejam”: diz Diogo a propósito da falta de tempero que os cozinhados feitos pelos robots têm. Esta afirmação expõe a dependência que Diogo (e os restantes homens presentes) tem dos cozinhados de Clara. - “Claro eu até gosto de lavar a loiça”: esta frase surge em resposta a uma das medidas impostas pelo grupo feminino e traduz, em simultâneo, o carácter irónico e provocador de Diogo e a sua irritabilidade e desconforto.
Linguagem corporal	- O protagonista olha Clara, na sociedade recreativa (tal como Luís, Nuno e Carlos) de forma perplexa e de braços cruzados. - Diogo olha chocado para as imposições feitas e embora tente disfarçar o seu desagrado com um sorriso, o facto é que não consegue.
Marcas de controlo	- Não é possível retirar conclusões desta natureza.
Marcas relacionais	- Diogo namora com Clara Rodrigues e os seus amigos mais próximos são Carlos batista, Nuno Aires e Luís.

Tabela 48 - **Análise Protagonistas: 100º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Neste episódio, é possível perceber - através da prontidão em servir bebidas na sessão de demonstração na casa de turismo - que Clara trabalha ali.
Vestuário	- Clara utiliza uma blusa branca e um lenço, quando assiste à demonstração do robot de cozinha. - Na sociedade recreativa Clara surge com uma blusa vermelha e um lenço.
Meio habitacional	- O episódio em análise não fornece dados suficientes para retirar conclusões desta natureza.
Objetivos de vida	- É perceptível que os principais objetivos de Clara são: melhorar a sua qualidade de vida e repartir as lides domésticas com Diogo.
Traços de personalidade	- Defensora da igualdade de género (feminista): As divisões de tarefas impostas pelo grupo feminino da telenovela, no qual se inclui Clara, permitem inferir que esta defende a igualdade de género, compreendendo bem quais os seus limites e responsabilidades. - Amor próprio: o facto de Clara querer comprar a máquina de cozinha para melhorar a sua qualidade de vida faz evidenciar-se esta característica. - Divertida: as imposições que são estabelecidas, são ditas com um toque de ironismo e provocação, visando nitidamente, deixar os homens constrangidos.
	- “É um investimento para melhorar a nossa qualidade de vida”: esta

Linguagem verbal	convicção exprime a determinação de Clara em adquirir o robot de cozinha e reforça o seu amor próprio. - “Se a mulher cozinha o homem lava a loiça”: esta é uma das medidas para que não adquira o robot de cozinha. A divisão de tarefas traduz a igualdade do género que Clara defende.
Linguagem corporal	- Clara olha sorridente para o robot de cozinha que lhe é apresentado. Levanta-se para ir buscar uma garrafa de vinho para todas as presentes beberem. - Clara, tal como as restantes esposas, apresenta de braços cruzados e com um sorriso provocador, quais as condições para não comprarem a máquina de cozinha.
Marcas de controlo	- O facto de ter trabalho e de ter manobra financeira para adquirir uma máquina de cozinha, pelo conforto que ela acarreta, permite inferir que Clara é uma mulher de classe média.
Marcas relacionais	- Clara namora com Diogo Almada. Neste episódio, as suas principais cúmplices são Susana Fontes, Nazaré Batista e Marina de Jesus.

120º Episódio: “Um grande casino Palermo” (4ª temporada)

Joaquim Brito e Moisés Lameiro estão falidos depois de uma ida ao casino. Embora pensem em largar esse hábito, o facto de ouvirem Vasco Nogueira a falar sobre os casinos de Macau, leva-os a querer tornar a agência funerária numa casa de jogo. Sem licenças atribuídas, a agência funerária abre portas com esta nova função. Olga Fontes é uma das clientes, embora comece por dizer que aquilo é pecado. Júlio Gameiro e Vitor Lobo também vão ao local e, apesar de reconhecerem a ilicitude do negócio, jogam em várias máquinas. Na primeira noite, o negócio deu menos do que o esperado. Patrícia Moreira fica a saber do sucedido e mostra-se desiludida com o namorado. Diz que os casinos são “templos de vícios” e que estragam vidas. Perante a insatisfação da professora, Moisés quer abortar o negócio. Ao saber disto e depois de ver as autoridades a jogar ao galo, Quim tem uma outra ideia. Vai de imediato falar com a professora e garante-lhe que o que fazem na agência funerária é legal e saudável, não havendo motivos para se chatear com Moisés. A agência funerária passou a receber jogos tradicionais o que trouxe mais clientes ao local.

Noutro ponto narrativo, fica a saber-se que Sandro Pedroso trabalha para uma marca de moda italiana e é pai de Carlo. O jovem regressa à aldeia de surpresa para agrado dos familiares. Manuel Pedroso parece ser o que tem mais saudades, não deixando o filho ir para lado nenhum com outras pessoas. Manuel faz questão de estar permanentemente com Sandro, não deixando o filho ir ter com a mulher e Carlo. Tal situação provoca desagrado no estilista e uma discussão entre os dois. A desavença termina favoravelmente no final do episódio.

Verifica-se ainda, que Carlos Batista e Agostinho Puga querem tornar Beirais num território soberano, independente do resto do país. Para tal, já enviaram uma carta ao Presidente da República e ao Primeiro Ministro, mas não obtiveram resposta. Os dois amigos acham que Viriato Montenegro será a pessoa ideal para os ajudar, mas o idoso acha tudo um disparate.

Análise Protagonistas: 120º episódio – Diogo Almada + Análise

Protagonistas: 120º episódio - Clara Rodrigues

Os protagonistas não participam no episódio 120 da 4ª temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, razão pela qual não serão alvo de análise.

140º Episódio: “Bomba surpresa” (4ª temporada)

Na barbearia de Tó Zé Candeias, o episódio inicia-se sem água quente, pelo que Manuel Pedroso está no local. O mecânico da aldeia está a furar a parede com o objetivo de chegar ao cano da água, enquanto Tó Zé faz a barba a Fernando Campos Ribeiro. Porém, em vez de chegar ao cano da água, Manuel descobre um objeto não identificado, com o tamanho semelhante a uma panela. Fernando alerta para que pode ser uma bomba, o que deixa os presentes sobressaltados. Decide-se, pois, chamar o cabo Júlio Gameiro. No local, o GNR estipula uma distância de segurança do objeto. Já no posto, Júlio tenta contatar a brigada de minas e armadilhas que, perante o que este lhe diz, não acreditam na existência de uma bomba. Perante tal incompreensão, Júlio decide resolver o problema, ficando, por consequência, bem visto pelos beiralenses. Júlio pede ajuda a Vitor Lobo para esta missão. Fernando e Manuel ponderam sair dali, mas Tó Zé diz que ficará no local pois, assim, consegue agir, presencia um ato histórico e as mulheres reconhecem-lhe coragem. Os cabos da GNR regressam ao local. Vitor utiliza um fato de apicultor, seguindo as ordens de Júlio, que não se aproxima do objeto. Visivelmente desconfortável com a situação, Vitor começa a mexer no objeto e verifica que este tem uma marca inscrita: “Termo Serra”, uma marca de fornos. O mistério é desfeito e Tó Zé recorda que, aquando das obras de remodelação da barbearia, um dos construtores estava sempre com fome. Manuel pega no forno e leva-o para a oficina, com o objetivo de o arranjar. O barbeiro confessa, já sozinho, preferir que se tratasse de um micro-ondas, já que o seu se estragou no dia anterior.

Noutro ponto da história, apura-se que Agostinho Puga quer criar uma linha de roupa em pareceria com Sandro Pedroso. O objetivo do ex-presidente da junta de Beirais é incluir na coleção, de alguma forma, a beterraba, legume que produz. Sandro não se mostra interessado na proposta, já que trabalha para grandes marcas internacionais. São vários os

momentos em que os dois conversam, embora o filho de Manuel se mostre sempre irredutível. Na última conversa que tiveram, Agostinho acusa-o de não querer fazer nada pela aldeia. No final do episódio, Sandro vai ter com Agostinho à rádio – Agostinho vai falar sobre a importância e benefícios da beterraba na “Beirais FM” -e diz-lhe que aceita a sua proposta. Sandro propõe fazerem uma coleção para o próximo inverno já que, inverno implica mais roupa e, por consequência, mais destaque da beterraba. Diogo anui, corroborando com a ideia. Agostinho não percebe que Sandro está a tomar aquela posição para que ele não o chateie mais.

Na mercearia, Alzira Pedroso sofre com falta de trocos, pelo que o padre Justino lhe cede os da caixa das esmolas. Esta ação é amplamente criticada por Olga Fontes já que, o dinheiro das esmolas é dado pelos fiéis, tendo sido escolhidas as melhores moedas para serem entregues ao Senhor. Olga alude também, ao facto de, na mercearia, o dinheiro sagrado servir para alimentar vícios como o tabaco, o álcool ou os doces. Neste sentido, Olga faz uma lista a Alzira na qual estão mencionados quais os produtos com que não pode fazer o troco com aquele dinheiro. Alzira aceita e o padre Justino aconselha-a a guarda a lista, para uma eventualidade. Os dois concordam em não cumprir tais imposições e o padre de Beirais fala em “verdade conveniente”:

Análise Protagonistas: 140º episódio – Diogo Almada

Diogo Almada surge apenas na última cena do episódio em análise e a sua intervenção é residual, pelo que não merece a ampla análise em tabela. Destaca-se apenas que Diogo presencia a conversa entre Sandro e Agostinho, na rádio, percebendo quais os objetivos do filho de Alzira: adiar a coleção de roupa, cor beringela, com Agostinho. Tal é perceptível através dos sorrisos irónicos que apresenta, dos acenos com a cabeça, bem como através de simples intervenções verbais que executa (e que corroboram o que Sandro diz).

Análise Protagonistas: 140º episódio - Clara Rodrigues

No episódio 140 da quarta temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, a personagem de Oceana Basílio não comparece em nenhuma das cenas, motivo pelo qual não será realizada qualquer tipo de análise a seu respeito.

160º Episódio: “Maiores e por vacinar” (4ª temporada)

Na sociedade recreativa, está exposto um edital que dá conta de que o consultório está a vacinar toda a população, nesse dia. Carlos Batista, Manuel Pedroso e Fernando Campos

Ribeiro dizem estar ocupados, não podendo ser inoculados. Os três vão ao consultório esclarecer algumas dúvidas, mas assim que Nuno Aires diz que a podem tomar naquele momento, os três homens dizem ter coisas para fazer. Mais tarde, Manuel, Carlos e Fernando falam na liberdade que têm em escolher não ser vacinados. O médico de Beirais confronta-os com o medo, que não assumem ter, mas que se denota em todas cenas, em serem vacinados. Os três desmentem tal sensação e fogem. Nuno alerta-os para que aquele é um ato cívico, que ajudará toda a população. Nuno avisa-os que, no final do dia, irá ter com eles. Já no término do episódio, observa-se que Nuno oferece um bolo a Carlos, na rádio, inoculando-o enquanto come, sem o radialista dar conta. O médico de Beirais confessa que fez o mesmo com os restantes receosos.

Na sacristia, Justino pede a Matias para restaurar uma imagem sagrada. Não é perceptível qual a imagem em questão, pelo que é fundamental investigar, de forma a não tornar uma imagem noutra. Neste sentido, Matias sugere falarem com Olga Fontes. Esta diz saber bem de que imagem se trata, apesar de na sua tese não ir ao encontro da do padre Justino. A mãe de Susana Fontes alega que toda a vida conheceu aquela imagem na igreja e que é uma das suas santas devotas. Na casa de turismo, Marias segue as instruções de Olga, apesar de considerar estranho alguns pormenores. Segundo a beata, a imagem tem cabelo curto, véu, bochechas rosadas e óculos, características pouco vulgares em imagens religiosas. Ao entrar na sala de restauro, Justino percebe que a imagem se assemelha a Olga. Esta deu indicações, conscientes, nesse sentido. Olga fica envergonha e Justino fala-lhe em pecado, o que a coloca em pânico.

Joaquim Brito oferece-se para apanhar o cabelo da barbearia. Tó Zé Candeias acha estranho e dúvida da sua boa vontade, mas aceita a ajuda. Em conversa com Marna de Jesus e Lucina Silva, na sociedade recreativa, fica a saber-se que Quim faz o mesmo no cabeleireiro da aldeia. Neste sentido, Tó Zé e Lucinda vão à agência funerária e escutam uma conversa entre os cangalheiros, na qual fica claro que eles estão num negócio em que recebem um euro por cada grama de cabelo. Confrontados com a situação, os cangalheiros alegam estar envolvidos num negócio de perucas. Os lesados propõem um acordo: só lhe cedem o cabelo dos clientes que concordem com a doação do mesmo e se os cangalheiros cortarem, também os seus.

Análise Protagonistas: 160 º episódio – Diogo Almada + Análise Protagonistas: 160º episódio - Clara Rodrigues

No episódio em análise, Diogo e Clara não surgem em nenhum momento, mais uma vez. Isto significa que não será feita qualquer análise a seu respeito, no âmbito deste capítulo.

180º Episódio: “Como prender um homem” (4ª temporada)

Neste episódio, a história gravita sobre o novo negócio de Nazaré Batista. Numa primeira fase, não se sabe do que se trata. Sabe-se, apenas, que é algo que melhora a qualidade de vida das mulheres e que os homens também gostam. Ao longo do episódio percebe-se que a maioria das mulheres beiralenses está satisfeita com os produtos. A exceção vai para Olga Fontes que acha ser tudo “uma ordinarice”. Tal situação leva-a a falar sobre a sua vida privada na rádio local. Perante um eventual pecado, Olga vai confessar-se. No final do episódio e depois de muito criticar, Olga deseja entrevistar Nazaré sobre o conteúdo da mala que transporta. Segundo Diogo Almada, esta é uma forma de publicitar o negócio da esposa do seu melhor amigo. Todavia, ao saber o que Nazaré vende são utensílios de cozinha, Olga cancela a conversa.

O 180º episódio da quarta temporada desta telenovela, dá também conta da morte de um familiar de Júlio Gameiro. Este pensa que ficará com a fortuna desse familiar e com uma mansão em Cascais. Júlio começa a adquirir hábitos que considera ser de pessoa rica. O GNR deseja, também, trocar a mansão que vai herdar pela casa de Viriato Montenegro, em Beirais. Contudo, o idoso não aceita tal proposta.

Os desejos alimentares de Alexandra Vidal indicam uma possível gravidez. A jovem confessa à cunhada querer ter mais filhos, mas não neste momento. Alzira e Manuel Pedroso desconfiam que poderão voltar a ser avós e a dona da mercearia apresenta este como um facto, num jantar de família. Xana e Sandro Pedroso vão à cidade fazer o teste de gravidez, que dá negativo. Os familiares ficam tristes pois já sonhavam com um novo membro na família. Sandro diz à mãe que, quando Carlo for maior, lhe darão um irmão.

Tabela 49- **Análise Protagonistas: 180º episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Embora Diogo não surja na rádio, é feita menção à sua relevância na Beirais FM, já que, foi ele quem autorizou a entrevista de Olga a Nazaré.
Vestuário	- Na sociedade recreativa, Diogo usa camisola preta e camisa rosa. - Na barbearia, Diogo surge a cortar o cabelo tendo, como tal, uma bata sob a roupa que impede de vislumbrar a sua indumentária.
Meio habitacional	- No capítulo em análise, o cenário da casa de Diogo não é apresentado.
Objetivos de vida	- O episódio não fornece dados suficientes para retirar conclusões sobre esta matéria.
	- Irónico e provocador: estas particularidades manifestam-se na conversa com Júlio onde, nitidamente, Diogo visa brincar com o GNR

Traços de personalidade	dizendo-lhe que beber chá não varia do campo para a cidade. - Otimista: o facto de Diogo considerar que é possível Olga fazer uma boa entrevista a Nazaré sem a ofender, conhecendo a sua personalidade, alude a um enorme otimismo e positivismo de Diogo. Diogo mostra-se confiante face à autorização que deu. -Amigo: Diogo mostra-se amigo do seu amigo quando elogia os produtos de Nazaré e quando lhe oferece tempo de antena para promover o seu negócio. Diogo quer ver as pessoas que o rodeiam bem.
Linguagem verbal	- “Eu acho que beber chá não faz muita diferença”: diz Diogo a Júlio quando ele treina como beber café de forma a equiparar-se a uma pessoa da cidade. Esta frase reforça o carácter bem-humorado e provocador de Diogo que refuta as considerações do GNR. - “É publicidade de graça” e “ao microfone, duvido”: estas intervenções mostram a confiança que Diogo deposita em Olga, acreditando que, em direto, Olga não dirá disparates e apresenta o motivo pelo qual Diogo autorizou a entrevista: ajudar a promover o negócio de Nazaré. Assim, constata-se que Diogo é um homem otimista e que gosta de ajudar os outros.
Linguagem corporal	- Diogo está de braços cruzados e com ar incrédulo, mas divertido, quando vê Júlio a treinar beber chá como pessoas finas. Diogo está sentado nos bancos do balcão da sociedade recreativa. - Diogo sorri quando diz a Carlos que Clara está muito satisfeita com os produtos que comprou a Nazaré. - Ainda na sociedade recreativa, Diogo mostra-se incrédulo e surpreendido com o teor da emissão de Olga na Beirais FM. - Na barbearia, Diogo está com um ar confiante face ao sucesso da entrevista com Nazaré, na rádio.
Marcas de controlo	- Não é possível executar considerações sobre esta matéria.
Marcas relacionais	- Diogo namora com Clara (relacionamento confirmado na conversa com Carlos) e Carlos mantém-se como o seu melhor amigo.

Análise Protagonistas: 180º episódio - Clara Rodrigues

Clara surge numa cena neste episódio, contudo, a sua intervenção é pouco significativa a nível narrativo, pelo que não será analisada. Constata-se, apenas, que a protagonista: está nos correios de Beirais, diz a Nazaré, sorridente, que está satisfeita com os produtos que lhe comprou, e sai, assim que Olga aparece.

200º Episódio: “A fotomontagem” (4ª temporada)

Na sociedade recreativa, Vasco Nogueira conta a Agostinho Puga, Carlos Batista e Tó Zé Candeias que tem fotografias com muitas figuras públicas. Os beiralenses mencionados ficam com inveja, desejando ter as mesmas experiências que o fotografo. Tó Zé quer expor fotografias de si com famosos na barbearia para a valorizar, Agostinho deseja o mesmo, mas para conseguir atingir novos cargos políticos e Carlos para mostrar aos visitantes. Na impossibilidade de arranjar as fotografias pretendidas, os três homens decidem fazer fotomontagens. Já na barbearia, Agostinho pondera roubar as fotografias a Vasco, mas Tó Zé e Carlos não concordam. Estes acabam por pedir as fotografias a Vasco, que lhas dá, pedindo apenas para que não as estraguem. No final do episódio, Carlos surge com várias fotomontagens, mal executadas. Nazaré Batista diz ao marido que descobriu a verdade sobre as fotografias já que, a pessoa em que a cara de Carlos foi colada é mais magra que ele. Nazaré acusa Carlos de ser invejoso e de imitar o barbeiro.

Na casa de turismo, Clara Rodrigues recebe um *e-mail* com um *link* para um *site* de crítica hoteleira. Neste são feitas várias críticas à “Casa da Aldeia” e proferidas mentiras sobre o local. Clara mostra a página a Rita Santiago que fica perplexa com o que lê. A protagonista lê o texto várias vezes e conclui que o *site* só pode ser da autoria de alguém de Beirais pois são tecidas referências muito precisas sobre o negócio. As amigas desconfiam de Fernando Campos Ribeiro. Neste sentido, dirigem-se a casa do vilão e acusam-no de querer destruir o seu negócio, mas o vilão nega qualquer responsabilidade. No dia seguinte, Rita diz a Fernando, na sociedade recreativa, que o caso foi entregue à judiciária e que os informáticos conseguem detetar a localização de quem criou as páginas, através do IP. No dia seguinte, Rita revela a Clara que o *site* foi apagado e que o que disse a Fernando era blefe.

Neste episódio, Alzira Pedroso comenta com Manuel Pedroso estranhar a demora de Hortense Pedroso. Manuel não está preocupado, mas Júlio Gameiro, que ouve a conversa, diz tratar-se de um desaparecimento. Neste sentido o GNR abre uma investigação e interroga Alzira, Luna e Julian. A primeira diz que a última vez que viu Hortense foi no dia anterior depois do almoço, já os dois jovens confessam ter levado Hortense à cidade, a casa de uma amiga. O facto de Luna e Julian terem sido os últimos a vê-la e não saberem o nome da amiga torna-os, segundo Júlio, nos principais suspeitos. Porém, a narrativa dá conta de que a idosa está nos correios de Beirais. Júlio faz-lhe várias questões para encerrar a investigação, mas Hortense declara que ele não tem nada a ver com a sua vida. A mãe de Manuel diz apenas ter ido ao cinema com as amigas ficando na casa de uma delas.

Análise Protagonistas: 200^o episódio – Diogo Almada

Diogo Almada não surge em nenhuma cena no episódio 200 da 4^a temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, motivo que justifica a ausência de análise da personagem no capítulo mencionado.

Tabela 50 - Análise Protagonistas: 200^o episódio - Clara Rodrigues

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Clara permanece como sócia e trabalhadora da “Casa da Aldeia” e apresenta-se como revendedora de uma marca de cosméticos, num momento de publicidade.
Vestuário	- Na casa de turismo, Clara utiliza uma camisola cinza e um lenço cor-de-rosa. Nas cenas seguintes, Clara aparece com o mesmo vestuário. - No dia seguinte, também na casa de turismo, Clara surge com uma saia branca, uma blusa laranja e um lenço.
Meio habitacional	- Não é possível fazer considerações desta natureza porque não é feita nenhuma referência visual ou verbal que confirme o local onde Clara pernoita (não se sabe se namora com Diogo e, por isso, reside em casa dele, ou se fica na “Casa da Aldeia”).
Objetivos de vida	- No episódio 200 da 4 ^a temporada de “Bem-Vindos a Beirais”, o principal objetivo de Clara é salvar o bom nome do seu negócio, descobrindo quem foi o responsável pela difamação no blog.
Traços de personalidade	- Perspicaz: esta particularidade manifesta-se quando Clara desconfia que foi alguém conhecido que escreveu críticas à “Casa da Aldeia” no blog e quando, por inerrância, chega à conclusão que foi Fernando. - Determinada: Clara não desiste enquanto não chega à conclusão de quem foi o responsável pela criação da página na internet. Clara mostra-se convicta e firme na sua vontade em descobrir a verdade. - Consciente e responsável: Clara mostra por diversas vezes que está preocupada com o futuro do seu negócio devido às considerações feitas na internet. Ela percebe que a “Casa da Aldeia” pode estar em risco e tem consciência das consequências que daí possam advir. - Justa: esta característica evidencia-se sempre que Clara mostra vontade em descobrir a verdade.
Linguagem verbal	- “Não é bom, não é bom... é mau”: esta expressão traduz, não só a indignação de Clara em relação àquilo que lê, mas também a consciência que a protagonista tem das consequências que daí podem advir. - “Eu, reduzida à loira da receção, é humilhante”, “tu não vês que isto está cheio de mentiras” e “eu não percebo porque é que alguém faz uma coisa destas”: são algumas das expressões que evidenciam a indignação de Clara e que fazem sobressair o seu sentido de justiça. - “Eu vou ler isto até ter uma ideia de quem possa ter sido”: esta frase

	evidencia a determinação de Clara. - “Só pode ser alguém que nos conheça, é demasiada coincidência” e “só pode ser alguém de Beirais”: estas conclusões são retiradas após Clara perceber que o <i>e-mail</i> se refere, por exemplo, “ao tipo da cidade” e “uma herança”. Assim denota a perspicácia da protagonista. - “É que não é só dizer mal, é mentir descaradamente, parece que não quer que venha cá ninguém”: esta expressão reforça o seu sentido de justiça, a sua responsabilidade face ao sucesso do negócio e a sua perspicácia em relação aos motivos que justificam tais ataques. - “É que estas críticas podem ser muito más para a casa de turismo”: esta consideração realça a preocupação que Clara sente em relação às difamatórias teses que foram apontadas ao seu negócio. Demonstram que a protagonista é uma pessoa consciente e responsável. - “Eu, computadores é só para receber e fazer reservas”: o contexto em que esta frase foi proferida, na sociedade recreativa em conversa com Fernando, acarreta um tom provocador e irónico com vista a deixar o vilão inquieto.- “Até tenho pena, gostava que o teu amigo tivesse conseguido agarrar alguma coisa para conseguirmos apanhar o Fernando”: Clara demonstra, pela primeira vez, ser vingativa. Esta frase mostra ainda que a protagonista não percebeu que a história que Rita contou sobre o amigo engenheiro informático era falsa.
Linguagem corporal	- Clara está debruçada sobre o balcão da receção da casa de turismo, enquanto lê algo no computador. - Clara faz um ar incrédulo e chocado após ler as críticas feitas à casa de turismo de Beirais. - Enquanto Rita lê o blog, Clara suspira. - Enquanto lê as considerações negativas sobre a casa de turismo, Clara tem as mãos na cintura. Debruça-se, posteriormente, colocando as mãos no queixo em frente ao computador. - Sentada no sofá, Clara lê atenta o <i>e-mail</i> que imprimiu. - Clara faz uma expressão facial que indica saber quem é o responsável por aquelas críticas. - Quando Clara confronta Fernando com a sua participação na difamação da casa de turismo, transitando entre braços cruzados e mãos na cintura. - Clara chega à sociedade recreativa e, juntamente com Rita, aproxima-se da mesa de Fernando. Durante toda a conversa, Clara mantém um ar sarcástico. Dirige-se, depois, para o balcão onde está Susana. Clara anui e sorri quando Fernando vai embora e Rita diz estar a fazer tudo para salvar o bom nome do seu negócio. - Clara entra na casa de turismo, apoia um braço no balcão da receção e faz um ar expectante em relação à continuidade do blog. Clara mostra-se, simultaneamente, surpreendida e desiludida com o <i>blaf</i> da amiga.
	- As roupas que utiliza e a vontade de fazer progredir o seu negócio

Marcas de controlo	são indicadores de que Clara é uma mulher de classe média, que tem de trabalhar para conquistar alguns luxos.
Marcas relacionais	- No episódio em análise, não é possível perceber se Clara mantém, ou não, um relacionamento com Diogo pois não é tecida nenhuma referência nesse sentido. Rita Santiago e Susana Fontes são as suas melhores amigas e Fernando Campos Ribeiro, o seu principal adversário.

220º Episódio: “O sono” (4ª temporada)

Durante a emissão, Carlos Batista adormece, dando-se uma “branca” na rádio. Diogo Almada acorda-o e confronta-o com o sucedido, mas Carlos diz estar apenas a fazer um exercício de relaxamento. Diogo pega na emissão e, algumas cenas depois, também ele é encontrado a dormir. Os locutores da rádio local conversam, na sociedade recreativa, sobre a estranheza do sucedido, ponderando terem algum problema de saúde. Tal situação leva-os ao consultório. Segundo Nuno Aires, Diogo e Carlos estão saudáveis, não havendo nenhum diagnóstico pejorativo a apontar. Neste sentido, o protagonista e o melhor amigo pedem a Nuno para ir analisar a rádio. Chegados ao local, Nuno percebe que o sono que assola os locutores provem das músicas calmas e repetitivas que transmitem. Diogo concorda com esta conclusão e Carlos decide alterar o estilo de músicas que emitem.

A GNR de Beirais é solicitada para colaborar no policiamento de um jogo de futebol, na cidade. Contudo, só pode ir um elemento do posto, o que gera discórdia entre Júlio Gameiro e Vitor Lobo. Para decidirem quem vai ao evento, decidem criar listas com o que cada um considera ser fundamental para o policiamento de um jogo. Zezinha é a responsável por escolher qual dos dois vai ao jogo. No entanto, perante listas tão disparatadas, ela acaba por mandar ir os dois. Momentos depois, Zezinha conta-lhes que o jogo será de futebol feminino e amigável, o que desagrada os GNRs. Nesse momento, nem Júlio nem Vitor querem ir à partida, passando a bola de um para o outro. Zezinha fica sentida, já que uma das atletas é sua prima.

O padre Justino pede a Matias que o acompanhe num batizado. Este diz ao sacerdote que nunca ajudou na missa, mas o padre quer a sua colaboração, de forma a evitar que Olga Fontes o acompanhe. Esta apercebe-se da conversa entre os dois e insiste em saber o tema. Algumas cenas depois e perante tamanha insistência, Justino confessa a Olga que o tema da sua conversa com Matias era um batizado. Olga tece várias teorias e conclui que Matias desempenhará as suas funções numa celebração batismal. Para a sossegar, Justino diz-lhe que os padrinhos do bebé não são crismados, o que faz com que Olga não queira, ela própria, colaborar já que diz ser m pecado.

Tabela 51 - **Análise Protagonistas: 220.º episódio – Diogo Almada**

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Mais uma vez, neste episódio, Diogo surge como locutor da Beirais FM.
Vestuário	- Na rádio, Diogo veste camisola preta e camisa azul aberta. Esta é a indumentária que utiliza na totalidade do episódio.
Meio habitacional	- No episódio 220 da 4ª temporada de “Bem-Vindos a Beirais” não é apresentada a casa de Diogo Almada, nem realizada qualquer referência a esta. Apenas se conhece um dos seus locais de trabalho: Cenário- Rádio Beirais FM.
Objetivos de vida	- Neste episódio, o principal objetivo de Diogo é descobrir a causa que motiva os seus adormecimentos na rádio.
Traços de personalidade	- Perspicaz: Diogo não considera normal adormecer durante a emissão de rádio e acontecer o mesmo a Carlos. Diogo desconfia que algo se está a passar e, em todas as cenas em que tal é mencionado, observa-se o seu caráter astuto. - Preocupado e intrigado: Diogo demonstra estar apreensivo, por via das expressões verbais e faciais que apresenta, com o que se anda a passar consigo e com Carlos. - Exagerado: o facto de Diogo considerar que se pode tratar de um problema de saúde, revela que o protagonista é hipocondríaco pois, o facto de adormecer esporadicamente, não é caso de alarme. Esta característica sobressai, ainda, quando Diogo corrobora com Carlos achando que o problema está no “ar” da rádio. - Verdadeiro, divertido e irónico: estas três características emergem em simultâneo, na última cena do episódio, na qual Diogo surge. O protagonista brinca com Carlos, considerado despropositada a nova estratégia do locutor para não adormecerem durante a emissão. Diogo di-lo na brincadeira e de forma bem-humorado, contudo, deixa transparecer as suas reais convicções.
Linguagem verbal	- “E tu sabes o que aconteceu enquanto fazias essa técnica de relaxamento? (...) Disseste que ias pôr uma musiquinha, a musiquinha passou e fez-se silêncio na emissão (...) só que depois ouviu-se um ronco”: esta frase é dita de forma irónica e provocadora, apanágio do carácter de Diogo. - “Desculpa lá Carlos, isto deixa-me preocupado: adormecer assim, no meio da emissão, sem mais nem menos” e “tu não achas suspeito temos adormecido os dois, no mesmo dia, na rádio?” : estas questões remetem para a preocupação e desconfiança que Diogo sente perante o sucedido. Traduzem uma certa perspicácia pois algo, de facto, viria a justificar esta sonolência. - “Eu acho que nós devíamos ver se temos algum problema de saúde”: esta expressão denota, ao mesmo tempo, preocupação e exagero pois

	o facto de adormecerem durante a emissão nunca está, à partida, associada a um problema de saúde. - “Só se metermos o ar condicionado no frio”: esta é a solução que Diogo dá para tentar evitar adormecer durante a emissão, o que revela desespero. - “O que é que essa cabecinha tortuosa engendrou desta vez?” e “com esta chinfrineira é impossível adormecer, agora eu duvido é que os ouvintes da Beiras FM voltem a sintonizar a rádio”: estas duas intervenções são proferidas num tom descontraído, provocador e irónico. No entanto, transmitem também, embora de forma subliminar, quais as verdadeiras opiniões de Diogo. Este considera Carlos uma pessoa demasiado imaginativa e discorda com a solução que este arranjou para não adormecerem.
Linguagem corporal	- Diogo entra na rádio e acorda Carlos, cruzando os braços ao ouvir as explicações do amigo. - Diogo pega na emissão e coloca os fones depois de dizer a Carlos para ir tomar café. - Algumas cenas depois, observa-se Diogo a dormir em cima da mesa de som, o protagonista mostra-se indignado e descrente face a essa realidade quando Carlos o acorda. - Na sociedade recreativa, Diogo toma café com Carlos, com ar de preocupação, coloca os fones, ajeita o microfone, lança uma música e adormece. - Depois de Nuno apontar as músicas românticas e a saturação de as ouvir como causa para o sono súbito, Diogo passa os CDs um a um, vocalizando os respetivos títulos. - Diogo tem um ar apreensivo quando Nuno não consegue fazer de imediato um diagnóstico que justifique tanta sonolência. - Na rádio, Diogo tem as mãos nos bolsos enquanto olha ao seu redor. - Diogo inicia a emissão de rádio,
Marcas de generalização	- Quando Diogo diz “durmo 7 horas seguidinhas, em Lisboa eram só cinco”, é possível denotar uma generalização face à qualidade de vida em cada um dos sítios. Em Beirais dorme-se mais tempo, pelo que a qualidade de vida é superior. Cenário inverso acontece quando a referência é um grande centro urbano.
Marcas de controlo	- Não são oferecidos dados suficientes que permitam retirar conclusões a este respeito, neste episódio.
Marcas relacionais	- Não se verifica qualquer consideração acerca da sua relação com Clara, pelo que não é perceptível se se mantém, ou não. Carlos Batista é o seu melhor amigo e Nuno Aires o homem com quem partilham as suas loucuras.

Análise Protagonistas: 220º episódio - Clara Rodrigues

Não será realizada a habitual análise em tabela uma vez que, Clara Rodrigues não surge no episódio em análise.

240º Episódio: Põe a mão à frente” (4ª temporada)

Na sociedade recreativa, Carlos Batista surge constipado. Marina Jesus e Susana Fontes pousam, no balcão, o prato com as torradas de Olga Fontes e Alzira Pedroso. Nesse instante, Carlos espirra sem colocar a mão na frente, salpicando os objetos colocados em cima do balcão. Gabriel Fontes está no local a tirar fotografias e capta, inadvertidamente, o espirro de Carlos. Ao longo do episódio, verifica-se que Olga, Alzira, Susana e Marina ficam doentes. Alzira atribui o problema a uma corrente de ar e Olga à manteiga das torradas. Ao saber do estado de saúde das pessoas mencionadas, Gabriel lembra-se do espirro de Carlos e verifica se o fotografou ou não. Gabriel pede dinheiro ao locutor de rádio para não mostrar aquela fotografia a ninguém. Segundo o jovem, Carlos é o responsável por espalhar uma doença na aldeia. O marido de Nazaré Batista dirige-se ao consultório e confessa a Nuno Aires o que aconteceu. Este tranquiliza-o, dizendo que o problema da população são os pólenes e não os seus germes. Carlos fica furioso com Gabriel.

Na agência funerária, Moisés Lameiras recebe o telefonema de uma editora a solicitar-lhe que escreva um capítulo sobre Beirais, para um livro acerca das aldeias de Portugal. Moisés aceita, até porque parte do pagamento será feita de imediato. Joaquim Brito oferece-se para o ajudar. Os cangalheiros escrevem um texto desfasado da realidade, visando demonstrar que Beirais é um bom sítio para se morrer, publicitando o seu negócio. Moisés pede a Patrícia Moreira para rever o texto e conta-lhe o convite que recebeu. A professora acusa-o de apresentar, naquelas linhas, um “chorrilho de mentiras”, alertando-o para que não pode aceitar dinheiro por aquilo. A professora diz a Moisés que este é um homem sem escrúpulos, mostrando-se contra os seus esquemas e traulhices. O casal termina o seu relacionamento.

Análise Protagonistas: 240º episódio – Diogo Almada + Análise Protagonistas: 240º episódio - Clara Rodrigues

No episódio em análise, Diogo Almada e Clara Rodrigues não comparecem, motivo que justifica a ausência de análise em tabela, das duas personagens, neste episódio.

260º Episódio: “Passas e contra passas” (4ª temporada)

Este episódio retrata a passagem de ano de 2015 para 2016, em Beirais. O episódio começa em casa de Diogo Almada, com Clara Rodrigues a experimentar o vestido que quer levar à festa na sociedade recreativa. A protagonista não se sente bem com o seu corpo e considera que o vestido lhe fica justo. Embora Diogo lhe diga que está bonita, Clara não concorda. Diogo sugere-lhe colocar uns sapatos de salto alto, comentário que a leva a pensar que está gorda. Tal situação, faz com que a resolução da protagonista para o ano novo seja emagrecer. Por arrasto, Clara quer levar Diogo, que não se mostra satisfeito com a ideia.

Ao longo do episódio são apresentadas as resoluções de ano novo das principais mulheres de Beirais. Susana Fontes quer criar um projeto contra o desperdício alimentar, Nazaré Batista quer ter mais filhos, Rita Santiago deseja aprender a tocar um instrumento e Marina de Jesus quer adquirir o hábito de leitura.

Em conversa na sociedade recreativa, os respetivos maridos e namorados estão contra as resoluções de ano novo das companheiras, querendo sabotar essa sua vontade. Diogo não quer que Clara perca a forma corporal, Carlos Batista não quer ter mais filhos porque dá trabalho, Nuno Aires alega não ter tempo para mais um projeto, Luís Assunção acha que a literatura de que Marina gosta é duvidosa e Tiago Nogueira fala da falta de jeito de Rita para a música. Em diversas conversas é possível verificar que os homens têm esperança que as resoluções de ano novo sejam pouco duradouras.

Na noite de passagem de ano, a maior parte dos beiralenses reúne-se na sociedade recreativa e as crianças da aldeia ficam entregues a Olga Fontes. Já o grupo juvenil encontra-se em casa de Inês Santiago. Embora esta só tenha convidado Gabriel Fontes, ele surge em casa dos Nogueira com mais amigos. O elevado volume da música no local leva os GNRs a aparecerem em casa de Tiago Nogueira. Os agentes acabam por ficar no local a dançar, mas rapidamente repõem a ordem. Inês desliga a música e pede aos convidados para saírem. Rita e Tiago e Susana e Nuno decidem ir passar a meia noite com as respetivas famílias. Os primeiros ficam sem saber do sucedido previamente.

No café da aldeia todos fazem a contagem regressiva para o ano novo. Instantes antes, Diogo tenta que Clara desista da vida *fit*, mas a protagonista mostra-se irredutível. Enquanto comem as passas, Carlos pede para não ter mais filhos e Nazaré pede, pelo contrário, para voltar a engravidar.

O episódio termina com Carlos e Diogo na rádio. Carlos confessa que os seus desejos contrariam todos os de Nazaré e Diogo garante que os desejos de ano novo têm um curto

prazo de validade. Nuno entra no local, pedindo para guardarem toda a comida que sobrar, cumprindo o desejo de Susana. Os radialistas brindam a um novo ano.

Tabela 52- Análise Protagonistas: 260.º episódio – Diogo Almada

Nome da personagem	Diogo Almada
Estatuto Profissional	Neste episódio, Diogo aparece a trabalhar na rádio de Beirais, na primeira cena em que surge neste cenário.
Vestuário	- Na primeira cena em que surge, deitado na cama, Diogo veste um pijama cinzento. - Na rádio, Diogo surge de camisola preta e camisa cinzenta. - Na noite de passagem de ano, Diogo veste um fato preto e uma camisa branca.
Meio habitacional	- No episódio em análise, Diogo aparece no seu quarto. Uma divisão ampla, luminosa e com alguns espelhos: Cenário – Casa de Diogo Almada em Beirais (quarto).
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Diogo é evitar que Clara cumpra o seu desejo de realizarem uma dieta em conjunto, no ano novo.
Traços de personalidade	- Sensato: Esta característica manifesta-se quando Diogo chama a atenção Carlos face às suas prioridades. - Preocupado e indignado: Estas particularidades revelam-se sempre que Diogo fala na dieta que terá de fazer. Está apreensivo e contra essa mudança de hábitos. - Amoroso: Diogo tenta, por diversas vezes, mostrar a Clara que esta se encontra em boa forma física, o que revela companheirismo e empatia. - Irónico e provocador: Estas características afloram quando Diogo diz a Clara que fazer dieta “não é giro”: Diogo fá-lo de uma forma bem disposta e divertida - Determinado: Diogo está disposto a fazer qualquer coisa para evitar que Clara leve a sua avante.
Linguagem verbal	- “Eu sinceramente não vejo o que é que esse vestido tem de mal, mas porque é que não pões uns saltos altos? Não és tu que dizes que ficas menos gorda de saltos?": esta intervenção de Diogo transmite sinceridade e visa descomplicar e solucionar o problema que a namorada expõe. Contudo, as suas palavras não foram interpretadas no sentido em que Diogo as quis expressar. - “Eu não sabia que existiam sacos de batatas de gala” esta frase alude ao carácter brincalhão e provocador que distingue Diogo. - “Giro? Giro num programa a dois é ir a um bom restaurante (...) fazer dieta e comer serradura é passar fome, não é giro”: esta observação demonstra que Diogo não deseja alinhar na resolução de ano novo de Clara. Evidencia o carácter bem-humorado do protagonista.

	- “Tens de rever as tuas prioridades”: diz Diogo a Carlos quando este lhe conta que só aceitou ter mais filhos para poder comer bacalhau cozido. Esta frase expressa sensatez e evidencia a responsabilidade que norteia o protagonista. - “Tu achas que a minha mulher precisa de perder três quilos?” e “eu acho que ele está bem assim”: são expressões que traduzem a indignação de Diogo face aos desejos e considerações de Clara. - “Não sei quanto a vocês, mas eu estou disposto a fazer jogo sujo para acabar com estas brincadeiras das resoluções de ano novo”, “eu estou a ver o caso tão negro para o nosso lado que acho que vamos ter de dar sumiço aos amuletos de <i>réveillon</i> das nossas caras metades” e “se elas não derem a estes projetos a força do foco no ano novo...”: estas teses de Diogo exprimem o seu desagrado face à decisão de Clara e refletem a sua determinação em evitar que Clara avance com os seus desejos. Traduzem também o desespero do protagonista e o exagero das suas palavras e potenciais ações. - “Tens a certeza que é preciso Clara? Ficas tão bem assim, sem ser pele e osso!”: esta frase tem como objetivo animar Clara, confortando-a em relação ao seu corpo. Finda também fazer Clara desistir da sua resolução de ano novo. Ambos os objetivos não são bem sucedidos. - “Estas coisas dos desejos de ano novo têm um prazo de validade mais curto do que a charcutaria que a Alzira vende no minimercado”: esta expressão reflete o carácter otimista e esperançoso de Diogo. Embora esteja desanimado com a resolução de ano novo para a qual foi arrastado, Diogo espera que seja algo temporário.
Linguagem corporal	- Durante a maioria da conversa com Clara, Diogo mantém-se sentado na cama, com um ar descomplicado e leve. O protagonista cruza os braços quando apresenta uma solução para o problema da Clara. - Diogo desaperda o fecho do vestido de Clara. - Diogo arregala os olhos e fica com um semblante de pânico quando Clara sugere treinarem juntos a partir do ano novo. - Diogo desencosta-se da cadeira, na rádio, quando questiona, indignado, Carlos sobre a forma física de Clara. Rapidamente fica constrangido e envergonhado por perguntar aquilo a um amigo. - Diogo joga snooker com Nuno, Tiago, Luís e Carlos na sociedade recreativa. Diogo coloca o braço sobre o ombro de Luís ao contar qual a resolução de ano novo de Clara. - Diogo come frutos secos na companhia de Clara e fica com ar de pânico ao perceber que Clara não desistiu da sua ideia. Diogo bebe um copo de vinho. - Na rádio, Diogo brinda com Carlos a 2016, com ar de desânimo.
Marcas de controlo	- Não há dados suficientes que permitam indagar sobre esta temática.
Marcas relacionais	- Diogo namora com Clara Rodrigues. As principais conversas sobre os desejos de ano novo são tidas com Carlos, Luís, Nuno e Tiago.

Tabela 53 - **Análise Protagonistas: 260º episódio - Clara Rodrigues**

Nome da personagem	Clara Rodrigues
Estatuto Profissional	Neste episódio, Clara não trabalha.
Vestuário	- Na primeira cena em que entra, Clara experimenta um vestido preto justo. - Na noite de passagem de ano, Clara utiliza um vestido branco.
Meio habitacional	- Neste episódio, Clara acorda em casa de Diogo o que permite inferir que a protagonista reside neste local: Cenário – Casa de Diogo Almada em Beirais.
Objetivos de vida	- O objetivo de Clara no último episódio desta produção é perder peso. Tal implica que, no ano novo, Clara entre em dieta. A protagonista quer que o namorado a acompanhe.
Traços de personalidade	- Reduzida autoestima e confiança: nas primeiras cenas em que surge e as resoluções de ano novo que possui, indicam que Clara não se sente confortável no seu corpo, o que emancipa as duas características invocadas. - Determinada: esta característica APRESENTA-SE QUANDO Clara reitera que é por considerações como as de Diogo que avançará com a dieta. Clara mostra-se verbalmente e facilmente convicta da sua decisão. - Poderosa: esta característica revela-se sob o ponto de vista do poder e consequente submissão que Clara tem sobre Diogo – ela decide o que os dois irão fazer, não dando espaço a Diogo para tomar essa decisão.
Linguagem verbal	- “Eu estou apertadíssima, achas que eu vou para a rua com isto?” e “eu hei de arranjar outra coisa para vestir, um saco de batatas por exemplo”: estas considerações revelam o desconforto de Clara naquele vestido e espelham algumas das fragilidades da protagonista. - “Ó Diogo, tu podias começar a fazer dieta comigo (...) ia ser giro fazermos a dois”: esta vontade de Clara sublinha uma das suas principais preocupações e alerta para a consciência da vida saudável que Clara presa. - “Só por essa conversa tenho a certeza absoluta”: Clara reforça a sua convicção depois de Diogo fazer algumas considerações sobre a sua forma física. Tal permite deduzir que Clara é determinada e poderosa.
Linguagem corporal	- Clara entra no quarto de Diogo, nitidamente desconfortável no vestido. Clara observa-se e tenta esticar algumas partes do vestido. - Clara suspira, desiludida, por ter engordado e aproxima-se de Diogo para que este lhe desaperte o fecho. - Clara sorri e coloca as mãos na cinta quando sugere a Diogo fazerem dieta juntos. - Clara bebe champanhe come frutos secos na companhia de Diogo. - Clara deita a cabeça no ombro de Diogo e fala-lhe sobre o início da dieta.

Marcas de controlo	- Não são fornecidos dados suficientes que possibilitem fazer reflexões sobre esta matéria.
Marcas relacionais	- Clara namora com Diogo Almada. Rita Santiago é a amiga com quem passa mais tempo.

PARTE III: Análise de conteúdo - Personagens de “Bem-Vindos a Beirais” (RTP1)

Nota 1: Esta análise foi baseada na observação do *corpus* definido para o estudo dos protagonistas (primeiro e último episódio de cada temporada e capítulos múltiplos de 20).

Nota 2: Esta análise não contempla personagens que tenham aparecido de forma pontual nos episódios analisados ou personagens que apresentem poucos dados de carácter (como por exemplo: Ramiro, Henrique, Leonel, Luna, Mercedes, Alcides, Lucinda e Julian).

Unidades de Análise: Personagens elenco das telenovelas (características genéricas)

- Nome da personagem
- Nome do ator que interpreta a personagem
- Estatuto Profissional
- Vestuário
- Meio habitacional
- Objetivos de vida
- Traços de personalidade
- Marcas Relacionais

Tabela 54 - Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Rita Santiago

Nome da personagem	Rita Santiago
Nome do ator que interpreta a personagem	Vera Alves
Estatuto Profissional	Rita começou a telenovela desempregada. Contudo, tornou-se sócia da casa de turismo de Beirais (casa que recebeu em herança e que recuperou). Sabe-se que Rita trabalhou na área financeira.
Vestuário	- De forma geral, Rita utiliza uma roupa sóbria baseada em calças e camisas. Por vezes, acrescenta um blazer ao visual.

Meio habitacional	- Nas primeiras temporadas, Rita não tem uma casa própria, residindo na “Casa da Aldeia”, da qual é sócia – Cenário: Quarto da Casa de turismo. - Na quarta temporada, Rita muda-se para a casa de Tiago Nogueira, uma habitação moderna e luminosa, na qual vive com a filha, o namorado, o cunhado e o enteado – Cenário: Casa de Tiago Nogueira.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Rita é fazer com que o seu negócio e, por consequência investimento, se mantenha rentável e de sucesso.
Traços de personalidade	- Rita é pragmática, inteligente, perspicaz, despachada, observadora e ciumenta.
Marcas Relacionais	- Rita Santiago começa “Bem-Vindos a Beirais” casada com João Santiago. Contudo, alguns episódios depois, o casal divorcia-se. Rita é mãe de Inês Santiago e as suas melhores amigas são Susana Fontes e Clara Rodrigues. Na terceira temporada, Rita começa uma nova relação com Tiago Nogueira.

Tabela 55 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: João Santiago**

Nome da personagem	João Santiago
Nome do ator que interpreta a personagem	Dinante Branco
Estatuto Profissional	- João era <i>web designer</i> , mas a sua ida para Beirais tornou-o escritor a tempo integral.
Vestuário	- João utiliza calças, geralmente de cor, <i>t-shirts</i> e casacos. Faz-se acompanhar, muitas vezes, ou por uma mochila ou por uma mala.
Meio habitacional	- João Santiago reside no local de trabalho de Rita Santiago, pelo que, desta natureza só é conhecido o quarto atribuído ao casal – Cenário: Quartos da casa de turismo.
Objetivos de vida	- Os grandes objetivos de João são escrever um livro, publicando-o, e regressar à capital.
Traços de personalidade	- João é um homem pouco afável, incompreensivo para com Rita, mulherengo, de ideias fixas e interesseiro.
Marcas Relacionais	- João Santiago inicia esta telenovela casado com Rita Santiago, no entanto, o casal acaba por se divorciar. João traiu Rita com Patrícia Moreira. João é pai de Inês Santiago. João não tem destacáveis amizades.

Tabela 56 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Inês Santiago**

Nome da personagem	Inês Santiago
Nome do ator que interpreta a personagem	Inês Faria
Estatuto Profissional	Estudante
	- Tipicamente uma jovem de 15 anos, Inês gosta de vestir roupas de cor e

Vestuário	irreverentes. Inês gosta de utilizar maquilhagem.
Meio habitacional	- Inês vive com os pais na casa de turismo de Beirais. O seu quarto assemelha-se aos demais da “Casa da Aldeia”. Contudo, denota-se que o quarto de Inês tem mais cor e mais detalhes pessoais da jovem – Cenário: Quartos da casa de turismo. - Na quarta temporada, a jovem muda-se para a casa de Tiago Nogueira, com a mãe, mas não é conhecida a sua área reservada.
Objetivos de vida	- Nos episódios analisados, a personagem não oferece dados suficientes que permitam indagar qual o seu objetivo de vida.
Traços de personalidade	- Inês começa por ser rebelde e mal-educada com os pais. Com o decorrer da trama, mostra-se mais responsável. Inês caracteriza-se por ser fútil, pouco inteligente e sonhadora.
Marcas Relacionais	- Inês é filha de Rita e João Santiago. A sua melhor amiga é Tânia Pedroso e é namorada de Gabriel Fontes (a partir da terceira temporada).

Tabela 57 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Susana Fontes**

Nome da personagem	Susana Fontes
Nome do ator que interpreta a personagem	Lúcia Moniz
Estatuto Profissional	Susana começa “Bem-Vindos a Beirais” desempregada. Contudo, depois torna-se sócia da casa de turismo, ficando responsável pela cozinha. Na terceira temporada, Susana deixa o seu emprego e cria a sua própria empresa de <i>catering</i> . Susana passa a juntar ao seu negócio pessoal, o trabalho na sociedade recreativa (já que se tornou sócia de Marina).
Vestuário	- Susana veste-se de forma descontraída e casual. Normalmente, utiliza calças de ganga e blusas. Faz-se acompanhar de carteiras tira colo.
Meio habitacional	- Nas duas primeiras temporadas, Susana reside em casa de Olga Fontes, com esta, o filho e, mais tarde, com Nuno Aires. Trata-se de uma casa humilde, mas bem decorada e com detalhes cristãos. Não se conhece, no entanto, o seu quarto – Cenário: Casa Olga Fontes. - Nas temporadas 3 e 4, Susana vai viver com Nuno para outra casa, que nunca é apresentada nos episódios analisados.
Objetivos de vida	- Denota-se que os principais objetivos de Susana são trabalhar na área da cozinha e restauração (basta observar os negócios em que se envolve), ter mais filhos e estabilizar e melhorar a sua relação com Olga Fontes.
Traços de personalidade	- Susana é uma mulher trabalhadora, otimista, frontal e de ideias concretas.
Marcas Relacionais	- Susana é filha de Olga Fontes, mãe de Gabriel Fontes e namorada (e depois esposa) de Nuno Aires. As suas melhores amigas são Clara Rodrigues e Rita Santiago.

Tabela 58 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Olga Fontes**

Nome da personagem	Olga Fontes
Nome do ator que interpreta a personagem	Luísa Ortigoso
Estatuto Profissional	Olga é uma dona de casa e beata beiralense. Por vezes, assegura emissões da “Beirais FM”.
Vestuário	- Olga apresenta-se, sempre, com vestidos ou saias abaixo do joelho e com blusas de magas compridas e gola. Veste-se de forma conservadora e clássica. Surge sempre de óculos e com uma carteira de mão.
Meio habitacional	- A casa de Olga Fontes é humilde, mas é cuidada, limpa e bem decorada. Verifica-se a existência de detalhes religiosos, como por exemplo, imagens sagradas - Cenário: Casa Olga Fontes.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Olga Fontes é evitar que quem a rodeia, e ela própria, cometam pecados que possam comprometer a sua ascensão aos céus depois da morte.
Traços de personalidade	- Olga é coscuvilheira, intrometida, conservadora e crítica em relação a tua e todos. É uma mulher de fé, mas muito refilona e mal-humorada.
Marcas Relacionais	- Olga Fontes é mãe de Susana Fontes e avó de Gabriel Fontes. Olga é sogra de Nuno Aires.

Tabela 59 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Gabriel Fontes**

Nome da personagem	Gabriel Fontes
Nome do ator que interpreta a personagem	Alexandre Jorge
Estatuto Profissional	Estudante
Vestuário	- Gabriel utiliza roupa casual e desportiva. De forma geral, veste calças de ganga ou calças largas, <i>t-shirts</i> e casacos de fato de treino.
Meio habitacional	- Gabriel vive, nas primeira e segunda temporadas, com Olga Fontes e Susana Fontes na casa da primeira- Cenário: Casa de Olga Fontes. Nas duas últimas temporadas, Gabriel vai viver com a mãe e com Nuno Aires para a casa destes.
Objetivos de vida	- No início da telenovela, sabe-se que Gabriel deseja regressar a Lisboa. Contudo, com o decorrer da trama, deixa de conseguir indagar-se quais os objetivos da personagem.
Traços de personalidade	- Gabriel é rebelde, refilão e pouco responsável, pelo menos numa primeira fase da telenovela.
Marcas Relacionais	- Gabriel Fontes é filho de Susana Fontes e neto de Olga Fontes. Na aldeia, a sua melhor amiga é Tânia Pedroso e Inês Santiago torna-se sua namorada.

Tabela 60 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Nuno Aires**

Nome da personagem	Nuno Aires
Nome do ator que interpreta a personagem	Martinho Silva
Estatuto Profissional	Médico
Vestuário	- No consultório, Nuno utiliza sempre uma bata branca e um estetoscópio. - No seu dia a dia, Nuno veste roupa casual, normalmente calças de ganga e polos.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional de Nuno Aires. Contudo, sabe-se que nas duas primeiras temporadas residiu em casa de Olga Fontes e nas últimas duas arranhou casa própria com Susana Fontes.
Objetivos de vida	- Nuno visa permanecer como médico de Beirais e alargar a família.
Traços de personalidade	- Nuno é prestável, inteligente, controlado e sincero.
Marcas Relacionais	- Nuno Aires é o namorado e, posteriormente, marido de Susana Fontes. É genro de Olga Fontes e padraço de Gabriel Fontes. Na reta final da telenovela torna-se pai de um filho de Susana, do qual não se sabe o nome.

Tabela 61 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Carlos Batista**

Nome da personagem	Carlos Batista
Nome do ator que interpreta a personagem	Jorge Mourato
Estatuto Profissional	Carlos é motorista do autocarro que transporta os habitantes de Beirais para outras aldeias e cidades e é locutor na rádio “Beirais FM”.
Vestuário	- Usualmente, Carlos veste calças de ganga ou sarja, t-shirt com uma camisa por cima. A sua imagem de marca é o bigode.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional de Carlos Batista.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de vida de Carlos era ser pai, desejo concretizado nas primeiras temporadas. Vislumbra-se também que ajudar os amigos e promover bons serviços são também apanágios da personagem.
Traços de personalidade	- Carlos é um bom homem, distraído, mulherengo e sincero. Gosta de comer e beber, de passar muito tempo na sociedade recreativa, de ajudar os outros e de se dedicar aos seus <i>hobbies</i> .
Marcas Relacionais	- Carlos Batista é marido de Nazaré Batista, de quem tem duas gémeas bebés. O seu melhor amigo é Diogo Almada.

Tabela 62 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Nazaré Batista**

Nome da personagem	Nazaré Batista
Nome do ator que interpreta a personagem	Margarida Cardeal
Estatuto Profissional	Funcionária dos correios.

Vestuário	- Nazaré veste-se de forma clássica, mas elegante. Utiliza saias por baixo do joelho, blusas e casacos de malha. Faz-se acompanhar sempre de carteiras de ombro.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional de Nazaré Batista.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Nazaré é sair de Beirais. Nazaré está farta da rotina, do desinteresse do marido e do trabalho que tem. Embora este objetivo não se cumpra, a funcionária dos correios tem outro, ser mãe, que se concretiza.
Traços de personalidade	- Nazaré começa por ser insegura, reservada e até um pouco submissa às ideias do marido. É ciumenta e sensível. Com o passar do tempo torna-se mais forte e determinada.
Marcas Relacionais	- Nazaré Batista é mulher de Carlos Batista e mãe de duas gémeas. As suas maiores confidentes são Clara Rodrigues, Susana Fontes e Alzira Pedroso.

Tabela 63 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Marina de Jesus**

Nome da personagem	Marina de Jesus
Nome do ator que interpreta a personagem	Carla Chambel
Estatuto Profissional	Dona e funcionária da sociedade recreativa
Vestuário	- De forma geral, Marina utiliza vestidos ou saias rodadas e leves. Denota-se uma preferência pela cor e pelos estampados. - Na sociedade recreativa, Marina utiliza um avental por cima da roupa e, normalmente, ata o cabelo.
Meio habitacional	- Marina vive com o filho, o irmão, o avô e posteriormente o marido, numa casa humilde com detalhes de antiguidade – Cenário: casa de Marina de Jesus.
Objetivos de vida	- Marina deseja ficar em Beirais até à sua velhice e quer proporcionar ao filho a melhor educação possível. Manter a sociedade recreativa como sua é também um dos seus objetivos.
Traços de personalidade	- Marina é uma das pessoas que melhor conhece os beiralenses. É trabalhadora, consciente, determinada, afável e discreta.
Marcas Relacionais	- Marina de Jesus é mãe de Pedro de Jesus, irmã de Xavier Marques e neta de Benjamim Marques. Enviuvou cedo, mas casou na segunda temporada com Luís Assunção.

Tabela 64 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Xavier Marques**

Nome da personagem	Xavier Marques
Nome do ator que interpreta a personagem	Tomás Alves
Estatuto Profissional	Desempregado, embora faça alguns biscatos nas casas dos beiralenses.
Vestuário	- Xavier veste-se de forma elegante e cuidada. Normalmente utiliza calças e camisa.

Meio habitacional	- Xavier vive com a irmã, sobrinho e Avô numa casa de pedra em Beirais – cenário: casa de Marina Jesus.
Objetivos de vida	- A falta de estudos e a inexistência de emprego levam Xavier a sair de Beirais. Este tem como objetivos tirar o curso de arquitetura e reencontrar Teresa Sampaio.
Traços de personalidade	- Xavier é mulherengo, pouco responsável, despreocupado e inconsciente. Todavia, tem um forte sentido paternal para com Pedro, uma enorme veia criativa e uma forte preocupação com a família.
Marcas Relacionais	- Xavier Marques é irmão de Marina de Jesus, tio de Pedro de Jesus e neto de Benjamim Marques. Embora os episódios analisados não permitam verificar se Xavier e Teresa namoram, certo é que Xavier está apaixonado por ela.

Tabela 65 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Pedro de Jesus**

Nome da personagem	Pedro de Jesus
Nome do ator que interpreta a personagem	Duarte Ferreira
Estatuto Profissional	Estudante
Vestuário	- Pedro veste roupa semelhante a outras crianças de nove anos. O destaque vai para as camisolas, normalmente, estampadas com bonecos.
Meio habitacional	- Pedro vive com os restantes membros da sua família numa habitação da qual apenas se conhece a sala de estar – cenário: casa de Marina de Jesus.
Objetivos de vida	- Pedro sonha um dia ser médico.
Traços de personalidade	- Pedro é uma criança carinhosa, bem-comportada, estudiosa e amante das histórias do avô.
Marcas Relacionais	- Pedro é filho de Marina de Jesus, sobrinho de Xavier Marques e bisneto de Benjamim Marques. O seu melhor amigo é Dinis Nogueira.

Tabela 66 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Benjamim Marques**

Nome da personagem	Benjamin Marques
Nome do ator que interpreta a personagem	Carlos Santos
Estatuto Profissional	Reformado
Vestuário	- Benjamim utiliza sempre calças, camisa e colete, tendencialmente escuros. A sua imagem destaca-se pela utilização de óculos e boina.
Meio habitacional	- Benjamim vive com os familiares numa casa simples e humilde – Cenário: casa de Marina de Jesus.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Benjamim é contribuir para o bem estar da família.
Traços de personalidade	- Benjamim é um contador de histórias, um bom homem e uma boa companhia. É responsável, amigo, sincero e culto.
	- Benjamim é viúvo, avô de Marina de Jesus e Xavier Marques e bisavô de

Marcas Relacionais	Pedro de Jesus. N reta final da telenovela, descobre ser meio irmão da sua melhor amiga, Hortense Pedroso.

Tabela 67 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Luís Assunção**

Nome da personagem	Luís Assunção
Nome do ator que interpreta a personagem	Nuno Janeiro
Estatuto Profissional	Começou por ser padre, mas deixou o sacerdócio, colaborando na sociedade recreativa.
Vestuário	- Enquanto padre, Luís usava sempre uma batina. - Posteriormente passou a usar calças e camisa.
Meio habitacional	- Depois de casar com Marina, passou a residir com a família desta – Cenário: casa de Marina de Jesus.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Luís foi abandonar o sacerdócio de forma consciente, continuar a servir a Deus e casar com a mulher que amava. Mais tarde, o seu objetivo passou a ser tornar-se psicólogo.
Traços de personalidade	- Luís é um homem calmo, sensato e honesto.
Marcas Relacionais	- Luís Assunção é marido de Marina de Jesus.

Tabela 68 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Alzira Pedroso**

Nome da personagem	Alzira Pedroso
Nome do ator que interpreta a personagem	Noémia Costa
Estatuto Profissional	Proprietária do minimercado
Vestuário	- Alzira veste-se de forma excêntrica, recorrendo frequentemente a cores garridas. Utiliza blusas, saias e vestidos estampados e com folhos.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Alzira é ser rica. Tem também o sonho de ser avó.
Traços de personalidade	- Alzira é coscuvilheira, controladora, mandona e refilona. Tem a mania das grandezas, mas é amiga do seu amigo, cuidadora e prestável.
Marcas Relacionais	- Alzira Pedroso é esposa de Manuel Pedroso e mãe de Sandro e Tânia Pedroso. É avó de Carlo e sogra de Alexandra Vidal.

Tabela 69 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Manuel Pedroso**

Nome da personagem	Manuel Pedroso
Nome do ator que interpreta a personagem	José Boavida
Estatuto Profissional	Mecânico/ faz tudo
Vestuário	- Manuel anda sempre de t-shirt e fato macaco.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.

Objetivos de vida	- Não existem dados suficientes acerca deste tema, sabe-se apenas que deseja ter a família toda reunida.
Traços de personalidade	- Manuel é um homem trabalhador, disponível, mas pouco carinhoso.
Marcas Relacionais	- Manuel Pedroso é marido de Alzira Pedroso e pai de Sandro e Tânia Pedroso. É avô de Carlo, sogro de Alexandra Vidal e filho de Hortense Pedroso.

Tabela 70 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Sandro Pedroso**

Nome da personagem	Sandro Pedroso
Nome do ator que interpreta a personagem	Ivo Lucas
Estatuto Profissional	Estilista e ajudante na oficina da aldeia
Vestuário	- Quando ajuda na oficina, Sandro utiliza um fato macaco. - No dia a dia, Sandro veste roupa colorida e estampada, nomeadamente, camisas e calções. O destaque vai para o chapéu que por vezes utiliza bem como para alguns acessórios. - A partir do momento em que trabalha em Milão, Sandro adquire um <i>look</i> mais sóbrio, utilizando gabardines.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de vida de Sandro é tornar-se um estilista de sucesso.
Traços de personalidade	- Sandro é um rapaz criativo, trabalhador, sincero e ambicioso.
Marcas Relacionais	- Sandro Pedroso é filho de Alzira e Manuel Pedroso, irmão de Tânia Pedroso e neto de Hortense Pedroso. É marido de Alexandra Vidal e pai de Carlo.

Tabela 71 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Tânia Pedroso**

Nome da personagem	Tânia Pedroso
Nome do ator que interpreta a personagem	Mariana Pacheco
Estatuto Profissional	Estudante
Vestuário	- Tânia veste-se de forma descontraída e casual. Aposta na ganga, nos calções, nas minissaias e nas <i>t-shirts</i> .
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Tânia é sair de Beirais e conhecer o mundo.
Traços de personalidade	- Tânia é uma rapariga culta, inteligente, perspicaz e protetora. Gosta de passar o tempo na <i>internet</i> e com a família. É sincera, transparente e observadora.
Marcas Relacionais	- Tânia Pedroso é filha de Manuel e Alzira Pedroso, irmã de Sandro Pedroso e neta de Hortense Pedroso. Tânia é cunhada de Alexandra Vidal e tia de Carlo. A par de Xana, Gabriel Fontes, Inês Santiago e Marta Nogueira são os seus melhores amigos.

Tabela 72 - Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Hortense Pedroso

Nome da personagem	Hortense Pedroso
Nome do ator que interpreta a personagem	Henriqueta Maria
Estatuto Profissional	Embora esteja reformada, produz ervas medicinais para fazer chás e mezinhas curandeiras.
Vestuário	- Hortense costuma vestir vestidos fluidos, por baixo do joelho. Como acessório e de forma a tapar os ombros e decote utiliza echarpes.
Meio habitacional	- Hortense vive sozinha, numa vivenda com uma horta. A casa onde habita tem sinais de antiguidade e apresenta alguma confusão decorativa – Cenário: Casa de Hortense Pedroso.
Objetivos de vida	- Os principais objetivos de Hortense são manter-se independente durante vários anos e ajudar a família no que puder.
Traços de personalidade	- Hortense é uma mulher ativa, sincera, sensata e ponderada. Tem vasto saber e é ela que muitos recorrem para saber a sua opinião.
Marcas Relacionais	- Hortense Pedroso é mãe de Manuel Pedroso e avó de Tânia e Sandro Pedroso. É sogra de Alzira Pedroso e bisavó de Carlo. Na fase final da telenovela fica a saber-se que Benjamim Marques é seu meio irmão.

Tabela 73 - Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Alexandra Vidal

Nome da personagem	Alexandra Vidal
Nome do ator que interpreta a personagem	Sara Salgado
Estatuto Profissional	Ajudante no <i>atelier</i>
Vestuário	- Alexandra usa roupa irreverente, curta e decotada.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Xana é constituir uma família com Sandro.
Traços de personalidade	- Alexandra é uma rapariga frontal, provocador e disponível para ajudar a concretizar os sonhos de Sandro.
Marcas Relacionais	- Alexandra Vidal é esposa de Sandro Pedroso e mãe de Carlo. Tânia Pedroso é, não só a sua cunhada, mas também a sua melhor amiga. Alzira e Manuel Pedroso são os seus sogros.

Tabela 74 - Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Fernando Campos Ribeiro

Nome da personagem	Fernando Campos Ribeiro
Nome do ator que interpreta a personagem	Jorge Silva
Estatuto Profissional	Empresário
Vestuário	- Fernando anda sempre de fato e gravata.

Meio habitacional	- Fernando reside numa moradia, da qual apenas se conhece a sala de estar. Trata-se de uma casa espaçosa, bem decorada e com detalhes indicadores de riqueza – Cenário: Casa de Fernando Campos Ribeiro.
Objetivos de vida	- De forma geral, e muito embora Fernando tenha alterado o seu comportamento ao longo da telenovela, o vilão deseja ser cada vez mais poderoso. Por consequência, visa controlocar o que o rodeia para benefício próprio.
Traços de personalidade	- Fernando é um homem mau, prepotente, controlador e agressivo. É uma pessoa de poder, que não olha a meios para atingir os fins mas que não recolhe o apreço dos beiralenses. Na fase final da telenovela, nomeadamente com a chegada de Mercedes, torna-se mais leve e menos combativo.
Marcas Relacionais	- Fernando Campos Ribeiro é casado com Cristina dos Santos, de quem tem um filho, Domingos. Nas últimas temporadas, torna-se próximo de Mercedes e sabe-se que é padrinho de São Loureiro.

Tabela 75 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Cristina dos Santos**

Nome da personagem	Cristina dos Santos
Nome do ator que interpreta a personagem	Sylvie Dias
Estatuto Profissional	Desempregada
Vestuário	- Embora tenha surgido residualmente nos capítulos analisados, verifica-se que esta mulher utiliza roupas clássicas e conservadoras. Os looks que usa são sóbrios e elegantes. Normalmente veste saias e blusas.
Meio habitacional	- Cristina reside com Fernando, numa habitação que é remodelada durante a telenovela – Cenário: Casa de Fernando Campos Ribeiro.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Cristina é livrar-se da vida de submissão em que vive e superar a doença que tem.
Traços de personalidade	- Numa primeira fase, Cristina mostra-se submissa, insegura e frágil devido às atitudes hostis que o marido tem para consigo. A partir do momento em que foge de Fernando torna-se uma mulher determinada, forte e segura. A leveza, simpatia e bondade sempre a caracterizaram.
Marcas Relacionais	- Cristina era casada com Fernando Campos Ribeiro, de quem teve um filho. Contudo, no dia da sua morte, fica a saber-se que o casal já estava separado, existindo uma forte aproximação com Moisés Lameiras.

Tabela 76 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Júlio Gameiro**

Nome da personagem	Júlio Gameiro
Nome do ator que interpreta a	

personagem	Luís Aleluia
Estatuto Profissional	Cabo da GNR (é maestro da banda de Beirais- <i>hobbie</i>)
Vestuário	- Júlio surge, a maioria das vezes em serviço, pelo que a roupa que utiliza é a farda da GNR.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Júlio é garantir que se mantém como a principal figura da autoridade local e da banda.
Traços de personalidade	- Júlio é um homem prestável, determinado, irónico e promotor da harmonia em Beirais.
Marcas Relacionais	-Não é apresentada a família de Júlio em Beirais. Zezinha é a sua namorada.

Tabela 77 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Vitor Lobo**

Nome da personagem	Vitor Lobo
Nome do ator que interpreta a personagem	António Machado
Estatuto Profissional	GNR
Vestuário	- Na maioria das vezes em que surge, Vitor enverga a farda da GNR. Quando não está a trabalhar, Vitor veste calças e camisa.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- Vitor Lobo visa alcançar o estatuto que Júlio tem na aldeia.
Traços de personalidade	- Vitor é um homem sensível, irrealista, prestável, medíocre e pouco inteligente. Está em permanente picardia com Júlio.
Marcas Relacionais	- Vitor Lobo namora, ao que tudo indica, com Dora. A pessoa mais próxima de si na telenovela é Júlio Gameiro.

Tabela 78 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Moisés Lameiras**

Nome da personagem	Moisés Lameiras
Nome do ator que interpreta a personagem	Heitor Lourenço
Estatuto Profissional	Cangalheiro
Vestuário	- Moisés anda sempre de fato e gravata.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de vida de Moisés é enriquecer, o que justifica as inúmeras incursões em negócios ilícitos. Promover a agência funerária e os seus serviços são outros dos seus objetivos. - Nos episódios analisados percebe-se que Moisés ajudou Cristina a fugir, querendo apoiá-la na superação do cancro.
Traços de personalidade	- Moisés é um homem cheio de esquemas e aldrabão embora medroso. É sensível, tem sentido de humor e cuida de quem ama.
	- Moisés é primo de Joaquim Brito. Numa primeira fase, apaixona-se

Marcas Relacionais	por Cristina dos Santos, mas, mas tarde, tem uma relação com Patrícia Moreira.

Tabela 79 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Joaquim Brito**

Nome da personagem	Joaquim Brito (Quim)
Nome do ator que interpreta a personagem	Miguel Dias
Estatuto Profissional	Cangalheiro
Vestuário	- Quim anda sempre de fato e gravata.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de Joaquim é enriquecer e promover a agência funerária, envolvendo-se em vários negócios duvidosos.
Traços de personalidade	- Joaquim é dos dois cangalheiros, o cabecilha dos negócios ilícitos. É aldrabão, inteligente, divertido e dissimulado. É um homem perspicaz e capaz de virar as situações a seu favor.
Marcas Relacionais	- Joaquim Brito é primo de Moisés Lameiras. Em determinado momento da história, apaixonou-se por Luna.

Tabela 80 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Tó Zé Candeias**

Nome da personagem	António José Candeias (Tó Zé)
Nome do ator que interpreta a personagem	Ricardo Castro
Estatuto Profissional	Barbeiro
Vestuário	- Praticamente sempre que surge, Tó Zé utiliza uma bata branca.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- Apesar de não ser possível perceber exatamente qual o objetivo de Tó Zé, verifica-se que ele deseja permanecer em Beirais e encontrar uma mulher que goste dele.
Traços de personalidade	- Tó Zé é um homem prestável, humilde, honesto, determinado e vaidoso.
Marcas Relacionais	- Tó Zé não tem família em Beirais. A determinada altura namora com Florbela, embora o relacionamento seja pouco duradouro. Manuel Pedroso é o seu melhor amigo.

Tabela 81 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Patrícia Moreira**

Nome da personagem	Patrícia Moreira
Nome do ator que interpreta a personagem	Mariana Norton
Estatuto Profissional	Professora e presidente da junta de Beirais (3ª e 4ª temporadas)
	- A professora utiliza roupa descontraída e casual. Aposta nas gangas e

Vestuário	nas blusas coloridas. Sempre que vai a caminho da escola, surge com uma pasta de mão.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- Arranjar um namorado e contribuir para o crescimento de Beirais são os seus principais objetivos.
Traços de personalidade	- Patrícia é uma mulher observadora, honesta, sensata e capaz de discernir o que é ou não correto. É determinada, simpática, educada e todos em Beirais gostam dela.
Marcas Relacionais	- Na primeira temporada, Patrícia tem um caso com João Santiago e a partir da terceira temporada, um relacionamento com Moisés Lameira. Marina de Jesus é a pessoa mais próxima de si.

Tabela 82 - Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Agostinho Puga

Nome da personagem	Agostinho Puga
Nome do ator que interpreta a personagem	João Saboga
Estatuto Profissional	Agostinho surgiu em Beirais com três profissões: foi presidente de junta da junta de Beirais, eurodeputado em Bruxelas e produtor de beterrabas.
Vestuário	- À exceção do tempo em que esteve em Bruxelas, que surgia de fato e gravata, Agostinho usa calças e camisa.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional da personagem.
Objetivos de vida	- O objetivo de Agostinho é estar sempre em cargos importantes, ser poderoso e tornar-se rico.
Traços de personalidade	- Agostinho é um homem com carácter duvidoso, muito ambicioso e pouco honesto. Não olha a meios para atingir os fins, é corrupto, aldrabão e irrealista.
Marcas Relacionais	- Agostinho não tem família em Beirais que se conheça. Fernando Campos Ribeiro é a pessoa com quem tem mais contacto, embora nem sempre a sua relação seja de amizade.

Tabela 83 - Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Viriato Montenegro

Nome da personagem	Viriato Montenegro
Nome do ator que interpreta a personagem	Ruy de Carvalho
Estatuto Profissional	Reformado e descendente de uma família nobre
Vestuário	- Viriato utiliza calças de fazenda, camisas, coletes e gravatas.
Meio habitacional	- Não é apresentada a casa de Viriato, contudo, sabe-se que se trata de uma mansão.
Objetivos de vida	- Não é conhecido o objetivo de vida de Viriato.
	- Viriato é um homem misterioso, culto, determinado e sensato. É

Traços de personalidade	discreto, ponderado, inspirador e conhecedor do Beirais antigo.
Marcas Relacionais	- Não é conhecida a família de Viriato e Diogo Almada é uma das pessoas mais próximas de si.

Tabela 84 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Carlota**

Nome da personagem	Carlota
Nome do ator que interpreta a personagem	Liliana Santos
Estatuto Profissional	Arqueóloga
Vestuário	- Carlota veste roupa confortável e elegante. Aposta nos tons terra e em combinações práticas.
Meio habitacional	- Carlota reside com Diogo Almada, na casa deste, nos episódios em que surge. Trata-se de um <i>duplex</i> do qual são conhecidas as áreas do quarto, sala de estar e cozinha – Cenário: Casa de Diogo Almada (Beirais).
Objetivos de vida	- Não é perceptível qual o objetivo de Carlota, verifica-se apenas que ela se muda para Bruxelas.
Traços de personalidade	- Carlota é uma mulher simpática, sensata, observadora e harmoniosa.
Marcas Relacionais	- A sua entrada na telenovela marca o seu namoro com Diogo Almada. Clara Rodrigues é uma das suas amigas.

Tabela 85 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Tiago Nogueira**

Nome da personagem	Tiago Nogueira
Nome do ator que interpreta a personagem	Pedro Lamares
Estatuto Profissional	Produtor vinícola
Vestuário	- Geralmente, Tiago veste calças de sarja e camisas por dentro destas.
Meio habitacional	- Quando entra na telenovela, Tiago começa por residir na casa de turismo da aldeia. Contudo, na quarta temporada, muda-se com a família para a casa que construiu em Beirai. Trata-se de uma habitação moderna e luminosa – cenário: casa de Tiago Nogueira.
Objetivos de vida	- Os principais objetivos de vida de Tiago são fazer do seu vinho um sucesso e criar os filhos num ambiente tranquilo.
Traços de personalidade	- Tiago é um homem simpático, moderno, viajado e culto. Sabe o que quer e mostra-se rigoroso na educação dos filhos. É bem-disposto, simpático e justo.
Marcas Relacionais	- Tiago Nogueira é pai de Marta e Dinis Nogueira, irmão de Vasco Nogueira e namorado de Rita Santiago.

Tabela 86 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Vasco Nogueira**

Nome da personagem	Vasco Nogueira

Nome do ator que interpreta a personagem	António Pedro Cerdeira
Estatuto Profissional	Fotógrafo
Vestuário	- Vasco veste-se de forma descontraída e prática, usando, normalmente, calças de ganga e <i>t-shirts</i> .
Meio habitacional	- Vasco Nogueira reside, na maioria dos capítulos em que surgem na casa de turismo de Beirais – Cenário: Casa de turismo. Há momentos em que aparece em casa de Tiago Nogueira, no entanto, não é claro que resida no local.
Objetivos de vida	- Os principais objetivos de Vasco são arranjar mais trabalhos na sua área e ajudar a criar os sobrinhos.
Traços de personalidade	- Vasco é um homem sincero, frontal, responsável, cordial e amigo de quem o procura.
Marcas Relacionais	-Vasco Nogueira é irmão de Tiago Nogueira e tio de Marta e Dinis Nogueira. Clara Rodrigues foi a única namorada conhecida do fotógrafo.

Tabela 87 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Marta Nogueira**

Nome da personagem	Marta Nogueira
Nome do ator que interpreta a personagem	Beatriz Leonardo
Estatuto Profissional	Estudante
Vestuário	- Marta veste-se como uma menina da sua idade. Marta usa saias, vestidos, calças e calções e camisolas coloridas e com bonecos.
Meio habitacional	- Marta começa por viver na casa de turismo com o pai, o tio e o irmão, sempre apresentado o seu quarto na trama – Cenário: Quartos da “Casa da Aldeia”. Posteriormente, mudou-se para a casa que Tiago Nogueira construiu em Beirais.
Objetivos de vida	- Não são oferecidos dados suficientes para retirar conclusões desta natureza.
Traços de personalidade	- Marta é uma criança que quer ser tratada como mulher. É amante de música, divertida e sensível.
Marcas Relacionais	- Marta Nogueira é filha de Tiago Nogueira, sobrinha de Vasco Nogueira e irmã de Dinis Nogueira. Inês Santiago e Tânia Pedroso são as suas maiores amigas na aldeia.

Tabela 88 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Dinis Nogueira**

Nome da personagem	Dinis Nogueira
Nome do ator que interpreta a personagem	Manuel Sá Nogueira
Estatuto Profissional	Estudante

Vestuário	- Dinis utiliza calças de ganga e camisolas coloridas, muitas vezes estampadas com bonecos.
Meio habitacional	- Dinis começa por viver na casa de turismo com o pai, o tio e o irm – Cenário: “Casa da Aldeia”. Posteriormente, mudou-se para a casa que Tiago Nogueira construiu em Beirais.
Objetivos de vida	- Não é possível indagar sobre este tema.
Traços de personalidade	- Dinis é um rapaz perspicaz, inteligente, estudioso e culto. Tem um elevado sentido de humor, colocando as pessoas sem jeito em momentos constrangedores.
Marcas Relacionais	- Dinis Nogueira é filha de Tiago Nogueira, sobrinha de Vasco Nogueira e irmão de Marta Nogueira. Pedro de Jesus é o seu melhor amigo.

Tabela 89 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Justino Silveiro**

Nome da personagem	Justino Silveiro
Nome do ator que interpreta a personagem	Guilherme Filipe
Estatuto Profissional	Padre
Vestuário	- Frequentemente, utiliza uma batina, mas são também vastas as vezes em que surge de preto com gola branca ou com calças e camisa.
Meio habitacional	- Não é conhecido o meio habitacional do sacerdote.
Objetivos de vida	- Indaga-se que o principal objetivo do sacerdote é instigar a união e a solidariedade entre os beiralenses.
Traços de personalidade	- Justino é um padre liberal, prestável, revolucionário e desprovido de preconceitos. É a favor da verdade e da honestidade, mas quando se trata de Olga Fontes aceita “mentiras piedosas”.
Marcas Relacionais	- O padre Justino não apresenta familiares em Beirais. A sua relação é muito semelhante para com todos.

Tabela 90 - **Análise Personagem “Bem-Vindos a Beirais”: Conceição Loureiro**

Nome da personagem	Conceição Loureiro
Nome do ator que interpreta a personagem	Alda Gomes
Estatuto Profissional	Em determinado momento da telenovela, São torna-se presidente da junta de Beirais e quer construir um resort de luxo na aldeia.
Vestuário	- São apresenta-se sempre de forma formal e clássica. Utiliza recorrentemente saias justas ou calças escuras e camisas e blazers.
Meio habitacional	- Não se conhece o meio habitacional de São e não é possível concluir se esta pernoita, ou não, na casa de Fernando Campos Ribeiro ou na “Casa da Aldeia”.
Objetivos de vida	- O principal objetivo de São é tornar-se influente e poderosa em Beirais, libertando-se do padrinho.

Traços de personalidade	- São é esquemática, dissimulada, insensível, ambiciosa e ingrata.
Marcas Relacionais	- O único parentesco que se conhece a São é Fernando Campos Ribeiro, de quem é afilhada. A determinada altura, São teve um relacionamento com Diogo Almada.

PARTE IV: Análise de conteúdo – Estratégias de representações em “Bem-Vindos a Beirais” (RTP 1)

Nota: a análise dos cenários de “Bem-Vindos a Beirais” decorre da observação dos episódios definidos no *corpus* da investigação (primeiro e último episódio de cada temporada e capítulos múltiplos de 20).

Unidades de Análise: Estratégias de representação

- Cenários (interiores e exteriores)
- Falares Tradicionais
- Hábitos

Cenários:

Cenários Interiores

- ***Casa de Diogo e Teresa (Lisboa):*** Nesta habitação residem Teresa Sampaio e Diogo Almada. Da residência conhece-se a área de estar, da qual também faz parte uma mesa de jantar. As portas de acesso a esta parte da casa são de vidro. Este cenário contém uma decoração simples, mas de bom gosto. Esta divisão tem dois sofás, um dos quais individual, vários tapetes e móveis. Sobressaem as cores sóbrias (brancos, cor de madeira clara, preto, etc). As paredes estão repletas de quadros de imagens abstratas e de cores quentes, de grandes dimensões.

- ***Casa de Diogo (Beirais):*** Quando se faz a referência à casa de Diogo é preciso considerar a existência de duas divisões conhecidas: o quarto do protagonista e a área comum (cozinha e sala de estar). O quarto de Diogo possui uma cama de casal de ferro,

com uma janela por cima. Para além disso, este cenário apresenta diversos móveis: guarda-roupa e mesas de cabeceira de madeira, cómoda de madeira e um espelho. Destacam-se algumas particularidades deste *decore* tais como: a estante de livros, os quadros espalhados nas paredes e os produtos de higiene pessoal masculino dispostos sobre a cómoda do seu quarto. A cozinha e a sala de estar são um *opne space* pelo que é possível vislumbrar as duas divisões em simultâneo. A cozinha é muito luminosa e contém uma banca na maioria do seu espaço. Os armários são de madeira, tal como a mesa e as cadeiras. Na zona da cozinha observa-se a existência de um lava-loiça, de um micro-ondas e de um cesto de fruta. Na área da sala o destaque vai para um sofá de grandes dimensões e uma poltrona, uma mesa de centro, um rádio, uma televisão e uma estante com vários CDs.

- ***Casa de Olga Fontes (e família):*** Na casa de Olga Fontes vivem também, durante as primeiras duas temporadas, Susana Fontes e Gabriel Fontes. Verificou-se também a estadia de Nuno Aires nesta residência, no entanto, num período de tempo pouco significativo. Este cenário está muito cuidado e organizado, possuindo uma decoração cuidada. No mesmo espaço está a zona de entrada da casa, a mesa de refeições e a sala de estar. A porta principal da casa é de madeira, com vidro por cima e a mesa de refeições é redonda. Toda a divisão é decorada com estantes, móveis e quadros. Em algum do mobiliário surgem expostos conjuntos de loiça mais requintados e noutros pratos decorativos e figuras religiosas. O maior destaque vai para o quadro da “Última ceia” que se encontra num lugar privilegiado do cenário, ao centro da estante que ocupa a principal parede do espaço. Na área de estar existe um sofá e uma poltrona de verga.

- ***Casa de Marina Marques Jesus (e família):*** Nesta habitação residem Mariana Marques Jesus, Benjamim Marques, Pedro Marques, Xavier Marques (na 1ª temporada) e Luís Assunção (na 2ª, 3ª e 4ª temporadas). Esta habitação possui alguns degraus entre a porta de entrada (porta de madeira e com janela protegida por uma cortina branca) e a zona de estar e de refeições. A mesa é de madeira e pequena, existe uma poltrona de pela e um sofá de maiores dimensões. Destacam-se alguns detalhes como quadros, telefone fixo e uma salamandra.

- ***Casa de Fernando Campos Ribeiro (e família):*** Nesta habitação residem, na primeira temporada, Fernando Campos Ribeiro e Cristina dos Santos. A partir da 3ª temporada, Fernando fica a habitar nesta casa apenas com o filho, Domingos. Já na 4ª

temporada, Mercedes passa a viver, também, ali. Trata-se de uma vivenda com dois pisos. A existência de um outro andar é explícita através da presença de um lance de escadas na divisão que se conhece desta casa. O cenário em análise é rico em decoração e revela riqueza. Existem sofás de grandes dimensões, objetos de porcelana, vários tapetes, um relógio alto de madeira e uma lareira. É uma divisão rica em plantas e em luz já que nela existem diversas fontes luminosas do exterior.

- ***Casa de Hortense Pedroso:*** Nesta habitação reside apenas a mãe de Manuel Pedroso. Esta casa tem demasiada decoração e encontra-se desorganizada. Na zona da cozinha existe uma mesa com uma toalha de pano e um fogão com forno a gás. A parede da cozinha tem vários pratos pendurados, bem como, recipientes para o chá, o açúcar e outros temperos. Também na parede estão pendurados utensílios de cozinha, como por exemplo conchas, alhos e cebolas. Na zona da sala existe um sofá e uma cadeira de verga que baloiça. Existe também um rádio e um telefone fixo pousado em cima de um dos móveis da sala.

- ***Casa de Tiago Nogueira (e família):*** Nesta casa vivem Tiago, Dinis e Marta Nogueira e Rita e Inês Santiago, a partir da 4^a temporada. Desta habitação conhece-se a sala de estar e de jantar pois ficam ambas no mesmo espaço. Observa-se a existência de uma mesa de jantar grande (seis lugares), com cadeiras modernas. Junto a esta zona está um móvel com diversas bebidas e copos. Na área reservada à zona de estar existem dois sofás, uma mesa de centro, um puf e diversas estantes e armários. O destaque vai para alguns pormenores pessoais espalhados pela divisão (como por exemplo, molduras). Esta casa recebe considerável luminosidade do exterior e apresenta traços modernos, mas equilibrados.

- ***Sociedade Recreativa:*** Mariana Jesus é a personagem que possui a conceção da sociedade recreativa. Mais tarde, junta-se à sociedade Susana Fontes. A sociedade recreativa é o café de Beirais, local onde são organizados os principais eventos da aldeia e onde se juntam as diversas personagens. Este cenário conta com várias mesas e cadeiras em madeira, um balcão, bancos altos junto ao mesmo, máquina de café e de tabaco, loiça, vitrine de bolos e um expositor com batatas fritas. As paredes estão repletas de quadros e galhardetes (espécies de bandeiras de diversas associações). Para além disso, a sociedade recreativa de Beirais tem uma vitrina com diversas taças e um quadro de cortiça onde são afixados os editais da aldeia. Faz ainda parte deste cenário, uma mesa de *snooker* e um

palco. Neste há a contemplar: uma cortina vermelha, colunas de som e uma roda gigante de ferro, antiga, usada em charretes.

- **Estúdio “Beirais FM”:** Em alguns episódios é feita referência ao facto de a rádio local de Beirais ficar numa sala nas instalações da sociedade recreativa. Diogo Almada e Carlos Batista são os principais locutores desta rádio, contudo, Olga Fontes também assegura algumas emissões. Neste cenário existe uma larga mesa, com uma mesa de som, dois microfones, dois fones e um computador. As paredes estão repletas de posters de bandas e de artistas, bem como de alguns CDs. Existem também estantes repletas de discos. A porta de acesso à rádio de Beirais é de madeira e possui um vidro que permite observar o que se passa dos dois lados. No interior surge também uma placa com a indicação “no ar”.

- **Consultório:** O consultório de Beirais fica, segundo informação recolhida no episódio em que a conceção da sociedade recreativa vai a concurso público, neste local. A porta é de madeira e com um vidro que permite observar o que se passa de dentro para fora e vice-versa. Para garantir a proteção da intimidade dos utentes, essa janela é tapada por unas precianas de cor, em madeira. O cenário conta com uma secretária, com cadeiras para o médico e para os utentes e possíveis acompanhantes. Conta ainda com uma marquesa, um biombo, uma estante com diversos dossiês e um móvel onde estão armazenados produtos médicos (como medicamentos, por exemplo). O espaço está decorado com alguns quadros, nomeadamente com uma imagem que mostra um raio X a um pulmão.

- **Agência funerária:** A agência funerária é o negócio de Moisés Lameira e Joaquim Brito. Deste cenário são conhecidos dois espaços: o escritório (apresentado nos episódios em análise) e outra sala (que se observa a partir da primeira através de uma porta aberta. Este cenário só surge na íntegra numa das cenas de um dos episódios do *corpus* de investigação). O escritório da agência funerária possui uma secretária, um computador e uma estante com diversos dossiês. Este cenário é adornado com diversas imagens e quadros religiosos (imagens de Nossa Senhora, da Sagrada Família e de diversos santos), castiçais, óleos, velas típicas de funerais e crucifixos. Na sala que se vê a partir do escritório, observa-se uma urna.

- **Escritório da oficina / atelier:** Na maioria dos episódios, o escritório da oficina de Manuel está transformado no atelier de costura de Sandro. Assim é possível observar, por um lado, a existência de uma secretária, uma cadeira de escritório e estantes de latão e,

por outro, a existência de rolos de tecido, de carrinhos de linhas, de uma máquina de costura, de bustos e de esboços. Trata-se de um cenário confuso.

- **Minimercado ou mercearia:** Este é o negócio de Alzira Pedroso. Trata-se de um estabelecimento com dois balcões e, conseqüentemente, duas caixas registadoras. Ladeando o balcão que surge do lado esquerdo do ecrã surgem duas vitrines: uma de bolos e outra de pão. Atrás desta área estão expostos vários produtos de higiene e de limpeza. Junto ao balcão que fica do lado direito do ecrã, para o telespectador, está a máquina de café, a loiça correspondente e o tabaco. Este cenário tem muita luz já que possui uma grande janela. Por baixo desta estão caixas de legumes e fruta e uma arca de gelados. Destaca-se, ainda, a existência de algumas mesas com tampo de mármore para duas pessoas, uma balança e garrações de vinho e grandes de cerveja no chão do minimercado. Pendurados em portas de ferro veem-se alhos e chouriças. Do lado esquerdo da imagem também é possível observar um cachecol de Portugal.

- **Barbearia:** A barbearia é o negócio de Tó Zé Candeias. O cenário em análise conta com duas cadeiras para clientes, cada uma delas com um espelho à frente. O cenário da barbearia apresenta ainda um móvel com uma ventoinha em cima e, um outro, com um rádio. Destaque ainda para a existência de um carrinho de verga com o material necessário para as funções exercidas num barbeiro (toalhas, batas, etc). A porta de acesso à rua é de madeira, com uma janela por cima. A barbearia é um espaço muito luminoso.

- **Junta de Freguesia:** Este cenário surge a partir da 2ª temporada da produção. Dele faz parte uma secretária com duas cadeiras e uma mesa de reuniões. Trata-se de um escritório com diversos armários, uns fechados e outros abertos onde é possível indagar a existência de documentação, arquivos e dossiês. Junto à mesa de reuniões existe um retrato de algum político (não verificável) na parede. Atrás da secretária do presidente da junta de Beirais estão as janelas, armários e uma bandeira enrolada.

- **Posto da GNR:** O posto da GNR de Beirais é o local de trabalho de Júlio Gameiro, Vitor Lobinho e Zezinha. Este cenário possui uma porta de madeira de cesso à rua, duas secretárias com documentação, computadores e telefones fixos. No local existem também várias estantes repletas de arquivos e quadros com diplomas e louvores espalhados nas paredes.

-Escola: Da escola primária de Beirais, conhece-se uma das salas. Nela existem várias mesas antigas (mesas que são juntas com os bancos e que possuem um lugar para os tinteiros e outro para serem armazenados- por baixo – folhas, livros ou dossiês) e um quadro de giz. É possível observar a existência de diversos tipos de material escolar nomeadamente: planisfério, dossiês, balança de pratos, etc. Destaca-se ainda a existência de alguma decoração feita através de desenhos ou imagens. As janelas da sala de aula, por exemplo, estão decoradas com joaninhas.

- Sacristia: Este cenário é maioritariamente visitado pelo padre Justino, sendo Olga Fontes e Alzira Pedroso as fiéis que mais o frequentam. A sacristia possui uma secretária sobre a qual se encontram livros religiosos e sagrados e um telefone fixo. O local está decorado com diversos crucifixos e imagens sagradas. Conta com dois tapetes, diversos quadros de índole católica e uma estante com livros e velas. É um cenário pouco luminoso.

- Casa de Turismo/ “Casa da Aldeia”

-Sala de estar: Em relação a esta divisão da casa de turismo realça-se o facto de a sua decoração ser alterada ligeiramente durante as temporadas, mantendo-se, todavia, a estrutura e aspeto geral, do mesmo. Este cenário conta com dois sofás de grandes dimensões e observa-se, durante algum tempo, a existência de uma mesa de centro de vidro, que mais tarde deu lugar a uma arca de madeira (que exercia as mesmas funções). O cenário é rico em quadros e possui alguns móveis em madeira. Para esta divisão existem duas portas de acesso (que não se sabem em concreto a onde vão dar).

- Quarto dos hóspedes: Este cenário sofre alterações de disposição conforme a personagem a que ele se associa. No entanto, todos os quartos possuem a mesma decoração. Durante todas as temporadas, Rita Santiago, Inês Santiago e Clara Rodrigues habitam na casa de turismo, pelo que, usufruem dos quartos de hóspedes. Também João Santiago (na primeira temporada) e a família Nogueira (na 3ª e 4ª temporadas) residem neste local. Todos eles possuem uma cama de madeira, um móvel com um telefone fixo, uma cómoda e um banco ao fundo da cama. Destaque para a existência de quadros decorativos (com diversas disposições conforme a personagem a que se associa), tapetes e objetos pessoais sobre a cómoda. Em alguns quartos é possível vislumbrar um cadeirão e/ou uma escrivaninha. Os quartos são pouco luminosos.

- **Receção:** Esta zona da “Casa da Aldeia” possui duas entradas: uma direta para a rua e uma outra para o interior da habitação turística. Esta zona conta com um balcão, um computador, um extintor e um suporte para guarda chuvas. O destaque decorativa vai para a existência de uma campainha antiga presa na parede (estas implicavam agitar o badal de um lado para o outro), apesar de haver uma mais moderna em cima do balcão. É um cenário pequeno.

- **Sala de refeições:** Ao que tudo indica, nesta divisão são realizados os pequenos-almoços e servidas diversas refeições para hóspedes da casa de turismo e não só. Este cenário conta com várias mesas redondas e quadradas para duas pessoas, sempre com individuais colocados. Destaca-se a existência de uma mesa/móvel onde se encontra toda a loiça necessária para a realização de uma refeição, devidamente organizada, uma máquina de café e uma mesa onde está exposta toda a fruta disponível. Este espaço recebe muita luz do exterior e as janelas possuem cortinados. Trata-se de um cenário simples, mas que transmite tranquilidade pois todos os elementos decorativos se articulam.

No que concerne aos cenários interiores desta telenovela há ainda a considerar o surgimento de alguns *decors* específicos em episódios pontuais. No capítulo 1 há uma ou mais cenas num hospital (primeiro surge Diogo hospitalizado e depois avista-se o protagonista a visitar o amigo Henrique para lhe fazer uma proposta de compra) e na 3^a e 4^a temporada surge pontualmente os correios de Beirais. Estes cenários não são alvo de análise na medida em que o seu surgimento é residual e pouco comum.

Cenários Exteriores

- **Aldeia da Beirais:** A aldeia de Beirais é apresentada como tendo ruas estreitas. O seu piso é sempre de paralelo/calçada e as casas e estabelecimentos públicos têm saída direta para a rua. Algumas das habitações têm à porta vasos de flores. À entrada de Beirais existe uma placa que indica o nome da localidade onde se está. No início dos capítulos e quando existe necessidade de retratar um avanço temporal são apresentadas imagens que mostram zonas mais rurais da aldeia, como por exemplo: campos verdejantes onde diversos animais pastam, cascatas de água e árvores viçosas onde os pássaros poisam para cantarem.

- **Estufas de Diogo:** Este cenário é composto por uma estrutura em ferro, forrada com plásticos e contém diversos tipos de produtos hortícolas e ervas aromáticas, em cultivo. É possível também verificar a existência de um caminho de terra batida que permite circular entre os produtos.

- **Largo da Igreja:** Neste cenário, é possível observar o pelourinho da aldeia e a fachada da frente da igreja de Beirais. Verifica-se ainda que o chão é feito de paralelo/ calçada e que alguns dos negócios e serviços da aldeia, como a agência funerária ou a GNR, ficam perto deste local.

Falares Tradicionais

Nesta secção destacam-se algumas das expressões, ou frases, ditas nos episódios em análise, que remetam para alguma singularidade discursiva e especificidade verbal da população de Beirais. São também apontadas algumas teses e considerações sobre a aldeia.

- “Beirais, à noite, é uma aldeia fantasma” (diz Susana no 1º episódio da 1ª temporada);
- “Pensam que não há cá nada” (comenta Júlio no 1º episódio da 1ª temporada);
- “Levam-me o couro e o cabelo”, “quero ir para a minha casinha”, “ó filho” e “pensar na morte da bezerra (diz Olga, em diversos momentos, no 20º episódio da 1ª temporada);
- “Aqui ninguém mexe em nada” (reitera Marina no 20º episódio da 1ª temporada);
- “Os boatos correm depressa nas ruas de Beirais” (diz Susana no 20º episódio da 1ª temporada);
- “A aldeia é pequena, às vezes as pessoas falam só porque sim” (comenta Clara no 2º episódio da 2ª temporada);
- “Camioneta” (dizem todos os beiralenses quando se referem a um autocarro em qualquer temporada);
- “Geringonça” (diz Ramiro sobre os computadores no 1º episódio da 2ª temporada);
- “Ó amigo” (Chama Diogo no 20º episódio da 2ª temporada);
- “Ele deve ter atirado pedras à cruz” (comenta Hortense no episódio 60º da 2ª temporada);
- “Não podes andar com cara de que todos te devem e ninguém te paga” (refere Olga no 80º episódio da 2ª temporada);
- “Açam que estamos sempre na mesma” e “acham que no campo ainda usamos transmissor” (diz Carlos no 1º episódio da 2ª temporada);
- “Não acreditamos que por sermos mais pequenos somos menos que os outros” (defende Patrícia no episódio 20 da 4ª temporada);
- “Comprar um chaço” (expressão dita por Carlos no episódio 80 da 4ª temporada);

- “Almerindo da burra” e “Rosa labrega” (são nomes atribuídos aos familiares de Alzira no episódio 100 da 4ª temporada);
- “A nossa guarda também anda sempre aos papeis” (diz Fernando no 120º episódio da 4ª temporada);
- “Chorrilho de mentiras” (Expressão dita por Patrício no episódio 240 da 4ª temporada).

Hábitos

- Convívio na sociedade recreativa, com partilha de novidades: todos os episódios;
- Conversas entre homens na barbearia: episódios 20, 140 e 160 da 3ª temporada e 140 e 200 da 4ª temporada;
- Beirais é uma aldeia em que tudo se sabe e recurso a boatos: episódios 1 e 20 da 1ª temporada, 1º episódio da 2ª temporada, episódios 60 e 140 da 3ª temporada e episódio 40 da 4ª temporada;
- Interajuda: em todos os episódios existem ações de interajuda e solidariedade em Beirais, praticadas de diversas formas (ex: ajuda entre familiares, ajuda entre amigos, cooperação de toda a aldeia com um determinado objetivo, etc);
- Hábitos e convicções religiosas: estes estão sempre relacionados com Olga Fontes e com os padres da aldeia, pelo que se registam nos episódios em que as referidas personagens surgem;
- Falta de rede: episódio 1 da 1ª e da 2ª temporada;
- Alusão a lendas locais: episódio 1 da 4ª temporada;
- Eventos: episódios 60 e 98 da 1ª temporada, episódios 160 e 200 da 3ª temporada e episódios 40, 60, 80 e 260 da 4ª temporada.

APÊNDICE C – Entrevista a Ana Vasques (coordenadora do argumento de “Bem-Vindos a Beirais” – RTP 1)

Entrevistador: Inês Salvador (investigadora)

Entrevistado: Ana Vasques (argumentista)

Data da realização da entrevista: 20 de maio de 2022

Horário da entrevista: 10 h 45 min -12h 45 min (2 horas de duração)

Formato da entrevista: Online, via Zoom; sessão síncrona; câmaras e microfones ligados.

I – Caracterização

1 - Nome?

Ana Vasques.

2 - Idade?

Tenho 49 anos.

3 - Naturalidade?

Sou de Lisboa.

4 - Tem raízes fora da capital?

Tenho. Sou filha de pais alentejanos. A minha mãe era do Baixo Alentejo, de Grândola. O meu pai é do Alto Alentejo, de Elvas. A minha escrita tem uma grande influência dessas vivências.

5 - Há quantos anos é que é argumentista?

Eu acho que vai fazer, em novembro – se não estou em erro (faz cálculo mental) – 18 anos. Comecei por ser jornalista, trabalhei muitos anos como jornalista, e depois, como já tinha muito gosto por ficção e por novela, fui cozinhando isso. Fui trabalhando isso enquanto jornalista e depois, houve a oportunidade, e dei o salto: tornei-me argumentista. Sai da realidade e dos factos para a ficção (sorri).

6 - Descreva um pouco mais o seu percurso profissional - desde que iniciou a sua carreira na escrita até aos dias de hoje?

A minha formação é em Relações Internacionais. Quando eu tirei o meu curso foi na altura em que as universidades, em Portugal, estavam a começar a despontar mais. Havia algumas universidades privadas... Eu, na altura, o que queria mesmo era fazer análise política, ligada ao jornalismo. Contudo, a faculdade que eu queria de jornalismo ainda não estava moldada nesse sentido. Então, eu pensei que o melhor era ir para uma que, apesar de ser privada, já tivesse uma história mais sólida. Daí ter ido para Relações Internacionais. Depois, e como as coisas nunca são como nós planeamos (sorri), acabei por ir trabalhar em comunicações ditas de social. Passei por vários jornais: pelo “Tal e Qual”, passei pela “Nova Gente”, pela “Telenovelas” ... Enfim, passei por um leque de comunicações que não tinham nada a ver com o que, na altura, eu queria: que era política (sorri). Nesse período, diverti-me muito, conheci muita gente e fui sempre acarinhando a ideia de transformar isso em histórias. Queria contar histórias que, embora estivessem ligadas ao real, não se tivessem de restringir aos factos. Na altura, o Rui Vilhena abriu um concurso de argumentista para recrutar um estagiário para a equipa dele, uma argumentista de primeira viagem, e eu fiquei com o lugar. Já tinha feito uma *masterclass* com o Aguinaldo Silva que me ajudou a ter as ferramentas necessárias para depois entrar na equipa do Rui (Vilhena).

Comecei no “Equador”, um projeto muito importante e que eu recordo com muito carinho. Um projeto em que, como deve imaginar (dirige-se à investigadora), aprendi imenso. Foi uma boa forma de começar, tive imensa sorte (sorri). Passei pelos “Morangos com Açúcar”, fiz a temporada 6 – passei pela Casa da Criação (explica). Gostei muito de fazer os *Morangos*, diverti-me imenso. Sai da Casa da Criação e o Pedro Lopes convidou-me para ir para a SP Televisão e foi onde estive mais tempo. Neste momento, sou *freelancer*. Tive cinco ou seis anos na SP Televisão. Aí destaco, com certeza, “Laços de Sangue”, não só porque ganhou um *Emmy* – e isso é, obviamente, uma fonte de orgulho (esclarece sorridente) -, mas porque foi um privilégio poder trabalhar com o Aguinaldo Silva. A equipa era muito unida e muito bem-disposta. Eu dou muito valor a isso. Era uma equipa

com profissionais com experiência e com generosidade, e por isso, partilhámos muita coisa. Crescemos muito em conjunto, eu cresci muito com eles. O “Depois do Adeus” também é um projeto que destaco, tal como o “Golpe de Sorte”. Repare (dirige-se à investigadora), eu gostei, praticamente, de todos. Também adorei o “Cidade Despida”, que é um projeto *premium*. É aminha praia, o *premium* (confessa). Eu acho que todos os projetos nos permitem crescer e evoluir e, felizmente, tive a sorte de encontrar sempre gente no meu caminho que contribuiu para isso. Depois, houve outros projetos que duraram menos tempo, mas que eu também adorei fazer. Indo um bocadinho em *flashback*, os “Casos da Vida” da TVI porque foi quase autodidata escrever um guião de telefilme. E “Bem-Vindos a Beirais”, claro. Foi uma aventura. Foi o meu grande desafio. Foi uma coisa de loucos. Foi compensador, mas saiu-me do pelo, para falar de uma forma mais terra a terra (ri).

Às tantas foram tantas coisas, que não é possível recordar todas. Eu não sou muito saudosista, sabe (dirige-se à autora). Eu foco-me no projeto, dou tudo naquela altura e depois passo à frente. Logo não tenho tudo muito presente.

7 - Nestes últimos anos tem trabalhado como *freelancer*?

Sim. Estes últimos três anos foram mais difíceis por causa da pandemia e ainda estou a recuperar de um problema de saúde que tive, mas continuei a trabalhar. Faço trabalhos de consultoria de guião, este último ano foi mais isso. Trabalho como *freelancer*, sim. É difícil em Portugal, muito difícil.

II - Reflexões sobre as telenovelas em Portugal

8 - Como é que olha para as telenovelas produzidas atualmente em Portugal?

Como deve imaginar (dirige-se à investigadora) eu não vou fazer qualquer tipo de juízo de valor em relação a se as novelas estão melhor ou piores, do ponto de vista do guião. A nível técnico evoluímos bastante. Se virmos as novelas de há 15 anos e as de agora percebemos que evoluímos muito. Movemo-nos muito por tendências... Eu sou sincera, eu não tenho acompanhado muito estas últimas novelas. Eu costumo ver os arranques e os primeiros episódios. Não tenho acompanhado muito, nem lhe poderia fazer uma grande crítica sobre isso (dirige-se à investigadora). Crítica positiva, claro.

Neste momento, percebemos que estamos na fase da aldeia pequena ou no interior e mais num tom descontraído. Dez anos depois dos Beirais, de repente, houve uma recuperação

deste tipo de ficção e de premissa: passar bem e em lugares mais afastados dos grandes centros urbanos. Estamos nessa tendência. A televisão é como a moda, está muito sujeita a tendências. Houve uma altura em que a moda eram as produções com vampiros e, de repente, foram produzidas não sei quantas séries sobre vampiros.... Depois houve o terror e a fantasia. Em Portugal, nós também não ficamos imunes a essas tendências. Nós agora, pelo que vejo, estamos um bocadinho nessa fase. Não sei quanto tempo é que vai durar mais, mas eu acho que é bom. É bom nós envolvermos toda a nossa maneira de ser, todo o nosso espírito – é importante que toda a gente se sinta representada. Para mim, isso é fundamental. Depois, nota-se que as pessoas estão muito cansadas da pandemia e que a vida está difícil para os portugueses. Isso reflete-se no tipo de produtos que as pessoas escolhem para ver, rejeitando, se calhar, grandes melodramas. Contudo, eu estou convicta que, quando uma história é boa, quando está bem contada, mesmo que seja mais pesada, ela atrai as pessoas. A natureza com que a história é retratada é que vai ditar a adesão da audiência.

9 - Nessa perspetiva, quais é que considera que são os temas que os portugueses mais gostam de ver no ecrã?

Sinceramente, não sei. Eu acho que as pessoas gostam sempre de ver temas em concreto. As pessoas gostam de ver histórias que as motivem, que sejam inspiradoras. Gostam que haja um herói ou uma heroína que luta contra tudo e contra todos e consegue derrubar e ultrapassar os obstáculos e chegar a bom porto. Portanto, histórias positivas. Não lhe direi (dirige-se à investigadora) que é, se calhar, a mãe à procura da filha ou a vingança ... As pessoas gostam que a ficção corresponda aos seus objetivos, àquilo que são as suas aspirações pessoais: ver que o bem ainda continua a vencer o mal, ver que os fracos conseguem ganhar aos fortes (sorri). Isso é imemorial, não é de agora. Isso existe desde sempre. A história, se é bem construída, é intemporal porque a natureza humana é aquilo que está em causa. São esse tipo de histórias que, mesmo em ambiente descontraído, as pessoas gostam de ver, penso eu.

10 - Considera que as telenovelas continuam a ter a importância que tinha outrora e continuam a ser o produto mais valioso da televisão, em Portugal?

Isso é uma boa pergunta e dá para uma grande discussão. É a pergunta para um milhão de euros, como se costuma dizer (sorri). É uma discussão que já está a acontecer a algum tempo, inclusivamente no Brasil. As novelas da Globo já passaram muito por esse debate. Eu penso que, culturalmente, as pessoas continuam a gostar de ver novelas. Isso nota-se

nas audiências. Se vir a grelha de um canal, as novelas continuam a ser os produtos mais vistos, tirando, se calhar os *reality shows* quando pegam. Mas, a nível de ficção, sem contar com outros formatos, as telenovelas continuam a ser o grande objeto de consumo aqui em Portugal, pelo menos. O que é que se passa? Passa-se que a vida está a mudar. As pessoas têm horários diferentes, vidas muito cheias e isso reflete-se nos consumos... As pessoas dizem “ah, isto é sempre a mesma coisa” (imita pessoa indeterminada), mas eu garanto-lhe (dirige-se à investigadora) que, quando aparece alguma coisa bem feita e que vá contra aquilo que as pessoas dizem que já estão fartas, acredite (dirige-se à investigadora) que as pessoas veem. Outra coisa que eu achei muito engraçada foi a telenovela “Pôr do Sol” – que basicamente é uma sátira às telenovelas (explica). Foi um megassucesso. Porquê? Porque retrata uma coisa que as pessoas estão habituadas a ver. As pessoas gostam de brincar e de se rir com isso. Eu diverti-me imenso a ver e achei que aquilo estava absolutamente genial. É aprova de que, até para nos rirmos, temos de nos rir de coisas que nos dizem alguma coisa. Isto digo eu, é a minha opinião, é a minha visão.

Agora, isto está a mudar. Obviamente que as plataformas de *streaming* e a revolução digital vieram mudar o nosso panorama. Contudo, se for ver (dirige-se à investigadora), séries que passam, neste momento, na *Netflix*, como por exemplo, “Quem matou Sara” – sucesso mundial (elucida) – ou uma que está agora a passar que se chama “Coração Marcado”, que é colombiana - que é uma novela (explica) – mostra que as pessoas estão a transferir dos canais generalistas para as plataformas de *streaming* o mesmo tipo de gosto. Claro que haverá algum ajuste, o paradigma mudará minimamente, mas em termos de premissa, nunca mudará. A “Guerra dos Tronos” é uma novela toda desconstruída e com uma roupagem muito refinada, mas são histórias de novelas.

A novela é um género que responde a um determinado tipo de ingredientes. A forma como eles se contam, pode dar uma novela que seja um produto de longa duração com episódios diários e obviamente vai ter uma estrutura narrativa completamente diferente de uma série, mas não deixa de ter ali os ingredientes das histórias de novela. Portanto, para mim, isto é tudo o mesmo, o que varia é a forma como nós contamos a história em termos práticos, a forma como estruturamos. No caso da novela, obviamente, se eu conto uma história todos os dias, se tenho todos os dias de alimentá-la, eu vou ter uma estrutura que vai passar pela repetição, às vezes, e por arrastar mais os plotes e os enredos, do que se estiver a contar uma história em 10 episódios. Não é comparável uma novela com 200 ou 300 episódios com uma série de 10. Muda a estrutura, a dimensão, mas os ingredientes e a história são os mesmos, digo eu.

Dizer também que, as telenovelas são um produto de eleição em Portugal porque, não só as pessoas gostam efetivamente de ver e porque gostam de chegar a casa e relaxar um

bocado do quotidiano, mas porque a nossa estrutura enquanto país, não tem capacidade financeira para produzir séries. As séries são mais caras que as novelas. Nas telenovelas dá-se uma rentabilização dos *decores* e de outros meios que as séries não permitem. Esta também é uma razão para que nós apostemos tanto em telenovelas – os nossos reduzidos meios e possibilidades financeiras levam a isso.

11 - Acredita que as telenovelas devem ser entendidas como um elemento televisivo de distração da audiência ou considera que devem transmitir uma mensagem?

Eu acredito que deverá sempre transmitir uma mensagem. Não que seja uma coisa panfletária, nem pensar. Não estamos aqui a fazer ativismo através de novelas ou de séries. Nós podemos é, num formato que sabemos que vai chegar a muita gente, passar bons valores. Quando eu digo bons valores refiro-me à empatia, à solidariedade, à união... Depois, temáticas mais fraturantes que estejam naquele momento a ser debatidas na sociedade e que sejam relevantes também deverão ser abordadas e observadas. Eu acho que é uma boa forma de ajudarmos as mentalidades a abrirem-se, sem ser nada radical. O público, se assim for, rejeita. É habituar as pessoas à diversidade que somos nós, seres humanos. Habituar o público a ver formas diferentes de estar na vida, que não têm nada a ver com a sua, mas que ao vê-las nas novelas, as pessoas vão-se familiarizando. As mentalidades vão abrindo. Haverá sempre temas como a corrupção, temáticas ligadas a doenças... é muito importante que as pessoas se sintam identificadas e representadas quando estão a ver determinado grupo e determinada história. Acho que isso deve ser abordado. Contudo, deve ser tratado com muita calma e muita consciência.

12 - Para que as telenovelas tenham sucesso é necessário que haja identificação do público com aquilo que é apresentado. Para que isso aconteça, é necessário recorrer-se a características comumente aceitas, por exemplo, em relação a um determinado grupo social?

Sim, se quisermos pensar mais pela rama. Isso é uma característica que tem mudado nas novelas. Nós hoje criamos personagens mais tridimensionais e que não sejam tanto de caricatura. É verdade que se continua a manter aquela tendência em que o rico come sempre grandes pequenos almoços, com sumos de fruta, bolos, etc... Claro que há características que continuamos a associar a determinadas classes sociais ou profissionais e que acabam por ficar, às vezes, um pouco “clichêado”. Eu estou mesmo a generalizar e a abranger novelas de outros pontos do mundo. Isso acontece, pode facilitar, ajuda do ponto

de vista cénico porque dá alguma vida, mas eu penso que as novelas ganham quando invertem um pouco essa tendência. Vou dar um exemplo. Vou falar daquela que é, para mim, uma das minhas novelas de eleição, “Avenida Brasil”. A “Avenida Brasil” inverte um pouco isso. Eles eram ricos, tinham uma piscina em frente para poderem mostrar essa riqueza, mas viviam numa zona que não era considerada nova no Rio de Janeiro. Aquilo era engraçado porque se via outra faceta. Pessoas com dinheiro, mas onde não havia aquela característica de viverem em bairros de pessoas de classe alta. Continua a haver essa tendência, eu não acho que seja obrigatório, mas é com certeza uma das características que marca a novela.

13 - Então posso inferir que, embora o recurso a características específicas, a clichês e a estereótipos seja um apanágio das telenovelas, pode fugir-se deles?

Exato. O que eu quero dizer é que... As telenovelas também representam aquilo que é o que nos rodeia – embora, às vezes, a preto e branco e de forma objetiva, sem mostrar muitas vezes aquelas nuances da vida (explica) A verdade é que, na vida, as classes sociais existem e têm determinados modos de vida e características associadas. Uma pessoa que é diretora de uma grande empresa multinacional andarà com um carro topo de gama, não andarà num carro com 20 anos – embora aconteça. É giro darmos essa exceção. Mas se existe essa representação é porque há esse espelho na sociedade. Quando queremos dar uma visão alternativa de um grupo ou criar uma personagem que foge aos cânones normais, eu acho que aí a história ganha sempre uma mais valia. Isso não significa, no entanto que, por vezes, não tenhamos de ir àquilo que é comumente associado a cada grupo - funciona assim porque é assim a vida real.

14 - Descreva o processo de criação de uma telenovela desde a escrita, à construção das personagens e à exibição no ecrã.

Tudo parte de uma ideia que podem ser só algumas linhas. Vou dar um exemplo: “duas irmãs que são separadas e que, depois, querem reunir-se” (inventa premissa de telenovela). Portanto, pensa-se na ideia e no tipo de formato a que ela se dirige e depois começamos a criar as personagens. A grande chave de uma grande história são as personagens. É delas que parte a história, são elas que permitem tudo no guião. Vão-se acrescentando detalhes para desenvolver a ação, ou seja, qual é o objetivo. Toda a ação tem de ter um objetivo e uma intenção. Quando eu quero que a aquela personagem vá correr e tenha uma cena de ação incrível para ela, se essa ação não estiver justificada, aquilo vai correr mal. Não vai ser cativante. Esse exemplo acontece em imensas produções

de *Hollywood* que às vezes correm mal. Têm os atores que são *superstars*, os meios técnicos, têm muito dinheiro, cenas com efeitos especiais e nós pensamos: “aquilo é incrível”. Contudo, algumas têm sucesso e outras não. Porquê? Podem até pôr a maior estrela em movimento que não vai correr bem, se não houver história. A questão está na história, na forma como as personagens se movimentam na história e a forma como está construída. A história é a base de tudo porque o resto soa estranho. Há produções milionárias que foram grandes *flops* de bilheteira.

Numa telenovela ou noutro formato de ficção é preciso construir a ação e dar conflito – porque toda a ação tem de ter um conflito, isso é o principal. É pensar que história quero contar, criar os perfis das personagens, construir a personagem e coloca-la a mexer para ela alcançar o seu objetivo. Esta é a base principal. Quando o trabalho é em equipa, que é o que eu gosto mais, discutimos as ideias e fazemos reuniões de *brainstorming*. Criamos as personagens, desenvolvemo-las e fazemos os núcleos. Arranjamos sempre uma forma de as personagens estarem ligadas entre elas. Os núcleos não devem ser distantes uns dos outros. Tem de haver uma conexão que nos permita... é um pequeno mundo – embora saibamos que mesmo na vida real não estamos sempre ligados. Nós, público, somos os observadores de uma história que está a acontecer ali, com várias pessoas, à frente dos nossos olhos. É a vida a correr à nossa frente. É desenvolver os núcleos.

No caso de Beirais, eu fiz essa questão dos núcleos, logo *a priori*. Construí as personagens e depois juntaram-se os argumentistas e algumas personagens foram acrescentadas, entretanto.

É pensar: que história é que eu quero pensar, quem são os heróis, quem são as personagens principais, em que mundo é que estas pessoas se movem - ou melhor, vou usar o termo pessoas (reformula, alterando a designação utilizada) – em que mundo é que estas pessoas se movem, o que é que elas pretendem, o que é que elas ambiciona, como é que falam, como é que se vestem – que é um pormenor importante, numa fase mais à frente quando estamos em contacto com a equipa de guarda roupa e caracterização -, como é que elas são: boas ou más, qual é a história de vida delas. A construção da personagem é muito importante para o trabalho do ator. Os atores gostam e precisam de as conhecer. E se, às vezes, as personagens não estão assim tão desenvolvidas, os atores trabalham nisso. Também é importante saber como é que reagem às coisas: se são combativas, se são mais reativas, os traumas, tudo isso. Nós somos um universo: um universo em contacto com outros microuniversos. Daí que tudo o que é a nossa história de vida (muda o raciocínio). E depois também é: como é que estes pequenos universos convivem e coexistem entre eles. Como é que se relacionam entre eles. Onde é que há choque, empatia ou amizade. Onde é que há logo, à primeira vista, conflito. Depois há

características que estão sempre presentes: a inveja, o ódio, o ciúme, as paixões, o amor... nós somos movidos pelo amor. O amor tem de estar sempre presente. A história de amor tem de estar sempre presente. Pode até cair tudo, mas a história de amor tem de estar sempre (sorri). A história de amor tem de ser sempre difícil. É o conflito, os obstáculos. O conflito é o que mantém as pessoas agarradas... Isso também acontece nos *reality shows*. Quando tudo corre bem, não há muito interesse em ver porque já sabemos que vai acabar tudo em bem (sorri). Se houver um acidente na estrada, infelizmente, há um lado do ser humano que os faz parar para ver – uns mais que outros, claro. Se houver uma ambulância numa rua para ir a casa de uma pessoa, você vai ver que à janela, já está tudo a ver (dirige-se à investigadora). A nossa natureza tem de lá estar. Não é à toa que no que diz respeito a Shakespeare, passados 400 anos – penso eu – da sua atividade profissional, há um estudo que diz que, todos os dias, há qualquer coisa que sai sobre ele: seja um documentário, uma peça de teatro que está a ser adaptada em qualquer lugar do mundo. Porquê? Porque a história de Shakespeare fala da natureza humana. Elas passaram-se na Grécia Antiga, em Verona, aqui e ali, mas podiam passar-se nos tempos que correm. Eram igualmente fortes e fazem igualmente sentido. Porque? Porque tratam a natureza humana que é intemporal e, mesmo que o tempo passe, somos todos iguais. O “*Squid Game*” teve esta força toda porque, no fundo, somos nós ali, são os jogos de criança que estão ali. São aquelas pessoas a lutarem pela vida, somos nós, seja qual for a roupagem. É por isso que na construção da ação e no desenvolvimento dos diversos núcleos é preciso desenvolver um objetivo para cada uma das personagens, desenvolver o conflito, os obstáculos que os impedem de chegar a bom porto e deixar as coisas fluir.

Uma coisa que eu lhe posso dizer (dirige-se à investigadora), esta é a minha experiência pessoal, não estou a dizer que seja assim com toda a gente, nós argumentistas criamos perfis de personagem, criamos a história, a sinopse – que apresenta a história que queremos contar -, mas se a meio da escrita formos olhar para trás, os perfis já lá vão e as personagens ganharam vida. Às vezes, aquilo que colocamos no papel de uma forma estática, já não tem nada a ver. Nós vamos conhecendo as personagens e elas vão-nos mostrando outros lados e, às tantas, já não é nada daquilo (sorri).

Depois antes de entrar em produção, entra em pré-produção. Isto tudo em equipa, que é uma coisa fantástica. Eu adoro trabalhar em equipa, adoro. Não se fazem novelas sozinho. É impossível. Uma série, em termos de guião, já é mais possível, mas numa novela não. Na novela trabalhamos tudo em equipa, quer na escrita, quer quem vai dar corpo aquilo que nós pensamos. Nós idealizamos e depois outros constroem o mundo que nós sonhamos. A escrita de guião é isto. Escrever a sinopse... depois vamos buscar coisas da nossa vida pessoal, de histórias que nós ouvimos contar. Nós somos horríveis porque estamos sempre atentos: escutamos conversas em todo o lado, seja com quem for, tentamos entender onde

é que há histórias boas ou nuances boas da vida para podermos, depois desenvolvê-las (sorri). Contudo, depois, quando as desenvolvemos, às vezes, já não têm nada a ver com as histórias que ouvimos e que era daquela pessoa. É a sinopse, os perfis e depois passa para a produção e começam outras equipas a trabalhar.

III – O caso de “Bem-Vindos a Beirais”

15 - Em jeito de provocação, “Bem-Vindos a Beirais”: uma série com características de telenovela?

“Bem-Vindos a Beirais” foi um trabalho em construção. Inicialmente, eu acho que sim. Estão lá os ingredientes todos (de novela). Tem a história de amor e tinha até o vilão, o Fernando. Depois com o tempo foi mudando. Para lhe responder a isso, tenho de lhe contar um bocadinho do processo (dirige-se à autora).

Eu diria que sim, que tem essas características, ou que pelo menos começou por tê-las. Depois foi abandonando ao longo do tempo. Mas há ingredientes como o amor que ficam lá marcados na forma como esse amor foi desenvolvido.

A ideia foi: alguém farto da vida de uma cidade que se muda para um ambiente mais tranquilo e longe. No caso do Diogo, ele teve aqueles problemas e foi um bocadinho contrariado, mas depois ele acabou por se adaptar - e aqui já estou numa fase mais à frente (explica). Construir um vilão, o Fernando, também entra nas características da novela. O Fernando tinha uma questão com a personagem da Mariana que tinha a ver com a morte do marido dela. Isso, inicialmente, foi construído, um bocadinho, em forma, em estrutura de novela. A questão é que Beirais ganharam uma vida própria e afastaram-se de tudo o que nós pudéssemos pensar, à cabeça. A premissa era o choque, num bom sentido, de alguém que está habituado à agitação da cidade, vai para o campo e encontra toda uma maneira de estar a que não está habituado. Isso era o que nos era pedido. Depois, já havia em cima da mesa a questão da pousada, do negócio de turismo rural, das três amigas. Fui eu que desenvolvi essas personagens. Isso era o que nós tínhamos de fazer, inspirados numa série de produtos que têm essa premissa e que sempre foram muito bem recebidos pelo público. Porquê? Porque, no fundo, em Portugal, toda a gente tem uma conceção dos meios mais pequenos. Seja porque os nossos pais nasceram numa aldeia ou numa cidade mais pequena, seja porque nós vivemos num meio mais pequeno, todos nós temos essa conexão. A RTP tinha essa vontade. Havia também outros projetos que tiveram sucesso e foram bem recebidos como aquele que é o “Médico no Alasca” ...

A ideia era série, mas como a estrutura de novela está sempre um pouco enraizada em nós, criamos o vilão e claro que o amor tinha de lá estar. Seria um híbrido, nesse sentido. Teria ali umas características de novela, mas depois a estrutura narrativa mudou. Começámos com episódios abertos, em que a narrativa continuava para o episódio seguinte, mas depois abandonámos esse método. Aí deixa de ser novela. No início, do ponto de vista da estrutura do guião, podemos dizer que nos colámos mais à telenovela, depois isso é abandonado. Os episódios tornam-se fechados. A partir daí, passámos a ter três histórias: uma espinha dorsal e duas histórias mais curtas. No entanto, se for a ver a história da Clara com o Diogo continua sempre a acontecer. Ela não acontece em todos os episódios, mas em termos de evolução daquilo que é a história deles, há uma evolução – traços de novela. É engraçado que eu, na altura, estava atenta às audiências, e os episódios em que havia um avanço nessa história deles, a audiência subia. As pessoas queriam ver isso a acontecer. As características de novela foram, então, totalmente abandonadas e o vilão tornou-se um homem divertido. Continuava a ser vilão, mas não um vilão de novelas. Nem na maldade ele chegava a uma Carminho da “Avenida Brasil”.

Não é uma provocação. Os Beirais, eu nem saberia... eu acho que são uma série de longa duração. Tornou-se mais série e menos novela. Fazendo um balanço.

16 - Em que fontes, dados e experiências é que o coletivo de argumentistas, e a Ana em particular, se basearam para representar a interioridade de Beirais?

A primeira parte, a sinopse, foi criada por mim e depois juntou-se a equipa. Eu fui criada com uma avó que contava histórias incríveis e que viveu comigo até aos meus oito anos. Como lhe disse (dirige-se à investigadora), o meu pai é de Elvas, a minha mãe de Grândola. Tive verões inteiros passados na província, no caso da minha mãe junto ao mar, ali perto de Santo André. Uma coisa que eu percebi foi: há quase em todo o lado esta estrutura da sociedade recreativa, podem lhe dar outros nomes. Diga-se que estas histórias rocambolescas acontecem nas cidades pequenas e nas aldeias, não menos que nos centros urbanos. Nos centros urbanos passam é, se calhar, mais despercebidas. Há uma forma de estar nas aldeias, pela minha experiência. Há histórias deliciosas e a realidade ultrapassa sempre a ficção... Eu tinha aquilo muito dentro de mim, na altura. Pude consomar uma série de referências que eu tinha e que me são muito gratas para Beirais. Muitas coisas surgiram das minhas referências pessoais, como o caso do Joaquim e do Moisés. O tema das agências funerárias são temas com os quais gosto de lidar porque acho que tem muito potencial. Há sempre uma grande tensão em falar da morte (sorri). Eu acho que isto é tudo uma grande passagem e brincadeira... Na agência funerária poderia acontecer muita coisa. A sociedade recreativa, o padre, as beatas, isso foi da minha experiência, daquilo que eu conheci. Lá está, aquilo somos todos nós. O Sandro que tinha

aquele sonho: eu pensei como seria alguém que queria ser estilista e que vive numa aldeia. Com que problemas lida, como é que os outros o veem, como é que a família o vê? São famílias, são famílias.

Eu insisto nisto, porque para mim é muito importante: são famílias de uma aldeia que, neste caso, é Beirais – fiz questão de encontrar um nome que não existisse para que não houvesse uma referência de localização geográfica. Eu queria que, quer fosse no Porto, Minho, Trás dos Montes ou Alentejo, aquela aldeia fôssemos nós. Nós portugueses. Queria que representasse a nossa forma de estar. Foi com essa intenção que as personagens foram construídas. Lá está, no papel as personagens tinham aquele formato, mas depois os argumentistas e a equipa foram acrescentando os seus *inputs* e as suas visões próprias. Aquilo depois cresceu muito e, se calhar, passaram de bonecos – ou poderiam ser considerados mais bonecos porque, lá está, são feitas referências a coisas que muitas aldeias têm -, para serem completamente tridimensionais. Foi essa a intenção. Representarmo-nos a nós, ao nosso espírito, à nossa maneira de ser, àquilo que nós achamos, aquilo que nós gostamos – as patuscadas, as bebedeiras. Também não quisemos ser desrespeitosos. A ideia era fazer uma grande declaração de amor a Portugal, aos portugueses, aos meios mais pequenos, menos urbanos e transmitir aquele espírito de união que existe. Foi uma coisa que eu fiz muita questão de passar: no final as coisas corriam pelo melhor porque havia união para que assim fosse, havia solidariedade. Apesar das divergências, as pessoas gostavam umas das outras e mesmos os conflitos eram tratados de uma forma mais divertida, mais descontraída. Falar a sério, a brincar. Muitas histórias ali eram sérias, mas foram desconstruídas para se tornarem leves. Às tantas, Beirais era o centro do universo, tudo se passava ali. Havia episódios divertidíssimos em que cada um dos argumentistas, passando a eles, dava a sua forma de ver as coisas e a sua forma de as sentir. Coisas pequenas do dia-a-dia. Eu lembro-me de um episódio, a Susana, personagem da Lúcia Moniz, estava enervadíssima porque ninguém lhe dava os parabéns e outro em que os sapatos da Clara lhe estavam apertados e ela andou o dia todo naquilo. Aquilo eram coisas do nosso dia-a-dia. Cada um dos argumentistas trouxe uma visão muito própria dessa realidade. Construiu-a de forma muito própria. Depois eu ia direcionando de forma a que se inserir-se no global, no panorama, na *big picture*.

Tínhamos tanta gente diferente a escrever e depois isso notou-se nos episódios, na diversidade dos episódios. Foi assim maravilhoso, eu acho. Perdemos o rumo às coisas porque eles podiam fazer tudo. Houve um pacto tácito com o público. Às tantas, deixámos de ir ao encontro daquilo que as pessoas estavam habituadas. O Fernando deixava de ser tão mauzão e eu pensava: “será que isto vai resultar? Como é que as pessoas vão reagir?” (vocaliza o pensamento que teve). E as pessoas reagiam lindamente. Gerou-se ali um pacto

com o público, em que as pessoas estavam abertas a todas as maluquices que as personagens faziam. Foi bom.

17 - Disse que Beirais era uma aldeia tipicamente portuguesa. Quais as características que tinha em mente quando definiu assim uma aldeia? E, por consequência, quais as que se associam aos grandes centros urbanos?

(Hesita) Quer seja em comédia ou em crime, há sempre uma coisa que funciona muito bem em meios mais pequenos: é a ideia de que tudo se sabe. Essa é uma das premissas importantes. É quase impossível manter-se um segredo. Eu não sei se é assim eu todas as aldeias, não quero ser generalista, mas eu fiz aquilo que achava que era. Num meio pequeno as coisas sabem-se, há muita ingerência na vida das pessoas, para o bem e para o mal. Falam umas das outras, ajudam-se.... Esse espírito, da entreaajuda, da solidariedade porque nós, portugueses, somos extremamente solidários. Esse ambiente de sociedade recreativa, que é a minha experiência pessoal, haver um espaço onde as pessoas se juntam e partilham a sua visão. Haver a GNR e os agentes, eles estão sempre presentes na sociedade e têm essa característica de distribuição de jogo. Mais tarde, também tivemos a junta de freguesia, já na segunda temporada. A parte de como se vive a religião também é muito importante. A influencia do padre enquanto guia espiritual das pessoas, em que elas confiam para as orientarem em coisas do dia-a-dia. Temos ali também representado o médico.... Digamos que eu não sei se representei uma aldeia portuguesa. Eu representei um microcosmo que podia ser uma aldeia portuguesa que fosse autossuficiente. Tinha a saúde, o restaurante, a mercearia, a oficina, enfim. A partir daí, foi pôr as personagens a viver a sua vida.

Para mim é muito difícil dizer como criar uma aldeia. Para mim uma aldeia é uma cidade em ponto pequeno. As pessoas são as mesmas e o que acontece é o mesmo. Eu não gosto de fazer essa diferenciação. O que ganha aqui em ser uma aldeia é, de facto, ser um meio pequeno, onde nós colocamos as pessoas a saber de tudo, se for necessário. Aquilo que eu disse há pouco, de colocar as personagens e os núcleos em contacto uns com os outros: hoje passeiam juntos, amanhã vão à missa e por fim trabalham no mesmo sítio. Essa ligação, se calhar, nas grandes cidades, é mais difícil de acontecer porque as pessoas estão ali no seu ambiente de trabalho, vão nos transportes para casa às vezes uma ou duas horas ... as pessoas estão mais viradas para si próprias. Em cidades maiores como aqui, Lisboa, somos mais virados para nós próprios, mas isso também está a mudar. As pessoas estão a tentar socializar um bocadinho mais, mas é o amigo do trabalho. Não dá para sair porta fora e encontrar o amigo do trabalho na sociedade. Essa é que é a grande diferença.

Eu não quis que Beirais fosse numa zona específica – quando digo eu, digo a equipa (esclarece) – para que toda a gente se sentisse representado, mesmo as pessoas das cidades. Como já lhe disse (dirige-se à investigadora), todas as pessoas têm pessoas lá: ou os pais vão à terra no Natal ou porque vêm de lá elas próprias, vêm de cidades do litoral ou do interior e agora trabalham em Lisboa, mas a experiência de vida e a alma está ali. Nós somos formados a partir dessas vivências. Não há ninguém que não olhe e não tenha uma referência. Eu quis que, quer estando no Minho, no Algarve ou em Lisboa, qualquer pessoa se sentisse ali representada.

18 - Essa foi a sua maior preocupação?

Foi, foi (perentória). Há uma máxima no guionismo que diz: “quanto mais regional, mais universal”. Porquê? Porque todas as aldeias têm tradições, nós só as conseguimos distinguir pelo tipo de festa de cada uma. Elas podem não ter a mesma roupagem, mas a essência é a mesma. Isso é aquilo que nós somos, a Humanidade. Somos seres agrupados e a única coisa que pode variar é se, culturalmente, temos uma determinada religião ou se vivemos na América Latina ou numa grande cidade dos Estados Unidos da América. Nós somos seres humanos. Daí que, quando nós falamos em regional é: em meios pequenos nós podemos observar seres humanos em ação com as suas idiossincrasias. É isso que se pretende. Para mim, há o ser humano e depois há a forma como ele se expressa. Por exemplo, as religiões têm todas o mesmo fundo, a mesma base – o bem e o mal -, nós depois podemos é utilizar linguagens diferentes para transmitir isso. Esta aldeia é isso: uma aldeia de seres humanos. Quando eu, há pouco, falei em bebedeiras, não quero que pense que estou a generalizar. Foi só uma realidade que eu vivi. Muitos guionistas quando leram também disseram “na minha aldeia também era assim” (parafrasia colegas de profissão envolvidos no projeto). Temos de nos rir destas pequenas coisas. O pequeno crime, os burlões. Nós falamos mal do Governo e da corrupção, mas aquilo caminha por todo o lado, até ao pequeno meio. Isto está tudo em nós. É somente uma questão de escala. Ali a diferença é que era uma aldeia pequena, só isso.

19 - Como é acha que os portugueses pertencentes ao interior de Portugal olharam para “Bem-Vindos a Beirais”, identificara-se?

Eu espero que não se tenham identificado em algumas histórias porque havia lá coisas rocambolescas (ri/brinca). Espero que se tenham revisto nas histórias, mais nuns episódios que noutros. Houve um episódio sobre extraterrestres, não sei se as pessoas se identificaram! Havia tudo ali. De repente, era o centro do universo, tudo ali acontecia e

nada era estranho. Eu espero que se tenham identificado nessa parte em que quis transmitir a solidariedade, a amizade, de se divertirem em grupo, questões de pais e filhos- a Alzira a ralar com o Sandro -, os sonhos. Lá está, toda a gente é assim. Eu espero que se tenham identificado. Eu acho que as coisas não correram mal porque, no início, eram para ser apenas 80 episódios e acabaram por ser 640. A série quer elogiar o país.

20 - O que mais destaca em “Bem-Vindos a Beirais”?

Eu adorei Beirais. Isto já foi há nove anos, por isso a memória já não é a mesma. Eu achava muita graça ao Fernando, às questões psicológicas das meninas da pousada, as manias... também gostei muito do romance do padre com a Marina. Adorava os cangalheiros, os da agência funerária – eles criaram episódios hilariantes para eles. O Carlos e a Nazaré. Não vou destacar nenhuma personagem, acho que houve episódios muito engraçados, particularmente um episódio que prova que tudo poderia acontecer em Beirais: o episódio da Marta Pais Lopes, que se passava na 1ª Guerra Mundial. E o das Amálias do Miguel Simal (relembra). A Nazaré descobriu umas cartas de amor e houve essa recriação, de repente, estamos na Primeira Grande Guerra. Aquilo foi uma homenagem aos soldados e às famílias que na altura, em Portugal, foram recolhidos, em aldeias e vilas, para irem combater. Foi um episódio muito bonito, um episódio emocional. Gostei muito dele. Acho que houve ali coisas muito engraçadas. Posso falar porque muitas das coisas nem partiram de mim, nem é uma questão de modéstia ou falsa modéstia, por isso posso falar à vontade (ri). Eu ficava mais a fazer o esqueleto da série e a garantir as ligações. Também havia coisas que eu queria pôr, como os extraterrestres, porque pensei que era divertido. Havia alguns episódios e histórias que também sugeria, outras partiam dos próprios argumentistas, era ali um *mix*. O que eu fazia era alinhar para ter a certeza que a história estava articulada com o resto, que as personagens não estavam esquizofrénicas. Como deve imaginar (dirige-se à investigadora), dez argumentistas a escrever desde o início a mesma personagem, acabam por haver sempre ali algumas diferenças. As pessoas são diferentes.

Hã outra coisa que eu queria referir sobre Beirais. Aquilo foi uma loucura porque nós começámos com um prazo muito curto. Eu tive de trabalhar muito rapidamente e, como deve imaginar, gerir (dirige-se à investigadora) dez - e depois passaram a ser nove – pessoas, cada uma a escrever para seu lado, era desafiante. Mas eu consegui respirar quando arrancaram com a produção e com as gravações e eu percebi que as coisas estavam a correr bem. Depois começaram a acontecer coisas giríssimas: o episódio 33 que era sobre um milagre, ele não era inicialmente o 33, mas depois andámos ali para trás e para a frente com a produção por causa de umas alterações e ficou no 33. No dia em que

fizemos a apresentação à imprensa, na aldeia onde gravámos Beirais, foi o dia em que tinha fechado o episódio da chuva de estrelas e houve, de facto, uma chuva de estrelas nesse dia. Estreamos no dia de Nossa Senhora de Fátima, dia 13 de maio... (recorda sorridente). Às tantas, começaram a haver indicações do universo que diziam: “relaxa, as coisas vão correr bem” (frase que traduz o que sentiu). Os argumentistas, os atores, os realizadores, as equipas de caracterização estavam todas felizes a fazer esta produção. As pessoas estavam a divertir-se e quando as coisas vão bem-dispostas, nós sabemos que são indicadores de bons resultados. Aquele projeto teve as pessoas certas a fazer aquilo que melhor sabiam fazer. Estávamos todos a trabalhar no mesmo sentido e com a mesma energia e isso resultou num projeto e numa história que divertia os portugueses – esse era um dos grandes objetivos. Queríamos que as pessoas, no momento em que estavam a ver os Beirais, se esquecessem das partes menos boas da vida delas.

21 - Embora me tenha dito que a sua família é natural do Alentejo, interior de Portugal, é difícil representar uma zona do país que não se conhece tão bem ou na qual não se vive?

Com certeza. Obviamente que sim, mas isso vale para tudo. Se eu agora quiser fazer uma série sobre algo que se passe em Inglaterra, a única referência que eu tenho são as produções que vi que se passam em Inglaterra. É claro que é mais complicado fazer essa representação. Tem de ser orgânico, penso eu. Quando não é orgânico, os argumentistas, costumam fazer trabalho de campo para ver, sentir, indagar o estado de espírito... Por exemplo, uma coisa totalmente diferente: uma família de Marrocos que vive em Marrocos. Só podia dar asneira se eu estivesse aqui em Lisboa a escrever uma série sobre aquilo que eu achava que era Marrocos porque vi um filme. Com certeza que é mais difícil. Isso vale para séries de advogados, de médicos... é preciso mergulhar muito nas realidades e fazer entrevistas e trabalho de campo para estarmos, minimamente, seguros. Agora lá está, quando olhamos para nós, para dentro, não somos assim tão diferentes uns dos outros. Beirais era a representação do português, da sua essência, independentemente de ser uma aldeia do Norte, do Sul, do litoral ou uma zona de Lisboa.

22 - Há quem diga que o interior é um conceito lisboeta. Considera que a forma como esta região é plasmada no ecrã pode ser influenciada por este fator? De que forma?

Conhecer ou não uma realidade ou um sítio acabará por influenciar a forma como se escreve sobre ele. Agora, nós, argumentistas, temos de investigar, procurar e beber o que

nos rodeia, para nos podermos aproximar o mais possível do real. Sem nunca esquecer que é ficção. No caso de Beirais, como já disse, nós todos recorremos a experiências próprias e, para além disso, tentamos representar o português, por isso, penso que essa questão não se colocar. Conhecíamos minimamente bem a realidade.

Tabela 1 - **Análise da Entrevista a Ana Vasques**

Unidades de Análise	Análise da entrevista
Léxicos mais utilizados (com relevância para a pesquisa)	- 52 Vezes “história (s)”; - 47 Vezes: 36 vezes “novela (s)” + 11 vezes “telenovela (s)”; - 26 Vezes “episódio (s)”; - 22 Vezes “aldeia (s)”; - 14 Vezes “representadas (os)/ representação (ões)”; - 11 Vezes “característica (s)”; - 11 Vezes “cidade (s)”; - 10 Vezes “produção /produções”; - 8 Vezes “ficção”; - 7 Vezes “Lisboa”; - 7 Vezes “série (s)”; - 7 Vezes “realidade”; - 7 Vezes “experiência (s)”; - 6 Vezes “público”; - 5 Vezes “produto (s)” (no sentido de formato audiovisual); - 4 Vezes “audiência (s)”; - 3 Vezes “tendências”; - 2 Vezes “interior” (no sentido da região do país); - 2 Vezes “plataformas de <i>streaming</i>”;
Estado de espírito do entrevistado	- Durante toda a entrevista, a coordenadora do argumento de “Bem-Vindos a Beirais” manteve-se tranquila e num registo explicativo. O seu discurso foi recheado de exemplos e denotou-se um enorme carinho ao falar sobre “Bem-Vindos a Beirais”. A entrevista contou com momentos de descontração e risos.
Adjetivação, características ou	- As telenovelas evoluíram “muito do ponto de vista da produção”. - “Movemo-nos muito por tendências” diz Ana Vasques acerca das telenovelas produzidas em Portugal. - As telenovelas são “um produto de eleição em Portugal” e ajudam a “relaxar do quotidiano”. - As telenovelas devem transmitir uma mensagem pois são “uma boa forma de ajudarmos as mentalidades a abrirem-se, sem ser nada radical”. - A argumentista defende que, embora haja plataformas de <i>streaming</i> e apesar de os produtos serem apresentados em formatos diferentes, no fundo, tudo são telenovelas: a base, a história é a mesma. Todos os

Ideias associadas às telenovelas em Portugal	conteúdos audiovisuais têm os ingredientes de telenovela, embora a sua estrutura, dimensão ou recursos de produção sejam distintos – “Muda a estrutura, a dimensão, mas os ingredientes e a história são os mesmos, digo eu”. - Segundo a argumentista, os temas mais apreciados pelos portugueses são as histórias de amor, as “histórias positivas” e as narrativas tradicionais de superação do protagonista – “As pessoas gostam de ver histórias que as motivem, que sejam inspiradoras”. - Ana Vasques acredita que a pandemia trouxe à audiência uma necessidade de consumo de produtos mais leves e descontraídos, daí o recurso “às aldeias pequenas e ao interior” e a ideia de que o que se quer é “passar bem e em lugares mais afastados dos centros urbanos”.
Adjetivação, características ou ideias associadas ao interior de Portugal	- Quando fala sobre o protagonista de “Bem-Vindos a Beirais”, Ana Vasques refere que ele se mudou para o interior de Portugal por ser uma zona “tranquila” e “longe” da cidade. - Segundo Ana Vasques, todas as aldeias portuguesas – do interior ou não – têm uma espécie de sociedade recreativa. - Ao interior e às aldeias, a guionista associa as ideias de união, solidariedade, convívio (em patuscada, por exemplo), proximidade (todos se conhecem – “Num meio pequeno as coisas sabem-se, há muita ingerência na vida das pessoas, para o bem e para o mal”) e cooperação. - Ana Vasques defende que não há esmagadoras diferenças entre o interior de Portugal e o resto do país. A guionista diz que “as pessoas são as mesmas”, tal como os acontecimentos. A única diferença reside na “escala” e “roupagem” porque a “essência é a mesma”: “Para mim uma aldeia é uma cidade em ponto pequeno”.
Adjetivação, características ou ideias associadas às produções que recorrem a estereótipos	- Ana Vasques alerta para que é necessário ter “consciência” daquilo que se representa e da forma como se representa uma determinada realidade ou grupo social. Contudo garante que “é muito importante que as pessoas se sintam identificadas e representadas quando estão a ver determinado grupo e determinada história”. - A guionista admite o recurso a determinadas características comumente aceitas para a representação de determinado grupo social ou realidade, mas adianta que essa é uma tendência que tem vindo a mudar – “Isso acontece, pode facilitar, ajuda do ponto de vista cénico porque dá alguma vida, mas eu penso que as novelas ganham quando invertem um pouco essa tendência”. A autora acrescenta que, se as coisas são espelhadas de uma determinada maneira na tela é porque existe alguma convergência com a realidade/sociedade (“a verdade é que, na vida, as classes sociais existem e têm determinados modos de vida e características associadas”), todavia reitera que uma “história ganha uma grande mais valia” quando se mostram as exceções e outras realidades.
	- ““Bem-Vindos a Beirais” foi um trabalho em construção”: Ana Vasques diz que esta produção começou por ser construída como sendo uma

Adjetivação, características ou ideias associadas a “Bem-Vindos a Beirais”	novela, mas, com o tempo, tornou-se uma série. Segundo a argumentista, as características basilares da novela mantiveram-se (a história de amor, o vilão), mas a estrutura narrativa mudou e os episódios tornaram-se fechados e com um avanço narrativo lento. - A maior preocupação de Ana Vasques nesta produção foi garantir a verosimilhança com o real e fazer com que todos os portugueses, independentemente da zona do país de onde eram, se sentissem representados – “ Eu queria que, quer fosse no Porto, Minho, Trás dos Montes ou Alentejo, aquela aldeia fossemos nós. Nós portugueses.”
Frases marcantes da entrevista	- “Neste momento, percebemos que estamos na fase da aldeia pequena ou no interior e mais num tom descontraído”. - “A televisão é como a moda, está muito sujeita a tendências”. - “É bom nós envolvermos toda a nossa maneira de ser, todo o nosso espírito – é importante que toda a gente se sinta representada”. - “A história, se é bem construída, é intemporal porque a natureza humana é aquilo que está em causa”. - “As pessoas dizem <i>“ah, isto é sempre a mesma coisa”</i>, mas (...) quando aparece alguma coisa bem feita e que vá contra aquilo que as pessoas dizem que já estão fartas (...) as pessoas veem”. - “Nós hoje criamos personagens mais tridimensionais e que não sejam tanto de caricatura”. - “Mas se existe essa representação é porque há esse espelho na sociedade”. - “Representarmo-nos a nós, ao nosso espírito, à nossa maneira de ser, àquilo que nós achamos, aquilo que nós gostamos (...). Também não quisemos ser desrespeitosos”. - “Beirais era a representação do português, da sua essência, independentemente de ser uma aldeia do Norte, do Sul, do litoral ou uma zona de Lisboa”. - “Há uma máxima no guionismo que diz: “quanto mais regional, mais universal”.

APÊNDICE D – Entrevista a Miguel Simal (coordenador do argumento de “Bem-Vindos a Beirais” – RTP 1)

Entrevistador: Inês Salvador (investigadora)

Entrevistado: Miguel Simal (argumentista/guionista)

Data da realização da entrevista: 12 de maio de 2022

Horário da entrevista: 15 horas -18 horas (3 horas de duração)

Formato da entrevista: Online, via Zoom; sessão síncrona; câmaras e microfones ligados.

I - Caracterização

1 - Nome?

Miguel Simal, pelo menos é o nome que uso de forma profissional. Depois tenho um nome bem mais longo: João Miguel Coutinho Carvalho Simal da Silva. Há quem diga que é pela arrogância de não ser um João Silva, que passei a usar o Miguel Simal (ri em tom de brincadeira). Mas fui Miguel em casa desde sempre. O meu pai era João, o meu avô era João, o meu filho é João, por isso, saltou a minha parte! O Simal pronto: o meu pai usava e, mesmo o meu avô - que era Silva -, às vezes também utilizava o Simal, daí Miguel Simal.

2 - Idade?

Tenho 42 anos, nasci em 80.

3 - Naturalidade?

Sou de Lisboa.

4 - Tem raízes fora da capital?

“Nim” (esboça um sorriso). Eu costumo dizer a piada de que quando ia ver os meus avós à terra, saía da Almirante Reis e ia até à Avenida da Liberdade, de tão lisboeta que sou. Mas

a verdade é que a família do meu pai é de Colares, ali perto de Sintra, e houve uma fase da minha vida em que eu lá vivi. Ali nos vintes... (faz contas de cabeça). A minha tia do lado materno – e embora também sejam todos lisboetas há várias gerações (explica) – também, se mudou para o Alentejo. Até ali 1998, 1999 ou 2000, a minha tia era arquiteta, era pós-moderna e super-urbana, mas um dia fartou-se, não tinha filhos, tinha dois cavalos e comprou um monte perdido no Alentejo. Era a pessoa mais urbana que podemos imaginar e tornou-se a pessoa mais campónia. Ela hoje em dia até tem sotaque alentejano... tem galinhas e as galinhas andam atrás dela, tem ovelhas, tem vacas... se calhar, ficou um bocado louca (sorri). Desde 2000 que passei a ir muitas temporadas para ao pé dela porque fascina-me aquela pasmeira do campo! Estas duas histórias são importantes porque são influentes na minha escrita de Beirais.

5 - Descreva o seu percurso profissional desde que iniciou a sua carreira na escrita até aos dias de hoje?

Sai do liceu e fui logo fazer o curso de cinema. Na altura, só havia – tanto quanto me lembro- dois cursos: um do conservatório e um da Universidade Moderna. O meu primeiro trabalho foi vestir um *smoking* e ocupar lugares vazios na gala dos Globos de Ouro. Foi o meu primeiro trabalho nesta área... (recorda sorridente). E quase ganhei um globo de ouro porque o Miguel Ângelo, dos Delfins, tinha ido à casa de banho e eu estava sentado no lugar dele! Começaram-me a filmar e eu pensei: “se calhar vou ter de ir receber o globo de ouro” (vocaliza o pensamento que teve e gargalha). Ainda não ganhei nenhum globo de ouro, mas já ganhei outros prémios! Depois disso, exatamente para o mesmo professor – porque isto era da cadeira de televisão (esclarece) - fui convidado para trabalhar nos primeiros *Big Brothers*. Fiz o *Big Brother* 1, 2 e 3 e o “Barra TV”. Foi uma experiência interessante, até para saber aquilo que não queria fazer.

Tive uma fase em que não estive em parte nenhuma e estive a fazer trabalhos do mundo real: andei a vender porta a porta, fui técnico, fiz instalações.... Nessa altura, conheci imenso país e imensas personagens que acabaram por algumas delas, aparecer em Beirais.

Em 2006/2007, houve ali uma oportunidade de regressar à faculdade, porque o meu curso não era licenciatura e depois passou a ser, e foi aí que me aproximei mais do António Pedro Vasconcelos, o realizador. Tornei-me assistente dele, trabalhámos juntos numa série de documentário. Fui assistente de no “Bela e o Paparazzo”. Mais uma vez, esta experiência, tal como a do *Big Brother* foi boa para perceber aquilo que eu queria ou não fazer. Em 2013, eu estava particularmente infeliz a fazer um documentário, e tinha mandado uma mensagem ao Pedro Lopes (argumentista) – que tinha sido meu colega no primeiro *Big Brother*-, que é diretor da SP Produção, a perguntar se ele não precisava de

um guionista. Ele na altura não tinha nenhuma vaga, mas pediu-me para escrever com ele uma peça de teatro, a meias, para o Teatro Rápido. Depois, um dia, ele ligou-me e disse-me: “olha temos aqui uma série que é assim meio comédia, tu tens jeito para isso?” (faz gesto de telefonema e faz o discurso na primeira pessoa simulando ser Pedro Lopes). Eu menti com todos os dentes e disse: “sim, eu nasci para fazer comédia” (parafrasia o que disse na altura a Pedro Lopes, sorridente). Fui trabalhar para Beirais e acho que na primeira temporada estava a receber ordenado de estagiário...Parece que os Deuses se alinharam todos e fizeram uma série à minha medida porque, cá está, consegui pôr imensas coisas da minha vida na produção. O protagonista estava na cidade e estava farto, decidiu arriscar e mudar tudo e foi viver para o campo. Isto foi um bocado o que eu fiz: estava nos documentários, ia ser pai e arrisquei tudo e fui para a escrita. Eu já tinha feito escrita com o António Pedro (Vasconcelos) e já tinha feito escrita antes, mas tão a sério, de uma forma tão profissional nunca tinha feito...A história da casa do turismo, eu vi imenso a minha tia que se mudou para o Alentejo e tornou aquilo numa espécie de turismo agrário, por isso eu sabia as experiências. Eu próprio andei a mudar camas e a servir pequenos-almoços e falava com as pessoas. Cá esta: tive imensa sorte a série caiu-me que nem uma luva para a minha experiência e para aquilo que eu gostava de fazer (ar de satisfação). Depois de Beirais tive praticamente dez anos a trabalhar para a SP Televisão. Fiz uma série de novelas (pensa e vai enumerando à medida que se recorda): fiz o “Coração D’Ouro”, fiz o “Mar Salgado”, fiz “O Sábio” e “Espelho de Água”. Depois fiz várias séries: ajudei a escrever o “Glória”, para a *Netflix*, fiz também o “Auga Seca”, que estive na RTP e na *HBO*. Trabalhei noutras produtoras como a “Miúdo Graúdo”. Fiz uma série de telefilmes que é o “Treze”, dos quais realizei um... E depois, uma pessoa pensa que se lembra de todos os trabalhos, mas vai-se esquecendo... (tenta recapitular mentalmente as produções que fez). Mas o meu filho preferido continua a ser Beirais (diz de forma carinhosa). Quando eu estava a coordenar, e tivemos muitos guionistas rotativos, eu costumava dizer que Beirais era a brincadeira de lego perfeita. Dão-te os legos todos e montas a brincadeira como te apetece porque todos os episódios podiam ser diferentes. Tenho imenso carinho pela produção e, curiosamente, demorei imenso tempo a libertar-me das personagens. Antes da pandemia, houve uma tentativa de reanimar Beirais e escrevemos uns vinte episódios. Foi muito engraçado a facilidade com que foi voltar aqueles personagens. Foi como se fosses visitar aqueles primos que já não vês há dez anos, mas que conheces os tiques todos, sabes (dirige-se e interpela a investigadora)? Ou aquele amigo que tens no liceu e que não vês há anos e que, de repente, nem precisas de falar com ele sobre o que foi o vosso passado porque pega a conversa no ponto em que tinham deixado (gesticula com os braços exprimindo a longinquidade e a distância que por vezes

existe entre as pessoas; fala com nostalgia). Eu sei que não se deve ter um filho preferido, mas Beirais é o meu favorito.

6 - Ainda trabalha para a SP Televisão?

Neste momento, “nim” (ri). Neste momento, a SP tem uma nova produtora que é a SP Internacional e eu, nos últimos seis meses, estive a escrever-lhes uma série: um *thriller rock and roll*. Em junho, vou começar a escrever uma série com o Pedro Lopes, que foi a série que nós escrevemos antes do “Glória” e que era suposto ter sido a primeira série a sair na *Netflix*. Esta série teve agora luz verde para a desenvolvermos. Por isso, não estou a trabalhar com a SP no lado das novelas, mas estou a trabalhar com eles no lado mais *gourmet* das séries. Também trabalhei com a “Marginal”. Quando és *free lancer* acabas por trabalhar um pouco com quem te bate à porta.

7 - Mas o que é que prefere: trabalhar na fábrica das novelas ou fazer produtos gourmet?

Eu podia dizer que ninguém gosta de fazer novelas, mas é mentira. Eu tenho imensos colegas que adoram escrever novelas e que nasceram e cresceram a ver novelas. Eu vim de um ambiente de cinema e os meus mestres é toda aquela geração do António Pedro (Vasconcelos), do Fonseca e Costa, do Cunha e Teles que têm aquela ideia do cinema francês do *Nouvelle vague*. Há quase uma pedantearia saudável em relação ao cinema. Eu confesso que quando fui para a SP ia cheio de preconceitos em relação à telenovela como produto. Só tinha visto novelas quando a minha avó era viva e eu era pequeno. Devo ter parado de ver novelas com 10 ou 11 anos. Tive uma namorada quando estava na faculdade que via novelas e então eu vi uma com ela e, sinceramente, eu achava aquilo abaixo de cão. Depois de fazer novela, tenho imenso respeito e imenso fascínio pelo trabalho técnico que é fazer uma novela. Tenho imensa pena que não se teorize o suficiente sobre a dificuldade e a arte de fazer novela.

Gosto mais de fazer séries (hesita) porque tens mais espaço e mais tempo para escrever. Eu acho que a novela, hoje, é um bocado a arte do menos mau porque tu fazes um episódio por dia.... Na verdade, nem és bem tu a fazer, são equipas de cinco-sete pessoas e há uma pessoa que faz o esqueleto do episódio. Depois, dividem os guionistas por personagens ou núcleos e depois imagina (interpela a investigadora) estás uma semana a escrever os cómicos, depois na semana seguintes fazes os vilões e depois os protagonistas. Não há tempo para que haja um grande envolvimento com as personagens. Numa série como a “Glória”, em que tivemos quatro meses para escrever, dá tempo para voltar atrás, dá

tempo para repensar... Por exemplo, nesta última série que escrevi “Vício Lento”, no episódio seis, descobri que me faltavam coisas no um, dois, três e quatro, e tive tempo de voltar a trás, afinar e o novelo ficar mais composto. Numa novela já passou. A novela é uma maratona. Na novela, em grande plano, ninguém se vai lembrar do que aconteceu na cena cinco do episódio 153 de “Fogo e Paixão”, por isso, não tens de escrever uma cena perfeita (brinca). Às vezes, só tem de ser funcional e cumprir os requisitos.

Agora dou aulas e ensino aos meus alunos que nas novelas, uma cena em que é olhar para este copo e perceber se tem veneno ou não (pega num copo de água que tem ao lado do computador) e a cena podia ser só isto (pega no copo e aproxima-o dos lábios) começa com: “senhor Dr., posso entrar? / Olá Maria, o que é que quer? / Trouxe-lhe aqui os papeis” (imita as vozes de personagens fictícias). E depois a cena continua: “Já bebeu o seu copo hoje? / Ainda não Maria” (imita a voz das personagens fictícias). E depois ela vai embora e pega no telefone... enquanto o ponto alto devia ser assim (pega no copo e aproxima-o da boca) e a cena acabava aqui – e é o que se ensina aos alunos – que é o que acontece em cinema e em séries, nas novelas eu bebi e depois ainda aparece alguém e a cena dura e dura e dura. Uma cena que, em ficção, se faria numa página, em novelas às vezes, tem de se fazer em quatro. Contudo, a novela tem a arte de fazer palha sem ser insultuoso para o telespectador.

II - Reflexões sobre as telenovelas em Portugal

8 - Como é que olha para as telenovelas produzidas atualmente em Portugal?

Mal. Acho que houve um decréscimo de qualidade gigante, embora considere que também já tivemos uma Era de ouro de novelas. Houve uma altura em que a TVI estava em primeiro e ganhou o *Emmy*, a SIC e a SP sentiram a necessidade de elevar a fasquia e fizeram-se ali quatro, cinco novelas muito fortes: “*Dancing Days*” – que teve a ajuda da Globo (explica), depois a que ganhou o *Emmy*, “*Laços de Sangue*”, “*Mal Salgado*” – que é um novelão e que, cá está, consegue ter gémeos separados à nascença sem isso parecer um clichê (sorri enquanto explica) – e “*Coração D’Ouro*”. Esta foi outra novela incrível que teve ali alguns problemas de produção porque a dada altura a Rita Blanco não podia continuar na novela. Nesse momento, a solução mais óbvia era a personagem dela morrer e a história continuar, mas depois ficávamos ali a meio da novela sem a protagonista e contratualmente não a podíamos matar. Ela tinha de aparecer na última semana da novela. De repente, havia cinco meses de novela para preencher sem a protagonista e a história tem de virar, mas na última semana à que a trazer de volta... E mesmo assim

aquilo tem qualidade (esta descrição do sucedido na telenovela da SIC é realizada a ritmo mais acelerado que a restante conversa).

Nos últimos anos, os orçamentos são os mesmos e a qualidade decresceu. Eu acho que - e se calhar estou a ser um bocado desrespeitosos com os meus colegas (hesita) – criou-se aqui a ideia, ao fim de dez anos, que o público quer ver é Beirais e ninguém percebeu porque é que o público estava a ver Beirais. Agora tens o “Festa é Festa” e a “Rua das Flores” que são travestis de Beirais. Tens a “Por Ti”, a nova novela da SIC, em que tens duas aldeias e uma barragem - é o plote da segunda temporada de Beirais...Vem aí uma barragem e tens as duas aldeias em luta. E cá está: Beirais também tinha muito de Roque Santeiro e de outras novelas, mas tens de ter um bocado de respeito com o espectador.

Há coisas que eu digo aos meus alunos, e a Inês Gomes então tinha isso na parede dela quando trabalhávamos na novela, as frases proibidas: “eu não acredito que”, que é um ponto facilímo para uma discussão. “Inês, (interpela a investigadora para exemplificar o que significa a frase proibida) eu não acredito que tu tens aí atrás um *puzzle* com um gato. Tu sabes que eu odeio gatos”. E tu dizes: “Não, não. O gato só está aqui porque...”(simula ser a investigadora). E depois conseguíamos estar aqui seis páginas do tipo “mas foi uma oferta de” ou “é porque ainda gostas dele” (mantém o discurso ficcionado, mas profere-o de forma mais apressada). Portanto, nós tínhamos fugido dessa lógica das novelas do “eu não acredito que” e de repente ligas a televisão e voltas a este ponto.

Tenho pena. Acho que as telenovelas estão cada vez mais fracas e estão a respeitar cada vez menos o público, que não é estúpido. Eu senti, há dez anos, quando comecei a fazer novelas, que as pessoas que decidiam continuavam a fazer ficção para as velhinhas dos anos 80. Mas essas velhinhas morreram nos anos 90. Nós estamos a fazer ficção para um público que não existe há pelo menos trinta anos. Eu há dez anos, tinha trinta, ainda fazia parte do grupo que não via novelas. Agora, com 40, em teoria já devia estar a ver novelas com os meus filhos... As pessoas que têm 50, já veem televisão há muitos, muitos anos. Já viram muitas novelas, já viram muitas séries... Toda a gente tem *Netflix*. Tu não podes estar a servir-lhes produtos que têm menos qualidade do que a “Vila Faia” tinha em 1982.

Por exemplo, o Roberto, que escreveu o “Festa é Festa”, é muito bom naquele género de humor. Que se calhar é um humor do género “Malucos do Riso”. E foi uma luta que nós tivemos em Beiras, mas já te conto (dirige-se à investigadora). É aquele humor dos pregões, das anedotas... O Roberto faz aquilo muitíssimo bem, eu adorava saber fazer, mas não me sai, não consigo. Eu não sei é se o público ainda está disposto a ver programas dessa génese. “Festa é Festa” está muito bem feito, mas a “Rua das Flores” já não está tão bom e eles têm menos público. “Rua das Flores” é um subproduto de “Festa é Festa” e as cenas estão congeladas, a narrativa não avança. E tu pensas: “mas para que é que eu estou

a ver isto, se posso ver uma coisa com muita qualidade na *HBO*” (vocaliza o pensamento de um telespectador que assiste a telenovelas).

As novelas precisam de acordar um bocadinho para a vida porque são o dinossauro com o meteorito que já está no ar... os brasileiros remodelaram-se. Fizeram a “Avenida Brasil” e hoje as telenovelas já não têm nada a ver com o que faziam antes dessa produção. Nós estávamos no caminho certo, na era dourada, e recuamos três passos. Eu acho que a falta de dinheiro não justifica tudo. Temos ótimos autores, mas que nem sempre têm condições para trabalhar.

9 - O que é que é preciso para regressarmos a esses anos de ouro?

Um bocadinho mais de dinheiro, um bocadinho mais de exigência, admitir-se... Cá está, isto agora é muito pessoal e provém de conversas que tenho – estás naquele ponto em que ninguém assume a culpa. Quando eu estava na SP havia uma coisa que me incomodava que era: todas as novelas que fazíamos eram apelidadas de “a melhor novela do mundo” ou “a melhor novela de sempre”. Se comesas a aceitar sem questionar, deixas de ter o lado crítico porque torna-se quase o mantra da empresa. E na TVI fazem o mesmo. Mas isso é impossível. Ninguém faz as dez melhores novelas de sempre consecutivamente. Já há muito tempo que já não o são (tom de lamento). Também há um contrassenso: o público está a ir-se embora e em vez de se pensar como é que se pode trazer estas 300 ou 400 mil pessoas que estavam cá antes, diz-se “já temos 800 ou 900 mil, não vale a pena mexer mais” (vocaliza o pensamento de quem está a frente e olha para a ficção em Portugal).

10 - É sabido, e está comprovado, que as telenovelas são o produto mais valioso da televisão, em Portugal, e o que garante a sua sobrevivência. Acha que a perda de qualidade telenovelistica, a que se refere, e a consequente perda de audiência poderá levar ao fim da televisão?

Eu penso que a televisão generalista, tal como está, é o dinossauro com o meteorito a aproximar-se tem, em parte, os seus dias contados. É preciso repensar a telenovela exatamente por ela ser um produto valioso. Eu vejo alguns méritos no “Festa é Festa” e eu acho que precisas de ficção mais escapista, de humor e de leveza. Por exemplo, um dos problemas quando nós começámos a perder audiências na SIC foi pelo excesso de violência das nossas novelas. A telenovela é, na maioria, feita para avós e netos e pais e filhos. Há um nível de violência que afasta público. E depois virou-se tudo completamente. Acho que “Nazaré” apesar de ter sido um sucesso fez mal às telenovelas em Portugal porque agora tudo são Nazarés: há um buraco e é esta a solução. E nem tudo tem de ser

Nazarés. Eu gostava que tivéssemos outra vez um mundo mais adulto. No Brasil, por exemplo, tu tens um horário para o humor, um horário para as novelas mais adultas, para as mais urbanas... Acho que andamos a sofrer do sucesso de “Nazaré”, e já há algum tempo. Depois – e não sei se devia dizer isto –, quando as novelas atingiram ali um apogeu houve muitas mais pessoas, para além dos guionistas, a meter o dedo na história. De repente, toda a gente quer ser o pai do sucesso. Toda a gente tem ideias, toda a gente tem palpites, toda a gente pensa que sabe fazer isto, e isso afeta o produto. Eu não ia entrar numa sala de operações e fazer uma cirurgia porque vi muita “Anatomia de Gray”, mas toda a gente está disposta a dar ideias para novelas (diz num riso irónico). Se calhar, estou a ser muito negativo...

11 - Acredita que as telenovelas devem ser entendidas como um elemento televisivo de distração da audiência ou considera que devem transmitir uma mensagem?

As telenovelas, para serem bem-feitas, têm de transmitir mensagens sólidas e reais. Uma telenovela boa dirige-se a um milhão e 400 mil telespectadores todos os dias. Por isso, se estão duas no ar, em simultâneo, são três milhões de pessoas a ver novelas por dia. Então, pelo menos eu penso assim, se estás a comunicar com um milhão e meio de pessoas todos os dias, tens obrigação de ter uma mensagem. Pode ser escapista, podes ser leve, mas se não tens nada para dizer, é um desperdício de tempo de emissão. Tens de ter alguma coisa que queiras comunicar. Eu sei que quando estás a fazer o *pitch* de uma novela, o que eles querem é saber qual é o conflito, qual é o drama, mas a mim o que me interessa é qual é a história e de que é que eu quero falar.

Para mim, por exemplo, em Beirais, o meu episódio favorito é o penúltimo da primeira temporada que é o “Amálias que vêm por bem”. Foi uma luta conseguir fazer esse episódio (recorda sorridente e nostálgico). Basicamente, há um encontro anual de Amálias Rodrigues em Beirais. Durante um dia no ano toda a gente se veste de Amália e depois há dois tipos de Amálias, as de bigode e as normais (sorri). Esta ideia nasceu ainda na faculdade porque tinha visto um filme qualquer do Elvis Presley e pensei: “era espetacular uma convenção de Amálias e um assalto e tal” (vocaliza o pensamento). A ideia foi evoluindo e quando estava em Beirais houve um dia em que me veio à cabeça o tema “Amálias que vêm por bem” e andei meses a convencer a Ana Vasques a fazer o episódio. Tive muito tempo para pensar neste episódio, porque ao contrário dos outros em que escrevíamos um por semana, eu neste fui pensando. Como foi o último que escrevi desta temporada já tinha as personagens muito sólidas, E houve um tema que me interessou desde o início que envolvia o vilão, o Fernando. O Fernando tinha uma mulher e batia-lhe.

Nós dávamos aquilo de uma forma muito... quase à cinema dos anos 50. Era tudo muito dissimulado e insinuado. Eu ao longo de Beirais fui fazendo testes com os personagens para perceber aquilo que o público admitia. Por exemplo, a personagem do Diogo, o protagonista, era uma pessoa horrível na sua relação com as mulheres. É um escroque completo. Ele vai para Beirais com uma noiva, apaixona-se pela Clara, embrulha-se com a Clara antes de terminar o noivado... depois a noiva volta, anda com a noiva, anda com a Clara, ao mesmo tempo. Depois, segundo o que me recordo, é a noiva que acaba com ele e não ele com a noiva. A Clara quer casar, mas ele desaparece – desaparece porque o Pepe Rapazote foi gravar o “Narcos” (esclarece). Depois quando volta tem outra noiva e não disse nada a Clara, depois acaba com a segunda noiva, casa-se com a Clara, mas depois já se quer divorciar. Ainda anda metido com a presidente de junta, a vilã... ele é um escroque com as mulheres (enquanto faz esta descrição gesticula com os braços numa espécie de teia que une Diogo e os seus relacionamentos). É um homem que tem ali algumas falhas de carácter, mas como aquilo era feito com o charme do Pepe (Rapazote) e era o protagonista, era impressionante o que as pessoas estavam dispostas a tolerar e a aceitar. Se fosse numa série ou numa telenovela, tu achavas esquisito o protagonista andar a trair a Clara – porque era um estupor – ali, como estava estabelecido que eles iam acabar juntos e era um amor verdadeiro, era-lhes permitido tudo. O curioso foi que tentamos arranjar um outro namorado para a Clara e as pessoas acharam que não poderia ser. Tu tinhas de entender bem o público que tinhas e o universo em que estavas a trabalhar. Mas, então, voltando a esse episódio das Amálias (faz gesto a apontar para trás do tipo “recapitulando”), que era para mim o final da temporada. Se pegares nos 20 episódios que fiz da primeira temporada e os juntares, dá quase uma série independente porque era a forma que tinha de me organizar (dirige-se à investigadora). Eu acho que nós éramos cinco guionistas interinos e mais seis externos, por isso parte da continuidade era dada por nós - e a continuidade avançava muito lenta na história- e os outros seis escreviam histórias avulso, conforme lhes apetecia. Eu fui criando vários arcos sobre as personagens que me interessavam e a mim interessava-me muito o personagem do Fernando e da mulher. Ela era uma mulher troféu, que vivia com aquele escroque que lhe batia. A determinada altura ela fica grávida e, para mim, o final de arco dela tinha de ser fugir – e cá está como é que ela ia fugir numa aldeia em que todos se conhecem? Foge no dia em que estão todos vestido de igual. Ela fugia vestida de Amália. Consegui convencer a Ana Vasques que isto tinha de acontecer para que ela pudesse fugir (ri). E faz sentido ela estar vestida de Amália porque ela tem um olho negro, porque o marido lhe bateu, e por isso tem de usar os óculos escuros da Amália para disfarçar o hematoma. De repente, tu tens um plote duríssimo, numa série cómica, sobre uma mulher que está a fugir do marido, está grávida e não sabe para onde vai. Está a tentar fugir de uma aldeia, mas ainda por

cima é mal vista porque na aldeia ainda há muito aquela mentalidade do “tens mais é que aguentar” e “entre o marido e mulher não se mete a colher, Se pensares bem (dirige-se à investigadora), em Beirais eles são todos felizes, mas se pensam assim são um bocadinho mais tacanhos do que na realidade são. Depois ninguém tem coragem de se impor e de se virar contra o Fernando porque ele é o homem mais rico e mais poderoso e todos têm medo dele. Repara (dirige-se à investigadora), numa comédia escapista estás a abordar o tema da violência doméstica. Ao mesmo tempo tens um sub plote: quando eles pensam que estão a contratar a atriz que faz de Amália no filme, estão a contratar Abel Dominique que tem um espetáculo de *cross dressing* em Lisboa e ela é um travesti de Amália. De repente, tens um episódio sobre travestis, isto em 2014, qua ainda não era um tema muito debatido. Tudo isto passa, de forma respeitosa, numa série cómica e escapista. Eu consegui meter assim um conjunto de mensagens em Beirais que, ditas assim, parecem simplistas, mas que são muito importantes. Se estas mensagens podiam ser passadas em Beirais, que é um produto cómico, eu acho que é obrigação passarem nas telenovelas, sem serem abordados só com faca e alguidar para angariar mais espectadores. Deve ser feito com uma certa elegância... Houve a uma certa altura, e isso fez-me um bocado de confusão, que se queria que as personagens de Beirais fossem mais bonecos. Eu percebo que aqueles personagens se dão ao aso de serem bonecos porque tens ali os cangalheiros vigaristas, a beata, tens isso tudo, mas eu acho que as pessoas viam Beirais, e eu conseguia escrever Beirais, porque eles eram todos muito humanos e tinham todos muitas camadas. Tu percebias que o Fernando batia na mulher porque o pai nunca o reconheceu, viveu sempre numa extrema pobreza e era revoltado... ou seja, havia uma história. Não era só um vilão da *Disney* de virar o bigode e (ri maléfico). Tens de ter amor pelas personagens todas porque, cá está: se tens um milhão de pessoas a ver, todos os dias, o que é que tu estás a comunicar? Pelo menos é a forma como eu vejo a ficção. E, quando tínhamos poucas audiências, eu ficava doente porque havia um esforço enorme de passar a mensagem, de contar histórias...

12 - Ainda não falando propriamente em “Bem-Vindos a Beirais”, mas pegando no que disse - que para que haja identificação do público é necessário que as personagens sejam verdadeiras, humanas e reais - é necessário, para que essa identificação se dê, recorrer-se a características comumente aceitas, por exemplo, em relação a um determinado grupo social?

(Hesita). Eu costumo dizer isto aos meus alunos: eu sou a favor das convenções de género e contra os clichês. O clichê é um facilitismo, no entanto há convenções de género a que

não consegues fugir e que funcionam sempre. Por exemplo: se estás a fazer humor, escorregar numa casca de banana tem sempre piada. Agora, há várias versões de escorregar na casca de banana. Pode ser num pano molhado, por exemplo, mas tu sabes que isso funciona. Agora por exemplo, quando vamos aos “Malucos do Riso” a fazer os guesgues dos ciganos, aquilo ofende-me profundamente porque há mais na etnia cigana que “aí lelo”. Em Beirais, por exemplo, tínhamos o padre e a beata. Eu não preciso que a beata se benza em todas as cenas ou diga “valha-me Deus” em todos os diálogos. Isso é só mau guionismo e é cansativo. Porque tu já sabes que ela é beata, se ao fim de mais de 600 episódios não percebeste que ela é beata (ar de perplexidade). Estar sempre a dizer “valha-me Deus” faz perder a força dos momentos em que ela faz isso. Agora há coisa em que uma beata vai ser sempre beata: ela não vai usar um decote, ela vai ser sempre rígida...

13 - Ou seja, há características em que a sua utilização é indeclinável, e outras em que são evitáveis, não sendo necessário estereotipar, por exemplo, pessoas ou locais?

Exatamente. Vais à convenção e foges do clichê e do estereótipo. Caso contrário, na minha ideia, estás só a fazer má ficção. Estás só a fazer coisas que os outros já fizeram e estás só a fazer mal. Por exemplo, o personagem do padre, que era o Nuno Janeiro. A dada altura deixava de ser padre, mas não é por deixar de o ser que deixa de se comportar como alguém que teve grande parte da sua vida num seminário. Há coisas que ele nunca vai deixar de fazer: ele não deixou de acreditar em Deus, ele não passou a fraquejar, ele não deixou de ser a pessoa que é. O que aconteceu foi que ele tinha um chamamento que era ser padre, apaixonou-se por uma mulher que era mais forte que esse chamamento e entrou num conflito moral, mas ele ainda credita naquilo. Isto é muito mais interessante do que ele de repente passar a ser um doidivanas ou “fomos para a cama e tenho de ir rezar dois terços”. Isto porque as pessoas reais não são assim. Cá está, se calhar alguns ciganos dizem “aí lelo”, mas nunca vi.

Quando tu tens menos tempo, tens mais facilitismo de escrita, e isso é um problema da nossa ficção. Tens dez cenas para escrever, se eu for para os lelos, para o benzer e para o “valha-me Deus”, se calhar eu escrevo-a em dez minuto e não em meia hora ou 40 minutos que é o que elas demoram a escrever. Acho que já devíamos estar num ponto mais evoluído da ficção. Devíamos estar mais além do que estereotipar ou do que os pregões. Para construíres uma personagem tens de pensar sempre que elas são reais e que não se regem pelas tuas moralidades. É pensar, o que é que faz sentido ou não para as personagens que estás a desenvolver.

14 - Então, aquilo que vemos na ficção portuguesa, vem - em muitos casos – das crenças da pessoa que escreve?

Sim, exatamente. A Ana Vasques já me dizia isso quando estava a coordenar e recebia guiões. Tu apercebeste imenso da personalidade das pessoas pelos guiões que elas escrevem. Por exemplo, eu faço imensa psicanálise em tudo aquilo que estou a escrever (ri)! Eu tenho um colega que é o José Pinto Carneiro que diz uma coisa muito gira (sorri): ele diz que o que gosta mais em escrever novelas é puder, todos os dias, expurgar o piroso que tem dentro dele. Uma produção é muito o reflexo das pessoas. Por exemplo, tu vês três novelas da Inês Gomes e percebes que só podiam ser dela. Um processo muito giro é escreveres com outro autor porque é preciso libertares-te do teu ego e da tua escrita e escreveres ao serviço do autor. É muito fixe quando, numa novela, tu não és o autor e tens de ter a humildade de ires atrás do autor.

15 - Descreva o processo de criação de uma telenovela – por exemplo, de “Bem-vindos a Beirais” – desde a escrita, à construção das personagens e à exibição no ecrã.

É um processo muito longo. Primeiro faz-se uma sinopse, uma pequena Bíblia – se bem que hoje em dia é cada vez mais pequena (esclarece) - com a ideia e com a premissa. Fazes os arcos dos protagonistas. Elaboras um documento com quatro ou cinco páginas e comesças a desenvolver os personagens. Eu confesso que descrever as personagens é a coisa que mais me aborrece (ri). A Inês Gomes faz uma coisa que eu admiro que é: faz entrevistas com os protagonistas e entre os personagens. Pergunta o que é que gostam, o que é que fazem, etc. E aquilo funciona porque na verdade tu tens de conhecer bem os teus personagens. Por exemplo, houve uma novela – em que eu depois até fui afastado e com razão – em que uma personagem via os pais serem mortos e regressava passado vinte anos. Eu perguntei ao autor o que é que ele tinha andado a fazer durante esse tempo e ele disse que não sabia e que não era importante. Mas eu disse: “não é importante? Eu preciso de saber para compreender que género de vingança é que a personagem vai fazer” (parafrasia aquilo que disse na altura ao autor). Eu precisava de saber. Esteve a tirar o curso de gestão e agora vai dar cabo das finanças das pessoas que mataram a família? Esteve no exército? O que é que ela fez nestes vinte anos? E foi aqui que entramos em conflito porque eu não tinha destreza mental para trabalhar numa personagem que é um mistério. Para o espectador ela pode ser um mistério, mas para mim não pode. Eu preciso de saber tudo sobre ela, mesmo as habilitações literárias: estudou, não estudou? Como é que é a sua forma de falar? Tem curso? De quê? Quando vais escrever, tens de saber essas coisas todas. Também é curioso que tu a meio da escrita descobres muita coisa sobre os

personagens que tu próprio não estavas à espera. Eu agora estava a fazer o “Vício Lento” - que é uma estrela de *rock* que vive em Portugal enclausurada porque tem um *stalker* que a anda a seguir a alguns anos - e havia uma personagem que não estava bem desenvolvida, era um banana. Eu não tinha pensado particularmente nele. Dei o terceiro episódio para ler a alguém e essa pessoa disse-me: “não consigo perceber bem esta personagem” (parafrasia a pessoa que leu o episódio) e quando não se percebe é porque tu também não sabes... e eu, um dia, estava a escrever uma cena, em que ele descobria que a mulher o traía, foi a uma cartomante, e aquilo - eu sei que isto parece uma história de guionista - mas ele começou a ganhar vida e o rumo por ela própria. Nasceu ali uma personagem. Tive de voltar para trás e desenvolvê-lo, porque já percebia aquela pessoa.

Então, recapitulando: fazes a sinopse, fazes a descrição das personagens e, se fores aprovado, fazes o primeiro episódio. Depois da aprovação, o primeiro episódio entra num terror de aprovações (gesticula): vai às direções dos canais, depois toda a gente tem uma ideia e tens de ir escrevendo e alterando até que aquilo se parece muito pouco com a tua ideia original. Depois continuas, escreves mais episódios, aquilo vai para a produção, para o guarda-roupa, para a realização...

Uma coisa que aprendi ultimamente é que tu não tens de saber de tudo e há gente que sabe mais que tu em diversas áreas. Tu não tens de saber de guarda-roupa. Esta conclusão surgiu-me quando fiz um telefilme. Eu não fazia ideia de como vestir uma personagem, numa cena específica. Eu expliquei ao diretor de guarda-roupa aquilo que eu queria na cena. Ele vestiu essa personagem e a protagonista com a mesma cor e com roupas parecidas. Motivo: ela era um reflexo daquilo que a protagonista iria ser se tomasse aquela decisão. Eu nunca me lembraria disso porque a minha criatividade não está virada para roupas.

Gravas o primeiro episódio e a equipa vai avançando com os seguintes. Normalmente, até a telenovela estar aprovada tens uns dez, quinze episódios de avanço, tens um mês de avanço em relação à produção... o que tem vantagens e desvantagens porque quando vai para o ar já vai muito tarde em relação às alterações que podes fazer. Vou dar-te um exemplo (dirige-se à investigadora). Acho que foi em “Mar Salgado” que nós andámos a escrever um *decore* em que eles estavam sempre a tomar os pequenos-almoços na sala e a jantar na sala. Mas depois, o cenário não tinha mesa de refeições e houve um dia em que nos perguntaram se não dava para deixarmos de colocar refeições porque era esquisito estarem a comer no sofá (sorri e exemplifica comer com os pratos na mão). Houve ali uma falha de comunicação. Muitas vezes, quando nós vamos ver os cenários já é tarde. Era muito giro escreveres quando já conhecesses os *decotes* porque assim afinavas a escrita. Por exemplo, o Luís Esparteiro. Ninguém faz melhor de Luís Esparteiro que o Luís

Esparteiro, não é (sorri)? Se eu sei, de antemão, que o Luís Esparteiro vai entrar na novela, não vou escrever um papel como se fosse para outro ator. Por isso, ajuda escreveres baseado no que já conheces porque já sabes como vai resultar. É adaptar a escrita aos atores que já sabes que vão entrar ou aos cenários que a telenovela vai ter. Por exemplo, em Beirais, quando eu soube quem eles (os atores) eram, os personagens tornaram-se muito mais ricos e interessantes. Quanto mais conheces os atores, mais interessante é trabalhar dessa maneira.

Mas pronto, regressando à questão, vais escrevendo, a produção arranca e, normalmente, quando vai para o ar, já tens 60 episódios escritos. Por isso não há aquele mito brasileiro que diz “o público não gosta, vamos atrás do público”. Às vezes é preciso porque há alguns infortúnios e alguém morre e tens de voltar atrás e reescrever. Por exemplo, durante a pandemia não podia haver beijos e houve um reformatar das equipas de escrita. Numa novela se queres um ponto alto fazes um evento. Um casamento, um batizado, o lançamento de um par de sapatos... estão todos ali juntos e pode haver uma peixeirada. Em pandemia, tu não podias ter mais de cinco pessoas em *decore*. Acabaram-se os eventos. E como é que contas uma história sem eventos, se já estás com o vício de contar os grandes eventos? É um ato de contorcionismo e de adaptar-te às regras da pandemia.

Há uma coisa que nunca te dizem (dirige-se à investigadora). Eu odiava matemática e no liceu fui para humanidades. Guião tem imensa matemática, é só matemática. Guião de novela e série é a mais complexa equação que possas imaginar (dirige-se à investigadora). Porque num episódio tens de ter x% da protagonista, tens de ter não sei quantos por cento no cenário do escritório, tens de ter mais não sei quantos do vilão... (gesticula tipo soma). Depois, por exemplo, num episódio tem de ter 30% dos protagonistas, mas desses 30, 12% têm de ser com o vilão. É um trabalho muito matemático. Beirais, por exemplo, tinha uma estrutura de episódios muito mais próxima dos *Simpsons* do que de novela. Tinhas o plote A, que te devia ocupar 60 % do episódio e depois tinhas o B e o C, em que cada um te deveria ocupar 20%. Por isso tu já sabias quantas páginas eram para cada plote e, para além disso, um dos plotes tinha de ser com o Diogo, embora pudesse não ser o principal. Mas se fores ver o das Amálias aquilo já é a subversão das regras todas (dirige-se à investigadora). Ali tinhas muita liberdade e então eu já metia o plote D, E... No das Amálias, tinhas o nosso *over Simpson*, que era o Carlos e que dizia: “este ano é que vou ganhar o concurso das Amálias” (imita a personagem). Depois eu tinha quatro ou cinco plotes mais interessantes e quando estava a escrever dei por mim a pensar que não tinha maneira de fechar o episódio, já não tinha espaço para fechar aquela parte. Corta para: já está o Carlos vestido de Amália a beber um cálice e a dizer: “Sim senhor, ganhei” (imita a personagem e ri). É uma batota, mas há tanta coisa a acontecer que, se calhar tem mais piada, não teres visto a acontecer porque ficas a imaginar o nível de estupidez que deve ter

sido para ele ganhar o concurso vestido de Amália e de bigode. Se eu tivesse escrito, não ia ter tanta piada como ele a gabar-se de ter ganho.

III – O caso de “Bem-Vindos a Beirais”

16 - “Bem-Vindos a Beirais”: uma série com características de telenovela?

É uma série de longa duração, embora tenha começado por ser uma novela. Para isso tenho de explicar a diferença entre os episódios e a estrutura dos episódios, mas começamos pelo início.

Beirais, esteve para não existir. Nasceu por uma sucessão de acasos. A RTP estava com um programa, “Linhas de Sangue”, que não estava a correr muito bem. Aliás, os últimos episódios - e isso foi um caso raro em televisão – tiveram menos audiência que o programa que estava a ser exibido na RTP 2. Depois a série que a ia substituir era uma do Francisco Moita Flores que penso que se chamava “O Bairro”, mas houve lá um problema e ia surgir um buraco na emissão que a RTP não tinha como tapar. Então a RTP foi até à porta da SP perguntar: “o que é que vocês conseguem fazer que dê para estar a filmar no espaço de um mês e a exibir no espaço de mês e meio?” (simula solicitação dos diretores da RTP1 à SP). Eu acho que era o Hugo Andrade, que era o diretor na altura, que tinha visto um filme que era “Bem-Vindos ao Sul” ou “Bem-Vindos ao norte”, já não sei bem – era uma história de um carteiro francês que viajava para o norte ou para o sul. Ele disse: “eu gostava que fizéssemos uma história deste género” (diz o que lhes foi transmitido por Hugo Andrade). “Bem-Vindo” foi roubado daí. Ele queria assim uma coisa muito rural e também já tinha feito uma coisa muito parecida, que eu me lembro de o Pedro Lopes me mandar para eu ver antes, que era uma família que saía da cidade para o campo. Também tenho a ideia que na SP já estava a ser desenvolvida uma história em que três amigas largavam tudo e iam montar uma casa de turismo, numa casa que uma delas tinha herdado. Por isso, quando eu cheguei ao projeto já havia uma série de ideias e calhou à Ana Vasques juntar tudo. Pronto, então quando eu cheguei já se sabia que o Diogo ia cuidar das ervas aromáticas porque na altura estava muito na moda. A Ana Vasques também já tinha as três amigas e a habitação de turismo rural que aquilo na altura também fazia muito sentido porque estávamos em plena crise. Então, nesse núcleo tínhamos duas amigas que já tinham vivido na terra, uma rica outra pobre e a terceira era só lisboeta, a Clara. E o Diogo, o protagonista, que teve um enfarte e saiu de Lisboa. Se formos a ver, até é uma atitude um pouco fraca do protagonista.

O Pedro Lopes perguntou-me se eu queria escrever, eu disse que sim. Ao início éramos só cinco ou seis e tinha, de facto, o modelo de novela. A grelha de novela é muito horizontal. Caminhas sempre para o gancho: “a minha mãe é” (imita uma personagem e gesticula o salto para o episódio seguinte). No episódio seguinte resolves esse gancho e depois é “tu é que és a minha mãe?” (imita personagem fictícia), depois é ou não é, dás as consequências à mãe... Na forma como a SIC faz novelas, a dada altura, precisas de quebrar os dias e então fazes uma mudança de dias e vais parar aos cómicos, para fazeres uma limpeza nos episódios. Depois voltas, outra vez, para a protagonista ou para o vilão, para lançar um novo gancho e assim sucessivamente. E fazes isto durante 300 episódios. Em Beirais, os primeiros três ou quatro episódios são assim: começa com o Diogo a chegar a Beirais e acaba com a tempestade que os junta a todos. Nós escrevemos tudo em equipa. Depois, o Pedro Lopes disse – e eu tiro-lhe o chapéu – “nós não vamos ter tempo para entregar isto se continuarmos a fazer assim. Cada um de vocês vai escrever um episódio por semana e vamos contratar mais pessoas” (parafrasia Pedro Lopes). Foi aí que Beirais mudou de um modelo de novela, porque já não dava para manter uma continuidade direta, para modelo de série. Os episódios eram sempre fechados, com os plotes A, B e C, onde num deles entrava sempre o protagonista. Quando o Diogo entrava, a história avançava sempre um bocadinho, mas nunca demasiado porque a ideia passou a ser que isto fosse um ciclo e estivesse tudo sempre mais ou menos na mesma. Por isso, começou por ser construído como uma novela, como uma escala de personagens e núcleos que são próprios de novela, mas depois - graças à escrita – ganhaste quase um nível de surrealismo. Os episódios de autor para autor são completamente diferentes. Eu acho que a Ana Vasques teve a inteligência de deixar cada autor ser autor. A Ana Vasques ia buscar o melhor dos teus episódios, mas nunca sentias que o episódio deixava de ser teu. Um episódio meu era muito diferente do da Ana Marta, do da Ana Lúcia, do Nuno, mas depois em casa quando vias.... Por exemplo, a minha tia que vive no campo e que é uma fiel devota de Beirais dizia “este episódio é muito parecido com aquele do” (parafrasia a tia) porque era do mesmo autor. Porque impunhas, de facto, um cunho de autor que é raro veres nas séries da RTP.

Basicamente, em moldes de produção parece mais novela, mas em moldes de escrita – a partir ali dos primeiros episódios – não. Por isso é que eu acho que não é novela do ponto de vista da escrita. Sempre que se esteve mais perto de ser telenovela perdia audiências porque era uma má novela comparada com as outras. Beirais era outra coisa, era outro bicho. Assim como, quando se tentava fazer aquilo mais abonecado e mais na lógica de anedota, como por exemplo o “Festa é Festa” – que faz isso muito bem – ou os “Malucos do Riso”, perdia porque tu já estavas à espera que contassem uma história. Era um bocadinho como estares a jogar RPG e depois tu desligas e quando voltas está tudo na mesma.

Onde é que íamos (interpela a investigadora e recupera o raciocínio)? O Pedro (Lopes) disse aquilo, a Ana Vasques pegou na série e, sinceramente, eu acho que nós tivemos muita sorte porque no início ninguém estava a prestar muita atenção. Foi um caso em que os malucos tomaram conta do manicómio e aquilo correu bem (ri). A RTP precisava daquilo, Beirais quase não contava para as contas da SP porque o que dá são as novelas e nós estávamos a divertir-nos muito.

O primeiro episódio que escrevi sozinho foi o sétimo ou oitavo da primeira temporada que foi quando houve um incêndio na aldeia. Beirais está rodeada de chamas e eles acham que vão ter de abandonar a aldeia. Depois a avó estava lá perdida num sítio e o padre deu pela falta dela... esse plote nasceu de uma entrevista que eu vi sobre um padre, no interior, que deu conta que na missa faltava uma das fiéis e meteu-se no carro, entre as chamas, e quando chegou a casa da senhora eles acharam que já não iam sair. Depois a senhora dá o extintor ao padre e basicamente estiveram os dois a lutar contra as chamas... molharam a casa.... Eu achei essa história tão interessante que disse: tenho de a pôr em Beirais. Depois a determinada altura, a fé dele foi colocada em causa. Como eu vinha com um passado de cinema, vinha com uma ambição muito mais séria para o episódio. Fui aligeirando. Por exemplo, o meu episódio seguinte foi um combate de boxe entre o cangalheiro, que era gordo e grande, e o filho do mecânico, que era costureiro e toda a gente achava que era gay. Lá está foi uma luta enorme que nós travamos: lá porque um homem é magrinho, gosta de roupa de mulher e de costurar, não tem de ser gay, Isso é um clichê. Essa personagem, a do Ivo Lucas, noutra produção qualquer e sem o bom gosto e o bom senso da Ana Vasques, tinha sido um gay no armário, com os trejeitos todos e com o pai mecânico... Nós não queríamos fazer isso. Nós queríamos falar sobre um rapaz do interior que está condenado a ser mecânico como o pai, tem pouco acesso à educação e tem o sonho de ser costureiro. De vez em quando, encontra umas revistas, faz uns recortes e tenta fazer aquilo, tudo às escondidas para não magoar o pai. Sendo que depois o pai também não é tão bruto quanto isso...A subversão a essas duas personagens faz com que esse núcleo seja um dos meus favoritos. Porque era tão fácil aquilo ser uma personagem de mau gosto. Acho que tem tanto mais a ver com o que os miúdos sofrem no interior porque, se calhar, em Lisboa era mais fácil. Em Lisboa era mais fácil mostrar ao pai que havia outras pessoas com o mesmo sonho que ele, se calhar ia primeiro fazer teatro e depois outra coisa. Tinha espaço para se emancipar. O que nos interessava contar na história do Ivo Lucas era contar como é difícil para um miúdo seguir o seu sonho no interior.

Beirais é um sítio imaginário, diz-se que é interior, mas na verdade tanto pode ser no interior como no litoral. Era isso que eu gostava em Beirais: abordar temas sérios.

17 - Quais as razões que motivaram a criação de um produto televisivo cujo mote é o interior do país?

Olha (dirige-se à investigadora), foi de facto o pedido da RTP, o facto de estarmos em crise. Falava-se muito da emigração ou do regresso ao interior – e era um bocado o estudo da entrada disso no escapismo. O meu Beirais, que é diferente do dos outros autores, é o estudo de uma aldeia perfeita, mesmo com os defeitos todos. Eles têm todos defeitos, mas quando realmente importa juntam-se todos. É uma ideia quase romântica do interior. Na cidade estamos mais afastados e no interior, mesmo que seja por uma questão de sobrevivência, temos de estar juntos. Depois, todos nós tínhamos a nossa avó ou a nossa tia com experiência rural. Eu levei imenso da minha experiência de Caires e do Alentejo.... Levei imenso de mim para Beirais.

18 - Por exemplo?

Aqui a Ana Vasques não concorda comigo, mas onde é que surgiu o nome Beirais? Não é nada fácil inventares um nome para uma aldeia que não existe em Portugal, todos os nomes parecem estar preenchidos (sorri). A escola em que eu andei da primeira à quarta classe chamava-se “Beiral”. E eu sugeri Beiral porque foi um sítio onde fui feliz. Depois, a Ana mudou para Beirais. Quando aquilo se chamou Beirais, passei a ter o conforto do sítio onde fui feliz até à quarta classe, por isso, eu teria dificuldade em fazer de Beirais uma série de gângsteres, sabes (dirige-se à investigadora)? O tom, para mim, mentalmente, estava feito.

A minha tia serviu imenso de inspiração para a casa de turismo. O meu pai, em Colares, herdou um prédio a cair aos bocados com uma mercearia por baixo, o que fazia parecer a mercearia da Alzira um sítio com classe. Alguns problemas que me surgiam ou que eu tinha vivido, eu trazia para ali. Uma coisa engraçada: quando morreu o Barry White, um cantor romântico da disco dos anos 80, a minha mãe teve uma semana a chorar (ri enquanto conta). Ela não sabia explicar porquê. Ela própria admitia o ridículo. Eu achava imensa piada àquilo. A juntar a isso, a minha mãe tem um amor profundo pelo Robert Redford, o ator. A minha piada é: “então quando morrer o ator ficas de luto a vida toda” (repete o que costuma dizer à mãe enquanto ri). Então, há um episódio em que alguém entra na mercearia e diz “sabem quem é que morreu?” (imita a personagem em quanto ri) e a Alzira diz “não me digam que foi o Robert Redford?” (imita a personagem). (Ri). E começa a chorar. Quando aquilo foi para o ar, ao fim de dois minutos, a minha mãe estava: “olha lá, mas quem é que tu achas que és para estares a gozar comigo na televisão nacional?” (imita a mãe e ri). Como isto, eu pus imensas coisas pessoais e influências minhas. Ajudou-me imenso estar no desemprego. Ajudou-me imenso ir ser pai e estar

naquela incerteza de como educar um filho. Ajudou-me imenso viver em Colares, que é meio interior. Bem, não é interior, mas é aldeia q.b. Durante dois ou três anos, os meus amigos não me iam visitar porque era muito longe de Lisboa, é mesmo uma coisa lisboeta. É que, por exemplo, se estás na Covilhã, se calhar demoras mais tempo a ir visitar um amigo casa a casa (interpela a investigadora). Eu tenho um amigo que fez um documentário e que me ajudou a ter noção da distância/tempo, que me ajudou para Beirais. Ele foi fazer a América do Sul toda, de mochila às costas. Depois trouxe horas e horas de filme, ele não conseguia montar aquilo e eu fiz-lhe um guião. Houve uma coisa que me marcou muito e que vinha no guião que era que ele ia apanhar um autocarro na Bolívia e o trajeto eram 12 horas. Era o autocarro rápido. Eu achei fascinante, naquele sítio, no meio do nada, na Bolívia, uma viagem de 12 horas ser considerada rápida. Nós, em Lisboa, não temos paciência para esperar seis minutos pelo metro. Beirais era uma aldeia que vivia no seu próprio ritmo. Tivemos imensas influências: havia uma série, como é que aquilo se chamava.... “Perdidos no Alasca”, acho que era isso, vimos todos a série e gostávamos muito daquilo. Tentámos fazer aquilo ao estilo de Beirais. O Diogo, o protagonista, é claro que é o que veio da cidade para a aldeia, mas para mim a abordagem era: o Diogo é a pessoa sã no meio dos malucos. Beirais vive numa loucura muito própria. É saudável, mas não deixa de ser loucura. Então o que eu gostava de fazer era: se há uma pessoa sã, no meio de malucos, para que essa pessoa se integre, tem de ser tão ou mais doida que os malucos. Quando te dás como maluco, os outros todos reparam e perguntam: o que é que tu estás a fazer? Estás só a ser esquisito (ri). Isto foi um bocado o que eu senti quando estava em Colares e tentava ser colarense e quando estava no Alentejo e tentava ser alentejano.

A minha tia, agora que já é mais alentejana que muitos alentejanos, tem um tom de voz para chamar as ovelhas e para chamar as vacas. Dá nomes a todas e abre a porta e grita “oh Isabelinha” (imita voz mais fina para representar a tia) e a vaca aparece o que é extraordinário. Houve um dia em que estava sozinho e começo a dialogar com a vaca e estava um senhor a olhar para mim e a pensar: “isto é para gritar, não dá para se dialogar com a vaca” (vocaliza pensamento do senhor que o observava). Eu senti-me super estúpido porque tentei fazer o mesmo que eles, mas com as minhas regras de Lisboa. O Diogo e a Clara tinham graça por causa disso, porque estavam sempre a tentar perceber as regras da aldeia e nunca chegavam bem lá. Tinham sempre aquela abordagem excessivamente educada: “olá senhora vaca, tenho muito prazer em conhecê-la” (exemplifica irónico). Depois eu adorava os GNR e gostei imenso quando passámos a ter mais e aquilo tornou-se num núcleo. E havia um quartel e aquilo era gigante (sorri e exemplifica a dimensão com os braços). Depois o Júlio tinha aquela paixão pelas fardas: é o Júlio da GNR e o Júlio da banda, mas depois é corrido de um lado e corrido do outro. Ele

gostava era de estar na banda, mas queria ser respeitado. Mas quem é que consegue respeitar o menino Tonecas, que tem um metro e meio e está com uma batuta na mão? Cá está, também se podia ter dado ao clichê, andava lá perto... Eu sei que toda a gente gostava de escrever os cangalheiros porque era fácil e toda a gente gostava de escrever a dona Olga porque é fácil, aquilo tinha imensa piada. “O que é que tem no caixão? É contrabando?”/ “Não é contrabando, é um morto. Quer ver o morto? Parece mal, é um morto” (imita as personagens referidas). O que eu gostava mais de escrever com os cangalheiros eram cenas sérias porque tu estavas sempre à espera – era subverter as expectativas – que eles tivessem piada. Não há nada mais comovente que aqueles dois cangalheiros tristes e a chorarem com coisas sérias. Ou perceberes que a Olga, quando era nova, quis ser libertina, mas a aldeia não a deixou e teve de se tornar naquela figura.

Porém, o que eu gostava mais em Beirais é que, ao fim do dia, todos estavam em paz com aquilo que eles eram. Era o que eu dizia: era a minha ideia idílica de aldeia. Deve ser uma comunidade. Ao fim do dia, todos se ajudam, mesmo que se tenham zangado, mas ao fim do dia estão em paz.

Quando fiz o “Conta-me como foi”, foi a minha interpretação à ideia idílica do que deve ser uma família urbana. Cá está, a terapia: as famílias urbanas estão muito afastadas, mas eles precisavam de estar afastados para, no fim, perceberem que juntos eram mais fortes. Era o arco do “Conta-me como foi”. Em Beirais eles não precisavam de saber que estavam afastados, o Diogo é que precisou de entender que podia contar com eles e que não tinha de viver nas regras da cidade.

Há uma coisa muito engraçada porque um dia, nós começamos a ver os primeiros episódios – e há um defeito, por hábito nas nossas novelas, que na maioria dos casos, as pessoas estão sempre muito irritadas- e se fores ver Beirais a partir do episódio 10, 12, as pessoas não estão zangadas. E bate mais ou menos certo, quando o público começa a ver aquilo. Nós, houve um dia que fomos lá ter com eles e dissemos: “porque é que vocês estão zangados a dizer isto? Isto é divertido” (parafrasia o que os autores disseram aos atores aquando do arranque das gravações). Houve uma mudança de *chip*. O Manuel Amaro, realizador, percebeu e alinhava imenso nas nossas ideias loucas Fiz um episódio que era os “Jogos sem fronteiras” em Beirais porque o Eládio Clima estava lá a passar férias. É claro que se o tens lá ou fazes o “Festival da Canção” ou os “Jogos sem Fronteiras”. Para isso, precisas que a realização aceite, que a produção alinhe e cá está, estávamos todos a brincar.

Quando Beirais começou a ter sucesso, toda a gente queria ser o pai daquilo, mas eu acho que a fórmula esteve no facto de, ao início, ninguém estar a prestar muita atenção àquilo. Estava a fazer cada um a sua série e a Ana Vasques estava com a sensibilidade certa para

juntar tudo numa só. Eu acho que os primeiros 80 episódios faziam sucesso em qualquer parte do mundo. Nós fizemos mais episódios em dois anos que os *Simpsons* em 20 (ri). De todos, eu acho que há 120 com qualidade elevada, 40 excelente e considero que há 20 que se pegasses naquele guiões e os colocasses noutra ficção qualquer dos americanos, eram ficção de ganhar *Emmys*. As pessoas entregavam-se a esse ponto nos episódios que estavam a fazer.

19 - Em Beirais nota-se uma dicotomia entre a cidade, aqui representada por Lisboa, e o mundo rural, personificado por Beirais. Quais foram as características que quiseram associar a cada um destes polos?

(Hesita). Boa pergunta. Não foi assim uma coisa tão pensada quanto isso. Eu acho que foi a sensação: vamos sair da cidade o mais depressa possível e vamos abraçar o campo. Por exemplo, quando peguei na série para coordenar, tive de fazer a sinopse – foi na terceira temporada que eu peguei, como coordenador, em Beirais. Uma coisa que eu lhes dizia é: a partir da terceira temporada, já não faz sentido falarmos em protagonistas porque a protagonista é a aldeia. Se tirares o Diogo, a Clara e a Teresa, se tirares os elementos estranhos que vêm da cidade para a aldeia, tu consegues fazer episódios porque a aldeia já era autossustentável a nível narrativo. Mas, de facto, eu acho mesmo que o que havia era uma grande impaciência de Lisboa em relação à aldeia. A Clara estava o tempo todo a pensar, que se calhar estava no sítio errado e, ao mesmo tempo, ela era a personagem que estava mais desamparada – a outra tinha a casa de turismo, a outra vivia com a mãe e ela nem se quer tinha uma casa própria. O Diogo, que dentro da sua personalidade, queria profundamente ser amado por aquela gente, queria pertencer... Sabes aquele filme do Woody Allen, em que de repente, eles querem andar todos para trás no tempo (interpela a investigadora)? O Diogo é isso: ele não quer andar para trás no tempo, mas quer ser “beiralense” desde o início. Por fim, a personagem da Vera Alves, ela vem para provar que não estava errada. Ela vem provar aos avós que os ideias da cidade estão certos e não os da aldeia em que ela cresceu quando os ia visitar nas férias. Estes eram os três polos mais lisboetas e citadinos de Beirais. Depois, há sempre muita vontade de modernizar os polos contrários. Na altura não estava tanto na moda, mas fazeres um *airbnb* em Beirais era cómico porque é sempre a interpretação daquela aldeia que ficou ali parada no tempo do que é a modernidade.

20 - Essa é a percepção que tem do interior de Portugal ou foi algo criado única e exclusivamente para Beirais?

Eu acho que à medida que Beirais foi evoluindo, nós deixámos de pensar tanto em campo e cidade. Beirais acabou por ser quase o seu próprio país. Ao início temos ali algumas ideias pré-concebidas: “uma encomenda demora anos até chegar cá” ou “o telemóvel não tem rede” (vocaliza pensamentos preexistente). Mas também foi giro porque à medida que íamos evoluindo, íamos perdendo esses chavões. Com a *internet* hoje já tens tudo em todo o lado. Atualmente, de Bragança a Lisboa já não são as horas que os “Xutos e Pontapés” cantam. Eu acho é que era muito mais interessante falar sobre a falta de oportunidades e de querer dar outros horizontes às pessoas do que, por exemplo.... (Muda o raciocínio).

Há uma coisa que eu gosto muito em Beirais, porque parece que toda a portugalidade é feita com o mar ou com o rio Tejo, mas se pensarmos a maioria dos grandes navegadores vinham todos do interior. Havia episódios em que eles iam pela primeira vez ver o mar e poderes falar com esse Portugal que não é de portugueses do mar e caravelas, isso era interessante. Depois tens os constrangimentos de produção. Se só podes ter quatro cenas de exteriores por episódio, não podes falar assim tanto de campo. Não temos o café central, mas temos a sociedade recreativa. Todas as aldeias têm uma casa como aquela. No Carvalhal, onde Beirais foi filmado, aquilo é muito mais Beirais do que eles próprios gostam de admitir. Tem as coisas todas: o minimercado, o café....Eles diziam: “isto não é nada assim”, “na televisão é tudo ao disparate” (imita os habitantes do Carvalhal), mas aquilo era igual. Basta perderes-te numa aldeia nossa para encontrares Beirais (dirige-se à investigadora).

21 - O que é que tem uma “aldeia nossa”?

Tem um café central, ou uma vertente dele. Tem, às vezes, uma escola primária. Tem sempre uma versão da coscuvilheira ou da beata e um mecânico. Também penso que há sempre um talho. Nós não tínhamos talho, mas tínhamos um barbeiro. A ideia foi do Manuel Maracas. De facto, era importante termos um sítio onde os homens pudessem falar da vida – era uma espécie de clube dos rapazes. As mulheres reuniam o clube delas na mercearia. Quando depois tivemos de pôr a Marian Mota na série, e obrigaram-nos a metê-la como cabeleireira, aquilo já não funcionava. Eu gostava que a Marina Mota tivesse sido outra coisa...Foi muito curioso ver alguns atores míticos de comédia a terem alguma dificuldade em entrar no ritmo de Beirais. Com o Herman aconteceu o mesmo. Ele foi lá e queria fazer de Nelo, mas depois aquilo nem era humor de Herman nem era Beirais. Aquilo era outro ritmo, outra coisa. Acho que é preciso uma humildade gigante para atores com 20 ou 30 anos de carreira adaptarem-se ao ritmo e ao tom da série.

O que é que precisas mais numa aldeia? Precisas do grupo dos rapazes, do grupo das raparigas e dos pontos neutros onde eles se encontram. Era o que eu dizia: é muito fácil

ver o dossier de imprensa de Beirais e pensar que se sabe ao que se vai - a clichês - , mas na verdade não é nada disso. Nós fomos às convenções de género e depois os personagens ganharam outra vida. Não sei se já viste a versão eslava de Beirais (dirige-se à investigadora). Beirais foi vendido para a Eslováquia, penso eu. Eles adaptaram os personagens todos e eu já vi os primeiros episódios. Aquilo tem imensa piada porque eu não entendo nada da língua deles, mas estou a entender os diálogos todos. É impressionante como aquilo funciona tão bem lá porque, a verdade é que em todas as terras pequenas, mesmo que não se queira, há sempre o aldrabão, o pintas... Agora a questão é: porque é que eu vou fazer um pintas à imagem da personagem que o Herman faz e não vou buscar referências à imagem do meu tio que é um grande besuntas? Por isso, se fores buscar características mais reais e mais de pessoas e fugires do boneco, eu acho que o público vem. Foi essa honestidade que trouxe o público a Beirais. Desde que existe a SIC e a TVI, a RTP1 nunca tinha tido um programa com mais de um milhão de telespectadores. Há muitas teorias. Há quem diga que é por ser cómico e quem diga que foi por ser um conteúdo fácil, eu acho que foi por ser um produto honesto. As pessoas reviam-se.

22 - Qual é que acha que foi a perceção que a população do interior teve de “Bem-Vindos a Beirais”?

Eu acho que não sentiram que Lisboa estava a gozar com elas. As pessoas não gostam de ser gozadas. Beirais retratava, mas não ridicularizava. Quando ganhámos o prémio de melhor série, saiu-me esta frase – da qual eu fiquei muito orgulhoso (ri): “Beirais é fazer a diferença entre a ficção popular e a ficção popularucha” (parafrasia o que disse na cerimónia da entrega dos prémios). Eu acho que é isto: quando fazes uma produção popular toda a gente adere, quando fazes ficção popularucha, as pessoas cansam-se e acabam por ir embora. Quando Beirais, na reta final, começou a ser mais popularucho, eu acho que as pessoas se começaram a sentir defraudadas e gozadas. Há um limite. Há menos gente com paciência para ver isso. Não dá para estar sempre a rir. As melhores comédias têm sempre um lado mais sério, um lado mais comovente e que apela ao coração. Eu acho que Beirais conseguiu ser muito sério e ternurento. Eu acho que nós confundimos, muitas vezes, má educação e bonecada com humor. É preciso um “#Noção” para as novelas. Há coisas que já comunicam mal com a geração dos avós – porque a geração dos avós foram pessoas sofisticadas nos anos 80 e 90 -, claramente já não comunica com a minha geração, dos 40 ou 50, porque começamos a sentir-nos ofendidos com isto e então com a tua é impensável (dirige-se à investigadora). Nenhum de nós, em Beirais, queria nem sabia fazer esse tipo de humor. E tivemos sorte porque não estavam a

prestar muita atenção. O nosso público não queria esse humor dos chavões e das piadas simples.

23 - Qual é que era o público de Beirais?

Tinhas vários. Tinhas o público que queria chegar ao fim e sentir-se bem. Estávamos a atravessar uma grande crise e as telenovelas estavam muito violentas e era bom um produto que dava uma mensagem de esperança. Era bom teres um produto em que estavam avós, netos e pais e não tinhas de estar a explicar aos filhos uma série de coisas. O outro dia, descobri um episódio que tinha escrito em que o padre, o personagem do Nuno Janeiro, ia pela primeira vez para a cama com a rapariga do café. Ele, como padre, era virgem. Eu odeio piadas sobre virgens. É um género de humor que é muito fácil resvalar para o chinelo. E eu pensei naquela máxima, mas adaptada com as nossas personagens: “um padre, um cangalheiro e um médico estão num elevador”. Isto já é uma piada. De repente, temos um episódio a falar sobre sexo e nunca usamos as palavras sexo nem virgem. Eu fiz malabarismo e montes de truques, mas aquilo ficou com muita piada. Eu recebi imensos guiões que iam sempre para a “cueca”, não tinham essa sensibilidade. O público de Beirais era transversal exatamente por ser um sítio de conforto onde as pessoas se reviam. E as que não se reviam, olhavam para Beirais e viam o sítio onde gostavam de viver no final de um mau dia de trabalho. A ideia era: no final do meu dia de trabalho eu gostava de viver nesta aldeia.

24 - É difícil escrever sobre uma região do país que não se conhece tão bem ou sobre realidades que não se dominam?

Eu vou dar-te um exemplo (dirige-se à investigadora): eu devo ser a pessoa que mais escreveu sobre os Açores sem nunca lá ter ido. Sinto-me uma fraude cada vez que tenho de escrever sobre os Açores (sorriso de lamento). Escrevi uma série para o Nicolau Breyner que se chamava “Família Açoriana” e escrevi o primeiro episódio, esquecendo-me que os Açores são uma ilha e que basicamente estás sempre a ver o mar. Escrevi esses Açores quando estava com a minha tia no Alentejo e então saíram uns Açores rodeados de uma planície alentejana (ri). Depois, pronto, tive de fazer alguns acertos. Mas eu sabia o que era a sensação de desterrado. Fala-se muito da insularidade, mas não é assim tão diferente estares numa ilha desterrada dos Açores ou numa aldeia em Trás dos Montes. Eu acho que tens de encontrar o espírito da coisa. Por exemplo, eu uma vez estava a fazer um documentário sobre Rentes de Carvalho, em Trás dos Montes e ficámos lá em Estevais. Eu nunca tinha estado numa aldeia em que olhas à tua volta e tudo é montanha. Aquilo

causou-me imensa confusão, dei por mim com falta de ar. Comecei a ficar ansioso porque não tinha horizonte. Nunca tinha estado num sítio em que as montanhas comessem o horizonte. Numa ilha, tu só tens mar à volta, vês o horizonte, mas qualquer coisa sabes que podes pegar num barco e saís dali. Uma montanha parece uma coisa muito mais intransponível. Tens de trepar e subir. É agreste. Ter estado uma semana ali ajudou-me a escrever sobre o interior. Alguém tinha de estar a sentir a mesma claustrofobia que eu e alguém tem de sentir um conforto enorme por estar dentro de quatro paredes, como que num ninho. Tens de ir sempre à procura da verdade dos personagens e dos locais. Eu penso sempre: “o que é que este sítio me faz sentir”. Depois, a partir daí, quais as personagens que são iguais a ti, quais é que não são. Tens de te alhear da tua maneira de ser.... Uma pessoa que sente conforto no meio da montanha, está no polo oposto que eu, por isso, eu tenho de tentar compreendê-la. Esse é o motivo que torna mais fácil tornar tudo num boneco. É mais simples que a beata seja só uma pessoa que se benze. Eu acho que isso faz parte da minha doença de escrita: na minha cabeça as personagens têm de falar uns com os outros, serem pessoas reais e terem questões existenciais.

25 - Há quem diga que o interior de Portugal é um conceito lisboeta. Será que isso influencia a forma como esta interioridade é plasmada nas telenovelas nacionais? De que forma?

Acho que sim, mas não acho que o interior seja um conceito lisboeta. Contudo, há muito preconceito lisboeta que se espalha nas nossas novelas. Também considero que há muita gente que aborda os temas, sem noção do quão ridículo pode ser ser-se lisboeta. Imagina (interpela a investigadora), eu tenho noção do quão ridículo pode ser, ser de Lisboa: sei que tenho sotaque, sei que tenho superioridade moral por ser de Lisboa – porque, como se diz, “vocês, os outros, são todos uns atrasados” (imita lisboetas a falar sobre “os outros”). E depois rio-me e penso que é só triste e ridículo pensar assim. É um bocado estúpido eu pensar que sou melhor ou pior que alguém só porque nasci duas horas mais à direita ou mais à esquerda. É perfeitamente absurdo, aleatório e estúpido. Os autores têm de ter noção do seu próprio ridículo. Acho que quando vais falar com as altas esferas.... Bem, na verdade, eles dizem sempre que são as pessoas lá em casa, as indistintas, que gostam e que acham que se é uma aldeia tem de ter uma padeira saloia. A audiência tem as costas largas, para que muita gente vomite os seus preconceitos.

Acho, no entanto, que uma aldeia do litoral não será assim tão diferente de uma aldeia do interior. Assim como um bairro típico de Lisboa, não é assim tão diferente das personagens que se encontram, por exemplo, em Telheiras, num bairro de classe média alta. As pessoas comportam-se como se vivessem na mesma aldeia: vão todas ao mesmo

café, vão todos à mesma escola, chateiam-se todos com o mesmo professor, não tens a beata, mas tens a mãe a queixar-se no grupo do *WhatsApp*....Depois é pegares nas regras do jogo. Era o que eu te dizia de isto ser um lego: em vez de pegares nas peças da cidade, pegas nas do campo, mas a brincadeira não é assim tão diferente. O ser humano, na sua génese é o mesmo. Quando estás a fazer programas para as amassas tens de ir atrás do real. O boneco afasta as pessoas. A ficção não deve ser para ofender, nem para julgar. Em Beirais, mesmo os personagens sem estudos, tinham a sua própria sabedoria. Era uma sabedoria válida. O Benjamim, por exemplo, era a pessoa mais culta da aldeia e estava estabelecido que ele só tinha a quarta classe. O Manuel mecânico, poderia ser um bruto, mas sabia de astronomia porque tinha os seus interesses próprios. As pessoas não são só a sua profissão nem o universo limitado que as rodeia. O Júlio era cabo da GNR, mas sabia ler partituras e adorava música. As pessoas têm de ser mais do que isso para a ficção ser interessante porque na vida real também é assim.

Tabela 1 - **Análise da Entrevista a Miguel Simal**

Unidades de Análise	Análise da entrevista
Léxicos mais utilizados (e com relevância para a pesquisa)	- 84 Vezes: 67 “novela (s)” +17 vezes “telenovela (s)”; - 61 Vezes “episódio (s)”; - 39 Vezes “série (s)”; - 31 Vezes “aldeia (s)”; - 19 Vezes “história (s)”; - 19 Vezes “público”; - 16 Vezes “ficção”; - 15 Vezes “interior” (no sentido da região territorial); - 15 Vezes “produção/produções” - 14 Vezes “Diogo” e 14 vezes “Clara”; - 14 Vezes “Lisboa”; - 11 Vezes “verdade/verdadeiras (os)”; - 10 Vezes “cidade”; - 7 Vezes “clichê (s)”; - 6 Vezes “experiência (s)”; - 5 Vezes “audiência”; - 2 Vezes “estereótipo/estereotipar”; - 1 Vez “imaginário”; - 1 Vez “realidade”;
Estado de espírito do	- A entrevista ocorreu num tom descontraído, divertido e leve. Miguel Simal mostrou-se explicativo, exemplificativo e crítico. O argumentista contou várias histórias associadas às novelas que escreveu. Miguel Simal debruçou-se profundamente sobre as personagens e episódios

entrevistado	específicos de “Bem-Vindos a Beirais”.
Adjetivação, características ou ideias associadas às telenovelas em Portugal	- Miguel Simal defende que, embora Portugal já tenha tido uma “Era de ouro” no que concerne à produção telenovelistica, hoje verifica-se um “decréscimo de qualidade”. - As telenovelas em Portugal, hoje, são “a arte do menos mau”. Contudo, “a novela tem a arte de fazer palha sem ser insultuoso para o telespectador”. - As telenovelas são “uma maratona” e “o dinossauro com o meteorito a aproximar-se”, estão “mais fracas” e tendem a respeitar menos a audiência, defende o guionista. - Miguel Simal acredita que se deve repensar a telenovela em Portugal, redirecioná-la para o novo público (“Há coisas que já comunicam mal com a geração dos avós – porque a geração dos avós foram pessoas sofisticadas nos anos 80 e 90 -, claramente já não comunica com a minha geração, dos 40 ou 50, porque começamos a sentir-nos ofendidos com isto e então com a tua é impensável”) e apostar na qualidade, visto que, facilmente na contemporaneidade, a audiência acede a conteúdos que os cativem. - As telenovelas “têm a obrigação” de transmitir uma mensagem.
Adjetivação, características ou ideias associadas ao interior de Portugal	- O interior é definindo como um sítio de “união”, cooperação e proximidade, a antítese da cidade. Esta dicotomia deu, de acordo com o guionista, o mote para “Bem-Vindos a Beirais”. - Miguel Simal também faz uma associação entre a interioridade e a lentidão na passagem do tempo. - Quando começaram a escrever “Bem-Vindos a Beirais”, Miguel Simal admite terem associado ao interior indicadores como a falta de rede ou a demora na entrega das encomendas. Contudo, confessa que esse s chavões foram largados por não fazerem sentido. - O guionista de “Bem-Vindos a Beirais” diz que esta produção representa “uma aldeia nossa”, ou seja, uma localidade que possui uma sociedade recreativa, um padre, uma beata, uma mercearia, um grupo de mulheres, um grupo de homens.... - Miguel Simal faz também um paralelismo entre a interioridade e a insularidade, definindo-a como “um ninho” ou um sítio “entre quatro paredes”. - Miguel Simal acredita que uma aldeia do interior não é substancialmente diferente de uma aldeia do litoral – “Assim como um bairro típico de Lisboa, não é assim tão diferente das personagens que se encontram, por exemplo, em Telheiras, num bairro de classe média alta. As pessoas comportam-se como se vivessem na mesma aldeia” pois os problemas e as vivências são as mesmas, embora experienciados de forma distinta.
	- Miguel Simal considera que o recurso a clichês ou estereótipos decorre de uma facilidade e rapidez de escrita. O guionista considera que o seu uso é inevitável, mas garante que é preciso bom senso, fugir

Adjetivação, características ou ideias associadas às produções que recorrem a estereótipos	dos exageros e evitar repetições sistemáticas e pouco fundamentadas – “Devíamos estar mais além do que estereotipar ou do que os pregões. Para construíres uma personagem tens de pensar sempre que elas são reais e que não se regem pelas tuas moralidades”. - Devem usar-se “características mais reais e mais de pessoas e fugires do boneco”. - Miguel Simal defende que o público se reviu em Beirais porque o produto era “honesto” do ponto de vista da estereotipização.
Adjetivação, características ou ideias associadas a “Bem-Vindos a Beirais”	- Miguel Simal explica que, em termos de produção e de escala de personagens, “Bem-Vindos a Beirais” aproxima-se de uma novela (formato que começou por ser), mas em termos de escrita tornou-se numa série: Beirais “mudou de um modelo de novela, porque já não dava para manter uma continuidade direta, para modelo de série”. - O objetivo de “Bem-Vindos a Beirais” era mostrar, por exemplo, a dificuldade que é, no interior, os jovens alcançarem determinados sonhos (caso Sandro) ou evidenciar que é possível recomeçar uma vida nestas zonas (casa de turismo). - Segundo o argumentista, Beirais poderia ser uma qualquer aldeia de Portugal, independentemente da sua localização geográfica – “Beirais era quase o seu próprio país”. - Beirais “é quase a ideia romântica do interior” é a minha ideia idílica de aldeia”.
Frases marcantes da entrevista	- “Nos últimos anos, os orçamentos são os mesmos e a qualidade decresceu”. - “Acho que as telenovelas estão cada vez mais fracas e estão a respeitar cada vez menos o público, que não é estúpido”. - “É preciso repensar a telenovela exatamente por ela ser um produto valioso”. - “Podes ser escapista, podes ser leve, mas se não tens nada para dizer, é um desperdício de tempo de emissão. Tens de ter alguma coisa que queiras comunicar”. - “Eu sou a favor das convenções de género e contra os clichês”. - “Beirais é um sítio imaginário, diz-se que é interior, mas na verdade tanto pode ser no interior como no litoral”. - “Beirais é a diferença entre uma ficção popular ou uma ficção popularucha”. - “É preciso um “#Noção” para as novelas”. - “Há muito preconceito lisboeta que se espalha nas nossas novelas”.

APÊNDICE E – Entrevista a Inês Gomes (argumentista de “A Serra” - SIC)

Entrevistador: Inês Salvador (investigadora)

Entrevistado: Inês Gomes (argumentista)

Data realização da entrevista: 6 de junho de 2022

Horário da entrevista: 18h – 19h (1 hora de duração)

Formato da entrevista: Online, via Zoom; sessão síncrona; câmaras e microfones ligados.

I - Caracterização

1 - Nome?

Inês Gomes.

2 - Idade?

Tenho 46 anos.

3 - Naturalidade?

Sou portuguesa, natural de Almada.

4 - Tem raízes fora de Almada?

O meu avô paterno erra de Vila Nova de Cerveira. De resto, toda a família é lisboeta (sorri).

5 - Há quantos anos é que é guionista?

Eu acho que vai fazer ... (faz cálculo mental). Eu penso que comecei em 2000, por isso, vai fazer 22 anos.

6 - Descreva um pouco mais o seu percurso profissional - desde que iniciou a sua carreira na escrita até aos dias de hoje?

Eu sou formada em Comunicação Social. Ainda trabalhei na Rádio Renascença, mas foi numa altura em que os jornalistas ainda eram só estagiários e não conseguiam muito mais do que isso. Acabei por sair, fui dar aulas e depois fui convidada para ir para a Casa da Criação, na altura em que estava a ser fundada – a Casa da Criação era uma empresa, que já não existe, que a NBP estava a fundar para a escrita de guiões (explica). Comecei por trabalhar com a Maria João Mira e por fazer adaptações. O meu primeiro trabalho foi o “Nunca Digas Adeus” que era uma novela venezuelana, se não estou em erro. Depois ainda escrevi o “Anjo Selvagem”, “Sonhos Traídos”, muitas temporadas de “Morangos Com Açúcar” ... Fiz algumas novelas para a TVI, como “Feitiço de Amor” e outras que já não me lembro. Depois, fui convidada para ir para a SP Televisão. Comecei por fazer algumas séries como “Velhos Amigos”, “Maternidade” e “Nunca Digas Adeus”. Depois voltei às novelas – digo que voltei porque já tinha feito algumas na Casa da Criação (explicita). Fiz o “Mar Salgado” e algumas novelas com o Pedro Lopes, como “Sol de Inverno”, entre outras. Depois, fiz, portanto “Mar Salgado” (recapitula), “Amor Maior”, “Terra Brava” e “A Serra”. Também fiz o “Glória”, para a *Netflix*.

7 - Prefere escrever séries, como “Glória” ou telenovelas?

Eu gosto das duas coisas. São processos bastante diferentes. As séries têm uma grande vantagem, a narrativa é mais curta. A pessoa tem uma vida muito melhor enquanto faz a série porque tem mais tempo para trabalhar (sorri brincalhona). As novelas... No fundo, é perguntar a um atleta aquilo que ele prefere: correr cinco quilómetros ou fazer uma ultramaratona? As novelas acabam por ser ultramaratonas. São coisas diferentes. Uma novela também traz outros desafios. Manter uma história que se prolonga no tempo também é muito desafiante. O processo em si (na novela) é muito mais desgastante.

8 - Há quantos anos trabalha para a SP Televisão?

Foi mais ou menos a meio, 2010. 2011 (faz recuo mental). Foi por aí. Há 11 ou 12 anos.

II - Reflexões sobre as telenovelas em Portugal

9 - Como é que olha para as telenovelas produzidas atualmente em Portugal?

Acho que nós estamos num bom caminho, não estamos ainda como alguns países da Europa, com uma produção grande. Durante muitos anos, o mercado foi muito limitado porque, em Portugal, os canais só investiam em novelas. O nosso país é um caso um bocadinho único, talvez parecido com o Brasil e com alguns países da América do Sul e talvez a Turquia. As pessoas gostam muito de ver telenovelas, é um produto que passa no *prime time*, o que não é normal no resto da Europa. As novelas cá, dão-nos muito à vontade e traquejo para escrever outras coisas. Nós escrevemos e produzimos muito mais em Portugal que noutros países europeus por causa dos episódios da novela. Agora, os canais estão a começar a apostar em séries, a RTP nunca deixou de o fazer totalmente e as plataformas estão a começar a proliferar em Portugal. A nova diretiva europeia que incide sobre as produções terem de ser feitas na língua original e nos países onde as plataformas estão também veio ajudar. Antes do *streaming*, as produções no mundo eram em inglês, a língua era uma barreira e nós não conseguíamos propriamente entrar no mercado brasileiro porque eles têm muita produção própria. Os PALOPS não têm muito dinheiro para produzir ficção. Agora, com as plataformas de *streaming* há conteúdos em todas as línguas e isso abre-nos muito mais as portas. As expectativas são boas. Como disse, as telenovelas em Portugal estão num bom caminho, as narrativas continuam a atrair a audiência e as novelas subiram de qualidade do ponto de vista da produção.

10 - Considera que as telenovelas continuam a ser o produto mais valioso da televisão, em Portugal?

É, sem dúvida, onde se investe mais. São os produtos mais caros porque se produzem muitos episódios – embora, um episódio de uma série custe muito mais que de uma novela (explica). Agora, sim. A telenovela é o produto que mais se faz em Portugal e também o que tem maior procura por parte da audiência. Contudo, pode ser que isto ainda mude e se comecem a produzir mais séries. Série em coprodução porque, de facto, é difícil um país tão pequeno concorrer com produções que foram feitas com muito dinheiro envolvido.

11 - A propósito de ser um “produto valioso”: há muita gente que nutre um certo preconceito face às telenovelas. Considera que esta é uma realidade que se tende a esbater ou que, por outro lado, tende a avolumar-se?

Contudo, as telenovelas foram e continuam a ser os produtos mais vistos em Portugal. Uma coisa é o que as pessoas dizem, outra é o que as pessoas veem (ri).

A consideração de que anovela é um produto menor é algo que já existe há muito tempo. Contudo, as telenovelas foram e continuam a ser os produtos mais vistos em Portugal. Uma coisa é o que as pessoas dizem, outra é o que as pessoas veem (ri).

12 - Então, considera que há muita gente que vê telenovelas, mas que não admite?

Sim. A telenovela é um pouco a comida de conforto dos portugueses. Aquele produto está ali (faz gesto com a mão simbolizando o ali), dá-lhes uma certa rotina e estabilidade na vida. Se são produtos menores? Se compararmos um orçamento de uma novela com o de uma série, claro que são produtos diferentes, com menos investimento e com menos tempo. Nós escrevemos cinco ou seis episódios numa semana, em telenovela, e gravasse ainda mais do que isto por semana. É óbvio que vai ficar diferente de uma série onde se escreve um episódio em duas semanas, por exemplo.

13 - Posso inferir, então, que não se trata de uma questão de qualidade da produção, mas de investimento?

Repara (dirige-se à investigadora), se nós temos mais para investir, vamos fazer produtos melhores, isso é... se temos mais dinheiro vamos fazer produtos melhores. É muito diferente gravar uma cena em que está a chover, já sem tempo e com o elenco esgotado, ou optar por não gravar hoje e gravar daqui a três dias, quando o tempo estiver melhor. Tudo isto faz diferença nos produtos. Agora, eu acho que a nossa novela tem muita qualidade e penso que, gradualmente, isso também começou a ser reconhecido.

14 - Recuperando aquilo que disse – que as telenovelas são uma espécie de comida de conforto dos portugueses - acredita que as telenovelas devem ser entendidas como um elemento televisivo de distração da audiência ou considera que devem transmitir uma mensagem?

A telenovela é um produto de entretenimento, um produto de ficção. Agora, é inevitável, até pelo número de pessoas que veem, que tenha alguma responsabilidade social. Nós temos isso um bocado interiorizado.

15 - Na sua perspetiva quais são os temas que, neste momento, os portugueses, mais gostam de assistir?

As pessoas continuam a ser muito tradicionais. As histórias acabam por ser sempre uma coisa meia tradicional. O herói que está sempre contra alguém que é um monstro ou que tem de superar muitos obstáculos. A gente vai sempre bater nas mesmas coisas. As pessoas gostam sempre de – as pessoas dizem que não (alerta) – histórias de amor. Se não houver histórias de amor, isso reflete-se nas audiências. Depois, a vida das pessoas não é fácil, então as pessoas gostam de ver comédia, para descontrair depois de um dia de trabalho. O público também está muito aberto a ver os temas que estão na ordem do dia, nas telenovelas.

16 - Para que as telenovelas tenham sucesso é necessário que haja identificação do público com aquilo que é apresentado. Para que isso aconteça, é necessário recorrer-se a características comumente aceitas, por exemplo, em relação a um determinado grupo social?

Não. Eu acho que, acima de tudo, a identificação é emocional.

17 - Mas quem escreve, não recorre a características que, normalmente, se associam às pessoas ou realidades que nos rodeiam, de forma a facilitar a apreensão da mensagem ou a interpretação de determinada personagem?

Nós escrevemos sempre segundo a realidade que conhecemos. Por isso, é normal que a gente vá buscar as características que associamos às personagens. Mas, por exemplo, uma boa personagem é aquela que tem algumas características que as pessoas entendem como sendo normais e depois dar-lhe um *twist* e ter ali alguma coisa diferente. Vamos beber à realidade e ao que nos rodeia, às pessoas que conhecemos e ao que vemos na televisão, mas depois misturamos as coisas e alteramo-las um bocadinho.

18 - Descreva o processo de criação de uma telenovela desde a escrita, à construção das personagens e à exibição no ecrã.

Geralmente, os projetos começam com uma ideia de um conflito ou de uma personagem e trabalhasse a partir daí. Os processos nem sempre são iguais, de novela para novela. Contudo, o que é igual é: tem-se uma ideia, faz-se uma sinopse, trabalha-se primeiro o pelote principal, depois criam-se os núcleos secundários para ajudar a compor o pelote principal, depois criam-se e desenvolvem-se as personagens – criar as personagens é dar-lhes um passado e definir-lhes um objetivo, uma intenção (explica) – escreve-se o primeiro episódio e planificam-se alguns momentos de viragem e um fio condutor, em

especial, para o plote principal. Posteriormente, junta-se uma equipa e arranca-se a escrever os episódios. Vai-se planeando por blocos – porque, numa telenovela, é impossível planear tudo até ao fim (explica) -, fazem-se reuniões de plano para pensarmos e decidirmos o que vai acontecer na história e nos blocos daí para a frente e vamos criando, assim, a novela.

A equipa, geralmente, tem cinco ou seis pessoas, conforme o número de episódios que temos de entregar por semana. Isso tem a ver com calendários de produção: quantos episódios gravam por dia, quando é que começam a gravar, qual a margem de produção... Eles gravam mais depressa do que nós escrevemos por dia, por isso, tem de haver uma folga. Há dois argumentistas que vão andando mais à frente na história e que vão criando aquilo a que chamamos as grelhas, que são as estruturas do episódio. Fazemos uma reunião, para decidirmos qual é o gancho, como é o fim do episódio e qual é o ponto alto a meio, quais é que são os plotes principais e como é que aquilo se vai desenrolar. Depois eles (os guionistas) vão estruturar isto em cenas. A equipa vai escrever essas cenas com diálogos e ação. Depois, eu leio tudo, revejo e acerto as coisas. É sempre assim este processo. As pessoas que estão em grelhas, normalmente, são rotativas: há uma que fica a novela toda e outra que roda por todos os elementos da equipa. Basicamente, o processo é este e vamos parando para definir os planos e estruturar os episódios.

III – O caso de “A Serra”

19 - O que é que deu o mote para que esta produção retratasse o interior de Portugal?

“A Serra” começa com a SIC a pedir-me uma telenovela que se passasse na Serra da Estrela. Nunca tinha sido feito nada na Serra da Estrela, mas, entretanto, a TVI, fez antes de nós. Nós, na altura, começámos primeiro a trabalhar que eles. Basicamente este era um requisito que a novela tinha. Ou seja, neste caso, eu tinha um sítio específico onde me basear e que deveria dar uma orientação ao projeto. Fui investigar e saber mais sobre a Serra da Estrela, a vida na Serra da Estrela e sobre as pessoas. Foi a partir daí que comecei a trabalhar.

20 - Disse que foi investigar sobre a Serra da Estrela. Em que fontes, dados e experiências é que se baseou para representar a interioridade serrana?

Muita na base da *internet*, claro. Isso hoje facilita-nos muito a vida. Depois, foi mesmo ir à Serra da Estrela, estive com um pastor que faz queijo, andei lá a conhecer as coisas. Também aprendemos a fazer pão...O nível de investigação que fazemos também depende do tempo que temos. Um argumentista de novelas escreve sobre tudo e nós não sabemos sobre tudo. Temos de pesquisar, procurar quem saiba e quem nos oriente (sorri).

21 - No caso de “A Serra”, qual foi a sua maior preocupação ao representar esta zona do país?

Tentar ser sempre, um bocadinho, realista e não ter aqueles estereótipos que se têm sempre: os pastores velhos que estão sempre fechados e isolados. A Serra da Estrela tem vindo a abrir-se, também. Então, era mostrar isso.

22 - A Fátima Neto, protagonista, era uma rapariga jovem, pastora, produtora de queijo e de farinha. Foi essa abertura para o mundo, que referiu, que justifica o estatuto profissional atribuído a esta personagem?

Sim, um bocadinho. No fundo, é engraçado a protagonista ter ali as profissões típicas da serra. Contudo, ela é a protagonista da novela e isto também tem um lado aspiracional ... não pode ser uma façanhuda (ri). Do que li e do que investigámos, nós percebemos que há escolas de pastores, há gente nova a regressar e a investir na Serra da Estrela. Há pastores mais novos, licenciados, com curso. Há gente nova a aparecer e foi por aí que fomos.

23 - O núcleo que engloba as personagens da Sofia Alves e da Carolina Carvalho representa o poder, a riqueza, o estatuto social elevado, mas também a falta de carácter, a ambição desmedida e a maldade. Por seu turno, a família de Fátima (Júlia Palha) parece representar a bondade e retidão, embora o estatuto social seja mais baixo: porquê estas associações?

Todas as histórias têm de ter um vilão, senão não vai correr bem. Geralmente, se o vilão for poderoso e o protagonista tiver menos poder, a luta é sempre desigual. O público está a torcer pela protagonista. Se eu lhe facilitar a vida e ela for a pessoa rica e poderosa, a história resolve-se em três tempos. É mais fácil, em termos dramáticos, e para quem escreve, o poder e o estatuto estar do lado dos vilões.

24 - Neste caso em concreto, houve alguma tentativa de aproximar essas características de bondade e retidão às gentes da Serra da Estrela ou essa

associação era indiferenciada e independente da proveniência das personagens?

Isso não. Há pessoas boas e más em todo o lado, e nas novelas também (ri). Os bons e os maus podem vir de qualquer sítio. Ali também tínhamos boas pessoas que vinham de fora. O protagonista, o Tomás Folgado, não era dali. O Guilherme também não era dali. Portanto, variava um bocadinho. Para além disso, a Carlota e a Mariana eram da Serra da Estrela. O avô era dali - o pai do Fernando e da Carmo (recorda).

25 - Na Fraga Pequena existem dois núcleos produtores de pão: São e Jacinta produzem pão “tradicional” e Fausto e Salvador produzem novas variedades deste produto. Qual o objetivo? Porquê esta dicotomia tradicionalidade/modernidade?

Porque funciona sempre bem, no plote mais cómico, ter dois apaixonados que são rivais no trabalho. Então é um bocadinho... Se fosse em Lisboa podia ser o *uber* versus o táxi. Ali fazia muito sentido ser com o pão: é uma coisa muito tradicional, esteve muito na moda na pandemia – porque as pessoas começaram todas a fazer pão em casa (explica) – e começaram a abrir padarias novas em todo o lado. Era uma coisa que nos fazia sentido.

26 - Na telenovela também são feitas várias referências à crença na Nossa Senhora da Boa Estrela, ao rancho e ao tanque público para lavar a roupa à mão. Acha que ainda se encontram essas realidades no interior de Portugal?

Em alguns sítios, umas sim outras não. Os ranchos existem, os tanques já praticamente deixaram de existir.... Existe um ou outro. Nós andámos a investigar e na zona do Porto ainda funcionam alguns. Mas está muito no nosso imaginário e ainda há, em algumas terras, onde se lave no tanque, à mão, aquelas coisas que nós, em Lisboa, mandamos para a lavandaria: os tapetes, por exemplo. É um *decore* engraçado e o ponto de encontro das personagens. Infelizmente, não era um tanque como nós imaginámos porque não existia no sítio onde gravámos. Tem muito a ver com o nosso imaginário. Eu lembro-me que em Vila Nova de Cerveira se ia ao tanque lavar a roupa. Quando à crença na Nossa Senhora da Boa Estrela, as crenças religiosas têm sempre de existir e existem em qualquer lado. Os santos na terra continuam a ter uma grande importância. Depois, lá está, nem todas as personagens tinham crença na Nossa Senhora da Boa Estrela, tinha a ver com algumas personagens e com outras não.

27 - Falou das suas vivências em Vila Noa de Cerveira. Que experiências, pessoais é que trouxe para “A Serra”?

Nós trazemos sempre um bocadinho de nós para aquilo que escrevemos. Lá está, esta coisa da comunidade, das pessoas se reunirem à volta do tanque, por exemplo, foi uma coisa que trouxe. O hábito de se reunirem à volta da mesa, na cozinha, que junta a família grande.... Nós tínhamos a Fátima que a família não era muito grande, mas depois tinha as tias e juntavam-se todos, de vez em quando. Essa parte tem um pouco a ver com as minhas vivências. Uma novela é um trabalho de equipa e traz muito das experiências de cada membro da equipa.

28 - Considera que é fácil encontrar por aí pessoas como as plasmadas em “A Serra”. Como por exemplo, a Jacinta, a Guida, a São ou a Fátima?

Lá está, elas são personagens de ficção. Quer dizer, esperemos que aquilo que aconteceu à Fátima em toda a novela não aconteça a ninguém porque ninguém conseguia levar uma vida assim. Ninguém conseguia levar uma vida do protagonista de uma novela porque é uma vida de infortúnio muito grande (ri). Eles têm muitos problemas, são muitos episódios e eles passam por muita coisa (sorri). Acho que nós fomos buscar características que podemos encontrar em outras pessoas, aquelas, especificamente, são personagens. Não existem. Nós ficcionamos isso. Eu vou beber muito do que está à minha volta, das pessoas que conheço, do que vejo na rua, do que está nos jornais e nas revistas, mas depois faço uma mistura. Não me baseio só numa pessoa. Não copio nada da realidade, até porque isso não seria bom para as pessoas (tom de lamento). As características que as personagens têm encontram-se, penso eu, tanto no interior como fora. Por exemplo, a Sãozinha era teimosa e casmurra e a Jacinta tinha mau feitio, há pessoas assim em todo o lado.

29 - Considera que as pessoas naturais do interior de Portugal se reviram naquilo que foi exibido em “A Serra”?

Nós tivemos bons resultados de audiências, por isso, à partida, não rejeitaram o produto.

Acho que se identificaram com algumas coisas, com outras não, claro. Mas acho que há pontos em que se reviram. Há coisas que a gente vai buscar que até são mais antigas, mas que estão no nosso imaginário.

30 - Tem algum *decore* ou personagem que gostava de destacar?

De decore gostei muito do moinho. Já fiz muitas novelas e, às vezes, os cenários repetem-se um bocadinho. O moinho era uma novidade e ficou bem conseguido. O interior era em estúdio, mas o exterior era mesmo na Serra da Estrela. Das personagens.... Gostava muito da Guida. Gostava muito da família da Sãozinha. Essa família correu-nos muito bem, até perdermos a Maria João (Abreu).

31 - É difícil representar uma região do país que não se conhece bem?

Se nós conhecermos é sempre mais fácil. Mas, lá está: as novelas vão para tanto sítio, é preciso conhecer tantos lugares, tantas profissões que temos de fazer um trabalho de investigação para sermos o mais credíveis possível. Falar com pessoas que percebem do assunto ou conhecem o sítio e tentar reproduzir isso.

32 - Há quem diga que o interior é um conceito lisboeta. Questiono, primeiro, se concorda com esta tese e, depois, se a escrita de telenovelas pode ser influenciada por este fator.

(Hesita). Acho que não concordo porque a vida é diferente entre os grandes centros urbanos e no resto do país. As coisas estão muito centralizadas e há falta de uma série de coisas fora das grandes cidades. Se as pessoas quando escrevem são influenciadas por isto? Talvez. Eu não vou escrever uma telenovela sobre a Serra da Estrela como se fosse passada em Lisboa. São universos diferentes.

Vamos lá ver, eu acho que nem é tanto interior porque há terras pequenas em todo o lado. Acho que tem a ver com a dimensão dos sítios e a quantidade de coisas que as pessoas têm e a forma como vivem.

Eu prefiro mil vezes, contar uma história passada num sítio pequeno do que num sítio grande. Isto porque, as telenovelas são universos fechados e se as personagens viverem num sítio pequeno – seja interior ou litoral e até num bairro lisboeta, que é um microcosmo, as pessoas estão todas ali, no mesmo sítio, conhecem-se umas às outras, sabem de tudo. Isso em termos de dramaturgia é mais engraçado do que escrever uma novela em vários pontos de Lisboa ou no Porto. Aí temos de justificar porque é que todas as personagens se conhecem e os cruzamentos são mais forçados.

33 - Mas considera que esse microcosmo será sempre diferente conforme a região do país que retrata ou pensa que a aldeia da Fraga Pequena - tirando

as particularidades como o queijo da Serra, por exemplo - poderia ser uma aldeia de qualquer ponto do país?

Ali havia características muito específicas. Nós vamos sempre buscar as particularidades de cada sítio. Acho que facilmente poderia adaptar aquela história para outra aldeia, mas isso será válido para a maior parte das histórias. Nós vamos sempre buscar coisas específicas da zona, mas claro que sim, há coisas comuns a viver num sítio em que as pessoas todas se conhecem.

34 - Quais foram as características específicas em que pegaram para retratar a Serra da Estrela e o interior?

Para além das atividades económicas ligadas à Serra da Estrela como o queijo, o burel, o pão e as ovelhas, fomos também buscar a dificuldade no acesso a alguns serviços. Se a pessoa tinha de ir ao banco, tinha de ir à cidade porque ali não existia, por exemplo. A equipa tinha pessoas com raízes muito fortes noutras zonas do país e então fomos buscar algumas experiências deles. Também há uma coisa muito específica da Serra da Estrela que nos deu muito jeito: a falta de rede. Para a ficção, isto da rede e dos telemóveis é um aborrecimento porque as pessoas estão sempre contactáveis: tenho uma coisa para dizer a uma pessoa e posso dizer-lhe por telemóvel ou por mensagem. Em termos de ficção, isso não funciona tão bem como estarem cara-a-cara. Ou a pessoa perdeu-se, pega no GPS e já está. Na Serra da Estrela, sobretudo no topo da montanha, há de facto sítios onde não há rede ou onde a rede funciona mal e isso foi ótimo para nós. Há coisas que são diferentes e que se vivem de forma diferente. Eu acho que nós conseguimos mostrar muita coisa, demos o nosso melhor (sorri).

Tabela 1 - Análise da Entrevista a Inês Gomes

Unidades de Análise	Análise da entrevista
	- 17 Vezes: 12 vezes “novela (s)” + 5 vezes “telenovela (s)”; - 16 Vezes “Serra da Estrela”; - 14 Vezes “produto (s)” (no sentido de formato audiovisual); - 13 Vezes “episódio (s)”; - 10 Vezes “série (s)”; - 10 Vezes “produção/ produções”; - 5 Vezes “características”; - 5 Vezes “histórias”; - 5 Vezes “ficção”;

Léxicos mais utilizados (com relevância para a pesquisa)	- 5 Vezes “público”; - 4 Vezes “audiência”; - 4 Vezes “Lisboa”; - 3 Vezes “realidade”; - 3 Vezes “imaginário”; - 3 Vezes “interior” (no sentido territorial); - 3 Vezes “plataformas” (no sentido das plataformas de <i>streaming</i>); - 2 Vezes “representar”; - 1 Vez “estereótipos”; - 1 Vez “cidade”;
Estado de espírito do entrevistado	- Durante toda a entrevista, a argumentista de “A Serra” manteve-se pragmática, convicta e objetiva. O tom utilizado durante a entrevista emanava certeza, embora também transmitisse desconfiança. A conversa foi pincelada com pontuais sorrisos, e gargalhadas.
Adjetivação, características ou ideias associadas às telenovelas em Portugal	- As telenovelas são “ultramaratonas”, “desafiantes”, “desgastantes” e “a comida de conforto dos portugueses”. As telenovelas são “um trabalho de equipa”. - Segundo Inês Gomes, é inevitável que as telenovelas tenham “responsabilidade social”. - As telenovelas trazem “rotina” e “estabilidade” à vida dos telespectadores. - As telenovelas em Portugal “estão num bom caminho”, “subiram de qualidade do ponto de vista da produção” e são “o produto que mais se faz em Portugal e também o que tem maior procura por parte da audiência”. A ideia de que as telenovelas têm qualidade e que a audiência continua a procurar o produto é reforçada várias vezes. - As telenovelas portuguesas são o produto em “que mais se investe”. Contudo, comparando com séries há “menos investimento e menos tempo”. - Segundo a argumentista, histórias tradicionais, “histórias de amor” e comédias são os temas mais apreciados pela audiência.
	- A produção de pão é um fator que Inês Gomes associa ao interior de Portugal. - De acordo com a guionista, não há uma associação direta entre bondade/interioridade e maldade/urbanidade (“Há pessoas boas e más em todo o lado, e nas novelas também”). Quanto ao poder, Inês Gomes explica que, para haver narrativa, o poder tem de se associar aos vilões, caso contrário o conflito resolver-se-ia rápido demais. - O rancho e a crença em determinado santo são aspetos que Inês Gomes considera que existem, na realidade, em diversas localidades do interior de Portugal. - Ao interior, Inês Gomes associa as ideias de comunidade, reunião em torno de um lugar ou de uma mesa (convívio, partilha), a falta de rede, a inexistência de determinados serviços e a facilidade de todos se conhecerem. Estas características foram vertidas em “A Serra”.

Adjetivação, características ou ideias associadas ao interior de Portugal	- Inês Gomes alerta para que muitos dos aspetos mencionados se refletem não somente no interior, mas em localidades pequenas, no geral.
Adjetivação, características ou ideias associadas às produções que recorrem a estereótipos	- Inês Gomes começa por dizer que a identificação da audiência é mais “emocional” do que associada a determinadas características específicas de um grupo ou realidade. A argumentista afirma, contudo, que se recorrem a traços marcantes de uma determinada realidade para se escrever sobre determinada temática ou personagem. No entanto, garante que essa ligação é pontual e que, embora absorva a realidade que a rodeia, acaba sempre por afastar-se dela – “Vamos beber à realidade e ao que nos rodeia, às pessoas que conhecemos e ao que vemos na televisão, mas depois misturamos as coisas e alteramo-las um bocadinho”; “não copio nada da realidade”. - Inês Gomes reitera que as personagens, embora tenham pontos em comum com determinadas características reconhecidas por todos, devem ser tridimensionais e apresentarem algo de diferente, um “<i>twist</i>”.
Adjetivação, características ou ideias associadas a “A Serra”	- A fuga aos estereótipos e o desejo de mostrar novas facetas de uma realidade motivaram algumas das imagens plasmadas em “A Serra”, segundo a guionista. Nesta novela, procurou-se ser “realista” e evitar os estereótipos como “os pastores velhos que estão sempre fechados e isolados”. - De acordo com Inês Gomes, “A Serra” teve duas características particulares: 1) mostrar que esta zona do país se está a abrir para o mundo, verificando-se algum êxodo urbano e juvenil para estas localidades (“Do que li e do que investigámos, nós percebemos que há escolas de pastores, há gente nova a regressar e a investir na Serra da Estrela. Há pastores mais novos, licenciados, com curso. Há gente nova a aparecer e foi por aí que fomos”); 2) o recurso ao imaginário e a realidades que existiram outrora e que ficaram na memória coletiva (um exemplo disso, segundo Inês Gomes, é a lavagem de roupa num tanque público - “Eu lembro-me que em Vila Nova de Cerveira se ia ao tanque lavar a roupa”: “Tem muito a ver com o nosso imaginário”). - Para Inês Gomes, as características das personagens de “A Serra” “encontram-se, penso eu, tanto no interior como fora” – não se recorre a estereótipos de personalidade associados às gentes do interior.
	- “Uma coisa é o que as pessoas dizem, outra é o que as pessoas veem”. - “(...) se temos mais dinheiro vamos fazer produtos melhores”. - “(...) uma boa personagem é aquela que tem algumas características que as pessoas entendem como sendo normais e depois dar-lhe um <i>twist</i> e ter ali alguma coisa diferente”. - “Um argumentista de novelas escreve sobre tudo e nós não sabemos sobre tudo. Temos de pesquisar, procurar quem saiba e quem nos oriente”. - “Nós trazemos sempre um bocadinho de nós para aquilo que escrevemos”. - “Eu vou beber muito do que está à minha volta, das pessoas que conheço,

Frases marcantes da entrevista	do que vejo na rua, do que está nos jornais e nas revistas, mas depois faço uma mistura. Não me baseio só numa pessoa. Não copio nada da realidade, até porque isso não seria bom para as pessoas”.

APÊNDICE F – Análise do Grupo de Discussão

Moderador e observador: Inês Salvador (investigadora)

Participantes: 10 participantes (5 pessoas do género masculino + 5 pessoas do género feminino)

Dia da realização do grupo de discussão: 1 de junho de 2022

Duração do grupo de discussão: 2 horas

Tabela 1 - **Perfil dos participantes no grupo de discussão**

Participantes	Género	Idade	Profissão	Área de residência	Viu “Bem-Vindos a Beirais” e/ou “A Serra”?
Pessoa A	Homem	59 Anos	Professor do 1º ciclo	Guarda (natural e residente)	“A Serra”
Pessoa B	Mulher	55 Anos	Enfermeira	Guarda (natural e residente)	“A Serra”
Pessoa C	Mulher	69 Anos	Reformada	Guarda (natural e residente)	“A Serra”
Pessoa D	Homem	63 Anos	Agricultor	Guarda (natural e residente)	“Bem-Vindos a Beirais”
Pessoa E	Mulher	33 Anos	Investigadora	Reside no Porto e é natural da Guarda	“Bem-Vindos a Beirais”
Pessoa F	Homem	36 Anos	Professor de Línguas	Guarda (natural e residente)	“Bem-Vindos a Beirais”
Pessoa G	Mulher	24 Anos	Estudante	Covilhã (natural e residente)	“A Serra”
Pessoa H	Homem	21 Anos	Estudante	Guarda (natural e residente)	“Bem-Vindos a Beirais”
Pessoa I	Mulher	73 Anos	Reformada	Guarda (natural e residente)	“A Serra”
Pessoa J	Homem	45 Anos	Técnico de eletrodomésticos	Guarda (natural e residente)	“Bem-Vindos a Beirais”

Nota: Na metodologia da presente investigação ficou definido que todos os intervenientes do grupo de discussão tinham de obedecer aos seguintes critérios: serem naturais do

interior de Portugal, verem ou terem visto telenovelas durante a sua vida e terem assistido a uma das telenovelas em análise, “A Serra” ou “Bem-Vindos a Beirais”.

Análise do Grupo de Discussão por participante

O grupo de discussão foi dinâmico, representativo e fervoroso, contando com diversas interpelações e contraposições entre os seus membros. Os intervenientes que tiveram maior incidência e que lançaram mais debate, questões e considerações foram o A, o C, o E e o F. Numa análise preliminar, constata-se que existem opiniões muito divergentes, e considerações que se aproximam das ideias de uns e de outros, conforme a temática e as questões lançadas.

Pessoa A

O professor do 1º ciclo assiste a telenovelas diariamente. Embora brinque dizendo que as vê porque é “obrigado” pela família, confessa que ver telenovelas “ajuda a passar o tempo”. Das novelas que está a acompanhar afirma que a que mais o cativa é “Festa é Festa” porque “ao menos, faz rir”, ao passo que as outras, “não trazem nada”. De todas as produções a que já assistiu, a “pessoa A” afirma que a melhor foi “Espírito Indomável” (TVI) porque articulava uma forte narrativa baseada no amor, rivalidade, traição e vingança e o humor (com as personagens do Tristão, da Susana, do Rogério e da Carmo).

A “pessoa A” acompanhou a telenovela “A Serra”. Assim, a propósito da forma como a interioridade é representada, o homem de 59 anos defende “que podemos encontrar um meio termo” já que “há circunstâncias em que o interior é colocado no ridículo, mas também há cenas e enredos que vão ao encontro do que o interior é”. O interveniente natural e residente na Guarda afirma que “as novelas mostram às pessoas algo que se passa no interior”, contudo reitera “que há muitas coisas exageradas porque já não se vive assim no interior, as pessoas já não são coitadinhas, pelo contrário, são cultas, têm poder e uma maneira diferente de viver, mais calma e naturalista”.

Quando a conversa se direccionou para os pontos de convergência entre a ficção e a realidade no que concerne ao interior, a “pessoa A” acaba por defender que há situações em que a realidade do interior é plasmada “empoladamente tanto para o lado positivo como negativo”. Assim, o professor de 59 anos explica que perante a mesma produção tem momentos de identificação e de não identificação. De acordo com o interveniente A, a veia trabalhadora, a genuinidade, os cenários e as tradições são apontadas como indicadores positivos do interior plasmados em “A Serra”. Por sua vez, o vestuário, o baixo estatuo

profissional e a caracterização de alguns personagens como “coitadinho, tolinho, brutos ou submissos” são tidos como aspetos negativos apontados a esta zona do país na telenovela da SIC.

A forma como a população em geral olha para o interior vai ao encontro da forma como esta região do país é representada nas telenovelas, defende. A maneira como “os outros e as telenovelas nos veem ainda é pejorativa”. Contudo, acredita que esta é uma perspetiva que está a mudar pois os habitantes dos grandes centros urbanos estão, tendencialmente, a dar mais valor à qualidade de vida existente no interior. O professor do 1º ciclo crê também existir uma propensão para que as telenovelas apresentem “mais os lados positivos do interior, não só ao nível da natureza e da qualidade de vida, mas também das pessoas”. A evolução cultural e profissional que as pessoas do interior têm apresentado nas últimas “duas ou três décadas vai passar a ser mostrada na ficção, acredito (...) os grandes nomes da sociedade saíram e saem do interior de Portugal e esse reconhecimento vai, com o tempo, passar a existir”.

No momento em que no grupo de discussão se debate a similitude de caráter entre as pessoas do interior e do litoral, e a sua consequente transposição para as telenovelas, a “pessoa A” diz que “bem sei que se diz que as pessoas são todas iguais, mas não são” e justifica: “aqui no interior, nós vemos pessoas humildes, simpáticas, acolhedoras, genuínas, sem problemas em mostrar aquilo que são” ao passo que “as dos grandes centros urbanos parecem ter dificuldade em mostrar aquilo que são, vivem de aparências”. O professor admite que a caracterização que faz do litoral se pode aplicar a determinadas pessoas do interior, contudo contesta que “em muito menor escala”. O homem de 59 anos vai mais longe e diz que “uma novela que queira caracterizar determinada região deve fazê-lo aproximando-se o mais possível da realidade”, o que apenas acontece parcialmente em “A Serra”.

Pessoa B

No que respeita aos hábitos de consumo de telenovelas, a “pessoa B” confessa ver telenovelas “sempre que pode”, num momento que visa ser de “distração e relaxe”. O quotidiano pesado que se atravessa, “a nossa realidade e a do vizinho” e as “narrativas reais que nos rodeiam” são as razões que motivam a preferência da enfermeira por produções mais leves e de menor teor melodramático, como “Festa é Festa” – “são telenovelas leves, que dá para descomprimir... não ficamos a pensar naquilo porque não há propriamente uma história. São novelas que nos põem bem-dispostos ao final de um dia de trabalho”.

No atinente à representação da interioridade nas telenovelas em causa nesta pesquisa, a “pessoa B” afirma que “quer queiram quer não, as coisas que mostram nas novelas, existem, de uma maneira ou de outra, levados mais ao rubro ou não”. A interveniente em análise reitera que “há coisas que mostram, por exemplo em “A Serra”, que estão a voltar”, mas adianta que mesmo que assim não seja se deve olhar para as novelas como um “processo de aprendizagem”. A enfermeira explica que as tradições, formas de vestir, cenários e linguagens utilizadas em “A Serra” são uma “forma de transmitir o passado, o povo, a portugalidade e a nossa cultura aos mais jovens, que hoje têm vivências mais aproximadas daquilo que é a vida urbana”. Diz que se identifica com as telenovelas que representam o interior mostram e que não se sente ofendida com aquilo que vê - “não me sinto nada ofendida e até gosto que mostrem o tanque, a pastora e a neve (...) sinto-me localizada em novelas como “A Serra””. Confessa também surpreender-se com as telenovelas em análise e com outras (como “Bem Me Quer” ou “Festa é Festa”, adianta) “porque essas novelas trazem-me coisas do passado que eu ouvi falar aos meus avós e aos meus pais e que já não conheci”.

Quando confrontada com o facto de as telenovelas representativas do interior apenas espelharem um interior obsoleto e antigo, a enfermeira contrapõe dizendo que, “se só mostrarmos o que já evoluiu e não mostrarmos aquilo que já foi, não aprendemos nada” acrescentando que “há coisas que ainda são como mostram”. Neste sentido, e no momento em que é lançado para a discussão o tema da falta de verosimilhança do vestuário e das profissões apresentadas em “A Serra” face ao real, a “pessoa B” afirma, recorrendo aos conhecimentos que tem proporcionados pelas funções laborais que desempenha, que “nos domicílios se veem as pessoas a lavar a roupa no tanque e pessoas de lenços na cabeça, isso existe”.

A mulher de 55 anos acredita que o que é apresentado em “A Serra” “tem muito de real” e acontece em todo o lado, apenas de formas diferentes – “a coscuvilhice, por exemplo, passa-se nos cafés aqui da zona quando as pessoas se juntam, passa-se na Padaria Portuguesa em Lisboa, passa-se no *WhatsApp*”. Segundo a interveniente, as pessoas, os hábitos e as realidades são muito semelhantes em todo o lado, o que varia é a sua escala e roupagem (mais ou menos moderna). Desta forma, defende que o que é exibido na ficção nacional “se vê por todo o lado (...) fazem-se é adaptações”.

Quanto à possível tipificação implementada pela ficção em relação ao interior, a “pessoa B” afirma que “são novelas, por isso pode haver estereótipos e exageros”. A enfermeira reitera que a região do país de onde determinada pessoa é, não deve determinar o carácter que lhe é associado porque “há pessoas boas e más em todo o lado, há pessoas ricas e pobres em todo o lado e há pessoas inteligentes e menos inteligentes em todo o lado”.

Porém, a mulher de 55 anos acredita que a fuga do real, tanto se dá em relação a telenovelas que representam o interior e as suas gentes, como em relação a produções que plasmem a urbanização e as gentes citadinas e dá um exemplo: “em “Bem Me Quer”, a Mercedes e a Carmo eram de Aveiro e as personagens estavam super - esticadinhas, também estavam nitidamente a exagerar – era o champanhe, as idas às compras, a forma de vestir, a forma de falar, os hábitos luxosos - e, qual era o problema?”.

A enfermeira concorda com outros intervenientes e diz que “as coisas sérias devem-nos chegar por outros meios, isto são só novelas (...) os meios de comunicação social, o jornalismo é que nos devem mostrar as coisas como são, o resto é só ficção”.

Pessoa C

A interveniente C do presente grupo de discussão confessa que gosta “imenso” de ver telenovelas. Assiste diariamente a, pelo menos, duas produções de ficção nacional com o objetivo de proporcionar, a si própria, um momento de distração – “depois de fazer o jantar e de ter a minha vida mais ou menos organizada, aproveito para me sentar, descansar e ver a novela”. A egitaniense de 69 anos afirma que gosta de novelas “com grandes enredos”, desagradando-lhe “novelas corriqueiras e banais”. Este é o motivo pelo qual, a participante C afirma preferir ver “Quero é Viver” (TVI) em relação a “Festa é Festa” (as produções a que assiste regularmente).

Em “A Serra”, a “pessoa C” considera que o interior é, em muitos casos, “minimizado” e apresentado de forma “exagerada” e “ridícula”. Neste sentido, a mulher reformada afirma não se sentir identificada com aquilo a que assiste.

A propósito da protagonista da telenovela da SIC, Fátima Neto, a interveniente de 69 anos diz “nós já não vemos Fátimas por aí (...) isso já não existe”. A mulher acrescenta ainda que na atualidade “já não se veem meninas de lenços na cabeça (...) atualmente, as mocinhas de 20 anos do interior vestem tão bem como as do litoral”. A esta convicção, a participante deste grupo de discussão acrescenta que “ver mulheres a lavar roupa no tanque, como lá se vê, já não acontece há 20 ou 30 anos”. “Aqui nas aldeias do interior vê alguém a lavar roupa à mão no tanque? Nada disso”, adianta. A participante defende que as telenovelas que têm como mote o interior “mostram como o interior era há 50 anos”.

No momento em que em cima da mesa se coloca a existência de beatas, coscuvilheiras ou conversações entre pessoas da mesma localidade, em sítios públicos, esta interveniente afirma que: “hoje em dia, pode haver essas senhoras velhinhas, de 80 ou 90 que não têm mais nada para fazer e que querem dois dedos de conversa, mas no geral as pessoas já não estão para isso, cada pessoa vai para o seu canto e não quer conversar”.

Este membro do grupo de discussão acredita que as telenovelas relativas à interioridade estão “desatualizadas”. Ela acredita que, nos dias de hoje, os hábitos, a cultura e as pessoas que residem no litoral e no interior já “não são assim tão diferentes como mostram nas telenovelas”. Segundo a própria, esta polarização contribui para o avolumar das assimetrias entre as regiões do país pois reforçam as ideias preconcebidas pela sociedade.

Quando confrontada por alguns membros do grupo com o facto de ser “só uma novela”, a “pessoa C” defende que quando vê uma produção ficcional gosta de sentir que aquilo é uma realidade e que é verdade – “eu gosto de viver os episódios, não gosto de ver só porque sim. Gosto de me empolgar e de pensar: será que vai ser assim, será que fica com aquele, quem matou o outro?”.

A mulher de 69 anos dizer ser “um motivo de orgulho” ver a Serra da Estrela na televisão, ver as ovelhas, a personificação do ar puro e a apresentação das tradições do interior, mas contesta dizendo que “nas telenovelas como “A Serra” parece que não o mostram com orgulho, parece que é: olha aquele coitadinho atrás das ovelhas”.

Pessoa D

Este membro do grupo de discussão confessa não ter por hábito ver telenovelas, embora “noutros tempos já tenha assistido a algumas”. A última produção que se recorda ter acompanhado foi “Bem-Vindos a Beirais”. Este desinteresse pelo formato adveio “da correria do dia-a-dia” e da preferência “por programas que dão à mesma hora, programas de cultura geral, telejornais ou documentários”.

No que toca à representação que as telenovelas fazem do interior de Portugal, o agricultor afirma, sem dúvidas, que “as novelas são forjadas” visto que “têm como objetivo vender” e “não tanto espelharem a realidade”. O homem de 63 anos acredita que a máxima das telenovelas é serem eficazes na transmissão de uma mensagem que cativa e fixe o público, independentemente da sua credibilidade e fiabilidade com o real. Partilhando a mesma profissão com o protagonista de “Bem-Vindos a Beirais”, o interveniente afirma não se sentir muito identificado com a personagem – “Identificaste-te com o Diogo? Nem por tanto”.

No que concerne à representação do interior/litoral, o interveniente em análise explica que “há gente boa e menos boa em todo o lado”, mas acredita que “normalmente, as telenovelas, só querem representar a menos boa, isto independentemente do sítio de onde essa pessoa é”. O agricultor explica que, para si, as diferenças traspostas para a tela entre o interior e o litoral, “não são diferenças de carácter ou personalidade, são diferenças baseadas nas vivências e isso é normal”.

Pessoa E

A participante de 33 anos diz, perentória, não assistir a telenovelas na atualidade – “não vejo novelas há anos”. A interveniente E assistiu a telenovelas até aos primeiros anos de faculdade, sendo o “Caminho das Índias” (2009) e “Bem-Vindos a Beirais” (2013) as últimas produções que se lembra de ter assistido na íntegra. A investigadora diz que não assiste a novelas “não por falta de tempo, até porque vejo séries”, mas porque não aprecia os enredos.

Em “Bem-Vindos a Beirais”, o interior de Portugal “está muito bem representado” e com uma caracterização “muito pouco depreciativa”, defende a “pessoa E”. Estes fatores foram cruciais, segundo a interveniente, para a continuidade do seu consumo da telenovela.

Esta afirma que facilmente identifica as personagens da novela “como sendo personagens do interior, mas também de outros sítios”. A investigadora alude a que algumas “personagens tipo”, como as beatas, são muito associadas ao interior, “mas na verdade não são só do interior, existem essas personagens em grandes centros urbanos”. A participante natural da Guarda e residente no Porto diz sentir-se identificada com o estilo de vida representado em “Bem-Vindos a Beirais”.

Quando o tema é a consonância entre as “pessoas reais” proveniente do interior e as personagens das telenovelas que visam retratar esta zona do país, a “pessoa C” é direta: “a tendência é identificar essas personagens tipo como típicas do interior, ainda com aquele selo oprimido e ostracizado, mas eu encontro muito facilmente essas personagens em qualquer uma das cidades em que tenha vivido”. Embora seja natural da Guarda, esta interveniente reside no Porto, local onde diz ser “muito fácil” encontrar “as personagens ou realidades ditas do interior” como a beata ou as pessoas a lavar no tanque, como se vê em “Bem-Vindos a Beirais”.

No momento em que o cerne da questão passa a ser a verosimilhança entre aquilo que é apresentado no ecrã e a realidade em relação ao interior, a investigadora diz que “é preciso termos noção que uma telenovela não é um documentário”, por isso, “vai ter sempre de haver exageros, vai ter sempre de haver personagens tipo, vai ter sempre de haver enredos que fujam um bocadinho da realidade”. Neste sentido, a mulher de 33 anos defende que se fosse ela a escrever “Bem-Vindos a Beirais” provavelmente faria algo dentro do mesmo género e com as mesmas premissas daquilo que foi feito e “não acharia que estaria a depreciar as minhas origens”.

Perante a questão da caracterização e possível aproximação das gentes do interior e do litoral, a “pessoa E” afirma que se trata “de uma questão de proporção”. Por outras palavras, “se há menos pessoas (no interior) a tendência é para que elas se conheçam

melhor e que se preocupem mais umas com as outras”, mas avança que “há de tudo em todo o lado”, não sendo correto tipificar dizendo que as pessoas do litoral são menos empáticas ou simpáticas – “não se pode tipificar, há essa tipificação nas telenovelas, exatamente por serem telenovelas e tem de haver, da nossa parte, um separar de águas”: A investigadora acredita que “o que as telenovelas querem é prender a audiência, seja com recurso a momentos cómicos ou a enredos fora do contexto, por isso não se lhes exige a concordância com o real”. Sobre a mesa também esteve o facto de as diferenças entre as pessoas do interior e do litoral residirem nas vivências e não no carácter. Perante este argumento, a “pessoa E” afirma que “ainda bem que essas diferenças são retratadas porque elas existem e eu nunca me senti ferida com isso, na minha condição de beirã”.

A moradora no Porto e natural da Guarda explica que “isto não deve ser uma preocupação profunda, nem ser levado como verdades absolutas, é necessários distanciar-nos do que vemos para perceber até que ponto o que aparece nas telenovelas espelha a realidade”. A mulher de 33 anos diz ter “pena” de todas as pessoas que acreditam “de olhos fechados” naquilo que veem nas telenovelas – “há pessoas que dizem “Lisboa é Lisboa, o resto é paisagem”, há muitas pessoas que não conhecem o nosso país e essas pessoas podem ficar com uma ideia, muito errada, do interior a partir da interpretação que fazem das novelas, mas aí temos pena porque aquilo é uma caracterização, não é mais do que isso”.

Pessoa F

No atinente ao consumo de telenovelas, o participante F deste grupo de discussão admite já não ver telenovelas “há anos”. O professor recorda que as últimas que viu foram “Morangos com Açúcar”, as primeiras temporadas, e “Bem-Vindos a Beirais”, anos mais tarde. Diz que perdeu o hábito de ver telenovelas e que a ausência do seu consumo telenovelistico não se prende com a qualidade ou interesse dos enredos, narrativas ou histórias, até porque tem consciências que estas produções são feitas com o objetivo de fixarem o telespectador ao ecrã – “as novelas são como as cerejas: se a gente começar a come-las, vai comer muitas, se não as comprarmos, não as comemos. (...). Nas novelas, comigo, aconteceu a mesma coisa. Perdi o hábito de ver, não voltei a começar a ver mais nenhuma e é por essa razão, acima de tudo, que não vejo”:

Segundo a “pessoa F”, “Bem-Vindos a Beirais” foi “a primeira telenovela a aparecer na televisão com uma intenção não depreciativa do interior”, embora “por vezes pudesse exagerar, como todas as novelas o fazem”. A produção em causa “veio contradizer aquela que era uma marca de Portugal, o êxodo rural” e trouxe “alternativas àquelas ideias, que a sociedade pós-moderna e do consumo nos veio dizer que eram os aspetos da felicidade, nas últimas décadas”. O professor de línguas admite que, para que “Bem-Vindos a Beirais”

tivesse sucesso, foi necessário a criação de “personagens tipo”. Todavia, defende que a caracterização que foi feita do interior e do ponto de vista humano “estava no extremo oposto” do que se costuma ver porque “idealizava o interior, como se não houvesse *stress* no interior ou como se não houvesse conflitos no interior, como se não houvesse uma série de problemas que, infelizmente, existem”. O participante em análise no grupo de discussão reitera sentir-se identificado com o que viu na produção da RTP 1, destacando o facto de “as personagens serem de carne e osso, não eram só personagens tipo”. O jovem de 36 anos acrescenta que as personagens não eram somente caricaturas, bonecos ou cómicas, tinham “também uma forte natureza humana: umas eram muito solidárias, outras, mesmo que não se dessem muito bem, ajudavam-se umas às outras”.

Durante a discussão, surgiu o repto de que, muitas vezes, as pessoas do interior são olhadas e descritas como “coitadinhas”. Neste sentido, a “pessoa F” disse que: ““Bem-Vindos a Beirais” veio começar a quebrar essa ideia. Faz mais vezes isso o telejornal da RTP, SIC e TVI, na minha opinião, que “Bem-Vindos a Beirais””. O participante dá o exemplo da integração no elenco e na telenovela de uma personagem que é professora e que ganha a presidência da junta de Beirais. Segundo o próprio, este acontecimento veio “normalizar o interior” e trouxe para a discussão um tema pouco comum há umas décadas, a entrada de mulher na vida política. Esta ideia é reforçada quando a “pessoa F” afirma, convicta, que a respeito da representação do interior na caixinha mágica, “tem feito um pior trabalho o jornalismo que as telenovelas”. Segundo o participante neste grupo de discussão, era ao jornalismo e aos jornalistas que cabia representar o interior “com mais seriedade e sem preconceitos” já que o objetivo dos argumentistas é vender o produto e cativar o público – “a eles (os argumentistas) tudo é admissível, eles não têm a obrigação de serem fiéis à realidade”, embora admite que telenovelas, filmes ou peças de teatro “ajudam a formatar uma ideia mental em relação a pessoas, sítios ou realidades”.

No decorrer da discussão, o participante F acaba por indicar que não existem substanciais diferenças entre as pessoas com menos de 50 anos do interior para o litoral. O professor reitera que aquilo que se demonstra nas telenovelas são os estereótipos associados a pessoas mais velhas, que tendem a desaparecer – “os jovens de 16, 18 anos, são iguais aqui, no Algarve ou na Figueira da Foz: veem os mesmos filmes, usam as mesmas roupas, acedem à mesma informação. Tudo vem pela *internet*, o que rege a parte cultural e informativa, por isso, todos têm acesso ao mesmo”. O professor de 36 anos acredita que as diferenças entre o estatuto, o vestuário, a sabedoria ou cultura das pessoas não estão relacionadas com a região do país de onde se é, mas do poderio financeiro das famílias.

Perante a discussão e as divergências de opinião registadas no grupo de discussão, este interveniente questiona: “se calhar, o que mostram é apenas uma parte do interior, que

depois pode passar como um todo, ou seja, já foi feita alguma novela em Évora, em Castelo Branco ou em Viseu?”. O docente argumenta que provavelmente “o que funciona melhor em novela é a aldeia, desabitada e com pouca gente”, mas explica que “a realidade de Viseu ou Portalegre, que também são interior, já são diferentes”. De forma otimista, garante que no fundo nenhuma novela retrata aquela que é a terceira realidade do interior: as aldeias fantasma onde já não reside ninguém.

“Bem-Vindos a Beirais” apresentou, segundo a “pessoa F”, uma “imagem recuperada do interior”, exemplificando: “vamos passar a ver atividades (como a agricultura), como modernas, vamos passar a ver pessoas a lavar no tanque, não porque não tem máquina de lavar, mas porque quer ter uma vida mais natural e sustentável”. Na perspetiva do participante em análise, “Bem-Vindos a Beirais” traduziu uma forma de superiorização do interior em relação “à cultura urbana que, nessa série, marcou pela diferença, evidenciando-a como descartável, superficial, pouco amiga do ambiente e pouco amiga da saúde humana”.

Em relação à possível influência que a naturalidade dos argumentistas possa ter na representação de uma região, a “pessoa F” acredita que, hoje em dia, tal não acontece pois “mesmo que o argumentista tenha nascido em Lisboa, hoje em dia, é muito difícil encontrarmos alguém que nunca tenha viajado, que não conheça as diferentes realidades, que não tenha estado no interior da Covilhã ou no interior da aldeia desertificada, que não tenha tido uma ou mais experiências dessas”.

Embora acredite que as telenovelas “não têm obrigações” no sentido de retratar o real, também admite que “há lógicas nas telenovelas que não são inocentes” e que, por isso, devem presar a “equidade”. A “pessoa F” diz que gostava que as telenovelas apresentassem uma realidade, entre o litoral e interior, “que já não fosse assim tão diferente uma da outra” avançando que “embora as telenovelas não tenham essa obrigação, poderiam ter esse papel”. O interveniente no grupo de discussão afirma que a reduzida dimensão de Portugal não justifica esta dicotomia, que “a escolarização veio trazer uniformização entre as pessoas de todo o país” e o advento das novas tecnologias e da *internet* veio aproximar as pessoas, não só do ponto de vista interpessoal, mas também do ponto de vista dos hábitos, das vivências, das oportunidades e dos conhecimentos. Como tal, afirma que a grande diferença entre pessoas do interior e do litoral se coloca sob o ponto de vista etário, com indivíduos com idades superiores a 50 anos – “eu arrisco dizer que mais de 99% da informação e da cultura que alguém, hoje, particularmente os jovens, consomem se viver em Freixo de Espada à Cinta é muito semelhante àquela que um jovem vai ter acesso em Odivelas. Pode haver mais ou menos diferença se os pais tiverem mais ou menos dinheiro,

que os levam a mais museus e teatros e têm uma cultura mais profunda, mas isso tanto acontece numa classe alta de Bragança como do Porto”.

Pessoa G

No que diz respeito aos hábitos de consumo de telenovelas, esta participante diz assistir a telenovelas, embora não as acompanhe até ao fim – “Eu fico muito entusiasmada quando começam e vejo os primeiros episódios, mas depois a vida acontece e deixo de ver”. A estudante de 24 anos adianta, no entanto, que quando gosta das histórias e está por dentro dos enredos acaba por ir vendo o que acontece na trama. A covilhanense avança que, outrora, preferia ficção cujas histórias tivessem uma forte carga narrativa e melodramática, mas confessa já não ter “paciência para isso”. De todas as telenovelas a que assistiu, menciona “Ouro Verde” (TVI) como a sua favorita e indica “Festa é Festa” como a que acompanha, minimamente, na atualidade.

Em relação à representação que “A Serra” faz do interior de Portugal, a estudante considera estar “desfasada da realidade” pois “já não se vê, por exemplo, pessoas a lavar a roupa no tanque ou a fazer pão na rua”. A covilhanense deixa, contudo, a nota de que não é nem cresceu numa aldeia e que isso pode influenciar a sua perceção. No entanto, afirma não se sentir nem ofendida, nem representada “nem pela novela nem pelas personagens mais novas”. Embora considere que em “A Serra” a representação que é feita do interior “sai uns pontos ao lado da realidade”, afirma sentir “orgulho” em ver a sua zona na televisão: “independentemente da forma como a região é representada ou dos estereótipos que são transmitidos, a verdade é que mostra a nossa zona e as coisas ímpares que ela tem, como a Serra ou o queijo, ao resto do país”.

A forma como o interior de Portugal é representado nas telenovelas é, segundo a participante G, influenciada pela perceção que os argumentistas têm da região. De acordo com a própria, esta influência reflete-se, não tanto sobre as personagens, mas sobretudo nos hábitos de vida - “a ideia representa o pacifismo, do naturalismo, da tranquilidade”.

A interveniente neste grupo de discussão confessa acreditar que a tipificação, estereotipização e diversidade nas personagens de telenovelas se encontra mais “em personagens que se identificam com o interior” porque “nas que se passam em Lisboa ou Porto é tudo sempre igual: a mulher rica, o homem rico (...) as novelas mais diversificadas são as que apresentam o interior, outra realidade, depois se estão bem ou não retratados isso são outros 500”.

Pessoa H

O estudante não acompanha telenovelas atualmente. O consumo deste tipo de formato foi interrompido aquando da sua entrada para a universidade – “deixei de ter tempo para acompanhar telenovelas e perdi o hábito de ver (...) não deixei de ver por desinteresse”. Das telenovelas a que assistiu, o jovem de 21 anos diz que “Dancing Days” (SIC) e “Mar Salgado” (SIC) foram as suas favoritas. As telenovelas indicadas trouxeram, segundo a “pessoa H”, uma “nova roupagem à forma como estes produtos eram construídos” e acrescenta que, do que se apercebe, atualmente as telenovelas são “muito repetitivas” e os temas muito semelhantes entre os diversos canais.

“Bem-Vindos a Beirais” foi um “bom trabalho da RTP”, defende. O jovem egitanense acredita que Beirais trouxe duas vantagens e inovações face às produções existentes até então: “fizeram uma produção fora das grandes cidades, que é o que mais se vê e representaram uma aldeia pequena, como há tantas, e o dia-a-dia dos seus habitantes”.

Segundo o interveniente em análise, “Bem-Vindos a Beirais” fez uma representação “muito positiva” do interior, com a qual se identifica, embora reconheça que, inevitavelmente, há alguns exageros próprios de um produto que visa captar audiência. A “pessoa H” diz que facilmente se encontram “beatas atrás dos padres, pessoas mais velhas nas sociedades recreativas, ou nos cafés, em aldeias do interior”. “Isso é tudo normal por aqui. Tudo isto acontece”, acrescenta. Os “exageros” e características pouco comuns apontadas pelo participante H recaem sobre “o cabeleireiro e a funerária”, existentes na produção da RTP e que, segundo o próprio, “não existem nas aldeias porque não há gente suficiente que justifique esses erviços”.

Quando em discussão está a existência de personagens, pessoas, realidades e hábitos semelhantes às do interior noutras zonas de Portugal, o jovem de 21 anos alude a que “vemos disto em todo o país”. Para si, “mesmo nos cafés em Lisboa, é possível ver o hábito das pessoas mais velhas a irem ao café e estarem com amigos”. Todavia, o participante em análise expõe que, embora os hábitos possam ser os mesmos, “as pessoas mudam de região para região”. Para justificar essa sua asserção, o jovem recorre ao vestuário utilizado pelas gentes do interior, e corroborado pela produção “Bem- Vindos a Beirais” – “as pessoas do interior e, sobretudo das aldeias, utilizam roupa de trabalho, enquanto as das cidades, como o protagonista que veio de Lisboa, vinha de fato e teve de se adaptar”. A estas características, o estudante juntou outras marcas de interioridade segundo as quais as pessoas do interior são “gente trabalhadora”, que “ouve aqui e conta ali”, “despachadas e desenrascadas”, “de coração na boca e sem rodeios”.

Quando confrontado com a ideia de que as telenovelas não têm obrigação de se coadunarem à realidade, a “pessoa H” discorda. O jovem explica que, em telenovelas

melodramáticas onde seja necessário alimentar a história com ingredientes como o amor, a vingança ou a traição, é necessário recorrer-se a “invenções e coisas fora do normal”, mas quando uma produção retrata algo, tão específico, deve aproximar-se do real – “quando uma telenovela retrata o dia-a-dia, o quotidiano, os hábitos das pessoas e só se baseia nisso, porque não avança na ação, como é o caso de Beirais, é sua obrigação ser fiel à realidade”:

Pessoa I

A participante de 73 anos diz que, atualmente, vê todos os dias novelas, embora nem sempre tenha sido assim – “agora, vejo todos os dias novelas, mas tive muitos anos sem ver”. Admite que vê telenovelas porque está “mais liberta”, tem mais tempo e “é uma questão de estar um bocado a olhar para a televisão”. A reformada professora afirma gostar mais de telenovelas com forte teor narrativo porque “as outras são muito floreadas, com muita palhaçada e brincadeira”. Neste sentido, afirma que a novela que viu e que mais gostou foi “Terra Brava” (SIC) e que, atualmente, acompanha “Amor Amor” (SIC).

Comparando “A Serra” (telenovela a que assistiu), com “Terra Brava” (a sua telenovela favorita), a “pessoa I” considera que, na primeira “as coisas eram muito trabalhadas e forçadas”. Todavia, admite que, nas aldeias ainda se vê, embora que residualmente, pessoas nos tanques a coscuvilhar a vida dos habitantes locais, como surge na telenovela. A mulher de 73 anos defende, contudo, que essa representação é muito “exagerada”. A “pessoa I” constata que os cenários que surgiram em “A Serra” são de “uma beleza ímpar” e “era das coisas bem representadas na novela” pois “mostrava os sítios como eles são, mostram que o interior é um sítio bonito de se ver e bom para se viver”, para além disso “correspondia à perceção que a gente do litoral tinha da Serra d Estrela”.

No que concerne às personagens de “A Serra”, esta participante do grupo de discussão diz que “havia os coitadinhos” e “coisas que já não se usam”, “que não são de agora” – “eu, quando via, dizia assim: olha, estão a ridicularizar o interior”. Embora concorde com a existência das ditas coscuvilheiras, a “pessoa I” acredita que elas não devem ser vistas assim: “não é serem coscuvilheiras, e quererem saber de tudo. As pessoas, por aqui, gostam é de falar umas com as outras para não se sentirem tão sós”. Assim, a mulher de 73 anos está convicta que a representação deste grupo social não se coaduna, com o real objetivo e papel destas gentes na sociedade. Todavia, diz que facilmente encontrava personagens semelhantes às de “A Serra”, as aldeãs, na sua terra Natal. Carlota Pereira Espinho é apontada pela interveniente como “a única que não se encontraria por aqui, nem por lado nenhum (...) devido à maldade que carrega”. A interveniente I diz que Carlota “não parece uma pessoa de cá (do interior)” definindo as gentes desta zona do

país como “mais genuínas, mais acolhedoras e mais simpáticas porque as outras só falam quando lhes dá jeito, têm o narizinho muito empinado”. A “pessoa I” diz que a personagem protagonizada por Sofia Alves pertencia a esse grupo dos “outros” pois “à Carlota só lhe interessava o advogado para a defender e o dinheiro do sogro, as pessoas não lhe diziam nada, era como se não existissem para ela”: Aida Folgado foi indicada como a única personagem com traços de litoralização que se aproximava das gentes e dos valores da aldeia da Fraga Pequena – “notava-se que tinha muita cultura, mas ela não queria ser superior a ninguém”.

Pessoa J

Em relação ao consumo de telenovelas, a “pessoa J” afirma gostar “muito de ver novelas”. O técnico de eletrodomésticos diz que vê ficção mais regularmente no inverno, quando os dias são mais pequenos e o ofício (e algumas atividades agrícolas que pratica) termina mais cedo (visto que o período luminoso é mais curto). O homem de 45 anos vê novelas pois esse “é um momento de família”. Para além disso, o seu consumo telenovelistico também tem como intuito “a distração e conhecer o que se passa fora das Beiras”. “Bem Me Quer” foi a última telenovela a que assistiu na totalidade, embora na atualidade acompanhe esporadicamente “Festa é Festa”. Todavia, explica que gosta mais de novelas “com história e encadeamento, onde uma pessoa tenha de ver os episódios seguidos para perceber a narrativa”. O técnico egitanense considera que produções como “Festa é Festa” têm “pouco sumo”.

No que se refere a “Bem-Vindos a Beirais”, a “pessoa J” acredita que o interior foi muito bem representado e caracterizado – “Eu acho que esta novela caracterizava, há dez anos, muito bem as nossas aldeias e o que se lá passava e até o que se continua a passar”. O homem de 45 anos afirma que coisas como o “cochichar no adro da igreja, como lá aparecia”, “o ir ter com o senhor padre para saber o que se passa”, “as pessoas irem à mercearia e ficarem à conversa”, “o ficar na janela a ver se a vizinha entrou ou não entrou ou se tem visitas” e “as reuniões no café da aldeia” são coisas que se continuam a fazer e que são “de cá”. O participante J acredita que as telenovelas sobre o interior de Portugal não visam “diminuir” a região, “acho que nós somos aquilo mesmo”, acrescentando que “as novelas têm sempre um bocadinho de real”.

Quando se coloca a questão da similitude entre as personagens e realidades do interior e dos grandes centros urbanos, o técnico afirma que “quem vive nas cidades é que pode dizer, se existe ou não existe, eu não sei porque não conheço bem, mas que, aqui no interior, acontece isso tudo (o referido acima), muitas vezes, acontece”.

A “pessoa J” acredita, contudo, que se tendem a esbater as diferenças entre as pessoas do interior e do litoral e que, por inerência, essas disparidades poderão ser esbatidas na ficção. O participante neste grupo de discussão alerta, contudo, que as vivências são diferentes e que, por isso, as representações terão sempre de ser distintas.

Análise do Grupo de discussão: compacto

Hábitos de consumo de telenovelas

- ✓ As pessoas A, B, C e I veem telenovelas diariamente;
- ✓ As pessoas G e J veem telenovelas, contudo não o fazem de forma regular;
- ✓ As pessoas D, E, F e H não veem telenovelas;
- ✓ Todas as pessoas que veem telenovelas, fazem-no como forma de distração e relaxe;
- ✓ - Das pessoas que assistem a telenovelas: B e G preferem telenovelas leves, sem espessura narrativa e A, C, I e J apreciam mais melodramas;
- ✓ Os motivos apontados para a ausência de acompanhamento de telenovelas são: a preferência por outros formatos (pessoa D, E), o desinteresse narrativo (pessoa E) e a perda do hábito (pessoa F e H).

Coadunação das telenovelas com o real, no que respeita à representação do interior de Portugal e a consequente identificação dos participantes com aquilo a que assistem:

- ✓ As pessoas B, E, F, H e J consideram que a forma como o interior de Portugal é representado nas telenovelas “A Serra” (pessoa B) e “Bem-Vindos a Beirais” (pessoas E, F, H e J), no que concerne às personagens, hábitos e realidades se aproximam à realidade. As pessoas B, E, F, H e J identificam-se com as telenovelas que retratam o interior de Portugal.
- ✓ As pessoas A, D e I defendem que, em “A Serra” (pessoa A e I) e em “Bem-Vindos a Beirais” (pessoa D), existem pontos de convergência e de divergência na representação do interior (pessoas, vivências, hábitos e realidades) em relação ao real. Neste caso, nenhum dos participantes destaca a existência de uma identificação total com as tramas em causa.

- ✓ As pessoas C e G consideram que a forma como o interior de Portugal é representado na telenovela "A Serra" não é verosímil face ao real. Estas duas participantes dizem que não se identificam, em nada, com o que assistem.

As pessoas do interior e do litoral:

- ✓ As pessoas B e E defendem que são iguais ("há tudo em todo lado").
- ✓ As pessoas C e F consideram que são iguais se considerada uma faixa etária mais baixa.
- ✓ As pessoas A, H e I consideram que são diferentes.
- ✓ As pessoas D, G e J consideram que o carácter e os hábitos das pessoas são os mesmos, o que, varia são as suas vivências.